



Para
todos
os
garotos
que já
amei

JENNY
HAN

intrínseca

BOX
DIGITAL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Para
todos
os
garotos
que já
amei

JENNY
HAN

intrínseca

BOX
DIGITAL

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0435-7

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Sumário

Créditos do box

Mídias sociais

Para todos os garotos que já amei

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72

Agradecimentos

P. S.: Ainda amo você

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56

Agradecimentos

Agora e para sempre, Lara Jean

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

Para
todos
os
garotos
que já
amei

JENNY
HAN


intrínseca



JENNY HAN

Para
todos
os
garotos
que já
amei

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2014 by Jenny Han

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management LCC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL

To All the Boys I've Loved Before

PREPARAÇÃO

Marina Vargas

REVISÃO

Milena Vargas

ARTE DE CAPA

Lucy Ruth Cummins

FOTO DA CAPA

© 2014 Anna Wolf

LETTERING ORIGINAL

© 2014 Nancy Howell

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING

ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Susan — irmãs Han para sempre

EU GOSTO DE preservar coisas. Não coisas importantes, como baleias, pessoas ou a natureza. Coisas bobas. Sinos de porcelana, do tipo que se compra em lojas de lembrancinhas. Cortadores para massa de biscoito que nunca vou usar, porque, afinal, quem precisa de um biscoito com formato de pé? Fitas para o cabelo. Cartas de amor. De todas as coisas que guardo, acho que posso afirmar que as cartas de amor são meus bens mais preciosos.

Guardo-as em uma caixa de chapéu azul-petróleo, que minha mãe comprou para mim em um brechó no Centro. Não são cartas que outra pessoa escreveu para mim; não tenho nenhuma assim. São cartas que eu escrevi. Uma para cada garoto que amei — cinco ao todo.

Quando escrevo, não reprimo nada. Escrevo como se ele nunca fosse ler. Porque não vai mesmo. Cada pensamento secreto, cada observação cuidadosa, todos os sentimentos que guardei dentro de mim, coloco tudo na carta. Quando termino, fecho o envelope, escrevo o endereço e coloco dentro da caixa de chapéu azul-petróleo.

Não são cartas de amor no sentido mais estrito da palavra. Minhas cartas são de quando não quero mais estar apaixonada. São cartas de despedida. Porque, depois que escrevo, aquele amor ardente para de me consumir. Posso tomar o café da manhã sem me preocupar se ele também gosta de banana com cereal; posso cantar músicas românticas sem estar cantando para ele. Se o amor é como uma possessão, talvez minhas cartas sejam meu exorcismo. As cartas me libertam. Ou pelo menos deveriam.

JOSH É o namorado de Margot, mas acho que eu poderia dizer que minha família toda é apaixonada por ele. É difícil saber quem o ama mais. Antes de ele ser namorado de Margot, era só Josh. E estava sempre por perto. Eu digo “sempre”, mas acho que isso não é bem verdade. Ele se mudou para a casa ao lado da nossa cinco anos atrás, mas parece que faz muito mais tempo.

Meu pai adora Josh porque ele é menino, e meu pai vive cercado de meninas. Estou falando sério: ele passa o dia todo cercado por mulheres. Meu pai é ginecologista e obstetra, e também pai de três filhas, então são só garotas, garotas, garotas o dia inteiro. Ele compartilha com Josh o amor por quadrinhos, e os dois também saem juntos para pescar. Meu pai tentou nos levar para pescar uma única vez, mas eu chorei quando meus sapatos ficaram sujos de lama, Margot chorou quando o livro dela molhou, e Kitty chorou porque ainda era um bebê.

Kitty adora Josh porque ele joga cartas com ela e não fica entediado. Ou pelo menos finge não ficar entediado. Eles fazem acordos: se eu ganhar a próxima rodada, você tem que preparar um sanduíche de creme de amendoim crocante com pão torrado, sem a casca, para mim. Essa é Kitty. Em algum momento o creme de amendoim crocante acaba, e Josh diz que é uma pena, mas ela terá que escolher outra coisa. Porém, Kitty enche tanto o saco dele que ele sai e compra, porque Josh é assim.

Se eu tivesse que dizer por que Margot o ama, provavelmente diria que é porque todos nós amamos.

Estamos na sala, e Kitty está colando figuras de cachorros em uma cartolina enorme. Tem papel e pedaços de papel cortado por toda a parte ao redor dela. Cantarolando baixinho, ela diz:

— Quando papai me perguntar o que quero de Natal, vou dizer: “Pode escolher qualquer uma dessas raças e estamos quites.”

Margot e Josh estão no sofá; eu estou deitada no chão, assistindo à tevê. Josh fez uma tigela grande de pipoca, e estou concentrada em comê-la, de punhado em punhado.

Começa um comercial de perfume: uma garota corre pelas ruas de Paris usando um vestido frente única roxo, fino como papel de seda. O que eu não daria para ser essa garota de vestido fino como papel de seda correndo por Paris na primavera! Eu me sento tão de repente que engasgo com um grão de milho que não estourou. Entre acessos de tosse, digo:

— Margot, vamos nos encontrar em Paris nas minhas férias!
Já posso me imaginar girando com um *macaron* de pistache em uma das mãos e um de framboesa na outra.

Os olhos de Margot se iluminam.

— Você acha que papai vai deixar?

— Claro, é cultura. Ele tem que deixar.

Mas eu nunca viajei de avião sozinha. E também nunca saí do país. Será que Margot iria me buscar no aeroporto ou eu teria que encontrar o albergue sozinha?

Josh deve ter visto a preocupação repentina no meu rosto, porque diz:

— Não se preocupe. Seu pai vai deixar se eu for com você.

Eu me alegro.

— É! Podemos ficar em albergues e comer pão e queijo o dia inteiro.

— Podemos visitar o túmulo do Jim Morrison! — diz Josh.

— Podemos ir a uma *parfumerie* e criar nossos próprios perfumes!
— digo, e Josh ri com deboche.

— Hã, tenho certeza de que “criar nossos próprios perfumes” em uma *parfumerie* custaria a mesma coisa que uma semana no albergue.

— Ele cutuca Margot. — Sua irmã tem mania de grandeza.

— Ela é a mais elegante de nós três — concorda Margot.

— E eu? — choraminga Kitty.

— Você? — Eu faço um som debochado. — Você é a garota *menos* elegante da família Song. Tenho que implorar para você lavar os pés à noite, e nem estou falando de tomar banho.

O rosto de Kitty se contrai e fica vermelho.

— Eu não estava falando disso, sua pateta. Estava falando sobre Paris.

Faço um gesto distraído com a mão.

— Você é nova demais para ficar em um albergue.

Ela vai até Margot e sobe no colo dela, apesar de ter nove anos e ser grande demais para ficar no colo das pessoas.

— Margot, você vai me deixar ir, não vai?

— Talvez pudesse ser uma viagem de férias em família — sugere Margot, beijando a bochecha dela. — Você, Lara Jean e papai poderiam ir juntos.

Eu franzo a testa. Não era essa a viagem para Paris que eu estava imaginando. Por cima da cabeça de Kitty, Josh faz movimentos labiais: “Conversamos depois.” Eu faço um sinal discreto de positivo.

Mais tarde, na mesma noite, Josh já foi embora. Kitty e nosso pai estão dormindo. Margot e eu ficamos na cozinha. Ela está sentada à mesa, no computador; sento ao lado dela, fazendo bolinhas de massa de biscoito e passando na canela e no açúcar. Decidi preparar biscoitos

como uma oferta de paz para Kitty. Mais cedo, quando fui dar boa-noite, ela me deu as costas e não quis falar comigo porque ainda está convencida de que vou tentar cortá-la da viagem a Paris. Meu plano é colocar um prato ao lado de seu travesseiro, para ela acordar com o cheiro de biscoitos recém-assados.

Margot está quieta demais, e então, do nada, ela olha para mim e dispara:

— Terminei com Josh hoje. Depois do jantar.

A bola de massa de biscoito cai dos meus dedos na tigela de açúcar.

— Já estava na hora — completa ela.

Os olhos de Margot não estão vermelhos; acho que ela não chorou. Sua voz está calma e firme. Qualquer pessoa que olhasse para ela pensaria que está tudo bem. Porque Margot sempre parece bem, mesmo quando não está.

— Não entendo por que você precisava terminar com ele. Você não é obrigada a terminar só porque vai para a faculdade.

— Lara Jean, eu vou para a Escócia, não para a Universidade da Virgínia. Saint Andrews fica a mais de seis mil quilômetros daqui. — Ela empurra os óculos para ajeitá-los no nariz. — Qual seria o sentido?

Não consigo acreditar que Margot está falando isso.

— O sentido é que é o Josh. Josh, que ama você mais do que qualquer garoto já amou uma garota!

Margot revira os olhos. Ela acha que estou sendo dramática, mas não estou. É verdade, Josh a ama tanto assim. Ele jamais olharia para outra garota.

— Sabe o que mamãe me disse uma vez? — indaga ela, de repente.

— O quê?

Por um momento, esqueço Josh. Porque, não importa o que eu esteja fazendo, se Margot e eu estivermos no meio de uma discussão ou se eu estiver prestes a ser atropelada por um carro, sempre vou parar para ouvir uma história sobre minha mãe. Qualquer detalhe, qualquer lembrança que Margot tenha, eu também quero ter. Mas estou melhor do que Kitty. Ela não tem nenhuma lembrança da nossa mãe que não tenha vindo de nós. Contamos tantas histórias para ela, tantas vezes, que passaram a ser dela. “Lembram aquela vez...”, começa Kitty. E aí, conta a história como se tivesse estado presente e não fosse apenas um bebezinho.

— Ela me aconselhou a não ir para a faculdade namorando. Disse que não queria que eu fosse aquela garota chorando ao telefone com o namorado e dizendo não para as oportunidades, em vez de sim.

A Escócia é o sim de Margot, acho. Distraidamente, pego um punhado de massa de biscoito e enfio na boca.

— Você não devia comer massa de biscoito crua.

Eu a ignoro.

— Josh nunca impediria você de fazer alguma coisa. Ele não é assim. Lembra quando você decidiu concorrer a presidente do corpo estudantil e ele ajudou na campanha? Josh é seu maior fã!

Quando falo isso, os cantos da boca de Margot se curvam para baixo, e eu me levanto e a abraço. Ela afasta a cabeça e sorri para mim.

— Eu estou bem — garante ela. Mas não está, eu sei que não.

— Não é tarde demais, sabe. Você pode ir até lá agora e dizer a ele que mudou de ideia.

Margot balança a cabeça.

— Acabou, Lara Jean. — Eu a solto, e ela fecha o laptop. — Quando vai sair a primeira fornada? Estou com fome.

Eu olho para o timer magnético em formato de ovo na geladeira.

— Mais quatro minutos. — Sento à mesa e digo: — Não ligo para o que você diz, Margot. Esse não é o fim de vocês dois. Você o ama demais.

Margot balança a cabeça.

— Lara Jean — começa, com sua voz paciente, como se eu fosse uma criança, e ela, uma mulher sábia de quarenta e dois anos.

Coloco uma colherada de massa de biscoito debaixo do nariz dela, que hesita antes de abrir a boca. Dou para ela como se ela fosse um bebê.

— Espere para ver, você e o Josh vão voltar logo, logo.

Mas, enquanto falo, sei que não é verdade. Margot não é o tipo de garota que termina e volta por impulso; quando decide uma coisa, é aquilo mesmo. Sem enrolação, sem arrependimento. É como ela disse: acabou, simplesmente acabou.

Eu queria (e esse é um pensamento que tive muitas, muitas vezes, tantas que até perdi a conta) ser mais parecida com Margot. Porque às vezes parece que nunca vai acabar para mim.

Mais tarde, depois de lavar a louça e colocar os biscoitos em um prato ao lado do travesseiro de Kitty, vou para o quarto. Não acendo a luz. Vou até a janela. A luz de Josh ainda está acesa.

NA MANHÃ SEGUINTE, Margot está fazendo o café e eu estou colocando o cereal nas tigelas, então digo a coisa em que passei a manhã toda pensando.

— Você sabe que papai e Kitty vão ficar muito chateados, não sabe?

Quando Kitty e eu estávamos escovando os dentes, pouco antes, fiquei tentada a contar tudo, mas ela ainda estava com raiva de mim pelo que eu disse ontem, então fiquei quieta. Ela nem mencionou os biscoitos, embora eu saiba que os comeu, porque só sobraram migalhas no prato.

Margot solta um suspiro profundo.

— Então devo ficar com Josh por causa de você, do papai e da Kitty?

— Não, só estou avisando.

— Ele não viria muito aqui, depois que eu fosse embora.

Eu franzo a testa. Não passou pela minha cabeça que Josh pararia de vir aqui em casa depois que Margot viajasse. Ele já tinha o costume de vir bem antes de eles virarem um casal, não vejo por que iria parar.

— Talvez ele venha — digo. — Ele adora a Kitty.

Ela aperta o botão para ligar a cafeteira. Eu a observo com muita atenção, porque Margot sempre fez o café, e, agora que ela vai embora (só faltam seis dias), é melhor eu aprender. De costas para mim, ela responde:

— Talvez eu nem conte para eles.

— Hã, acho que eles vão perceber quando ele não aparecer no aeroporto, Gogo. — Gogo é meu apelido para Margot. — Quantas xícaras de água você botou aí? E quantas colheradas de pó de café?

— Vou anotar tudo para você — garante Margot. — No caderno.

Temos um caderno ao lado da geladeira. Foi ideia de Margot, claro. Nele estão todos os números importantes, os horários do nosso pai e das caronas de Kitty.

— Não se esqueça de colocar o número da nova tinturaria.

— Já coloquei. — Margot corta uma banana para colocar no cereal; cada fatia é perfeitamente fina. — Além do mais, Josh não iria ao aeroporto com a gente. Você sabe o que eu acho de despedidas.

Margot faz uma careta como quem diz: *Argh, emoções.*

Eu sei.

Quando Margot decidiu fazer faculdade na Escócia, eu me senti traída. Apesar de saber que isso ia acontecer, porque é claro que ela faria faculdade em algum lugar distante. E é claro que ela faria faculdade na Escócia e estudaria antropologia, porque ela é Margot, a garota dos mapas, dos livros de viagem e dos planos. É claro que ela nos deixaria um dia.

Ainda estou com raiva, ao menos um pouco. Só um pouquinho. Obviamente, sei que não é culpa dela. Mas ela vai para tão longe, e sempre dissemos que seríamos as irmãs Song para sempre. Margot primeiro, eu no meio e Kitty por último. Na certidão de nascimento, ela é Katherine; para nós, é só Kitty.

Somos as três irmãs Song. Éramos as quatro garotas Song com minha mãe, Eve Song. Evie para meu pai, mamãe para nós, Eve para o resto do mundo. Song é, era, o sobrenome dela. Nosso sobrenome é Covey, com a sílaba tônica no final. Mas o motivo de sermos as irmãs Song, e não as irmãs Covey, é que minha mãe dizia que seria uma garota Song para o resto da vida, e Margot acredita que nós também deveríamos ser. Todas temos Song como nome do meio, e nossa aparência é mais de Song do que de Covey, de qualquer modo, mais coreana do que caucasiana. Pelo menos, Margot e eu; Kitty se parece mais com nosso pai, tem o mesmo cabelo castanho-claro. As pessoas dizem que eu me pareço mais com ela, mas acho que é Margot, com as maçãs do rosto altas e os olhos escuros, quem se parece mais. Faz quase seis anos, e às vezes parece que ela estava aqui ontem. Às vezes parece que só existiu nos meus sonhos.

Ela havia encerado o piso naquela manhã; estava brilhando, e a casa cheirava a limão e limpeza. O telefone começou a tocar na cozinha, ela foi correndo atender e escorregou. Bateu a cabeça no chão e ficou inconsciente, mas depois acordou e disse que estava bem. Foi o intervalo lúcido. É assim que chamam. Pouco tempo depois, reclamou de dor de cabeça, foi se deitar no sofá e não acordou mais.

Foi Margot quem a encontrou. Ela só tinha doze anos, mas cuidou de tudo: ligou para a emergência, ligou para nosso pai e me deixou cuidando de Kitty, que só tinha três anos. Eu liguei a televisão para Kitty, no quarto de brinquedos, e fiquei com ela. Foi tudo o que fiz. Não sei o que teria feito se Margot não estivesse lá. Apesar de ela ser só dois anos mais velha do que eu, eu a admiro mais do que a qualquer outra pessoa.

Quando descobrem que meu pai é viúvo e tem três filhas, as pessoas balançam a cabeça, admiradas, como se dissessem: *Como ele consegue? Como cuida de tudo sozinho?* A resposta: Margot. Ela é organizada por natureza, com suas etiquetas, seus planejamentos e suas divisões em fileiras regulares e perfeitas.

Margot é uma boa garota, e acho que Kitty e eu estamos seguindo

seu exemplo. Nunca colei, nem fiquei bêbada, nem fumei um cigarro, nem mesmo tive um namorado. Nós brincamos com papai e dizemos o quanto ele tem sorte de sermos tão boas, mas a verdade é que nós é que tivemos sorte. Ele é um ótimo pai. E se esforça muito. Nem sempre nos entende, mas tenta, e é isso que importa. As três irmãs Song têm um pacto silencioso: tornar a vida o mais fácil possível para nosso pai. Por outro lado, talvez não seja tão silencioso assim, porque quantas vezes já ouvi Margot dizer: “Shhh, fique quieta, papai está cochilando antes de ter que voltar para o hospital” ou “Não incomode papai com isso, você não consegue resolver sozinha?”.

Já perguntei a Margot como ela acha que seriam as coisas se nossa mãe não tivesse morrido. Será que passaríamos mais tempo com o lado coreano da família, e não só o Dia de Ação de Graças e o Ano-Novo? Ou...

Margot acha que não faz sentido ficar imaginando. Nossa vida é essa; especular não vai mudar nada. Ninguém pode nos dar respostas. Eu tento, tento muito, mas é difícil aceitar esse jeito de pensar. Estou sempre imaginando e especulando sobre outros caminhos.

* * *

Nosso pai e Kitty descem na mesma hora. Margot serve uma xícara de café para ele, e eu coloco leite no cereal de Kitty. Ponho a tigela na frente dela, mas Kitty me ignora, pega um iogurte na geladeira e o leva para a sala, para comer vendo tevê. Ela ainda está chateada.

— Vou ao mercado mais tarde, então façam uma lista do que precisarem — pede papai, tomando um grande gole de café. — Acho que vou comprar uns bifes para o jantar. Podemos usar a grelha do quintal. Compro um para Josh também?

Olho para Margot. Ela abre a boca, depois a fecha.

— Não, compre só o suficiente para nós quatro — diz, por fim.

Lanço para ela um olhar de reprovação, mas ela me ignora. Nunca vi Margot perder a coragem antes, mas acho que, nas questões do coração, não dá para prever como uma pessoa vai se comportar.

ESTAMOS NOS ÚLTIMOS dias de verão. Nossos últimos dias com Margot. Talvez não seja tão ruim ela ter terminado com Josh; assim temos mais tempo só para nós, as irmãs. Tenho certeza de que ela deve ter pensado nisso. Tenho certeza de que era parte do plano.

Estamos saindo do nosso bairro de carro quando vemos Josh passar correndo. Ele entrou para a equipe de atletismo no ano passado, e agora está sempre correndo por aí. Kitty grita o nome dele, mas as janelas estão fechadas, e não ia adiantar mesmo, porque ele finge não ouvir.

— Vamos dar a volta — pede Kitty para Margot. — Talvez ele queira vir com a gente.

— Este dia é só das irmãs Song — digo a ela.

Passamos o resto da manhã na Target, comprando coisas de última hora: mix de nozes e frutas secas com mel para o voo, desodorante e elástico de cabelo. Deixamos Kitty empurrar o carrinho, para ela poder fazer aquele negócio de dar uma corridinha e subir na parte de trás como se estivesse conduzindo uma carruagem. Mas Margot só a deixa fazer isso umas duas vezes antes de mandá-la parar, para não irritar os outros clientes.

Em seguida, voltamos para casa e almoçamos salada de frango com uvas verdes, e então está quase na hora da competição de natação de Kitty. Preparamos sanduíches de presunto e queijo e salada de frutas e levamos o laptop de Margot para assistirmos a uns filmes, porque competições de natação podem demorar bastante. Também fazemos um cartaz com a inscrição *Vai, Kitty!*. Desenho um cachorro nele. Papai acaba não conseguindo chegar à competição a tempo porque está fazendo um parto, e, quando se trata de desculpas, essa é uma das melhores. (Era menina, e escolheram o nome Patricia Rose, em homenagem às duas avós. Meu pai sempre descobre os nomes para mim. É a primeira coisa que pergunto quando ele chega em casa depois de um parto.)

Kitty está tão empolgada por ter ganhado dois prêmios de primeiro lugar e um de segundo que se esquece de perguntar por Josh até estarmos no carro, voltando para casa. Ela está no banco de trás com a toalha enrolada no cabelo como um turbante e as fitas do prêmio penduradas nas orelhas como brincos. Então se inclina para a frente e diz:

— Ei! Por que Josh não foi à competição?

Posso ver Margot hesitar, então respondo por ela. Talvez a única

coisa em que eu seja melhor do que Margot é em mentir.

— Ele teve que trabalhar na livraria hoje. Mas queria muito ter vindo.

Margot estica a mão por cima da caixa de câmbio e aperta a minha com gratidão.

Kitty faz beicinho.

— Essa foi a última competição da temporada! Ele prometeu que ia me ver nadar.

— Foi de última hora — explico. — Ele não conseguiu fugir do trabalho porque um dos colegas teve uma emergência.

Kitty assente, contrariada. Por mais nova que seja, ela entende de emergências.

— Vamos tomar sorvete — declara Margot, de repente.

Kitty se alegra, e a emergência imaginária de Josh é esquecida.

— Isso! Quero uma casquinha! Posso pedir casquinha com duas bolas? Quero de menta com pedaços de chocolate e de amendoim crocante. Não, tutti-frutti e brownie. Não, espere...

Eu me viro no banco.

— Você não consegue terminar as duas bolas e a casquinha. Talvez até consiga comer as duas bolas, mas não a casquinha.

— Consigo sim. Hoje eu consigo. Estou *morrendo* de fome.

— Tudo bem, mas é melhor você comer tudo.

Eu balanço o dedo para ela e falo como se fosse uma ameaça, o que a faz revirar os olhos e rir. Quanto a mim, vou pedir o de sempre: cereja com pedaços de chocolate e casquinha recheada.

Margot entra no drive-thru e, enquanto esperamos nossa vez, eu digo:

— Aposto que não tem essa sorveteria na Escócia.

— Não deve ter mesmo — responde ela.

— Você só vai voltar aqui no Dia de Ação de Graças.

Margot olha direto para a frente.

— Natal — corrige ela. — O feriado de Ação de Graças é curto demais para um voo tão longo, lembra?

Kitty faz beicinho.

— O Dia de Ação de Graças vai ser um saco.

Eu fico em silêncio. Nunca tivemos um Dia de Ação de Graças sem Margot. Ela sempre prepara o peru, os brócolis gratinados e as cebolas cremosas. Eu faço as tortas (de abóbora e de noz-pecã) e o purê de batatas. Kitty experimenta tudo e arruma a mesa. Não sei assar peru. Além disso, nossas duas avós estarão presentes, e Nana, a mãe do nosso pai, gosta mais de Margot. Ela diz que Kitty a deixa exausta e que eu sou sonhadora demais.

De repente, entro em pânico e fica difícil respirar. Não estou dando mais a mínima para o sorvete de cereja com pedaços de chocolate.

Não consigo imaginar um Dia de Ação de Graças sem Margot. Não consigo imaginar nem a próxima segunda-feira sem ela. Sei que a maioria das irmãs não se dá bem, mas sou mais próxima de Margot do que de qualquer outra pessoa no mundo. Como poderemos ser as irmãs Song sem Margot?

MINHA AMIGA MAIS antiga, Chris, fuma, fica com garotos que não conhece e já foi suspensa duas vezes. Em uma delas, teve que comparecer ao tribunal por evasão escolar. Eu nem sabia o que era evasão escolar antes de conhecê-la. Se quiser saber, é quando você falta tanta aula que fica muito encrencado.

Tenho certeza de que, se Chris e eu nos conhecêssemos hoje, não seríamos amigas. Somos tão diferentes quanto duas pessoas podem ser. Mas nem sempre foi assim. No sexto ano, Chris gostava de papéis de carta, festas do pijama e de passar a noite acordada vendo filmes do John Hughes, como eu. Mas, no oitavo ano, ela começou a fugir depois que meu pai dormia para se encontrar com garotos que tinha conhecido no shopping. Eles a traziam de volta antes do amanhecer. Eu ficava acordada a noite toda, morrendo de medo de ela não conseguir chegar antes de o meu pai acordar. Mas ela sempre voltava a tempo.

Chris não é o tipo de amiga com quem se conversa todas as noites ou almoça todos os dias. Ela é como um gato de rua, vem e vai quando quer. Não fica presa a um lugar ou uma pessoa. Às vezes, fico dias sem ver Chris, e de repente, no meio da noite, ouço uma batida na janela do quarto e é ela, empoleirada na magnólia. Eu já deixo a janela destrancada só por precaução.

Chris e Margot não se suportam. Chris acha Margot muito estressada, e Margot acha que Chris é meio bipolar. Ela acha que Chris me usa; Chris acha que Margot me controla. Acredito que as duas estão um pouco certas. Mas o mais importante é que Chris e eu nos entendemos bastante, e isso conta bem mais do que as pessoas pensam.

* * *

Chris me liga quando estamos a caminho de casa; ela diz que a mãe está insuportável e que vai passar umas horinhas lá em casa e será que temos algo para beliscar?

Chris e eu estamos na sala dividindo um pote com restos de nhoque quando Margot chega, depois de deixar Kitty no churrasco de fim de temporada da equipe de natação.

— Ah, oi. — Em seguida, ela vê o copo de Coca Diet de Chris na mesa de centro sem o descanso de copo. — Será que você pode usar o

porta-copos, por favor?

Assim que Margot sobe a escada, Chris exclama:

— Meu Deus! Por que sua irmã é tão babaca?

Coloco um descanso de copo debaixo do copo dela.

— Você está achando todo mundo babaca hoje.

— É porque todo mundo é. — Chris revira os olhos para o teto e exclama: — Ela precisa relaxar mais!

Do quarto, Margot grita:

— Eu ouvi isso!

— Era o objetivo! — responde Chris, raspando o último nhoque do pote.

Eu suspiro.

— Ela vai embora logo, logo. Passou tão rápido...

Chris dá uma risadinha debochada.

— E Josh vai, tipo, acender uma vela para ela todas as noites até ela voltar para casa?

Eu hesito. Apesar de não ter certeza se ainda é um segredo, tenho *certeza* de que Margot não iria querer que Chris soubesse de sua vida pessoal. Então apenas respondo:

— Não sei.

— Espere aí. Ela deu um pé na bunda dele?

Com relutância, assinto.

— Mas não fale nada para ela. Ela ainda está muito triste.

— Margot? Triste? — Chris cutuca as unhas. — Margot não possui emoções como o resto de nós, humanos.

— Você só não a conhece direito. Além do mais, nem todo mundo pode ser como você.

Ela abre um sorriso largo. Chris tem incisivos afiados, o que faz com que sempre pareça meio faminta.

— É verdade.

Chris é emoção pura. Grita por qualquer coisa. Ela diz que às vezes é preciso extravasar as emoções no grito; se você não fizer isso, elas gangrenam. Outro dia, ela gritou com uma senhora no mercado por pisar sem querer no pé dela. Acho que ela não corre perigo nenhum de suas emoções gangrenarem.

— Só não consigo acreditar que ela vai embora.

De repente, sinto vontade de chorar.

— Ela não está *morrendo*, Lara Jean. Não precisa ficar toda sentimental. — Chris puxa um fio solto no short vermelho. Ele é tão curto que, quando ela está sentada, dá para ver a calcinha, que é vermelha para combinar com o short. — Na verdade, acho que vai ser bom para você. Já estava na hora de você começar a cuidar da própria vida e parar de ouvir tudo que a rainha Margot diz. Você vai começar o segundo ano, garota. É agora que a coisa fica boa. Beije uns garotos,

viva um pouco!

— Eu já vivo bastante — digo.

— É, no asilo.

Chris dá uma risadinha, e eu olho com raiva para ela.

Margot começou a trabalhar como voluntária na Comunidade de Aposentados Bellevue quando tirou a carteira de motorista; o trabalho dela era organizar o *happy hour* dos residentes. Eu ajudava às vezes. Nós servíamos amendoins em tigelas e bebidas, e às vezes Margot tocava piano, mas normalmente era Stormy quem cuidava disso. Stormy é a diva de Bellevue. Ela bota ordem no galinheiro. Gosto de ouvir as histórias dela. E da sra. Mary; ela pode não ser tão boa de papo por causa da demência, mas me ensinou a tricotar.

Tem um novo voluntário lá agora, mas sei que, para os residentes de Bellevue, quanto mais gente melhor, porque a maioria recebe poucas visitas. Eu devo voltar logo; sinto falta de ir lá. E não gosto nem um pouco de ver Chris debochando disso.

— Aquelas pessoas viveram mais do que todos que conhecemos juntos — digo a ela. — Tem uma senhora, Stormy, que trabalhou na USO! Ela recebia cem cartas por dia de soldados apaixonados por ela. E um veterano que perdeu a perna uma vez mandou uma aliança de diamante!

Chris parece interessada de repente.

— Ela ficou com a aliança?

— Ficou — admito.

Eu acho errado ela ter ficado com a aliança, já que não tinha intenção de se casar com ele, mas ela a mostrou para mim, e era linda. Tinha um diamante cor-de-rosa, muito raro. Aposto que vale muito dinheiro agora.

— Essa Stormy parece ser foda — diz Chris, a contragosto.

— Que tal você visitar Bellevue comigo? — sugiro. — Podemos ir para o *happy hour*. O sr. Perelli adora dançar com as garotas novas. Ele vai ensinar você a dançar o foxtrote.

Chris faz uma cara horrível, como se eu tivesse sugerido um passeio pelo lixão da cidade.

— Não, obrigada. Que tal *eu* levar *você* para dançar? — Ela indica o teto com o queixo. — Agora que sua irmã está indo embora, podemos nos divertir de verdade. Você sabe que eu sempre me divirto.

É verdade, Chris sempre se diverte. Às vezes até um pouco demais, mas é diversão de qualquer jeito.

NA NOITE ANTERIOR à partida de Margot, nós três estamos no quarto dela ajudando-a a guardar as últimas coisas. Kitty está organizando os itens de banho, arrumando tudo direitinho na nécessaire. Margot tenta decidir que casaco levar.

— Será que levo o sobretudo e casaco acolchoado ou só o sobretudo? — ela me pergunta.

— Só o sobretudo. Você pode usá-lo para ocasiões formais ou informais. — Estou deitada na cama dela, orientando o processo de arrumação das malas. — Kitty, aperte a tampa do hidratante.

— O pote é novinho, a tampa já está bem apertada! — resmunga ela, mas aperta mesmo assim.

— Faz mais frio na Escócia do que aqui — diz Margot, dobrando o casaco e o colocando em cima da mala. — Acho que vou levar os dois.

— Não sei por que você perguntou se já sabia o que ia fazer — retruco. — Aliás, você disse que vinha para casa no Natal. Ainda vem, não vem?

— Só se você parar de ser tão chata — responde Margot.

Sinceramente, Margot nem está levando tanta coisa. Ela não precisa de muito. Se fosse eu, já teria colocado o quarto todo nas malas, mas Margot não. O quarto dela parece o mesmo. Quase.

Ela se senta ao meu lado, e Kitty se senta ao pé da cama.

— Tudo está mudando — digo, suspirando.

Margot faz uma careta e passa o braço sobre meus ombros.

— Nada está mudando, não de verdade. Somos as irmãs Song para sempre, lembra?

Nosso pai está de pé à porta. Ele bate na moldura, embora a porta esteja aberta e dê para ver claramente que é ele.

— Vou começar a colocar as coisas no carro — anuncia.

Observamos da cama quando ele leva uma das malas para o andar de baixo, depois volta para pegar outra.

— Ah, não precisam se levantar. Não se deem o trabalho — diz ele, seco.

— Não se preocupe, não vamos — nós três cantarolamos.

Durante a última semana, nosso pai entrou em modo de arrumação de primavera, mesmo não sendo primavera. Está se livrando de tudo que encontra: da máquina de pão que nunca usamos, de CDs, de cobertores velhos, da antiga máquina de escrever da nossa mãe. Vai doar tudo. Um psiquiatra provavelmente veria uma ligação entre isso e a partida de Margot para a faculdade, mas não consigo explicar por

quê. Seja lá o que for, é irritante. Tive que enxotá-lo da minha coleção de unicórnios de cristal duas vezes.

Eu deito a cabeça no colo de Margot.

— Então você vem mesmo passar o Natal em casa, certo?

— Certo.

— Eu queria poder ir com você — diz Kitty, fazendo beicinho. — Você é mais legal que a Lara Jean.

Dou um beliscão nela.

— Viu? — reclama ela.

— Lara Jean vai ser legal se você se comportar — diz Margot. — E vocês duas têm que tomar conta do papai. Não deixem que ele trabalhe todos os sábados. Lembrem que ele tem que levar o carro para a vistoria mês que vem e não se esqueçam de comprar filtro para a cafeteira. Vocês sempre esquecem o filtro.

— Sim, sargento — Kitty e eu dizemos em coro.

Procuro tristeza, medo ou preocupação no rosto de Margot, ou algum sinal de que ela esteja apreensiva por estar indo para tão longe, de que vai sentir nossa falta tanto quanto vamos sentir a dela. Mas não vejo nada.

Nós três dormimos no quarto de Margot naquela noite.

Kitty adormece primeiro, como sempre. Fico deitada no escuro ao lado dela com os olhos abertos. Não consigo dormir. A ideia de que a partir de amanhã à noite Margot não vai mais dormir neste quarto me deixa tão triste que mal consigo suportar. Odeio mudanças mais do que quase qualquer outra coisa.

No escuro, Margot pergunta:

— Lara Jean... você acha que já se apaixonou? De verdade?

Ela me pega desprevenida; não tenho uma resposta na ponta da língua. Enquanto ainda estou tentando pensar em uma, ela já está falando de novo:

— Eu queria ter me apaixonado mais de uma vez. Acho que as pessoas devem se apaixonar pelo menos duas vezes no ensino médio...

Ela solta um suspiro e dorme. Margot adormece assim mesmo: um suspiro sonhador e ela parte para a terra do nunca, do nada.

* * *

Acordo no meio da noite, e Margot não está na cama. Kitty está encolhida ao meu lado, mas não Margot. Está escuro como breu; só o luar entra pelas cortinas. Saio da cama e vou até a janela. Prendo a respiração. Lá estão eles: Josh e Margot, de pé na entrada da garagem. O rosto de Margot está virado para longe dele, na direção da lua. Josh está chorando. Não encostam um no outro, e há espaço suficiente entre eles para eu saber que minha irmã não mudou de ideia.

Solto a cortina e volto para a cama, onde Kitty rolou mais para o meio. Eu a empurro um pouco para deixar espaço para Margot. Queria não ter visto aquilo. Foi íntimo demais. Real demais. Era para ser um momento só deles. Se houvesse um jeito de apagar aquela imagem da memória, eu o faria.

Deito de lado na cama e fecho os olhos. Como deve ser ter um garoto tão apaixonado que chora por você? E não qualquer garoto. Josh. Nosso Josh.

Em resposta à pergunta de Margot: sim. Acho que já me apaixonei de verdade. Mas só uma vez. Por Josh. Nosso Josh.

VOU CONTAR COMO os dois ficaram juntos. De certa forma, eu soube primeiro por Josh.

Faz dois anos. Josh e eu estávamos na biblioteca durante o intervalo. Eu estava fazendo o dever de matemática; Josh estava me ajudando porque é muito bom com números. Nossas cabeças estavam inclinadas sobre a página, tão perto que eu conseguia sentir o cheiro do sabonete que ele tinha usado naquela manhã. Irish Spring.

E aí ele disse:

— Preciso do seu conselho. Estou gostando de uma garota.

Por uma fração de segundo, achei que era eu. Achei que ele ia dizer que era eu. Tive esperanças. Era o começo do ano letivo. Nós tínhamos nos encontrado quase todos os dias daquele verão, algumas vezes com Margot, mas quase sempre sozinhos, porque Margot estagiava na fazenda Montpelier três vezes por semana. Nós nadamos muito. Eu estava com um bronzado lindo. Então, por uma fração de segundo, achei que ele ia dizer meu nome.

Mas vi o jeito como ele corou, notei seu olhar sonhador, e soube que não era eu.

Fiz uma lista mental de garotas de quem ele poderia estar gostando. Era uma lista curta. Josh não andava com muitas garotas; ele tinha um melhor amigo, Jersey Mike, que se mudara de Nova Jersey no ensino fundamental, e seu outro melhor amigo, Ben, e só.

Podia ser Ashley, aluna do segundo ano, do time de vôlei. Ele já tinha dito que ela era a garota mais bonita do segundo ano. Em defesa de Josh, fui eu que o obriguei a fazer isso: perguntei quem era a garota mais bonita de cada ano. Como mais bonita do primeiro ano, ele escolheu Genevieve. Não fiquei surpresa, mas senti uma pontada no coração.

Podia ser Jodie, a universitária da livraria. Josh estava sempre dizendo como ela era inteligente, como era culta porque tinha estudado na Índia e agora era budista. Rá! Eu sou descendente de coreanos; fui eu que ensinei Josh a comer com hashis. Ele comeu *kimchi* pela primeira vez na *minha* casa.

Eu estava prestes a perguntar quem era a garota quando a bibliotecária se aproximou e ralhcou com a gente para que fizéssemos silêncio, então voltamos ao dever, e Josh não tocou mais no assunto, e eu não perguntei. Na verdade, acho que nem queria saber. Não era eu, e para mim nada mais importava.

Não pensei nem por um segundo que a garota de quem ele gostava

fosse Margot. Não porque eu não a visse como uma garota desejável. Ela já tinha sido convidada para sair por caras de um certo tipo: garotos inteligentes que fariam dupla com ela na aula de química e competiriam com ela para presidente do corpo estudantil. Em retrospecto, não era tão surpreendente Josh gostar de Margot. Ele também era esse tipo de cara.

Se alguém me pedisse para descrever Josh, eu diria que ele é normal. Parece o tipo de cara de quem se esperaria que fosse bom com computadores, o tipo de cara que chama quadrinhos de graphic novels. Tem cabelo castanho. Não um castanho especial, só castanho. Olhos verdes que ficam meio castanhos no meio. Josh é magro, mas forte. Sei porque torci o tornozelo uma vez perto do antigo campo de beisebol e ele me carregou até em casa. Ele tem sardas, o que o faz parecer mais novo do que realmente é. E uma covinha na bochecha esquerda. Sempre gostei daquela covinha. Deixa o rosto dele menos sério.

O que me surpreendeu, o que me chocou, foi Margot gostar dele também. Não por causa de quem ele era, mas por causa dela. Eu nunca tinha ouvido Margot falar sobre garotos, nem uma vez. Eu era a irmã leviana, a tagarela, como minha avó paterna diria. Não Margot. Minha irmã estava acima disso tudo. Existia em um plano superior onde essas coisas (garotos, maquiagem, roupas) não importavam.

E foi bem repentino. Margot chegou tarde da escola naquele dia, em outubro; com as bochechas rosadas do ar frio e montanhoso da Virgínia, o cabelo preso em uma trança, e um cachecol enrolado no pescoço. Margot ficara trabalhando em um projeto na escola, era hora do jantar e eu tinha feito frango ao parmesão e espaguete com molho de tomate.

Ela entrou na cozinha e anunciou:

— Tenho uma coisa para contar para vocês.

Os olhos dela estavam brilhando muito; eu me lembro dela desenrolando o cachecol do pescoço. Kitty fazia o dever de casa na mesa da cozinha, papai estava a caminho e eu cozinhava o molho de tomate.

— O quê? — Kitty e eu perguntamos.

— O Josh gosta de mim.

Margot deu de ombros, satisfeita; os ombros quase chegaram às orelhas.

Fiquei paralisada. Em seguida, soltei a colher de pau.

— Que Josh? Nosso Josh?

Eu não conseguia nem olhar para ela. Estava com medo de ela perceber.

— É. Ele me esperou depois da aula hoje para poder me contar. Ele disse... — Margot riu com pesar. — Ele disse que eu sou a garota dos

sonhos dele. Dá para acreditar?

— Uau — falei, e tentei demonstrar felicidade, mas não sei se consegui. Tudo que eu sentia era desespero. E ciúme. Um ciúme tão denso e negro que achei que ia sufocar. Então, tentei de novo, dessa vez com um sorriso. — Uau, Margot!

— Uau! — repetiu Kitty. — Então vocês estão namorando?

Eu prendi a respiração enquanto esperava a resposta.

Margot pegou um pouco de parmesão com os dedos e colocou na boca.

— É, acho que sim.

Então sorrii, e seus olhos ficaram calorosos e brilhantes. Foi quando entendi que ela também gostava dele. Muito.

Naquela noite, escrevi minha carta para Josh.

Querido Josh...

Chorei muito. De repente, acabou. Acabou antes mesmo de eu ter uma chance. O importante não era Josh ter escolhido Margot. Era Margot tê-lo escolhido.

E foi isso que aconteceu. Chorei até meus olhos ficarem inchados; escrevi a carta; deixei a história toda para trás. Não penso nele desse jeito desde então. Ele e Margot são almas gêmeas. Foram feitos um para o outro.

* * *

Ainda estou acordada quando Margot volta para a cama, mas fecho os olhos e finjo dormir. Kitty está aconchegada ao meu lado.

Ouçó alguém fungar e espio Margot com um olho. Ela está de costas para nós; os ombros tremendo. Ela está chorando.

Margot nunca chora.

Agora que vi Margot chorar por ele, acredito mais do que nunca: ainda não acabou.

NO DIA SEGUINTE, levamos Margot ao aeroporto. Do lado de fora, colocamos as malas dela no carrinho de bagagens. Kitty tenta subir nele e dançar, mas nosso pai a tira de lá na mesma hora. Margot insiste em ir sozinha, como disse que faria.

— Margot, pelo menos me deixe despachar suas malas — insiste papai, tentando manobrar o carrinho de bagagens ao redor dela. — Quero ver você passar pela segurança.

— Vou ficar bem — repete ela. — Já viajei de avião sozinha. Sei despachar uma mala. — Ela fica na ponta dos pés e abraça nosso pai. — Prometo ligar assim que chegar lá.

— Ligue todos os dias — sussurro.

O nó na minha garganta está ficando maior, e algumas lágrimas já escapam dos meus olhos. Eu tinha esperança de não chorar, porque sabia que Margot não choraria, e é solitário chorar sozinha, mas não consigo evitar.

— Não ouse nos esquecer — ameaça Kitty.

Isso faz Margot sorrir.

— Eu nunca conseguiria.

Ela abraça cada um de nós mais uma vez. Eu fico por último, como já imaginava.

— Tome conta do papai e de Kitty. Você está no comando agora.

Não quero soltá-la, então aperto com mais força; ainda estou esperando e torcendo por um sinal, uma indicação de que ela vai sentir nossa falta tanto quanto nós vamos sentir a dela. Então ela dá uma gargalhada, e eu a solto.

— Tchau, Gogo — digo, secando os olhos com a barra da blusa.

Todos ficamos olhando quando ela sai empurrando o carrinho com a bagagem até o balcão do check-in. Estou chorando muito, secando as lágrimas com as costas da mão. Papai abraça Kitty e a mim.

— Vamos esperar até ela passar pela segurança — diz ele.

Quando termina o check-in, Margot se vira e olha para nós pelas portas de vidro. Levanta uma das mãos e acena, depois segue para a fila da segurança. Nós a observamos, pensando que talvez se vire mais uma vez, mas ela não faz isso. Ela já parece tão longe de nós. A Margot que só tira nota dez, independente até o fim. Quando for minha vez de ir embora, duvido que consiga ser tão forte quanto Margot. Mas, pensando bem, quem é?

Choro durante todo o caminho para casa. Kitty diz que sou mais bebezona do que ela, mas se estica do banco de trás, segura minha

mão e a aperta, e sei que ela também está triste.

Apesar de Margot não ser uma pessoa barulhenta, a casa parece silenciosa demais. Vazia, de alguma forma. Como vai ser quando eu for para a faculdade, daqui a dois anos? O que papai e Kitty vão fazer? Odeio pensar nos dois voltando para casa e dando de cara com um lugar vazio e escuro, sem mim e sem Margot. Talvez eu não vá para longe; talvez até continue morando em casa, ao menos no primeiro semestre. Acho que seria a coisa certa a fazer.

NAQUELA TARDE, CHRIS liga e pede para eu me encontrar com ela no shopping, pois quer minha opinião sobre uma jaqueta de couro, e disse que tenho que ir lá ver pessoalmente. Fico orgulhosa por ela me pedir conselhos de moda, e seria bom sair de casa e não ficar mais triste, mas tenho medo de dirigir sozinha até o shopping. Eu (e qualquer pessoa, na verdade) me considero uma motorista tensa.

Pergunto se ela não pode me mandar uma foto, mas Chris me conhece muito bem.

— Nada disso. Venha até aqui, Lara Jean. Você nunca vai melhorar se não tomar coragem e dirigir.

E é isso o que estou fazendo: estou indo para o shopping no carro de Margot. Tenho carteira de motorista e tudo, só não sou muito confiante. Meu pai saiu comigo para treinar milhares de vezes, Margot também, e me saio bem com eles no carro, mas fico nervosa quando dirijo sozinha. Tenho horror a mudar de faixa. Não gosto de tirar os olhos do para-brisa, nem por um segundo. E também não gosto de ir muito rápido.

Mas o pior é que tenho uma tendência a me perder. Os únicos lugares aonde consigo chegar com certeza absoluta são a escola e o supermercado. Nunca precisei aprender o caminho para o shopping porque Margot sempre nos levava até lá. Mas tenho que melhorar, porque agora ficarei responsável por levar Kitty para os lugares de carro. Embora, na verdade, Kitty seja melhor com os caminhos do que eu; ela sabe ir para um monte de lugares. Mas não quero que ela precise me dizer como chegar a algum lugar. Quero me sentir a irmã mais velha; quero que ela relaxe no banco do passageiro com a certeza de que Lara Jean vai levá-la para onde ela precisa ir, como eu me sentia com Margot.

Claro, eu poderia usar um GPS, mas me sentiria idiota pegando instruções para chegar ao shopping, aonde já fui um milhão de vezes. Deveria ser intuitivo, fácil, sem nem precisar pensar. Mas me preocupo a cada curva, questiono todas as placas; vou para o norte ou para o sul? Viro à direita aqui ou na próxima? Nunca precisei prestar atenção.

Mas está tudo bem até agora. Estou ouvindo rádio, cantarolando junto e até dirigindo só com uma das mãos no volante. Faço isso para fingir confiança, porque quanto mais eu finjo, mais deve parecer verdade.

Tudo está indo tão bem que pego um atalho. Sigo por um bairro

que margeia a rodovia e, enquanto passo por lá, me questiono se foi uma boa ideia. Depois de alguns minutos, as coisas não parecem mais tão familiares, e percebo que devia ter virado à esquerda em vez de à direita. Contenho o pânico que invade meu peito e tento dar a volta.

Você consegue, você consegue.

Há um cruzamento com uma placa de PARE. Não vejo ninguém, então sigo em frente. Quando percebo o carro à minha direita; já é tarde demais.

Começo a gritar que nem louca. Sinto gosto de cobre na boca. Estou sangrando? Mordi a língua fora? Checo, e ela ainda está lá. Meu coração está disparado; meu corpo todo parece úmido e grudento. Tento respirar fundo, mas parece que não consigo respirar.

Sinto as pernas tremendo quando saio do carro. O dono do outro carro já está do lado de fora, inspecionando a lataria com os braços cruzados. Ele é velho, mais velho do que meu pai, tem cabelo grisalho e está usando um short com estampa de lagostas vermelhas. Não aconteceu nada com o carro dele; o meu está com um amassado enorme na lateral.

— Você não viu a placa? — pergunta ele. — Estava mandando mensagem no celular?

Eu balanço a cabeça; minha garganta está fechando. Só não quero chorar. Tudo vai ficar bem se eu não chorar...

Ele parece perceber isso. O franzido irritado da testa começa a diminuir.

— Bem, meu carro parece bem — comenta, com relutância. — Você está bem?

Eu assinto.

— Sinto muito.

— Vocês, jovens, precisam ser mais cuidadosos — diz o homem, como se eu não tivesse dito nada.

O nó na minha garganta está ficando maior.

— Sinto muito mesmo, senhor.

Ele solta um resmungo.

— Você devia pedir para alguém vir buscá-la — diz o homem. — Quer que eu espere?

— Não, obrigada.

E se ele for um assassino em série ou um pedófilo? Não quero ficar sozinha com um estranho.

Ele vai embora.

Assim que o homem vai embora, me ocorre que eu talvez devesse ter ligado para a polícia enquanto ele ainda estava aqui. Uma pessoa não deve sempre ligar para a polícia quando se envolve em um acidente de carro, independente da gravidade? Tenho quase certeza de que disseram isso na autoescola. Então é mais um erro que cometi.

Eu me sento no meio-fio e fico olhando para o carro de Margot. Só estou com ele há duas horas e já bati. Apoio a cabeça no colo e abraço as pernas. Meu pescoço está começando a doer. É então que as lágrimas começam a sair. Meu pai não vai ficar feliz. Margot não vai ficar feliz. Os dois provavelmente vão concordar que não devo mais dirigir pela cidade sem supervisão, e talvez estejam certos. Dirigir um carro é muita responsabilidade. Talvez eu ainda não esteja pronta. Talvez nunca esteja. Talvez até quando eu for velha minhas irmãs ou meu pai terão que continuar me levando de carro para os lugares, porque sou uma inútil.

Pego meu celular e ligo para Josh. Quando ele atende, digo:

— Josh, você pode me fazer um f-f-favor?

Minha voz sai tão trêmula que fico com vergonha.

E é claro que ele percebe, porque ele é Josh. Fica alerta na mesma hora.

— O que aconteceu?

— Acabei de me envolver em um acidente de carro. Nem sei onde estou. Você p-p-pode vir me buscar?

— Você se machucou? — pergunta ele.

— Não, estou bem. Só estou...

Se eu disser mais uma palavra, vou chorar.

— Que placas você está vendo? Que lojas?

Eu inclino o pescoço para olhar.

— Falstone — digo. Olho para a caixa de correio mais próxima. — Estou na Falstone Road, 8.109.

— Estou indo. Quer que eu fique no telefone com você?

— Não, tudo bem.

Eu desligo e começo a chorar.

Não sei há quanto tempo estou sentada chorando quando outro carro para na minha frente. Levanto o rosto e vejo que é o Audi preto com janelas escuras de Peter Kavinsky. Ele abaixa o vidro da janela do motorista.

— Lara Jean, você está bem?

Eu assinto e faço um sinal, dizendo para ele seguir viagem. Ele fecha a janela, e acho que vai realmente embora, mas Peter só estaciona. Sai do carro e começa a examinar o meu.

— Que merda — diz. — Pegou as informações do seguro do cara?

— Não, não aconteceu nada com o carro dele. — Furtivamente, seco as bochechas com o braço. — Foi culpa minha.

— Você tem serviço de reboque?

Eu faço que sim.

— Já ligou para lá?

— Não. Mas tem alguém vindo.

Peter se senta ao meu lado.

— Há quanto tempo você está sentada aqui, chorando sozinha?

Eu viro a cabeça e seco o rosto de novo.

— Não estou chorando.

Peter Kavinsky e eu éramos amigos bem antes de ele ser Kavinsky, quando ainda era só Peter K. Éramos do mesmo grupo no fundamental. Os garotos eram Peter Kavinsky, John Ambrose McClaren e Trevor Pike. As garotas eram Genevieve, eu e Allie Feldman, que morava no mesmo quarteirão que eu, e, às vezes, Chris. Quando éramos crianças, Genevieve morava a duas quadras da minha casa. É engraçado como boa parte da infância depende da proximidade. Como a escolha da melhor amiga está diretamente relacionada com a proximidade das casas; como a pessoa que se senta ao seu lado na aula de música depende do quanto seus nomes estão próximos na chamada. Era uma questão mais relacionada à sorte do que a qualquer outra coisa. No oitavo ano, Genevieve se mudou para outro bairro, e continuamos amigas. Ela sempre nos visitava, mas alguma coisa estava diferente. Quando chegou o ensino médio, Genevieve mudou. Ela ainda era amiga dos garotos, mas o grupo acabou. Allie e eu continuamos amigas até ela se mudar, no ano passado, mas sempre havia alguma coisa um pouco humilhante nisso, como se fôssemos as duas fatias que sobraram do pão e juntas formássemos um sanduíche seco.

Não somos mais amigos. Genevieve e eu, Peter e eu. E é por isso que é tão estranho ficar sentada ao lado dele no meio-fio, como antigamente.

O celular dele toca, e Peter o pega no bolso.

— Tenho que ir.

Eu fungo.

— Para onde você estava indo?

— Para a casa da Gen.

— Então é melhor ir logo — digo. — Genevieve vai ficar furiosa se você se atrasar.

Peter debocha, mas se levanta bem rápido. Eu me pergunto como é ter tanto poder sobre alguém. Acho que não quero isso; é muita responsabilidade ter o coração de uma pessoa nas mãos. Ele está entrando no carro quando, como se tivesse acabado de lembrar, se vira e pergunta:

— Quer que eu ligue para o reboque?

— Não, tudo bem — respondo. — Mas obrigada mesmo por ter parado. Foi muito legal da sua parte.

Peter sorri. Eu me lembro disso em Peter, do quanto ele gosta de ser elogiado.

— Está se sentindo melhor?

Eu assinto. E estou mesmo.

— Que bom — diz ele.

Ele tem a expressão de um Garoto Bonito de outra época. Poderia ter sido um belo soldado da Primeira Guerra Mundial, bonito o bastante para uma garota esperar por ele durante anos, tão lindo que ela seria capaz de esperar para sempre. Ele podia estar usando a jaqueta vermelha do time da escola e dirigindo um Corvette com a capota abaixada, uma das mãos no volante, indo buscar a namorada para irem à discoteca. A beleza natural de Peter parece saída de um filme antigo. Tem alguma coisa nele que as garotas adoram.

Meu primeiro beijo foi com ele. É tão estranho pensar nisso agora. Parece que foi há uma eternidade, mas tem só quatro anos.

* * *

Josh chega um minuto depois, quando estou mandando uma mensagem de texto para Chris avisando que não vou conseguir chegar ao shopping. Eu fico de pé.

— Você demorou!

— Você disse 8.109. Aqui é o 8.901!

Com confiança, eu insisto:

— Não, eu com certeza falei 8.901.

— Não, você disse 8.109. E por que você não atendeu o telefone?

— Josh sai do carro e, quando vê a lateral do meu, seu queixo cai. — Puta merda. Você já chamou o reboque?

— Não. Você pode fazer isso?

Josh liga, e nos sentamos no carro dele, no ar-condicionado, enquanto esperamos. Quase vou para o banco de trás, mas então eu lembro. Margot não está mais aqui. Já andei no carro dele tantas vezes, mas acho que nunca me sentei no banco da frente.

— Hã... você sabe que a Margot vai matar você, né?

Eu viro a cabeça tão rápido que meu cabelo bate no rosto.

— A Margot não precisa saber, não diga nada a ela!

— Quando eu falaria com ela? Nós terminamos, lembra?

Eu franzo a testa.

— Odeio quando as pessoas fazem isso, quando você pede para elas guardarem segredo e, em vez de responderem sim ou não, elas dizem: “Para quem eu contaria?”

— Eu não disse “Para quem eu contaria?”!

— Só responda sim ou não, e de verdade. Não fique impondo condições a torto e a direito.

— Não vou contar nada para Margot — diz ele. — Vai ficar só entre nós. Eu prometo. Tudo bem?

— Tudo bem.

E ficamos em silêncio, nenhum dos dois diz uma palavra. Só ouço o

som do ar frio nas saídas de ventilação.

Sinto o estômago embrulhar quando penso em como vou contar para o papai. Talvez eu devesse dar a notícia com lágrimas nos olhos, para ele ficar com pena de mim. Ou eu poderia dizer alguma coisa como: tenho uma notícia boa e uma ruim. A boa é que estou bem, não sofri nem um arranhão. A ruim é que arrebentei o carro. Talvez “arrebentei” não seja a palavra certa.

Estou refletindo sobre que palavra usar quando Josh diz:

— Então só porque a Margot e eu terminamos você também não vai mais falar comigo?

Josh parece estar brincando com amargura ou estar amargo de brincadeira, se é que existe uma combinação assim.

Olho para ele, surpresa.

— Não seja idiota. É claro que ainda vou falar com você. Só não em público.

Esse é o papel que represento com ele. O de irmãzinha irritante. Como se eu fosse igual a Kitty. Como se ele não fosse só um ano mais velho. Josh não abre um sorriso, só fica com cara de triste, então eu bato a testa na dele.

— Estou brincando, bobão!

— Ela contou para você que ia terminar? Sempre foi o plano dela?

— Como eu hesito, ele acrescenta: — Pode falar. Eu sei que ela conta tudo para você.

— Nem tudo. Pelo menos, não dessa vez. Sério, Josh. Eu não sabia nada sobre isso. Juro.

Faço uma cruz sobre o coração.

Josh fica em silêncio por um tempo. Então morde o lábio.

— Talvez ela mude de ideia. É possível, não é?

Não sei se é mais cruel responder sim ou não, porque ele vai sofrer de qualquer jeito. Porque, embora eu tenha 99,9999 por cento de certeza de que ela vai voltar com ele, tem uma pequenina chance de que não, e não quero deixá-lo cheio de esperanças. Então não digo nada.

Ele engole em seco, e o pomo de adão sobe e desce.

— Não, você está certa. Quando Margot toma uma decisão, nunca volta atrás.

Por favor, por favor, por favor, não chore.

Apoio a cabeça no ombro dele e digo:

— Nunca se sabe, Josh.

Ele apenas olha para a frente. Um esquilo sobe correndo o grande olmo no jardim. Sobe, desce e torna a subir. Nós dois ficamos observando.

— A que horas o avião dela pousa?

— Ainda vai demorar.

— Ela... ela vem para o Dia de Ação de Graças?
— Não. A faculdade não para nessa época. É a Escócia, Josh. Eles não comemoram feriados americanos, sabe?

Estou provocando ele de novo, mas não de coração.

— É verdade — responde ele.

— Mas ela vem para o Natal.

Nós dois suspiramos.

— Eu ainda posso visitar vocês?

— Kitty e eu?

— Seu pai também.

— Nós não vamos a lugar nenhum — digo com tranquilidade.

Josh parece aliviado.

— Que bom. Eu odiaria perder vocês também.

Quando ele diz isso, meu coração acelera e eu me esqueço de respirar, e fico tonta por um segundo. E então, tão rápido quanto chegou, a vertigem e a estranha palpitação no meu peito desaparecem, e o reboque chega.

Quando paramos na porta da minha casa, ele diz:

— Você quer que eu vá com você quando for contar para seu pai?

Eu me animo, mas lembro que Margot disse que estou no comando agora. Tenho quase certeza de que assumir a responsabilidade pelos próprios erros faz parte de estar no comando.

PAPAI NÃO FICA furioso, no fim das contas. Faço todo o discurso da notícia boa/ruim, e ele só suspira e diz:

— O importante é você estar bem.

O carro precisa de uma peça especial que vamos ter que importar de avião de Indiana ou Idaho, não consigo lembrar. Enquanto isso, vou dividir o carro com meu pai e pegar o ônibus para a escola ou pedir carona para Josh, o que já era meu plano.

Margot liga mais tarde, à noite. Kitty e eu estamos vendo tevê, e eu grito para papai vir rápido. Ficamos sentados no sofá passando o telefone entre nós para falarmos com ela.

— Margot, adivinha o que aconteceu hoje! — grita Kitty.

Desesperada, balanço a cabeça para ela. *Não conte a ela sobre o carro*, peço, movendo os lábios. Faço uma expressão de aviso.

— A Lara Jean... — Kitty faz uma pausa provocadora — brigou com o papai. É, ela foi má comigo, e papai mandou ela ser legal, e eles acabaram brigando.

Pego o telefone da mão dela.

— Nós não brigamos, Gogo. A Kitty só está sendo irritante.

— O que vocês comeram no jantar? Fizeram o frango que descongelei ontem à noite? — pergunta Margot. A voz dela parece tão distante.

Aumento o volume do telefone.

— Sim, mas isso não importa. Você já se acomodou no seu quarto? É grande? Como é sua colega de quarto?

— Ela é legal. É de Londres e tem um sotaque muito chique. O nome dela é Penelope St. George-Dixon.

— Nossa, até o nome dela é chique — digo. — E o quarto?

— O quarto é parecido com o do alojamento que vimos na Universidade da Virgínia, só que mais velho.

— Que horas são aí?

— É quase meia-noite. Cinco horas a mais que vocês, lembra?

Cinco horas a mais que *vocês*, como se ela já estivesse considerando a Escócia seu lar, e ela foi embora há menos de um dia!

— Já estamos com saudade — digo.

— Eu também.

Depois do jantar, mando uma mensagem de texto para Chris para ver se ela quer vir aqui para casa, mas ela não responde. Deve ter saído com um dos seus casinhos. Não tem problema. Eu precisava mesmo botar meu *scrapbook* em dia.

Eu tinha esperanças de terminar o *scrapbook* de Margot antes de ela ir para a faculdade, mas como qualquer pessoa que já fez *scrapbooks* sabe, Roma não foi construída em um dia. Um *scrapbook* pode demorar mais de um ano para ficar pronto.

Coloco o CD de uma banda feminina da Motown para tocar e espalho o material ao meu redor, em um semicírculo. Meu furador de coração, folhas e mais folhas de papel de *scrapbook*, fotos que cortei de revistas, pistola de cola quente e minhas fitas adesivas decoradas e coloridas. Lembranças como o folheto de quando vimos *Wicked* em Nova York, recibos, fotos. Fitas, botões, adesivos, enfeites. Um bom *scrapbook* tem textura. Fica grosso, irregular e não fecha direito.

Estou trabalhando em uma página dedicada a Josh e Margot. Não ligo para o que Margot diz. Eles vão voltar, eu sei. E, mesmo que não voltem em breve, Margot não pode simplesmente apagá-lo da sua história. Ele foi uma parte muito importante do último ano dela. E, tipo, da vida dela. A única concessão que estou disposta a fazer é que tinha separado minha fita adesiva de coração para essa página, mas posso usar uma fita quadriculada comum. Mas, quando a uso nas fotos, percebo que as cores não combinaram direito.

Então vou em frente e uso a fita de coração. E, enquanto balanço no ritmo da música, uso o molde de coração para cortar uma foto dos dois no baile de formatura. Margot vai adorar.

Estou colando com cuidado uma pétala seca da rosa que Margot usou no pulso no dia do baile quando meu pai bate na porta.

— O que você vai fazer agora à noite? — pergunta ele.

— Isso — digo, colando outra pétala. — Se continuar nesse ritmo, acho que consigo acabar até o Natal.

— Ah. — Meu pai não se move. Só fica ali na porta, me vendo trabalhar. — Bem, vou ver aquele novo documentário do Ken Burns daqui a pouco, caso você também queira assistir.

— Talvez — respondo, mas só para ser gentil. Vai dar muito trabalho levar todo o meu material lá para baixo e preparar tudo de novo. Estou em um bom ritmo agora. — Por que não começa sem mim?

— Tudo bem. Vou deixar você em paz.

Papai desce a escada.

Levo quase a noite toda, mas termino a página de Josh e Margot, e fica bem bonita. Em seguida vem uma página das irmãs. Para essa, uso o papel florido como fundo e colo uma foto de nós três de muito tempo atrás. Mamãe que tirou. Estamos de pé junto ao carvalho na frente de casa, com nossas roupas de igreja. Todas usam um vestido branco e laços cor-de-rosa idênticos no cabelo. A melhor coisa da foto é que Margot e eu estamos sorrindo e Kitty está tirando meleca.

Abro um sorriso. Kitty vai ter um ataque quando vir essa página.

Mal posso esperar.

MARGOT DIZ QUE o segundo ano é o mais importante, o mais trabalhoso, um ano tão crucial que tudo mais na vida depende dele. Portanto, concluo que é melhor eu aproveitar ao máximo o prazer da leitura antes do início das aulas, na semana que vem, quando o segundo ano começa oficialmente. Estou sentada nos degraus da frente, lendo um romance de espionagem britânico dos anos 1980 que comprei por setenta e cinco centavos na liquidação do sebo.

Estou chegando na parte boa (Cressida precisa seduzir Nigel para conseguir os códigos de espionagem!) quando Josh sai de casa para pegar a correspondência. Ele também me vê; levanta a mão como se fosse só acenar, mas acaba decidindo vir falar comigo.

— Ei, macacão legal — diz ele, ao se aproximar pela entrada da garagem.

É azul-claro desbotado com girassóis e de amarrar no pescoço. Comprei em um brechó com setenta e cinco por cento de desconto. E não é um macacão.

— Isto é um *macaquinho* — corrijo Josh, voltando a ler.

Tento esconder a capa com a mão de forma discreta. A última coisa de que preciso é Josh pegando no meu pé por ler um livro ruim quando estou apenas tentando aproveitar uma tarde relaxante.

Posso senti-lo me observando, de braços cruzados, esperando alguma coisa. Eu levanto o rosto.

— O que foi?

— Quer ir ao cinema hoje? Tem um filme da Pixar passando. Podemos levar a Kitty.

— Tudo bem, me manda uma mensagem de texto quando for passar aqui — respondo, virando a página do livro.

Nigel está desabotoando a blusa de Cressida, que se pergunta quando o sonífero que ela colocou no vinho dele vai fazer efeito, mas ao mesmo tempo deseja que não seja rápido demais, porque Nigel beija muito bem.

Josh estica a mão e tenta ver o que estou lendo. Dou um tapa na mão dele, mas é tarde demais.

— O coração de Cressida disparou quando Nigel passou a mão em sua coxa coberta pela meia-calça. — Josh dá uma gargalhada. — Que diabos você está lendo?

Minhas bochechas ardem.

— Ah, não enche.

Rindo, Josh se afasta.

— Vou deixar você com Cressida e Noel então.
Ele já virou de costas quando eu grito:
— Ei! O nome dele é *Nigel*!

* * *

Kitty fica feliz da vida de sair com Josh. Quando ele pede à atendente da *bombonière* para colocar a manteiga na pipoca em camadas (embaixo, no meio e no topo), nós duas assentimos em aprovação. Kitty se senta entre nós, e ri tanto nas partes engraçadas que balança as pernas. Ela é tão leve que o assento fica fechando. Josh e eu trocamos sorrisos por cima da cabeça dela.

Sempre que Josh, Margot e eu íamos ao cinema, Margot também se sentava no meio. Assim podia cochichar com nós dois. Ela não queria que eu me sentisse excluída porque tinha namorado, e eu, não. Minha irmã se preocupava tanto com isso que no começo eu ficava com medo de ela ter percebido alguma coisa. Mas ela não é de guardar nada nem enfeitar a verdade. Só é uma irmã mais velha muito boa. A melhor.

Houve ocasiões em que me senti de fora de qualquer jeito. Não de uma forma romântica, mas como amiga. Josh e eu sempre fomos amigos. Mas, quando ele abraçava Margot pela cintura na fila da pipoca, ou quando conversavam baixinho no carro, eu me sentia como a criança no banco de trás que não consegue ouvir o que os adultos estão dizendo, como se eu fosse invisível. Eles me faziam desejar ter alguém com quem sussurrar no banco de trás.

É estranho estar no banco da frente. A vista não é tão diferente do banco de trás. Na verdade, tudo parece bom e normal e igual, o que é um consolo.

* * *

Chris me liga mais tarde, quando estou pintando as unhas do pé de tons diferentes de rosa. O som ao fundo está tão alto que ela precisa gritar.

— Adivinha!

— O quê? Não consigo ouvir!

Estou pintando o dedinho de um tom pêssego chamado “Puro poema”.

— Espera. — Posso ouvir Chris indo para outro lugar, porque tudo fica mais tranquilo. — Consegue me ouvir agora?

— Consigo, bem melhor.

— Adivinha quem terminou com quem.

Passei para um tom de rosa da moda que parece corretor branco com uma gota de vermelho misturada.

— Quem?

— A Gen e o Kavinsky! Ela deu um pé na bunda nele.

Arregalo os olhos.

— Nossa! Por quê?

— Parece que conheceu um universitário naquele emprego de recepcionista que ela arrumou. Aposto que estava traindo Kavinsky o verão todo. — Um garoto chama o nome de Chris, que se despede: — Tenho que ir. É a minha vez na bocha.

Chris desliga sem dizer tchau, o que é bem a cara dela.

Conheci Chris por meio de Genevieve. Elas são primas por parte de mãe. Chris costumava ir para a casa dela quando éramos pequenas, mas ela e Gen já não se davam bem desde aquela época. Brigavam por causa de qual Barbie tinha direito a ficar com o Ken, porque só tinha um Ken. Eu nem tentava brigar pelo Ken, embora ele, tecnicamente, fosse meu. Bem, de Margot. Na escola, algumas pessoas não sabem que Gen e Chris são primas. Elas não se parecem nem um pouco. Gen é pequena e tem braços torneados e cabelo louro cor de margarina. Chris também é loura, mas oxigenada, e é mais alta e tem ombros largos de nadadora. Mesmo assim, há uma similaridade entre elas.

Chris ficou bem louca durante o primeiro ano do ensino médio. Ia a todas as festas, se embebedava, ficava com garotos mais velhos. Naquele ano, um garoto do segundo ano do time de lacrosse contou para todo mundo que fez sexo com Chris no vestiário masculino, e nem era verdade. Genevieve obrigou Peter a ameaçar dar uma surra nele se ele não contasse a verdade para todo mundo. Eu achei uma atitude bem legal, mas Chris insistiu que Gen só fez isso para as pessoas não acharem que ela era parente de uma vagabunda. Depois desse dia, Chris parou de andar com a gente e começou a sair com um pessoal de outra escola.

Ela ainda tem aquela reputação do primeiro ano. Ela age como se não se importasse, mas sei que se importa, pelo menos um pouco.

NO DOMINGO, PAPAI prepara lasanha. Ele faz aquele negócio de colocar molho de feijão preto para incrementar, e sei que parece nojento, mas na verdade fica tão gostoso que nem dá para reparar no feijão. Josh, aparece lá em casa e repete duas vezes, o que papai adora. Quando o nome de Margot é mencionado no jantar, olho para Josh, reparando em como ele fica tenso, e sinto pena dele. Kitty também deve reparar, porque muda o assunto para a sobremesa, que é uma travessa de brownies de manteiga de amendoim que eu fiz à tarde.

Como meu pai cozinhou, nós temos que lavar a louça e limpar a cozinha. Ele usa todas as panelas quando faz lasanha, o que é horrível de limpar, mas vale a pena.

Depois, nós três vamos relaxar na sala. É domingo à noite, mas não há aquela sensação de domingo à noite no ar, porque amanhã é o Dia do Trabalho e temos pelo menos mais um dia antes do começo das aulas. Kitty está trabalhando na colagem de cachorros, *quelle surprise*.

— Qual raça você quer mais do que todas as outras? — pergunta Josh para ela.

Kitty responde na velocidade de um relâmpago.

— Um akita.

— Macho ou fêmea?

Mais uma vez, a resposta é imediata.

— Macho.

— E qual vai ser o nome dele?

Kitty hesita, e eu sei por quê. Rolo para o lado e faço cócegas no pé descalço dela.

— Eu sei qual vai ser o nome dele — digo, cantarolando.

— Fica quieta, Lara Jean! — grita ela.

Tenho a atenção total de Josh agora.

— Conta pra mim — implora o garoto.

Eu olho para Kitty, e ela está com uma expressão cruel, os olhos vermelhos e brilhantes.

— Deixa pra lá — digo, de repente nervosa.

Kitty pode ser o bebê da família, mas não é alguém com quem a gente deva se meter.

Josh puxa meu rabo de cavalo e diz:

— Ah, qual é, Lara Jean! Pra que todo esse suspense?

Eu me apoio nos cotovelos, e Kitty tenta tapar minha boca.

— É em homenagem ao garoto de quem ela gosta — digo, dando risadinhas.

— Cala a boca, Lara Jean, cala a boca!

Kitty me chuta e, ao fazer isso, rasga uma das figuras de cachorro. Ela solta um grito e se joga no chão para examiná-la. Seu rosto está vermelho por tentar segurar o choro. Eu me sinto tão babaca. Levanto e tento dar um abraço nela para me desculpar, mas Kitty foge e chuta minha perna com tanta força que eu dou um grito. Pego a figura e tento consertar, mas, antes que eu possa fazer qualquer coisa, Kitty a arranca das minhas mãos e a dá para Josh.

— Josh, você conserta — diz ela. — A Lara Jean estragou.

— Kitty, eu só estava brincando — comento, sem jeito.

Eu não ia dizer o nome do garoto. Nunca diria.

Ela me ignora, e Josh estica o papel com um porta-copos e, com a concentração de um cirurgião, gruda as duas partes uma na outra. Ele seca a testa.

— Ufa. Acho que vai sobreviver.

Eu bato palmas para chamar a atenção de Kitty, mas ela não olha para mim. Sei que mereço o gelo. O garoto de quem Kitty gosta é Josh.

Kitty pega a colagem da mão de Josh.

— Vou para meu quarto trabalhar nisso. Boa noite, Josh.

— Boa noite, Kitty — responde ele.

— Boa noite, Kitty — digo baixinho.

Mas ela já está subindo a escada e não responde. Quando ouvimos o som da porta do quarto dela fechando, Josh se vira para mim.

— Você está ferrada.

— Eu sei.

Estou com uma sensação horrível na boca do estômago. Por que fiz aquilo? Eu sabia que estava fazendo algo errado. Margot jamais faria uma coisa daquelas comigo. Não é assim que as irmãs mais velhas devem tratar as mais novas, principalmente sendo bem mais velha do que Kitty.

— Quem é esse garoto de quem ela gosta?

— É só um garoto da escola.

Josh suspira.

— Ela tem mesmo idade para gostar de meninos? Para mim, ela é nova demais para isso.

— Eu gostava de garotos quando tinha nove anos — digo a ele.

Ainda estou pensando em Kitty, me perguntando o que posso fazer para ela não ficar mais com raiva de mim. Acho que biscoitos não vão adiantar dessa vez.

— Quem? — Josh me pergunta.

— Quem o quê?

Talvez, se eu conseguir convencer papai a comprar um cachorrinho para ela...

— Quem foi o primeiro garoto de quem você gostou?

— Humm. O primeiro garoto de quem eu gostei *de verdade*? — Tive várias paixões no jardim de infância e no primeiro e no segundo ano do ensino fundamental, mas elas não contaram. — Tipo, o primeiro que realmente contou?

— É.

— Bem... acho que foi Peter Kavinsky.

Josh praticamente tem ânsia de vômito.

— Kavinsky? Você só poder estar de brincadeira! Ele é tão óbvio. Achei que você ia gostar de alguém mais... sei lá, sutil. Peter Kavinsky é tão clichê. Parece um recorte de papelão em tamanho real do “cara legal” de um filme adolescente.

Eu dou de ombros.

— Você que perguntou.

— Uau — diz ele, balançando a cabeça. — É só... uau.

— Ele era diferente. Quer dizer, ele ainda era bem Peter, mas menos. — Como Josh não parece convencido, completo: — Você é um garoto, então não entende do que estou falando.

— Tem razão. Não entendo!

— Ei, não era você que era apaixonado pela sra. Rothschild?

Josh fica vermelho.

— Ela era bem bonita na época!

— Ahã. — Olho para ele com cara de quem não estava comprando a mentira. — Ela era bem “bonita”.

Nossa vizinha do outro lado da rua, a sra. Rothschild, costumava cortar a grama usando um shortinho apertado supercurto e um biquíni cortininha. Os garotos do bairro vinham convenientemente brincar no jardim de Josh nesses dias.

— De qualquer modo, a sra. Rothschild não foi minha primeira paixão.

— Não foi?

— Não. Foi você.

Demoro alguns segundos para absorver isso. Mesmo depois, só consigo dizer:

— Hã?

— Quando me mudei para cá, antes de conhecer sua verdadeira personalidade. — Dou um chute na canela dele, que grita um “Ai!”. — Eu tinha doze anos, você tinha onze. Eu deixei você andar no meu patinete, lembra? Eu amava aquele patinete. Economizei o dinheiro de dois aniversários para comprar. E deixei *você* dar uma volta nele.

— Achei que você só estava sendo generoso.

— Você caiu e fez um arranhão enorme na lateral — continua ele.
— Lembra?

— É, eu lembro que você chorou.

— Eu não *chorei*. Fiquei chateado, e com razão. E foi o fim da minha paixonite.

Josh se levanta para ir embora, e eu o acompanho até a entrada.

Antes de abrir a porta da frente, Josh se vira para mim.

— Não sei o que eu faria se você não estivesse por perto depois que... depois que Margot terminou comigo. — O rosto dele fica cor-de-rosa por baixo das sardas. — Você faz bem para mim, Lara Jean.

Josh olha para mim, e eu sinto tudo, cada lembrança, cada momento que compartilhamos. Ele me dá um abraço rápido e apertado e desaparece na noite.

Fico de pé diante da porta aberta, e o pensamento voa pela minha cabeça, tão rápido e inesperado que não consigo me impedir de pensar: *Se você fosse meu, eu nunca teria terminado com você, nem em um milhão de anos.*

VOU CONTAR COMO conhecemos Josh. Estávamos fazendo um piquenique de ursos de pelúcia no quintal, com chá e bolinhos de verdade. Tinha que ser no quintal dos fundos da casa para ninguém ver. Eu tinha onze anos e estava velha demais para aquilo, e Margot tinha treze, o que era ainda pior. Fiquei com essa ideia na cabeça porque li em um livro. Por causa de Kitty, eu podia fingir que era para ela e persuadir Margot a brincar com a gente. Mamãe tinha morrido no ano anterior, e desde então Margot raramente dizia não para alguma coisa se fosse para Kitty.

Tínhamos distribuído tudo sobre o antigo cobertor de bebê de Margot, que era azul com estampa de esquilo e já estava bem puído. Arrumei um jogo de chá lascado de Margot, muffins com mirtilos e granulado de açúcar que fiz papai comprar no mercado e um urso de pelúcia para cada uma de nós. Estávamos usando chapéus, por insistência minha.

— É obrigatório usar chapéu para beber chá — fiquei dizendo, até que Margot finalmente colocou o dela para me fazer parar.

Ela estava usando o chapéu de palha de jardinagem da mamãe, Kitty estava usando uma viseira de tênis, e eu enfeitei um chapéu velho de pele da vovó com algumas flores de plástico.

Eu estava colocando chá morno de uma garrafa térmica nas xícaras quando Josh subiu na cerca e ficou nos olhando. No mês anterior, do quarto de brinquedos no andar de cima, ficamos observando a mudança da família de Josh. Torcemos para que houvesse alguma menina, mas então vimos os caras tirarem uma bicicleta de menino do caminhão e voltamos a brincar.

Josh se sentou na cerca sem dizer nada.

Margot ficou tensa e constrangida; suas bochechas ficaram vermelhas, mas ela não tirou o chapéu. Foi Kitty quem gritou:

— Oi, menino.

— Oi — respondeu ele.

O cabelo estava desganhado, e Josh ficava sacudindo a cabeça para tirá-lo dos olhos. Estava usando uma camiseta vermelha com um buraco no ombro.

— Qual é o seu nome?

— Josh.

— Venha brincar com a gente, Josh — ordenou Kitty.

E ele veio.

Eu não sabia na época o quanto aquele garoto seria importante para

mim e para as pessoas que mais amo. Mas, mesmo se soubesse, o que poderia ter feito de diferente? Nós dois nunca ficaremos juntos. Nem mesmo agora.

EU ACHAVA QUE não estava mais apaixonada por ele.

Quando escrevi a carta, quando me despedi, foi de coração, juro que foi. Nem foi tão difícil, não de verdade. Não quando pensei no quanto Margot gostava dele, no quanto se importava. Como poderia me ressentir do primeiro amor da minha irmã? Margot, que sacrificou tanto por nós. Ela sempre colocava a mim e a Kitty antes de qualquer coisa. Deixar Josh para trás foi minha forma de colocar Margot em primeiro lugar.

Mas agora, sentada sozinha na sala, com minha irmã a seis mil quilômetros de distância e Josh na casa ao lado, só consigo pensar: *Josh Sanderson, eu gostei de você primeiro. Você era meu por direito. E, se tivesse sido eu, eu o teria colocado em uma mala e levado comigo, ou, quer saber?, nem teria partido. Eu nunca abandonaria você. Nem em um milhão de anos, por nada neste mundo.*

Pensar esse tipo de coisa, sentir esse tipo de sentimento, é mais do que desleal. Eu sei disso. É pura traição. Faz minha alma parecer suja. Margot foi embora há menos de uma semana e olhe para mim, para a rapidez com que fraquejei. Para a rapidez com que cobicei o que era dela. Sou uma traidora do pior tipo, porque estou traindo minha própria irmã, e não há traição maior do que essa. Mas e agora? O que devo fazer com esses sentimentos?

Acho que só tem uma coisa que eu possa fazer. Vou escrever outra carta. Um pós-escrito com quantas páginas forem necessárias para acabar de vez com qualquer sentimento que eu ainda tenha por ele. Vou deixar essa coisa toda para trás.

Vou para o quarto e pego minha caneta especial, a caneta tinteiro preta e muito macia. Pego meu papel de carta grosso e começo a escrever.

P.S.: Ainda amo você.

Eu ainda amo você, e isso não é só um problema enorme para mim, mas também uma enorme surpresa. Juro que não sabia. Durante todo esse tempo, achei que tinha esquecido você. Como poderia não ter esquecido, quando é Margot que você ama? Sempre foi Margot...

Quando termino, coloco a carta no diário, em vez de na caixa de

chapéu. Tenho a sensação de que ainda não acabou, de que tenho mais a dizer, só não pensei no que ainda.

KITTY AINDA ESTÁ com raiva de mim. Depois da revelação de Josh, me esqueci completamente de Kitty. Ela me ignora durante toda a manhã, e, quando pergunto se ela quer que eu a leve na papelaria para comprar material para a escola, ela responde:

— Com que carro? Você destruiu o da Margot.

Ai.

— Eu ia pegar o do papai emprestado quando ele voltasse da Home Depot. — Eu me afasto o bastante para ela não poder me agredir com um chute ou um tapa. — Não precisa ser cruel, Katherine.

Kitty praticamente rosna, o que é exatamente a reação que eu esperava. Odeio quando Kitty fica com raiva e para de falar comigo. Mas ela se afasta e, com as costas viradas para mim, diz:

— Não estou falando com você. Você sabe o que fez, então não precisa se dar o trabalho de tentar fazer as pazes.

Eu a sigo e fico tentando provocá-la a falar comigo, mas não adianta. Fui dispensada. Então desisto, volto para meu quarto e coloco a trilha sonora de *Minha Mãe é uma Sereia*.

Estou organizando as roupas que escolhi para a primeira semana de aula na cama quando recebo uma mensagem de texto de Josh. Um arrepio intenso sobe pela minha espinha quando vejo o nome dele aparecer na tela, mas lembro a mim mesma com severidade da promessa que fiz. *Ele ainda é de Margot, não seu*. Não importa que eles tenham terminado. Ele foi dela primeiro, o que quer dizer que será sempre dela.

Quer dar uma volta de bicicleta naquela trilha perto do parque?

Andar de bicicleta é uma atividade típica de Margot. Ela adora passear em trilhas, fazer caminhadas e andar de bicicleta. Eu não. E Josh sabe disso. Eu nem tenho bicicleta, e a de Margot é complicada demais para mim, com todas aquelas marchas. A de Kitty é mais o meu estilo.

Respondo que não posso, tenho que ajudar meu pai em casa. Não é uma mentira completa. Meu pai pediu mesmo ajuda para trocar algumas plantas de vaso. E respondi que, se ele quisesse me obrigar e eu não pudesse manifestar minha opinião sobre o assunto, tudo bem.

Ele precisa de ajuda com o quê?

O que posso responder? Tenho que tomar cuidado com minhas desculpas, é fácil para Josh olhar pela janela e ver se estou em casa ou não. Respondo com um vago *Umas tarefas aleatórias*. Conhecendo Josh, sei que ele apareceria com uma pá, ou um ancinho, ou qualquer ferramenta que a tarefa exigisse. E aí, ficaria para o jantar, porque ele sempre fica para o jantar.

Josh disse que eu fazia bem para ele. Eu, Lara Jean. Quero ser essa pessoa para ele, quero ajudá-lo nesse momento difícil. Quero ser seu farol enquanto esperamos a volta de Margot. Mas é difícil. Mais difícil do que eu pensava.

ACORDO FELIZ, PORQUE é o primeiro dia de aula. Sempre gostei mais do primeiro dia de aula do que do último. Começos são sempre melhores que términos.

Enquanto papai e Kitty estão no andar de cima, no banheiro, faço panquecas de farinha de trigo integral com bananas fatiadas, as favoritas de Kitty. O café da manhã do primeiro dia de aula sempre foi importante para mamãe, depois Margot assumiu, e agora acho que é a minha vez. As panquecas ficam meio grossas; nem de perto tão bonitas e fofinhas quanto as de Margot. E o café... Bem, o café deveria ser marrom-claro como chocolate quente?

Quando meu pai desce, ele exclama com a voz alegre:

— Sinto cheiro de café!

Em seguida, bebe e faz sinal de positivo, mas reparo que só toma um gole. Acho que sou melhor fazendo doces.

— Você está parecendo uma fazendeira — comenta Kitty, com um toque de maldade, e sei que ela ainda está um pouquinho chateada.

— Obrigada — respondo.

Estou usando meu macaquinho jeans desbotado e uma blusa florida com decote canoa. Parece mesmo meio roupa de fazenda, mas acho que de um jeito estiloso. Margot deixou os coturnos marrons, e eles são só um pouco maiores do que meu pé. Com meias grossas, cabem perfeitamente.

— Você trança meu cabelo de lado? — peço a ela.

— Você não merece uma trança — diz Kitty enquanto lambe o garfo. — Além do mais, uma trança seria muito exagero.

Kitty só tem nove anos, mas tem um gosto impecável para moda.

— Concordo — fala meu pai sem tirar os olhos do jornal.

Coloco o prato na pia e deixo a lancheira de Kitty ao lado do prato dela. Está com tudo o que ela gosta: um sanduíche de queijo brie, batatinhas chips sabor churrasco, biscoitos recheados e suco de maçã.

— Tenham um ótimo primeiro dia de aula — deseja meu pai.

Ele estica o pescoço para ganhar um beijo na bochecha, e eu me inclino e dou um. Tento dar um beijo em Kitty também, mas ela vira o rosto.

— Botei seu suco de maçã favorito e seu sanduíche de brie favorito na lancheira — digo a ela com súplica na voz. Não quero que comecemos o ano letivo de mal uma com a outra.

— Obrigada — diz ela, fungando.

Antes que ela possa me impedir, eu a abraço e aperto tanto que ela

grita. Em seguida, pego minha bolsa nova florida e saio pela porta da frente. É um dia novo, um ano novo. Estou com a sensação de que tudo vai dar certo.

Josh já está no carro, então corro, abro a porta e entro.

— Você chegou bem na hora — comenta Josh. Ele levanta a mão para eu dar um tapinha e, quando bato, nossas mãos fazem um estalo satisfatório. — Esse foi dos bons.

— Nota oito, pelo menos — concordo.

Passamos pela piscina pública, pela placa que indica nosso bairro e pela Wendy's.

— A Kitty já perdoou você?

— Mais ou menos, mas com sorte vai perdoar logo.

— Ninguém consegue guardar ressentimento como a Kitty.

Assinto vigorosamente. Eu nunca consigo ficar com raiva de ninguém por muito tempo, mas Kitty guarda ressentimento como se a vida dela dependesse disso.

— Fiz um bom lanche de primeiro dia de aula, acho que isso vai ajudar — digo.

— Você é uma boa irmã mais velha.

— Tão boa quanto a Margot?

Nós respondemos juntos:

— Ninguém é tão bom quanto a Margot.

AS AULAS COMEÇARAM oficialmente e encontraram seu próprio ritmo. Os primeiros dias de aula são sempre perdidos com distribuição de livros, das ementas das matérias e decisões sobre onde e com quem você vai sentar. Agora é que a escola começa de verdade.

Na educação física, o treinador White nos deixa ao ar livre para aproveitarmos os últimos dias de sol quente. Chris e eu estamos andando pela pista de atletismo. Chris me conta sobre uma festa à qual foi no feriado do Dia do Trabalho.

— Quase caí no tapa com uma garota que ficava dizendo que eu uso aplique. Não é minha culpa se meu cabelo é incrível.

Quando já estamos na terceira volta, vejo Peter Kavinsky me olhando. Achei que estivesse imaginando coisas quando o notei me observando, mas já é a terceira vez. Ele está jogando frisbee com alguns garotos. Quando passamos por eles, Peter corre até nós.

— Posso falar com você um minuto?

Chris e eu nos entreolhamos.

— Comigo ou com ela? — pergunta ela.

— Com Lara Jean.

Chris passa os braços de forma protetora ao redor dos meus ombros.

— Vai em frente. Estamos ouvindo.

Peter revira os olhos.

— Quero falar com ela em particular.

— Que seja — dispara Chris, e sai andando.

Por cima do ombro, ela arregala os olhos para mim, como quem diz *O que ele quer?* Dou de ombros como quem diz *Não faço ideia!*

Com a voz baixa e discreta, Peter começa:

— Só para você saber, eu não tenho herpes.

O quê? Fico olhando para ele, boquiaberta.

— Eu nunca disse que você tinha herpes!

A voz dele ainda está baixa, mas realmente furiosa.

— Também não pego sempre o último pedaço da pizza.

— Do que você está falando?

— Foi o que você disse. Na sua carta. Que eu sou um cara egoísta que anda por aí passando doenças para as garotas. Lembra?

— Que carta? Eu não escrevi carta nenhuma!

Espera. Escrevi sim. Eu escrevi uma carta para ele há um milhão de anos. Mas não é dessa carta que ele está falando. Não pode ser.

— Escreveu, sim. Estava endereçada a mim e assinada por você.

Ah, Deus. Não. Não. Isso não está acontecendo. Isso não é real. Estou sonhando. Estou no meu quarto e estou sonhando e Peter Kavinsky está no meu sonho, olhando com raiva para mim. Eu fecho os olhos. Estou sonhando? Isso é real?

— Lara Jean.

Abro os olhos. Não estou sonhando e isso é real. É um pesadelo. Peter Kavinsky está segurando minha carta. É minha letra, meu envelope, meu tudo.

— Onde... onde você conseguiu isso?

— Chegou pelo correio ontem. — Peter suspira, irritado. — Olha, não é nada de mais. Só não saia por aí dizendo para as pessoas...

— Chegou pelo correio? Na sua casa?

— É.

Acho que vou desmaiar. Acho que vou desmaiar de verdade. Que eu desmaie agora, porque, se eu desmaiar, não vou mais estar aqui, neste momento. Vai ser como nos filmes, quando a mocinha desmaia por causa do choque e toda a briga acontece enquanto ela está apagada, e ela acorda em uma cama de hospital com um hematoma ou dois, mas perdeu toda a parte ruim. Eu queria que a minha vida fosse assim, e não esse pesadelo.

Consigo sentir que estou começando a suar.

— Você precisa entender que escrevi essa carta muito tempo atrás.

— Tudo bem.

— Tipo, anos atrás. Muitos anos atrás. Eu nem me lembro do que escrevi. — *De perto, seu rosto não era exatamente bonito, mas angelical.* — Sério, essa carta é do fundamental. Eu nem sei quem pode ter mandado. Posso ver?

Estico a mão enquanto tento ficar calma e não parecer desesperada. Ele hesita, e abre um de seus sorrisos perfeitos.

— Não, eu quero ficar com ela. Nunca recebi uma carta assim.

Dou um pulo e, rápida como um gato, arranco a carta da mão dele.

Peter dá uma gargalhada e levanta as mãos em sinal de rendição.

— Tudo bem, vai, pode ficar com ela. Caramba.

— Obrigada.

Começo a me afastar dele. O envelope treme nas minhas mãos.

— Espera. — Ele hesita. — Olha, eu não queria roubar seu primeiro beijo nem nada disso. Quer dizer, não foi minha intenção...

Dou uma gargalhada, uma gargalhada forçada e falsa que me faz parecer uma louca. As pessoas se viram e olham para nós.

— Pedido de desculpas aceito! É passado!

E saio correndo. Corro mais rápido do que já corri na vida. Até o vestiário feminino.

Como foi que isso aconteceu?

Eu me sento no chão. Já tive o sonho de ir para a escola pelada. Já

tive o sonho combinado de ir para a escola pelada tendo me esquecido de estudar para uma prova de uma matéria da qual nunca tinha ouvido falar e o sonho de estar pelada no dia da prova com alguém tentando me matar. Isso é tudo isso vezes infinito.

E então, como não há mais nada a fazer, eu tiro a carta do envelope e leio.

Querido Peter K,

Antes de tudo, me recuso a chamar você de Kavinsky. Você deve ter achado o máximo quando as pessoas começaram a chamá-lo pelo sobrenome do nada, não é? Quer saber? Kavinsky soa como o nome de um velho com a barba branca e comprida.

Quando me beijou, sabia que eu ia me apaixonar por você? Às vezes acho que sim. Definitivamente sim. Sabe por quê? Porque você acha que TODO MUNDO ama você, Peter. É isso que odeio em você. Porque todo mundo ama mesmo você. Inclusive eu. Eu amava. Não mais.

Aqui estão todos os seus piores defeitos:

Você arrota e não pede desculpas. Apenas supõe que todo mundo vai achar fofo. E, se as pessoas não acharem, quem se importa, certo? Errado! Você se importa. Você se importa muito com a opinião alheia.

Você sempre pega o último pedaço de pizza. Nunca pergunta se mais alguém quer. Isso é falta de educação.

Você é tão bom em tudo. Bom demais. Você poderia dar a outros garotos a chance de serem bons, mas nunca dá.

Você me beijou sem motivo. Apesar de eu saber que você gostava da Gen e de você saber que gostava da Gen e de a Gen saber que você gostava dela. Mas você me beijou mesmo assim. Só porque podia. Eu quero saber a verdade: por que você fez isso comigo? Meu

primeiro beijo era para ser especial. Já li sobre esse tipo de coisa, sobre como é para ser a sensação: fogos de artifício e faíscas e o som de ondas quebrando nos seus ouvidos. Eu não senti nada disso. Graças a você, foi tão “não especial” quanto um beijo pode ser.

O pior de tudo é que aquele beijo estúpido e sem sentido me fez começar a gostar de você como nunca gostei antes. Eu nunca tinha pensado em você. Gen sempre disse que você é o garoto mais bonito do nosso ano, e eu concordava, porque claro que você é. Mas eu não via nada de especial em você. Muitas pessoas são bonitas. Isso não as torna interessantes, intrigantes ou legais.

Talvez tenha sido por isso que você me beijou. Para ter controle mental sobre mim, para me fazer ver você desse jeito. Funcionou. Seu truquezinho funcionou. A partir daquele dia, eu passei a enxergar você. De perto, seu rosto não era exatamente bonito, mas angelical. Quantos garotos angelicais você já viu? Para mim, só havia um. Você. Acho que tem muito a ver com seus cílios. Você tem cílios bem longos. Injustamente longos.

Apesar de não merecer, tudo bem, vou falar sobre todas as coisas de que gosto (gostava) em você:

Uma vez, na aula de ciências, ninguém queria fazer dupla com Jeffrey Suttleman porque ele tem cecê, e você se ofereceu como se não fosse nada de mais. De repente, todo mundo passou a achar que Jeffrey não era tão ruim.

Você ainda está no coral, apesar de todos os outros garotos terem debandado para a banda ou para a orquestra. Até canta solos. E dança, e não fica com vergonha.

Você foi o último garoto a ficar alto. E agora é o mais alto, mas é como se você merecesse. Além disso, quando você era baixinho, ninguém ligava de você ser

baixo, as garotas ainda gostavam de você e os garotos ainda escolhiam você primeiro para o time de basquete na educação física.

Depois que você me beijou, eu gostei de você pelo resto do sétimo ano e pela maior parte do oitavo. Não foi fácil ver você com a Gen, de mãos dadas e se beijando no ônibus. Você deve fazer com que ela se sinta especial. Porque esse é seu talento, certo? Você é bom em fazer as pessoas se sentirem especiais.

Você sabe como é gostar tanto de alguém que é insuportável saber que essa pessoa nunca vai sentir a mesma coisa por você? Provavelmente não. Pessoas como você não precisam sofrer por esse tipo de coisa. Ficou mais fácil depois que a Gen se mudou e nós deixamos de ser amigas. Pelo menos eu não precisava mais ouvir sobre vocês.

E agora que o ano está quase acabando, sei com certeza que já deixei de gostar de você. Estou imune, Peter. Tenho orgulho de dizer que sou a única garota nesta escola que está imunizada contra os encantos de Peter Kavinsky. Tudo porque tive uma overdose de você no sétimo ano e em boa parte do oitavo. Agora, nunca mais vou precisar me preocupar em ser contaminada de novo. Que alívio! Aposto que, se um dia nos beijássemos de novo, eu pegaria alguma coisa, e não seria amor. Seria herpes!

Lara Jean Song

SE EU PUDESSE me enterrar em um buraco e passar o resto dos meus dias ali, bem, é exatamente o que eu faria.

Por que eu tinha que falar naquele beijo? Por quê?

Ainda me lembro de tudo que aconteceu naquele dia na casa de John Ambrose McClaren. Estávamos no porão, que cheirava a mofo e sabão em pó. Eu estava vestindo um short branco e uma blusa bordada frente única branca e azul que roubei do armário de Margot. Era a primeira vez que usava um sutiã tomara que caia na vida. Peguei emprestado da Chris, e ficava ajeitando ele toda hora porque era meio desconfortável.

Foi uma das nossas primeiras reuniões de meninos e meninas em um fim de semana à noite. Foi meio estranho, porque parecia que tínhamos feito de propósito. Não foi igual a ir para a casa de Allie depois da aula e os garotos estarem lá com o irmão gêmeo dela. Também não foi como ir ao fliperama no shopping sabendo que provavelmente encontraríamos meninos. Isso envolvia planejamento, ir até lá, usar um sutiã diferente, tudo em um sábado à noite. E sem a supervisão dos pais, era só a gente no porão ultraparticular de John. O irmão mais velho dele ia ficar tomando conta de nós, mas John pagou dez dólares para ele ficar no quarto dele.

Não que tenha acontecido alguma coisa empolgante, como um jogo improvisado de verdade ou consequência ou de sete minutos no paraíso, duas possibilidades para as quais nós, garotas, havíamos nos preparado com chicletes e brilho labial. A única coisa que aconteceu foram os garotos jogando videogame e as garotas assistindo, jogando nos celulares e cochichando umas com as outras. E então nossos pais apareceram para nos buscar, o que foi muito anticlimático, depois de tanto planejamento e expectativa. Achei decepcionante, não porque eu gostasse de alguém, mas porque adorava romance e drama e estava torcendo para alguma coisa empolgante acontecer.

E uma coisa aconteceu.

Comigo!

Peter e eu estávamos lá embaixo sozinhos, as duas últimas pessoas esperando os pais. Estávamos sentados no sofá. Eu ficava mandando mensagens de texto para o meu pai: Cadê vc???? Peter estava jogando um jogo no celular.

E então, do nada, ele disse:

— Seu cabelo tem cheiro de coco.

Nós nem estávamos sentados tão perto.

— SÉRIO? Você consegue sentir o cheiro daí?

Ele chegou mais perto, cheirou e assentiu.

— Consigo, lembra o Havaí ou algo assim.

— Obrigada! — Eu não tinha certeza se era um elogio, mas parecia com um o bastante para eu agradecer. — Estou alternando entre um xampu de coco e o xampu de bebê da minha irmã, para descobrir qual deixa meu cabelo mais macio...

Então Peter Kavinsky se inclinou e me beijou, e eu fiquei paralisada.

Eu nunca tinha pensado nele antes daquele beijo. Ele era bonito demais, bajulador demais. Não era meu tipo. Mas, depois que me beijou, eu só consegui pensar nele e em mais nada por meses.

* * *

E se Peter for só o começo? E se... e se as outras cartas também foram enviadas? Para John Ambrose McClaren. Kenny do acampamento. Lucas Krapf.

Josh.

Ah, meu Deus, Josh.

Eu me levanto. Tenho que encontrar a caixa de chapéu. Tenho que encontrar aquelas cartas.

Eu volto para a pista de atletismo. Não vejo Chris em lugar algum, então concluo que ela deve estar fumando atrás da quadra coberta. Vou direto até o treinador, que está sentado na arquibancada mexendo no celular.

— Não consigo parar de vomitar. — Eu me inclino para a frente e cruzo os braços sobre a barriga. — Posso ir para a enfermaria?

O treinador nem desvia os olhos do telefone.

— Claro.

Assim que estou fora do campo de visão dele, saio correndo. Educação física é minha última aula do dia, e minha casa fica a uns três quilômetros da escola. Eu corro como o vento. Acho que nunca corri tão rápido e com tanta intensidade na vida, e provavelmente nunca vou correr de novo. Corro tanto que tenho que parar algumas vezes porque sinto que vou vomitar de verdade. Então me lembro das cartas, de Josh e de *De perto, seu rosto não era exatamente bonito, mas angelical*, e volto a correr.

Assim que chego em casa, subo a escada e abro meu armário em busca da caixa. Não está na prateleira mais alta, onde costuma ficar. Não está no chão, nem atrás da pilha de jogos de tabuleiro. Não está em lugar algum. Fico de quatro e começo a vasculhar em pilhas de suéteres, caixas de sapato e material de artesanato. Olho em lugares onde não poderia estar porque é uma caixa de chapéu grande, mas

olho mesmo assim. Minha caixa de chapéu não está em lugar algum.

Eu desabo no chão. Estou em um filme de terror. Minha vida virou um filme de terror. Ao meu lado, meu celular vibra. É Josh.

Cadê você? Pegou carona com a Chris?

Eu desligo o celular, vou até a cozinha e ligo para Margot do telefone fixo. Ainda é meu primeiro impulso procurá-la quando as coisas ficam complicadas. Vou só deixar de fora a parte sobre Josh e me concentrar em Peter. Ela vai saber o que fazer; ela sempre sabe o que fazer. Estou pronta para explodir: *Gogo, sinto tanto sua falta e tudo está uma confusão sem você*, mas, quando ela atende o telefone, parece sonolenta, e percebo que a acordei.

— Você estava dormindo?

— Não, eu só estava deitada — mente ela.

— Você *estava* dormindo! Gogo, não são nem dez horas aí! Espera, é isso mesmo? Ou calculei errado de novo?

— Não, você está certa. Só estou cansada. Estou acordada desde as cinco porque... — Ela para de falar. — O que aconteceu?

Eu hesito. Talvez seja melhor não preocupar Margot com tudo isso. Afinal, ela acabou de começar a faculdade. Foi para isso que se esforçou tanto, é o sonho dela virando realidade. Ela deveria estar se divertindo, e não se preocupando com como as coisas estão em casa sem ela. Além do mais, o que eu ia dizer? Escrevi um bando de cartas de amor, e elas foram enviadas pelo correio, inclusive a que escrevi para o seu namorado?

— Não aconteceu nada — respondo.

Estou fazendo o que Margot faria: tentando resolver isso sozinha.

— Definitivamente parece que aconteceu alguma coisa — diz Margot, bocejando. — Me conta.

— Volte a dormir, Gogo.

— Tudo bem — responde ela, bocejando de novo.

Nós desligamos, e eu preparo um sundae direto no pote de sorvete: calda de chocolate, chantilly, nozes picadas. Serviço completo. Levo para o quarto e como deitada. Coloco na boca como remédio até ter comido tudo, até a última gota.

ALGUM TEMPO DEPOIS, acordo com Kitty ao pé da minha cama.

— Tem sorvete no seu lençol — informa ela.

Eu gemo e viro para o outro lado.

— Kitty, esse é o menor dos meus problemas hoje.

— Papai quer saber se você vai querer frango ou hambúrguer para o jantar. Meu voto é frango.

Eu me sento. Papai está em casa! Talvez ele saiba de alguma coisa. Ele estava naquele surto de arrumação, jogando tudo fora. Talvez tenha guardado minha caixa de chapéu em algum lugar e a carta de Peter tenha sido só um acidente infeliz!

Pulo da cama e desço a escada correndo; o coração disparado no peito. Meu pai está no escritório, de óculos e lendo um livro grosso sobre gravuras de Audubon.

De uma vez só, eu pergunto:

— Papai-você-viu-minha-caixa-de-chapéu?

Ele levanta o rosto com a expressão indistinta, e consigo perceber que ele ainda está pensando nos pássaros de Audubon e nem um pouco concentrado no meu desespero.

— Que caixa?

— A caixa de chapéu azul-petróleo que mamãe me deu!

— Ah, essa... — diz ele, ainda parecendo confuso. Ele tira os óculos. — Não sei. Pode ter sido doada junto com seus patins.

— O que isso quer dizer? O que você está dizendo?

— Há uma vaga possibilidade de eu ter doado para a caridade.

Quando sufoco um gritinho, papai diz na defensiva:

— Aqueles patins nem cabiam mais em você. Só estavam ocupando espaço!

Eu deslizo até o chão.

— Eles eram cor-de-rosa e vintage, e eu estava guardando para a Kitty... e essa nem é a questão. Não ligo para os patins. Ligo para a caixa de chapéu! Papai, você nem imagina o que fez.

Meu pai se levanta e tenta me erguer do chão. Eu resisto e me jogo de costas como um peixe dourado.

— Lara Jean, eu nem sei se me livrei dela. Vamos lá, vamos dar uma olhada pela casa, tá? Não vamos entrar em pânico ainda.

— Só tem um lugar onde ela poderia estar, e não está lá. Sumiu.

— Então vou procurar na Legião da Boa Vontade amanhã, a caminho do trabalho — diz ele, agachando-se ao meu lado.

Ele está me olhando daquele jeito, solidário mas também

exasperado e intrigado, como quem diz *Como é possível meu DNA razoável e lógico ter dado origem a uma filha tão maluca?*

— É tarde demais. É tarde demais. Não adianta.

— O que tinha de tão importante naquela caixa?

Consigo sentir o sundae revirando no meu estômago. Pela segunda vez hoje, sinto que vou vomitar.

— Tudo.

Ele faz uma careta.

— Eu não sabia que sua mãe tinha dado aquela caixa para você, nem que ela era tão importante. — Enquanto segue para a cozinha, ele sugere: — Ei, que tal sorvete antes do jantar? Isso vai alegrar você?

Como se sobremesa antes do jantar fosse tudo do que eu precisava para ficar bem, como se eu tivesse a idade de Kitty, não dezesseis, quase dezessete anos. Nem me dou o trabalho de lhe dar uma resposta. Só fico ali deitada no chão, com a bochecha colada na madeira fria. Além do mais, o sorvete acabou, mas ele vai descobrir isso logo, logo.

Eu não quero nem pensar em Josh lendo aquela carta. Não quero nem pensar. É terrível demais.

* * *

Depois do jantar (frango, a pedido de Kitty), estou na cozinha lavando a louça quando escuto a campainha. Papai abre a porta, e ouço a voz de Josh.

— Oi, dr. Covey. A Lara Jean está?

Ah, não. Não, não, não, não. Não posso ver Josh. Sei que vou precisar vê-lo em algum momento, mas não hoje. Não agora. Não posso. Simplesmente não posso.

Coloco o prato na pia e saio correndo pela porta dos fundos, desço os degraus e atravesso nosso quintal até o quintal dos Pearce. Subo pela escada de madeira até a velha casa na árvore de Carolyn Pearce. Não subo nela desde o ensino fundamental. Às vezes ficávamos ali à noite, Chris, Genevieve, Allie e eu, e os garotos também.

Espio por uma fresta nas tábuas, agachada, e espero até Josh voltar para casa. Quando tenho certeza de que ele entrou, desço a escada e corro de volta para a porta da cozinha. Eu corri demais hoje. Só agora me dou conta de que estou exausta.

NA MANHÃ SEGUINTE, acordo revigorada. Sou uma garota com um plano. Só vou ter que evitar Josh para sempre. É muito simples. E, se não para sempre, então pelo menos até isso tudo passar e ele se esquecer da carta. Ainda há a pequena chance de ele nem tê-la recebido. Talvez a pessoa que mandou a de Peter só tenha mandado aquela! Nunca se sabe.

Minha mãe dizia que o otimismo era minha melhor qualidade. Tanto Chris quanto Margot dizem que é irritante, mas eu respondo que ver o lado bom da vida nunca matou ninguém.

Quando desço, papai e Kitty já estão à mesa comendo torradas. Preparo uma tigela de cereal para mim e me sento com eles.

— Vou passar na Legião da Boa Vontade a caminho do trabalho — diz meu pai, mastigando a torrada enquanto lê o jornal. — Tenho certeza de que sua caixa de chapéu vai estar lá.

— Sua caixa de chapéu sumiu? — pergunta Kitty. — A que mamãe deu para você?

Eu assinto e coloco outra colherada de cereal na boca. Tenho que me apressar, senão corro o risco de dar de cara com Josh no caminho.

— O que tinha na caixa, afinal? — pergunta Kitty.

— Não é da sua conta — digo. — Você só precisa saber que o que tem lá dentro é importante para mim.

— Você vai ficar com raiva do papai se ele não conseguir sua caixa de chapéu de volta? — Kitty responde a própria pergunta antes que eu consiga. — Duvido. Você nunca fica com raiva de ninguém por muito tempo.

Isso é verdade. Nunca consigo ficar com raiva de ninguém por muito tempo.

Papai espia por cima do jornal.

— O que tinha naquela caixa de chapéu afinal?

Kitty dá de ombros. Com a boca cheia de torrada, ela diz:

— Boinas francesas, talvez?

— Não, não eram boinas. — Olho irritada para eles. — Agora, se me derem licença, não quero me atrasar para a escola.

— Você não está saindo um pouco cedo demais?

— Vou de ônibus hoje — digo.

E provavelmente todos os dias até o carro de Margot estar consertado, mas eles não precisam saber disso.

A FORMA COMO tudo acontece é um tipo estranho de serendipidade. Como um desastre de trem em câmera lenta. Para que uma coisa dê errado de um jeito tão colossal e terrível, tudo precisa acontecer na ordem certa e no momento certo, ou, nesse caso, no momento errado.

Se o motorista do ônibus não tivesse se atrapalhado ao dar a ré no beco, demorando assim quatro minutos a mais para chegar à escola, eu jamais teria dado de cara com Josh.

Se o carro de Josh tivesse pegado de primeira e ele não tivesse precisado da ajuda do pai para recarregar a bateria, ele não estaria passando pelo meu armário.

E se Peter não estivesse indo se encontrar com a srta. Wooten na orientação, não entraria naquele mesmo corredor dez segundos depois. E talvez essa coisa toda não tivesse acontecido. Mas aconteceu.

* * *

Estou em frente ao meu armário; a porta está emperrada e estou tentando abri-la. Quando finalmente consigo soltá-la, dou de cara com Josh.

— Lara Jean... — Ele está com uma expressão chocada e confusa. — Estou tentando falar com você desde ontem à noite. Passei na sua casa, mas ninguém conseguiu encontrar você... — Ele estende a mão com a minha carta. — Não entendo. O que é isso?

— Não sei...

É o que me ouço responder. Minha voz parece distante. É como se eu estivesse fora do meu corpo, vendo tudo aquilo acontecer com outra pessoa.

— Quer dizer, foi você que escreveu, não foi?

— Ah. — Eu respiro fundo e pego a carta. Luto contra a vontade de rasgá-la em pedacinhos. — Onde você conseguiu isso?

— Chegou pelo correio. — Josh enfia as mãos nos bolsos. — Quando você escreveu isso?

— Tipo, muito tempo atrás. — Dou uma risadinha falsa. — Nem lembro quando. Talvez tenha sido no ensino fundamental.

Bom trabalho, Lara Jean. Continue assim.

— Certo... mas você fala sobre ir ao cinema com Margot, Mike e Ben. Isso foi há uns dois anos.

Eu mordo o lábio inferior.

— É verdade. Quer dizer, foi *mais ou menos* há muito tempo. No grande esquema das coisas.

Posso sentir as lágrimas se formando e sei que, se me desconcentrar por um segundo que seja, se hesitar, vou chorar, e isso vai tornar a coisa toda pior, se é que é possível. Preciso ficar tranquila e distante agora. Lágrimas estragariam essa imagem.

Josh está me encarando de um jeito tão intenso que preciso desviar o olhar.

— Então... você sente... ou sentia alguma coisa por mim...?

— Quer dizer, sim, claro, eu tive uma quedinha por você em um determinado ponto, bem antes de você e Margot começarem a namorar. Um milhão de anos atrás.

— Por que você nunca disse nada? Porque, Lara Jean... Deus. Não sei. — Os olhos dele estão grudados em mim, e ele parece confuso, mas tem alguma outra coisa também. — Isso é loucura. Fui meio pego de surpresa.

A forma como ele está me olhando agora me lembra um dia de verão em que eu tinha catorze anos, e ele, quinze, e estávamos voltando a pé para casa de algum lugar. Ele estava olhando para mim com tanta intensidade que eu tive certeza de que ia me beijar. Fiquei nervosa, então arrumei uma briga qualquer com ele, e Josh nunca mais olhou para mim daquele jeito.

Até agora.

Não. Por favor, não.

Seja lá o que for que ele está pensando, seja lá o que for que ele quer dizer, eu não quero ouvir. Faria qualquer coisa, literalmente qualquer coisa, para não ouvir.

Por isso, antes que ele possa falar, eu digo:

— Estou namorando.

O queixo de Josh cai.

— O quê?

O quê?

— É. Estou namorando uma pessoa, uma pessoa de quem gosto muito, muito mesmo, então não se preocupe com isso. — Balanço a carta como se fosse só um papel, um pedaço de lixo, como se no passado eu não tivesse derramado meus sentimentos naquelas páginas. Enfio a carta na bolsa. — Eu estava muito confusa quando escrevi; nem sei como essa carta foi enviada. Sinceramente, não vale a pena conversar sobre isso. Então, por favor, por favor, não conte nada para Margot.

Ele assente, mas isso não basta. Preciso de um compromisso verbal. Preciso ouvir as palavras saírem da boca dele.

— Você jura? Pela sua vida?

Se Margot descobrisse... eu iria querer morrer.

— Tudo bem, eu juro. Nós nem nos falamos desde que ela foi embora.

Eu expiro profundamente.

— Ótimo. Obrigada.

Estou quase indo embora, mas Josh me impede.

— Quem é o cara?

— Que cara?

— O cara que você está namorando?

É nessa hora que o vejo. Peter Kavinsky está andando pelo corredor. Como mágica. O lindo Peter de cabelo escuro. Ele merece uma trilha sonora, de tão lindo que é.

— Peter Kavinsky. Peter Kavinsky! — O sinal toca e passo por Josh.

— Tenho que ir! A gente se fala mais tarde!

— Espera! — grita Josh.

Corro até Peter e me jogo nos braços dele como um tiro de canhão. Abraço o pescoço dele e minhas pernas envolvem sua cintura, e nem sei como meu corpo sabe fazer isso, porque nunca toquei um garoto assim na vida. É como se estivéssemos em um filme, e a música estivesse aumentando e as ondas do mar estivessem quebrando ao nosso redor. Exceto pelo fato de a expressão de Peter ser de puro choque e descrença e talvez um toque de divertimento, porque Peter gosta de achar graça. Ele ergue as sobrancelhas.

— Lara Jean? Mas o quê...?

Eu não respondo. Apenas o beijo.

Meu primeiro pensamento é: ainda me lembro dos lábios dele.

O segundo pensamento é: espero que Josh esteja assistindo. Ele precisa estar assistindo, senão tudo isso vai ter sido em vão.

Meu coração está batendo com tanta força que me esqueço de ter medo de estar fazendo algo errado. Porque, por cerca de três segundos, ele me beija também. Peter Kavinsky, o garoto dos sonhos de todas as meninas, está me beijando.

Não beijei tantos garotos assim na vida. Peter Kavinsky, John Ambrose McClaren, o primo de Allie Feldman com o olho esquisito e agora Peter de novo.

Abro os olhos, e Peter está me olhando com aquela mesma expressão no rosto. Com sinceridade, eu digo:

— Obrigada.

Ele responde:

— De nada.

Eu me afasto e saio correndo na direção oposta.

* * *

Preciso de toda a aula de história e a maior parte da aula de inglês

para fazer o coração desacelerar. Eu beijei Peter Kavinsky. No corredor, na frente de todo mundo. Na frente do Josh.

Eu não planejei nada disso, obviamente. É o que Margot diria, incluindo, com ênfase, a palavra “obviamente”. Se eu *tivesse* planejado, teria inventado um namorado, não escolhido uma pessoa de verdade. Mais especificamente, não teria escolhido Peter K. Ele é literalmente a pior pessoa que eu poderia ter escolhido, porque todo mundo o conhece. Ele é Peter Kavinsky, caramba. Kavinsky de “Gen e Kavinsky”. Não importa que eles tenham terminado. Eles são uma instituição nesta instituição.

Passo o restante do dia me escondendo. Até almoço no banheiro feminino.

Minha última aula do dia é educação física. Com Peter. O treinador White faz uma reapresentação da sala de musculação, e temos que treinar usando os aparelhos. Peter e os amigos já sabem usar, então se separam do restante do grupo e fazem uma competição de lançamentos livres, e não tenho oportunidade de falar com ele. Em determinado momento, ele me vê olhando e pisca, o que me faz querer morrer.

Depois que a aula acaba, espero Peter do lado de fora do vestiário masculino enquanto planejo como vou explicar tudo. Vou começar com “Então, sobre hoje de manhã...”, então vou dar uma risadinha, para mostrar o quanto aquilo foi hilário!

Peter é o último a sair. Ele deve ter tomado banho, pois o cabelo está molhado. É estranho os garotos tomarem banho na escola, porque as garotas nunca tomam. Eu me pergunto se têm cabines lá dentro ou só um monte de chuveiros juntos, sem privacidade.

— Oi — diz ele, quando me vê, mas continua seguindo pelo corredor.

Vou atrás dele.

— Então, sobre hoje de manhã... — começo a dizer, e dou uma risada.

Peter se vira para mim.

— Ah, é. O que foi tudo aquilo?

— Foi uma brincadeira idiota.

Peter cruza os braços e se recosta nos armários.

— Teve alguma coisa a ver com aquela carta que você mandou?

— Não. Quer dizer, sim. Mais ou menos.

— Olha — diz ele com gentileza. — Você até que é bonita. De um jeito peculiar. Mas a Gen e eu acabamos de terminar, e não estou a fim de namorar ninguém. Então...

Meu queixo cai. Peter Kavinsky está me dando um fora! Eu nem gosto dele, e ele está me dando um fora. E “peculiar”? Como sou “peculiar”? “Bonita de um jeito peculiar” é um insulto. Um grande

insulto!

Ele ainda está falando, ainda está me olhando com gentileza.

— É claro que fico lisonjeado. O fato de você ter gostado de mim esse tempo todo... é legal, sabe?

Basta. Isso é demais.

— Eu não gosto de você — digo em voz alta. — Então você não tem motivo para se sentir lisonjeado.

Agora é a vez de Peter parecer surpreso. Ele olha ao redor para ver se alguém ouviu. Inclina-se para a frente e sussurra:

— Então por que você me beijou?

— Eu beijei você *porque* não gosto de você — explico, como se fosse óbvio. — As minhas cartas foram enviadas por alguém, entendeu? Não por mim.

— Espere um minuto. “Cartas?” Quantos de nós existem?

— Cinco. E o cara de quem eu realmente *gosto* também recebeu uma...

Peter franze a testa.

— Quem?

Por que devo contar alguma coisa a ele?

— Isso é... pessoal.

— Ei, acho que tenho o direito de saber, já que você me envolveu nesse pequeno drama — diz Peter, com uma expressão séria. — Se é que tem mesmo um cara.

— Claro que existe um cara! É Josh Sanderson.

— Ele não namora a sua irmã?

Eu assinto. Estou surpresa por ele saber isso. Eu não achava que Josh e Margot estivessem no radar dele.

— Eles terminaram. Mas não quero que Josh saiba que ainda sinto alguma coisa por ele... por motivos óbvios. Então... eu disse para ele que você é meu namorado.

— Então você me usou para manter a dignidade?

— Tipo isso.

Precisamente.

— Você é engraçada.

Primeiro, sou bonita de um jeito peculiar; agora, sou engraçada. Sei o que isso quer dizer.

— De qualquer modo, obrigada por me ajudar, Peter. — Abro o que espero ser um sorriso convincente e dou meia-volta para ir embora. — Até mais!

Peter estica a mão e me segura pela mochila.

— Espere... Então o Sanderson acha que sou seu namorado, não é? O que você vai dizer para ele?

Tento me livrar dele, mas Peter não solta.

— Ainda não pensei nessa parte. Mas vou dar um jeito. — Eu

levanto o queixo. — Sou peculiar assim.

Peter ri alto, com a boca bem aberta.

— Você é mesmo engraçada, Lara Jean.

MEU CELULAR VIBRA ao meu lado. É Chris.

— É verdade?

Posso ouvi-la tragando um cigarro.

— O que é verdade?

Estou deitada na cama, de bruços. Minha mãe me dizia que, se meu estômago doesse, eu deveria deitar sobre ele, pois ficaria quente e melhoraria. Mas acho que não está ajudando. Meu estômago está embrulhado o dia todo.

— Você se jogou no Kavinsky e o beijou que nem uma doida?

Eu fecho os olhos e choramingo.

Eu queria poder dizer não, porque não sou o tipo de pessoa que faz isso. Mas eu fiz, então acho que sou. Mas meus motivos foram muito bons! Quero contar a verdade para Chris, mas a coisa toda é muito constrangedora.

— É. Eu corri até Peter Kavinsky e o beijei. Que nem uma doida.

Chris expira.

— Caramba!

— Pois é.

— Que diabos você estava pensando?

— Quer saber a verdade? Nem sei. Eu apenas... fiz.

— Merda. Eu não sabia que você era capaz de uma coisa dessas.

Estou meio impressionada.

— Obrigada.

— Mas você sabe que a Gen vai vir atrás de você, né? Eles podem ter terminado, mas ela ainda acha que é dona dele.

Meu estômago despenca.

— É. Eu sei. Estou com medo, Chris.

— Vou fazer o que puder para proteger você, mas você sabe como a Gen é. É melhor se cuidar.

Chris desliga.

Sinto-me ainda pior do que antes. Se Margot estivesse aqui, provavelmente diria que escrever aquelas cartas foi sem sentido desde o começo e me daria uma bronca por ter contado uma mentira tão grande. Depois, ia me ajudar a encontrar uma solução. Mas Margot não está aqui, está na Escócia; e, pior do que isso, ela é a única pessoa com quem não posso conversar. Ela nunca, nunca, nunca pode saber o que já senti por Josh.

Depois de um tempo, saio da cama e vou para o quarto de Kitty. Ela está no chão, mexendo nas gavetas da cômoda. Sem erguer o olhar, ela pergunta:

— Você viu meu pijama de coração?

— Eu lavei ontem, então deve estar na secadora. Quer ver um filme e jogar Uno à noite?

Seria bom para me animar.

Kitty se levanta.

— Não posso. Vou ao aniversário de Alicia Bernard. Está na agenda.

— Quem é Alicia Bernard?

Eu me sento na cama desarrumada de Kitty.

— É a garota nova. Ela convidou todas as garotas da turma. A mãe dela vai fazer crepe no café da manhã. Você sabe o que é crepe?

— Sei.

— Já comeu? Ouvi falar que pode ser salgado ou doce.

— É, comi um com Nutella e morango uma vez.

Josh, Margot e eu fomos de carro até Richmond, porque Margot queria ir ao museu de Edgar Allan Poe. Almoçamos em uma cafeteria no centro, e foi isso que eu comi.

Os olhos de Kitty ficam grandes e gulosos.

— Espero que seja esse que a mãe dela vai fazer.

Em seguida, sai correndo, acho que para procurar o pijama na lavanderia no andar de baixo.

Pego o porco de pelúcia de Kitty e o aninho nos braços. Então até minha irmã de nove anos tem planos para sexta à noite. Se Margot estivesse aqui, iríamos ao cinema com Josh ou para o *happy hour* da Comunidade de Aposentados Belleview. Se meu pai estivesse em casa, talvez eu pudesse tomar coragem e pegar o carro dele, ou pedir para ele me levar, mas não posso nem fazer isso.

Depois que a carona de Kitty chega, volto para meu quarto e começo a organizar minha coleção de sapatos. Está um pouco cedo para trocar as sandálias por sapatos de inverno, mas troco assim mesmo porque fiquei com vontade. Penso em fazer o mesmo com as roupas, mas isso não é uma tarefa fácil. Então em vez disso me sento e escrevo uma carta para Margot no papel de carta que minha avó comprou na Coreia. É azul-claro com borda de ovelhas brancas fofinhas. Falo sobre a escola, sobre a professora nova de Kitty, sobre a saia lilás que comprei em um site japonês e que tenho certeza de que ela vai querer pegar emprestada, mas não conto nada importante.

Sinto tanta falta dela. Nada é o mesmo sem minha irmã. Estou vendo que o ano vai ser solitário, porque não tenho Margot, nem Josh, e estou sozinha. Tenho Chris, mas não de verdade. Queria ter mais

amigos. Se eu tivesse mais amigos, talvez não precisasse fazer uma coisa tão idiota quanto beijar Peter K. no corredor e dizer para Josh que ele é meu namorado.

ACORDO COM O barulho do cortador de grama.

É sábado de manhã, e não consigo voltar a dormir, então estou deitada na cama olhando para as paredes, com todas as fotos e coisas que guardei ao longo dos anos. Quero mudar um pouco o visual das coisas. Estou pensando em pintar o quarto. A única questão é: de que cor? Lilás? Rosa algodão-doce? Alguma coisa mais ousada, como turquesa? Talvez só uma parede? Talvez uma amarelo-calêndula, outra rosa-salmão. É muita coisa para pensar. Talvez seja melhor esperar Margot voltar para casa para tomar uma decisão tão importante. Além do mais, nunca pintei um quarto, e Margot já pintou, com o Habitat for Humanity. Ela vai saber o que fazer.

Aos sábados, costumamos ter alguma coisa gostosa no café da manhã, como panquecas ou *frittata* com batatas raladas congeladas e brócolis. Mas, como nem Kitty nem Margot estão em casa, como apenas cereal. Quem já ouviu falar de fazer panqueca ou *frittata* para uma pessoa só? Meu pai está acordado há horas; está lá fora, cortando a grama. Não quero ter que ir ajudar com as coisas do jardim, então me ocupo com a casa e limpo o primeiro andar. Passo pano, tiro o pó e limpo as mesas, e o tempo todo estou pensando em como vou sair dessa situação com Peter K. com pelo menos um resquício de dignidade. As engrenagens giram e giram, mas nenhuma boa solução me vem à cabeça.

* * *

Quando deixam Kitty em casa, estou dobrando as roupas limpas. Ela se deita no sofá de barriga para baixo.

— O que você fez ontem à noite? — pergunta ela.

— Nada. Só fiquei em casa.

— E?

— Arrumei meu armário. — É humilhante dizer isso em voz alta, então mudo logo de assunto. — A mãe da Alicia fez crepes salgados ou doces?

— Os dois. Primeiro comemos de presunto e queijo, depois de Nutella. Por que nunca compramos Nutella?

— Acho que é porque avelãs fazem a garganta da Margot coçar.

— Podemos comprar na próxima vez?

— Claro — respondo. — Só vamos ter que comer o pote inteiro

antes da Margot voltar para casa.

— Sem problema — diz Kitty.

— Em uma escala de um a dez, quanto você sente falta dela?

Kitty reflete.

— Seis e meio — responde ela, enfim.

— Só seis e meio?

— É, ando muito ocupada — explica, rolando e balançando as pernas no ar. — Não tive tempo de sentir falta da Margot. Sabe, se você saísse mais, talvez não sentisse tanta falta dela.

Jogo uma meia na cabeça de Kitty, que explode em uma crise de riso. Estou fazendo cócegas nas axilas dela quando nosso pai entra com uma pilha de cartas.

— Uma carta com devolução ao remetente chegou para você, Lara Jean — diz ele, me entregando o envelope.

É a minha letra! Eu me levanto e pego das mãos dele. É minha carta para Kenny, do acampamento. Ela voltou para mim!

— Quem é Kenny? — papai quer saber.

— Só um garoto que conheci no acampamento da igreja muito tempo atrás — digo, enquanto rasgo o envelope.

Querido Kenny,

Estamos no último dia de acampamento, e provavelmente é a última vez que vou ver você porque moramos muito longe um do outro. Lembra no segundo dia, quando eu estava com medo de usar o arco e você fez uma piada tão engraçada sobre sardinhas que eu quase fiz xixi na calça?

Paro de ler. Uma piada com *sardinhas*? Quão engraçado isso pode ter sido?

Eu estava com muita saudade de casa, mas você fez com que eu me sentisse melhor. Talvez até tivesse ido embora do acampamento mais cedo se não fosse por você, Kenny. Então, obrigada. Além do mais, você nada muito bem, e gosto da sua gargalhada. Queria que tivesse sido eu quem você beijou na fogueira ontem à noite, não Blaire H.

Se cuida, Kenny. Espero que tenha um bom fim de verão e uma ótima vida.

Com amor,
Lara Jean

Eu aperto a carta contra o peito.

Foi a primeira carta de amor que escrevi. Fico feliz de ela ter voltado para mim. Mas imagino que não seria tão ruim se Kenny Donati soubesse que ajudou duas pessoas naquele verão: o garoto que quase se afogou no lago e Lara Jean Song Covey, de doze anos.

QUANDO MEU PAI tira o dia de folga, faz comida coreana. Não é exatamente autêntica, às vezes ele apenas vai até o mercado coreano e compra acompanhamentos prontos e carne marinada, mas de vez em quando liga para nossa avó pedindo uma receita e tenta fazer. Esta é a questão: papai tenta. Ele não diz nada, mas sei que é porque não quer que a gente perca nossa ligação com o lado coreano da família, e a comida é a única forma que ele tem de contribuir. Depois que mamãe morreu, ele tentava nos fazer ir brincar com outras crianças coreanas, mas era sempre constrangedor e forçado. A não ser quando eu tive aquela quedinha por Edward Kim. Graças a Deus que isso nunca evoluiu para um amor intenso, senão eu também teria escrito uma carta para ele e precisaria evitar mais uma pessoa.

Meu pai fez *bo ssam*, que é paleta de porco fatiada e enrolada em alface. Ele colocou a carne em salmoura na noite anterior com açúcar e sal, e ela ficou no forno o dia todo. Kitty e eu ficamos vigiando; o cheiro é muito bom.

Quando finalmente chega a hora do jantar, meu pai arrumou tudo na mesa. Está lindo. Tem uma tigela prateada com folhas de alface lisa recém-lavadas, ainda úmidas; uma tigela de vidro com *kimchi*, que ele comprou no mercado; uma tigelinha com pasta de pimenta; molho shoyu com cebolinha e gengibre.

Meu pai está tirando fotos artísticas da mesa.

— Vou mandar uma foto para a Margot ver.

— Que horas são por lá? — pergunto a ele.

O dia está agradável; são quase seis da tarde e ainda estou de pijama. Abraço os joelhos, sentada na cadeira da sala de jantar que tem apoio para os braços.

— Onze. Tenho certeza de que ela ainda está acordada — diz meu pai enquanto tira as fotos. — Por que você não convida o Josh? Vamos precisar de ajuda para acabar com toda essa comida.

— Ele deve estar ocupado — respondo na mesma hora.

Ainda não decidi o que vou dizer para ele sobre mim e Peter, muito menos sobre mim e ele.

— Por que não tenta mesmo assim? Ele adora comida coreana. — Meu pai muda a paleta de lugar, colocando-a no centro da mesa. — Anda logo, antes que meu *bo ssam* esfrie!

Finjo mandar uma mensagem de texto. Fico me sentindo um pouco culpada por mentir, mas papai entenderia se soubesse de todos os fatos.

— Não entendo por que vocês, adolescentes, mandam mensagem de texto em vez de apenas ligar. Você receberia uma resposta imediata, não precisaria esperar.

— Você é tão velho, pai. — Olho para o celular. — Josh não pode vir. Vamos comer. Kitty! Hora do jantar!

— Estou indo! — grita Kitty do andar de cima.

— Talvez ele passe aqui mais tarde e pegue um pouco do que sobrar — diz meu pai.

— Pai, Josh tem vida própria. Por que ele viria se Margot não está aqui? Além do mais, eles nem estão mais juntos, lembra?

Papai faz uma expressão confusa.

— O quê? Não estão?

Acho que Margot acabou não contando para ele. Mas era de se imaginar que ele tivesse percebido isso quando Josh não foi com a gente ao aeroporto se despedir de Margot. Por que os pais não sabem de nada? Ele não tem olhos e ouvidos?

— Não, não estão. A propósito, Margot está na faculdade na Escócia. E meu nome é Lara Jean.

— Entendi, seu pai não sabe de nada. Não precisa esfregar na minha cara. — Ele coça o queixo. — Caramba, eu poderia jurar que a Margot não chegou a comentar...

Kitty entra correndo na sala de jantar.

— Hum, hum, hum.

Ela se senta com tudo e começa a colocar a paleta de porco no prato.

— Kitty, temos que fazer a oração primeiro — diz meu pai, sentando-se na cadeira.

Só oramos quando comemos na sala de jantar, e só comemos na sala de jantar quando papai faz comida coreana ou no Dia de Ação de Graças e no Natal. Mamãe nos levava à igreja quando éramos pequenas, e, depois que ela morreu, papai tentou manter a tradição, mas ele às vezes tem plantão aos domingos e nós acabamos indo lá cada vez menos.

— Obrigado, Deus, por essa comida com a qual fomos abençoados. Obrigado pelas minhas filhas lindas e, por favor, cuide da Margot. Em nome de Jesus, amém.

— Amém — Kitty e eu ecoamos.

— Parece ótimo, não é? — Papai está sorrindo enquanto monta uma folha de alface com carne de porco, arroz e *kimchi*. — Kitty, você sabe fazer, não sabe? É como um pequeno taco.

Kitty assente e o imita.

Faço meu próprio taco de folha de alface e quase cuspo tudo fora. A carne de porco está muito, muito salgada. Tão salgada que dá vontade de chorar. Mas continuo mastigando; do outro lado da mesa, Kitty faz

uma careta para mim, mas faço um gesto para ela não falar nada. Papai ainda não experimentou o dele; está tirando uma foto do prato.

— Está tão bom, pai — digo. — Igual ao do restaurante.

— Obrigado, Lara Jean. Ficou igual à foto. Não consigo acreditar em como a parte de cima está linda e crocante. — Meu pai finalmente dá uma mordida e franze a testa. — Está muito salgado para vocês?

— Não muito — minto.

Ele dá outra mordida.

— Está muito salgado. Kitty, o que você acha?

Kitty está bebendo água.

— Não, está gostoso, papai.

Faço um sinal de positivo escondido para ela.

— Hum, não, está realmente salgado. — Ele engole. — Segui a receita ao pé da letra... Será que usei o tipo de sal errado para a salmoura? Lara Jean, experimente de novo.

Dou uma mordida minúscula e tento esconder minha reação colocando a alface na frente do rosto.

— Humm.

— Talvez, se eu cortar mais do meio...

Meu celular vibra na mesa. É uma mensagem de Josh. Estava voltando de uma corrida e vi a luz acesa na sala de jantar. Uma mensagem de texto normal, como se ontem não tivesse acontecido. Comida coreana??

Josh tem uma espécie de sexto sentido para quando meu pai está fazendo comida coreana, porque sempre chega bem na hora em que nos sentamos para comer. Ele ama comida coreana. Quando minha avó vem visitar, ele não sai do lado dela. Até vê novelas coreanas com ela. Vovó corta pedaços de maçã e descasca tangerinas para ele como se Josh fosse um bebê. Minha avó gosta mais de garotos do que de garotas.

Agora que estou pensando melhor, todas as mulheres da minha família amam Josh. Exceto minha mãe, que não o conheceu. Mas tenho certeza de que ela também o amaria. Mamãe amaria qualquer um que fosse tão bom para Margot quanto Josh é... era.

Kitty estica o pescoço para olhar meu celular.

— É o Josh? Ele vem?

— Não!

Coloco o celular na mesa, e ele vibra de novo.

Posso ir aí?

— Ele está perguntando se pode vir! — exclama Kitty.

Meu pai se anima.

— Diga para ele vir! Quero a opinião dele sobre o *bo ssam*.

— Escutem, todo mundo nessa família precisa aceitar que Josh não

faz mais parte dela. Ele e Margot não são mais... — Eu hesito. Kitty ainda não sabe? Não consigo lembrar se é para ser segredo. — Quer dizer, agora que Margot está na faculdade e eles estão distantes...

— Eu sei que eles terminaram — diz Kitty, enrolando apenas arroz na alface. — A Margot me contou pelo computador.

Do outro lado da mesa, meu pai faz uma cara triste e coloca um pedaço de alface na boca.

— Só não entendo por que não podemos ser amigos dele — continua ela, com a boca cheia. — Ele é nosso amigo também. Não é, papai?

— É — concorda ele. — E olhem, os relacionamentos são incrivelmente amorfos. Eles podem voltar. Podem ficar amigos. Quem pode dizer o que vai acontecer no futuro? Eu acho que não devemos excluir Josh ainda.

Quando estamos quase terminando o jantar, recebo outra mensagem de Josh. Deixa pra lá.

* * *

Somos obrigados a comer a paleta de porco salgada durante o restante do fim de semana. Na manhã seguinte, meu pai faz bolinhos de arroz, corta a carne de porco em pedacinhos e diz para “fingirmos que é bacon”. No jantar, testo essa teoria misturando com macarrão com queijo, mas acabo jogando tudo fora porque fica com gosto de gororoba.

— Se tivéssemos um cachorro... — Kitty fica dizendo.

Acabo fazendo uma porção de macarrão comum.

Depois do jantar, levo Sadie para dar uma volta; ela é um golden retriever que mora na nossa rua. Os Shah vão passar a noite fora da cidade e me pediram para dar comida para Sadie e passear com ela. Normalmente, Kitty imploraria para fazer isso, mas ela quer ver um filme que vai passar na tevê.

Sadie e eu estamos fazendo o caminho de sempre até a rua sem saída quando Josh corre até nós usando roupas de ginástica. Ao se agachar e fazer carinho em Sadie, ele pergunta:

— E aí, como estão as coisas com o Kavinsky?

Engraçado você mencionar isso, Josh. Porque tenho uma história na ponta da língua. Peter e eu tivemos uma briga pelo telefone hoje de manhã (caso Josh tenha reparado que não saí de casa o fim de semana todo) e terminamos, e estou arrasada porque amo Peter Kavinsky desde o sétimo ano, mas *c'est la vie*.

— Na verdade, nós terminamos hoje de manhã. — Eu mordo o lábio e tento parecer triste. — É muito difícil, sabe? Depois de gostar dele por tanto tempo, Peter finalmente estava gostando de mim

também. Mas não era para ser. Acho que ele ainda não superou a Genevieve, talvez ela ainda tenha uma influência muito forte sobre o Peter. Não deve ter sobrado espaço no coração dele para mim.

Josh me olha de um jeito estranho.

— Não foi o que ele disse hoje na McCalls.

Que diabos Peter K. estava fazendo em uma livraria? Ele não é do tipo que frequenta livrarias.

— O que ele disse?

Eu tento parecer casual, mas meu coração bate com tanta força que tenho certeza de que Sadie pode ouvir.

Josh continua fazendo carinho na cadela.

— O que ele disse? — Agora estou apenas tentando não parecer histórica. — Tipo, o que ele disse exatamente?

— Quando estava fechando a compra, perguntei a ele quando vocês começaram a sair, e Peter disse que foi recentemente. E que gostava muito de você.

O quê...

Devo parecer tão chocada quanto me sinto, porque Josh se levanta e diz:

— Eu fiquei meio surpreso também.

— Você ficou surpreso por ele gostar de mim?

— É, mais ou menos. O Kavinsky não é do tipo que namoraria uma garota como você. — Fico olhando para ele com uma expressão fechada e séria, e Josh tenta consertar na mesma hora. — Quer dizer, porque você não é, sabe...

— Não sou o quê? Bonita como a Genevieve?

— Não! Não é isso que quero dizer. Você é uma garota doce e inocente que gosta de passar o tempo com a família e, sei lá, acho que o Kavinsky não parece o tipo de cara que ia gostar disso.

Antes que ele possa falar qualquer outra coisa, tiro o celular do bolso da jaqueta.

— É o Peter me ligando, então acho que ele gosta sim de garotas caseiras.

— Eu não disse caseira! Eu disse que você gosta de ficar em casa!

— Tchau, Josh. — Eu saio andando rápido, arrastando Sadie comigo. Ao celular, digo: — Oi, Peter.

NA AULA DE química, Peter se senta na fileira na frente da minha.

Escrevo um bilhete para ele. *Por que você disse ao Josh que nós...* Eu hesito e termino com *temos alguma coisa?*

Chuto a cadeira dele. Peter se vira e eu entrego o bilhete. Ele se encolhe na mesa para ler; em seguida, vejo-o escrever. Ele se vira na cadeira e solta o bilhete na minha mesa sem me olhar.

Alguma coisa? Haha.

Pressiono o lápis com tanta força que a ponta quebra. *Por favor, responda a pergunta.*

Conversamos depois.

Dou um suspiro frustrado, e Matt, meu parceiro de laboratório, me olha de um jeito estranho.

Depois da aula, Peter é arrastado pelos amigos; eles saem em um grupo enorme. Estou arrumando a mochila quando ele volta, sozinho. Peter se senta na minha mesa.

— Sobre o que você quer conversar? — pergunta, de maneira muito casual.

Eu limpo a garganta.

— Por que você disse ao Josh que nós estávamos... — Quase digo “tendo alguma coisa” de novo, mas mudo para “juntos”.

— Não sei por que está tão chateada. Fiz um favor a você. Eu poderia ter desmentido a sua história.

Hesito. Ele tem razão. Poderia.

— E por que não fez isso?

— Você tem mesmo um jeito engraçado de agradecer. De nada, aliás.

Automaticamente, eu retruco:

— Obrigada. — Espere. Por que estou agradecendo? — Aprecio o fato de ter me deixado beijar você, mas...

— De nada — diz ele de novo.

Argh! Ele é tão insuportável. Só por isso, tenho vontade de irritá-lo.

— Foi... muita generosidade de sua parte me deixar fazer isso. Mas já expliquei para o Josh que não vai dar certo entre nós porque a Genevieve tem você na palma da mão dela, então está tudo bem. Já pode parar de fingir.

Peter olha para mim, irritado.

— Não estou na palma da mão de ninguém.

— Como não? Vocês estão juntos desde o sétimo ano. Você é praticamente propriedade dela.

— Você não sabe o que está dizendo — debocha Peter.

— Houve um boato no ano passado de que ela obrigou você a fazer uma tatuagem com as iniciais dela na bunda como presente de aniversário. — Eu faço uma pausa. — E aí, você fez?

Eu estico a mão e finjo que vou levantar a parte de trás da camisa dele. Peter dá um grito e pula, e tenho um ataque de risos.

— Você tem *mesmo* uma tatuagem!

— Eu não tenho tatuagem! — grita ele. — E nem estamos mais juntos, então pode parar com essa merda? Nós terminamos. Acabou. Não quero mais saber dela.

— Espera, não foi *ela* que terminou com *você*?

Peter me olha de cara feia.

— Foi uma decisão mútua.

— Bem, tenho certeza de que vocês vão voltar logo, logo. Você e Gen já terminaram antes, não é? Só para voltarem de novo, tipo, imediatamente. Deve ser porque foi o primeiro namoro dos dois. É por isso que não conseguem se largar. Ouvi falar que todo mundo se sente assim em relação às pessoas com quem tem a primeira vez, principalmente para vocês, garotos.

O queixo de Peter cai.

— Como você sabe...?

— Ah, todo mundo sabe. Vocês fizeram aquilo no meio do nono ano, no porão dos pais dela, não foi?

Ele assente, contrariado.

— Está vendo? Até eu sei, e sou uma ninguém. Mesmo se vocês terminarem de verdade dessa vez, o que eu duvido muito, acho difícil que outra garota possa namorar você. — Com malícia, completo: — Não vamos esquecer o que aconteceu com Jamila Singh.

Peter e Genevieve terminaram por um mês no ano passado, e Peter começou a sair com Jamila Singh. Jamila talvez fosse até mais bonita do que Genevieve, ou tão bonita quanto, mas de um jeito diferente. Ela era mais curvilínea. Tinha cabelo preto comprido e ondulado, a cintura fina e uma bunda enorme. Vamos apenas dizer que as coisas não terminaram bem para ela. Não só Genevieve a expulsou do grupo, mas disse para todo mundo que a família de Jamila tinha um escravo indonésio morando com eles quando na verdade era só o primo dela. E tenho quase certeza de que foi Genevieve quem iniciou um boato na internet de que Jamila só lavava o cabelo uma vez por mês. A gota d'água foi quando os pais de Jamila receberam um e-mail anônimo dizendo que ela estava transando com Peter. Os pais de Jamila a transferiram na mesma hora para um colégio particular. Genevieve e Peter já estavam juntos de novo no baile de primavera.

— A Gen disse que não teve nada a ver com aquilo.

Olho para ele com expressão de *Sério?*.

— Por favor, Peter. Eu a conheço bem, e você também. Bem, eu a conhecia bem. Mas acho que as pessoas não mudam a essência. Elas são quem são.

— É mesmo — diz ele, lentamente. — Vocês duas costumavam ser melhores amigas.

— Nós éramos amigas — concordo. — Eu não diria melhores amigas, mas... — Espere um minuto, por que estamos falando de mim de novo? — Todo mundo sabe que foi a Genevieve quem contou para os pais da Jamila. Não precisa ser um detetive para descobrir que a Gen sentia ciúmes dela. Com exceção de Genevieve, a Jamila era a garota mais bonita do nosso ano. A Gen sempre foi muito ciumenta. Eu me lembro de uma vez em que meu pai comprou uma...

Peter está me encarando com um olhar pensativo, e de repente fico nervosa.

— O que foi?

— Vamos fazer isso por um tempinho.

— Fazer o quê?

— Deixar as pessoas pensarem que somos um casal.

Espera... o quê?

— A Gen está ficando maluca por não saber o que está rolando entre nós. Por que não a deixamos sem saber mais um tempinho? Na verdade, isso é perfeito. Você me namora, e a Gen vai perceber que acabou tudo entre nós. E vai ser você quem vai romper o lacre. — Ele levanta uma sobancelha para mim. — Você sabe o que é romper o lacre?

— Claro que sei o que é.

Eu não faço ideia do que é. Faço uma anotação mental para perguntar a Chris na próxima vez que nos encontrarmos.

Peter se aproxima de mim, e eu recuo. Ele ri, inclina a cabeça para o lado e coloca as mãos nos meus ombros.

— Então rompa meu lacre.

Eu solto uma gargalhada nervosa.

— Ha-ha, desculpa, Peter, mas não estou interessada em você.

— Exatamente. Eu também não estou interessado em você. Nem um pouco. — Peter estremece. — E aí, o que me diz?

Mexo os ombros para ele me soltar.

— Ei, eu acabei de explicar que a Gen destrói qualquer garota que se aproxima de você!

— A Gen só sabe falar. Ela nunca faria nada contra ninguém. Você só não a conhece como eu conheço. — Como não digo nada, ele encara meu silêncio como encorajamento e continua: — Isso também ajudaria você, sabia? Com aquele garoto, Josh. Você não estava toda preocupada de ficar sem graça na frente dele? Isso pode salvar você de mais humilhação. Afinal, por que você ficaria com ele quando pode

ficar comigo? Bem, fingir estar comigo. Mas vão ser só negócios. Não quero saber de você se apaixonando por mim também.

Sinto um grande prazer ao olhar seu rosto de Garoto Bonito e dizer docemente:

— Peter, eu não quero nem ser sua namorada de mentira, muito menos de verdade.

Ele pisca, sem entender.

— Por que não?

— Você leu minha carta. Você não é meu tipo. Ninguém ia acreditar que gosto de você.

— Você é que sabe. Só estou tentando fazer um favor para nós dois.

— Ele dá de ombros e olha por cima da minha cabeça, como se estivesse entediado com a conversa. — Mas o Josh com certeza acreditou.

Em um piscar de olhos, sem nem pensar, eu disparo:

— Tudo bem. Vamos fazer isso.

* * *

Horas mais tarde, ainda naquela noite, estou deitada na cama, ainda pensando em tudo aquilo. No que as pessoas vão dizer quando me virem andando pelo corredor com Peter Kavinsky.

NA MANHÃ SEGUINTE, Peter está me esperando no estacionamento quando desço do ônibus.

— Oi — diz ele. — Você vai mesmo pegar o ônibus todos os dias?

— Meu carro está no conserto, lembra? A batida?

Peter suspira como se o fato de eu pegar o ônibus para ir à escola fosse ofensivo para ele. Em seguida, segura minha mão, e andamos juntos para a escola.

É a primeira vez que ando pelo corredor do colégio de mãos dadas com um garoto. Devia parecer importante, especial, mas não parece, porque não é real. Na verdade, não sinto nada.

Emily Nussbaum fica nos encarando quando passamos. Emily é a melhor amiga de Gen. Ela olha tão intensamente que fico surpresa de não tirar uma foto com o celular para mandar para ela.

Peter diz oi para as pessoas, e eu fico ali sorrindo como se fosse a coisa mais natural do mundo. Eu e Peter Kavinsky.

Em determinado momento, tento soltar a mão da dele, porque minha palma está começando a ficar suada, mas ele aperta mais.

— Sua mão é quente demais — sussurro.

— Não, a sua que é — responde Peter entredentes.

Tenho certeza de que as mãos de Genevieve nunca suam. Ela provavelmente poderia ficar de mãos dadas durante dias sem que elas ficassem quentes.

Quando chegamos ao meu armário, finalmente soltamos as mãos para eu deixar os livros lá dentro. Estou fechando a porta quando Peter se inclina para me beijar na boca. Levo um susto tão grande que viro a cabeça e batemos as testas.

— Ai!

Peter massageia a testa e olha para mim com irritação.

— Por que chegou assim de fininho?!

Minha testa também está doendo. Batemos com força, como címbalos. Se erguesse o olhar agora, eu veria passarinhos azuis de desenho animado.

— Fale baixo, pateta — resmunga ele.

— Não me chame de pateta, pateta — respondo, também sussurrando.

Peter dá um grande suspiro, como se estivesse muito bravo. Estou prestes a dizer que é culpa dele, não minha, quando vejo Genevieve vindo pelo corredor.

— Tenho que ir — digo, e saio correndo na direção oposta.

— Espere! — grita Peter.
Mas continuo correndo.

* * *

Estou deitada na cama com o travesseiro no rosto, revivendo aquela terrível tentativa de beijo. Fico tentando bloquear a lembrança, mas ela não para de voltar.

Coloco a mão na testa. Acho que não consigo fazer isso. É tudo tão... O beijo, as mãos suadas, todo mundo olhando. É demais.

Vou ter que dizer para ele que mudei de ideia e não quero mais fazer isso e pronto. Não tenho o número do celular dele e não quero falar sobre isso por e-mail. Vou ter que ir até a casa dele. Não é longe, ainda lembro o caminho.

Desço a escada correndo e passo por Kitty, que está equilibrando um prato com biscoitos recheados e um copo de leite em uma bandeja.

— Vou pegar sua bicicleta emprestada! — grito ao passar correndo por ela. — Volto logo!

— Não quero ver nenhum arranhão nela! — grita Kitty em resposta.

Pego o capacete e a bicicleta de Kitty e saio em disparada pelo quintal, pedalando o mais rápido que posso. Meus joelhos estão quase na altura do peito, mas não sou tão mais alta do que Kitty, então não é tão desconfortável. Peter mora a dois bairros de distância. Demoro menos de vinte minutos para chegar lá.

Quando chego, não tem nenhum carro na entrada da garagem. Peter não está em casa. Meu coração despenca. O que vou fazer agora? Esperar sentada na varanda como se fosse uma stalker? E se a mãe dele chegar primeiro?

Tiro o capacete e me sento por um minuto para descansar. Meu cabelo está úmido e suado do exercício, e estou exausta. Tento ajeitá-lo com os dedos. É uma causa perdida.

Quando decido mandar uma mensagem de texto para Chris para ver se ela pode me buscar, o carro de Peter surge na rua e entra na garagem. Derrubo o celular e me abaixo para pegar, desajeitada.

Peter sai do carro e ergue as sobancelhas para mim.

— Vejam quem está aqui. Minha querida namorada.

Eu me levanto e aceno para ele.

— Posso falar com você um minuto?

Ele coloca a mochila no ombro e se aproxima devagar. Senta-se no degrau da frente como um príncipe no trono, e eu fico de pé diante dele, com o capacete em uma das mãos e o celular na outra.

— E aí? — diz ele. — Deixa eu adivinhar. Você quer dar para trás, certo?

Ele é tão arrogante, tão convencido. Não quero dar a ele a

satisfação de estar certo.

— Eu só queria conversar sobre o plano — digo, me sentando. — Combinar nossa história antes que as pessoas comecem a fazer perguntas.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Ah. Tudo bem. Faz sentido. E como *foi* que ficamos juntos?

Eu junto as mãos na frente do corpo e recito:

— Quando me envolvi naquele acidente semana passada, você estava passando de carro por acaso e esperou o reboque comigo, depois me levou para casa. Você ficou nervoso o tempo todo porque tinha uma queda por mim desde o fundamental. Seu primeiro beijo foi comigo. Essa era sua grande chance...

— *Meu* primeiro beijo foi com *você*? — interrompe ele. — Que tal o *seu* primeiro beijo foi *comigo*? É bem mais crível.

Eu o ignoro e continuo:

— Essa era sua grande chance. Você decidiu aproveitar: me convidou para sair naquele mesmo dia, e, a partir de então, passamos a nos ver sempre, somos basicamente um casal.

— Acho que a Gen não vai cair nessa — diz ele, balançando a cabeça.

— Peter — falo com a voz mais paciente do mundo —, as mentiras mais críveis são as que têm pelo menos um pouco de verdade. Eu sofri mesmo o acidente de carro; você realmente parou e me fez companhia; nós nos beijamos no ensino fundamental.

— Não é isso.

— Então o que é?

— Gen e eu ficamos juntos naquele dia, depois que me encontrei com você.

Eu suspiro.

— Tudo bem. Me poupe dos detalhes. Mas minha história ainda funciona. Depois do acidente, você não conseguiu me tirar da cabeça, então me chamou para sair assim que a Genevieve chutou... quer dizer, assim que vocês terminaram. — Eu pigarreio. — E já que estamos falando nisso, eu também gostaria de estabelecer umas regras.

— Que tipo de regras? — pergunta ele, se inclinando.

Eu comprimo os lábios e respiro fundo.

— Bem... não quero que você tente me beijar de novo.

Peter dá um meio sorriso.

— Pode acreditar, eu também não quero. Minha testa está doendo desde hoje de manhã. Acho que estou com um hematoma. — Ele tira a franja da testa. — Você está vendo um hematoma?

— Não, mas vejo um indício de calvície.

— *O quê?*

Rá. Eu sabia que isso ia deixá-lo preocupado. Peter é tão vaidoso.

— Calma, só estou brincando. Você tem papel e caneta?

— Você vai escrever?

— Vai nos ajudar a lembrar — explico, com presunção.

Peter revira os olhos, enfia a mão na mochila, tira um caderno e o entrega para mim. Abro em uma página em branco, escrevo no topo *Contrato* e, logo abaixo, *Nada de beijo*.

— As pessoas vão mesmo acreditar se nunca nos tocarmos em público? — pergunta Peter com uma expressão cética.

— Acredito que relacionamentos não se resumem à parte física. Há várias formas de mostrar que você gosta de alguém sem usar os lábios.

— Peter está sorrindo e parece prestes a fazer uma piadinha, então acrescento rapidamente: — Ou qualquer outra parte do corpo.

Ele resmunga.

— Você tem que me dar alguma coisa para trabalhar, Lara Jean. Tenho uma reputação. Nenhum dos meus amigos vai acreditar que de repente virei um padre para namorar você. Posso pelo menos botar a mão no bolso de trás da sua calça? Vai ser puramente profissional, prometo.

Não falo o que estou pensando, que ele se importa demais com o que as pessoas pensam dele. Só concordo e escrevo: *Peter tem permissão para colocar a mão no bolso de trás da calça de Lara Jean*.

— Mas nada de beijo — insisto, com a cabeça abaixada para ele não me ver corar.

— Foi você que começou — ele me lembra. — Além disso, não tenho herpes. Não precisa se preocupar.

— Eu não acho que você tem herpes. — Eu olho para ele. — A questão é que... eu nunca tive namorado. Nunca saí com um garoto, nem andei de mãos dadas pelo corredor. Isso tudo é novidade para mim, então peço desculpas pela testa hoje de manhã. Eu só... queria que todas essas coisas estivessem acontecendo pela primeira vez de verdade, e não com você.

Peter parece pensar no assunto.

— Tudo bem. Vamos deixar algumas coisas de lado, então.

— Sério?

— Claro. Vamos deixar algumas coisas para você fazer quando for para valer, não fingimento.

Fico sensibilizada. Quem poderia imaginar que Peter seria tão atencioso e generoso?

— Por exemplo, não vou pagar nada para você. Vou deixar isso para um cara que goste de você de verdade.

Meu sorriso some.

— Eu não estava esperando que você pagasse nada!

Peter pega o embalo.

— E não vou levar você até a sala de aula nem comprar flores.

— Já entendi. — Parece que Peter está mais preocupado com a carteira dele do que comigo. Ele é tão pão-duro. — Quando você estava com a Genevieve, que tipo de coisas ela gostava que você fizesse?

Fico com medo de ele aproveitar a oportunidade para fazer uma piada, mas ele só olha para o nada e diz:

— Ela sempre ficava me enchendo o saco para escrever bilhetes.

— Bilhetes?

— É, na escola. Eu não entendia por que não podia simplesmente mandar uma mensagem de texto. É imediato, eficiente. Por que não usar a tecnologia disponível para isso?

Isso eu entendia perfeitamente. Genevieve não queria bilhetes. Ela queria cartas. Cartas de verdade, escritas à mão em papel, que ela pudesse segurar e guardar e reler sempre que desse vontade. Eram provas sólidas e tangíveis de que alguém estava pensando nela.

— Vou escrever um bilhete para você todos os dias — diz Peter de repente, empolgado. — Isso vai deixar a Genevieve louca.

Eu anoto *Peter vai escrever um bilhete para Lara Jean todos os dias*.

— Anota aí que você precisa ir a algumas festas comigo. E nada de comédias românticas.

— Quem falou sobre comédias românticas? Nem toda garota gosta de comédias românticas.

— Dá para perceber que você é o tipo de garota que gosta.

Fico irritada por ele ter essa percepção de mim, e ainda mais irritada por ele estar certo. Escrevo *NADA DE FILMES DE AÇÃO IDIOTAS*.

— O que sobrou, então? — pergunta Peter.

— Filmes de super-herói, filmes de terror, filmes de época, documentários, filmes estrangeiros...

Peter faz uma careta, pega a caneta e o papel da minha mão e escreve *NADA DE FILMES ESTRANGEIROS*. E depois *Lara Jean vai botar a foto de Peter como papel de parede do celular*.

— E vice-versa! — Eu viro o celular para ele. — Sorria.

Peter sorri, e, argh, como a beleza dele é irritante. Ele pega o celular, mas eu o impeço.

— Agora não. Meu cabelo está suado e nojento.

— Tem razão — concorda Peter, e tenho vontade de dar um soco nele.

— Anote aí também que nenhum de nós pode falar a verdade sob nenhuma circunstância — peço a ele.

— A primeira regra do Clube da Luta.

— Nunca vi esse filme.

— Claro que não — comenta ele, e faço uma careta.

Além disso: nota mental, ver *Clube da Luta*.

Peter escreve, e eu me sento ao lado dele e pego a caneta para sublinhar “sob nenhuma circunstância” duas vezes.

— E o prazo? — pergunto de repente.

— Como assim?

— Por quanto tempo vamos fazer isso? Duas semanas? Um mês?

Peter dá de ombros.

— Pelo tempo que der vontade.

— Mas... você não acha que deveríamos ter alguma coisa combinada...

Ele me interrompe:

— Você precisa relaxar, Lara Jean. A vida não precisa ser tão *planejada*. Deixe rolar e veja o que acontece.

Eu suspiro.

— Palavras de sabedoria do grande Kavinsky. — Peter ergue as sobrancelhas para mim. — Desde que acabe antes de a minha irmã voltar para o Natal. Ela sempre sabe quando estou mentindo.

— Ah, com certeza isso já vai ter terminado até lá — assegura ele.

— Que bom — digo, e assino o papel.

Ele também assina, e temos nosso contrato.

Sou orgulhosa demais para pedir carona, e Peter não oferece, então coloco o capacete e volto com a bicicleta de Kitty para casa. Estou na metade do caminho quando me dou conta de que não trocamos números de celular. Eu nem sei o número do celular do meu suposto namorado.

ESTOU NA McCALLS comprando um exemplar de *À margem da vida* para a aula de inglês e dando uma olhada na livraria, procurando por Josh. Peter e eu temos tudo planejado, e posso me gabar à vontade. Agora ele vai ver só por achar que sou uma garota caseira que nenhum garoto iria querer namorar.

Eu o vejo arrumando uma estante na seção de não ficção. Ele não me vê, então me aproximo sorrateiramente por trás e grito:

— Bu!

Ele dá um pulo e larga um livro no chão.

— Que susto!

— Era esse o objetivo, Josh!

Estou tendo um ataque de riso. A cara dele! Eu me pergunto: por que é tão engraçado se aproximar sorrateiramente e assustar as pessoas?

— Tudo bem, tudo bem. Pode parar de rir. O que você veio fazer aqui?

Eu levanto o livro e o balanço na frente do rosto dele.

— Meu professor de inglês é o sr. Radnor. Você teve aula com ele, não teve?

— Tive, ele é bom. Rigoroso, mas justo. Ainda tenho as anotações, se você quiser.

— Obrigada. — Com alegria, acrescento: — Adivinha. Peter e eu não terminamos, no fim das contas. Foi só um mal-entendido.

— Ah, é?

Josh começa a colocar os livros na prateleira.

— É. Nos encontramos ontem e conversamos por muito, muito tempo. Sinto que posso conversar com ele sobre qualquer coisa, sabe? Ele realmente me entende.

Josh franze a testa.

— Sobre o que vocês conversam?

— Ah, tudo. Filmes, livros, essas coisas.

— Ah. Ele não parece ser o tipo de cara que gosta de ler. — Josh aperta os olhos e espia por cima do meu ombro. — Ei, tenho que ajudar a Janice no balcão. Quando estiver pronta para pagar, vá até o meu caixa que eu dou um desconto.

Hum, essa não era exatamente a reação que eu esperava. Quase não pude me gabar.

— Combinado — respondo, mas ele já está se afastando.

Abraço o livro no peito. Agora que Josh sabe que não estou mais

apaixonada por ele e que estou namorando Peter, acho que tudo vai voltar ao normal. Como se ele nunca tivesse recebido minha carta.

— A MARGOT LIGOU quando você estava na rua — diz meu pai, durante o jantar.

Estamos comendo salada. Salada para mim e para papai e cereal para Kitty. Era para ser peito de frango, mas esqueci de tirar do freezer de manhã, então só tem alface, cenoura e molho de vinagre balsâmico. Papai está incrementando a dele com dois ovos cozidos, e eu, com uma torrada amanteigada. Que jantar. Cereal e alface. Preciso ir ao mercado logo.

Desde que Margot foi embora, só falei com ela duas vezes, e uma delas foi com todos nós reunidos ao redor do meu laptop. Não consegui perguntar sobre as coisas boas, a vida de verdade, as aventuras que ela tem vivido e as pessoas que está conhecendo. Acho que ouvi falar que os escoceses bebem absinto nos pubs. Eu me pergunto se ela já experimentou. Mandeí vários e-mails para Margot, mas só recebi uma resposta até agora. Entendo que ela está ocupada, mas o mínimo que ela podia fazer é responder uma vez por dia. Até onde ela sabe, eu poderia estar morta em uma vala.

— O que ela disse? — pergunto enquanto corto minha cenoura em pedacinhos pequenos.

— Ela está pensando em entrar para o time de *shinty* — diz papai, limpando molho de salada do queixo.

— O que é *shinty*? — Kitty me pergunta, e eu dou de ombros.

— É um esporte escocês parecido com hóquei na grama — explica papai. — Começou como um treino seguro de lutas com espada na Escócia medieval.

Chato. Antes que papai possa começar a falar mais sobre a Escócia medieval, eu digo:

— Que tal mandarmos um pacote especial para a Gogo? Com coisas que ela não encontra por lá.

— Vamos! — exclama Kitty com alegria.

— O que podemos mandar? — pergunto. — Acho que todos devemos contribuir com alguma coisa.

Papai mastiga e bate com o dedo no queixo.

— Vou mandar umas vitaminas — diz ele. — E Advil. Acho que ela só levou um vidro pequeno, e vocês sabem que ela tem enxaqueca às vezes.

— Concorde. — Aponto para Kitty com o garfo. — E você?

— Tem uma coisa que quero mandar — fala Kitty. — Posso ir pegar?

Papai e eu nos entreolhamos e damos de ombros.

— Claro.

Kitty volta correndo com um desenho que fez de Margot. Fazendo carinho em um cachorro da mesma raça que Kitty quer. Um akita. Não consigo segurar uma gargalhada.

Kitty franze a testa.

— Qual é a graça?

— Nada.

— Você acha que ficou bom? — pergunta ela. — Bom o bastante para ela pendurar na parede?

— Sem dúvida — respondo.

— Não, quero que você olhe de verdade. Que faça uma crítica. Sempre posso fazer melhor. A Margot não vai querer se não for meu melhor trabalho.

— Kitty, não tenho dúvida de que é — digo. — Por que eu mentiria?

Ela suspira.

— Só não sei se já está terminado.

— Só o artista sabe — comenta papai, assentindo com sabedoria.

— O que você acha do cachorro? — pergunta Kitty para ele. — Não é fofo?

Papai pega o desenho da minha mão e olha com atenção.

— Sim, o cachorro é mesmo bonito.

— Eu também sou oriental — diz ela.

Kitty volta a se sentar, come uma colherada de cereal e tenta não sorrir. Ela está usando a estratégia de plantar associações positivas sobre cachorros na cabeça de papai. Ela é incansável. Está sempre tentando uma abordagem nova.

— O que mais vai entrar no pacote? — Kitty quer saber.

Começo a falar e a contar nos dedos.

— Absorventes internos, porque não sei se tem a marca que a gente gosta na Escócia, um pijama de flanela, meias grossas, biscoitos das escoteiras...

— Onde vamos conseguir biscoitos das escoteiras nessa época do ano? — pergunta papai.

— Tenho uma caixa de biscoitos de chocolate com menta escondida no freezer.

Ele me olha com mágoa.

— Escondida de quem?

Chocolate com menta é o sabor favorito dele. Se houver biscoito sabor chocolate com menta em casa, pode esquecer. Papai é o monstro dos biscoitos de chocolate com menta.

Dou de ombros, sem responder.

— Também vou mandar a caneta favorita da Margot e... acho que

só.

— Não se esqueça das botas marrons dela — lembra papai. — Ela pediu para enviarmos os coturnos marrons.

— Pediu? — Eu estava torcendo para Margot não ter reparado que as deixou em casa. — Quando ela disse isso?

— Ela me mandou um e-mail ontem.

— Vou ver se consigo encontrar.

— Você não usou no fim de semana? — pergunta papai.

— Estão no seu armário — comenta Kitty, na mesma hora.

Eu levanto as mãos.

— Tudo bem, tudo bem!

— Se você montar a caixa hoje, posso deixá-la no correio amanhã de manhã quando estiver indo para o trabalho — oferece papai.

Eu balanço a cabeça.

— Quero mandar o cachecol que estou tricotando, e não vai ficar pronto a tempo. Talvez daqui a uma ou duas semanas.

Enquanto toma o leite, Kitty balança a mão e aconselha:

— Desiste logo do cachecol. Tricô não é seu forte.

Abro a boca para discutir, mas fecho. Talvez ela esteja certa. Se esperarmos meu cachecol ficar pronto para mandar a caixa, Margot provavelmente já vai ter terminado a faculdade.

— Tudo bem — concordo. — Vamos mandar a caixa sem o cachecol. Mas não estou dizendo que vou desistir do tricô. Vou continuar tricotando para o cachecol ser seu presente de Natal, Kitty.

— Dou um sorriso doce para ela. — É rosa. Sua cor favorita.

Kitty arregala os olhos, horrorizada.

— Ou para Margot. Você pode dar para a Margot.

* * *

Kitty enfia um pedaço de papel por baixo da minha porta naquela noite. É a lista de Natal dela. Estamos em setembro, ainda faltam meses para o Natal! “Filhote” está escrito no alto em letras de forma. Ela também quer uma colônia de formigas, um skate e uma tevê no quarto dela. É, a tevê não vai rolar. Mas posso comprar a colônia. Ou talvez possa convencer papai a comprar o cachorrinho. Ela não disse nada, mas acho que sente muita falta de Margot. De certa forma, Margot é a única mãe que ela conheceu. Deve ser difícil para Kitty estar tão longe dela. Vou ter que me lembrar de ser mais paciente, mais atenciosa. Ela precisa de mim agora.

Vou até o quarto dela e deito na cama. Ela acabou de apagar a luz, mas já está bem sonolenta.

— Que tal um gatinho? — sussurro.

Ela abre os olhos.

— De jeito nenhum.

— Você não acha que nossa família combina mais com um gatinho?

— Em um tom sonhador, acrescento: — Um gatinho cinza e branco peludo com rabo bem fofinho. Poderíamos dar o nome de Príncipe se for macho. Ah, ou Gandalf, o Cinzento! Não seria fofo? Ou, se for fêmea, talvez Agatha. Ou Tilly. Ou Boss. Depende muito da personalidade dela.

— Para. Não vamos ter um gato. Gatos são chatos. Também são muito manipuladores.

Impressionada, eu pergunto:

— Onde você aprendeu essa palavra?

— Na tevê.

— Um cachorrinho é muita responsabilidade. Quem vai dar comida, levar para passear e treinar a fazer as necessidades fora de casa?

— Eu. Eu faço tudo. Sou responsável o bastante para cuidar dele sozinho.

Eu me aconchego mais nela. Adoro o cheiro do cabelo de Kitty depois que ela toma banho.

— Rá! Você nem lava a louça. Nunca. Nem arruma seu quarto. E quando foi que ajudou a dobrar a roupa lavada na vida? Falando sério, se você não faz nenhuma dessas coisas, como pode ser responsável por uma criatura viva?

Kitty me empurra.

— Então vou ajudar mais!

— Só acredito vendo.

— Se eu ajudar mais, você me ajuda a convencer o papai sobre o cachorro?

— Ajudo — concordo. — Se puder provar para mim que não é mais um bebê. — Kitty vai fazer dez anos em janeiro. É idade suficiente para ajudar mais em casa. Margot a mimia demais. — Você vai ficar responsável por esvaziar as latas de lixo do segundo andar uma vez por semana. E ajudar com as roupas.

— Então... vou ter aumento na mesada?

— Não. Seu incentivo é eu ajudar você a convencer papai de ter um cachorro e você provar que não é mais um bebê. — Eu afofo o travesseiro. — Aliás, vou dormir aqui hoje.

Kitty me dá um chute, e eu quase caio da cama.

— Você que é um bebê, não eu, Lara Jean.

— Me deixa dormir aqui!

— Você rouba todas as cobertas.

Kitty tenta me chutar de novo, mas deixo o corpo pesado e finjo que já estou dormindo. Em pouco tempo, nós duas adormecemos de verdade.

Na noite de domingo, estou fazendo o dever de casa na cama quando recebo uma ligação de um número desconhecido.

— Alô?

— Oi. O que você está fazendo?

— Hã... desculpa, mas quem é?

— É o Peter!

— Ah. Como conseguiu meu número?

— Não importa.

Há um silêncio meio longo. É agonizante cada milissegundo que passa sem nenhum de nós falar nada, mas não sei o que dizer.

— Então, o que você queria?

Peter ri.

— Você é tão estranha, Covey. Seu carro está na oficina, não é? Que tal uma carona para a escola?

— Tudo bem.

— Sete e meia.

— Tudo bem.

— Tu-do bem...

— Tchau — digo, e desligo.

NA MANHÃ SEGUINTE, acordo Kitty cedo para ela fazer uma trança no meu cabelo.

— Me deixa em paz — diz ela, rolando para o lado. — Estou dormindo.

— Por favor, por favor, por favor, você faz uma coroa trançada? — peço, me agachando ao lado da cama.

— Não. Vou fazer uma trança lateral e pronto.

Kitty trança meu cabelo depressa e volta a dormir, e eu saio para decidir que roupa usar. Agora que Peter e eu estamos oficialmente juntos, as pessoas vão reparar mais em mim, então tenho que me preocupar com minha aparência. Experimento o vestido de bolinhas e manga bufante com uma meia-calça, mas não fica bom. Nem meu suéter favorito de coração com pompons. Tudo de repente parece tão infantil. Finalmente, me decido por um vestidinho floral que comprei em um site japonês de moda de rua, e combino com uma bota de cano curto. É um visual meio Londres dos anos 1970.

Quando desço a escada, às 7h25, Kitty está me esperando sentada à mesa da cozinha usando uma jaqueta jeans.

— Por que você já está aqui embaixo?

O ônibus dela só passa às oito.

— Tenho excursão hoje, então tenho que chegar mais cedo na escola. Lembra?

Eu corro e dou uma olhada no calendário na geladeira. Lá está, com minha letra: *Excursão da Kitty*. Droga.

Eu tinha que levá-la de carro, mas isso foi antes do acidente. Papai trabalhou no turno da noite no hospital e ainda não chegou em casa, então não tenho carro.

— Uma das mães não pode vir buscar você?

— Não dá mais tempo. O ônibus sai às 7h40. — O rosto de Kitty está ficando vermelho, e seu queixo começa a tremer. — Não posso perder o ônibus, Lara Jean!

— Calma, não precisa ficar chateada. Vamos pegar uma carona que já está a caminho. Não se preocupa, tá? — Tiro uma banana esverdeada do cacho. — Vamos esperar lá fora.

— Quem?

— Vem logo.

Kitty e eu estamos esperando nos degraus da varanda enquanto dividimos a banana meio verde. Nós duas preferimos a banana antes de amadurecer, ainda meio verde, a quando ela fica manchada de marrom. É Margot que gosta das manchadas. Eu tento guardar para fazer pão de banana, mas Margot come todas, até mesmo as partes moles e amassadas. Eu me arrepio só de pensar.

O ar está meio frio, apesar de estarmos em setembro e praticamente ainda ser verão. Kitty esfrega as pernas para se aquecer. Ela disse que vai usar short até outubro; esse é o plano dela.

Já passa de sete e meia e nada de Peter chegar. Estou começando a ficar nervosa, mas não quero que Kitty se preocupe. Decido que, se ele não chegar em exatamente dois minutos, vou até a casa ao lado pedir ao Josh para levar Kitty à escola.

Do outro lado da rua, nossa vizinha, a sra. Rothschild, acena para nós enquanto tranca a porta da frente com um grande copo de café na mão. Ela corre para o carro.

— Bom dia, sra. Rothschild! — nós duas falamos em coro. Cutuco Kitty com o cotovelo e acrescento, baixinho: — Cinco, quatro, três, dois...

— Droga! — grita a sra. Rothschild.

Ela derramou café na mão. Faz isso pelo menos duas vezes por semana. Não sei por que não vai mais devagar, ou coloca uma tampa no copo, ou não o enche tanto.

Nesse momento, Peter aparece, e o Audi preto brilha ainda mais sob a luz do sol. Eu me levanto.

— Vem, Kitty.

Ela me segue.

— Quem é esse? — ouço-a sussurrar.

As janelas estão abertas. Chego perto do lado do passageiro e coloco a cabeça dentro do carro.

— Tudo bem se a gente for deixar minha irmã na escola? — pergunto. — Ela tem que chegar cedo hoje para uma excursão.

Peter parece irritado.

— Por que você não falou ontem?

— Eu não sabia ontem!

Atrás de mim, posso sentir mais do que ouvir a impaciência de Kitty.

— É um carro de dois lugares — diz Peter, como se eu não pudesse ver com meus próprios olhos.

— Eu sei. Vou colocar Kitty no colo e passar o cinto de segurança por nós duas.

Meu pai me mataria se soubesse, mas não vou contar, e Kitty também não.

— É, porque isso parece bem seguro.

Ele está sendo sarcástico. Odeio quando as pessoas são sarcásticas.
É tão baixo.

— São três quilômetros!

Ele suspira.

— Tudo bem. Entrem.

Abro a porta, entro e coloco a bolsa no chão.

— Entra, Kitty. — Abro espaço entre as pernas, e ela se senta. Coloco o cinto e fico com os braços ao redor dela. — Não conte para papai.

— Dã — diz ela.

— Oi. Qual é o seu nome? — pergunta Peter.

Kitty hesita. Isso acontece cada vez mais. Com pessoas novas, ela precisa decidir se vai ser Kitty ou Katherine.

— Katherine.

— Mas todo mundo chama você de Kitty?

— Todo mundo que me conhece — responde Kitty. — Você pode me chamar de Katherine.

Os olhos de Peter se iluminam.

— Você é durona — comenta, admirado.

Kitty ignora, mas fica espiando Peter. Ele tem esse efeito sobre as pessoas. Sobre as garotas. Mulheres, até.

Seguimos pelo bairro em silêncio.

— Quem é você, afinal? — pergunta Kitty, por fim.

Olho para ele, que está olhando para a frente.

— Sou Peter. Sou, há, namorado da sua irmã.

Meu queixo cai. Nunca falei nada sobre mentir para nossas famílias! Achei que seria só na escola.

Kitty fica imóvel nos meus braços. Em seguida, se vira para olhar para mim.

— *Ele é seu namorado? Desde quando?*

— Desde a semana passada.

Pelo menos isso é verdade. Mais ou menos.

— Mas você não falou nada! Nem uma maldita palavra, Lara Jean!

— Não diga “maldita” — repreendo automaticamente.

— Nem uma maldita palavra — repete Kitty enquanto balança a cabeça.

Peter dá uma gargalhada, e olho para ele com cara feia.

— Tudo aconteceu muito rápido — diz ele. — Quase não tivemos tempo de contar para as pessoas...

— Por acaso eu estava falando com você? — corta Kitty. — Não, acho que não. Eu estava falando com a minha irmã.

Peter arregala os olhos, e posso ver que está tentando manter o rosto sério.

— A Margot sabe? — ela me pergunta.

— Ainda não, e não quero que você conte antes que eu tenha a oportunidade de fazer isso.

— Humpf.

Isso parece acalmar Kitty um pouco. Saber de alguma coisa primeiro, antes de Margot, é importante.

Mas logo chegamos à escola, e graças a Deus o ônibus ainda está no estacionamento. Todas as crianças estão enfileiradas na frente dele. Solto a respiração que estava prendendo durante todo o caminho, e Kitty já está se soltando de mim e saindo do carro.

— Divirta-se na excursão! — grito.

Ela se vira e aponta um dedo acusatório para mim.

— Quero ouvir a história *inteira* quando chegar em casa!

Com esse decreto, ela sai correndo na direção do ônibus.

Eu recoloco o cinto.

— Hã, não me lembro de termos decidido dizer para nossas famílias que éramos namorados.

— Ela ia acabar descobrindo se eu for ficar levando vocês de carro por aí.

— Você não precisava dizer “namorado”. Podia ter dito “amigo”.

Estamos chegando perto da escola agora, só faltam dois sinais de trânsito. Dou um puxão nervoso na trança.

— Você já falou com a Genevieve?

Peter franze a testa.

— Não.

— Ela não comentou nada com você?

— Não. Mas tenho certeza de que vai comentar em breve.

Peter entra ainda correndo no estacionamento e para em uma vaga. Quando saímos do carro e seguimos para a entrada, ele entrelaça os dedos com os meus. Acho que ele vai me levar até meu armário como fez antes, mas ele me leva na direção oposta.

— Aonde estamos indo?

— Para o refeitório.

Estou prestes a protestar, mas, antes que eu possa falar, ele diz:

— Precisamos começar a aparecer juntos em público. O refeitório é onde vamos provocar o maior efeito.

Josh não vai estar no refeitório — isso é coisa de gente popular —, mas sei quem quase certamente vai estar lá: Genevieve.

Quando entramos, ela já está sentada à mesa de sempre com sua corte: Emily Nussbaum e Gabe e Darrell, do time de lacrosse. Estão todos comendo e bebendo café. Ela deve ter um sexto sentido em relação a Peter, porque lança um olhar ferino para nós na mesma hora. Começo a andar mais devagar, o que Peter não parece perceber. Ele vai direto para a mesa, mas no último segundo eu amarelo. Puxo a mão dele e digo:

— Vamos sentar ali.

E aponto para uma mesa vazia na linha de visão deles.

— Por quê?

— É que... Por favor. — Eu penso rápido. — Porque, sabe, seria muita babaquice sua levar outra garota para a mesa depois de ter terminado com ela há, sei lá, um minuto. E assim Genevieve pode observar de longe e se questionar um pouco mais.

Além disso, estou apavorada.

Enquanto arrasto Peter até a mesa, ele acena para os amigos e dá de ombros como quem diz *Fazer o quê?*. Eu me sento e Peter se senta ao meu lado. Ele puxa minha cadeira para mais perto da dele e ergue as sobrancelhas.

— Você tem tanto medo dela assim?

— Não.

Sim.

— Você vai ter que enfrentar a Gen em algum momento.

Peter se inclina para a frente, segura minha mão e começa a passar o dedo nas linhas da palma.

— Para — digo. — Está me dando nervoso.

Ele me lança um olhar magoado.

— As garotas adoram quando eu faço isso.

— Não, a *Genevieve* adora. Ou finge que adora. Sabe, agora que estou pensando no assunto, você não tem *tanta* experiência assim quando o assunto é garotas. Só uma. — Eu tiro a mão da dele e a coloco sobre a mesa. — Todo mundo acha você um grande Don Juan, mas na verdade você só ficou com a Genevieve e com a Jamila por, tipo, um mês...

— Tá, tá. Entendi. Já chega. Estão olhando para a gente.

— Quem? Sua mesa?

Peter dá de ombros.

— Todo mundo.

Olho rapidamente ao redor. Ele está certo. Todo mundo está nos encarando. Peter está acostumado com as pessoas olhando para ele, mas eu não. A sensação é estranha, como um suéter novo que dá coceira. Porque ninguém nunca olha para mim. É como estar em um palco. E o engraçado, o que é realmente estranho, é que não é tão desagradável quanto imaginei.

Estou pensando nisso quando meu olhar encontra o de Genevieve. Há um breve momento de reconhecimento, do tipo *eu conheço você*. Em seguida, ela vira o rosto e sussurra alguma coisa para Emily. Genevieve está olhando para mim como se eu fosse uma comida apetitosa e ela fosse me devorar viva e cuspir os ossos. E então, com a mesma rapidez, o olhar some e ela sorri.

Eu sinto um calafrio. A verdade é que Genevieve me dava medo

mesmo quando éramos pequenas. Uma vez, eu estava brincando na casa dela e Margot ligou me chamando para ir almoçar, mas Genevieve disse que eu não estava lá. Ela não queria me deixar ir embora porque queria continuar brincando de boneca. E ficou bloqueando a porta. Precisei chamar a mãe dela.

O relógio marca 8h05. O sinal vai tocar daqui a pouco.

— É melhor a gente ir — digo, e meus joelhos estão bambos quando me levanto. — Pronto?

Peter está distraído porque estava olhando para a mesa onde estão seus amigos.

— Sim, claro.

Ele se levanta e me leva para a porta; fica o tempo todo com uma das mãos nas minhas costas. Com a outra, acena para os amigos.

— Sorria — sussurra para mim, e eu sorrio.

Tenho que admitir que a sensação de ter um garoto me acompanhando pela multidão não é ruim. É a sensação de que alguém se preocupa com você. É meio como andar em um sonho. Ainda sou eu, e Peter ainda é Peter, mas tudo ao meu redor parece embaçado e irreal, como a vez em que Margot e eu roubamos champanhe no Ano-Novo.

Eu não tinha percebido, mas acho que talvez tenha sido invisível todos esses anos. Era só uma pessoa que estava ali. Agora que todos acham que sou namorada de Peter Kavinsky, estão curiosos, se perguntando: por quê? O que fez Peter gostar de mim? O que eu tenho? O que me torna tão especial? Eu também estaria me perguntando essas mesmas coisas.

Agora sou uma Garota Misteriosa. Antes, era só uma Garota Quieta. Mas virar namorada de Peter me elevou ao posto de Garota Misteriosa.

Pego o ônibus para voltar para casa porque Peter tem treino de lacrosse. Eu me sento na frente, como sempre fiz, mas hoje as pessoas têm perguntas para mim. Na maioria, alunos do nono ano do fundamental ou do primeiro do ensino médio, porque quase nenhum do último ano pega o ônibus.

— O que está rolando entre você e o Kavinsky? — pergunta uma garota do primeiro ano chamada Manda.

Finjo que não escutei.

O que faço é afundar no assento e abrir o bilhete que Peter deixou no meu armário.

Querida Lara Jean,

Ótimo trabalho hoje.

Começo a sorrir, mas ouço Manda sussurrar para a amiga:

— É tão estranho o Kavinsky gostar dela. Afinal... olha para ela e olha para a Genevieve.

Posso me sentir encolhendo. É isso que todo mundo pensa? Talvez eu não seja a Garota Misteriosa. Talvez eu seja a Garota que Não é Boa o Bastante.

Quando chego em casa, vou direto para o quarto, coloco uma camisola macia e solto a trança. É um doce alívio soltar o cabelo. Meu couro cabeludo formiga de gratidão. Em seguida, deito na cama e olho pela janela até escurecer. Meu celular fica vibrando, e tenho certeza de que é Chris, mas não levanto a cabeça para olhar.

Em algum momento, Kitty invade o quarto.

— Você está doente? Por que ainda está deitada na cama como se tivesse câncer, como a mãe da Brielle?

— Preciso de paz. — Fecho os olhos. — Preciso me reabastecer de paz.

— Bem... então o que vamos comer no jantar?

Abro os olhos. É verdade. Hoje é segunda-feira. Estou encarregada do jantar às segundas. Margot, onde você *está*? Já está escuro, não dá tempo de descongelar nada. Talvez as segundas devessem ser as noites de pizza, de agora em diante. Olho para ela.

— Você tem dinheiro?

Nós duas recebemos mesada; Kitty recebe cinco dólares por semana e eu recebo vinte, mas minha irmã sempre tem mais dinheiro do que eu. Ela guarda tudo como um esquilinheiro esperto. Não sei onde, porque Kitty tranca a porta sempre que vai pegar sua mesada. E ela empresta, mas cobra juros. Margot tem um cartão de crédito que pode usar para comprar comida e gasolina, mas o levou consigo. Eu devia pedir para meu pai me dar um igual, agora que sou a irmã mais velha.

— Por que você precisa de dinheiro?

— Porque quero pedir pizza para o jantar. — Kitty abre a boca para negociar, mas, antes que ela consiga falar, eu completo: — Papai vai pagar quando chegar em casa, então nem pense em me cobrar juros. A pizza é para você também, sabe. Vinte dólares já devem dar.

Kitty cruza os braços.

— Eu dou o dinheiro, mas primeiro você precisa me contar sobre aquele garoto de hoje de manhã. Seu *namorado*.

Solto um gemido.

— O que você quer saber?

— Quero saber como vocês ficaram juntos.

— Nós éramos amigos no fundamental, lembra? Às vezes a gente se reunia na casa da árvore dos Pearce.

Kitty dá de ombros.

— Lembra aquele dia que bati com o carro? — Kitty assente. — Bem, Peter estava passando e parou para me ajudar. E nós... nos aproximamos. Foi o destino.

Na verdade, contar a história para Kitty é um bom treino. Vou contar a mesma história para Chris, hoje à noite.

— É só isso? Essa é a história toda?

— Ei, é uma ótima história — digo. — Um acidente de carro é uma coisa bem dramática, além de nossa história juntos.

Kitty só diz “Sei” e deixa por isso mesmo.

Pedimos pizza de calabresa e champignon para o jantar e, quando dou a ideia das Segundas de Pizza, papai não demora a concordar. Acho que está se lembrando do meu macarrão com queijo e *bo ssam*.

É um alívio Kitty passar a maior parte do jantar falando sobre o passeio, de forma que tudo que preciso fazer é mastigar a pizza. Ainda estou pensando no que Manda disse e me perguntando se isso foi mesmo uma boa ideia.

Quando Kitty faz uma pausa para engolir, papai se vira para mim e pergunta:

— Aconteceu alguma coisa interessante com você, hoje?

Engulo meu pedaço de pizza.

— Hã... não.

Mais tarde, preparo um banho de espuma e passo tanto tempo na banheira que Kitty bate na porta duas vezes para ver se não peguei no sono. Em uma delas, eu já estava quase dormindo.

Meu celular começa a vibrar na hora em que pego no sono. É Chris. Aperto o botão de ignorar chamada, mas ele volta a vibrar e vibrar e vibrar. Acabo decidindo atender.

— É verdade? — grita ela.

Seguro o telefone longe do ouvido.

— É.

— Ah, meu Deus. Me conta tudo.

— Amanhã, Chris. Conto tudo amanhã. Boa noite.

— Espera...

— Boa noite!

NAQUELA SEXTA, VOU ao primeiro jogo de futebol americano da minha vida. Eu nunca tinha tido o menor interesse nisso, e ainda não tenho. Estou sentada no alto da arquibancada com Peter e os amigos dele e, até onde sei, não há muito o que ver. O que acontece é muita espera, muita gente amontoada e pouca ação. Nem um pouco parecido com os jogos de futebol americano dos filmes e programas de tevê.

Às nove e meia, o jogo está quase acabando — eu espero —, e estou bocejando com a boca escondida na manga do casaco quando Peter de repente passa o braço por cima dos meus ombros. Eu quase engasgo no meio do bocejo.

Lá embaixo, Genevieve está torcendo com o restante da equipe. Está balançando e sacudindo os pompons. Ela olha para a arquibancada e, quando nos vê, para por meio segundo antes de reiniciar a coreografia, com os olhos soltando faíscas.

Olho para Peter, que exhibe um sorrisinho satisfeito. Quando Genevieve volta para a lateral do campo, ele tira o braço e, de repente, parece lembrar que estou ali.

— O pessoal vai para a casa do Eli hoje. Quer ir?

Eu nem sei quem é Eli. Bocejo de novo, dessa vez com exagero, para ele ver.

— Hã... estou muito cansada. Então... não. Não, obrigada. Você pode me deixar em casa no caminho?

Peter me olha, mas não discute.

No caminho, passamos pela lanchonete, e Peter dispara:

— Estou com fome. Quer comer alguma coisa? — E então acrescenta: — Ou está cansada demais?

Eu ignoro a alfinetada.

— Claro, vamos comer.

Peter pega o retorno e estaciona na lanchonete. Escolhemos uma mesa bem na frente. Sempre que eu vinha para cá com Margot e Josh, nós nos sentávamos no fundo, perto do *jukebox*, para podermos colocar moedas. Na metade das vezes, o *jukebox* estava quebrado, mas mesmo assim gostávamos de nos sentar perto dele. É estranho estar aqui sem eles. Temos tantas tradições... Nós três pedíamos dois queijos quentes e cortávamos em quadrados, então pedíamos uma tigela de sopa de tomate para molhar os quadradinhos, depois Josh e eu dividíamos um waffle com porção extra de chantilly de sobremesa enquanto Margot comia pudim de tapioca. Nojento, eu sei. Tenho certeza de que só avós gostam de pudim de tapioca.

Nossa garçone é Kelly, que está na faculdade. Ela passou o verão fora, mas pelo visto está de volta. Ela olha para Peter enquanto coloca nossos copos de água na mesa.

— Onde estão seus amigos? — pergunta para mim.

— A Margot foi para a Escócia, e o Josh... não está aqui — respondo.

Peter revira os olhos quando ouve isso.

Em seguida, ele pede panquecas de mirtilo, bacon e ovos mexidos. Peço um queijo quente com batatas fritas e refrigerante de cereja preta.

Quando Kelly sai com nossos pedidos, pergunto a ele:

— Por que você odeia tanto o Josh?

— Eu não odeio o Josh — retruca Peter, com deboche. — Nem conheço o cara direito.

— Ah, mas está na cara que você não gosta dele.

Peter me olha com raiva.

— Como eu poderia gostar? Ele me dedurou uma vez por colar no sétimo ano.

Peter colou? Meu estômago fica um pouco embrulhado.

— Que tipo de cola? No dever de casa?

— Não, em uma prova de espanhol. Eu escrevi as respostas na calculadora, e o cara me entregou. Quem faz esse tipo de coisa?

Observo o rosto dele em busca de algum sinal de constrangimento ou vergonha, mas não vejo nem sombra.

— Por que você está sendo tão arrogante? Foi você quem colou!

— Foi no sétimo ano!

— Bem, você ainda cola?

— Não. Quase nunca. Quer dizer, já colei. — Ele franze a testa para mim. — Quer parar de me olhar assim?

— Assim como?

— Como se estivesse me julgando. Olha, eu vou para a faculdade com uma bolsa de lacrosse, então que importância tem?

Tenho uma revelação repentina.

— Espera... você sabe ler? — pergunto baixinho.

Ele cai na gargalhada.

— Claro que sei ler! Caramba, Lara Jean. Nem tudo tem uma história por trás, tá? Só sou preguiçoso. — Ele ri com ironia. — *Se sei ler?* Escrevi vários bilhetes para você! Você é hilária.

Posso sentir meu rosto ficando vermelho.

— Não foi tão engraçado. — Eu olho para ele com olhos semicerrados. — Tudo é uma piada para você?

— Nem tudo, mas a maioria das coisas, sem dúvida.

Eu baixo o queixo.

— Então talvez esse seja um defeito no qual você deva trabalhar —

digo. — Porque algumas coisas são importantes e precisam ser levadas a sério. Sinto muito se acha que estou julgando você.

— Está julgando mesmo. Acho que você gosta de julgar as pessoas. É um defeito no qual *você* devia trabalhar. Também acho que você devia aprender a relaxar e a se divertir.

Estou fazendo uma lista de todas as minhas formas de diversão (andar de bicicleta, que odeio, fazer bolos e biscoitos, ler; penso em dizer tricô, mas tenho certeza de que ele só vai rir da minha cara) quando Kelly traz nossa comida, e paro para poder morder meu sanduíche enquanto o queijo ainda está derretido.

Peter rouba uma batata frita.

— E então, quem mais?

— Quem mais o quê?

Com a boca cheia, ele diz:

— Quem mais recebeu uma carta?

— Hã, isso não é da sua conta.

Eu balanço a cabeça para ele como quem diz: *Uau, que grosseria.*

— O que foi? Só estou curioso. — Peter mergulha outra batata no meu potinho de ketchup. Com um sorrisinho, ele insiste: — Vamos lá, não seja tímida. Pode me contar. Sei que sou o número um, é claro. Mas quero saber quem mais conseguiu passar pelo seu crivo.

Ele está praticamente inflado de tão cheio de si. Tudo bem, se ele quer tanto saber, vou contar.

— Josh, você...

— Obviamente.

— Kenny.

Peter ri.

— Kenny? Quem é?

Apoio os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos.

— Um garoto que conheci no acampamento da igreja. Era o melhor nadador entre os meninos. Salvou um garoto de se afogar, uma vez. Nadou até o meio do lago antes de os salva-vidas repararem que tinha alguma coisa errada.

— O que ele disse quando recebeu a carta?

— Nada. Foi devolvida ao remetente.

— Certo, quem mais?

Dou outra mordida no sanduíche.

— Lucas Krapf.

— Ele é gay — declara Peter.

— Ele não é gay!

— Cara, para de sonhar. O garoto é gay. Ontem foi de lenço no pescoço para a escola e tudo.

— Tenho certeza de que era uma ironia. Além do mais, usar lenços não torna alguém gay.

Olho para ele como quem diz *Nossa, que homofóbico*.

— Ei, não me olhe assim — protesta ele. — Meu tio favorito é gay pra caramba. Aposto cinquenta pratas que, se eu mostrasse a foto do Lucas para o meu tio Eddie, ele confirmaria em meio segundo.

— Não é porque Lucas aprecia moda que ele é gay. — Peter abre a boca para retrucar, mas levanto a mão para silenciá-lo. — Só significa que ele é um garoto da cidade no meio dessa... roça chata. Aposto que vai acabar indo para a Universidade de Nova York ou para alguma outra instituição por lá. Pode até virar ator de tevê. Ele tem o visual, sabe? Esbelto e com feições delicadas. Feições muito sensíveis. Ele parece... um anjo.

— E o que o Garoto Anjo disse sobre a carta?

— Nada... Tenho certeza de que foi porque ele é um cavalheiro e não quer me constranger tocando no assunto.

Encaro Peter com firmeza. *Ao contrário de algumas pessoas é o que estou dizendo com o olhar.*

Peter revira os olhos.

— Tudo bem, tudo bem. Tanto faz, não dou a mínima. — Ele se recosta e coloca o braço sobre o encosto da cadeira vazia ao lado. — Com ele são quatro. Quem mais?

Fico surpresa de ele estar contando.

— John Ambrose McClaren.

Peter arregala os olhos.

— McClaren? Quando você gostou dele?

— No oitavo ano.

— Pensei que você gostasse de *mim* no oitavo ano!

— Pode ter havido certa sobreposição. — Mexendo o canudo, eu continuo: — Teve uma vez na aula de educação física... Ele e eu tínhamos que recolher todas as bolas de futebol, e começou a chover... — Solto um suspiro. — Acho que foi a coisa mais romântica que já aconteceu comigo.

— Por que as garotas gostam tanto de chuva? — questiona Peter.

— Não sei... Acho que talvez seja porque tudo parece mais dramático na chuva — respondo, dando de ombros.

— Aconteceu alguma coisa de verdade entre vocês dois ou só ficaram catando bolas de futebol na chuva?

— Você nunca entenderia.

Uma pessoa como Peter jamais poderia entender.

Peter revira os olhos.

— E a carta do McClaren foi enviada para a casa antiga dele?

— Acho que sim. Não tive nenhuma notícia dele.

Tomo um longo gole de refrigerante.

— Por que você parece tão triste?

— Não estou!

Talvez esteja um pouco. Acho que John Ambrose McClaren é, de todos os garotos que já amei, o mais importante para mim, além de Josh. Havia algo de tão doce nele. Foi a promessa do talvez, talvez um dia. Acho que John Ambrose McClaren e eu poderíamos dar certo. Em voz alta, comento:

— Quer dizer, ou ele nunca recebeu minha carta, ou recebeu e... — Dou de ombro. — Eu sempre quis saber o que aconteceu com ele. Se ainda é o mesmo. Aposto que sim.

— Quer saber, acho que talvez ele tenha falado de você uma vez... — Lentamente, ele diz: — É, ele falou mesmo. Disse que achava você a garota mais bonita do nosso ano. Disse que o maior arrependimento que tinha do fundamental era não ter convidado você para o baile.

Meu corpo todo fica imóvel e acho que paro de respirar.

— Sério? — sussurro.

Peter explode em gargalhadas.

— Cara! Você é tão ingênua!

Meu estômago se contrai. Piscando, eu digo:

— Isso foi muita maldade! Por que você diria uma coisa dessas?

Peter para de rir.

— Ei, desculpa. Eu só estava brincando...

Estico a mão por cima da mesa e dou um soco forte no ombro dele.

— Seu babaca!

Peter massageia o ombro.

— Ai! Doeu!

— Você mereceu.

— Desculpa — pede ele de novo. Mas ainda há um brilho de divertimento em seus olhos, então viro o rosto. — Ei, para com isso. Não fica chateada. Quem sabe? Talvez ele gostasse de você. Vamos ligar para ele e descobrir.

Eu olho para ele.

— Você tem o número do celular dele? Tem o número de John Ambrose McClaren?

Peter pega o celular.

— Claro. Vamos ligar para ele.

— Não! — Tento arrancar o celular dele, mas Peter é mais rápido. Segura o aparelho acima da minha cabeça, e não consigo alcançar. — Não ouse ligar para ele!

— Por quê? Achei que você quisesse saber o que aconteceu com ele. Balanço a cabeça vigorosamente.

— Do que tem tanto medo? De ele não se lembrar de você? — Alguma coisa muda no rosto dele, uma percepção repentina sobre mim. — Ou de ele se lembrar?

Eu balanço a cabeça de novo.

— É isso.

Peter assente para si mesmo, inclina a cadeira para trás e entrelaça as mãos atrás da cabeça. Não gosto do jeito como ele está olhando para mim. Como se achasse que já sabe tudo sobre mim. Estico a mão para ele com a palma para cima.

— Me dá o celular.

O queixo de Peter cai.

— Você vai ligar para ele? Agora?

Gosto do fato de tê-lo surpreendido. Faz eu me sentir como se tivesse reconquistado alguma coisa. Acho que pegar Peter de surpresa pode virar um hobby divertido para mim. Com uma voz imperativa que até hoje só usei com Kitty, eu digo:

— Me dá o celular.

Peter me entrega o celular e copio o número de John no meu.

— Vou ligar para ele quando *eu* tiver vontade, não porque *você* está com vontade.

Peter me lança um olhar de respeito ressentido. É claro que nunca vou ligar para John, mas Peter K. não precisa saber disso.

* * *

Naquela noite, fico deitada na cama, ainda pensando em John. É divertido imaginar o que poderia ter acontecido. Divertido, mas assustador. É como se eu achasse que essa porta estivesse fechada, mas aqui está ela, com uma frestinha aberta. E se? Como teria sido, John Ambrose McClaren e eu? Se eu fechar os olhos, consigo quase visualizar.

MARGOT E EU estamos ao telefone; é sábado à tarde aqui e sábado à noite lá.

— Já arrumou um estágio para o recesso? — pergunta ela.

— Ainda não...

Margot solta um suspiro.

— Achei que você ia tentar alguma coisa em Montpelier. Sei que precisam de ajuda com os arquivos. Quer que eu ligue para Donna, para você?

Margot fez estágio em Montpelier por dois verões e adorou. Estava lá durante uma escavação importante em que encontraram um pedaço do prato de porcelana de Dolley Madison, e parecia que na verdade tinham encontrado diamantes ou um osso de dinossauro. Todo mundo adora Margot, por lá. Quando ela saiu, deram a ela uma placa por todo o trabalho árduo. Papai a pendurou na sala.

— Montpelier é muito longe — digo.

— Que tal ser voluntária no hospital? — sugere ela. — Você poderia pegar carona com papai nos dias em que tiver que ir.

— Você sabe que não gosto de hospitais.

— A biblioteca, então! Você gosta da biblioteca.

— Já preenchi uma ficha — minto.

— De verdade?

— Estava pensando nisso.

— Eu não deveria ter que pressionar você para querer coisas. Você deveria querer por si mesma. Precisa ter iniciativa. Nem sempre vou estar ao seu lado para segurar sua mão.

— Eu sei.

— Você percebe o quanto este ano é importante, Lara Jean? Este ano é tudo: ele define se você vai entrar para a faculdade que quer ou não. Você não terá uma segunda chance.

Consigo sentir lágrimas de pânico surgindo. Se ela me fizer mais uma pergunta, vai passar do limite, e eu vou chorar.

— Alô?

— Ainda estou aqui.

Minha voz sai baixinha, e sei que Margot sabe que estou quase chorando.

Ela faz uma pausa.

— Olha, ainda dá tempo, tá? Só não quero que você espere demais e que todas as vagas boas acabem indo para outras pessoas. Só estou preocupada com você. Mas está tudo bem. Você ainda está bem.

— Tá.

Até essa palavrinha sai com um esforço.

— Como estão as coisas?

Comecei a conversa desejando conseguir contar a ela sobre Peter e tudo que está acontecendo comigo, mas agora só estou aliviada por haver tantos quilômetros entre nós e ela não saber no que estou metida.

— Está tudo bem — asseguro.

— Como está o Josh? Tem falado com ele?

— Não — respondo.

E não tenho mesmo. Ando tão ocupada com Peter que nem tive oportunidade.

KITTY E EU estamos sentadas na escada da varanda. Ela toma uma bebida coreana de iogurte, e eu trabalho no cachecol para Margot enquanto espero Peter. Kitty está aguardando nosso pai sair. Ele vai levá-la à escola, hoje.

A sra. Rothschild ainda não saiu. Talvez esteja doente ou apenas mais atrasada do que de costume.

Estamos com os olhos grudados na porta da casa dela quando uma minivan passa pela rua e para na frente de casa. Eu semicerro os olhos. É Peter Kavinsky. Dirigindo uma minivan marrom. Ele coloca a cabeça para fora da janela.

— Vocês vêm ou não?

— Por que você está dirigindo *isso*? — exclama Kitty.

— Não importa, Katherine — responde Peter. — Apenas entrem.

Kitty e eu nos entreolhamos.

— Eu também? — Kitty me pergunta.

Eu dou de ombros. Em seguida, me inclino para trás e grito para dentro de casa:

— Pai, Kitty vai pegar carona comigo!

— Tudo bem! — responde ele.

Nós nos levantamos, e, nessa mesma hora, a sra. Rothschild sai correndo de casa com o terninho azul-marinho, a pasta em uma das mãos e o café na outra. Kitty e eu nos entreolhamos com alegria.

— Cinco, quatro, três...

— Droga!

Rindo, seguimos para a minivan de Peter. Sento no banco do passageiro, e Kitty entra atrás.

— Do que vocês estão rindo? — pergunta ele.

Estou prestes a contar quando Josh sai de casa. Ele para e olha para nós por um segundo, antes de acenar. Eu aceno para ele, e Kitty coloca a cabeça para fora da janela.

— Oi, Josh! — grita.

— E aí?! — exclama Peter, inclinando-se por cima de mim.

— Oi — diz Josh, e entra no próprio carro.

Peter me cutuca e sorri.

— Me diz por que vocês estavam rindo.

Enquanto coloco o cinto, eu conto:

— Pelo menos uma vez por semana, a sra. Rothschild corre até o carro e derrama café em si mesma.

— E é a coisa mais engraçada do mundo — acrescenta Kitty.

Peter ri.

— Vocês são sádicas.

Kitty coloca a cabeça entre nós dois.

— O que é “sádica”?

Eu a empurro para trás.

— Coloque o cinto.

Peter dá a ré no carro.

— É uma pessoa que fica feliz em ver outras sofrendo.

— Ah. — Então ela repete baixinho: — Sádica.

— Não ensine essas coisas estranhas para ela — reclamo.

— Eu gosto de coisas estranhas — protesta Kitty.

— Está vendo? — diz Peter. — Sua irmã gosta de coisas estranhas.

Sem se virar, ele levanta a mão para bater na mão dela, e Kitty se inclina para a frente e bate com gosto.

— Ei, me dá um gole do que você está bebendo aí atrás.

— Está quase no fim, pode tomar o resto.

Kitty entrega a ele, e Peter vira a garrafinha plástica na boca.

— É gostoso — diz.

— É do mercadinho coreano — conta Kitty. — Vem em uma embalagem com várias garrafinhas, e você pode colocar no freezer. Se levar para o almoço, ainda vai estar gelado na hora de beber.

— Achei ótimo. Lara Jean, traga um para mim amanhã de manhã, tá? Pelos serviços prestados.

Olho para ele de cara feia.

— Estou falando das caronas! Caramba...

— Eu trago um, Peter — diz Kitty.

— Essa é a minha garota.

— Mas só se você me levar para a escola amanhã também — conclui Kitty, e Peter vai.

ANTES DO QUARTO tempo de aula, estou parada em frente ao espelho que fica pendurado na porta do meu armário tentando ajeitar a trança ao redor da cabeça.

— Lara Jean.

— O quê?

Espio atrás da porta aberta e vejo Lucas Krapf usando um suéter fino de um azul intenso, com gola V, e calça cáqui.

— Estou com isto há algum tempo... Eu não ia dizer nada, mas achei que talvez você quisesse de volta.

Ele coloca um envelope cor-de-rosa na minha mão. É minha carta. Então Lucas também recebeu a dele. Coloco-a no armário, faço uma careta para mim mesma no espelhinho e fecho a porta com vontade.

— Você deve estar se perguntando do que se trata... — Hesito. — É, hã, bem, eu escrevi há muito tempo e...

— Você não precisa explicar.

— Sério? Não está curioso?

— Não. Foi bem legal receber uma carta assim. Fiquei bastante honrado.

Solto um suspiro aliviado e encosto no armário. Por que Lucas Krapf é tão perfeito? Ele sempre sabe a coisa certa a dizer.

Em seguida, Lucas faz uma expressão que é meio careta, meio sorriso.

— Mas... — Ele baixa a voz. — Você sabe que eu sou gay, não sabe?

— Ah, claro, sem dúvida — digo, tentando não parecer decepcionada. — Não, claro que eu sabia.

Então Peter estava certo, no fim das contas.

Lucas sorri.

— Você é muito bonita — diz, e fico animada de novo. — Olha só, será que você pode não contar para ninguém? Eu já me assumi, mas não me *assumi*. Sabe o que quero dizer?

— Claro — concordo, superconfiante.

— Por exemplo, minha mãe sabe, mas meu pai sabe mais ou menos. Ainda não contei para ele.

— Entendi.

— Só deixo as pessoas acreditarem no que quiserem. Não acho que seja minha responsabilidade me rotular para elas. Você entende, não é? Com uma família como a sua, tenho certeza de que as pessoas sempre perguntam de que raça você é, certo?

Eu não tinha pensado dessa forma antes, mas sim, sim, sim! Lucas entende.

— Exatamente. As pessoas não precisam saber, né?

— É.

Sorrimos um para o outro, e tenho aquela sensação maravilhosa de ser compreendida por alguém. Andamos juntos na mesma direção; ele tem aula de mandarim, e eu, de francês. Em determinado momento, ele me pergunta sobre Peter, e fico tentada a contar toda a verdade, porque estou me sentindo muito íntima dele. Mas Peter e eu fizemos um acordo, deixamos bem claro que jamais contaríamos para ninguém. Não quero ser a primeira a dar com a língua nos dentes. Então, quando Lucas me pergunta “O que está rolando entre você e o Kavinsky?”, eu simplesmente dou de ombros e abro um sorriso enigmático.

— É uma loucura, né? Porque ele é tão... — Procuro a palavra certa, mas não consigo encontrar. — Ele poderia fazer o papel do protagonista bonito em um filme. — Então acrescento, mais do que depressa: — E você também. Você faria o papel do cara com quem a mocinha *deveria* ficar.

Lucas dá risada, mas percebo que gostou.

Querido Lucas,

Nunca conheci um garoto tão educado quanto você. Você deveria ter sotaque britânico. No baile, você usou uma cravat, e ficou tão bem que acho que poderia usar o tempo todo e não passar vergonha.

Ah, Lucas! Eu gostaria de saber de que tipo de garota você gosta. Pelo que ouvi falar, você nunca namorou ninguém... A não ser que tenha uma namorada em outra escola. Você é tão misterioso. Não sei quase nada sobre você. As coisas que sei são tão insubstanciais, tão insatisfatórias, como o fato de você comer sanduíche de frango todos os dias no almoço e fazer parte do time de golfe. Acho que a única coisa remotamente real que sei sobre você é que gosta de escrever, o que deve querer dizer que tem reservas profundas de emoção. Como aquele conto que você escreveu na aula de escrita criativa sobre o poço envenenado, e da perspectiva de um garoto de seis anos. Foi tão sensível, tão melancólico! Aquele conto me fez sentir como se

conhecesse você um pouco mais. Mas não conheço você, e gostaria.

Você é muito especial. Deve ser uma das pessoas mais especiais na escola, e eu gostaria que mais pessoas soubessem disso. Ou talvez não, porque às vezes é bom ser a única pessoa que sabe de uma coisa.

Com amor,
Lara Jean

DEPOIS DA AULA, Chris e eu estamos no meu quarto. Ela está encrencada com a mãe por ter passado a noite fora, então veio se esconder aqui até a mãe sair para o clube do livro. Estamos compartilhando um saco enorme de batatinhas da Kitty, que vou ter que substituir porque ela vai reclamar se não tiver nenhum para levar para a escola na segunda-feira.

Chris enfia um punhado de batatas na boca.

— Me conta logo, Lara Jean. Até onde vocês dois chegaram?

Eu quase engasgo.

— Não chegamos a lugar algum! E não temos planos de ir a lugar algum no futuro próximo.

Nem nunca.

— Sério? Nem a mão por cima do sutiã? Uma apalpada rápida no peito?

— Não! Já falei, Margot e eu não somos assim.

Chris ri com deboche.

— Você está de brincadeira? É claro que a Margot e o Josh já fizeram sexo. Para de ser ingênua, Lara Jean.

— Eu não estou sendo ingênua — respondo. — Eu *sei* que eles não fizeram nada.

— Ah, é? Como você tem tanta certeza? Eu adoraria saber.

— Não vou contar.

Se eu contar para Chris, ela só vai rir mais. Ela não entende, porque só tem um irmão mais novo. Não sabe como é entre irmãs. Margot e eu fizemos um pacto ainda no fundamental. Juramos que não faríamos sexo antes de nos casarmos ou de estarmos muito, muito apaixonadas e com, no mínimo, vinte e um anos. Margot podia estar muito, muito apaixonada, mas não se casou nem fez vinte e um. Ela jamais descumpriria a promessa. Entre irmãs, um pacto é tudo.

— Não, eu adoraria saber, *mesmo*.

Chris está com aquele brilho faminto nos olhos, e sei que está só começando.

— Você só quer debochar, e não vou deixar — retruco.

Chris revira os olhos.

— Tudo bem. Mas não tem como eles não terem trepado.

Acho que Chris fala assim de propósito, para tentar provocar uma reação em mim. Ela adora conflitos, então tomo cuidado de não reagir ao que ela diz.

— Quer parar de falar sobre minha irmã e Josh fazendo sexo? —

peço com a voz calma. — Você sabe que eu não gosto disso.

Chris pega uma caneta permanente na bolsa e começa a colorir a unha do polegar.

— Você precisa parar de ser tão medrosa. Falando sério, você enfiou na cabeça que é um momento importante que define toda a sua vida, mas na verdade dura menos de cinco minutos e nem é a melhor parte.

Sei que ela está esperando que eu pergunte qual é a melhor parte, e estou curiosa, mas a ignoro e digo:

— Acho que caneta permanente é tóxica para as unhas.

Ela só balança a cabeça como se eu fosse uma causa perdida.

Mas eu me pergunto... como *seria*? Ficar tão íntima de um garoto, deixar ele me ver nua, sem nada a esconder. Será que é assustador por apenas um segundo ou dois ou é assustador o tempo todo? E se eu não gostar? E se gostar demais? É muita coisa para pensar.

— VOCÊ ACHA QUE, se um garoto e uma garota estão namorando há muito tempo, isso automaticamente quer dizer que eles fizeram sexo? — pergunto a Peter.

Estamos sentados no chão da biblioteca, com as costas apoiadas na parede da seção de referências, à qual ninguém nunca vai. As aulas acabaram, a biblioteca está vazia, e estamos fazendo o dever de casa. Peter só tira C e D em química, então resolvi ajudá-lo a estudar.

Peter desvia o olhar do livro de química, com um interesse repentino.

— Preciso de mais informações. Há quanto tempo eles estão namorando?

— Bastante tempo. Uns dois anos, mais ou menos.

— Quantos anos eles têm? Nossa idade?

— Mais ou menos.

— Então é bem provável, mas não quer dizer que aconteceu. Depende da garota e do cara. Mas, se eu tivesse que apostar dinheiro, diria que sim.

— Mas a garota não é desse tipo. Nem o garoto.

— De quem estamos falando?

— Isso é segredo. — Hesito. — Chris acha impossível eles não terem feito. Diz que não acredita.

Peter ri com deboche.

— Por que você foi perguntar logo para ela? Essa garota é um desastre.

— Ela não é um desastre!

Ele me olha de um jeito estranho.

— No primeiro ano, ela bebeu Four Loko demais, subiu no telhado de Tyler Boylan e fez um striptease.

— Você estava lá? — pergunto. — Viu com os próprios olhos?

— Vi. E pesquei as roupas dela na piscina, porque sou um cavalheiro.

Eu estufo as bochechas.

— Bom, a Chris nunca me contou essa história, então não posso falar sobre isso. Além do mais, o tal Four Loko, ou sei lá qual é o nome, não foi proibido?

— Ainda fabricam, mas é uma versão aguada horrorosa. Você pode misturar com energético e ter o mesmo efeito. — Estremeço, o que faz Peter sorrir. — Sobre o que você e a Chris conversam? Vocês não têm nada em comum.

— Sobre o que *nós* conversamos? — pergunto.

Peter ri.

— Faz sentido.

Ele se afasta da parede e coloca a cabeça no meu colo, e eu fico completamente imóvel.

— Você está se comportando de um jeito muito estranho hoje — digo, tentando fazer minha voz soar normal.

Ele ergue uma sobrancelha para mim.

— Ah, é? Tipo como?

Peter adora quando falam sobre ele. Normalmente, não me importo, mas hoje não estou a fim de fazer a vontade dele. Já tem gente demais dizendo o quanto ele é incrível.

— Está sendo desagradável — respondo, e ele ri.

— Estou com sono. — Peter fecha os olhos e se aconchega em meu colo. — Me conte uma história de ninar, Covey.

— Pare de flertar comigo.

Ele abre os olhos.

— Eu não estava flertando!

— Estava, sim. Você dá em cima de todo mundo. Parece que não consegue se controlar.

— Bem, eu nunca dou em cima de você.

Peter se senta de novo e olha o celular, e de repente desejo não ter dito nada.

ESTOU NA AULA de francês, olhando pela janela como sempre faço, e vejo Josh andando na direção das arquibancadas perto da pista de atletismo. Está levando o almoço para lá, sozinho. Por que vai comer sozinho? Ele tem o grupo dos quadrinhos, tem Jersey Mike.

Mas acho que ele e Jersey Mike não andaram muito juntos no ano passado. Josh estava sempre com Margot e comigo. O trio. E agora não somos sequer uma dupla, e ele está sozinho. Em parte, é culpa de Margot, por ter ido embora, mas também tenho uma parcela de culpa; se eu não tivesse começado a gostar dele, não ia precisar inventar essa história toda de Peter K., e poderia continuar sendo a boa e velha amiga Lara Jean.

Talvez seja por isso que mamãe falou para Margot não ir para a faculdade namorando. Quando se está namorando, você só quer ficar com essa pessoa, esquece todas as outras, e depois, quando o relacionamento acaba, não tem nenhum amigo. Eles estavam se divertindo sem você.

Só posso dizer que Josh é uma figura solitária comendo o sanduíche no alto da arquibancada.

* * *

Pego o ônibus para voltar para casa, porque Peter teve que sair mais cedo para um jogo de lacrosse. Estou pegando a correspondência na caixa de correio quando Josh estaciona na entrada da garagem dele.

— Oi! — grita ele.

Josh sai do carro e corre até mim, com a mochila pendurada no ombro.

— Eu vi você no ônibus — diz ele. — Eu acenei, mas você estava sonhando acordada. Quanto tempo seu carro vai ficar na oficina?

— Não sei. A data muda toda hora. Tiveram que encomendar uma peça vinda de longe, acho que de Indiana.

Josh me olha com desconfiança.

— E você está secretamente aliviada, não está?

— Não! Por que eu ficaria aliviada?

— Pare com isso. Eu conheço você. Odeia dirigir. Deve estar feliz por ter uma desculpa para não precisar fazer isso.

Começo a protestar, mas paro. Não faz sentido. Josh me conhece muito bem.

- Bem, talvez eu esteja um pouquinho aliviada.
- Se precisar de carona, sabe que pode me ligar, né?

Eu assinto. Eu sei. Não ligaria por mim, mas ligaria por Kitty, em uma emergência.

— Sei que você tem o Kavinsky agora, mas eu moro aqui do lado. É bem mais conveniente eu dar carona para você do que ele. É até mais responsável com o meio ambiente. — Eu não respondo, e Josh coça a nuca. — Quero dizer uma coisa para você, mas é esquisito tocar nesse assunto. O que também é estranho, porque antes nós podíamos conversar sobre tudo.

— Ainda podemos — digo. — Nada mudou.

Essa é a maior mentira que já contei para ele, maior até do que a vez em que contei a ele sobre minha suposta irmã gêmea morta, Marcella. Até dois anos atrás, Josh achava que eu tinha uma irmã gêmea que morreu de leucemia.

— Tudo bem. Eu sinto... sinto que você tem me evitado desde que...

Ele vai dizer. Vai realmente dizer. Eu encaro o chão.

— Desde que a Margot terminou comigo.

Eu levanto a cabeça. É isso que ele pensa? Que o estou evitando por causa de Margot? Minha carta provocou um impacto tão pequeno assim? Tento manter o rosto sério e inexpressivo.

— Eu não estou evitando você. Só ando ocupada.

— Com o Kavinsky. Eu sei. Você e eu nos conhecemos há muito tempo. Você é uma das minhas melhores amigas, Lara Jean. Não quero perder você também.

É o “também” que estraga tudo. É o “também” que me faz parar. É o que me irrita. Porque, se ele não tivesse dito “também”, aquela conversa teria sido sobre mim e ele. Não sobre mim, ele e Margot.

— Aquela carta que você escreveu...

Tarde demais. Não quero mais falar sobre a carta. Antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, eu dispero:

— Sempre serei sua amiga, Josh.

E abro um sorriso, o que exige muito esforço. Esforço demais. Mas, se eu não sorrir, vou chorar.

Josh assente.

— Tudo bem. Ótimo. Então... podemos voltar a nos ver?

— Claro.

Josh estica a mão e belisca meu queixo.

— Quer carona para a escola amanhã?

— Quero.

Final, não foi esse o motivo de tudo? Poder andar com Josh de novo sem aquela carta pairando sobre nossas cabeças? Ser apenas a boa e velha amiga Lara Jean outra vez?

Depois do jantar, ensino Kitty a lavar roupa. Ela resiste no começo, mas digo que é uma tarefa que vamos dividir de agora em diante e que é melhor ela aceitar.

— Quando o bipe tocar, isso quer dizer que acabou e você tem que dobrar logo, para a roupa não ficar amassada.

Para nossa surpresa, Kitty gosta de cuidar das roupas. O motivo principal é que ela pode se sentar na frente da tevê e dobrar enquanto vê os programas de que gosta sossegada.

— Da próxima vez, vou ensinar a passar roupa.

— Passar também? Por acaso sou a Cinderela?

Eu a ignoro.

— Você vai gostar de passar roupa. Você adora coisas precisas e linhas retas. Vai fazer isso até melhor do que eu.

Isso desperta a atenção dela.

— É, pode ser. As que você passa sempre ficam meio amassadas mesmo.

Depois que terminamos com as tarefas, Kitty e eu vamos nos refrescar no banheiro que dividimos. Ele tem duas pias; Margot ficava com a da esquerda, e Kitty e eu disputávamos para decidir quem era a dona da pia da direita. Agora é dela.

Kitty escova os dentes, e eu passo uma máscara de pepino e aloé no rosto.

— Você acha que, se eu pedisse, Peter nos levaria ao McDonald's amanhã, no caminho da escola? — pergunta Kitty.

Passo mais um pouco da máscara facial verde nas bochechas.

— Não quero que você se acostume a pegar carona com o Peter. Você vai de ônibus de agora em diante, tá?

Kitty faz beicinho.

— Por quê?

— Porque sim. Além do mais, Peter não vai me dar carona amanhã. Vou com o Josh.

— Mas Peter não vai ficar com raiva?

Meu rosto está ficando rígido conforme a máscara seca. Respondo entredentes:

— Não. Ele não é ciumento.

— Então quem é o ciumento?

Não tenho uma boa resposta para isso. Quem é o ciumento? Estou pensando nisso quando Kitty começa a rir, olhando para mim pelo espelho.

— Você parece um zumbi.

Estico as mãos para seu rosto, mas ela desvia. Faço minha melhor voz de zumbi:

— Quero comer seu cérebro.

Kitty sai correndo, gritando.

Quando volto para o quarto, mando uma mensagem de texto para Peter avisando que não preciso de carona amanhã. Não digo que Josh vai me dar carona. Só por precaução.

O BILHETE DE Peter de hoje diz: *Quer tomar sorvete depois da aula?*

Ele desenhou dois quadrados, um sim e um não. Faço um “X” no sim e coloco o bilhete no armário dele.

* * *

Quando a aula termina, encontro Peter no estacionamento, e seguimos com o pessoal do lacrosse para a sorveteria. Peço uma casquinha de iogurte natural com cereal, morangos, kiwi e abacaxi, e Peter pede uma de limão com pedaços de biscoito. Pego a carteira para pagar o meu, mas Peter não deixa. Ele pisca e diz:

— Pode deixar.

— Achei que você tinha dito que não ia pagar nada — sussurro para ele.

— Meus amigos estão aqui. Não posso parecer pão-duro na frente deles. — Em seguida, passa o braço por cima dos meus ombros e diz, alto: — Enquanto você for minha namorada, não vai pagar por sorvete.

Eu reviro os olhos, mas não vou rejeitar uma casquinha de graça. Nunca tive um garoto pagando coisas para mim. Eu poderia me acostumar com esse tratamento.

Eu estava preparada para encontrar Genevieve, mas ela não apareceu ainda. Acho que Peter está pensando a mesma coisa, porque fica com os olhos grudados na porta. Conhecendo Genevieve, sei que algo ruim vai acontecer. Até o momento, ela tem andado estranha e perturbadoramente quieta. Quase nunca almoça no refeitório, porque ela e Emily Nussbaum têm comido fora do colégio, e, quando a vejo nos corredores, ela lança sorrisos falsos que não mostram os dentes, o que é ainda mais ameaçador.

Quando ela vai fazer algo contra mim? Quando terei meu momento Jamila Singh? Chris diz que Genevieve está obcecada demais com o namorado da faculdade para se preocupar comigo e Peter, mas não acredito. Já vi como ela olha para ele. Como se Peter fosse sua propriedade.

Os garotos juntam algumas mesas, e praticamente tomamos conta do lugar. É como no almoço, com eles falando alto, conversando sobre o jogo de futebol americano na próxima sexta. Acho que não digo duas palavras. Não tenho nada para falar. Apenas tomo o sorvete de

iogurte que ganhei de graça e aprecio o fato de não estar em casa arrumando minha coleção de sapatos ou vendo o canal de golfe com meu pai.

* * *

Estamos voltando para o carro quando Gabe diz:

— Ei, Lara Jean, você sabia que, se disser seu nome muito rápido, o som parece o da palavra *laranja*? Experimenta! Larajejan.

— Larajejan — repito, obediente. — Larajejan. Laranjinha. Na verdade, acho que parece mais *laranjinha* do que *laranja*.

Gabe assente.

— Vou começar a chamar você de *Laranjinha*. Você é tão pequena que combina. Não acha?

Dou de ombros.

— Tá.

Gabe se vira para Darrell.

— Ela é tão pequena que poderia ser nossa mascote.

— Ei, não sou *tão* pequena — protesto.

— Qual é a sua altura? — pergunta Darrell.

— Um metro e sessenta — digo, exagerando. Está mais para um e cinquenta e cinco.

Gabe joga a colher no lixo.

— Você é tão pequena que caberia no meu bolso!

Todos os garotos riem. Peter está sorrindo, mas de um jeito meio confuso. De repente, Gabe me pega e me joga por cima do ombro, como se eu fosse uma criança e ele fosse meu pai.

— Gabe! Me põe no chão! — grito, balançando as pernas e socando o peito dele.

Ele começa a girar em círculos, e todos os garotos acham graça.

— Vou adotar você, Laranjinha! Você vai ser meu bichinho de estimação. Vou colocar você na minha antiga gaiola de hamster!

Estou rindo tanto que não consigo respirar e começo a ficar tonta.

— Me coloca no chão!

— Solta ela, cara — diz Peter, mas também está rindo.

Gabe corre na direção da picape de alguém e me coloca na caçamba.

— Ei, me tira daqui! — grito.

Gabe já saiu correndo. Todos os garotos entram em seus carros.

— Tchau, Laranjinha! — gritam.

Peter corre até mim e me ajuda a descer.

— Seus amigos são malucos — comento, quando meus pés tocam o asfalto.

— Eles gostam de você.

— S3rio?

— 3. Eles odiavam quando eu trazia a Gen. Mas n3o se importam de voc3 ficar com a gente. — Peter passa o bra3o por cima dos meus ombros. — Vamos, Laranjinha. Vou levar voc3 para casa.

Quando estamos andando na dire33o do carro dele, deixo o cabelo cair na frente do rosto para que Peter n3o me veja sorrindo. 3 legal fazer parte de um grupo, me sentir aceita em algum lugar.

EU ME OFERECEI para fazer cinquenta cupcakes para a feirinha de doces da Associação de Pais e Mestres de Kitty. Fiz isso porque Margot se ofereceu nos últimos dois anos. Ela só fazia porque não queria que as pessoas pensassem que a família de Kitty não estava envolvida com a associação. Margot assou brownies nas duas vezes, mas escolhi fazer cupcakes porque achei que fariam mais sucesso. Comprei tipos diferentes de confeitos azuis e fiz bandeirinhas com palitos de dente e a inscrição BLUE MOUNTAIN ACADEMY. Achei que Kitty fosse se divertir me ajudando a decorá-los.

Mas agora estou percebendo que o jeito de Margot era mais fácil. Para fazer brownies, basta derramar a massa em uma assadeira, assar, cortar e pronto. Cupcakes dão bem mais trabalho. Preciso usar a mesma quantidade de massa cinquenta vezes, então esperar esfriar e depois colocar a cobertura e os confeitos.

Estou medindo minha oitava xícara de farinha quando a campainha toca.

— Kitty! — grito. — Atende a porta!

A campainha toca de novo.

— Kitty!

— Estou fazendo um experimento importante! — responde ela do andar de cima.

Vou até a porta e abro sem me dar o trabalho de ver quem é.

É Peter. Ele cai na gargalhada.

— Você está com farinha no rosto todo — diz, limpando minhas bochechas com as costas da mão.

Eu desvio dele e limpo o rosto com o avental.

— O que você está fazendo aqui?

— Nós vamos ao jogo. Você não leu meu bilhete ontem?

— Ah, droga. Tive uma prova e esqueci. — Peter franze a testa, e eu acrescento: — Mas eu não vou poder ir de qualquer jeito, porque tenho que fazer cinquenta cupcakes até amanhã.

— Em uma noite de sexta?

— Bem... é.

— É para a feira da Associação de Pais e Mestres? — Peter passa por mim e começa a tirar os tênis. — Vocês não andam de sapato em casa, andam?

— Não — respondo, surpresa. — Sua mãe vai preparar alguma coisa?

— Barrinhas de flocos de arroz.

Outra escolha bem mais inteligente do que cinquenta cupcakes.

— Lamento você ter perdido tempo vindo até aqui. Talvez a gente possa ir ao jogo na próxima sexta — digo, esperando que ele volte a calçar os sapatos.

Mas ele não faz isso, vai até a cozinha e se senta em um banco.

Hã?

— Sua casa continua igualzinha — comenta, olhando ao redor. Ele aponta para a foto em um porta-retratos em que Margot e eu estamos tomando banho quando éramos bebês. — Que fofo.

Posso sentir as bochechas ficando quentes. Vou até lá e viro a foto.

— Quando você veio aqui?

— No sétimo ano. Lembra que a gente ficava na casa da árvore da sua vizinha? Precisei fazer xixi uma vez, e você me deixou usar o banheiro.

— Ah, é.

É engraçado ver um garoto que não é Josh na nossa cozinha. Por algum motivo, fico nervosa.

— Quanto tempo vai demorar? — pergunta ele, com as mãos nos bolsos.

— Horas, provavelmente.

Pego a xícara de novo. Não consigo me lembrar em que xícara eu estava.

Peter solta um grunhido.

— Por que não compra uns na padaria?

Começo a medir a farinha que já coloquei na tigela e a separá-la em montinhos.

— Você acha que as outras mães vão comprar comida pronta? Como isso ia ficar para a Kitty?

— Bem, se é por causa da Kitty, então ela deveria estar ajudando.

— Peter se levanta do banco, chega perto de mim, passa as mãos pela minha cintura e tenta desamarrar o avental. — Cadê ela?

Fico olhando para ele.

— O que... O que você está fazendo?

Peter olha para mim como se eu fosse burra.

— Preciso de um avental também, se vou ajudar. Não quero que minhas roupas fiquem sujas.

— Não vamos acabar a tempo de assistir ao jogo — falo para ele.

— Então vamos só para a festa depois. — Peter me lança um olhar incrédulo. — Isso estava no bilhete que escrevi hoje! Deus, por que me dou o trabalho?

— Eu estava muito ocupada — digo baixinho.

Estou me sentindo mal. Ele está cumprindo sua parte do acordo e me escreve religiosamente um bilhete por dia, e eu nem me dou o trabalho de ler todos.

— Não sei se posso ir à festa. Não sei se tenho permissão para sair tão tarde.

— Seu pai está em casa? Vou pedir para ele.

— Não, ele está no hospital. Além do mais, não posso deixar a Kitty aqui sozinha.

Eu pego a xícara de medida de novo.

— Que horas seu pai chega em casa?

— Não sei. Tarde. — Ou talvez daqui a uma hora. Mas a essa altura Peter já vai ter ido embora. — É melhor você ir. Não quero prender você.

Peter geme.

— Covey, eu preciso que você vá. A Gen ainda não falou nada sobre nós, e esse é o objetivo de tudo isso. E... talvez ela leve aquele babaca com quem está namorando. — Peter faz beicinho. — Vamos lá. Eu ajudei com o Josh, não foi?

— Foi — admito. — Mas, Peter, preciso fazer os cupcakes para a feira e...

Peter estica o braço.

— Então vou ajudar você. É só me dar um avental.

Eu me afasto e começo a procurar outro avental. Encontro um com estampa de cupcakes e entrego a ele. Peter faz uma careta e aponta para o meu.

— Quero o que você está usando.

— Mas este é meu! — É de guingão vermelho e branco com ursinhos marrons; minha avó comprou para mim na Coreia. — Eu sempre uso este. Coloca o outro e pronto.

Lentamente, Peter balança a cabeça e estica a mão.

— Me dá o seu. Você me deve uma por não ler meus bilhetes.

Desamarro o avental e o entrego para ele. Então me viro e volto a medir.

— Você é mais infantil do que a Kitty.

— Anda logo e me diz o que fazer — diz ele.

— Mas você sabe cozinhar? Porque só tenho os ingredientes exatos para cinquenta cupcakes. Não quero ter que recomeçar...

— Eu sei fazer doces!

— Tudo bem, então. Coloca esses tabletes de manteiga na tigela.

— E depois?

— Quando você terminar, eu passo a tarefa seguinte.

Peter revira os olhos, mas faz o que eu mando.

— Então é isso que você faz nas noites de sexta? Fica em casa de pijama e faz cupcakes?

— Eu faço outras coisas também — digo, enquanto prendo o cabelo em um rabo de cavalo apertado.

— Como o quê?

Ainda estou tão nervosa pelo aparecimento repentino de Peter que não consigo pensar.

— Hã, eu saio.

— Para onde?

— Meu Deus, não sei! Por acaso isso é um interrogatório? — Sopro a franja dos olhos. Está ficando quente aqui. É melhor eu desligar o forno, porque a chegada de Peter deixou tudo ainda mais lento. Nesse ritmo, vou ficar acordada a noite toda. — Você me fez perder a contagem da farinha. Vou ter que medir tudo de novo!

— Aqui, deixa que eu faço — diz Peter, se aproximando de mim.

Eu me afasto dele.

— Não, não, deixa que eu faço — recuso, mas ele balança a cabeça e tenta pegar a xícara da minha mão, mas eu resisto, e a farinha voa e se espalha no ar, sujando nós dois. Peter começa a rir, e eu solto um grito ultrajado. — Peter!

Ele está rindo demais e não consegue falar.

Eu cruzo os braços.

— É melhor eu ainda ter farinha suficiente.

— Você parece uma velhinha — diz ele, ainda rindo.

— Bem, você parece um velhinho — retruco.

Jogo a farinha que está na tigela de volta no saco.

— Na verdade, você parece muito a minha avó — diz Peter. — Odeia todo e qualquer tipo de palavrão. Gosta de fazer bolos. Fica em casa nas noites de sexta. Uau, estou namorando minha avó. Que nojo.

Eu começo a medir de novo. Uma xícara, duas.

— Eu não fico em casa todas as noites de sexta.

Três.

— Eu nunca vi você sair. Você não vai a festas. A gente andava junto, antigamente. Por que você parou de andar com a gente?

Quatro.

— Eu... não sei. Era diferente no fundamental.

O que ele quer que eu diga? Que Genevieve decidiu que eu não era legal o bastante para andar com eles? Por que ele é tão sem noção?

— Eu sempre quis saber por que você parou de sair com a gente.

Eu estava na cinco ou na seis?

— Peter! Você me fez perder a conta de novo!

— Eu tenho esse efeito nas mulheres.

Reviro os olhos, e ele sorri para mim, mas, antes que possa dizer qualquer outra coisa, eu grito:

— Kitty! Vem cá!

— Estou trabalhando...

— O Peter está aqui!

Sei que isso vai convencê-la.

Em cinco segundos, Kitty entra correndo na cozinha. Ela para de

repente e fica tímida.

— Por que você está aqui? — pergunta ela.

— Vim buscar a Lara Jean. Por que você não está ajudando?

— Eu estava fazendo uma experiência. Quer me ajudar?

Eu respondo por ele.

— Claro, ele vai ajudar você. — Para Peter, eu digo: — Você está me distraindo. Vai ajudar a Kitty.

— Não sei se você quer a minha ajuda, Katherine. Sabe, eu sou uma distração para as mulheres. Faço elas perderem a conta. — Peter pisca para ela, e finjo que estou com ânsia de vômito. — Por que você não fica aqui embaixo e nos ajuda com os cupcakes?

— Cha-to!

Kitty dá meia-volta e sobe a escada correndo.

— Não ouse querer colocar coberturas ou confeito quando terminar! — grito. — Você não ganhou esse direito!

Estou batendo a manteiga e Peter está quebrando os ovos em uma saladeira lascada quando meu pai chega em casa.

— De quem é aquele carro lá fora? — pergunta ele, ao entrar na cozinha. Papai para na mesma hora. — Oi — diz, surpreso. Está com uma sacola para viagem do restaurante chinês na mão.

— Oi, pai — cumprimento, como se fosse perfeitamente normal Peter Kavinsky estar na nossa cozinha. — Você parece cansado.

Peter endireita a postura.

— Oi, dr. Covey.

Meu pai coloca a sacola na bancada da cozinha.

— Ah, oi — diz ele, limpando a garganta. — É um prazer ver você. Você é Peter K., certo?

— Certo.

— Da galera antiga — diz meu pai, de modo jovial, e me encolho de vergonha. — O que vocês estão fazendo?

— Estou fazendo cupcakes para a feira de doces da Associação de Pais e Mestres da Kitty e o Peter está ajudando.

Meu pai assente.

— Está com fome, Peter? Tem o bastante para todo mundo. — Ele levanta a bolsa. — Camarão *lo mein*, frango *kung pao*.

— Na verdade, Lara Jean e eu íamos passar na festa de um amigo nosso — diz Peter. — Tem problema? Prometo que a trago de volta cedo.

Antes que meu pai possa responder, eu digo para Peter:

— Eu já falei que tenho que terminar os cupcakes.

— A Kitty e eu terminamos — interrompe meu pai. — Vocês dois podem ir para a festa de aniversário.

Meu estômago fica embrulhado.

— Não tem problema, pai. Eu é que tenho que fazer, vou fazer uma

decoração especial.

— Kitty e eu damos um jeito. Pode ir trocar de roupa. Vamos trabalhar nesses cupcakes.

Eu abro e fecho a boca como um peixe.

— Tudo bem, então.

Mas não me mexo, só fico ali de pé, porque tenho medo de deixar os dois sozinhos. Peter dá um sorriso largo para mim.

— Você ouviu seu pai. Está tudo sob controle.

E eu penso: *Não aja com confiança demais, porque meu pai vai pensar que você é arrogante.*

* * *

Há certas roupas que fazem a gente se sentir bem toda vez que as usamos, e há roupas de que gostamos tanto que as usamos várias vezes seguidas, e depois parecem ter saído do lixo. Estou olhando meu armário agora e tudo parece lixo. Minha ansiedade só aumenta por saber que Gen vai estar perfeita, porque tudo fica bem nela. E eu também tenho que usar a roupa certa. Peter não viria até aqui fazendo questão de ir à festa se não fosse importante para ele.

Coloco uma calça jeans e experimento algumas blusas: uma cor de pêssego com babados que de repente parece exagerada, um suéter comprido e felpudo com o desenho de um pinguim que parece infantil demais. Estou colocando um short cinza com suspensórios pretos quando alguém bate à porta. Fico imóvel e pego um suéter para me cobrir.

— Lara Jean.

É Peter.

— O quê?

— Você está pronta?

— Quase! Só... me espera lá embaixo. Desço daqui a pouco.

Ele solta um suspiro audível.

— Tudo bem. Vou ver o que a sua irmã está fazendo.

Quando ouço os passos dele se afastando, experimento uma blusa creme de bolinhas com o conjunto de short e suspensório. É bonitinho, mas será que está fofo demais? Exagerado? E devo colocar uma meia-calça preta ou meias pretas até os joelhos? Margot disse que essa roupa me faz parecer uma parisiense. Parisiense é bom. Sofisticado, romântico. Experimento uma boina só para ver o efeito, mas descarto na mesma hora. Fica exagerado.

Eu queria que Peter não tivesse aparecido assim. Preciso de tempo para me planejar, me preparar. Embora, para falar a verdade, se ele tivesse me convidado com antecedência, eu teria inventado uma desculpa para não ir. Uma coisa é ir à sorveteria depois da aula, mas

uma festa com todos os amigos dele e, além de tudo, Genevieve?

Pulo pelo quarto em busca das meias até os joelhos e depois em busca do meu potinho de brilho labial de morango no formato de um morango. Caramba, preciso arrumar o quarto. Não consigo encontrar nada nessa bagunça.

Corro até o quarto de Margot para pegar o cardigã dela emprestado. Passo pela porta aberta de Kitty, e vejo Peter e ela deitados no chão, mexendo no kit de laboratório. Reviro a gaveta de suéteres de Margot, que agora só tem camisetas e shorts, porque ela levou a maioria dos casacos. Não acho cardigã nenhum. Mas, no fundo da gaveta, há um envelope. Uma carta de Josh.

Quero tanto abrir. Sei que é errado.

Com todo o cuidado do mundo, tiro a carta do envelope e a desdobro.

Querida Margot,

Você disse que tínhamos que terminar porque você não quer ir para a faculdade namorando, porque quer sua liberdade e não quer se sentir presa a nada. Mas você sabe e eu sei que esse não é o verdadeiro motivo. Na verdade, você terminou comigo porque nós transamos e você ficou com medo de ficarmos muito íntimos.

Eu paro de ler.

Não consigo acreditar. Chris estava certa, e eu, errada. Margot e Josh transaram. Parece que tudo que eu achava que sabia é mentira. Achei que conhecia Margot, mas, no fim das contas, não sei quem ela é.

Ouçõ Peter chamar meu nome.

— Lara Jean! Você já está pronta?

Mais do que depressa, dobro a carta e a enfio de volta no envelope. Coloco na gaveta e fecho.

— Estou indo!

ESTAMOS NA PORTA da frente da mansão de Steve Bledell. Steve é do time de futebol americano, mas é mais conhecido por ter um padrasto rico dono de um jatinho.

— Pronta? — pergunta Peter.

Eu seco as palmas das mãos no short. Queria ter tido tempo de arrumar melhor o cabelo.

— Na verdade, não.

— Então vamos conversar sobre nossa estratégia. Você só precisa agir como se estivesse apaixonada por mim. Não deve ser muito difícil.

Reviro os olhos.

— Você é a pessoa mais convencida que já conheci.

Peter sorri e dá de ombros. Ele segura a maçaneta, mas para.

— Espera — diz ele, depois puxa o elástico do meu cabelo e joga no jardim.

— Ei!

— Fica melhor solto. Confie em mim.

Peter passa os dedos pelo meu cabelo, ajeitando-o, e bato na mão dele. Em seguida, ele pega o celular no bolso de trás da calça jeans e tira uma foto minha.

Eu olho para ele sem entender.

— Para o caso de a Gen olhar meu celular — explica Peter.

Vejo-o colocar a foto como papel de parede.

— Podemos tirar outra?

Não gostei de como meu cabelo ficou.

— Não, eu gostei. Você está bonita.

Ele só deve ter dito isso para podermos entrar logo, mas eu me sinto melhor.

Entro na festa com Peter Kavinsky e não consigo deixar de sentir uma onda repentina de orgulho. Ele está aqui comigo. Ou sou eu que estou aqui com ele?

Eu a vejo assim que entramos; Gen está sentada no sofá com as amigas, todas segurando copos vermelhos. Não há namorado por perto. Ela ergue as sobranceiras para mim e sussurra alguma coisa para Emily Nussbaum.

— Eeeei, Lara Jean — grita Emily, me chamando com o dedo. — Venha se sentar aqui com a gente.

Começo a andar na direção delas achando que Peter está ao meu lado, mas ele não está. Ele parou para cumprimentar alguém. Eu o

encaro com expressão de pânico, mas ele faz sinal para eu ir em frente e diz apenas com movimentos labiais: *É com você.*

Atravessar a sala sozinha é como atravessar um continente com Gen e as amigas me observando.

— Oi, pessoal — digo, e minha voz sai aguda e meio infantil.

Não há espaço para mim no sofá, então me empoleiro em um dos braços, como um pássaro no fio telefônico. Fico com os olhos grudados nas costas de Peter, que está do outro lado da sala com uns caras do time de lacrosse. Deve ser legal ser ele. Tão tranquilo, tão à vontade consigo mesmo, sabendo que as pessoas o estão esperando, tipo *Peter está aqui então agora a festa pode começar de verdade.* Olho ao redor só para ter alguma coisa a fazer e vejo Gabe e Darrell. Eles acenam para mim com simpatia, mas não se aproximam. Parece que todo mundo está esperando e observando — esperando e observando para ver o que Genevieve vai fazer.

Estou arrependida de ter vindo.

Emily se inclina para a frente.

— Estamos todas doidas para saber... Qual é a história entre você e o Kavinsky?

Sei que foi Gen quem a mandou perguntar. Gen toma goles de sua bebida com toda a naturalidade do mundo, mas está esperando minha resposta. Será que já está bêbada? Por tudo que ouvi sobre Gen, ela fica mal-humorada quando bebe. Não que eu tenha visto, mas ouvi os boatos.

Umedeço os lábios.

— Peter já deve ter contado...

Emily faz um gesto que indica que o que Peter diz não conta.

— Queremos saber de você. Afinal, é tão surpreendente. Como foi que isso aconteceu?

Ela se inclina mais para perto, como se fôssemos melhores amigas.

Quando hesito e desvio o olhar para Genevieve, ela sorri e revira os olhos.

— Está tudo bem, pode falar, Lara Jean. Peter e eu terminamos. Não sei se ele contou, mas fui eu que terminei com ele.

Eu assinto.

— Foi o que ele disse.

Não foi o que ele disse, mas é o que eu já sabia.

— E quando vocês começaram a sair?

Ela tenta parecer indiferente, mas sei que minha resposta é importante. Ela está me testando.

— Faz pouco tempo — digo.

— Quanto tempo? — insiste ela.

Engulo em seco.

— Logo antes do início das aulas.

Não foi essa a história que Peter e eu combinamos?

Os olhos de Genevieve brilham, e meu coração despenca. Falei a coisa errada, mas é tarde demais. É difícil não ficar preso no feitiço dela. Ela é o tipo de pessoa que você quer que goste de você. Você sabe que ela pode ser cruel; já a viu sendo cruel. Mas, quando Gen está olhando para você e prestando atenção, quer que isso dure. Em parte é por causa de sua beleza, mas tem mais alguma coisa, algum tipo de magnetismo. Acho que é a transparência: tudo que ela pensa ou sente está escrito em sua cara e, mesmo quando não está, ela diria de qualquer jeito, porque Gen diz o que pensa sem parar para medir nas consequências.

Consigo entender por que Peter foi apaixonado por ela por tanto tempo.

— Acho adorável — diz Genevieve, e as garotas começam a conversar sobre um show para o qual estão tentando conseguir ingressos, e eu fico sentada ali, feliz por não precisar falar, me perguntando como estão as coisas com os cupcakes lá em casa. Espero que meu pai não os asse por tempo demais. Não tem nada pior do que um cupcake seco.

As garotas passam a falar de fantasias de Halloween, então me levanto para ir ao banheiro. Quando volto, encontro Peter sentado em uma poltrona de couro, bebendo cerveja e conversando com Gabe. Não tem lugar para mim; o braço do sofá foi ocupado. E agora?

Fico ali de pé por um segundo, mas preciso decidir rápido: preciso fazer o que uma garota apaixonada faria. Faço o que Genevieve faria. Vou até Peter e me sento no colo dele como se fosse meu lugar de direito.

Peter dá um gritinho de surpresa.

— Oi — diz, engasgando com a cerveja.

— Oi.

Em seguida, aperto de leve o nariz dele como vi uma garota fazer em um filme em preto e branco.

Peter se ajeita na poltrona e me olha como se estivesse segurando o riso, e fico nervosa; apertar o nariz de um garoto é romântico, não é? Então, pelo canto do olho, consigo ver Genevieve nos encarando. Ela sussurra alguma coisa para Emily e sai da sala.

Sucesso!

* * *

Mais tarde, vou pegar refrigerante e vejo Genevieve e Peter conversando na cozinha. Ela está falando com a voz baixa e urgente, estica a mão e toca no braço dele. Peter tenta afastar a mão dela, mas Gen não solta.

Estou tão hipnotizada que não reparo quando Lucas Krapf se aproxima de mim enquanto abre uma garrafa de cerveja.

— Oi, Lara Jean.

— Oi!

Fico aliviada em ver um rosto familiar.

Ele fica de pé ao meu lado, com as costas apoiadas na parede da sala de jantar.

— Por que eles estão brigando?

— Nem faço ideia — respondo.

Dou um sorriso discreto. Com sorte, é por minha causa. Peter vai ficar feliz de ver que nosso plano está finalmente dando certo.

Lucas faz sinal para eu chegar mais perto.

— Uma briga não é um bom sinal, Lara Jean — sussurra ele. — Quer dizer que alguém ali ainda gosta do outro.

O hálito dele tem cheiro de cerveja.

Hummm. Genevieve obviamente ainda gosta dele. Peter deve gostar dela também.

Lucas dá tapinhas na minha cabeça.

— Só tome cuidado.

— Obrigada.

Peter sai da cozinha.

— Está pronta para ir embora?

Ele não espera minha resposta, apenas sai andando com os ombros tensos.

Dou de ombros para Lucas.

— A gente se vê na segunda!

E saio correndo atrás de Peter.

Ele ainda está com raiva, consigo perceber pela forma como enfia a chave na ignição.

— Meu Deus, ela me deixa louco! — Peter está tão nervoso que calor emana dele em ondas. — O que você disse para ela?

Eu me remexo no banco, nervosa.

— Ela me perguntou quando começamos a sair. Falei que foi logo antes de as aulas começarem.

Peter dá um gemido profundo.

— Nós ficamos naquele primeiro fim de semana.

— Mas... vocês já tinham terminado.

— É, bem. — Peter dá de ombros. — Tanto faz. O que está feito está feito.

Aliviada, coloco o cinto de segurança e tiro os sapatos.

— Por que vocês estavam brigando, afinal?

— Não precisa se preocupar com isso. Você fez um bom trabalho, aliás. Ela está morrendo de ciúmes.

— Eba — comemoro. Desde que ela não me mate.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— Peter... como você soube que amava a Genevieve?

— Meu Deus, Lara Jean. De onde você tira essas perguntas?

— Sou uma pessoa curiosa por natureza. — Eu viro o para-sol para me olhar no espelho e começo a fazer uma trança embutida. — E talvez a pergunta que você deveria estar se fazendo agora é por que está com tanto medo da resposta?

— Eu não estou com medo!

— Então por que não me responde?

Peter fica em silêncio, e tenho certeza de que não vai responder, mas, depois de uma longa pausa, ele diz:

— Não sei se amei Genevieve. Como eu poderia saber? Tenho dezessete anos, caramba.

— Você tem dezessete, não é tão jovem. Cem anos atrás, as pessoas se casavam quando tinham praticamente a sua idade.

— É, isso foi antes da eletricidade e da internet. Cem anos atrás, caras de dezoito anos lutavam em guerras com baionetas e tinham a vida de outras pessoas nas mãos! Eles já tinham vivido muito quando chegavam à nossa idade. O que o pessoal da nossa idade sabe sobre o amor e a vida?

Eu nunca o ouvi falar assim, como se realmente se importasse com alguma coisa. Acho que ainda está nervoso por causa da briga com Genevieve.

Faço um coque e prendo com um elástico.

— Sabe quem você parece? Meu avô — digo. — E acho que está enrolando porque não quer responder a pergunta.

— Eu já respondi, você que não gostou da resposta.

Paramos na frente da minha casa. Peter desliga o motor, o que ele faz sempre que quer conversar um pouco mais. Por isso, não saio logo do carro, coloco a bolsa no colo e procuro a chave, embora as luzes estejam acesas no andar de cima. Caramba. Estou sentada no banco do passageiro do Audi preto de Peter Kavinsky. Não é o que toda garota sempre quis? Não Peter Kavinsky especificamente... ou sim, talvez Peter Kavinsky especificamente.

Ele apoia a cabeça no banco e fecha os olhos.

— Você sabia que, quando as pessoas brigam, isso quer dizer que ainda gostam uma da outra? — Como Peter não responde, eu continuo: — A Genevieve deve mesmo ter você na palma da mão.

Espero que ele negue, mas não. Em vez disso, diz:

— É, mas eu queria que não fosse assim. Não quero que ninguém seja dono de mim. Não quero pertencer a ninguém.

Margot diria que pertence a si mesma. Kitty diria que não pertence a ninguém. E acho que eu diria que pertença às minhas irmãs e ao meu pai, mas isso nem sempre será verdade. Pertencer a alguém... Eu

não tinha percebido, mas, agora que estou pensando no assunto, parece que é tudo que eu sempre quis. Ser de alguém de verdade, e que essa pessoa fosse minha.

— Então esse é o motivo por que você está fazendo isso. — Em parte, é uma pergunta, mas na verdade já sei a resposta. — Para provar que não pertence a ela. E que seu lugar não é com ela. — Eu hesito. — Você acha que tem diferença? Entre *pertencer* a alguém e *estar* com alguém?

— Claro. Um implica escolha, o outro, não.

— Você deve amar muito a Genevieve para se dar todo esse trabalho.

Peter faz um som de desdém.

— Você é romântica demais.

— Obrigada — digo, apesar de saber que ele não falou como elogio. Respondo só para irritá-lo.

Sei que consegui quando ele pergunta com expressão azeda:

— O que você sabe sobre o amor, Lara Jean? Você nunca namorou.

Fico tentada a inventar alguém, um garoto do acampamento, de outra cidade, de qualquer lugar. *O nome dele é Clint* está na ponta da minha língua. Mas seria humilhante demais, porque ele saberia que é mentira; já contei a ele que nunca namorei. E, mesmo que não tivesse falado, é bem mais patético inventar um namorado do que apenas admitir a verdade.

— Não, eu nunca namorei. Mas muitas pessoas que conheço namoraram e não se apaixonaram nem uma vez. Eu já me apaixonei.

É *por isso* que estou fazendo isso.

Peter dá uma risada debochada.

— Por quem? Josh Sanderson? Aquele idiota?

— Ele não é idiota — defendo-o, franzindo a testa. — Você nem o conhece. Não sabe do que está falando.

— Qualquer pessoa com meio cérebro consegue perceber o quão idiota aquele cara é.

— Você está chamando minha irmã de burra? — pergunto.

Se ele disser uma coisa ruim que seja sobre minha irmã, é o fim. Essa coisa toda vai acabar. Não preciso dele tanto assim.

Peter ri.

— Não. Estou dizendo que você é!

— Quer saber? Não precisa mais responder. Está claro que você nunca amou ninguém além de si mesmo.

Tento abrir a porta do passageiro, mas está trancada.

— Lara Jean, eu só estava brincando. Para com isso.

— A gente se vê na segunda.

— Espera, espera. Primeiro me responde uma coisa. — Peter se recosta no banco. — Por que você nunca namorou ninguém?

Eu dou de ombros.

— Não sei... Talvez porque ninguém tenha me convidado para sair?

— Mentira. Eu sei que o Martinez convidou você para o baile, e você disse não.

Fico surpresa por ele saber disso.

— Por que vocês, garotos, ficam se chamando pelos sobrenomes? — pergunto para ele. — É tão... — eu me esforço para encontrar a palavra certa — ... falso?

— Não mude de assunto.

— Acho que eu disse não porque fiquei com medo.

Eu olho pela janela e passo o dedo no vidro, desenhando um *M* de Martinez.

— Do *Tommy*?

— Não. Eu gosto do Tommy. Não é isso. É assustador quando é real. Quando não é só na sua imaginação, mas, tipo, ter uma pessoa de verdade na sua frente, com, sei lá, expectativas. E vontades.

Eu finalmente olho para Peter, e fico surpresa com o quanto ele está prestando atenção; seus olhos estão alertas e concentrados como se ele estivesse realmente interessado no que estou dizendo.

— Mesmo quando gostei muito de alguém, amei até, eu preferia ficar com minhas irmãs, porque é o meu lugar — continuo.

— Espera. E agora?

— Agora? Ah, não gosto de você assim, então...

— Que bom — diz Peter. — Vê se não se apaixona por mim de novo, tá? Não dá para ter mais garotas apaixonadas por mim. É muito cansativo.

Dou uma gargalhada alta.

— Você é tão metido.

— Estou brincando — protesta ele, mas sei que não está. — O que você viu em mim, afinal?

Ele abre um sorriso, já arrogante de novo, convencido do próprio charme.

— Sinceramente? Eu não saberia dizer.

O sorriso enfraquece, mas se recompõe rápido, só que agora Peter não está mais tão seguro de si.

— Você disse que era porque eu faço as pessoas se sentirem especiais. Você... você disse que era porque danço bem e fiz dupla na aula de ciências com Jeffrey Suttleman!

— Uau, você decorou mesmo cada palavra daquela carta, hein? — provoco. Sinto uma pequena onda de satisfação ao ver o sorriso de Peter sumir completamente. Essa onda vem seguida de remorso, porque feri os sentimentos dele sem nenhum motivo. O que deu em mim para fazer isso? Querendo consertar as coisas, acrescento: — Não, é verdade. Você tinha mesmo algo de especial na época.

Acho que só piorei a situação, porque ele faz uma careta.
Não sei mais o que dizer, então abro a porta do carro e saio.
— Obrigada pela carona, Peter.

Quando entro em casa, passo primeiro na cozinha para checar os cupcakes. Estão organizados em potes plásticos. A cobertura está meio desajeitada, e os confeitos, irregulares, mas de um modo geral parecem muito bons. Isso é um alívio. Pelo menos Kitty não vai passar vergonha na feira por minha causa!

De: Margot Covey (mcovey@st-andrews.ac.uk)
Para: Lara Jean Covey (larajeansong@gmail.com)

Como está indo a escola? Entrou para algum clube? Acho que você deveria considerar a revista literária ou o projeto das Nações Unidas. E não esqueça que este fim de semana é o Dia de Ação de Graças coreano e você tem que ligar para a vovó, senão ela vai ficar triste! Estou com saudades.

P.S.: Por favor, mande biscoitos recheados! Sinto falta das nossas competições de comilança.

Com amor, M

De: Lara Jean Covey (larajeansong@gmail.com)
Para: Margot Covey (mcovey@st-andrews.ac.uk)

Está tudo bem na escola. Ainda não estou em nenhum clube novo, mas vamos ver. Já anotei na agenda que tenho que ligar para a vovó. Não se preocupe, está tudo sob controle!

Beijos

A MÃE DE Peter tem um antiquário chamado Linden & White na rua de paralelepípedos do Centro. O que ela mais vende é mobília, mas também tem mostruários de joias, cada um representando uma década. Minha década favorita é a de 1900. Tem um pingente de ouro em formato de coração com um diamante pequenininho no meio; parece uma estrela explodindo. Custa quatrocentos dólares. O antiquário fica ao lado da livraria McCalls, por isso às vezes dou uma passadinha na loja para olhar o pingente. Sempre acho que não estará mais lá, mas sempre está.

Uma vez, compramos um broche de ouro em formato de trevo da década de 1940 para o Dia das Mães. Margot e eu montamos uma barraca para vender limonada todos os sábados durante um mês e conseguimos juntar dezesseis dólares. Lembro o orgulho que sentimos quando demos o dinheiro para nosso pai, arrumadinho dentro de um saco plástico. Na época, achei que estávamos pagando a maior parte e papai só ia ajudar um pouco. Agora, percebo que o broche custou bem mais do que dezesseis dólares. Eu deveria perguntar a ele quanto custou de verdade. Mas talvez eu não queira saber. Talvez seja melhor não saber. Enterramos mamãe com o broche, era o favorito dela.

Estou de pé em frente ao mostruário, com os dedos encostados no vidro, quando Peter aparece, vindo dos fundos da loja.

— Oi — diz ele, surpreso.

— Oi — respondo. — O que você está fazendo aqui?

Peter me olha como se eu fosse burra.

— Minha mãe é a dona, lembra?

— Eu sei disso. Só nunca vi você aqui. Você trabalha na loja?

— Não, tive que trazer uma encomenda para minha mãe. Agora ela está dizendo que tenho que pegar um conjunto de cadeiras em Huntsburgh amanhã — diz Peter, mal-humorado. — São duas horas para ir e voltar. Um saco.

Assinto, solidária, e me afasto do mostruário. Finjo olhar para um globo rosa e preto. Na verdade, acho que Margot gostaria dele. Poderia ser um bom presente de Natal para ela. Observo-o com mais atenção.

— Quanto custa este globo?

— O preço que está na etiqueta. — Peter apoia o cotovelo no mostruário e se inclina para a frente. — Você devia ir.

Eu olho para ele.

— Aonde?

- Buscar as cadeiras comigo.
- Você acabou de reclamar do quanto vai ser um saco.
- É, sozinho. Se você for, talvez seja um pouco menos pior.
- Nossa, obrigada.
- De nada.

Eu reviro os olhos. Peter diz “de nada” para tudo! É tipo *Não, Peter, esse não foi um agradecimento genuíno, então você não precisa responder.*

— Então, você vai ou não?

— Ou não.

— Ah, vamos! Vou buscar as cadeiras em uma propriedade à venda. O dono era recluso. As coisas estão lá há cinquenta anos. Aposto que vai ter coisas para você olhar. Você gosta de coisas antigas, não gosta?

— Gosto — respondo, surpresa por ele saber isso sobre mim. — Na verdade, eu sempre quis ir a uma venda dessas. Como o dono morreu? Quanto tempo passou até que alguém encontrasse o corpo?

— Caramba, como você é mórbida. — Ele estremece. — Não sabia que você tinha esse lado.

— Eu tenho muitos lados — digo para ele, e me inclino para a frente. — E aí? Como ele morreu?

— Ele não morreu, sua esquisita. Só está velho. A família vai mandar o cara para um asilo. — Peter ergue uma sobrancelha para mim. — Então pego você amanhã às sete.

— Sete? Você não falou nada sobre sair às sete da manhã em um sábado!

— Desculpa — diz ele parecendo culpado. — Temos que chegar cedo, antes que todas as coisas boas sejam vendidas.

* * *

Naquela noite, preparo o almoço do dia seguinte para mim e para Peter. Faço sanduíches de rosbife com queijo e tomate, maionese para mim e mostarda para ele. Peter não gosta de maionese. São as coisas engraçadas que você aprende em um relacionamento de mentira.

Kitty entra na cozinha e tenta pegar uma metade de sanduíche. Dou um tapa na mão dela.

— Não é para você.

— Então é para quem?

— É para o meu almoço amanhã. Meu e do Peter.

Ela sobe em um banco e me observa embrulhar os sanduíches em papel-alumínio. Sanduíches ficam bem mais bonitos em papel-alumínio do que dentro de potes plásticos. Sempre que posso, uso papel-alumínio.

— Eu gosto do Peter — diz Kitty. — Ele é muito diferente do Josh, mas gosto dele.

Eu olho para ela.

— O que você quer dizer?

— Não sei. Ele é engraçado. Faz um monte de brincadeiras. Você deve estar muito apaixonada se está fazendo sanduíches para ele. Quando a Margot e o Josh começaram a namorar, ela fazia macarrão com molho de três queijos o tempo todo, porque é o prato favorito dele. Qual é o prato favorito do Peter?

— Eu... eu não sei. Quer dizer, ele gosta de tudo.

Kitty me olha de soslaio.

— Se você é a namorada dele, deveria saber qual é a sua comida favorita.

— Sei que ele não gosta de maionese — digo.

— Isso é porque maionese é nojento. Josh também odeia maionese. Sinto uma pontada. Josh odeia mesmo maionese.

— Kitty, você sente falta do Josh?

Ela assente.

— Eu queria que ele ainda viesse aqui. — Um olhar de saudade surge no rosto dela, e estou quase lhe dando um abraço quando Kitty coloca as mãos nos quadris. — Mas não use todo o rosbife, preciso dele para meu lanche da semana que vem.

— Se acabar, faço salada de atum. Caramba.

— É bom mesmo — diz Kitty, e sai correndo.

“É bom mesmo”? De onde ela tira essas coisas?

* * *

Às sete e meia, estou sentada à janela esperando Peter chegar. Carrego um saco de papel pardo com nossos sanduíches e minha câmera, para o caso de haver alguma coisa sinistra ou legal que eu possa fotografar. Estou imaginando uma mansão velha, cinza e em ruínas, como se vê nos filmes de terror, com um portão e um laguinho sujo ou um labirinto no jardim.

A minivan da mãe de Peter para na porta da minha casa às 7h45, o que me deixa irritada. Eu poderia ter dormido mais uma hora inteira. Corro até o carro e entro, e, antes que eu possa falar qualquer coisa, ele diz:

— Desculpa, desculpa. Mas olha só o que eu trouxe para você. — Ele me passa um donut em um guardanapo, ainda quente. — Eu parei e comprei bem na hora que abriram, às sete e meia. É de café com chocolate e açúcar.

Eu arranco um pedaço e coloco na boca.

— Hum!

Ele me olha de soslaio enquanto acelera o carro.

— Então fiz a coisa certa ao me atrasar, né?

Eu concordo enquanto dou uma mordida grande.

— Você fez a coisa perfeita — digo, com a boca cheia. — Ei, trouxe água?

Peter me entrega uma garrafa de água pela metade, e tomo um grande gole.

— É o melhor donut que já comi — comento.

— Que bom. — Peter olha para mim e ri. — Você está com açúcar na cara toda.

Eu limpo a boca com o outro lado do guardanapo.

— Nas bochechas também — diz ele.

— Tudo bem, tudo bem. — O carro fica em silêncio, o que me deixa nervosa. — Que tal um pouco de música?

Pego meu celular.

— Na verdade, você se importa se ficarmos em silêncio por um tempo? Não consigo ouvir música antes de a cafeína começar a agir.

— Hã... claro.

Não sei se isso quer dizer que ele quer que eu fique quieta também. Eu não teria concordado com esse passeio se soubesse que teria que ficar em silêncio.

Peter está com uma expressão serena no rosto, como se fosse o capitão de um barco de pesca e estivéssemos flutuando placidamente em alto-mar. Só que não está dirigindo devagar; ele está dirigindo muito rápido.

Consigo ficar em silêncio por uns dez segundos.

— Espera, você quer que eu fique quieta também?

— Não, eu só não quero música. Você pode falar o quanto quiser.

— Tudo bem.

Mas fico em silêncio, porque é constrangedor quando alguém diz que você pode falar o quanto quiser.

— Ei, qual é a sua comida favorita?

— Eu gosto de tudo.

— Mas qual é sua *favorita*? Tipo, sua favorita de todas. É macarrão com queijo, frango frito, bife ou pizza?

— Gosto disso tudo. Igualmente.

Solto um suspiro irritado. Por que Peter não entende o conceito de escolher uma coisa favorita?

Peter imita meu suspiro e ri.

— Tudo bem. Gosto de pão de canela. É minha comida favorita.

— Pão de canela? — repito. — Você gosta de pão de canela mais do que de patas de caranguejo? Mais do que de cheesebúrguer?

— Sim.

— Mais do que de bife?

Peter hesita. Mas responde:

— Sim! Agora pare de criticar minha escolha. Não vou mudar de

ideia.

Eu dou de ombros.

— Tudo bem.

Eu espero, dando a ele uma chance de me perguntar qual é minha comida favorita, mas ele não pergunta.

— Minha comida favorita é bolo — digo, por fim.

— Que tipo de bolo?

— Não importa. Qualquer um.

— Você acabou de me encher porque não escolhi!

— Mas é tão difícil escolher um tipo! — exclamo. — Tem aquele bolo de coco com cobertura de glacê parecida com uma bola de neve. Gosto muito desse. Mas também gosto de cheesecake, de torta de limão e de bolo de cenoura. E também de bolo *red velvet* com cobertura de cream cheese, e bolo de chocolate com cobertura de ganache. — Eu faço uma pausa. — Você já comeu bolo de azeite de oliva?

— Não. Parece estranho.

— É muito, muito gostoso. Úmido e delicioso. Vou fazer para você.

Peter geme.

— Você está me deixando com fome. Eu devia ter comprado um saco inteiro de donuts.

Eu abro o saco de papel pardo e pego o sanduíche dele. Escrevi um *P* no papel-alumínio para saber qual era o dele.

— Você quer um sanduíche?

— Você fez para mim?

— Bom, eu estava preparando um para mim. Seria falta de educação trazer só um sanduíche e comer na sua frente.

Peter aceita o sanduíche e come com a parte de baixo ainda envolta no papel.

— Está gostoso — comenta, assentindo. — Que mostarda é essa?

— Mostarda de cerveja — respondo, satisfeita. — Meu pai compra de um catálogo de comida bacana. Ele adora cozinhar.

— Você não vai comer o seu?

— Estou guardando para depois.

No meio do caminho, Peter começa a costurar no trânsito e fica olhando para o relógio no painel.

— Por que você está com tanta pressa? — pergunto.

— Os Epstein — diz ele, batendo com os dedos no volante.

— Quem são os Epstein?

— Um casal idoso que tem um antiquário em Charlottesville. Da última vez, Phil chegou cinco minutos antes de mim e fez a limpa. Isso não vai acontecer hoje.

Impressionada, digo:

— Uau, eu não fazia ideia de que a concorrência nessa área era tão

acirrada.

Como um sabe-tudo, Peter dá um sorrisinho.

— E as áreas não são todas assim?

Reviro os olhos para a janela. Peter é tão Peter.

* * *

Estamos parados em um sinal de trânsito quando Peter se senta ereto de repente.

— Ah, merda! Os Epstein!

Eu estava quase dormindo. Meus olhos se abrem na mesma hora.

— Onde? Onde?

— Carro vermelho! Dois carros à frente, à direita.

Eu estico o pescoço para olhar. É um casal de cabelo grisalho, com uns sessenta ou setenta anos. É difícil ter certeza, tão de longe.

Assim que o sinal fica verde, Peter acelera e sai dirigindo pelo acostamento. Eu grito “Vai, vai, vai!”, e logo passamos pelos Epstein. Meu coração está disparado e não consigo deixar de colocar a cabeça para fora da janela e gritar, porque é tão emocionante. Meu cabelo balança ao vento, e sei que vai ficar todo embaraçado, mas não me importo.

— Uhullll! — grito.

— Você é louca — diz Peter, me puxando pela barra da camisa.

Ele está me olhando como olhou no dia em que eu o beijei no corredor. Como se eu fosse uma pessoa diferente do que ele imaginava.

Quando chegamos à casa, já há alguns carros estacionados. Estico o pescoço para tentar ver melhor. Eu estava esperando uma mansão com portão de ferro fundido e talvez uma ou duas gárgulas, mas é só uma casa normal. Devo parecer decepcionada, porque, quando para o carro, Peter diz para mim:

— Não julgue uma venda pela casa. Já vi todo tipo de tesouro em casas normais e lixo em casas elegantes.

Eu saio do carro e me abaixo para amarrar o caderço.

— Vamos, Lara Jean! Os Epstein vão chegar a qualquer momento!

Peter segura minha mão e corremos até a porta da frente; estou ofegante e tentando acompanhá-lo. As pernas dele são tão mais compridas do que as minhas.

Assim que entramos, Peter vai direto até um homem de terno, e eu me inclino para tentar recuperar o fôlego. Algumas pessoas andam pela casa e olham a mobília. Tem uma mesa de jantar comprida no meio de uma sala cheia de louça, cristais e enfeites de porcelana. Vou até lá para olhar. Gosto de uma cremeira branca com flores cor-de-rosa, mas não sei se posso tocar e ver quanto custa. Pode ser muito

caro.

Tem uma cesta grande com enfeites de Natal antigos: Papais Noéis e renas de plástico e ornamentos de vidro. Estou remexendo na cesta quando Peter se aproxima com um sorriso enorme no rosto.

— Missão cumprida. — Ele indica um casal idoso que está olhando um aparador de madeira e sussurra: — Os Epstein.

— Você comprou as cadeiras? — grita o sr. Epstein. Ele está tentando parecer casual, não irritado, mas mantém as mãos na cintura e uma postura muito rígida.

— Você sabe que sim — responde Peter. — Boa sorte da próxima vez. — Para mim, ele diz: — Está vendo alguma coisa legal?

— Um monte. — Eu mostro uma rena rosa. É de cristal e tem o nariz azul. — Isto ficaria lindo na minha penteadeira. Você pode perguntar ao cara quanto custa?

— Não, mas você pode perguntar. Vai ser bom para aprender a negociar.

Peter segura minha mão e me leva até o homem de terno. Ele está preenchendo uma papelada em uma prancheta. Parece ocupado e importante. Nem sei se eu deveria estar aqui. Acho que não preciso da rena *de verdade*.

Mas Peter está me olhando com expectativa, então pigarreio e pergunto:

— Com licença, senhor, quanto custa essa rena?

— Ah, ela faz parte de um lote — responde ele.

— Ah. Hã, me desculpe, mas o que é um lote?

— Quer dizer que é parte de um conjunto. Você tem que comprar o conjunto inteiro. Custa setenta e cinco dólares. É vintage, entende?

Começo a recuar.

— Obrigada — digo.

Peter me puxa e dá um sorriso largo para o homem.

— Você não pode juntar com as cadeiras? Um brinde com a compra?

O homem suspira.

— Não quero separar o conjunto.

Ele se vira para mexer nos papéis na prancheta.

Peter me lança um olhar como quem diz *É você que quer a rena, é você que tem que falar*. Olho para ele como quem diz *Não quero tanto assim*, e Peter balança a cabeça com firmeza e me empurra na direção do homem.

— Por favor, senhor. Pago dez dólares por ela. Ninguém vai saber que falta uma rena. E, olha, a patinha está lascada embaixo, está vendo?

Eu mostro a rena.

— Tudo bem, tudo bem. Pode levar — diz o homem, meio irritado,

então abro um sorriso para ele e pego a carteira na bolsa, mas ele faz sinal indicando que não precisa.

— Obrigada! Muito obrigada.

Seguro a rena contra o peito. Talvez barganhar não seja tão difícil quanto eu pensava.

Peter pisca para mim e diz para o homem:

— Vou estacionar a minivan mais perto para podermos carregar as cadeiras.

Eles saem pela porta dos fundos e fico andando pela casa, olhando as fotos emolduradas nas paredes. Fico curiosa para saber se também estão à venda. Algumas parecem bem velhas: são fotos em preto e branco de homens de terno e chapéu. Uma das fotos mostra uma garota com vestido de crisma, todo branco e rendado como um vestido de noiva. A garota não está sorrindo, mas tem um brilho malicioso nos olhos que me faz lembrar Kitty.

— É minha filha, Patrícia. — Eu me viro. Um senhor idoso de suéter azul e calça jeans grossa está encostado na escada, me olhando. Parece muito frágil; a pele é branca e fina como papel. — Ela mora em Ohio. É contadora.

Ele ainda está me olhando, como se *eu* lhe lembrasse alguém.

— Sua casa é linda — digo, apesar de não ser. É velha e precisa de uma boa reforma. Mas as coisas lá dentro são lindas.

— Está vazia agora. Todas as minhas coisas foram vendidas. Não vou poder levar comigo, sabe.

— O senhor quer dizer quando morrer? — sussurro.

Ele me encara.

— Não. Quero dizer para o asilo.

Ops.

— Certo — digo, e dou uma risadinha, como costumo fazer quando fico constrangida.

— O que você está segurando?

Eu mostro.

— Isto. Ele... o homem de terno me deu. Você quer de volta? Eu não paguei. Faz parte de um lote.

Ele sorri, e as rugas na pele fina ficam mais fundas.

— Era a favorita da Patty.

Eu a estendo na direção dele.

— Talvez ela queira guardar...

— Não, pode ficar. É sua. Ela nem se deu o trabalho de me ajudar com a mudança. — Ele assente, ressentido. — Tem mais alguma coisa que você queira levar? Tenho um baú cheio de roupas antigas dela.

Eca. Drama familiar. Melhor não me envolver nisso. Mas roupas vintage! Isso é tentador.

Quando Peter me encontra, estou sentada de pernas cruzadas no chão da sala de música, olhando dentro de um baú velho. O sr. Clarke está cochilando no sofá ao meu lado. Encontrei um minivestido da década de 1960 rosa como algodão-doce pelo qual fiquei maluca e uma blusa sem mangas de botão com pequenas margaridas que posso amarrar na cintura.

— Olha, Peter! — Mostro o vestido. — O sr. Clarke disse que posso ficar com ele.

— Quem é o sr. Clarke? — pergunta Peter, e a voz dele preenche a sala.

Eu aponto para o senhor cochilando e levo o dedo aos lábios.

— Bem, é melhor a gente sair logo daqui, antes que o cara responsável pelas vendas o veja dando coisas de graça.

Eu me levanto depressa.

— Tchau, sr. Clarke — digo, mas não alto demais. Acho que é melhor deixá-lo dormir. Ele estava chateado antes, quando me contou sobre o divórcio.

O sr. Clarke abre os olhos.

— Esse é seu namorado?

— Na verdade, não — respondo.

Mas Peter coloca o braço sobre meus ombros.

— Sim, senhor. Sou o namorado dela.

Não gosto do jeito como ele fala, como se estivesse debochando de mim e do sr. Clarke.

— Obrigada pelas roupas, sr. Clarke — digo, e ele se senta mais ereto e estica a mão para pegar a minha. Eu seguro a dele, e o sr. Clarke beija minha mão. Seus lábios parecem as asas de uma mariposa seca.

— De nada, Patty.

Dou um aceno de adeus e pego minhas coisas novas. Quando saímos pela porta da frente, Peter pergunta:

— Quem é Patty?

Mas finjo não escutar.

Acho que adormeço em dois segundos por causa da agitação do dia, porque a próxima coisa que percebo é que estamos parados na porta da minha casa, e Peter está sacudindo meu ombro.

— Chegamos, Lara Jean.

Abro os olhos. Estou segurando o vestido e a blusa contra o peito como se fossem um cobertorzinho de criança, e minha rena está no colo. Meus novos tesouros. Sinto como se tivesse acabado de roubar um banco e conseguido fugir.

— Obrigada pelo dia de hoje, Peter.

— Obrigado por ir comigo. — E, de repente, ele acrescenta: — Ah, é. Eu me esqueci de dizer uma coisa. Minha mãe quer que você vá jantar lá em casa amanhã à noite.

Meu queixo cai.

— Você contou sobre nós para sua mãe?

Peter me olha com irritação.

— A Kitty sabe sobre nós! Além do mais, minha mãe e eu somos bem próximos. Na nossa família, somos só ela, eu e meu irmão, Owen. Se você não quiser ir, não precisa. Mas saiba que minha mãe vai achar você mal-educada por recusar o convite.

— Só estou dizendo... Quanto mais gente souber, mais difícil será gerenciar tudo. Você precisa restringir as mentiras ao menor número possível de pessoas.

— Como você sabe tanto sobre mentir?

— Ah, eu mentia o tempo todo quando era criança.

Mas eu não as encarava como mentiras. Achava que era brincar de faz-de-conta. Uma vez falei para Kitty que ela era adotada e que a família dela era de um circo itinerante. Foi por isso que ela começou a fazer ginástica olímpica.

NÃO SEI COMO me vestir para o jantar na casa de Peter. Na loja, a mãe dele está sempre tão elegante. Não quero conhecê-la e depois deixá-la pensando em como sou pior em comparação a Genevieve. Não entendo por que preciso conhecê-la.

Mas quero que ela goste de mim.

Reviro o armário e depois vou para o de Margot. Finalmente, escolho um suéter creme, uma blusa com gola Peter Pan e uma saia rodada de veludo mostarda. Também coloco meia-calça e sapatilhas. Passo um pouco de maquiagem, coisa que raramente uso. Aplico blush pêssego nas bochechas e experimento sombra nos olhos, mas acabo tirando tudo e recomeçando, dessa vez só com rímel e brilho labial.

Mostro o resultado para Kitty.

— Parece um uniforme — diz ela, por fim.

— De um jeito bom?

Kitty assente.

— Como se você trabalhasse em uma loja legal.

Antes que Peter chegue para me buscar, vou até o computador e pesquiso que garfo usar para quê, só por garantia.

* * *

É estranho. Sentada à mesa da cozinha de Peter, sinto como se estivesse vivendo a vida de outra pessoa. No fim das contas, a mãe dele fez pizza, então eu nem precisava me preocupar com os garfos. E a casa deles não é chique por dentro; é só uma casa normal e bonita. Tem um batedor de manteiga de verdade na cozinha, fotos de Peter e do irmão emolduradas nas paredes, e tudo é decorado em um padrão xadrez vermelho e branco.

Tem um monte de coberturas de pizza na bancada da cozinha; não só pepperoni, calabresa, cogumelos e pimentão, mas também corações de alcachofra, azeitonas gregas, mozzarella fresca e dentes de alho inteiros.

A mãe de Peter é legal. Ela não para de colocar salada no meu prato durante o jantar, e eu não paro de comer apesar de estar satisfeita. Eu a vejo olhando para mim, e ela está com um sorrisinho no rosto. Quando sorri, ela fica parecida com Peter.

O irmão mais novo se chama Owen. Tem doze anos. É um Peter em miniatura, mas não fala tanto quanto ele. Nem tem o mesmo jeito

tranquilo. Owen pega uma fatia de pizza e a enfia na boca, apesar de estar quente demais. Ele sopra ar quente e quase cospe um pedaço no guardanapo, mas a mãe diz:

— Não ouse, Owen. Temos visita.

— Me deixa em paz — murmura Owen.

— Peter disse que você tem duas irmãs — diz a sra. Kavinsky com um sorriso largo. Ela corta um pedaço de alface em pedaços menores.

— Sua mãe deve amar ter três meninas.

Eu abro a boca para responder, mas, antes que consiga dizer qualquer coisa, Peter interrompe:

— A mãe da Lara Jean morreu quando ela era pequena.

Ele fala como se a mãe já devesse saber, e o rosto dela fica tomado de constrangimento.

— Sinto muito. Lembrei agora.

— Ela adorava mesmo ter três meninas — digo, mais do que depressa. — Eles tinham certeza de que minha irmã mais nova, Kitty, seria um menino. Minha mãe dizia que estava tão acostumada com meninas que ficava nervosa quando pensava no que ia fazer com um menino. Por isso, ela ficou muito aliviada quando a Kitty nasceu. Minha irmã Margot e eu também ficamos; nós rezávamos todas as noites para termos uma irmã e não um irmão.

— Qual é o problema com os meninos? — protesta Peter.

A sra. Kavinsky está sorrindo agora. Ela coloca outra fatia de pizza no prato de Owen e diz:

— Vocês são bárbaros. Animais selvagens. Aposto que Lara Jean e as irmãs dela são uns anjos.

Peter ri com deboche.

— Bem... A Kitty talvez seja um pouco selvagem — admito. — Mas eu e Margot, minha irmã mais velha, somos bem tranquilas.

A sra. Kavinsky pega o guardanapo e tenta limpar molho de tomate do rosto de Owen, mas ele afasta a mão dela.

— Mãe!

Quando ela se levanta para tirar outra pizza do forno, Peter diz para mim:

— Está vendo como minha mãe o trata como um bebê?

— Com você é muito pior — retruca Owen. Para mim, ele murmura: — O Peter não sabe nem fazer macarrão instantâneo.

Eu dou uma gargalhada.

— E você sabe?

— Claro, eu faço minha própria comida há anos — diz ele.

— Eu também gosto de cozinhar — digo, e tomo um gole de chá gelado. — Deveríamos dar uma aula de culinária para o Peter.

Owen me observa.

— Você usa mais maquiagem do que a Genevieve.

Eu me encolho como se tivesse levado um tapa. Só estou usando rímel! E um pouco de brilho labial! Sei que Genevieve usa bronzer, sombra e corretivo todos os dias. Além de rímel, delineador e batom!

Mais do que depressa, Peter diz:

— Cala a boca, Owen.

Owen está rindo. Eu semicerro os olhos. O garoto é só um pouco mais velho do que Kitty! Eu me inclino para a frente e passo a mão na frente do rosto.

— Isto *tudo* é natural. Mas obrigada pelo elogio, Owen.

— De nada — responde ele, igual ao irmão mais velho.

* * *

No caminho para casa, eu digo:

— Ei, Peter.

— O quê?

— Deixa pra lá.

— O quê? Pergunta logo.

— Bem... seus pais são separados, não é?

— É.

— E você tem contato com seu pai?

— Não muito.

— Ah, tá. Eu só queria saber.

Peter olha para mim com expectativa.

— O quê? — pergunto.

— Só estou esperando a próxima pergunta. Você nunca faz uma só.

— Você sente falta dele?

— De quem?

— Do seu pai!

— Ah. Não sei. Acho que sinto mais falta de como era quando ele estava com a gente. Ele e minha mãe, eu e Owen. Éramos uma equipe. Ele ia a todos os jogos de lacrosse. — Peter fica quieto por um instante. — Ele... cuidava das coisas.

— Acho que é isso que os pais fazem.

— É o que ele está fazendo pela família nova — diz Peter, sem amargura. — E você? Sente falta da sua mãe?

— Às vezes, quando penso nela. — Então, eu digo: — Sabe do que eu sinto falta? Da hora do banho. Sinto falta de quando ela lavava meu cabelo. Você não acha que alguém lavar seu cabelo é a melhor sensação do mundo? Água quente, bolhas e dedos no seu cabelo. É tão gostoso.

— É mesmo.

— Não penso nela o dia inteiro, mas... mas às vezes coisas do tipo “o que ela pensaria de mim agora?” me vêm à cabeça. Ela só me

conheceu como uma menina, agora sou uma adolescente. E fico me perguntando: “Se ela me visse na rua, será que me reconheceria?”

— É claro que reconheceria. Ela é sua mãe.

— Eu sei, mas eu mudei muito.

Uma expressão de desconforto surge no rosto dele, e posso ver que está arrependido de reclamar do pai, porque pelo menos ele ainda está vivo. Como Peter está me olhando com pena, eu me empertigo e digo com voz altiva:

— Sou muito madura, sabe.

Ele está sorrindo agora.

— Ah, é?

— Ah, sim, sou muito refinada, Peter.

Quando Peter me deixa em casa, na hora em que vou sair, ele me para.

— Deu para ver que minha mãe gostou de você.

Isso me deixa secretamente feliz. Sempre foi importante para mim que as mães das outras pessoas gostassem de mim.

Era a parte de que eu mais gostava quando ia na casa de Genevieve, passar o tempo com a mãe dela. Wendy era tão estilosa. Ela usava blusa de seda com uma calça bonita e um colar chamativo só para ficar em casa. Com o cabelo perfeito, sempre bem penteado e liso. Genevieve tem o mesmo cabelo, mas não tem o nariz perfeito e reto da mãe. O dela tem um calombinho na ponte que acho que só a deixa mais bonita.

— E com certeza você não usa mais maquiagem do que a Gen. Ela sempre sujava minhas camisas brancas de bronzear.

Para alguém que esqueceu Genevieve, Peter fala bastante sobre ela. Mas não é só ele. Eu também estava pensando nela. Mesmo quando não está aqui, ela está presente. Aquela garota tem um alcance e tanto.

DURANTE A AULA de química, Peter escreve um bilhete: *Posso ir à sua casa hoje para estudar para a prova?*

Eu respondo: *Não me lembro de nosso contrato incluir grupos de estudo.* Depois que lê, Peter se vira e me lança um olhar ofendido. Eu respondo apenas com movimentos labiais: *Estou brincando!*

* * *

Durante o jantar, anuncio que Peter vai lá em casa estudar química e que vamos precisar da cozinha por um tempo, e meu pai ergue as sobrancelhas.

— Deixe a porta aberta — brinca ele.

Nossa cozinha nem tem porta.

— Pai — resmungo, e Kitty me acompanha.

— Peter é seu namorado? — pergunta papai, casualmente.

— Hã... mais ou menos — digo.

Depois que comemos e Kitty lava a louça, transformo a cozinha em uma sala de estudos. Meu livro e minhas anotações estão empilhados no meio da mesa, com uma fileira de marcadores de texto nas cores azul, amarelo e rosa, uma tigela de pipoca de micro-ondas e um prato de brownies de manteiga de amendoim que fiz à tarde. Deixo Kitty comer dois pedaços e só.

Ele disse que chegaria por volta das oito. Primeiro acho que ele está atrasado, como sempre, mas os minutos passam e percebo que não vem. Mando uma mensagem, mas Peter não responde.

Kitty vai até a cozinha no intervalo e fica rondando para tentar pegar outro pedaço de brownie, e acabo deixando.

— O Peter não vem? — pergunta ela.

Finjo que estou tão concentrada no estudo que não escuto.

Por volta das dez, ele manda uma mensagem dizendo: Desculpa, tive um problema. Não vai dar para ir hoje. Ele não diz onde está nem o que está fazendo, mas eu sei. Está com Genevieve. No almoço, andava distraído; ficava mandando mensagens pelo celular. Mais tarde, eu os vi em frente ao vestiário feminino. Eles não me viram, mas eu, sim. Eles estavam apenas conversando, mas com Genevieve nunca é *apenas* alguma coisa. Ela colocou a mão no braço dele; ele tirou o cabelo dela da frente dos olhos. Posso ser namorada só de mentira, mas isso não é só uma coisinha de nada.

Continuo estudando, mas é difícil me concentrar quando fico magoada. Digo para mim mesma que é só porque me dei o trabalho de fazer brownies e arrumar a cozinha. É falta de educação marcar um compromisso e não aparecer. Ele não tem educação? Será que gostaria se eu fizesse o mesmo? E qual é o sentido de toda essa mentira se ele vai voltar para ela de qualquer jeito? O que eu ganho com isso? As coisas estão melhores entre mim e Josh, praticamente voltaram ao normal. Se eu quisesse, podia acabar com tudo.

Na manhã seguinte, acordo ainda chateada. Ligo para Josh para pedir carona para a escola. Por um segundo, tenho medo de ele não atender; faz tempo que não conversamos. Mas ele atende e diz que não tem problema.

Vamos ver o que Peter acha de aparecer para me buscar e eu não estar em casa.

No caminho para a escola, começo a ficar inquieta. Talvez Peter tenha tido um motivo legítimo para não aparecer. Talvez não estivesse com Genevieve e acabei fazendo uma coisa muito mesquinha só por raiva.

Josh está me olhando, desconfiado.

— O que foi?

— Nada.

Ele não acredita em mim, consigo perceber.

— Você e o Kavinsky brigaram?

— Não.

Josh suspira.

— Tome cuidado. — Ele fala de um jeito condescendente de irmão mais velho que me dá vontade de gritar. — Não quero ver você magoada por causa daquele cara.

— Josh! Ele não vai me magoar. Caramba!

— Ele é um babaca. Sinto muito, mas é. Todos os caras do time de lacrosse são. Caras como o Kavinsky só ligam para uma coisa. Assim que conseguem o que querem, ficam entediados.

— Não o Peter. Ele namorou a Genevieve por quase quatro anos!

— Acredite em mim. Você não tem muita experiência com garotos, Lara Jean.

— Como você sabe? — pergunto, baixinho.

Josh me lança um olhar de *Para com isso*.

— Porque eu conheço você.

— Não tão bem quanto pensa.

Ficamos em silêncio o resto do caminho.

Não vai ser nada de mais. Peter vai parar na porta da minha casa, vai ver que não estou lá e vai embora. E daí se ele teve que desviar cinco minutos do caminho. Eu esperei ontem à noite durante duas malditas horas.

Quando chegamos à escola, Josh segue para o corredor do último ano e eu vou para o corredor do segundo. Fico lançando olhares para o armário de Peter, mas ele não chega. Espero no meu armário até o sinal tocar, mas ele não aparece. Corro para a primeira aula, a mochila sacolejando nas costas.

O sr. Schuller está fazendo a chamada quando levanto o rosto e vejo Peter na porta, me olhando com raiva. Ele faz sinal para eu sair. Engulo em seco, desvio o olhar depressa para o caderno e finjo que não o vi. Mas ele sussurra meu nome, e sei que tenho que ir falar com ele.

Trêmula, eu levanto a mão.

— Sr. Schuller, posso ir ao banheiro?

— Você deveria ter ido antes da aula — murmura ele, mas faz sinal para eu ir.

Saio para o corredor e puxo Peter para longe da porta, para que o sr. Schuller não possa nos ver.

— Onde você estava hoje de manhã? — pergunta Peter.

Eu cruzo os braços e tento me empertigar. É difícil, porque sou baixinha e ele é muito alto.

— Olha quem fala.

Peter bufa.

— Pelo menos eu mandei uma mensagem de texto! Já te liguei umas dezessete vezes. Por que seu celular está desligado?

— Você sabe que não podemos ficar com o celular ligado na escola! Ele bufa.

— Lara Jean, esperei vinte minutos na porta da sua casa.

Caramba.

— Ah, desculpa.

— Como você veio para a escola? Com o Sanderson?

— É.

Peter suspira.

— Olha, se você ficou com raiva porque eu não pude ir ontem, devia ter me ligado e dito em vez da merda que fez hoje de manhã.

— Bem, e a merda que *você* fez ontem à noite? — pergunto, baixinho.

Um sorriso curva os cantos da boca dele.

— Você acabou de dizer “merda”? É muito engraçado saindo da sua boca.

Eu o ignoro.

— Então... onde você estava? Estava com a Genevieve?

Não pergunto o que realmente quero saber: *Vocês dois estão juntos?*

Ele hesita.

— Ela precisava de mim.

Não consigo nem olhar para ele. Por que Peter é tão burro? Por que

ela o controla tanto? É por causa de todo o tempo que eles passaram juntos? É o sexo? Não entendo. É decepcionante a falta de autocontrole que os garotos têm.

— Peter, se você vai sair correndo cada vez que ela chamar, não vejo sentido em continuar com essa farsa.

— Covey, para com isso! Eu já pedi desculpas. Não fica com raiva.

— Você não pediu desculpas — digo. — Quando foi que você pediu desculpas?

Com expressão arrependida, ele diz:

— Desculpa.

— Não quero mais que você se encontre com a Genevieve. Como você acha que isso me faz parecer aos olhos dela?

Peter olha para mim com firmeza.

— Não posso negar ajuda a Gen, então não me peça isso.

— Mas Peter, ela tem um namorado novo, não precisa de você.

Ele faz uma careta, e na mesma hora eu me arrependo do que disse.

— Desculpa — sussurro.

— Tudo bem. Eu não espero que você entenda. Gen e eu... A gente se entende.

Ele não sabe, mas, quando fala de Genevieve, seu rosto fica mais suave. Uma mistura de carinho com impaciência. E outra coisa. Amor. Peter pode negar o quanto quiser, mas sei que ele ainda a ama.

Solto um suspiro.

— Você pelo menos estudou para a prova?

Ele balança a cabeça, e suspiro de novo.

— Pode ler minhas anotações no almoço — digo, e volto para a aula.

Está começando a fazer sentido para mim. O motivo de ele sustentar uma mentira dessas, o motivo de passar o tempo com uma pessoa como eu. Não é para poder esquecer Gen. É para não esquecer. Eu sou a desculpa dele. Só estou guardando o lugar de Genevieve para ela. Quando entendo isso, todo o resto começa a fazer sentido.

OS PAIS DE Josh brigam muito. Não sei se é normal brigar tanto assim, porque só tenho pai, mas não me lembro dos meus pais brigarem desse jeito. Nossas casas são próximas o bastante para eu ouvir às vezes, se a janela estiver aberta. As brigas costumam começar com alguma coisa pequena, como a sra. Sanderson deixar sem querer a porta do carro aberta e a bateria morrer, e terminam com alguma coisa grande, como o fato de o sr. Sanderson trabalhar demais, ser egoísta por natureza e parecer não pertencer àquela família.

Quando eles brigam feio, Josh vem para a nossa casa. Quando éramos mais novos, ele saía escondido de pijama com o travesseiro embaixo do braço e ficava até a mãe vir procurá-lo. Não é algo sobre o que a gente converse. Talvez ele e Margot, mas não ele e eu. O máximo que Josh já falou sobre isso era que às vezes preferia que eles se divorciassem para as brigas poderem finalmente acabar. Mas eles não se divorciaram.

Posso ouvi-los hoje. Já os ouvi em outras noites, depois que Margot foi embora, mas essa briga está particularmente ruim. Tanto que fecho a janela. Pego meu dever de casa, desço para o térreo e acendo a luz da sala, para Josh saber que pode vir, se quiser.

Meia hora depois, alguém bate à porta. Eu me enrolo no cobertor azul-bebê e abro.

É Josh. Ele dá um sorriso acanhado.

— Oi. Posso ficar um pouco aqui?

— Claro que pode. — Deixo a porta aberta e volto para a sala. — Tranque depois de entrar.

Josh assiste à tevê e faço meu dever de casa. Estou marcando passagens importantes no meu livro de história americana quando Josh me pergunta:

— Você vai tentar um papel em *Arcadia*?

É a peça da primavera. Anunciaram ontem.

— Não — digo, mudando a cor do marca-texto. — Por que eu faria isso?

Odeio falar em público e ficar de pé na frente das pessoas, e Josh sabe disso.

— Dã, porque é sua peça favorita. — Josh muda o canal. — Acho que você seria uma ótima Thomasina.

Dou um sorriso.

— Obrigada, mas não, obrigada.

— Por que não? Poderia ser mais um item para colocar no seu

formulário de inscrição para a faculdade.

— Não vou estudar teatro nem nada do tipo.

— Sair um pouco da sua zona de conforto só iria lhe fazer bem — diz ele, esticando os braços atrás da cabeça. — Correr um risco. Veja só a Margot. Ela está do outro lado do mundo, na Escócia.

— Não sou a Margot.

— Não estou dizendo que você devia se mudar para o outro lado do mundo. Sei que você jamais faria isso. Ei, que tal o Conselho de Honra? Você adora julgar as pessoas!

Faço uma careta para ele.

— Ou o projeto das Nações Unidas. Aposto que você ia gostar. Só estou dizendo... seu mundo poderia ser bem maior do que jogar damas com Kitty e andar por aí no carro do Kavinsky.

Paro de marcar uma frase no meio. Ele está certo? Meu mundo é mesmo pequeno assim? Não que o dele seja enorme!

— Josh — começo a dizer. Mas paro, porque não sei como vou terminar a frase. Então só jogo o marca-texto nele.

A caneta bate na testa dele.

— Ei! Você podia ter acertado meu olho!

— E você teria merecido.

— Tudo bem, tudo bem. Você sabe que não foi bem o que eu quis dizer. Só acho que você deveria dar às pessoas a chance de conhecerem você. — Josh aponta o controle remoto para mim. — Se as pessoas a conhecessem, amariam você.

Ele parece tão seguro. Josh, você parte meu coração. E é um mentiroso. Porque você me conhece, me conhece melhor do que quase qualquer um, mas não me ama.

* * *

Depois que Josh volta para casa, arrumo a sala, tranco todas as portas e apago a luz. Pego um copo de água e subo a escada.

A luz do meu quarto está acesa, e Chris está dormindo na cama. Empurro-a para o lado para poder deitar também. Ela se mexe um pouco.

— Quer comer asinha de frango? — murmura Chris.

— Está tarde para comer asinha de frango — digo, e puxo a colcha para cobrir nós duas. — Você quase esbarrou com o Josh.

Ela abre os olhos.

— Josh estava aqui? Por quê?

— Por nenhum motivo.

Não vou contar os segredos de Josh, nem mesmo para Chris.

— Ah, não diga nada para o Kavinsky.

— Ele não se importaria — afirmo.

Chris balança a cabeça.

— Todos os garotos se importam.

— O Peter não é assim. Ele é bastante seguro.

— Esses são os que mais se importam. — Estou prestes a perguntar o que ela quer dizer, mas, antes que eu consiga, ela diz: — Vamos fazer alguma coisa louca.

— Como o quê?

Estamos no meio da semana; não posso ir a lugar nenhum e ela sabe bem disso. Mas gosto de ouvir seus planos. São como histórias para dormir.

— Como... não sei. Podíamos entrar no asilo escondidas e tirar de lá aquela velhinha sobre a qual você sempre fala. Qual é o nome dela mesmo? Thunder?

Dou uma risadinha.

— Stormy.

— É, Stormy. — Ela boceja. — Ela parece saber como se divertir. Aposto que compraria coquetéis para nós.

— Stormy vai dormir às nove da noite para manter a beleza. Vamos fazer isso amanhã.

Até amanhã, Chris já terá esquecido, mas ainda é uma ideia legal. Ela fecha os olhos de novo. Eu a cutuco.

— Chris, acorda. Vai escovar os dentes.

Guardo uma escova de dentes na gaveta do banheiro só para ela. Pinteí uma letra C com esmalte vermelho, para que não se misture com as outras escovas.

— Não consigo. Estou cansada demais para me mexer.

— Um segundo atrás, você queria tirar Stormy de Belleview, e agora está cansada demais para lavar o rosto e escovar os dentes?

Chris sorri, mas não abre os olhos.

Apago o abajur na mesa de cabeceira.

— Boa noite, Chris.

Ela se aconchega mais perto de mim.

— Boa noite.

AS OPÇÕES PARA garotas orientais no Halloween são muito limitadas. Eu já me vesti de Velma do *Scooby-Doo*, mas as pessoas ficavam me perguntando se eu era um personagem de mangá. Eu até botei peruca! Então agora estou decidida a só me vestir de personagens asiáticos.

Margot nunca se veste de pessoa; ela sempre escolhe um objeto inanimado ou alguma espécie de conceito. Ano passado, ela foi de “desculpa formal”: usou um vestido longo que encontramos por dez dólares no brechó e pendurou um cartaz no pescoço escrito *Me desculpe*. A fantasia dela ficou em segundo lugar no concurso da escola. O primeiro foi para um alienígena rastafári.

Kitty vai de ninja, o que fica em sintonia com minha ideia de fantasia oriental.

Este ano, vou me vestir de Cho Chang, de *Harry Potter*. Estou usando um cachecol da Corvinal, uma veste preta de coral velha que encontrei no eBay, uma gravata do meu pai e uma varinha. Não vou ganhar nenhum concurso, mas pelo menos as pessoas vão saber quem sou. Eu queria nunca mais ter que responder a pergunta *De quem você está fantasiada?*

* * *

Estou esperando a carona de Peter para a escola e mexendo nas meias longas, que não consigo deixar esticadas.

— Lara Jean!

Automaticamente, respondo:

— Josh!

É nossa versão de Marco Polo.

Levanto o rosto. Lá está Josh, de pé na frente do carro. Com a roupa completa de Harry Potter. Vestes pretas, óculos, cicatriz em forma de raio na testa, varinha.

Nós dois caímos na gargalhada. Dentre tantas fantasias!

— O pessoal do clube de quadrinhos vai como personagens de livros de fantasia — diz Josh, com pesar. — Eu ia como Drogo, de *Guerra dos Tronos*, porque, você sabe, tenho o físico perfeito para isso, mas...

Dou uma risadinha enquanto tento imaginar Josh de delineador, trança comprida e sem camisa. É uma imagem engraçada. Eu não chamaria Josh exatamente de magrelo, mas...

— Ei, não precisa rir tanto — protesta ele. — Não foi tão engraçado. — Ele balança a chave. — Precisa de carona, Cho?

Olho para o celular. Peter está cinco minutos atrasado, como sempre. Não que eu possa reclamar, porque é carona de graça para a escola e eu poderia estar pegando o ônibus. Mas, se eu for com Josh, não vou precisar correr para a aula, posso passar no meu armário, posso ir ao banheiro, posso comprar um suco na máquina. Mas ele já deve estar quase chegando.

— Obrigada, mas vou esperar o Peter.

Josh assente.

— Ah, é... certo.

Ele começa a entrar no carro.

— *Expelliarmus!* — grito.

Josh gira e responde:

— *Finite!*

Nós sorrimos um para o outro como dois bobos.

Ele sai dirigindo, e eu abraço os joelhos. Josh e eu lemos Harry Potter na mesma época, quando eu estava no sexto ano, e ele, no sétimo. Margot já tinha lido. Nenhum de nós consegue ler tão rápido quanto ela. Minha irmã ficou maluca esperando que chegássemos ao terceiro livro para podermos conversar sobre ele.

Quanto mais tempo espero Peter, mais irritada fico. Tiro a veste e coloco de volta algumas vezes. É de poliéster, um tecido que não deixa a pele respirar, e bem desconfortável. Quando ele chega, corro até o carro e entro sem dizer oi. Espalho a veste no colo como se fosse um cobertor, porque a saia é muito curta.

Os olhos dele estão arregalados.

— Você está ótima — diz ele, parecendo surpreso. — Está vestida de quê? Algum personagem de anime?

— Não — digo em tom cortante. — Sou Cho Chang. — Peter continua com a expressão vazia, então acrescento: — De Harry Potter.

— Ah, tá. Legal.

Eu olho para ele. Ele está usando uma camisa normal de botão e calça jeans.

— Cadê sua fantasia?

— Meus amigos e eu vamos mudar de roupa antes do concurso. O efeito é melhor se aparecermos todos ao mesmo tempo.

Sei que ele quer que eu pergunte qual é a fantasia, mas não estou com vontade de falar com ele, então fico lá sentada, sem dizer nada, olhando pela janela. Fico esperando que me pergunte qual é o problema, mas ele fica calado. Está tão distraído, acho que nem reparou que fiquei irritada.

— Eu gostaria que você não chegasse sempre atrasado — disparo.

Peter franze a testa.

— Caramba, desculpa. Eu estava tentando arrumar minha fantasia.

— Hoje você estava tentando arrumar a fantasia. Mas você se atrasa todas as vezes.

— Eu não me atraso todas as vezes!

— Você chegou atrasado hoje e ontem e na quinta passada. — Eu fico olhando pela janela. As folhas secas de outono já estão caindo. — Se você não vai chegar na hora, prefiro não pegar mais carona com você.

Não preciso olhar, posso senti-lo me olhando com raiva.

— Tudo bem. Isso quer dizer que posso dormir mais cinco minutos, então acho ótimo.

— Que bom.

* * *

Durante o concurso, Chris e eu ficamos sentadas no balcão do teatro. Chris está vestida de Courtney Love. Está usando um vestidinho rosa, meias até os joelhos furadas e muita maquiagem borrada ao redor dos olhos.

— Você também devia ir lá para baixo — digo. — Aposto que ganharia alguma coisa.

— As pessoas desta escola nem saberiam quem ela é — responde Chris com desprezo. Mas consigo perceber que na verdade ela quer muito ir lá.

Os amigos de Peter estão todos vestidos de super-heróis. Tem o Batman, o Super-Homem, o Homem de Ferro, o Incrível Hulk, com vários níveis de qualidade. Peter fez o melhor possível. É claro que ele foi de Peter Parker. Que outra fantasia Kavinsky usaria? A fantasia dele de Homem-Aranha é autêntica: máscara com olhos de papel laminado amarelo, luvas e botas. Ele age com o maior exagero no palco. Todos os garotos estão correndo de um lado para o outro com as capas voando, fingindo lutar uns contra os outros. Peter tenta escalar uma coluna, mas o sr. Yelznik o impede antes que ele consiga subir muito. Eu comemoro quando o grupo vence como melhor fantasia em conjunto.

Genevieve está vestida de Mulher-Gato. Está usando uma legging imitando couro, um bustiê e orelhas pretas de gato. Eu me pergunto se ela sabia do tema de super-heróis, se Peter contou a ela ou se ela teve a ideia sozinha. Todos os garotos do auditório ficam loucos quando ela sobe no palco para concorrer à melhor fantasia do segundo ano.

— Que piranha — diz Chris. Seu tom de voz é quase melancólico.

Genevieve vence, é claro. Olho discretamente para Peter, e ele está assobiando e batendo com os pés no chão junto com os amigos.

Depois do concurso, estou pegando meu livro de química no

armário quando Peter se aproxima e se encosta no armário ao lado do meu. Ele ainda está com a máscara.

— Oi.

— Oi.

Ele não diz mais nada, só fica ali. Eu fecho a porta do armário e giro a tranca.

— Parabéns por ter ganhado como melhor fantasia em grupo.

— Só isso? É só o que você vai dizer?

Hã?

— O que mais eu devo dizer?

Nessa hora, Josh passa com Jersey Mike, que está vestido de hobbit, com pés peludos e tudo. Andando de costas, Josh aponta a varinha para mim.

— *Expelliarmus!*

Automaticamente, aponto a varinha para ele e digo:

— *Avada Kedavra!*

Josh leva a mão ao peito como se tivesse levado um tiro.

— Pegou pesado! — grita ele, e desaparece no corredor.

— Hã... você não acha estranho minha suposta namorada usar fantasia de casal com outro cara? — pergunta Peter.

Eu reviro os olhos. Ainda estou com raiva dele por causa do que aconteceu de manhã.

— Desculpa. Não posso falar com você enquanto você estiver vestido assim. Como posso ter uma conversa séria com uma pessoa usando lycra dos pés à cabeça?

Peter tira a máscara.

— Estou falando sério! Como você acha que isso fica para mim?

— Primeiro de tudo, nós não combinamos as fantasias. E segundo, ninguém liga para isso! Quem repararia em uma coisa dessas?

— As pessoas reparam. — Peter bufa. — Eu reparei.

— Ah, desculpa. Lamento muito por uma coincidência dessas ter acontecido.

— Duvido muito que tenha sido coincidência — murmura Peter.

— O que você quer que eu faça? Quer que eu passe na loja de Halloween na hora do almoço para comprar uma peruca ruiva de Mary Jane?

Com a voz mais calma, Peter diz:

— Você pode fazer isso? Seria legal.

— Não, eu não posso. Quer saber por quê? Porque sou *oriental*, e as pessoas vão pensar que sou um personagem de mangá. — Entrego a varinha para ele. — Segura isso.

Eu me inclino e puxo a barra da veste para poder ajeitar a meia.

Ele franze a testa.

— Eu poderia ter me fantasiado de alguém do livro, se você tivesse

me avisado.

— É verdade, hoje você faria uma ótima Murta Que Geme.

Peter me olha sem entender e, sem acreditar, eu digo:

— Espere um minuto... você nunca leu *Harry Potter*?

— Li os dois primeiros livros.

— Então você deveria saber quem é a Murta Que Geme!

— Faz muito tempo — diz Peter. — Ela era uma daquelas pessoas nos quadros?

— Não! E como você conseguiu parar em *A câmara secreta*? O terceiro é o melhor da série toda, isso é loucura. — Eu observo o rosto dele. — Você não tem alma?

— Sinto muito não ter lido todos os livros do Harry Potter! Sinto muito se tenho uma vida e não participo do clube de Final Fantasy ou seja lá como se chama aquele clube nerd...

Pego a varinha da mão dele e balanço na frente do rosto.

— *Silêncio!*

Peter cruza os braços. Com um sorrisinho, ele diz:

— Seja lá qual foi o feitiço que você tentou lançar em mim, não deu certo, então acho que você precisa voltar para Hogwarts. — Ele parece tão orgulhoso da referência a Hogwarts que quase chega a ser fofo.

Rápida como um gato, puxo a máscara e coloco a mão sobre a boca dele. Com a outra mão, balanço a varinha de novo.

— *Silêncio!*

Peter tenta dizer alguma coisa, mas aperto a mão com mais força.

— O quê? O que foi? Não consigo ouvir você, Peter Parker.

Peter estica a mão e faz cócegas em mim, e dou uma gargalhada tão intensa que quase largo a varinha. Saio correndo para longe dele, mas Peter corre atrás de mim e finge lançar teias nos meus pés. Rindo, eu fujo dele pelo corredor, desviando de grupos de alunos. Ele me persegue até a aula de química. Um professor grita para pararmos de correr. Obedecemos, mas, assim que dobramos a esquina, saio correndo de novo, e ele também.

Estou sem fôlego quando chego ao meu lugar. Peter se vira e lança uma teia na minha direção, e explodo em gargalhadas de novo. O sr. Meyers me olha com irritação.

— Acalmem-se — diz ele, e eu assinto, obediente.

Assim que ele vira as costas, escondo o rosto na manga e dou risadinhas. Ainda quero estar com raiva de Peter, mas não adianta.

Na metade da aula, ele me manda um bilhete. Tem teias de aranhas desenhadas nos cantos. Está escrito: *Vou chegar na hora amanhã*. Dou um sorriso enquanto leio. Guardo na mochila, dentro do livro de francês, para o papel não amassar. Quero guardar para, quando tudo isso acabar, eu ter alguma coisa para olhar e lembrar como era ser namorada de Peter Kavinsky. Mesmo que seja de mentirinha.

QUANDO PARAMOS NA porta de casa, Kitty sai correndo e vai até o carro.

— Homem-Aranha! — Ela ainda está com a roupa de ninja, mas sem a máscara. — Você vai entrar?

Eu olho para Peter.

— Ele não pode. Tem que treinar para manter o condicionamento.

Peter se exercita diariamente devido ao lacrosse. Ele é muito dedicado.

— Condicionamento? — repete Kitty, e sei que está imaginando Peter lavando o cabelo.

— Posso ficar um pouquinho — diz Peter, desligando o carro.

* * *

— Vamos mostrar a dança a ele!

— Kitty, não.

A dança é uma coisa que Margot e eu inventamos quando estávamos entediadas alguns verões atrás, na praia. Podemos dizer que nenhuma de nós é particularmente talentosa em coreografia.

Os olhos de Peter se iluminam. Ele aproveita qualquer oportunidade para gargalhar, principalmente se for às minhas custas.

— Quero ver a dança!

— Nem pensar — digo.

Estamos na sala, espalhados pelos sofás e poltronas. Servi chá gelado e uma tigela cheia de batatas chips, que já comemos toda.

— Ah, vai — diz ele, fazendo beicinho. — Me mostrem a dança. Por favor, por favor, quero muito ver a dança.

— Isso não vai dar certo comigo, Peter.

— O que não vai dar certo?

Eu balanço a mão na frente do rosto de menino bonito dele.

— Isso. Sou imune aos seus encantos, lembra?

Peter levanta as sobranceiras como se eu o tivesse provocado.

— É um desafio? Estou avisando, você não quer entrar no ringue comigo. Vou destruir você, Covey.

Ele não tira os olhos dos meus por vários longos segundos, e consigo sentir meu sorriso sumir e minhas bochechas ficarem quentes.

— Anda, Lara Jean!

Eu pisco. Kitty. Eu tinha esquecido que ela ainda estava na sala. Fico de pé.

— Kitty, coloque a música. Peter acabou de desafiar a gente para uma competição de dança.

Ela dá um gritinho e corre para ligar o som. Afasto a mesa de centro. Tomamos nossos lugares na frente da lareira, de costas, com as cabeças baixas e as mãos unidas às costas.

Quando a melodia começa, nós pulamos e nos viramos. Chacoalhamos o quadril, damos um giro e deslizamos sobre os joelhos. Em seguida, corremos sem sair do lugar, um passo que Margot inventou chamado “A esteira”. A música pausa, e Kitty e eu paramos no meio do movimento, mas logo recomeça, e fazemos o moonwalk e deslizamos sobre os joelhos de novo. Esqueço qual é o passo seguinte e dou uma espiada em Kitty, que está balançando os ombros e batendo palmas. Ah, é.

A coreografia termina com um espacate de braços cruzados, para enfatizar.

Peter está inclinado para a frente, rindo loucamente. Ele bate palmas e mais palmas e bate com os pés no chão.

Quando acaba, tento recuperar o fôlego.

— Agora é sua vez, Kavinsky.

— Não consigo — diz Peter, ofegante. — Como posso competir com uma performance dessas? Kitty, você me ensina aquele passo de break?

Kitty fica tímida de repente. Senta-se sobre as mãos, olha para ele de soslaio e balança a cabeça.

— Por favor — pede ele.

Kitty finalmente cede, acho que só queria fazê-lo pedir. Vejo-os dançar a tarde toda, minha irmãzinha ninja e meu namorado de mentira Homem-Aranha. Primeiro, dou risada, mas uma preocupação surge do nada: não posso deixar Kitty ficar próxima demais de Peter. Isso é temporário. O jeito como Kitty olha para ele, com tanta admiração, como se ele fosse o herói dela...

Quando Peter precisa ir embora, eu o acompanho até o carro. Antes de ele entrar, digo:

— Acho que você não devia mais vir aqui. É confuso para a Kitty.

Ele franze a testa.

— Como é confuso para a Kitty?

— Porque... porque quando nosso... quando isso acabar, ela vai sentir sua falta.

— Vou continuar a vê-la por aí. — Peter me cutuca na barriga. — Quero guarda compartilhada.

Só consigo pensar no quanto ele foi paciente com ela, no quanto foi gentil. Impulsivamente, fico nas pontas dos pés e dou um beijo na bochecha dele, que dá um pulo de surpresa.

— Por que você fez isso?

Minhas bochechas queimam.
— Por ser tão legal com a Kitty.
Dou tchau e entro correndo em casa.

SE EU NÃO for ao mercado hoje, teremos que comer ovos mexidos no jantar. De novo.

O carro de Margot chegou do conserto e está parado na entrada da garagem há algumas semanas. Eu poderia ir ao mercado se quisesse. E quero. Mas não quero dirigir. Se eu já ficava nervosa antes, o acidente só deixou tudo pior. Por que eu tenho que me meter a ficar atrás de um volante? E se eu machucar alguém? E se machucar Kitty? Não deviam dar carteira de habilitação com tanta facilidade. Um carro é uma coisa muito perigosa. É praticamente uma arma.

Mas o mercado fica a menos de dez minutos. Eu nem preciso pegar a rodovia. E *realmente* não quero comer ovos mexidos no jantar de novo. Além do mais... se Peter e Genevieve voltarem, ele não vai mais me dar carona. Preciso fazer isso sozinha. Não posso ficar dependendo de outras pessoas.

— Vamos ao mercado, Kitty — digo.

Ela está deitada no chão em frente à tevê, apoiada nos cotovelos. Seu corpo parece mais comprido a cada dia. Em pouco tempo, ela vai estar mais alta do que eu. Kitty não afasta o olhar da televisão.

— Não quero ir. Quero ver tevê.

— Se você vier, deixo escolher o sabor do sorvete.

Kitty fica de pé.

No caminho, vou tão devagar que Kitty fica me dizendo qual é o limite de velocidade.

— Eles dão multa para quem anda muito abaixo do limite também, sabe.

— Quem falou isso?

— Ninguém. Eu sei. Aposto que vou dirigir melhor do que você, Lara Jean.

Seguro o volante com mais força.

— Aposto que vai.

Pestinha. Quando Kitty tirar a carteira, provavelmente vai andar em alta velocidade por aí, sem a menor preocupação com os outros. Mas é possível que, mesmo assim, dirija melhor do que eu. Um motorista descuidado é melhor do que um apavorado. Pode perguntar para qualquer um.

— Não tenho medo de tudo que nem você.

Eu ajusto o retrovisor.

— Você é muito orgulhosa.

— Só estou *dizendo*.

— Tem um carro vindo? Posso mudar de faixa?

Kitty vira a cabeça.

— Pode ir, mas vai logo.

— Quanto tempo eu tenho?

— Agora não dá mais. Espera... pode ir. Vai!

Passo para a pista da esquerda e olho no retrovisor.

— Bom trabalho, Kitty. Continue sendo meu segundo par de olhos.

Enquanto empurramos o carrinho pelo mercado, fico pensando na volta para casa e em ter que dirigir de novo. Meu coração ainda está disparado, mesmo quando estou tentando decidir se devíamos comer abobrinha ou vagem no jantar. Quando chegamos ao corredor de laticínios, Kitty já está reclamando.

— Você pode ir mais rápido? Não quero perder o próximo programa!

Para acalmá-la, digo:

— Vá pegar o sorvete.

Kitty sai correndo na direção da seção de congelados.

* * *

No caminho para casa, fico na pista da direita por vários quarteirões para não precisar trocar de faixa. O carro na minha frente é de uma senhora idosa, e ela se desloca na velocidade de uma lesma, o que para mim está ótimo. Kitty implora para trocarmos de faixa, mas eu a ignoro e continuo meu caminho. Minhas mãos apertam o volante com tanta força que os nós dos dedos estão brancos.

— O sorvete já vai ter derretido quando chegarmos em casa — reclama Kitty. — E perdi todos os meus programas. Você pode fazer o favor de ir para a pista rápida?

— Kitty! — grito. — Quer me deixar dirigir?

— Então dirija!

Eu me inclino para dar um tapa na cabeça dela, mas ela chega para perto da janela e não consigo alcançá-la.

— Você não consegue me tocar — cantarola com alegria.

— Pare de brincar e me ajude.

Um carro se aproxima pela direita, vindo disparado de uma saída da rodovia. Vai ter que entrar na minha pista daqui a pouco. Rapidamente, olho por cima do ombro na direção do ponto cego, para ver se posso mudar de faixa. Cada vez que preciso tirar os olhos da rua, mesmo que por um segundo, sinto um pânico intenso no peito. Mas não tenho escolha. Prendo a respiração e mudo de pista. Nada de ruim acontece. Expiro.

Meu coração fica acelerado durante todo o percurso. Mas conseguimos chegar em casa sem acidentes e sem ficarem buzinando

para mim, o que já é uma pequena vitória. E o sorvete está ótimo, só um pouco derretido na parte de cima. Vai ficar cada vez mais fácil, acho. Eu espero. Só preciso continuar tentando.

Não posso suportar a ideia de Kitty debochando de mim. Sou a irmã mais velha. Tenho que ser alguém que ela admira, da mesma forma que admiro Margot. Como Kitty pode me admirar se eu for fraca?

Naquela noite, faço meu almoço e o de Kitty. Preparo o que nossa mãe preparava para nós às vezes, quando fazíamos piquenique na vinícola em Keswick. Corto uma cenoura e uma cebola em cubinhos e refogo com óleo de gergelim e um pouco de vinagre, depois acrescento o arroz de sushi. Quando fica pronto, enrolo porções de arroz em casca de tofu. São como bolinhos de arroz dentro de bolsinhas. Não tenho uma receita exata para seguir, mas o gosto fica bom. Quando termino, pego uma escada e procuro os bentô que minha mãe usava. Encontro-os no fundo do armário, em meio a potes de plástico.

Não sei se Kitty vai se lembrar de ter comido os bolinhos de arroz da mamãe, mas espero que o coração dela se lembre.

NA MESA DO almoço, Peter e os amigos devoram os bolinhos de arroz. Só consigo comer três.

— Está tão gostoso — Peter fica dizendo.

Ele estica a mão para pegar o último, então para e olha para mim, verificando se reparei.

— Pode comer — digo.

Sei no que ele está pensando. Na última fatia de pizza.

— Não, tudo bem, estou satisfeito.

— Coma.

— Não quero!

Eu pego o bolinho de arroz e enfio na cara dele.

— Diga “ah”.

— Não — responde ele, teimoso. — Não vou dar a você a satisfação de estar certa.

Darrell dá uma gargalhada alta.

— Estou com inveja de você, Kavinsky. Eu queria que uma garota me desse almoço na boca. Lara Jean, se ele não quiser, eu quero.

Ele se inclina para a frente e abre a boca.

Peter o empurra.

— Sai fora, é meu!

Ele abre a boca, e eu lhe ofereço o bolinho como se Peter fosse uma foca no Sea World. Com a boca cheia de arroz e os olhos fechados, ele diz:

— Hum, hum, hum.

Dou um sorriso, porque é fofo. E, por um segundo, só por um segundo, eu esqueço. Esqueço que não é real.

Peter engole a comida.

— O que foi? Por que você está triste?

— Não estou triste. Estou com fome porque vocês comeram meu almoço.

Reviro os olhos para mostrar a ele que estou brincando. Mas na mesma hora Peter empurra a cadeira e fica de pé.

— Vou buscar um sanduíche para você.

Eu seguro a manga da camisa dele.

— Não. Eu só estava brincando.

— Tem certeza?

Eu assinto, e ele se senta.

— Se você ficar com fome mais tarde, podemos parar em algum lugar no caminho de casa.

— Falando nisso, meu carro chegou da oficina. Não vou precisar mais que você me dê carona.

— Ah, é? — Peter se recosta na cadeira. — Mas não me importo de ir buscar você. Sei que você odeia dirigir.

— A única forma de melhorar é praticando — digo, me sentindo como Margot. Margot, a Boa. — Além do mais, agora você vai ter de volta seus cinco minutos de sono.

Peter sorri.

— Verdade.

O JANTAR VIRTUAL de domingo foi ideia minha.

O laptop está em cima de uma pilha de livros no meio da mesa. Meu pai e Kitty estão sentados na frente dele com fatias de pizza. É hora do almoço para nós e hora do jantar para Margot. Ela está sentada na escrivaninha do quarto com uma salada. Já está de pijama de flanela.

— Vocês estão comendo pizza de novo? — Margot olha para mim e para papai com reprovação. — A Kitty vai continuar baixinha se vocês não derem verduras a ela.

— Relaxa, Gogo, tem pimentão na pizza — digo e levanto minha fatia.

Todo mundo ri.

— Vai ter salada de espinafre no jantar de hoje — diz papai.

— Dá para bater minha porção de espinafre no liquidificador? — pergunta Kitty. — É a forma mais saudável de comer espinafre.

— Como você sabe? — pergunta Margot.

— O Peter me disse.

A fatia de pizza que estava a caminho da minha boca para no ar.

— Que Peter?

— O namorado da Lara Jean.

— Espera um minuto... Lara Jean está namorando quem?

Na tela do computador, os olhos de Margot estão arregalados e incrédulos.

— Peter Kavinsky — responde Kitty.

Eu faço cara feia para ela. Com os olhos, eu digo: *Obrigada por ser fofoqueira, Kitty*. Com os olhos, ela responde: *O que foi? Você já deveria ter contado para ela há séculos*.

Margot olha de Kitty para mim.

— Como isso aconteceu?

— Ah, só... aconteceu — respondo, sem jeito.

— Isso é sério? Por que você se interessaria por alguém como Peter Kavinsky? Ele é tão... — Margot balança a cabeça, sem acreditar. — Você sabia que o Josh o pegou colando, uma vez?

— O Peter cola? — repete papai, alarmado, olhando para mim.

— Foi só uma vez, no sétimo ano! O sétimo ano foi há tanto tempo que nem conta mais. E não foi em uma prova, era só um teste.

— Não acho que ele seja bom para você. Todos aqueles caras do lacrosse são tão babacas.

— Bem, o Peter não é como eles.

Não entendo por que Margot não pode simplesmente ficar feliz por mim. Eu ao menos fingi ficar feliz quando ela começou a sair com Josh. Ela podia fingir estar feliz por mim, também. E estou furiosa por ela ficar falando essas coisas na frente do nosso pai e de Kitty.

— Se você conversar com ele, Margot, se der uma chance, vai ver.

Não sei por que estou me dando o trabalho de tentar convencê-la sobre Peter, considerando que vamos acabar logo, mesmo. Mas quero que ela saiba que ele é um cara legal, porque ele é.

Margot faz uma cara de *ah, tá, claro*, e sei que ela não acredita em mim.

— E a Genevieve?

— Eles terminaram meses atrás.

Papai parece confuso.

— O Peter e a Genevieve eram namorados?

— Deixa pra lá, pai — digo.

Margot fica quieta comendo a salada, e acho que acabou, mas ela dispara:

— Mas ele não tira notas boas, não é? Na escola?

— Nem todo mundo pode ser o melhor aluno do ano! E há tipos diferentes de inteligência, sabia? Ele é esperto.

A reprovação de Margot me deixa muito irritada. Mais do que irritada. Furiosa. Que direito ela tem de se meter se nem mora mais aqui? Kitty tem mais direito do que ela.

— Kitty, você gosta do Peter, não gosta? — pergunto para ela. Sei que ela vai dizer sim.

Kitty se empertiga, e percebo que está satisfeita por ser incluída na conversa de “meninas grandes”.

— Gosto.

Margot parece surpresa.

— Kitty, você conhece ele também?

— Claro. Ele vem aqui o tempo todo. Dá carona para a gente.

— No Audi? Que só tem dois lugares?

Margot olha para mim.

Kitty se anima.

— Não, na van da mãe dele! — Com olhos inocentes, ela diz: — Quero dar uma volta no conversível dele. Nunca andei de conversível.

— Então ele não dirige mais o Audi? — pergunta Margot.

— Não quando a Kitty vai com a gente — digo.

— Hum.

Isso é tudo que Margot diz, e a expressão cética em seu rosto me dá vontade de fechar a tela do laptop.

DEPOIS DA ÚLTIMA aula, recebo uma mensagem de Josh.

Eu, você e a lanchonete, como nos velhos tempos.

Só que os velhos tempos incluíam Margot. Agora são os novos tempos, acho. Talvez isso não seja totalmente ruim. Novidades podem ser coisas boas.

Ok, mas vou pedir um queijo quente só para mim, porque você sempre come mais do que sua metade.

Beleza.

Estamos sentados em nossa mesa perto do *jukebox*.

Eu me pergunto o que Margot está fazendo agora. Já é noite na Escócia. Talvez esteja se preparando para ir ao pub com os amigos. Margot diz que os pubs são bem animados por lá; eles fazem eventos chamados *pub crawls*, em que vão de pub em pub e bebem em cada um deles. Margot não bebe muito, nunca a vi bêbada. Espero que ela esteja se divertindo.

Estico a mão para pegar moedas. Outra tradição de Lara Jean e Josh. Ele sempre me dá moedas para o *jukebox*. É porque guarda um monte de moedas no carro para pagar o pedágio, e eu nunca tenho moedas porque odeio carregá-las por aí.

Não consigo decidir se quero doo-wop ou rock alternativo, mas no último segundo escolho “Video Killed the Radio Star”, a preferida de Margot. Para que, de certa forma, ela *esteja* aqui.

Josh sorri quando começa a tocar.

— Sabia que você ia escolher essa.

— Não, não sabia, porque eu não sabia que ia escolher até o momento em que apertei o botão.

Pego o cardápio e o examino como se já não o tivesse visto um milhão de vezes.

Josh ainda está sorrindo.

— Para que olhar o cardápio se já sabemos o que vamos pedir?

— Eu poderia mudar de ideia no último segundo — digo. — Talvez peça um sanduíche de atum, ou hambúrguer de peru, ou salada. Também posso me arriscar, sabe.

— Claro — concorda Josh, e sei que ele só está querendo me

agradar.

A garçonete chega para anotar nosso pedido.

— Quero um queijo quente, uma sopa de tomate e um milk-shake de chocolate.

Josh olha para mim em expectativa. Há um sorriso surgindo nos cantos dos lábios dele.

— Ah... hã...

Eu olho o cardápio todo o mais rápido que consigo, mas não quero sanduíche de atum, nem hambúrguer de peru, nem salada. Desisto. Gosto do que gosto.

— Um queijo quente, por favor. E refrigerante de cereja preta. — Assim que a garçonete se afasta, digo para ele: — Não quero ouvir uma palavra.

— Eu não ia falar nada.

E então, como estamos em silêncio, nós dois decidimos falar na mesma hora.

— Você tem falado com a Margot? — pergunto.

— Como estão as coisas com o Kavinsky? — questiona ele.

O sorriso fácil de Josh some, e ele desvia o olhar.

— É, a gente conversa pelo computador, às vezes. Acho... acho que ela está com saudades de casa.

Olho para ele de um jeito estranho.

— Falei com ela ontem à noite, e ela não pareceu com saudades de casa. Parecia a mesma Margot de sempre. Contou para nós sobre o “Fim de Semana das Passas”. Fiquei com vontade de ir para Saint Andrews também.

— O que é o “Fim de Semana das Passas”?

— Não entendi direito... Parece uma mistura entre beber muito e latim. Acho que é uma tradição escocesa.

— Você faria isso? — pergunta Josh. — Iria para algum lugar distante?

Eu suspiro.

— Não, provavelmente não. Isso é coisa da Margot, não minha. Mas seria legal ir visitá-la. Talvez meu pai me deixe ir nas férias.

— Acho que ela gostaria muito. Parece que nossa viagem a Paris não vai mais acontecer, né? — Ele dá uma risada constrangida e pigarreja. — Então, como estão as coisas com o Kavinsky?

Antes que eu possa responder, a garçonete chega com nossa comida. Josh empurra a tigela de sopa para o meio da mesa.

— Primeiro gole? — pergunta ele, levantando o milk-shake.

Com vontade, assinto e me inclino sobre a mesa. Josh segura o copo, e tomo um grande gole.

— Ahhh — digo, e volto a me sentar.

— Foi um gole bem grande — diz ele. — Por que você nunca pede

um?

— Por que eu pediria se sei que você vai me oferecer o seu?

Eu arranco um pedaço de queijo quente e mergulho na sopa.

— O que você ia dizer? — insiste Josh. Como olho para ele sem entender, ele completa: — Você ia falar sobre o Kavinsky...

Eu estava torcendo para esse assunto não surgir. Não estou com vontade de contar mais mentiras para Josh.

— As coisas estão bem. — Josh está me olhando como se esperasse mais, então acrescento: — Ele é um doce.

Josh ri com deboche.

— Ele não é como você pensa. As pessoas gostam de julgá-lo, mas ele é diferente. — Fico surpresa ao perceber que estou falando a verdade. Peter *não é* como as pessoas pensam. É metido e sabe ser irritante e sempre se atrasa, mas tem coisas boas e surpreendentes nele. — Ele... não é como você pensa.

Josh me olha com descrença. Em seguida, mergulha metade do sanduíche na sopa.

— Você já disse isso.

— Porque é verdade.

Ele dá de ombros como se não acreditasse em mim.

— Você devia ver como a Kitty fica perto do Peter. Ela é doida por ele.

Só percebo depois que as palavras saem da minha boca. Falo isso para magoá-lo.

Josh arranca mais um pedaço do queijo quente.

— Espero que ela não fique ligada demais a ele.

Apesar de eu ter pensado exatamente a mesma coisa por motivos diferentes, ainda dói ouvir isso.

De repente, aquele ar de naturalidade entre nós se perde. Josh se recolhe e fica distante, e me sinto magoada pelo que ele disse sobre Peter. Parece falsidade ficarmos sentados um na frente do outro fingindo que as coisas continuam como nos velhos tempos. Como poderiam, sem Margot aqui? Ela é o sentido de nosso pequeno triângulo.

— Ei — diz Josh de repente. Eu levanto o rosto. — Eu não quis dizer aquilo. Foi uma coisa horrível de se dizer. — Ele baixa a cabeça. — Acho... sei lá, talvez eu só esteja com ciúmes. Não estou acostumado a compartilhar as irmãs Song.

Fico derretida por dentro. Agora que ele disse uma coisa legal, estou me sentindo calorosa e generosa de novo. Não falo o que estou pensando, que é: *Você pode não estar acostumado a nos compartilhar, mas estamos muito acostumadas a compartilhar você.*

— Você sabe que a Kitty ainda gosta mais de você — comento, e isso o faz sorrir.

— Afinal, eu a ensinei a escarrar — diz Josh. — É impossível esquecer a pessoa que ensina você a fazer algo assim. — Ele toma um grande gole de milk-shake. — Ei, vai ter uma maratona de *Senhor dos Anéis* no Bess, este fim de semana. Quer ir?

— São umas... nove horas!

— É, nove horas de coisas incríveis.

— Verdade — concordo. — Quero ir, mas primeiro preciso ver com o Peter. Ele falou alguma coisa sobre irmos ao cinema este fim de semana e...

Josh me interrompe antes que eu possa terminar.

— Tudo bem. Posso ir com o Mike. Ou posso levar a Kitty. Está na hora de eu apresentá-la ao gênio que é o Tolkien.

Fico em silêncio. Kitty e eu somos intercambiáveis na mente dele? E Margot e eu?

Estamos dividindo um waffle quando Genevieve entra na lanchonete com um garotinho que imagino ser o irmão mais novo dela. Não irmão de verdade; Gen é filha única. Ela é presidente de um programa em que alunos do ensino médio são colocados em dupla com crianças do fundamental, para ajudá-las nos estudos e levá-las para se divertir.

Eu afundo na cadeira, mas é claro que Gen me vê. Ela olha para mim e para Josh, depois acena. Não sei o que fazer, então retribuo o aceno. Tem alguma coisa perturbadora na forma como ela sorri para mim. O quanto realmente parece feliz.

Se Genevieve está feliz, isso não é bom para mim.

* * *

Durante o jantar, recebo uma mensagem de Peter.

Se você vai andar com o Sanderson, pode pelo menos não fazer isso em público?

Por baixo da mesa, leio várias vezes. É possível que Peter esteja um pouquinho enciumado? Ou está mesmo preocupado com o que Genevieve vai pensar?

— O que você fica olhando toda hora? — pergunta Kitty.

Coloco o celular na mesa virado para baixo.

— Nada.

Kitty se vira para nosso pai.

— Aposto que era uma mensagem do Peter.

Enquanto passa manteiga no pão, meu pai diz:

— Gosto do Peter.

— Gosta? — pergunto.

Papai assente.

— Ele é um bom menino. Está muito envolvido com você.

— Envolvido comigo? — repito.

Para mim, Kitty diz:

— Você parece um papagaio.

Para papai, ela pergunta:

— O que isso quer dizer? Envolvido com ela?

— Quer dizer que ele está encantado por ela — explica papai. — Está enamorado.

— E o que é enamorado?

Ele ri e coloca o pãozinho na boca aberta e perplexa de Kitty.

— Quer dizer que ele gosta dela.

— Claro que ele gosta dela — concorda Kitty com a boca cheia. — Ele... ele olha muito para você, Lara Jean. Quando você não está prestando atenção. Ele olha para ver se você está se divertindo.

— Olha?

Meu peito fica quente, e posso me sentir começando a sorrir.

— Fico feliz de ver você feliz. Eu me preocupava de Margot assumir tanta responsabilidade em casa e ajudar como ela ajudou. Não queria que ela perdesse a experiência do ensino médio. Mas você conhece Margot. Ela é tão focada. — Papai estica a mão e aperta meu ombro. — Ver você saindo, fazendo coisas e amizades novas ... deixa seu pai muito feliz. Muito, muito feliz.

Sinto um bolo crescer na garganta. Se ao menos não fosse tudo mentira.

— Não chore, papai — ordena Kitty, e papai assente e a puxa para um abraço.

— Você pode me fazer um favor, Kitty? — diz ele.

— O quê?

— Pode ficar com essa idade para sempre?

— Só se você me der um cachorrinho.

Meu pai cai na gargalhada, e Kitty ri também.

Admiro muito minha irmãzinha às vezes. Ela sabe exatamente o que quer e faz o que for preciso para conseguir. Não tem a menor vergonha.

Vou falar com papai para ajudá-la. Nós duas vamos vencê-lo pelo cansaço. Vai haver um cachorrinho debaixo da árvore na manhã de Natal. Aposto que vai.

NA NOITE SEGUINTE, Peter e eu estudamos na Starbucks por algumas horas. Bem, eu estudo e ele fica se levantando e indo falar com o pessoal da escola. A caminho de casa, ele pergunta:

— Você se inscreveu no passeio para a estação de esqui?

— Não. Eu esquio muito mal.

Só gente popular como Peter e os amigos vão no passeio para a estação de esqui. Eu poderia tentar convencer Chris a ir, mas ela provavelmente riria na minha cara. Ela não vai a nenhum passeio da escola.

— Você não precisa esquiar. Pode fazer snowboard. É o que eu faço.

Eu olho para ele.

— Você me imagina fazendo snowboard?

— Eu ensino. Vamos, vai ser divertido. — Peter segura minha mão.

— Por favor, por favor, por favor, Lara Jean. Vamos, seja legal. Vai ser divertido, eu juro.

Ele me pega de surpresa. A viagem só acontece nas férias de inverno. Então ele quer levar isso, nós, adiante até lá. Por algum motivo, fico aliviada.

— Se você não quiser fazer snowboard — continua ele —, o hotel tem uma lareira de pedra enorme e poltronas confortáveis. Você pode se sentar e ler durante horas. E vendem o melhor chocolate quente do mundo, lá. Vou comprar um para você.

Ele aperta minha mão.

Meu coração dá um salto.

— Tudo bem, eu vou. Mas é melhor que o chocolate quente seja tão bom quanto você diz.

— Compro quantos você quiser.

— Então é melhor você levar um monte de moedas — digo, e Peter ri. — O que foi?

— Nada.

Quando chego em casa, saio do carro e ele vai embora, mas então lembro que deixei a bolsa no chão do carro dele, e papai e Kitty não estão em casa. Estão na escola de Kitty, em uma reunião de pais e professores.

Procuro cegamente debaixo do deque, tateando no escuro em busca da cópia da chave que deixamos escondida embaixo do carrinho de mão. Então lembro que a cópia está na gaveta da bagunça dentro de casa porque me esqueci de colocá-la de volta na última vez que fiquei

trancada do lado de fora. Não tenho chave, celular, ou como entrar em casa.

Josh! Josh tem uma chave. Ele às vezes molha as plantas do meu pai, quando viajamos de férias.

Encontro uma pedrinha no caminho e atravesso o gramado até estar embaixo da janela de Josh. Jogo a pedra e erro. Encontro outra, e ela quica no vidro, quase sem fazer som. Tento de novo, com uma pedra maior. Essa eu acerto.

Josh abre a janela e coloca a cabeça para fora.

— Oi. O Kavinsky já foi embora?

Surpresa, eu digo:

— Foi. Esqueci a bolsa no carro dele. Você pode jogar a cópia da chave para mim?

Josh suspira, como se eu estivesse pedindo um favor enorme.

— Já volto.

Ele desaparece.

Fico esperando Josh voltar até a janela, mas ele não volta. Em vez disso, sai pela porta da frente. Está de casaco e calça de moletom. É o casaco de moletom favorito de Margot. Quando eles começaram a namorar, ela o usava o tempo todo, como se fosse uma jaqueta do time da escola.

Estico a mão para pegar a chave, e Josh me entrega.

— Obrigada, Josh.

Eu me viro para entrar, mas ele me impede.

— Espera. Estou preocupado com você.

— O quê? Por quê?

Ele dá um suspiro pesado e ajeita os óculos. Ele só usa os óculos à noite.

— Essa coisa com o Kavinsky...

— De novo, não. Josh...

— Ele está usando você, Lara Jean. E você merece mais do que isso. Você é... inocente. Não é como as outras garotas. Ele é um cara típico. Você não pode confiar nele.

— Acho que conheço o Peter bem melhor do que você.

— Só estou preocupado. — Josh pigarreia. — Você é como se fosse minha irmã mais nova.

Tenho vontade de bater nele por causa disso.

— Não sou, não.

Uma expressão de desconforto atravessa o rosto de Josh. Sei o que ele está pensando, porque nós dois estamos pensando a mesma coisa.

Nessa hora, faróis surgem na nossa rua. É o carro de Peter. Ele voltou. Devolvo a chave para Josh e corro até a porta de casa.

— Obrigada, Josh! — grito por cima do ombro.

Vou até a janela do motorista.

— Você esqueceu a bolsa — diz Peter, olhando na direção da casa de Josh.

— Eu sei — digo, sem fôlego. — Obrigada por voltar.

— Ele está ali?

— Não sei. Estava um minuto atrás.

— Então, só para garantir — diz Peter, e inclina a cabeça para fora e me dá um beijo na boca.

Fico perplexa.

Quando se afasta, Peter está sorrindo.

— Boa noite, Lara Jean.

Ele some na noite, e eu continuo ali, com os dedos nos lábios. Peter Kavinsky acabou de me beijar. Ele me beijou, e eu gostei. Tenho quase certeza de que gostei. Tenho quase certeza de que gosto dele.

* * *

Na manhã seguinte, estou guardando os livros no armário quando vejo Peter seguindo pelo corredor. Meu coração bate com tanta força que sinto o eco nos ouvidos. Ele ainda não me viu. Encaro o armário e começo a arrumar os livros em pilhas.

De trás da porta, ele diz:

— Oi.

— Oi — respondo.

— Pode deixar, Covey. Não vou mais beijar você, então não precisa se preocupar com isso.

Ah.

Então é isso. Não importa se eu gosto dele ou não, porque ele não gosta de mim. É meio bobo ficar tão decepcionada por uma coisa que você acabou de perceber que quer, não é?

Não deixe ele perceber que você está decepcionada.

Eu o encaro.

— Eu não estava preocupada.

— Estava, sim. Olhe para você: seu rosto está todo tenso.

Peter ri, e tento relaxar o rosto e parecer serena.

— Não vai mais acontecer. Foi só por causa do Sanderson.

— Que bom.

— Que bom — diz ele, e segura minha mão, fecha a porta do meu armário e me acompanha até a aula como um namorado de verdade, como se estivéssemos mesmo apaixonados.

Como posso saber o que é real e o que não é? Parece que sou a única que não sabe a diferença.

MEU PAI FICA animado quando peço a ele para assinar a permissão para o passeio de esqui.

— Ah, Lara Jean, isso é ótimo. Peter convenceu você? Você tem medo de esqui desde os dez anos, caiu e não conseguia se levantar!

— É, eu lembro.

Minhas botas congelaram nos esquis e fiquei lá, caída, pelo que pareceram dias.

Meu pai assina a permissão.

— Ei, de repente poderíamos todos ir para Wintergreen no Natal. O Peter também. — Está explicado a quem puxei. Meu pai. Ele vive no mundo da fantasia. Ao me entregar o papel, ele completa: — Você pode usar a calça de neve da Margot. As luvas também.

Não digo para ele que não vou precisar porque vou ficar aconchegada no hotel lendo e tomando chocolate quente perto da lareira. Acho que vou levar minhas agulhas de tricô.

Quando falo com Margot ao telefone, naquela noite, conto que vou no passeio à estação de esqui, e ela fica surpresa.

— Mas você odeia esqui.

— Vou experimentar snowboard.

— Só... tome cuidado — pede ela.

* * *

Penso que minha irmã está falando das pistas, mas, quando Chris vai lá em casa na noite seguinte, para pegar um vestido emprestado, descubro do que Margot estava falando.

— Você sabe que todo mundo transa na viagem, né? É praticamente um encontro sexual com a bênção da escola.

— *O quê?*

— Foi lá que perdi a virgindade, no primeiro ano.

— Pensei que você tivesse perdido no bosque perto da sua casa.

— Ah, é. Tanto faz, a questão é que transei nesse passeio.

— Tem professores tomando conta — digo, preocupada. — Como as pessoas podem fazer sexo com adultos por perto?

— Os adultos vão dormir cedo porque são velhos — diz Chris. — As pessoas saem escondidas. Além do mais, tem um ofurô. Você sabia que tem um ofurô?

— Não... O Peter não mencionou isso.

Bem, isso é fácil de resolver. Não vou colocar biquíni na mala. Não podem obrigar ninguém a entrar em um ofurô.

— Quando eu fui, as pessoas entraram peladas.

Meus olhos se arregalam. Peladas!

— Elas ficaram nuas?

— Bem, as garotas tiraram o sutiã do biquíni. Então se prepara. — Chris rói a unha. — Ano passado, soube que o sr. Dunhan entrou no ofurô com os alunos e foi bem estranho.

— Isso parece aquele programa, “Largados e pelados” — murmuro.

— Está mais para “Tarados e pelados”.

Não que eu esteja com medo de Peter tentar alguma coisa comigo. Sei que não vai, porque ele não me vê assim. Mas será que as pessoas vão esperar isso? Vou ter que entrar escondida no quarto dele no meio da noite para as pessoas pensarem que estamos fazendo alguma coisa? Não quero me meter em confusão em uma viagem da escola, mas Peter consegue me convencer a fazer coisas que não quero.

Eu seguro a mão de Chris.

— Você pode vir também? Por favor, por favor!

Ela balança a cabeça.

— Você sabe que não. Eu não participo de passeios da escola.

— Mas você já foi!

— É, no primeiro ano. Agora, não vou mais.

— Mas eu preciso de você! — Desesperada, aperto as mãos dela. — Lembra que ajudei você ano passado, quando você foi àquele festival? Passei o fim de semana todo entrando e saindo da sua casa para sua mãe achar que você estava lá! Não se esqueça das coisas que fiz por você, Chris! Preciso de você!

Insensibilizada, Chris afasta as mãos das minhas e vai até o espelho examinar a pele do rosto.

— O Kavinsky não vai pressionar você a fazer sexo se você não quiser. Tirando o fato de ele ter namorado o demônio, ele não é um babaca. É bem tranquilo, na verdade.

— O que você quer dizer com tranquilo? No sentido de que não se importa muito com sexo?

— Ah, Deus, não. Ele e a Gen viviam o tempo todo com tesão. Ela toma pílula há mais tempo do que eu. Pena que todo mundo na minha família pensa que ela é uma santa. — Chris espreme uma espinha no queixo. — Que falsa. Eu devia mandar uma carta anônima para nossa avó... Mas eu não faria isso. Não sou fofqueira como ela. Lembra aquela vez que ela contou para minha avó que eu ia para a escola bêbada? — Ela não espera que eu responda. Quando Chris começa a falar sobre Genevieve, não para nunca. — Ela queria usar o dinheiro que guardou para a minha faculdade com reabilitação! Fizeram uma reunião familiar sobre mim! Fico tão feliz de você ter roubado o

Kavinsky dela.

— Eu não roubei. Eles já tinham terminado!

Chris ri com deboche.

— Claro, se prefere acreditar nisso. A Gen vai ao passeio, sabe? Ela é representante de turma, então basicamente é quem está organizando tudo. Tome cuidado. Não esquie sozinha.

Sufoco um gritinho.

— Chris, estou implorando. Por favor, vai comigo. — Em uma súbita onda de inspiração, acrescento: — Se você vier, a Genevieve vai ficar furiosa! Ela está organizando tudo, é a viagem dela. Tudo que ela menos quer é ver você lá.

Os lábios dela se abrem em um sorriso.

— Você sabe bem como me manipular. — Ela vira o queixo para mim. — Você acha que essa espinha está pronta para ser espremida?

No DIA DE Ação de Graças, papai limpa o peru para mim e sai para buscar nossa avó coreana, que mora a uma hora de distância, em uma comunidade de aposentados com um monte de outras avós coreanas. A mãe de meu pai, Nana, vai passar o dia com a família do namorado. Não me importo, porque sei que ela não teria nada de bom para dizer sobre a comida.

Faço um prato de vagem com raspas de laranja e dill, em um esforço sincero para ser moderna e criativa. Nomeio Kitty como experimentadora, e ela come um pedaço de vagem e diz que está com gosto de pickles de laranja.

— Por que não podemos comer caçarola de vagem com anéis de cebola fritos? — pondera Kitty.

Ela está cortando penas coloridas para os jogos americanos no formato de peru que vai fazer.

— Porque estou tentando ser moderna e criativa — digo enquanto coloco uma lata de molho na frigideira.

— Mesmo assim vamos ter caçarola de brócolis? — pergunta Kitty, em dúvida. — As pessoas gostam disso.

— Você está vendo brócolis em algum lugar da cozinha? — pergunto. — Não, o verde desta refeição é a vagem.

— E purê de batata? Ainda vamos ter purê de batata, não é?

Purê de batata. Dou uma olhada na despensa. Esqueci as batatas. Comprei leite integral, manteiga e até um pouco de cebolinha para jogar por cima, como Margot sempre faz. Mas me esqueci das batatas.

— Liga para o papai e pede para ele comprar batatas no caminho de casa — digo enquanto fecho a porta da despensa.

— Não posso acreditar que você se esqueceu das batatas — diz Kitty, e balança a cabeça.

Eu olho para ela com irritação.

— Concentre-se no seu jogo americano.

— Não, porque se eu não tivesse perguntado sobre o purê de batata, a refeição estaria arruinada, então você deveria me agradecer.

Kitty se levanta a fim de ligar para papai.

— A propósito, esses perus mais parecem o logo de pavão da NBC do que perus de verdade! — grito.

Kitty não se deixa afetar, e como um pedaço de vagem. Está mesmo com gosto de pickles de laranja.

Acabo assando o peru de cabeça para baixo. Além disso, Kitty ficou enchendo o saco por causa de salmonela, porque viu um vídeo sobre isso na aula de ciências, então acabo deixando-o no forno por tempo demais. O purê de batata fica bom, mas tem uns pedaços meio duros aqui e ali porque cozinhei as batatas em cima da hora.

Estamos sentados à mesa de jantar, e os jogos americanos de Kitty dão um toque especial.

Vovó está comendo um monte de vagem, e lança um olhar triunfante para Kitty. *Está vendo? Alguém gostou.*

Depois que mamãe morreu, houve um tempo em que vovó veio morar conosco para ajudar a tomar conta das netas. Houve até uma conversa sobre ela ficar indefinidamente. Ela achava que papai não ia dar conta de nós três sozinho.

— Então, Danny — começa vovó.

Kitty e eu trocamos um olhar por cima da mesa porque sabemos o que vem em seguida.

— Você anda saindo com alguém? Tem encontros?

Meu pai fica vermelho.

— Er... não muito. Meu trabalho me deixa muito ocupado...

Vovó estala a língua.

— Não é bom para um homem ficar sozinho, Danny.

— Tenho minhas garotas para me fazer companhia — responde meu pai, tentando parecer jovial, e não tenso.

Vovó lança um olhar gelado para ele.

— Não é isso que quero dizer.

Quando estamos lavando a louça, vovó me pergunta:

— Lara Jean, você se importaria se seu pai tivesse uma namorada?

É uma coisa que Margot e eu discutimos muitas vezes ao longo dos anos, quase sempre no escuro, tarde da noite. Se papai arrumasse uma namorada, com que tipo de mulher gostaríamos de vê-lo? Alguém com senso de humor, de coração gentil, todas as coisas de sempre. Alguém que fosse firme com Kitty, mas não a sufocasse tanto que acabasse reprimindo tudo que ela tem de especial. Mas também alguém que não tentasse ser nossa mãe; nesse ponto Margot era mais firme. Kitty precisa de uma mãe, mas ela diz que nós somos velhas o bastante e que não precisamos mais.

De nós três, Margot era a mais crítica. Ela é incrivelmente leal à memória de mamãe. Não que eu não seja, mas houve ocasiões ao longo dos anos em que pensei no quanto seria legal ter alguém. Alguém mais velho, uma mulher, que soubesse certas coisas, tipo o jeito certo de passar blush ou como jogar charme para se livrar de uma multa por excesso de velocidade. Coisas para o futuro. Mas nunca

aconteceu. Papai saiu com algumas mulheres, mas não teve nenhuma namorada firme a ponto de apresentá-la para nós. E isso sempre foi uma espécie de alívio, mas, agora que estou ficando mais velha, fico pensando em como vai ser quando eu for embora e só ficarem Kitty e papai e, depois de um tempo, só papai. Não quero que ele fique completamente sozinho.

— Não — digo. — Eu não me importaria nem um pouco.

Vovó me olha com aprovação.

— Boa menina — diz ela, e me sinto feliz e acalorada por dentro, como eu me sentia depois de uma xícara do chá que minha mãe fazia quando eu não conseguia pegar no sono. Papai já fez isso algumas vezes, mas o gosto nunca foi igual, e nunca tive coragem de dizer a ele.

O FESTIVAL DE biscoitos de Natal começa no dia primeiro de dezembro. Pegamos todos os livros e revistas de receitas de mamãe, os espalhamos no chão da sala e colocamos o CD de Natal do *Charlie Brown* para tocar. Nenhuma música natalina é permitida na nossa casa antes do mês de dezembro. Não lembro quem inventou essa regra, mas sempre a seguimos. Kitty tem uma lista de biscoitos que vamos fazer com certeza e outros que talvez façamos. Alguns são recorrentes. Meu pai adora meias-luas de noz-pecã, então temos que fazer esse. Biscoitos amanteigados, porque no Natal esses não podem faltar. Biscoitos de canela para Kitty, biscoitos de melado para Margot, biscoitos de gotas de chocolate para mim. De chocolate branco com cranberry é o favorito de Josh. Mas acho que este ano deveríamos fazer diferente e escolher outros biscoitos. Não completamente, mas com pelo menos alguns novos.

Peter está aqui; ele veio depois da aula para estudar química. Nós já terminamos há horas, e ele ainda está aqui. Ele, Kitty e eu estamos na sala vendo os livros de receitas. Meu pai está na cozinha ouvindo as notícias no rádio e preparando o almoço de amanhã.

— Por favor, chega de sanduíches de peru — grito.

Peter cutuca minha meia e diz, apenas com movimentos labiais: *mimadas*. Ele aponta para mim e para Kitty e balança o dedo.

— Nem ligo. Sua mãe faz seu almoço todos os dias, então cala a boca — sussurro.

— Ei, também estou cansado de sobras, mas o que vamos fazer? Jogar fora? — responde meu pai da cozinha.

Kitty e eu nos entreolhamos.

— Exatamente.

Meu pai tem um problema com desperdício de comida. Eu me pergunto se ele repararia se eu fosse escondida até a cozinha durante a noite e jogasse tudo fora. Provavelmente sim.

— Se tivéssemos um cachorro — fala Kitty em voz alta —, não haveria mais sobras.

Ela pisca para mim.

— Que raça de cachorro você quer? — pergunta Peter.

— Não dê esperanças a ela — digo, mas Peter faz sinal para eu não interferir.

Na mesma hora, Kitty diz:

— Um akita. Com pelo marrom-claro e rabo feito um pãozinho de canela. Ou um pastor alemão, que posso treinar para que seja cão-

guia.

— Mas você não é cega — diz Peter.

— Mas posso ficar.

Sorrindo, Peter balança a cabeça. Ele me cutuca de novo e, com admiração, diz:

— Não dá para discutir com essa garota.

— É inútil, mesmo. — Eu ergo uma revista para mostrar a Kitty. — O que você acha? Biscoito recheado com creme?

Kitty anota na lista dos “talvez”.

— Ei, e esse?

Peter empurra um livro para o meu colo. Está aberto em uma receita de biscoito de frutas cristalizadas.

Eu finjo ânsia de vômito.

— Você está de brincadeira? Está, não está? Biscoito de frutas cristalizadas? É nojento.

— Quando preparado direito, fica delicioso — defende Peter. — Minha tia-avó Trish fazia um bolo de frutas cristalizadas, colocava sorvete em cima e ficava incrível.

— Qualquer coisa fica boa com sorvete em cima — interrompe Kitty.

— Não dá para discutir com essa garota — digo, e Peter e eu trocamos sorrisos por cima da cabeça de Kitty.

— É verdade, mas esse não era um bolo de frutas cristalizadas qualquer. Não é como um pão molhado cheio de jujubas néon. Tem noz-pecã, cerejas e mirtilos secos e coisas gostosas. Acho que ela chamava o bolo de “Memória de Natal”.

— Adoro essa história! — exclamo. — É minha favorita. É tão boa, mas tão triste. — Peter e Kitty parecem intrigados, então explico: — “Memória de Natal” é um conto de Truman Capote. É sobre um garoto chamado Buddy e sua prima mais velha, que cuidava dele quando ele era pequeno. Eles guardavam dinheiro o ano todo para fazer um bolo de frutas cristalizadas no Natal, depois mandavam de presente para os amigos, mas também para gente importante, como o presidente.

— E por que é tão triste? — pergunta Kitty.

— Porque eles eram melhores amigos e se amavam mais do que tudo, mas, no fim, acabam sendo separados, porque a família achava que ela não cuidava dele direito. E talvez não cuidasse mesmo, mas isso não importa, porque ela era a alma gêmea dele. A menina morre no fim, e Buddy nem pôde se despedir dela. É baseado em uma história real.

— Que deprimente — diz Peter. — Esquece os biscoitos de frutas cristalizadas.

Kitty risca os biscoitos da lista.

Estou folheando uma edição velha da revista *Good Housekeeping*

quando a campainha toca. Kitty se levanta e corre para atender.

— Veja quem é antes de abrir!

Ela sempre esquece.

— Josh! — Eu a ouço gritar.

Peter levanta a cabeça.

— Ele veio ver a Kitty — digo para ele.

— Ah, sei.

Josh entra na sala com Kitty pendurada no pescoço como um macaco.

— Oi — diz, olhando para Peter.

— E aí, cara — cumprimenta Peter, com o máximo de simpatia que consegue. — Senta aí.

Olho para ele de um jeito estranho. Um segundo atrás, ele estava resmungando, agora está todo simpático. Não entendo os garotos.

Josh levanta uma sacola de plástico.

— Trouxe de volta a caçarola.

— Josh? É você? — grita meu pai, da cozinha. — Quer um lanchinho? Um sanduíche de peru?

Tenho certeza de que ele vai dizer não, porque já deve ter comido tantos sanduíches de peru na casa dele quanto nós aqui, mas ele responde:

— Claro!

Josh se solta de Kitty e se senta no sofá.

— Festival de biscoitos de Natal? — pergunta para mim.

— Festival de biscoitos de Natal — confirmo.

— Você vai fazer meu favorito, não é?

Josh faz a cara de cachorro pidão que sempre me faz sorrir por não combinar nada com ele.

— Você é muito bobo — digo, balançando a cabeça.

— Qual é seu favorito? — pergunta Peter. — Porque acho que a lista está fechada.

— Tenho quase certeza de que já está na lista — diz Josh.

Eu olho de Josh para Peter. Não consigo dizer se eles estão brincando ou não.

Peter estica a mão e faz cócegas nos pés de Kitty.

— Leia a lista, Katherine.

Kitty ri e rola até o bloco. Em seguida, fica de pé e declama cheia de pompa:

— Biscoitos de M&M, sim. Biscoitos de cappuccino, talvez. Biscoitos de creme, talvez. Biscoitos de frutas cristalizadas, *de jeito nenhum*...

— Espera um minuto, eu também faço parte desse conselho — protesta Peter —, e vocês descartaram meu biscoito de frutas cristalizadas sem pensar duas vezes.

— Você disse para esquecer os biscoitos de frutas cristalizadas, tipo,

cinco minutos atrás! — exclamo.

— Ah, mas agora quero que voltem a ser considerados.

— Lamento, mas você é voto vencido — respondo. — Kitty e eu votamos que não, então são dois contra um.

A cabeça de meu pai aparece na sala.

— Pode contar meu voto como sim para os biscoitos de frutas cristalizadas.

A cabeça dele volta a desaparecer na cozinha.

— Obrigado, dr. Covey. — Peter me puxa mais para perto. — Está vendo, eu sabia que seu pai estava do meu lado.

Eu dou uma gargalhada.

— Você é tão puxa-saco!

Nessa hora, olho para Josh, que está nos observando com uma expressão engraçada, como se se sentisse excluído. Isso faz eu me sentir mal. Eu me afasto de Peter e começo a folhear os livros de novo.

— A lista ainda está em construção — digo para Josh. — O conselho dos biscoitos vai considerar com carinho seus biscoitos de chocolate branco com cranberry.

— Agradeço profundamente — responde ele. — O Natal não é Natal sem seus biscoitos de chocolate branco com cranberry.

— Ei, Josh, você também é puxa-saco! — exclama Kitty, alegre.

Josh a agarra e faz cócegas até ela ficar com lágrimas nos olhos de tanto rir.

* * *

Depois que Josh vai embora e Kitty sobe as escadas para ver tevê, arrumo a sala, e Peter fica deitado no sofá me olhando. Fico achando que ele vai embora, mas ele não vai.

— Você se lembra do Halloween, quando você estava fantasiada de Cho Chang e o Sanderson de Harry Potter? — comenta Peter, do nada. — Aposto que não foi coincidência. Aposto um milhão de dólares que ele mandou a Kitty descobrir sua fantasia e correu para comprar uma de Harry Potter. O cara está a fim de você.

Fico paralisada.

— Não está. Ele ama minha irmã. Sempre amou e sempre vai amar.

Peter balança a mão, como se isso não tivesse importância.

— Espere só. Assim que terminarmos, ele vai armar uma situação brega, tipo, uma serenata, para confessar o amor que sente por você. Acredite em mim, sei como os caras pensam.

Arranco a almofada na qual ele está apoiado e coloco na espreguiçadeira.

— Minha irmã vem para casa no Natal. *Eu* aposto um milhão de dólares que eles vão voltar.

Peter estica a mão para eu apertar e, quando a seguro, ele me puxa para o sofá. Sento ao seu lado, e nossas pernas se tocam. Ele está com um brilho malicioso nos olhos, e penso que talvez vá me beijar, e fico com medo, mas também ansiosa. Mas ouço Kitty descendo as escadas, e o momento passa.

— PODEMOS MONTAR A árvore neste fim de semana? — pergunta Kitty, no café da manhã.

Meu pai ergue o rosto da tigela de mingau de aveia. Mingau de aveia, eca.

— Não vejo por que não.

— Margot pode ficar chateada se fizermos sem ela — digo.

Para falar a verdade, também quero montar a árvore. É tão aconchegante fazer o Festival de biscoitos de Natal com as luzes piscando na árvore, canções natalinas e a casa toda cheirando a açúcar e manteiga.

— A família da Brielle montou a árvore no dia seguinte ao de Ação de Graças — comenta Kitty.

— Então vamos montar — digo. — Podemos, pai?

— Ah, se a família da Brielle montou...

* * *

Vamos até a fazenda de árvores de Natal, que fica a uma hora de distância, porque é lá que estão as melhores. Kitty insiste em olhar todas as árvores para garantir que a nossa seja a melhor. Voto em um abeto balsâmico, porque é o mais cheiroso, mas Kitty não o acha alto o bastante. Escolhemos um abeto de Douglas, e durante todo o caminho para casa o ar fica com cheiro de manhã de Natal.

Josh sai correndo de casa quando nos vê lutando para levar a árvore para dentro. Ele e meu pai a carregam para a sala. Josh segura a árvore enquanto meu pai a prende à base. Tenho a sensação de que ele vai querer ficar para ajudar na decoração. Não consigo parar de pensar no que Peter disse. Que Josh talvez goste de mim.

— Um pouco para a esquerda — orienta Kitty. — Ainda não está reta.

Pego a caixa com pisca-piscas e enfeites e começo a separá-los. Minha favorita é a estrela azul que fiz no jardim de infância, com massa de modelar. É minha favorita porque tem um pedaço faltando; falei para Kitty que era um biscoito, e ela deu uma mordida como se fosse o Pac-man. Depois chorou, e fiquei encrencada, mas valeu a pena.

— Vamos usar as luzes coloridas ou as brancas, este ano? — pergunto.

— Brancas — afirma Kitty. — São mais elegantes.

— Mas as coloridas são divertidas — argumenta Josh. — E tradicionais.

Eu reviro os olhos.

— Divertidas, Josh?

Josh começa a fazer um discurso a favor das luzes coloridas, e nós dois discutimos até papai interceder e dizer que devemos fazer meio a meio. É quando as coisas finalmente parecem normais de verdade entre nós, agora que estamos discutindo como antigamente. Peter estava errado sobre Josh.

A árvore é tão alta que quase encosta no teto. Os pisca-piscas acabam, e meu pai sai para comprar mais. Josh coloca Kitty nos ombros para que ela possa botar a estrela no topo da árvore.

— Fico feliz de termos comprado uma das grandes este ano — digo, com um suspiro animado, então me jogo no sofá e olho para o fruto de nosso trabalho. Não tem nada mais aconchegante do que uma árvore de Natal iluminada.

Um pouco mais tarde, meu pai tem que ir ao hospital, e Kitty vai até a casa dos vizinhos, porque estão assando biscoitos com chocolate e marshmallow na lareira, então Josh e eu ficamos na sala arrumando tudo. Estou colocando ganchos de enfeite em saquinhos, e Josh está guardando os enfeites que sobraram em uma caixa de papelão. Ele levanta a caixa e esbarra em um dos galhos da árvore, e um enfeite de vidro escorrega e quebra.

Josh geme.

— Jo-osh — digo. — Fiz isso na aula de economia doméstica.

— Desculpa.

— Tudo bem. Não foi mesmo meu melhor trabalho. Coloquei penas demais.

Era uma bola de vidro transparente com penas e lantejoulas brancas dentro.

Vou buscar uma vassoura e, quando volto, Josh fala:

— Você age diferente perto do Kavinsky, sabia?

Levanto o rosto e paro de varrer.

— Não, não sabia.

— Você não age como você. Age como... como todas as garotas fazem perto dele. Você não é assim, Lara Jean.

— Eu ajo do mesmo jeito de sempre — respondo, irritada. — Como você poderia saber, Josh? Quase não anda mais com a gente.

Eu me abaixo e pego um caco de vidro.

— Cuidado — diz Josh. — Pode deixar, eu pego.

Ele se abaixa ao meu lado e estica a mão para pegar outro caco.

— Ai!

— Cuidado *você*! — Eu me aproximo e tento ver o dedo dele

melhor. — Está sangrando?

Ele balança a cabeça.

— Estou bem. — Ele faz uma pausa, então diz: — Sabe o que não entendo?

— O quê?

Josh me olha com as bochechas vermelhas.

— Por que você nunca disse nada. Se gostou de mim durante todo aquele tempo, por que não disse nada?

Meu corpo todo fica tenso. Eu não estava esperando por isso. Não estou preparada. Engulo em seco.

— Você estava com a Margot.

— Eu não estive sempre com a Margot. As coisas que você escreveu... Você gostava de mim bem antes de eu gostar dela. Por que não me contou?

Eu suspiro.

— Que importância isso tem agora?

— Tem importância. Você devia ter me contado. Devia ao menos ter me dado uma chance.

— Não teria feito diferença, Josh!

— Estou dizendo que teria!

Ele dá um passo na minha direção.

Desajeitada, eu me levanto. Por que ele está falando nisso logo agora, que as coisas estão voltando ao normal?

— Você é tão mentiroso. Nunca pensou em mim desse jeito, nem uma vez, então não me venha com essa história agora que estou com alguém.

— Você não sabe o que estou pensando — responde ele. — Você não consegue ler meus pensamentos, Lara Jean.

— Consigo, sim. Conheço você melhor do que qualquer pessoa. Sabe por quê? Você é previsível. Tudo que você faz. É tão previsível. O único motivo de você estar dizendo isso agora é porque está com ciúmes. E não é nem por minha causa. Você não liga para quem está comigo. Você só está com ciúme porque o Peter roubou seu lugar. A Kitty gosta mais dele do que de você, agora.

O rosto dele se fecha. Ele me olha com raiva, e eu olho para ele com raiva.

— Tudo bem! — grita ele. — Estou com ciúme! Está feliz agora?

De repente, ele dá um passo na minha direção e me beija. Na boca. Os olhos dele estão fechados, os meus estão bem abertos. Mas os fecho também e, por um segundo, só por um segundo, eu retribuo. Em seguida, interrompo o beijo e o empurro.

— Você previu isso, Lara Jean? — pergunta ele, com a voz triunfante.

Minha boca se abre e se fecha, mas nenhuma palavra sai. Largo a

vassoura e corro escada acima, o mais rápido que consigo. Entro no quarto e tranco a porta. Josh acabou de me beijar. Na sala da minha casa. Margot vai voltar em poucas semanas. E tenho um namorado de mentira que acabei de trair.

DEPOIS DA TERCEIRA aula, Lucas está me esperando no corredor.

Ele usa uma gravata fina e uma camisa de gola V e está segurando um saco enorme de Cheetos. Enfia um punhado deles na boca, e pó laranja cai na camisa branca. Os cantos da boca também estão um pouco alaranjados.

— Oi, preciso falar com você — diz ele, com a boca cheia.

Dou uma gargalhada.

— Não consigo acreditar que eu achava que você era refinado — digo, soprando pó de Cheetos da camisa dele. — O que você quer falar comigo? — Como ele hesita, acrescento, depois de roubar uns Cheetos: — Lucas, odeio quando as pessoas dizem que têm uma coisa para dizer e não dizem. É que nem quando dizem que têm uma história engraçada. É melhor contar a história de uma vez e deixar que eu decida se é engraçada ou não.

Lucas lambe queijo dos lábios.

— Você sabe que moro no mesmo bairro da Genevieve, certo? — Eu assinto. — Ontem à noite, vi o Kavinsky saindo da casa dela.

— Ah.

Isso é tudo que eu digo. Só “Ah”.

— Normalmente, eu não acharia nada de mais, mas tem outra coisa. — Lucas limpa a boca com as costas da mão. — A Genevieve e o cara da faculdade terminaram no fim de semana. Você sabe o que isso quer dizer, certo?

Estou assentindo, mas me sinto dormente por dentro.

— Sei... Espera, o quê?

Lucas me olha com um pouco de pena e um pouco de impaciência.

— Ela vai tentar voltar com o Peter, Lara Jean!

— Certo — digo, e sinto uma pontada na hora que falo. — É claro que vai.

— Você tem que impedi-la — avisa ele.

— Eu vou — afirmo, e as palavras saem macias como gelatina, sem convicção alguma.

Eu não sabia até agora, mas acho que vinha esperando esse momento o tempo todo. Quando Genevieve fosse querer Peter de volta. Quando Peter concluísse que essa coisa toda foi só um pequeno desvio e chegara a hora de ele voltar para seu lugar de direito. Para a pessoa a quem pertence.

Eu não planejava contar a Peter que Josh me beijou. Não mesmo. Mas, quando Lucas e eu nos encaminhamos para a próxima aula, o vejo andando com Genevieve pelo corredor. Lucas me lança um olhar intenso, que finjo não ver.

Na aula de química, escrevo um bilhete para Peter.

Você estava certo sobre o Josh.

Bato nas costas dele e entrego o bilhete. Quando ele lê, senta-se ereto e imediatamente rabisca uma resposta.

Seja mais específica.

Ele me beijou.

Quando vejo Peter ficar tenso, tenho vergonha de dizer que me sinto um pouco vingada. Fico esperando uma resposta, mas ele não escreve nada. Assim que o sinal toca, ele se vira para mim.

— Como diabos isso aconteceu?

— Ele foi nos ajudar a montar a árvore.

— E aí, o quê? Ele beijou você na frente da Kitty?

— Não! Só estávamos nós dois em casa.

Peter parece muito irritado, e estou começando a me arrepender de ter contado.

— Ele acha que pode sair beijando a minha namorada a torto e a direito? É ridículo, merda. Vou falar com ele.

— O quê? Não!

— Eu tenho que falar, Lara Jean. Não pode ficar por isso mesmo.

Fico de pé e começo a guardar minhas coisas na mochila.

— É melhor você não dizer nada para ele, Peter. Estou falando sério.

Peter me observa em silêncio.

— Você retribuiu o beijo?

— E isso importa?

Ele parece surpreso.

— Você está com raiva de mim por algum motivo?

— Não — digo. — Mas vou ficar se você disser qualquer coisa para o Josh.

— Tá — diz ele.

— Tá — respondo.

NÃO VEJO JOSH desde que ele me beijou, mas, quando chego em casa naquela noite, depois de estudar na biblioteca, ele está me esperando, sentado na varanda, usando o moletom azul-marinho. As luzes estão acesas, meu pai está em casa. A luz do quarto de Kitty está acesa. Eu preferia continuar ignorando Josh, mas aqui está ele, na minha casa.

— Oi — diz ele. — Posso falar com você?

Eu me sento ao lado dele e olho para a frente, para o outro lado da rua. A sra. Rothschild também montou a árvore de Natal. Ela sempre a coloca em frente à janela perto da porta, para as pessoas poderem vê-la da rua.

— Temos que decidir o que vamos fazer antes de a Margot chegar. Foi minha culpa o que aconteceu. Eu é que devo contar para ela.

Olho para ele sem acreditar.

— Contar para ela? Você está maluco? Não vamos contar para a Margot, porque não temos nada para contar.

Ele faz uma careta.

— Não quero esconder nada dela.

— Você devia ter pensado nisso antes de me beijar! — sussurro, irritada. — E, para sua informação, se alguém fosse contar para ela, seria eu. Eu sou a irmã dela. Você só foi o namorado. E nem é mais, então...

Uma expressão de dor surge no rosto dele e permanece lá.

— Eu nunca fui só namorado da Margot. Isso também é estranho para mim, sabe? É que, desde que recebi a carta... — Ele hesita. — Esquece.

— Fala logo — insisto.

— Desde que recebi aquela carta, as coisas ficaram confusas entre nós. Não é justo. Você pôde dizer tudo que queria dizer, e eu tenho que reorganizar o modo como penso em você, tenho que absorver toda a situação. Você me pegou desprevenido e então me afastou. Começou a namorar o Kavinsky, parou de ser minha amiga. — Ele suspira. — Desde que recebi sua carta... não consigo parar de pensar em você.

Não sei o que eu estava esperando que ele fosse dizer, mas definitivamente não era isso.

— Josh...

— Sei que você não quer ouvir, mas me deixe dizer o que preciso, ok?

Eu assinto.

— Odeio o fato de você estar com o Kavinsky. Odeio. Ele não é bom o bastante para você. Me desculpe por dizer isso, mas não é. Na minha opinião, nenhum garoto vai ser bom o bastante. Muito menos eu. — Josh baixa a cabeça, então olha para mim de repente. — Teve uma vez, acho que foi dois verões atrás. Estávamos voltando a pé da casa de alguém, acho que foi da casa do Mike.

Era um dia quente de verão, e o Sol estava se pondo. Eu fiquei com raiva porque Jimmy, o irmão mais velho de Mike, tinha prometido que nos levaria em casa, mas foi para algum lugar e não voltou, por isso tivemos que voltar a pé. Eu estava de salto, e meus pés estavam doendo muito. Josh ficava me dizendo para acompanhá-lo.

— Estávamos sozinhos — disse ele, baixinho. — Você estava com aquela blusa marrom franjada de camurça que gostava de usar, a de alcinhas, que deixava o umbigo aparecendo.

— Meu estilo Pocahontas misturado com Cher dos anos setenta.

Ah, eu amava aquela blusa.

— Eu quase beijei você naquele dia. Pensei em fazer isso. Tive um impulso estranho. Eu só queria ver como seria.

Meu coração para.

— E depois?

— E depois, não sei. Acho que esqueci.

Solto um suspiro.

— Sinto muito por você ter recebido aquela carta. Não era para você ler. Era só para mim.

— Talvez tenha sido o destino. Talvez tudo devesse acontecer assim porque... porque era para ser nós dois desde o início.

Digo a primeira coisa que me vem à mente.

— Não era, não.

E percebo que é verdade.

Esse é o momento em que me dou conta de que não o amo, que já tem um tempo que não o amo. Talvez nunca tenha amado. Porque ele está bem ali, à disposição. Eu poderia beijá-lo de novo, poderia tomá-lo para mim. Mas não quero. Quero outra pessoa. É estranho ter passado tanto tempo desejando uma coisa, uma pessoa, e de repente isso parar.

Enfio as mãos nas mangas do casaco.

— Você não pode contar para a Margot. Você precisa me prometer, Josh.

Com relutância, ele assente.

— A Margot tem falado com você? — pergunto.

— Tem. Ela me ligou outro dia. Disse que quer se encontrar comigo enquanto estiver por aqui. Quer passar o dia em Washington. Ir ao Smithsonian, jantar em Chinatown.

— Ótimo. Então é isso que vocês vão fazer.

Dou uma batidinha no joelho dele, mas afasto a mão rapidamente.

— Josh, temos que agir como antes. Como sempre. Se fizermos isso, tudo vai ficar bem.

Eu repito isso para mim mesma em pensamento. *Tudo vai ficar bem.* Tudo vai voltar a ser como era antes. Josh e Margot. Eu. Peter.

NO DIA SEGUINTE, depois da última aula, vou procurar Peter na sala de musculação. Ele está sentado no supino. Acho melhor conversar com ele agora, não no carro. Vou sentir falta de andar de carro com ele. Estava começando a me acostumar. Vou sentir falta de ser a namorada de mentira de alguém. De Peter, na verdade. Até passei a gostar de verdade de Darrell, Gabe e dos outros amigos dele. Eles não são tão babacas quanto as pessoas dizem. São caras legais.

A sala de musculação está vazia, exceto por Peter. Ele está no supino levantando peso. Quando me vê, sorri.

— Você veio me espiar?

Ele se senta e seca o suor do rosto com a gola da camiseta.

Meu coração se aperta dolorosamente.

— Estou aqui para terminar. Para terminar de mentira, quer dizer.

Peter leva um susto.

— Espera. O quê?

— A gente não precisa mais continuar com a farsa. Você conseguiu o que queria, não é? Manteve a dignidade, e eu também. Conversei com o Josh e tudo voltou ao normal entre nós. E minha irmã vem passar uns dias em casa. Então... missão cumprida.

Lentamente, ele assente.

— É, acho que sim.

Meu coração está se partindo, mas continuo sorrindo.

— Então, tudo bem. — Com um floreio, tiro o contrato da bolsa. — Nulo e inválido. As duas partes cumpriram suas obrigações uma com a outra de forma absoluta.

Só estou falando palavras aleatórias de advogado.

— Você carrega isso com você?

— Claro! A Kitty é muito xereta. Ela encontraria em dois segundos.

Eu seguro a folha de papel e me preparo para rasgá-la ao meio, mas Peter a arranca da minha mão.

— Espera! E o passeio para a estação de esqui?

— O que é que tem?

— Você vai de qualquer jeito, não vai?

Eu não tinha pensado nisso. O único motivo para eu ir era Peter. Não posso ir agora. Não quero testemunhar a volta de Peter e Genevieve. Não posso. Quero que eles retornem da viagem magicamente juntos de novo, e vai parecer que isso tudo não passou de um sonho.

— Eu não vou.

Ele arregala os olhos.

— Não me venha com essa, Covey! Não vai furar agora. Já nos inscrevemos, pagamos o valor do depósito e tudo. Vamos fazer nosso *grand finale* lá. — Começo a protestar, mas Peter balança a cabeça. — Você vai, então pegue o contrato de volta.

Peter dobra o papel e o coloca com cuidado na minha bolsa.

Por que é tão difícil dizer não para ele? É essa a sensação de estar apaixonada por alguém?

TENHO A IDEIA durante os anúncios da manhã, quando divulgam que nossa escola vai sediar um evento do Projeto das Nações Unidas no fim de semana. John Ambrose McClaren era o presidente das Nações Unidas do fundamental. Eu me pergunto se ele está na equipe da escola dele.

Comento sobre isso com Peter no almoço, antes de qualquer dos amigos dele se sentar.

— Você sabe se o John McClaren ainda participa do projeto das Nações Unidas?

Ele me olha de um jeito engraçado.

— Como eu poderia saber?

— Sei lá. Eu só queria saber.

— Por quê?

— Talvez eu vá para o evento no fim de semana. Tenho a sensação de que ele vai estar lá.

— Sério? — Peter ri. — Se ele estiver, o que você vai fazer?

— Ainda não decidi. Talvez eu vá falar com ele, talvez não. Só quero ver como ele está.

— Podemos pesquisar on-line agora e eu mostro para você.

Eu balanço a cabeça.

— Não, isso seria trapacear. Quero ver com meus próprios olhos. Quero ser surpreendida.

— Nem me peça para acompanhar você. Não vou desperdiçar um sábado inteiro com o Projeto das Nações Unidas.

— Eu não planejava pedir para você ir.

Peter me olha com mágoa.

— O quê? Por que não?

— É algo que quero fazer sozinha.

Peter solta um assobio baixo.

— Uau. O corpo nem esfriou ainda.

— Hã?

— Você é uma conquistadora, Covey. Ainda nem terminamos e você já está a fim de outros caras. Eu ficaria magoado se não estivesse impressionado.

Isso me faz sorrir.

No oitavo ano, beijei John McClaren em uma festa. Não foi um beijo romântico. Na verdade, mal foi um beijo. Estávamos brincando de “girar a garrafa” e, quando chegou a vez dele, preendi a respiração e rezei para que a garrafa apontasse para mim. E apontou! Quase ficou

virada para Angie Powell, mas a sorte estava do meu lado e ele foi meu por um centímetro. Tentei ficar com o rosto o mais imóvel possível para não sorrir. John e eu fomos até o meio da roda e demos um beijinho meio xoxo. Todo mundo resmungou, e o rosto dele ficou muito vermelho. Fiquei decepcionada; acho que talvez eu esperasse mais, um beijo com mais intensidade. Com mais *tchan*. Mas foi só aquilo. Talvez eu tenha uma segunda chance. Talvez isso me faça esquecer Peter.

FICO PENSANDO NO que vou dizer quando entro na escola na manhã de sábado. Talvez só *Oi, John, como vai? Sou a Lara Jean*. Não o vejo desde o oitavo ano. E se ele não me reconhecer? E se nem se lembrar de mim?

Olho os cartazes no saguão e encontro o nome de John na Assembleia Geral. Ele estará representando a República Popular da China.

A Assembleia Geral vai se reunir no auditório. Há mesas montadas para cada representante e, no pódio montado no palco, uma garota de terninho preto faz um discurso sobre a não proliferação de armamentos nucleares.

Pretendo me sentar nos fundos e assistir, mas não encontro um lugar vazio, então fico de pé no fundo do auditório com os braços cruzados e procuro John. Tem muita gente ali, e todo mundo está virado para a frente, então é difícil saber quem é quem.

Um garoto de terno azul-marinho se vira e olha para mim.

— Você é estafeta? — sussurra ele.

Ele está segurando um pedaço de papel dobrado.

Fico sem resposta.

— Hã...

Não sei bem o que é um estafeta, mas vejo uma garota andando pela sala entregando bilhetes às pessoas.

O garoto coloca o papel na minha mão, vira-se e rabisca no caderno. O bilhete está endereçado para o Brasil, enviado pela França. Então acho que sou estafeta.

As mesas não estão em ordem alfabética, e começo a andar de um lado para outro para tentar encontrar o Brasil. Eu finalmente encontro: um cara de gravata-borboleta, e outras pessoas estão levantando a mão com bilhetes para eu entregar. Em pouco tempo, também estou correndo de um lado para outro.

Pelo canto do olho, vejo a mão de um garoto levantada para eu pegar o bilhete e me apresso, e ele vira a cabeça só um pouco. E, ah, meu Deus, é John Ambrose McClaren, representante da República Popular da China, a poucos metros de mim.

Ele tem cabelo louro-claro cortado curto. As bochechas são rosadas do jeito que eu lembro. Ainda têm aquele aspecto saudável que o faz parecer mais novo. Ele está usando calça de sarja e uma camisa social azul-clara com suéter azul-marinho por cima. Parece sério, concentrado, como se fosse um representante de verdade e aquilo tudo

não passasse de fingimento.

Sinceramente, ele está do jeito que imaginei que ficaria.

John segura o papel com a mão estendida enquanto toma notas, a cabeça baixa. Estico a mão para pegar. Quando meus dedos se fecham ao redor do bilhete, ele ergue o rosto para mim e arregala os olhos, surpreso.

— Oi — sussurro.

Nós dois ainda estamos segurando o bilhete.

— Oi — responde ele.

Ele pisca e solta o papel, e saio andando, com o coração disparado. Escuto quando ele chama meu nome em um sussurro alto, mas não paro.

Olho para o papel. A caligrafia dele é caprichada, precisa. Entrego o bilhete aos Estados Unidos, depois ignoro a Grã-Bretanha, que está balançando um bilhete para mim, e saio pela porta dupla do auditório para a tarde ensolarada.

Acabei de ver John McClaren. Depois de todos esses anos, eu finalmente o vi. E ele me reconheceu. Na mesma hora, soube quem eu era.

Recebo uma mensagem de texto de Peter na hora do almoço.

Você encontrou o McClaren?

Escrevo que sim, mas apago antes de mandar. Acabo respondendo que não. Não sei bem por que faço isso. Acho que talvez eu queira guardar essa informação só para mim. Fico feliz em saber que John se lembrou de mim, e talvez isso baste.

VAMOS TODOS BUSCAR Margot no aeroporto. Kitty fez um cartaz que diz *Bem-vinda, Gogo*. Fico com os olhos grudados no portão de desembarque, e, quando ela sai, quase não a reconheço. O cabelo dela está curto! Na altura do pescoço! Quando Margot nos vê, acena, e Kitty larga o cartaz e sai correndo na direção dela. De repente, estamos todos abraçados, e nosso pai está com lágrimas nos olhos.

— O que você achou? — pergunta Margot para mim, e sei que está falando sobre o cabelo.

— Faz você parecer mais velha — minto, e Margot abre um sorriso. Na verdade, fica parecendo mais nova, mas eu sabia que ela não queria ouvir isso.

No caminho de casa, Margot faz papai parar em uma lanchonete para comermos um cheeseburger, apesar de dizer que não está com fome.

— Senti tanta falta disso — diz Margot, mas só dá algumas mordidas e deixa o resto para Kitty.

* * *

Estou animada para mostrar a Margot todos os biscoitos que fizemos, mas, quando a levo para a sala de jantar e mostro todas as latas, ela franze a testa.

— Vocês fizeram o festival de biscoitos de Natal sem mim?

Sinto uma pontada de culpa, mas não achava mesmo que ela fosse se importar. Afinal, Margot estava na Escócia, fazendo coisas muito mais divertidas do que biscoitos.

— Ah, fizemos. Tivemos que fazer. As aulas terminam amanhã. Se tivéssemos esperado você, não terminaríamos a tempo. Mas congelamos metade da massa no freezer, e você ainda pode nos ajudar a assar o restante para os vizinhos. — Abro a grande lata azul para ela poder ver os biscoitos enfileirados em camadas. Fico orgulhosa por todos estarem do mesmo tamanho. — Fizemos uns biscoitos novos, este ano. Experimente o de creme de laranja, está delicioso.

Margot remexe na lata e franze a testa.

— Vocês não fizeram biscoito de melado?

— Este ano, não... Decidimos fazer os de creme de laranja no lugar.

— Ela pega um, e a vejo morder o biscoito. — Bom, não é?

Ela assente.

— É.

— Foi a Kitty que escolheu.

Margot olha para a sala.

— Quando vocês montaram a árvore?

— A Kitty não aguentou esperar — digo, e parece uma desculpa, mas é a verdade. Tento não soar na defensiva quando acrescento: — Acho que vai ser legal aproveitar a árvore o máximo possível.

— Mas quando vocês montaram?

— Faz duas semanas...

Por que ela está tão mal-humorada?

— Tem muito tempo. A árvore vai estar seca até o Natal.

Margot vai até a árvore e muda o enfeite de coruja de madeira para outro galho.

— Rego ela todos os dias e coloco um pouco de suco de limão, como vovó ensinou.

Por algum motivo, isso parece uma briga, e nós nunca brigamos.

Mas então, Margot boceja.

— Estou com o fuso horário todo bagunçado. Acho que vou tirar um cochilo.

Quando uma pessoa fica longe muito tempo, você começa a guardar na memória todas as coisas que quer contar. Tenta manter tudo organizado na cabeça. Mas é como tentar segurar um punhado de areia: os grãos mais finos escapam da mão, e, de repente, você só está segurando ar e brita. É por isso que não se pode tentar guardar tudo assim.

Porque, na hora em que finalmente elas se reencontram, acabam colocando em dia as coisas importantes, porque dá muito trabalho contar os pormenores. Mas são os detalhes que compõem a vida. Como um mês atrás, quando papai escorregou em uma casca de banana, uma casca de banana de verdade que Kitty havia deixado cair no chão da cozinha. Kitty e eu rimos um tempão. Eu devia ter mandado um e-mail para Margot na mesma hora, devia ter tirado uma foto da casca de banana. Agora, tudo parece *you had it coming*. *ah, deixa pra lá, acho que não é tão engraçado assim.*

É assim que as pessoas perdem contato? Não achava que isso pudesse acontecer com irmãs. Talvez com outras pessoas, mas não com a gente. Antes de Margot partir, eu sabia em que ela estava pensando sem precisar perguntar. Sabia tudo sobre ela, mas agora não sei mais nada. Não sei qual é a vista da janela dela, nem se ela ainda acorda cedo todos os dias para tomar um café da manhã caprichado ou se, talvez, agora que está na faculdade, prefere sair à noite e dormir até mais tarde. Não sei se prefere os garotos escoceses aos americanos, ou se a colega de quarto dela ronca. Só sei que gosta das aulas e que foi visitar Londres uma vez. Basicamente, não sei nada.

Nem ela. Há coisas importantes que não contei... Que minhas cartas foram enviadas. A verdade sobre mim e Peter. A verdade sobre mim e Josh.

Eu me pergunto se Margot também sente essa distância entre nós. Se ela ao menos notou.

* * *

Nosso pai faz espaguete à bolonhesa para o jantar. Kitty come o dela com um pickles grande e um copo de leite, o que parece nojento, mas dou uma mordida e vejo que pickles com espaguete fica bom. Leite também.

Kitty está colocando mais macarrão no prato quando pergunta:

— Lara Jean, o que você vai dar para o Peter de Natal?

Olho para Margot, que está me encarando.

— Não sei. Ainda não pensei nisso.

— Posso ir com você escolher?

— Claro, se eu comprar alguma coisa para ele.

— Você tem que comprar. Ele é seu namorado.

— Ainda não consigo acreditar que você está namorando Peter Kavinsky — interrompe Margot.

Ela não fala de um jeito legal, como se fosse uma coisa boa.

— Margot, não quero discutir sobre isso.

— Desculpe, só não gosto dele.

— Você não precisa gostar dele. Eu é que preciso — digo, e Margot dá de ombros.

Papai fica de pé e bate palmas.

— Temos três sabores de sorvete para sobremesa! Creme, banana com chocolate e morango. Seus favoritos, Margot. Kitty, me ajude a pegar as tigelas.

Eles levam os pratos sujos para a cozinha.

Margot olha pela janela, para a casa de Josh.

— O Josh quer me ver mais tarde. Espero que ele finalmente aceite que terminamos e não tente vir aqui todos os dias enquanto eu estiver em casa. Ele precisa seguir em frente.

Que coisa cruel de se dizer. É ela que liga para ele, não o contrário.

— Ele não anda morrendo de saudades de você, se é o que você imagina — digo. — Ele sabe que acabou.

Margot olha para mim, surpresa.

— Ah, espero que seja verdade.

— ACHO QUE DEVERÍAMOS fazer um recital natalino este ano — diz Margot, sentada no sofá.

Quando nossa mãe estava viva, todo Natal fazíamos o que ela chamava de “recital natalino”. Ela fazia um monte de comida e convidava amigos para irem lá em casa em uma noite de dezembro, e Margot e eu usávamos vestidos combinando e tocávamos cantigas natalinas no piano a noite toda. As pessoas ficavam andando pela sala e cantavam junto, e Margot e eu nos revezávamos ao piano. Eu odiava os recitais porque eu era a pior do grupo da minha idade, e Margot, a melhor. Era humilhante ter que tocar alguma coisa fácil como “Für Elise” enquanto as outras crianças já estavam tocando Liszt. Sempre odiei o recital natalino. Eu implorava para não ter que tocar.

Certo Natal, mamãe comprou vestidos vermelhos de veludo iguais, e dei um ataque e disse que não queria usar, apesar de ter adorado o vestido. Eu só não queria ter que tocar piano ao lado de Margot. Gritei com ela, corri para o quarto, tranquei a porta e me recusei a sair. Mamãe foi até lá e tentou me fazer descer, mas eu não quis, e ela não voltou. As pessoas começaram a chegar, Margot começou a tocar piano, e eu fiquei no andar de cima. Fiquei chorando no meu quarto, pensando em todas as pastinhas e canapés que mamãe e papai fizeram e que eu não comeria, achando que minha mãe provavelmente nem me queria lá embaixo, depois de como me comportei.

Depois que ela morreu, nunca mais fizemos um recital natalino.

— Você está falando sério? — pergunto a ela.

— Por que não? — Margot dá de ombros. — Vai ser divertido. Vou planejar tudo, você não precisa fazer nada.

— Você sabe que eu odeio tocar piano.

— Então não toque.

Kitty está olhando de mim para Margot com uma expressão preocupada.

— Posso fazer uns golpes de tae kwon do — oferece ela, mordendo o lábio.

Margot estica os braços e abraça Kitty.

— É uma ótima ideia. Eu toco piano, você faz tae kwon do e Lara Jean vai...

— Olhar — concluo.

— Eu ia dizer receber os convidados, mas você que sabe.

Não respondo.

Mais tarde, estamos assistindo à tevê. Kitty está dormindo toda encolhida no sofá, como se fosse um gato. Margot quer acordá-la e fazê-la ir para a cama, mas falo para deixá-la dormir e a cubro com uma colcha.

— Você pode me ajudar a convencer papai a dar um cachorrinho para a Kitty no Natal?

Margot geme.

— Cachorros dão muito trabalho. Você tem que levá-los para passear um milhão de vezes por dia para fazer xixi. E eles soltam bastante pelo. Você nunca mais vai poder usar calça preta. Além disso, quem vai passear com ele, dar comida, dar banho e levar no veterinário?

— A Kitty. E eu vou ajudar.

— A Kitty não está pronta para assumir essa responsabilidade.

Os olhos de Margot dizem *Você também não*.

— A Kitty amadureceu muito desde que você foi embora. — *E eu também*. — Você sabia que ela prepara o próprio lanche, agora? E ajuda a dobrar as roupas? E não preciso pegar no pé dela por causa do dever de casa. Ela faz sozinha.

— É mesmo? Estou impressionada.

Por que ela não pode simplesmente dizer *Bom trabalho, Lara Jean*? Esse é o problema. Queria que ao menos ela pudesse reconhecer que estou fazendo minha parte para manter a família unida desde que ela foi embora. Mas não.

ÀS SEIS E meia da manhã do dia da viagem para a estação de esqui, meu pai me deixa na escola. Ainda nem amanheceu. Parece que a cada dia o sol demora mais para aparecer. Antes que eu saia do carro, meu pai tira um gorro do bolso do casaco. É rosa-claro com um pompom. Ele coloca na minha cabeça, cobrindo as orelhas.

— Encontrei no armário do corredor. Acho que era da sua mãe. Ela era uma ótima esquiadora.

— Eu sei. Eu lembro.

— Promete que vai esquiatar pelo menos uma vez?

— Prometo.

— Estou tão feliz de você estar indo nessa viagem. É bom experimentar coisas novas.

Dou um sorriso fraco. Se ele soubesse o que acontece na estação de esqui, não ficaria tão feliz. Vejo Peter e os amigos conversando em frente ao ônibus fretado.

— Obrigada pela carona, pai. Até amanhã à noite.

Dou um beijo na bochecha dele e pego a bolsa.

— Fecha o casaco — grita ele, quando bato a porta do carro.

Fecho o casaco e observo o carro se afastar. Do outro lado do estacionamento, Peter está conversando com Genevieve. Ele diz alguma coisa, e ela ri. Em seguida, me vê e faz sinal para eu me aproximar. Genevieve se afasta, olhando para a prancheta. Quando chego lá, ele pega a bolsa pendurada em meu ombro e coloca ao lado da dele.

— Vou colocar no ônibus.

— Está muito frio — digo, batendo os dentes.

Peter me puxa para perto de si e me abraça.

— Vou manter você aquecida.

Olho para ele com cara de *que brega*, mas ele está com a atenção voltada para outra coisa. Está observando Genevieve. Ele apoia o queixo no meu ombro, e eu me contorço para me soltar.

— O que foi?

— Nada — respondo.

* * *

A sra. Davenport e o treinador White estão olhando as bolsas dos alunos. A sra. Davenport está olhando as das garotas, e o treinador

White, as dos garotos.

— O que eles estão procurando? — pergunto a Peter.

— Álcool.

Pego o celular e mando uma mensagem para Chris.

Não traga álcool! Estão verificando as bolsas!

Nenhuma resposta.

Você está acordada??

Acorda!

Nessa hora, o carro da mãe dela para no estacionamento, e Chris cambaleia para fora. Está com cara de quem acabou de acordar.

Que alívio! Peter pode conversar com Genevieve o quanto quiser; vou me sentar com Chris e comer os lanches que preparei. Tenho jujubas de morango, ervilhas com *wasabi*, que Chris ama, e palitinhos de biscoito com chocolate.

Peter resmunga.

— A Chris vem?

Eu o ignoro e aceno para ela.

Genevieve está de pé ao lado do ônibus, segurando a prancheta, quando vê Chris. Ela franze a testa e anda até a prima.

— Você não se inscreveu para o passeio.

Eu corro até as duas e fico ao lado de Chris.

— Nos anúncios da semana passada, disseram que ainda havia vagas — digo a ela.

— É, para as quais você tinha que se inscrever. — Genevieve balança a cabeça. — Sinto muito, mas Chrissy não pode ir se não se inscreveu nem fez o depósito.

Faço uma careta. Chris odeia ser chamada de “Chrissy”. Sempre odiou. Ela passou a usar o apelido Chris no primeiro ano do ensino médio, e as únicas pessoas que ainda a chamam assim são Genevieve e a avó delas.

Peter surge ao meu lado.

— O que está acontecendo? — pergunta ele.

Genevieve cruza os braços.

— A Chrissy não se inscreveu para o passeio. Sinto muito, mas ela não pode ir.

Estou em pânico, mas Chris continua com um sorrisinho debochado e não diz uma palavra. Peter revira os olhos.

— Gen, deixe ela ir. Quem liga se ela não se inscreveu?

As bochechas dela ficam vermelhas de raiva.

— Eu não criei as regras, Peter! Então ela deveria poder ir de graça? Isso é justo com as outras pessoas?

Chris finalmente se pronuncia:

— Ah, já falei com a Davenport e ela disse que estava tudo bem. — Chris faz biquinho para Genevieve. — Que pena, Gen.

— Tanto faz, não ligo.

Genevieve se vira e sai andando na direção da sra. Davenport. Chris fica observando-a se afastar, sorrindo. Eu puxo a manga do casaco dela.

— Por que você não falou logo no começo? — sussurro.

— Porque era mais divertido assim, óbvio. — Ela coloca o braço sobre meus ombros. — Vai ser um fim de semana interessante, Covey.

— Você não trouxe álcool, trouxe? — sussurro, preocupada. — Estão olhando as bolsas.

— Não se preocupe comigo. Já cuidei de tudo.

Quando olho para ela com dúvida, ela sussurra:

— Tem um vidro de xampu cheio de tequila no fundo da mala.

— Espero que você tenha lavado isso muito bem! Você pode passar mal!

Estou imaginando Chris e os amigos tentando beber doses de tequila cheias de bolhas e depois tendo que ir para o hospital para fazer uma lavagem estomacal.

Chris mexe no meu cabelo.

— Ah, Lara Jean.

* * *

Entramos no ônibus, e Peter se senta em um banco no meio, mas eu sigo em frente, para o fundo.

— Ei — diz ele, surpreso. — Você não vai se sentar comigo?

— Vou me sentar com a Chris.

Tento continuar seguindo pelo corredor, mas Peter segura meu braço.

— Lara Jean! Você está de brincadeira? Você tem que se sentar comigo. — Ele olha ao redor para ver se tem alguém ouvindo. — Você é minha *namorada*.

Eu solto meu braço.

— Vamos terminar em breve, não vamos? É melhor assim, vai deixar as coisas mais realistas.

Quando me sento ao lado dela, Chris está balançando a cabeça para mim.

— O que foi? Eu não posso deixar você se sentar sozinha. Você veio por minha causa, afinal. — Eu abro a mochila e mostro os lanches. — Eu trouxe seus preferidos. O que você quer comer primeiro? Jujuba ou

biscoito com chocolate?

— Nem amanheceu direito ainda — reclama ela. E depois: — Me passa as jujubas.

Sorrindo, abro o saco para ela.

— Pode comer à vontade.

Paro de sorrir quando vejo Genevieve entrar no ônibus e se sentar ao lado de Peter.

— Isso é culpa sua — diz Chris.

— Fiz isso por você!

Mas não é verdade. Acho que talvez eu só esteja cansada dessa coisa de ser namorada de alguém, mas não de verdade.

Chris se espreguiça.

— Sei que você gosta desse papo de botar as amigas em primeiro lugar, mas, se eu fosse você, tomaria cuidado. Minha prima é pior que uma barracuda.

Coloco uma jujuba na boca e mastigo. É difícil de engolir. Vejo Genevieve cochichar algo no ouvido de Peter, e Chris adormece na mesma hora, como disse que faria, com a cabeça no meu ombro.

* * *

O hotel é exatamente como Peter descreveu: tem uma lareira grande, tapetes de pele de urso e vários cantinhos para se aconchegar. Está nevando lá fora, flocos pequeninhos e leves. Chris está de bom humor; na metade do caminho, acordou e começou a flertar com Charlie Blanchard, que vai levá-la na pista diamante negro. Até demos a sorte de pegar um quarto duplo, em vez de triplo, porque todas as outras garotas haviam se dividido em trios.

Chris foi fazer snowboard com Charlie. Ela me perguntou se eu queria ir junto, mas agradei e recusei. Tentei esquiar junto com Margot uma vez, e acabamos descendo a pista em momentos diferentes, tendo que ficar esperando e se perdendo uma da outra o dia todo.

Se Peter me convidasse para fazer snowboard com ele, acho que iria. Mas ele não me convida, e estou com fome, então volto para o hotel para almoçar.

A sra. Davenport está lá olhando o celular e tomando sopa. Ela é jovem, mas parece velha. Acho que é a base pesada e o cabelo repartido no meio. Ela não é casada. Chris me disse que a viu discutindo com um cara em frente a Waffle House uma vez, então acho que tem um namorado.

Quando me vê sentada sozinha, comendo um sanduíche perto da lareira, ela faz sinal para eu me aproximar. Levo meu prato até a mesa dela. Eu preferia comer sozinha e ler meu livro, mas não tenho muita

escolha.

— Você precisa ficar aqui no hotel o fim de semana todo ou também pode ir esquiar? — pergunto.

— Oficialmente, tenho que cuidar desta área — diz ela, limpando os cantos da boca. — O treinador White toma conta das pistas.

— Isso não parece muito justo.

— Não me importo. Na verdade, gosto de ficar no hotel. É tranquilo. Além do mais, alguém tem que estar aqui para o caso de haver uma emergência. — Ela toma mais uma colherada de sopa. — E você, Lara Jean? Por que não está nas pistas com todo mundo?

— Não sou boa esquiadora — respondo, constrangida.

— Ah, é? Eu soube que o Kavinsky é ótimo no snowboard. Devia pedir para ele ensinar a você. Vocês não estão namorando?

A sra. Davenport adora ficar sabendo dos dramas dos alunos. Ela chama de “ficar de olho”, mas na verdade é uma fofoqueira. Se você der abertura, ela vai atrás do máximo de sujeira que puder. Sei que ela e Genevieve são próximas.

Tenho um vislumbre rápido de Genevieve e Peter no ônibus com as cabeças próximas, e a imagem faz meu coração ficar apertado. Nosso contrato ainda não acabou. Por que eu deveria deixá-la tê-lo de volta antes da hora?

— Sim, estamos juntos. — Fico de pé. — Quer saber? Acho que vou tentar a sorte nas pistas.

ESTOU TODA EMBRULHADA no macacão de esqui rosa de Margot, com o gorro com pompom e a parca, e me sinto como um ovo de páscoa sabor morango. Quando tento colocar os esquis, um grupo de garotas da escola passa com calças de esqui bem bonitas parecidas com calças de ginástica. Eu nem sabia que isso existia.

Eu sempre penso que poderia gostar de esqui, aí vou esqui e me lembro, *ah, é, eu odeio*. Todos estão na pista diamante negro, uma pista avançada, e eu estou no círculo verde, também conhecido como pista coelhinho. Sigo em ziguezague pelo caminho todo, e criancinhas passam voando por mim, o que me faz perder a concentração, porque fico morrendo de medo de atropelá-las. Elas voam como esquiadores olímpicos. Algumas nem estão usando os bastões. Elas são como Kitty. Ela consegue descer a pista diamante negro. Ela e meu pai adoram esqui. Margot também, mas agora ela prefere o snowboard.

Estou procurando Peter, mas ainda não o encontrei, e está começando a ficar meio chato ficar aqui sozinha.

Estou pensando em experimentar a pista intermediária só para ver como é quando vejo Peter e os amigos dele carregando pranchas de snowboard. Sem Genevieve por perto.

— Peter! — grito, sentindo alívio.

Ele vira a cabeça e acho que me vê, mas continua andando.

Hã.

Ele me viu. Eu sei que me viu.

* * *

Depois do jantar, Chris volta para as pistas para fazer snowboard. Ela diz que está viciada na adrenalina. Estou voltando para o quarto quando esbarro em Peter de novo, desta vez de bermuda e um casaco de moletom com capuz. Ele está com Gabe e Darrell. Os três estão com toalhas ao redor do pescoço.

— Oi, Laranjinha — diz Gabe, batendo em mim com a toalha. — Onde você andou o dia todo?

— Por aí. — Encaro Peter, mas ele não olha nos meus olhos. — Vi vocês nas pistas.

— E por que você não chamou a gente? — pergunta Darrell. — Eu queria exibir minhas piruetas para você.

— Ah, eu chamei o Peter, mas acho que ele não me ouviu —

respondo, provocativa.

Peter finalmente me olha nos olhos.

— Não. Não ouvi.

A voz dele está fria e indiferente, tão atípica que o sorriso some do meu rosto.

Gabe e Darrell trocam olhares.

— Encontramos você no ofurô — dizem para Peter, e saem andando.

Peter e eu ficamos no saguão, os dois sem dizer nada.

— Por acaso você está chateado comigo? — pergunto, por fim.

— Por que eu estaria chateado?

E ficamos em silêncio de novo.

— Sabe, foi você que me convenceu a vir neste passeio. O mínimo que poderia fazer é falar comigo.

— E o mínimo que você poderia fazer era sentar comigo no ônibus!

Meu queixo cai.

— Você está chateado só porque eu não sentei com você no ônibus?

Peter suspira com impaciência.

— Lara Jean, quando se está namorando alguém, existem... certas coisas que a gente faz, certo? Como sentar junto no passeio da escola. É o esperado.

— Só não entendo qual é o problema.

Como ele pode estar tão zangado por uma coisa tão pequena?

— Deixa pra lá.

Ele se vira como se fosse ir embora, e eu seguro a manga do moletom dele. Não quero brigar; só quero que seja divertido e leve como sempre é entre nós. Quero que ele pelo menos ainda seja meu amigo. Principalmente agora que estamos no fim.

— Não precisa ficar com raiva de mim. Eu não sabia que era tão importante. Juro que vou sentar com você na volta, ok?

Ele franze os lábios.

— Mas você entende por que fiquei com raiva?

Eu assinto.

— Aham.

— Tudo bem, então você deveria saber que perdeu donuts de café com chocolate e açúcar.

Eu abro a boca.

— Como você conseguiu? Achei que a loja não abria tão cedo!

— Eu saí e comprei ontem à noite especificamente para a viagem de ônibus — diz Peter. — Para nós dois.

Own. Fico tocada.

— E sobrou algum?

— Não. Comi tudo.

Ele parece tão arrogante que estico a mão e bato nos cordões do

moletom.

— Sacanagem — digo, mas de maneira afetuosa.

Peter segura minha mão.

— Quer ouvir uma coisa engraçada?

— O quê?

— Acho que comecei a gostar de você.

Fico completamente paralisada. Em seguida, solto a mão da dele e começo a prender o cabelo em um rabo de cavalo, então lembro que não tenho elástico. Meu coração está disparado no peito, e de repente fica difícil pensar.

— Para de brincadeira.

— Não estou brincando. Por que você acha que beijei você naquele dia na casa do McClaren, no sétimo ano? Foi por isso que aceitei essa coisa toda. Sempre achei você bonita.

Meu rosto fica quente.

— De um jeito peculiar.

Peter dá o sorriso perfeito.

— E daí? Devo gostar de coisas peculiares, então.

Ele inclina o rosto para perto do meu, e eu digo de repente:

— Mas você ainda não é apaixonado pela Genevieve?

Peter franze a testa.

— Por que você sempre fala sobre a Gen? Estou tentando falar sobre nós, mas você só quer falar sobre ela. É, a Gen e eu temos uma história. Eu sempre vou gostar dela. — Ele dá de ombros. — Mas agora... eu gosto de você.

As pessoas estão entrando e saindo do hotel. Um cara da escola passa e dá um tapinha no ombro de Peter.

— E aí? — cumprimenta Peter.

Quando ele vai embora, Peter olha para mim.

— Então, qual é sua resposta?

Ele está me olhando com expectativa. Espera que eu diga sim.

Quero dizer sim, mas não quero ficar com um garoto cujo coração pertence a outra pessoa. Só uma vez, quero ser a primeira escolha de alguém.

— Você pode achar que gosta de mim, mas não é verdade. Se gostasse, não ia mais pensar nela.

Peter balança a cabeça.

— O que a Gen e eu temos não tem nada a ver com o que eu sinto por você.

— Como isso pode ser verdade, se desde o primeiro minuto isso tudo foi por causa da Genevieve?

— Não é justo — protesta ele. — Quando começamos, você gostava do Sanderson.

— Não gosto mais. — Eu engulo em seco. — Mas você ainda ama a

Genevieve.

Frustrado, Peter recua e passa as mãos no cabelo.

— Deus, e agora você é uma especialista no amor? Você gostou de uns cinco caras na vida. Um era gay, um mora em Indiana ou Montana ou qualquer outro lugar, o McClaren se mudou antes que alguma coisa pudesse acontecer, o outro estava namorando sua irmã. Ah, e tem eu. Hum... O que todos nós temos em comum? Qual é nosso denominador comum, hein?

Sinto o sangue subir para o rosto.

— Isso não é justo.

Peter se inclina para mais perto.

— Você só gosta de caras com quem não tem chances, porque tem medo. Do que você tem tanto medo?

Eu me afasto dele até encostar na parede.

— Não tenho medo de nada.

— Até parece. Você prefere criar uma versão idealizada de alguém na sua mente a ficar com a pessoa de verdade.

Eu olho para ele com raiva.

— Você só está irritado porque não morri de felicidade de o grande Peter Kavinsky ter se declarado para mim. Seu ego é mesmo enorme.

Os olhos dele brilham.

— Ei, desculpe por não ter aparecido na porta da sua casa com flores para declarar meu amor eterno por você, Lara Jean. Mas isso não acontece na vida real. Vê se cresce.

Já chega. Não preciso ficar ouvindo isso. Eu me viro e saio andando. Por cima do ombro, grito:

— Divirta-se no ofurô.

— Eu sempre me divirto.

* * *

Estou tremendo.

É verdade? Será que ele está certo?

No quarto, coloco a camisola de flanela e meias grossas. Nem vou escovar os dentes. Apago a luz e me deito na cama. Mas não consigo dormir. Cada vez que fecho os olhos, vejo o rosto de Peter.

Como ele ousa dizer que preciso crescer? O que ele sabe sobre as coisas? Como se ele fosse tão maduro!

Mas... será que ele está certo sobre mim? Só gosto de garotos impossíveis? Eu sempre soube que Peter era muita areia para meu caminhãozinho. Sempre soube que ele não era meu. Mas hoje ele disse que gosta de mim. Ele falou o que eu mais desejava ouvir. Então por que eu não respondi que gosto dele também? Porque eu gosto dele. Claro que gosto. Que garota não se apaixonaria por Peter Kavinsky, o

garoto mais bonito de todos os Garotos Bonitos? Agora que o conheço de verdade, sei que ele é bem mais do que isso.

Não quero mais ter medo. Quero ser corajosa. Quero... que a vida comece a acontecer. Quero me apaixonar e quero que um garoto se apaixone por mim.

Antes que eu possa me convencer do contrário, coloco o casaco acolchoado, enfio o cartão magnético do quarto no bolso e vou para o ofurô.

O OFURÔ FICA atrás do prédio principal, no meio do bosque, em uma plataforma de madeira. No caminho, encontro um grupo de cabelo molhado voltando para o quarto antes do toque de recolher, às onze horas. Já são 22h45. Não tenho muito tempo. Espero que Peter ainda esteja lá. Não quero perder a coragem. Assim, acelero o passo, e é nessa hora que o vejo sozinho no ofurô, com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados.

— Oi — digo, e minha voz ecoa no bosque.

Ele abre os olhos de repente. Nervoso, olha por cima do meu ombro.

— Lara Jean! O que você está fazendo aqui?

— Vim ver você — respondo, e minha respiração sai em nuvens brancas.

Começo a tirar as botas e as meias. Minhas mãos estão tremendo, e não é por causa do frio. Estou nervosa.

— Hã... o que você está fazendo?

Peter está me olhando como se eu fosse louca.

— Vou entrar!

Tremendo, abro o casaco acolchoado e o coloco no banco. Vapor sobe da água. Mergulho os pés e me sento na beirada do ofurô. Está mais quente do que um banho habitual, mas é gostoso. Peter ainda olha para mim com cautela. Meu coração está disparado, e é difícil olhar nos olhos dele. Nunca senti tanto medo na vida.

— Aquilo que você falou antes... você me pegou de surpresa, eu não soube o que dizer. Mas... Bem, eu também gosto de você.

Minha voz sai tão desajeitada e insegura que desejo poder recomeçar e repetir tudo com tranquilidade e confiança. Tento mais uma vez, com voz mais alta.

— Eu gosto de você, Peter.

Peter pisca e parece muito jovem de repente.

— Não entendo vocês, garotas. Penso que entendi, mas então... então...

— Então?

Prendo a respiração enquanto espero. Estou muito nervosa; fico engolindo em seco, e o som soa alto em meus ouvidos. Até minha respiração parece mais alta, até meus batimentos cardíacos.

As pupilas dele estão dilatadas, e Peter me olha com intensidade. Está me encarando como se nunca tivesse me visto.

— E então, não sei.

Acho que paro de respirar quando o ouço dizer “não sei”. Fiz uma besteira tão grande que agora ele está em dúvida? Não pode terminar assim, não quando finalmente encontrei coragem. Não posso deixar. Meu coração está acelerado, com um zilhão de batimentos por minuto, quando me aproximo dele. Eu inclino a cabeça e encosto os lábios nos dele. Peter parece surpreso, mas logo corresponde o beijo com seus lábios macios, e no começo fico nervosa, mas ele apoia a mão na minha nuca e acaricia meu cabelo de um jeito tranquilizador, e de repente não estou mais tão nervosa. Que bom que estou sentada, porque meus joelhos ficam bambos.

Ele me puxa para a água, e fico sentada dentro do ofurô. Minha camisola está encharcada, mas não ligo. Não ligo para nada. Eu nunca imaginei que beijar pudesse ser tão bom.

Meus braços estão grudados nas laterais do corpo, para que os jatos não façam a saia subir. Peter está segurando meu rosto e me beijando.

— Você está bem? — sussurra ele.

A voz dele está diferente: rouca, urgente e meio vulnerável. Ele não parece o Peter que eu conheço. Não está tranquilo nem entediado nem achando graça. Sei pela forma como ele me olha agora que faria qualquer coisa que eu pedisse, e é uma sensação estranha e poderosa.

Abraço o pescoço dele. Gosto do cheiro do cloro em sua pele. Peter está com cheiro de piscina, verão e férias. Não é como nos filmes. É muito melhor, porque é real.

— Toca no meu cabelo de novo — peço, e os cantos da boca dele se levantam.

Eu me inclino na direção dele e o beijo. Ele começa a passar os dedos no meu cabelo, e a sensação é tão boa que não consigo pensar direito. É melhor do que lavar o cabelo no salão. Passo as mãos pelas costas dele, na linha da coluna, e Peter treme e me puxa mais para perto. As costas de um garoto são bem diferentes das costas de uma garota: mais musculosas e sólidas.

Entre beijos, ele diz:

— Passou do toque de recolher. Temos que voltar.

— Não quero.

Só quero ficar e estar ali, com Peter, naquele momento.

— Eu também não, mas não quero meter você em confusão — retruca ele.

Peter parece preocupado, e isso é tão fofo.

Delicadamente, toco na bochecha dele com as costas da mão. É tão macia. Seu rosto é tão bonito que eu poderia ficar olhando para ele durante horas.

Eu me levanto, e na mesma hora começo a tremer. Começo a torcer a água da camisola, e Peter sai do ofurô e coloca a toalha sobre os meus ombros. Ele me dá a mão, e eu saio, batendo os dentes. Ele

começa a me secar com a toalha, meus braços e minhas pernas. Eu me sento para colocar as meias e as botas. Ele me ajuda a colocar o casaco e fecha o zíper.

Voltamos correndo para o hotel. Antes de ele ir para o corredor dos garotos, e eu, para o das garotas, dou mais um beijo nele e sinto como se estivesse voando.

QUANDO VEJO PETER perto do ônibus, na manhã seguinte, ele está com os amigos do time de lacrosse. Fico tímida e nervosa, mas, quando ele me vê, seu rosto se abre em um sorriso.

— Vem cá, Covey. — Eu me aproximo, e ele coloca minha bolsa no ombro. No meu ouvido, ele diz: — Você vai se sentar comigo, não vai?

Eu assinto.

Quando seguimos para o ônibus, alguém assovia. Tenho a sensação de que as pessoas estão olhando fixamente para nós. Acho que é só minha imaginação, mas então vejo Genevieve me observando e sussurrando com Emily Nussbaum. Sinto um arrepio na espinha.

— A Genevieve não para de me olhar — sussurro para Peter.

— É porque você é adoravelmente peculiar — diz ele, apoiando as mãos nos meus ombros e me dando um beijo na bochecha, e esqueço Genevieve.

Peter e eu nos sentamos no meio do ônibus, com Gabe e os caras do lacrosse. Aceno para Chris vir ficar com a gente, mas ela já está aconchegada com Charlie Blanchard. Não tive oportunidade de contar a ela sobre a noite de ontem. Quando voltei para o quarto, ela já estava dormindo. De manhã, nós duas dormimos até tarde, e não tive tempo. Vou contar depois. Mas é legal Peter e eu sermos os únicos a saber.

No caminho de volta, compartilho meus biscoitos de chocolate com os garotos e jogamos uma partida animada de Uno, que eu também levei.

* * *

Uma hora depois do começo da viagem, paramos em uma lanchonete para tomar café da manhã. Como um pão de canela, e Peter e eu ficamos de mãos dadas por debaixo da mesa.

Vou ao banheiro, e lá está Genevieve, sozinha, passando brilho labial com um pincelzinho. Entro na cabine para fazer xixi e torço para ela já ter ido embora quando eu saio, mas Gen ainda está lá. Lavo as mãos rapidamente.

— Você sabia que quando éramos crianças eu queria ser você? — comenta ela.

Eu gelo. Genevieve fecha o espelhinho.

— Queria que seu pai fosse meu pai e Margot e Kitty fossem minhas

irmãs. Adorava ficar na sua casa. Sempre torcia para você me convidar para ir dormir lá. Eu odiava ficar em casa com meu pai.

— E-eu não sabia — respondo, hesitante. — Eu gostava de ir para a sua casa porque a sua mãe era legal comigo.

— Ela gostava mesmo de você.

Reúno toda minha coragem e pergunto:

— Então por que você parou de ser minha amiga?

Genevieve semicerra os olhos.

— Você não sabe mesmo?

— Não.

— Você beijou o Peter no sétimo ano. Você sabia que eu gostava dele, mas o beijou mesmo assim. — Eu me encolho, e ela continua: — Eu sempre soube que esse seu jeito de boazinha era falso. Não me surpreende você e minha prima serem melhores amigas, agora. Mas pelo menos a Chris assume que é uma piranha. Ela não finge.

Meu corpo todo fica rígido.

— Do que você está falando?

Ela ri, e é arrepiante o quanto parece feliz. É nessa hora que sei que estou ferrada. Eu me preparo para a crueldade que vai sair dos lábios dela, mas mesmo assim não estou pronta para o que vem em seguida.

— Estou falando sobre você e Peter terem transado no ofurô ontem à noite.

Minha mente fica completamente vazia. Por um segundo, tudo fica preto. Consigo sentir meu corpo oscilar. Alguém traga os sais aromáticos, acho que vou desmaiar.

Minha cabeça gira.

— Quem contou isso para você? — pergunto, engasgada. — Quem disse isso?

Genevieve inclina a cabeça para o lado.

— Todo mundo.

— Mas... mas nós *não*...

— Desculpe, mas acho isso nojento. Transar em um ofurô, um ofurô público, é simplesmente... — Ela treme. — Só Deus sabe que tipo de coisa está flutuando lá, agora. *Famílias* usam aquele ofurô, Lara Jean. Pode haver uma família lá agora mesmo.

Lágrimas surgem nos meus olhos.

— Nós só nos beijamos. Não sei por que as pessoas diriam isso.

— Hã, porque Peter está dizendo que vocês fizeram?

Meu corpo todo fica gelado. Não é verdade. Não pode ser verdade.

— Todos os caras acham que ele é um deus porque conseguiu convencer a doce Lara Jean a trepar no ofurô. Na verdade, o único motivo de Peter namorar você era para eu ficar com ciúmes. O ego do Peter não conseguiu aceitar o fato de que o troquei por um cara mais velho. Ele estava *usando* você. Se conseguiu sexo com isso, melhor

ainda. Você sabe que ele sempre vem correndo quando eu chamo. É porque ele me ama. Ele nunca vai amar outra garota tanto quanto me ama. — O que ela vê no meu rosto deve agradá-la, porque ela sorri. — Agora que Blake e eu terminamos... bem, acho que você já entendeu, não é?

Fico muda e entorpecida enquanto ela ajeita o cabelo em frente ao espelho.

— Mas não se preocupe. Agora que todos sabem que você é uma piranha, tenho certeza de que vai ter um monte de caras querendo ficar com você. Por uma noite.

Eu saio correndo. Saio do banheiro feminino e da lanchonete, volto para o ônibus e começo a chorar.

AS PESSOAS ESTÃO começando a voltar para o ônibus. Sinto seus olhares em mim e mantenho o rosto virado para a janela. Passo o dedo no vidro embaçado. A janela está tão fria que deixa uma marca.

Chris se senta ao meu lado.

— Hã... acabei de ouvir uma história muito doida.

— O que você ouviu? — pergunto, sem emoção. — Que Peter e eu transamos no ofurô ontem à noite?

— Ah, meu Deus! É! Você está bem?

Meu peito parece apertado. Se eu respirar, sei que vou começar a chorar de novo. Fecho os olhos.

— É mentira. Quem contou isso para você?

— Charlie.

Peter está vindo pelo corredor. Ele para ao nosso lado e olha para mim, preocupado.

— Ei, por que você não voltou para a mesa? Está tudo bem?

— Todo mundo está dizendo que fizemos sexo no ofurô — respondo, baixinho.

Peter resmunga.

— As pessoas precisam cuidar das próprias vidas.

Ele não parece surpreso.

— Você já sabia?

— Alguns dos caras vieram falar comigo hoje de manhã.

— Mas... de onde eles tiraram essa ideia?

Acho que vou vomitar.

Peter dá de ombros.

— Sei lá, talvez alguém tenha visto a gente. Que importância tem? Não é verdade.

Aperto bem os lábios. Não posso chorar agora porque, se começar, não vou conseguir parar nunca mais. Vou chorar o caminho todo para casa, todo mundo vai ver, e não vou suportar. Fixo o olhar em algum ponto acima do ombro de Peter.

— Não estou entendendo. Por que você está com raiva de mim?

Ele ainda está confuso. As pessoas estão começando a se acumular atrás de Peter. Elas querem chegar a seus lugares.

— As pessoas estão esperando atrás de você — digo a ele.

— Chris, pode devolver meu lugar?

Chris olha para mim, e eu balanço a cabeça.

— É meu lugar agora, Kavinsky.

— Para com isso, Lara Jean — diz Peter, tocando em meu ombro.

Eu afasto a mão dele, que fica surpreso. As pessoas estão olhando para nós, sussurrando e rindo. Peter olha por cima do ombro com o rosto vermelho. E finalmente continua pelo corredor.

— Você está bem? — pergunta Chris.

Consigo sentir as lágrimas surgindo nos olhos.

— Não. Nem um pouco.

Ela suspira.

— Não é justo com as garotas. As coisas são fáceis para os garotos. Tenho certeza de que todo mundo deu os parabéns a Peter, dando tapinhas nas costas dele por ser tão garanhão.

Fungando, eu pergunto:

— Você acha que foi ele quem inventou isso?

— Sei lá.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, e Chris a limpa com a manga do suéter.

— Pode não ter sido ele. Mas não importa, Lara Jean, porque mesmo se ele não originou o boato, duvido que tenha desencorajado, você sabe como é.

Eu balanço a cabeça.

— Estou dizendo que tenho certeza de que ele negou tudo, mas com um sorriso arrogante na cara. Caras como Peter são assim. Adoram parecer o maioral, adoram ter a admiração de todos os garotos. — Com amargura, ela completa: — Eles ligam mais para a reputação deles do que para a sua. — Ela balança a cabeça. — Mas o que está feito, está feito. Você só precisa manter a cabeça erguida e agir como se não desse a menor bola.

Eu assinto, mas mais lágrimas escorrem.

— Ele não vale a pena, Lara Jean. Deixa a Gen ficar com ele. — Chris bagunça meu cabelo. — O que mais você pode fazer?

Genevieve é a última a entrar no ônibus. Eu me ajeito depressa, seco as lágrimas e me preparo para o pior. Mas ela não vai para o lugar dela. Para no de Bethy Morgan e sussurra alguma coisa no ouvido dela. Bethy arqueja e se vira para olhar para mim.

Ah, meu Deus.

Chris e eu vemos Genevieve ir de assento em assento.

— Aquela vaca — murmura Chris.

Lágrimas ardem nos meus olhos.

— Vou dormir um pouco.

Apoio a cabeça no ombro de Chris e choro. Ela fica com o braço ao redor dos meus ombros.

MARGOT E KITTY me buscam na escola. Elas me perguntam como foi a viagem, se fiquei o dia todo na pista coelhinho. Tento responder de um jeito bem animado; até invento uma história de que desci uma pista intermediária.

— Está tudo bem? — pergunta Margot.

Hesito. Margot sempre sabe quando não estou falando a verdade.

— Só estou cansada. Chris e eu ficamos acordadas até tarde conversando.

— Durma um pouco quando chegar em casa — aconselha ela.

Meu celular vibra, e olho para a tela. É uma mensagem de Peter.

Podemos conversar?

Desligo o celular.

— Acho que vou dormir o Natal inteiro — digo.

Agradeço a Deus e a Jesus pelo feriado de Natal. Pelo menos, tenho dez dias antes de ter que voltar à escola e encarar todo mundo. Talvez eu não volte nunca. Talvez consiga convencer meu pai a me dar aulas em casa.

* * *

Quando papai e Kitty vão para a cama, Margot e eu ficamos embrulhando presentes na sala. No meio do processo, Margot decide que deveríamos fazer o recital natalino no dia seguinte ao Natal. Eu torci para ela ter esquecido essa ideia, mas a memória de Margot sempre foi infalível.

— Vai ser uma festa pós-Natal e pré-véspera de Ano-Novo — diz, amarrando um laço de fita em um dos presentes de papai para Kitty.

— Isso é daqui a poucos dias — comento, cortando com cuidado um pedaço de papel de presente com desenhos de cavalinhos. Estou tomando cuidado porque quero guardar uma tira para uma página do *scrapbook* de Margot, que está quase pronto. — Ninguém vai vir.

— Vai, sim! Não fazemos um há séculos; um monte de gente vinha. — Margot se levanta e começa a pegar os livros de receita da mamãe e a empilhá-los na mesa de centro. — Não seja estraga-prazeres. Acho que é uma tradição que deveríamos recuperar pelo bem da Kitty.

Corto um pedaço de fita verde. Talvez essa festa me ajude a parar

de pensar em tudo o que aconteceu.

— Que tal aquela receita de frango mediterrâneo que mamãe fazia? Com o molho de iogurte e mel.

— Isso! E se lembra da pasta de caviar? As pessoas *amam* a pasta de caviar. Temos que fazer também. Devemos fazer canudos de queijo ou almofadinhas de queijo?

— Almofadinhas.

Margot está tão empolgada que, mesmo em meu estado atual de autopiedade, não consigo ficar irritada com ela.

Ela pega caneta e papel na cozinha e começa a fazer uma lista.

— Falamos no prato de frango, na pasta de caviar, almofadinhas de queijo, ponche... Podemos fazer biscoitos ou brownies também. Vamos convidar todos os vizinhos: Josh e os pais, os Shah, a sra. Rothschild. Quais dos seus amigos você quer convidar? A Chris?

Eu balanço a cabeça.

— Chris vai visitar os parentes em Boca Raton.

— E o Peter? Ele pode trazer a mãe, e ele não tem um irmão mais novo?

Posso ver que ela está se esforçando.

— Vamos deixar Peter de fora — digo.

Ela franze a testa e ergue o rosto da lista.

— Aconteceu alguma coisa no passeio?

Rápido demais, eu respondo:

— Não. Não aconteceu nada.

— Então por que não? Quero conhecê-lo melhor, Lara Jean.

— Acho que ele também vai viajar.

Dá para ver que Margot não acredita em mim, mas também não insiste no assunto.

Ela envia os convites virtuais naquela mesma noite, e logo chegam cinco confirmações. Na seção de comentários, tia D. (que não é nossa tia de verdade, e sim uma das melhores amigas de mamãe) escreve: *Margot, mal posso esperar para ouvir você e seu pai cantarem “Baby, It’s Cold Outside”!* Outra tradição dos recitais de Natal. Margot e papai cantam “Baby, It’s Cold Outside”, e eu sempre tenho que cantar “Santa Baby”. Eu fazia isso deitada no piano usando os saltos de mamãe e a estola de pele de raposa da vovó. Mas não farei isso este ano. De jeito nenhum.

No dia seguinte, quando Margot tenta me convencer a ir com ela e Kitty entregar as cestas de biscoitos para os vizinhos, imploro para não ir e digo que estou cansada. Vou para o quarto, dou os toques finais no *scrapbook* de Margot, escuto só as músicas lentas de *Dirty Dancing* e fico checando meu celular para ver se Peter mandou outra mensagem. Ele não mandou, mas Josh, sim.

Soube o que aconteceu. Você está bem?

Então até Josh sabe? Ele nem é do nosso ano. Será que a escola toda já sabe?

Eu respondo:

Não é verdade.

Ele manda de volta:

Nem precisa me dizer, não acreditei nem por um segundo.

Isso me dá vontade de chorar.

Ele e Margot têm se encontrado desde que ela voltou, mas não fizeram a viagem a Washington que Josh mencionou. Acho melhor tirar a página de Josh e Margot do *scrapbook* de uma vez.

Fico acordada até tarde esperando Peter mandar outra mensagem. Eu decido que, se Peter ligar ou me mandar uma mensagem hoje, vou saber que ele também está pensando em mim, e talvez eu o perdoe. Mas ele não manda mensagem nem liga.

Por volta das três da manhã, jogo fora os bilhetes dele. Apago a foto de Peter do meu celular; apago o número. Imagino que, se eu o apagar o bastante, vai ser como se nada tivesse acontecido, e meu coração não vai doer tanto.

NA MANHÃ DE Natal, Kitty acorda todo mundo enquanto ainda está escuro, tradição dela, e nosso pai faz waffles, tradição dele. Só comemos waffles no Natal porque concordamos que dá muito trabalho pegar a grelha, limpá-la e depois guardar de volta na prateleira mais alta, onde sempre fica. Além disso, comer waffles vira uma tradição especial dessa forma.

Nós nos revezamos abrindo os presentes para fazer com que demore mais. Dou a Margot o cachecol e o *scrapbook*, que ela adora. Ela examina cada página e elogia meu trabalho artesanal, impressionada com minhas escolhas de fonte e recortes de papel. Margot o abraça contra o peito.

— É o presente perfeito.

Sinto toda a tensão e os sentimentos ruins entre nós evaporarem. O presente de Margot para mim é um suéter de caxemira rosa-claro da Escócia. Experimento por cima da camisola. É muito macio e elegante.

O presente de Margot para Kitty é um kit de arte com pastéis, aquarelas e canetas especiais, que faz Kitty gritar como um porquinho. Em troca, Kitty dá para ela meias com macacos. Dou a Kitty uma cesta nova para a bicicleta e a colônia de formigas que ela pediu meses atrás, e Kitty me dá um livro sobre tricô.

— Para você poder melhorar — explica ela.

Nós três juntamos dinheiro para o presente de nosso pai, um suéter escandinavo grosso que o faz parecer um esquimó. Fica um pouco grande, mas ele insiste que gosta daquele jeito. Ele dá para Margot um e-reader novo e moderno, para Kitty um capacete de bicicleta com o nome dela (Katherine, não Kitty) e para mim um vale-presente da Linden & White.

— Eu queria ter comprado aquele colar com pingente de coração que você sempre olha, mas tinha sido vendido — diz ele. — Mas aposto que você vai encontrar outro como aquele.

Dou um pulo e o abraço. Sinto vontade de chorar.

Papai Noel, ou seja, papai, nos dá presentes bobos como sacos de carvão e pistolas de água com tinta invisível dentro, mas também coisas práticas como meias esportivas, tinta para impressora e meu tipo favorito de caneta. Parece que Papai Noel também faz compras em lojas de departamento.

Quando acabamos de abrir os presentes, posso ver que Kitty está decepcionada por não encontrar nenhum cachorrinho, mas ela não diz nada. Eu a puxo para meu colo.

— Talvez no seu aniversário mês que vem — sussurro.

Ela assente.

Papai vai ver se a grelha de waffle já está quente, e a campainha toca.

— Kitty, você pode atender? — grita ele da cozinha.

Ela vai até a porta e, segundos depois, ouvimos um grito agudo. Margot e eu damos um pulo e corremos até lá, e bem ali, no capacho, há uma cesta com um filhotinho marrom com um laço no pescoço. Nós duas começamos a pular e a gritar junto com ela.

Kitty pega o cachorrinho no colo e corre para a sala com ele, onde nosso pai está sorrindo.

— Papai, papai, papai! — grita ela. — Obrigada, obrigada, obrigada!

Papai conta que escolheu o filhote no abrigo de animais duas noites antes, e nossa vizinha, a sra. Rothschild, estava escondendo-o em casa. É macho, aliás; descobrimos isso bem depressa, pois ele faz xixi por todo o chão da cozinha. É um vira-lata de wheaten terrier, e Kitty declara que é muito melhor do que um akita ou um pastor alemão.

— Eu sempre quis um cachorro com franjinha — digo, aninhando-o contra a bochecha.

— Que nome vamos dar para ele? — pergunta Margot.

Nós olhamos para Kitty, que morde o lábio inferior, pensativa.

— Não sei — responde ela, por fim.

— Que tal Sandy? — sugiro.

Kitty faz expressão de desprezo.

— Não é original.

— E que tal François? Podemos chamá-lo de Frankie.

— Não, obrigada — diz Kitty. Inclinando a cabeça, ela diz: — Que tal Jamie?

— Jamie — repete papai. — Gostei.

Margot assente.

— Soa bem mesmo.

— Qual é o nome completo? — pergunto, colocando-o no chão.

— Jamie Fox-Pickle, mas só vamos chamá-lo assim quando ele fizer besteira. — Ela bate palmas e chama com voz infantil: — Vem, Jamie!

Ele corre até ela, balançando o rabo como louco.

Nunca a vi tão feliz nem com tanta paciência. Ela passa todo o dia de Natal tentando ensinar truques a ele e levando-o lá fora para fazer xixi. Os olhos dela não param de brilhar. Acabo desejando ser pequena de novo, para que tudo pudesse ser resolvido com um cachorrinho de presente de Natal.

Só olho o celular uma vez para ver se Peter ligou. E ele não ligou.

NA MANHÃ DO recital natalino, acordo depois das dez, e eles já estão trabalhando há horas. Margot é a chef, e papai, o ajudante. Ela o mandou picar cebolas e aipo e lavar panelas. Para nós, ela diz:

— Lara Jean, preciso que você limpe o banheiro do primeiro andar, passe pano no chão e arrume. Kitty, você vai cuidar da decoração.

— Podemos pelo menos comer cereal primeiro? — pergunto.

— Podem, mas sejam rápidas.

Ela volta a pegar colheradas de massa de biscoito para botar na assadeira.

— Eu nem queria essa festa, e agora ela me manda limpar o banheiro — sussurro para Kitty. — Por que você fica com o trabalho bom?

— Porque sou mais nova — diz Kitty, sentando no banco em frente à bancada.

Margot se vira para mim.

— Ei, o banheiro precisava de limpeza de qualquer jeito! Além do mais, vai valer a pena. Não fazemos um recital natalino há tanto tempo. — Ela coloca a assadeira cheia de biscoitos no forno. — Pai, preciso que você dê um pulo no mercado daqui a pouco. Acabou o creme azedo, e precisamos de um saco grande de gelo.

— Sim, senhora! — responde papai.

O único que não é posto para trabalhar é Jamie Fox-Pickle, que está cochilando debaixo da árvore de Natal.

* * *

Estou usando uma gravata-borboleta xadrez vermelha e verde com camisa branca de botão e saia xadrez vermelha e preta. Li em um blog que misturar estampas xadrez está na moda. Vou até o quarto de Kitty e imploro para ela fazer uma coroa de trança em mim. Ela faz uma careta.

— Isso não é muito sexy.

Eu franzo a testa.

— Como é? Eu não quero ficar sexy! Estou tentando ficar festiva.

— Bem... você parece um garçom escocês, ou talvez uma atendente de bar do Brooklyn.

— O que você sabe sobre atendentes de bar do Brooklyn, Katherine? — pergunto.

Ela me olha com intensidade.

— Dã. Eu assisto HBO.

Hum. Talvez seja preciso colocar uma senha em certos canais na tevê.

Kitty vai até meu armário e pega meu vestido vermelho de tricô com ombros de fora e saia rodada.

— Vista este. Ainda tem cara de Natal, mas você não vai ficar parecendo um elfo.

— Tudo bem, mas vou colocar meu broche de bengala de Natal.

— Pode usar o broche, mas deixe o cabelo solto. Nada de trança. — Faço minha melhor cara triste, mas Kitty balança a cabeça. — Posso enrolar as pontas para dar volume, mas nada de trança.

Ligo o babylliss e me sento no chão com Jamie no colo, e Kitty se senta na cama e divide meu cabelo. Ela parece uma profissional.

— O Josh respondeu se vem à festa? — pergunta ela.

— Não sei.

— E o Peter?

— Ele não vem.

— Por que não?

— Ele não vai poder.

* * *

Margot está ao piano tocando “Blue Christmas”, e nosso antigo professor de piano, o sr. Choi, está sentado ao lado dela cantando junto. Do outro lado da sala, papai está exibindo um novo cacto para os Shah, os vizinhos que moram no fim da rua, e Kitty e Josh e algumas outras crianças tentam ensinar Jamie a sentar. Estou tomando ponche de cranberry e refrigerante de gengibre e conversando com tia D. sobre o divórcio dela quando chega Peter Kavinsky, usando um suéter verde-musgo com camisa de botão por baixo e segurando uma lata de biscoitos. Eu quase engasgo com o ponche.

Kitty o vê na mesma hora que eu.

— Você veio! — grita.

Ela corre para os braços dele, e Peter coloca a lata de biscoitos de lado, a pega no colo e dá um giro. Quando a coloca no chão, ela o leva pela mão até a mesa, onde estou ocupada reorganizando os biscoitos nos pratos.

— Lara Jean, olha o que o Peter trouxe — diz ela, empurrando-o.

Ele me entrega a lata de biscoitos.

— São biscoitos de frutas cristalizadas que minha mãe fez.

— O que você está fazendo aqui? — sussurro, irritada.

— Sua irmã me convidou. — Ele faz um gesto com a cabeça na direção de Kitty, que voltou correndo, de forma bem conveniente, até

o cachorro. Josh está de pé agora, olhando para nós com a testa franzida. — Nós precisamos conversar.

Então agora ele quer conversar. Bem, tarde demais.

— Não temos nada para conversar.

Peter me segura pelo cotovelo, e eu tento me soltar dele, mas não consigo. Ele me leva para a cozinha.

— Quero que você invente uma desculpa para a Kitty e vá embora — digo. — E pode levar seus biscoitos de frutas cristalizadas.

— Primeiro me diga por que está com tanta raiva de mim.

— Porque sim! — explodo. — Todo mundo está falando que transamos no ofurô e que sou uma piranha, e você nem liga!

— Eu falei para os caras que era mentira!

— Falou? Você falou que só nos beijamos e mais nada? — Peter hesita, e eu continuo: — Ou disse: “Pessoal, não transamos no ofurô”, acompanhado de uma piscadela?

Peter me olha com irritação.

— Eu mereço um pouco mais de crédito, Covey.

— Você não presta, Kavinsky — diz uma voz.

Eu me viro. Lá está Josh, parado na porta, olhando com raiva para Peter.

— É sua culpa as pessoas estarem falando essas merdas sobre a Lara Jean. — Josh balança a cabeça com nojo. — Ela nunca faria aquilo.

— Fale baixo — sussurro, olhando ao redor.

Isso não pode estar acontecendo agora. Em um recital natalino, com todas as pessoas que conheço desde pequena na sala ao lado.

O queixo de Peter treme.

— Essa conversa é particular, Josh. É entre mim e a minha namorada. Por que você não vai jogar World of Warcraft? Ou que tal ver tevê? Tenho certeza de que uma maratona de *Senhor dos Anéis* deve estar passando em algum lugar.

— Vai se ferrar, Kavinsky — diz Josh.

Eu tomo um susto. Josh olha para mim.

— Lara Jean, é exatamente disso que estou tentando protegê-la. Ele não merece você. Só está puxando você para baixo.

Ao meu lado, Peter fica rígido.

— Cara, se toca! Ela não gosta mais de você. Acabou. Parte pra outra.

— Você não faz ideia do que está falando — diz Josh.

— Não estou nem aí. Ela me contou que você tentou dar um beijo nela. Se fizer isso de novo, vou quebrar a sua cara.

Josh dá uma gargalhada curta.

— Quero só ver.

Pânico começa a crescer no meu peito quando Peter anda na direção de Josh com determinação. Seguro o braço dele.

— Pare com isso!

É nessa hora que a vejo. Margot, um pouco atrás de Josh, com a mão na boca. A música do piano parou, o mundo parou de girar, porque Margot ouviu tudo.

— Não é verdade, é? Por favor, me diz que não é verdade.

Eu abro e fecho a boca. Não preciso dizer nada porque ela já sabe a resposta. Margot, que me conhece tão bem.

— Como você *pôde*? — pergunta ela, com a voz trêmula.

A dor em seus olhos me faz querer morrer. Nunca vi essa expressão nos olhos dela antes.

— Margot — Josh começa a dizer, e ela balança a cabeça e recua.

— Vá embora — diz ela, a voz falhando. Em seguida, olha para mim. — Você é minha *irmã*. A pessoa em quem mais confio no mundo.

— Gogo, espera...

Mas ela já saiu. Escuto seus passos subindo as escadas. Ouço a porta do quarto dela ser fechada sem bater.

E caio no choro.

— Sinto muito — diz Josh para mim, com tristeza. — É tudo culpa minha.

Ele sai pela porta dos fundos.

Peter se aproxima para me abraçar, mas eu o impeço.

— Você poderia apenas... ir embora?

Dor e surpresa surgem no rosto dele.

— Claro, eu posso ir embora — diz ele, e sai da cozinha.

Vou para o banheiro mais próximo, me sento no vaso e choro. Alguém bate à porta, e eu paro de chorar e grito:

— Só um minuto.

A voz alegre da sra. Shah responde:

— Desculpe, querida.

Ouço os passos dela se afastando.

Eu me levanto e jogo água fria no rosto. Meus olhos ainda estão vermelhos e inchados. Molho uma toalha de mão na pia e a passo no rosto. Minha mãe fazia isso comigo quando eu estava doente. Colocava um paninho molhado frio na minha testa e trocava por um novo quando não estava mais frio. Eu queria que minha mãe estivesse aqui.

* * *

Quando volto para a festa, o sr. Choi está sentado ao piano tocando “Have Yourself a Merry Little Christmas”, e a sra. Rothschild encurralou meu pai no sofá. Ela está bebendo bastante champanhe, e ele está com uma expressão levemente assustada. Assim que me vê, meu pai levanta do sofá e se aproxima de mim.

— Ah, graças a Deus — diz ele. — Onde está a Gogo? Ainda não fizemos nosso número.

— Ela não está se sentindo muito bem.

— Hum. Vou ver como Margot está.

— Acho que ela só quer ficar sozinha.

Papai franze a testa.

— Ela e o Josh brigaram? Ele já foi embora.

Eu engulo em seco.

— Talvez. Vou falar com ela.

Ele me dá um tapinha no ombro.

— Você é uma boa irmã, querida.

Eu forço um sorriso.

— Obrigada, pai.

Subo a escada, e a porta do quarto de Margot está trancada.

— Margot, posso entrar?

Nenhuma resposta.

— Por favor, deixe eu explicar...

Silêncio.

— Sinto muito, Margot, é sério. Por favor, fala comigo.

Eu me sento encostada à porta e começo a chorar. Minha irmã mais velha sabe como me magoar. Silêncio e distância são o pior castigo que ela podia me dar.

ANTES DE NOSSA mãe morrer, Margot e eu éramos inimigas. Brigávamos o tempo todo, e o principal motivo era porque eu sempre estragava alguma coisa dela: um jogo, ou um brinquedo.

Margot tinha uma boneca chamada Rochelle. Rochelle tinha cabelo castanho sedoso e usava óculos, como Margot. Mamãe e papai deram a ela no aniversário de sete anos. Rochelle era a única boneca de Margot. Ela a adorava. Eu me lembro de implorar para Margot me deixar segurá-la só por um segundo, mas Margot sempre dizia não. Então uma vez peguei gripe e fiquei em casa enquanto ela foi para a escola. Entrei escondida no quarto dela e peguei Rochelle. Brinquei com ela a tarde inteira, fingi que Rochelle e eu éramos melhores amigas. Coloquei na cabeça que a cara de Rochelle era muito sem graça e que ela ficaria melhor de batom. Seria um favor para Margot se eu deixasse Rochelle ainda mais bonita. Peguei um dos batons de mamãe na gaveta do banheiro e passei nos lábios dela. Na mesma hora, percebi que foi um erro. Eu borrei tudo, e Rochelle ficou parecendo um palhaço, nada sofisticada. Então, tentei limpar o batom com pasta de dente, mas só fiz parecer que ela estava com alguma doença na boca. Eu me escondi debaixo do cobertor até Margot voltar para casa. Ela gritou quando viu o estado de Rochelle.

Depois que nossa mãe morreu, tivemos que mudar. Todos ganharam novos papéis. Margot e eu não vivíamos mais em pé de guerra porque entendemos que tínhamos que cuidar de Kitty. “Cuidem da sua irmã”, ela sempre dizia. Quando ainda estava viva, fazíamos isso contra a vontade. Depois que ela se foi, passamos a fazer porque queríamos.

* * *

Dias se passam, mas Margot ainda finge que não me vê e só fala comigo quando necessário. Kitty nos observa com olhos preocupados. Papai está perdido e pergunta o que está acontecendo, mas não me pressiona para obter a resposta.

Há um muro entre nós agora, e consigo senti-la se afastando de mim cada vez mais. Irmãs deveriam brigar e fazer as pazes porque são irmãs, e irmãs sempre encontram o caminho de volta uma para a outra. Mas o que mais me assusta é que talvez isso não aconteça com a gente.

DO LADO DE fora, a neve cai em flocos que parecem algodão. O jardim está começando a parecer uma plantação de algodão. Espero que neve sem parar durante o dia e a noite. Espero que vire uma tempestade de neve.

Ouçó alguém batendo à minha porta.

Levanto a cabeça do travesseiro.

— Pode entrar.

Meu pai entra e se senta à minha escrivaninha.

— Então — começa ele, coçando o queixo como faz quando está pouco à vontade. — Precisamos conversar.

Meu estômago despenca. Eu me sento e abraço os joelhos.

— A Margot contou?

Meu pai pigarreia.

— Contou. — Eu nem consigo olhar para ele. — Isso é constrangedor. Nunca precisei fazer isso com a Margot, então... — Ele pigarreia de novo. — Era de se esperar que eu seria melhor nisso por ser médico. Só vou dizer que acho você nova demais para estar fazendo sexo, Lara Jean. Acho que você ainda não está pronta. — Ele parece prestes a chorar. — O Peter... ele forçou você de alguma forma?

Posso sentir todo o meu sangue subir para o rosto.

— Pai, nós não fizemos sexo.

Ele assente, mas acho que não acredita em mim.

— Sou seu pai, então é claro que preferiria que você esperasse até ter cinquenta anos, mas... — Ele pigarreia pela terceira vez. — Quero que você se sinta segura. Vou marcar uma consulta com o dr. Hudecz na segunda-feira.

Eu começo a chorar.

— Não preciso de consulta porque não estou fazendo nada! Eu não fiz sexo! Nem no ofurô nem em lugar nenhum. Alguém inventou essa história toda. Você precisa acreditar em mim.

Meu pai está com uma expressão triste no rosto.

— Lara Jean, sei que não é fácil falar sobre isso com seu pai, e não com sua mãe. Eu queria que sua mãe estivesse aqui para nos ajudar neste momento.

— Eu também queria, porque ela acreditaria em mim.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. Já é muito ruim que estranhos pensem o pior de mim, mas nunca achei que minha irmã e meu pai fossem acreditar nisso também.

— Desculpe. — Meu pai me abraça. — Sinto muito. Eu acredito. Se você me diz que não está fazendo sexo é porque não está. Só não quero que você cresça rápido demais. Quando olho para você, acho que ainda tem a idade da Kitty. Você é minha garotinha, Lara Jean.

Eu desabo nos braços dele. Não tem lugar mais seguro do que os braços do meu pai.

— Tudo está uma confusão. Você não confia mais em mim, Peter e eu terminamos, a Margot me odeia.

— Eu confio em você. É claro que confio. E é claro que você e a Margot vão fazer as pazes. Ela só ficou preocupada com você. Por isso me procurou.

Não, não foi por isso. Ela estava com raiva. É culpa dela papai ter pensado isso de mim, ainda que por um segundo.

Meu pai levanta meu queixo e seca as lágrimas do meu rosto.

— Você deve gostar muito do Peter, hein?

— Não — digo, fungando. — Talvez. Não sei.

Ele coloca meu cabelo atrás das orelhas.

— Tudo vai dar certo no fim.

* * *

Existe um tipo específico de briga que só se poder ter com uma irmã. É o tipo em que se dizem coisas e não dá para voltar atrás. Você diz porque não consegue evitar, porque está com tanta raiva que tudo sobe pela garganta e sai pelos olhos; você está com tanta raiva que não consegue enxergar direito. Vê tudo vermelho.

Assim que meu pai sai e o ouço ir para o quarto dele se aprontar para dormir, entro no quarto de Margot sem nem bater. Margot está na escrivaninha, no laptop. Ela olha para mim, surpresa.

Enquanto seco as lágrimas, eu digo:

— Você pode ficar com raiva de mim o quanto quiser, mas não tinha o direito de ir falar com papai pelas minhas costas.

— Eu não fiz por vingança. — A voz dela está tensa como a corda de um piano. — Fiz porque você claramente não faz ideia do que está fazendo e, se não tomar cuidado, vai acabar se tornando alguma estatística adolescente triste. — Com frieza, como se estivesse falando com uma estranha, Margot continua: — Você mudou, Lara Jean. Sinceramente, nem sei mais quem você é.

— Não, você definitivamente não sabe mais quem eu sou se acha por um segundo sequer que eu faria sexo em um passeio de escola! Em um ofurô, em público? Você não deve me conhecer nem um pouco! — E aí eu lanço a cartada que andei escondendo, a cartada que tenho contra ela. — Não é porque você transou com o Josh que eu vou fazer o mesmo com o Peter.

Margot inspira fundo.

— *Fale baixo.*

Fico feliz por tê-la magoado também.

— Agora que papai já está decepcionado comigo, ele não pode ficar decepcionado com você, não é? — grito.

Eu me viro para voltar para o quarto, e Margot me segue.

— Volte aqui! — grita ela.

— Não! — Tento fechar a porta do quarto na cara dela, mas ela enfia o pé para impedir. — Vá embora!

Eu empurro a porta, mas Margot é mais forte do que eu. Ela força a entrada e tranca a porta. Margot avança na minha direção, e eu recuo. Há uma luz perigosa nos olhos dela. Ela é a honrada, agora. Consigo sentir que estou começando a me encolher, a me acovardar.

— Como você ficou sabendo que Josh e eu transamos, Lara Jean? Ele mesmo contou, enquanto vocês dois estavam se encontrando pelas minhas costas?

— Nunca fizemos nada pelas suas costas! Não foi assim que tudo aconteceu.

— Então como foi? — pergunta ela.

Um soluço escapa da minha garganta.

— Eu gostei dele primeiro. Gostei dele durante as férias antes do nono ano. Achei... achei que ele gostasse de mim também. Mas aí um dia você disse que vocês estavam namorado, e eu aceitei. Escrevi uma carta de despedida para ele.

O rosto de Margot se contorce em uma expressão de desprezo.

— Você realmente espera que eu sinta pena de você?

— Não. Só estou tentando explicar o que aconteceu. Eu deixei de gostar dele, juro que deixei. Não pensei mais nele dessa forma, mas, depois que você foi embora, percebi que bem no fundo eu ainda tinha sentimentos por ele. E aí, a carta foi enviada e Josh descobriu, então comecei a fingir que estava namorando Peter...

Ela balança a cabeça.

— Para. Não quero mais ouvir. Nem sei do que você está falando agora.

— Josh e eu só nos beijamos uma vez. *Uma*. Foi um grande erro, e eu nem queria! É você que ele ama, não eu.

— Como posso acreditar em qualquer coisa que você diga para mim agora?

— Porque é a verdade. — Tremendo, eu confesso: — Você não faz ideia do poder que tem sobre mim. Do quanto sua opinião é importante. Do quanto eu admiro você.

O rosto de Margot se fecha como um punho, e ela segura as lágrimas.

— Sabe o que a mamãe sempre dizia para mim? — Ela levanta o

queixo. — “Cuide das suas irmãs.” E foi isso que eu fiz. Eu sempre tentei colocar você e Kitty em primeiro lugar. Você faz alguma ideia do quanto foi difícil ficar longe de vocês? Do quanto me senti sozinha? Eu só queria voltar para casa, mas não podia, porque tenho que ser forte. Tenho que — ela se esforça para tomar ar — ser o bom exemplo. Não posso ser fraca. Tenho que mostrar para vocês como ser corajosa. Porque... porque mamãe não está aqui para fazer isso.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Eu sei. Você não precisa me dizer, Gogo. Sei o quanto você sacrificou por nós.

— Mas aí eu fui embora, e parece que vocês não precisam tanto de mim quanto eu pensava. — A voz dela falha. — Vocês ficaram bem sem mim.

— Só porque você me ensinou tudo! — exclamo.

As lágrimas de Margot finalmente desabam.

— Desculpe — digo, chorando. — Desculpe, Margot.

— Eu *precisava* de você, Lara Jean.

Ela dá um passo na minha direção e eu dou um passo na direção dela e nos abraçamos, chorando, e o alívio que eu sinto é imensurável. Somos irmãs, e não há nada que ela ou eu possamos dizer ou fazer que vá mudar isso.

Nosso pai bate à porta.

— Meninas? Tudo bem aí dentro?

Olhamos uma para a outra e juntas, ao mesmo tempo, dizemos:

— Estamos bem, pai.

É VÉSPERA DE Ano-Novo. Nós sempre ficamos em casa no feriado da véspera de Ano-Novo. Fazemos pipoca e bebemos sidra espumante, e à meia-noite saímos para o quintal e acendemos velas em forma de estrela.

Alguns amigos de Margot da escola deram uma festa em um chalé nas montanhas, e ela disse que não queria ir, que preferia ficar com a gente, mas Kitty e eu a convencemos. Minha esperança é que Josh também vá e eles se entendam, e quem sabe o que pode acontecer. É Ano-Novo, afinal. A noite dos recomeços.

Mandamos papai a uma festa que alguém do hospital está dando. Kitty passou a camisa favorita dele, e eu escolhi a gravata e o empurrei pela porta. Acho que vovó está certa: não é bom ele ficar sozinho.

— Por que você ainda está triste? — pergunta Kitty quando coloco pipoca em uma tigela para nós.

Estamos na cozinha; ela está sentada no banco em frente à bancada com as pernas balançando. O cachorrinho se enroscou como uma centopeia embaixo do banco, olhando para Kitty com olhos esperançosos.

— Você e Margot fizeram as pazes. Que motivo você tem para ficar triste agora?

Estou prestes a negar que esteja triste, mas só suspiro.

— Não sei.

Kitty pega um pouco de pipoca e joga algumas no chão, que Jamie come na mesma hora.

— Como você pode não saber?

— Porque às vezes a gente fica triste e não consegue entender bem por quê.

Kitty inclina a cabeça para o lado.

— TPM?

Eu conto os dias desde minha última menstruação.

— Não. Não é TPM. Não é porque uma garota está triste que tem alguma coisa a ver com TPM.

— Então por quê? — insiste ela.

— Não sei! Talvez eu esteja com saudade de alguém.

— Está com saudade do Peter? Ou do Josh?

Eu hesito.

— Do Peter.

Apesar de tudo, do Peter.

— Ligue para ele, então.

— Não posso.

— Por que não?

Não sei como responder. É tudo tão constrangedor, e quero ser alguém que ela possa admirar. Mas Kitty está esperando com a testinha franzida, e sei que tenho que contar a verdade.

— Era mentira. A coisa toda. Nós nunca ficamos juntos. Ele nunca gostou de mim.

Kitty franze mais a testa.

— O que você quer dizer com foi mentira?

Suspirando, eu respondo:

— Tudo começou com aquelas cartas. Lembra que minha caixa de chapéu sumiu? — Kitty assente. — Tinha umas cartas lá dentro, cartas que escrevi para todos os garotos que já amei. Elas eram particulares, nunca deveriam ter sido enviadas, mas alguém as enviou, e tudo virou uma confusão. Josh recebeu uma, Peter também, e eu me senti tão humilhada... Peter e eu decidimos fingir um namoro para eu não passar vexame com o Josh e o Peter poder deixar a ex-namorada com ciúmes, e a história toda fugiu do controle.

Kitty está mordendo o lábio inferior com nervosismo.

— Lara Jean... se eu contar uma coisa, você promete que não vai ficar com raiva?

— O quê? Conte logo.

— Promete primeiro.

— Tudo bem, prometo que não vou ficar com raiva.

Sinto arrepios na espinha.

— Fui eu que mandei as cartas — diz Kitty em um só fôlego.

— *O quê?*

— Você prometeu que não ia ficar com raiva!

— O quê? — grito de novo, mas não tão alto. — Kitty, como você pôde fazer isso comigo?

Ela deixa a cabeça pender.

— Porque eu estava com raiva. Você ficou me provocando dizendo que eu gostava do Josh; disse que ia dar o nome dele para o meu cachorro. Fiquei com muita raiva. Aí, quando você estava dormindo... eu entrei no seu quarto, roubei a caixa de chapéu, li todas as suas cartas e as enviei pelo correio. Eu me arrependi logo depois, mas era tarde demais.

— Como você sabia sobre as cartas?!

Ela semicerra os olhos para mim.

— Porque eu mexo nas suas coisas às vezes, quando você não está em casa.

Estou prestes a gritar mais com ela, mas lembro que li a carta que Margot recebeu de Josh e mordo a língua.

— Você sabe quantos problemas provocou? Como pôde ter tanta raiva de mim?

— Desculpe — sussurra ela.

Lágrimas se formam nos cantos dos olhos dela, e uma cai como uma gota de chuva. Tenho vontade de abraçá-la, de consolá-la, mas ainda estou muito irritada.

— Tudo bem — digo, com uma voz que diz exatamente o contrário.

Nada disso teria acontecido se ela não tivesse enviado aquelas cartas.

Kitty salta do banco e sobe as escadas, e acho que vai para o quarto chorar sozinha. Sei o que eu tenho que fazer. Tenho que ir consolá-la, perdoá-la de verdade. É minha vez de ser o bom exemplo. De ser a irmã mais velha boa.

Estou prestes a subir quando ela volta correndo para a cozinha. Com minha caixa de chapéu nos braços.

QUANDO ÉRAMOS SÓ Margot e eu, nossa mãe comprava tudo em pares, azul para Margot e rosa para mim. A mesma colcha, o mesmo bichinho de pelúcia ou a mesma cesta de Páscoa com duas cores diferentes. Tudo tinha que ser justo; nós precisávamos comer a mesma quantidade palitos de cenoura ou batatas fritas ou ter a mesma quantidade de bolas de gude ou borrachas no formato de cupcakes. Só que eu sempre perdia minhas borrachas ou comia a cenoura rápido demais, e então ficava pedindo as de Margot. Às vezes, mamãe a obrigava a dividir, o que até eu percebia que não era justo, obviamente Margot não deveria ser penalizada por comer devagar ou cuidar bem das borrachas. Depois que Kitty nasceu, ela tentou fazer tudo azul, rosa e amarelo, mas é bem mais difícil encontrar uma coisa em três cores diferentes. Além do mais, Kitty era bem mais nova do que nós, e não queríamos os mesmos brinquedos que ela.

A caixa de chapéu azul-petróleo talvez tenha sido o único presente dela que só eu ganhei. Não precisei dividir, era meu e só meu.

Quando a abri, eu esperava encontrar um chapéu, talvez um de palha com a aba dobrada, ou talvez uma boina, mas estava vazia.

— É para o que você considera especial — disse ela. — Você pode guardar todas as suas coisas mais preciosas, favoritas e mais secretas aqui.

— Como o quê? — perguntei.

— O que couber dentro. O que você quiser guardar só para você.

* * *

O queixinho pontudo de Kitty treme.

— Eu sinto muito mesmo, Lara Jean.

Quando vejo isso, aquele tremorzinho, não consigo mais sentir raiva. Não consigo, nem um pouco. Vou até ela e a abraço com força.

— Tudo bem — digo, e ela relaxa de alívio. — Pode ficar com a caixa. Guarde todos os seus segredos aí dentro.

Kitty balança a cabeça.

— Não, é sua. Eu não quero. — Ela a empurra na minha direção. — Coloquei algo para você aí dentro.

Eu abro a caixa, e há bilhetes. Bilhetes e mais bilhetes e mais bilhetes. Os bilhetes de Peter. Os bilhetes de Peter que joguei fora.

— Encontrei quando fui esvaziar seu lixo — diz ela, antes de

acrescentar rapidamente: — Só li uns dois. E decidi guardar porque percebi que eram importantes.

Toco em um que Peter dobrou em formato de avião.

— Kitty... você sabe que o Peter e eu não vamos voltar, não é?

Kitty pega a tigela de pipoca.

— Leia os bilhetes.

Ela vai para a sala e liga a tevê.

Eu fecho a caixa e a levo comigo para o quarto. Então me sento no chão e espalho os bilhetes à minha volta.

Muitos deles só dizem coisas do tipo *“Me encontra no seu armário depois da aula”* e *“Pode me emprestar as anotações de química da aula de ontem?”*. Encontro o do Halloween com a teia de aranha e acabo sorrindo. Outro diz: *“Você pode ir para casa de ônibus hoje? Quero fazer uma surpresa para a Kitty indo buscá-la na escola, para ela poder exibir meu carro para as amigas.”* *“Obrigado por ir à venda comigo no fim de semana. Você fez o dia ficar divertido. Te devo uma.”* *“Não se esqueça de trazer o iogurte coreano para mim!”* *“Se você fizer os biscoitos idiotas de cranberry e chocolate branco do Josh e não os meus de frutas cristalizadas, acabou.”* Dou uma gargalhada alta. E depois, o que leio e releio sem parar: *“Você está bonita hoje. Gosto quando você usa azul.”*

Nunca recebi uma carta de amor. Mas, ao reler esses bilhetes, um atrás do outro, sinto que recebi. É como... é como se sempre só tivesse existido Peter. Como se todos os que vieram antes dele tivessem apenas me preparado para isso. Acho que agora consigo ver a diferença entre amar alguém de longe e amar de perto. Quando você convive com a pessoa, vê quem ela é de verdade, e ela também vê você. E Peter me vê. Ele me vê, e eu o vejo.

O amor é assustador; ele se transforma; ele murcha. Faz parte do risco. Não quero mais ter medo. Quero ser corajosa como Margot. Afinal, um novo ano está quase começando.

Perto da meia-noite, pego Kitty, o cachorrinho e as velas. Vestimos casacos grossos, e eu faço Kitty colocar um gorro.

— O Jamie também precisa de um gorro? — pergunta ela.

— Ele não precisa — digo para ela. — Já tem um casaco de pele.

As estrelas brilham aos montes; parecem pedras preciosas a distância. Temos tanta sorte de morarmos perto das montanhas. Parece que estamos mais perto das estrelas. Do céu.

Acendo as velas para nós duas, e Kitty começa a dançar na neve, fazendo um anel de fogo com a dela. Ela está tentando fazer Jamie pular no meio, mas ele nem liga. Só quer fazer xixi pelo jardim. Ainda bem que temos cerca, senão ele faria xixi por todo o quarteirão.

A luz do quarto de Josh está acesa. Eu o vejo na hora em que ele abre a janela.

— Irmãs Song!

— Quer acender uma vela de estrela? — grita Kitty.

— Talvez ano que vem — responde Josh.

Eu olho para ele e balanço a vela, e ele sorri, e tenho a sensação de que está tudo bem entre nós. De uma forma ou de outra, Josh vai fazer parte de nossas vidas. E tenho certeza, uma certeza repentina, de que tudo está exatamente como deveria, que não preciso ter tanto medo de despedidas, porque elas não precisam ser para sempre.

Quando volto para o quarto e visto a camisola de flanela, pego minha caneta especial e meu papel de carta grosso e começo a escrever. Dessa vez, não é uma carta de despedida. Apenas uma simples carta de amor.

Querido Peter...

Agradecimentos

Para todos os meus amores literários:

Para Zareen Jaffery, a mais bela de todas. Acho que você e eu fomos feitas uma para a outra.

Para Justin Chanda, por ter selado o compromisso.

Para todos da S&S, mas principalmente Paul Crichton, Lydia Finn, Sooji Kim, Chrissy Noh, Lucille Rettino, Nicole Russo e Anne Zafian por ser(em) meu(s) caso(s) principal(is). E um olá para Katy Hershberger, estamos prestes a nos conhecer muito bem.

Para Lucy Cummins, depósito flores e corações cobertos de chocolate aos seus pés por toda beleza que você acrescenta aos livros.

Para Adele Griffin, Julie Farkas e Bennett Madison — leitores, escritores, amigos —, sonetos para todos vocês. Fico maravilhada com seus talentos e honrada por ser sua amiga.

Para Siobhan Vivian, minha querida. Se existem almas gêmeas literárias, você é a minha.

E para Emily van Beek, por tudo, sempre.

Todo o meu amor,

Jenny

P.S.: JENNY
HAN

Ainda
amo
você

intrínseca



A sequência do best-seller
PARA TODOS OS GAROTOS QUE JÁ AMEI

JENNY HAN

P.S.:
Ainda
amo
você

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2015 by Jenny Han

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management LCC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL

P.S. I Still Love You

REVISÃO

Milena Vargas

Rayssa Galvão

ARTE DE CAPA

Lucy Ruth Cummins

FOTO DA CAPA

© 2015 Douglas Lyle Thompson

LETTERING ORIGINAL

© 2015 Nancy Howell

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING

ô de casa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

REVISÃO DE E-BOOK

Manuela Brandão

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Logan — acabamos de nos conhecer, mas já amo você

Ela ficou feliz porque a casa acolhedora, papai e mamãe, a lareira e a música pertenciam ao agora. Não podiam ser esquecidos, pensou, porque o agora é agora. Jamais será há muito, muito tempo.

— LAURA INGALLS WILDER, *Uma casa na floresta*

O tempo é a maior distância entre dois pontos.

— TENNESSEE WILLIAMS, *À Margem da Vida*

Querido Peter,

Sinto sua falta. Só se passaram cinco dias, mas sinto como se tivessem sido cinco anos. Talvez por eu não saber se é o fim, se algum dia vamos voltar a nos falar. Tenho certeza de que vamos nos cumprimentar na aula de química e nos corredores, mas será que tudo vai voltar a ser como antes? É isso o que me deixa triste. Eu tinha a sensação de que podia falar qualquer coisa para você. E acho que você também sentia isso. Espero que sim.

Então vou dizer tudo agora, enquanto ainda tenho coragem. O que aconteceu entre nós no ofurô me assustou. Sei que para você foi só mais um dia na vida de Peter, mas para mim significou bem mais, e foi isso que me deixou assustada. Não só o que as pessoas estavam dizendo sobre mim, mas o fato de ter acontecido. O quanto foi fácil, o quanto eu gostei. Fiquei com medo e descontei em você, e por isso peço desculpas.

E, no recital natalino, lamento não ter defendido você na discussão com Josh. Eu devia ter dito alguma coisa. Sei que eu te devia isso. Eu devia isso e muito mais. Ainda não consigo acreditar que você veio e trouxe aqueles biscoitos de frutas cristalizadas. Aliás, você estava fofo naquele suéter. Não estou dizendo isso só para agradar. Falo sério.

Às vezes, gosto tanto de você que não consigo suportar. É um sentimento que vai crescendo e crescendo dentro de mim, e parece que vou explodir. Gosto tanto de você que não sei o que fazer a respeito. Meu coração bate muito rápido quando sei que vou ver você de novo. E aí,

quando você me olha, eu me sinto a garota mais sortuda do mundo.

As coisas que Josh disse sobre você não eram verdade. Você não me puxou para baixo. Foi o contrário. Você me libertou, Peter. Me deu minha primeira história de amor. Não deixe que tudo acabe agora.

Com amor,
Lara Jean

KITTY PASSOU A manhã toda reclamando, e desconfio que Margot e papai estejam sofrendo de ressaca pós-festa de Ano-Novo. E eu? Eu estou com corações nos olhos e uma carta queimando um buraco no bolso do meu casaco.

Enquanto colocamos os sapatos, Kitty ainda tenta escapar de ter que usar um *hanbok* para ir à casa de tia Carrie e tio Victor.

— Olhe as mangas! Estão muito curtas!

— É para ser assim mesmo — diz papai, de forma nada convincente.

Kitty aponta para mim e para Margot.

— Então por que as mangas delas não ficam assim? — pergunta ela.

Nossa avó comprou os *hanboks* para nós na última vez em que foi à Coreia. O *hanbok* de Margot tem uma blusa amarela estilo bolero e saia verde-maçã. A minha é rosa-shocking com uma blusa branco-marfim e um laço rosa comprido com flores bordadas na frente. As saias são volumosas, como um sino, e vão até o chão. Menos a de Kitty, que termina bem no tornozelo.

— Não é culpa nossa que você cresça mais rápido que erva daninha — digo, ajeitando meu laço.

O laço é o mais difícil de acertar. Tive que assistir a um vídeo no YouTube um monte de vezes para dar o nó, e ainda parece torto e deprimente.

— Minha saia também está curta demais — resmunga ela, erguendo a barra.

A verdade é que Kitty odeia usar o *hanbok* porque é preciso caminhar com cuidado e segurar a saia com uma das mãos, senão ela se abre toda.

— Todos os outros primos vão estar de *hanbok*, e a vovó vai ficar feliz — diz papai, massageando as têmporas. — Caso encerrado.

No carro, Kitty não para de repetir “Odeio o Ano-Novo”, o que deixa todo mundo de mau humor, menos eu. Margot já estava um pouco aborrecida porque teve que acordar antes de o sol nascer para voltar para casa a tempo, pois estava no chalé da amiga. Tem também a questão da possível ressaca. Mas nada poderia azedar meu humor, porque nem estou no carro. Estou em um lugar completamente diferente, pensando na minha carta para Peter, me perguntando se tinha emoção suficiente e em como e quando vou entregá-la, o que ele vai dizer e o que tudo isso vai significar. Devo deixar na caixa de correio dele? No armário da escola? Quando nos encontrarmos de

novo, ele vai sorrir para mim e fazer uma piada para quebrar o gelo? Ou vai fingir que nunca leu a carta, para poupar a nós dois? Acho que isso seria pior. Tenho que ficar lembrando a mim mesma que, apesar de tudo, Peter é um garoto gentil e tranquilo, e não vai ser cruel em hipótese alguma. Disso eu posso ter certeza.

“Em que você tanto pensa?”, pergunta Kitty.

Eu nem escuto direito.

“Oi?”, insiste ela.

Fecho os olhos e finjo estar dormindo, e só vejo o rosto de Peter. Não sei o que exatamente quero dele, para que estou pronta. Se é para o amor sério e pra valer de namorados, se é para o que tivemos antes, diversão e uns beijinhos aqui e ali, ou se é para alguma coisa entre essas duas opções. Mas sei que não consigo tirar o rosto de menino bonito dele da cabeça. O sorrisinho que Peter dá quando diz meu nome, o jeito como às vezes me esqueço de respirar quando ele está por perto.

* * *

É claro que, quando chegamos à casa de tia Carrie e tio Victor, nenhum dos nossos primos está usando *hanboks*, e Kitty praticamente fica roxa pelo esforço de não gritar com o papai. Margot e eu também olhamos meio torto para ele. Não é muito confortável ficar de *hanbok* o dia todo. Mas vovó abre um sorriso de aprovação, o que faz tudo valer a pena.

Quando tiramos os sapatos e os casacos na porta da frente, sussurro para Kitty:

— Talvez os adultos nos deem mais dinheiro por termos nos arrumado.

— Vocês estão tão lindas — fala tia Carrie ao nos abraçar. — Haven se recusou a usar o dela!

Haven revira os olhos para a mãe.

— Adorei seu corte de cabelo — diz ela para Margot.

Haven é alguns meses mais velha do que eu, mas ela se acha muito mais madura. Está sempre tentando se enturmar com Margot.

Primeiro, tratamos das reverências. Na cultura coreana, você faz reverências para os mais velhos no dia de Ano-Novo e lhes deseja sorte no ano que está por vir, e em troca eles lhe dão dinheiro. A ordem é do mais velho para o mais novo, e, como a adulta mais velha, vovó se senta no sofá primeiro. Tia Carrie e tio Victor fazem a reverência, depois papai, e assim por diante até chegar a Kitty, a mais nova da família. Quando é a vez de papai de se sentar no sofá e receber as reverências, fica um lugar vazio ao lado dele, assim como em todos os dias de Ano-Novo desde que nossa mãe morreu. Sinto

uma dor no peito ao vê-lo sentado sozinho, sorrindo com alegria, entregando notas de dez dólares. Vovó olha para mim, e sei que ela está pensando a mesma coisa. Quando chega minha vez de fazer a reverência, eu me ajoelho com as mãos cruzadas diante da testa e prometo que não vou ver papai sozinho naquele o sofá no ano que vem.

Recebemos dez dólares de tia Carrie e tio Victor, dez do papai, dez da tia Min e do tio Sam, que não são nossos tios de verdade, mas sim primos de segundo grau (eles são primos da mamãe) e vinte da vovó! Não recebemos mais por usarmos os *hanboks*, mas juntamos um bom dinheiro, de qualquer forma. Ano passado, nossos tios só deram cinco dólares cada um.

Em seguida, tomamos sopa de bolinho de arroz para dar sorte. Tia Carrie também fez bolinhos de feijão fradinho e insiste para experimentarmos ao menos um, embora ninguém queira. Os gêmeos, Harry e Leon, se recusaram a comer a sopa e os bolinhos de feijão fradinho e estão comendo nuggets de frango na sala. Não tem espaço suficiente na mesa de jantar, então Kitty e eu vamos para a bancada da cozinha. Dá para ouvir todo mundo rindo.

Quando começo a tomar minha sopa, faço um pedido. *Por favor, por favor, que as coisas deem certo entre mim e Peter.*

— Por que minha tigela de sopa é menor do que a de todo mundo? — sussurra Kitty.

— Porque você é a menor.

— Por que não ganhamos tigelas de *kimchi*?

— Porque tia Carrie acha que não gostamos, já que não somos totalmente coreanas.

— Vá pedir um pouco — sussurra Kitty.

Eu peço, principalmente porque também quero.

* * *

Enquanto os adultos tomam café, Margot e eu vamos com Haven para o quarto, e Kitty nos segue. Normalmente, ela brincaria com os gêmeos, mas desta vez pegou o yorkshire de tia Carrie, Smitty, e nos seguiu para o andar de cima como se fosse uma das adolescentes.

Haven tem pôsteres de bandas indies nas paredes; nunca ouvi falar da maioria. Ela está sempre trocando. Tem um novo, do Belle and Sebastian, com textura. Parece jeans.

— Esse é legal — comento.

— Eu estava querendo trocar — diz Haven. — Pode ficar, se quiser.

— Não precisa. — Sei que ela só está oferecendo para se sentir superior, como sempre.

— Eu quero — diz Kitty, e Haven franze a testa por um segundo,

mas Kitty já está tirando o pôster da parede. — Obrigada, Haven.

Margot e eu nos entreolhamos e tentamos não sorrir. Haven nunca teve muita paciência com Kitty, e o sentimento é infinitamente mútuo.

— Margot, você foi a algum show desde que se mudou para a Escócia? — pergunta Haven.

Ela se senta na cama e abre o laptop.

— Não — responde Margot. — Ando muito ocupada com as aulas.

Ela não liga muito para música ao vivo. Está olhando para o celular, com a saia do *hanbok* espalhada a seu redor. Ela é a única de nós, irmãs Song, que ainda está totalmente caracterizada. Tirei a blusa, então estou só de camiseta e saia, e Kitty tirou a blusa e a saia e só está de camiseta e calçola.

Eu me sento na cama ao lado de Haven, para ela poder me mostrar no Instagram as fotos da viagem deles para as Bermudas. Enquanto ela procura no feed, uma foto do passeio de esqui aparece. Haven é da Orquestra Juvenil de Charlottesville e conhece gente de várias escolas, inclusive da minha.

Não consigo evitar um pequeno suspiro quando vejo a foto do nosso grupo no ônibus, na última manhã. Peter está com o braço nos meus ombros, sussurrando alguma coisa no meu ouvido. Eu queria lembrar o quê.

Surpresa, Haven ergue o rosto e diz:

— Ah, é você, Lara Jean. De onde é isso?

— Do passeio da escola para uma estação de esqui.

— Esse é seu namorado? — pergunta Haven, e percebo que ela está impressionada, mas não quer demonstrar.

Eu queria poder dizer que sim. Mas...

Kitty se aproxima de nós e olha por cima dos nossos ombros.

— É, e é o cara mais lindo que você já viu na vida, Haven.

Ela fala como um desafio. Margot, que estava lendo alguma coisa no celular, levanta a cabeça e ri.

— Não é bem verdade. — Tento amenizar.

Ele é o cara mais lindo que *eu* já vi na vida, mas não sei com que tipo de gente Haven estuda.

— Não, Kitty está certa, ele é lindo — admite Haven. — Como você conseguiu um cara desses? Sem querer ofender. Mas achava que você era do tipo que não namora.

Franzo a testa. Do tipo que não namora? Que tipo é esse? Um cogumelo minúsculo que fica sentado em casa no escuro, com limo crescendo?

— Lara Jean namora bastante — diz Margot, leal.

Fico vermelha. Eu nunca namoro, Peter quase nem conta, mas fico feliz pela mentira.

— Qual é o nome dele? — pergunta Haven.

— Peter. Peter Kavinsky.

Até dizer o nome dele é um prazer remissente, algo a saborear, como um pedaço de chocolate se dissolvendo na minha língua.

— Ah — diz ela. — Achei que ele namorasse aquela loura bonita. Qual é mesmo o nome dela? Jenna? Vocês não eram melhores amigas quando pequenas?

Sinto uma pontada no coração.

— O nome dela é Genevieve. Nós éramos melhores amigas, mas não somos mais. E ela e Peter terminaram tem um tempo.

— E há quanto tempo você e Peter estão juntos? — pergunta Haven.

Ela está com uma expressão de dúvida no rosto, como se acreditasse noventa por cento em mim, mas ainda restassem aqueles incômodos dez por cento cheios de desconfiança.

— Começamos a sair em setembro. — Pelo menos, isso é verdade. — Não estamos juntos agora; nós demos um tempo... Mas estou... otimista.

Kitty cutuca minha bochecha com o dedo mindinho.

— Você está sorrindo — diz ela, e sorri também. E me abraça. — Faça as pazes com ele hoje, tá? Quero Peter de volta.

— Não é tão simples — respondo, mas e se for?

— Claro que é simples. Ele ainda gosta muito de você. É só dizer que você ainda gosta dele também e *bum*. Vocês voltam, e vai ser como se você nunca o tivesse expulsado da nossa casa.

Haven arregala os olhos.

— Lara Jean, *você* terminou com *ele*?

— Caramba, é tão difícil de acreditar?

Cerro os olhos para ela, e Haven abre a boca, mas a fecha sabiamente antes de falar.

Ela olha de novo para a foto de Peter. Em seguida, se levanta para ir ao banheiro e, ao fechar a porta, diz:

— Só posso dizer que, se aquele garoto fosse meu, eu nunca terminaria com ele.

Meu corpo todo formiga quando ela diz isso.

Eu já pensei a mesma coisa sobre Josh, e olhe para mim agora: parece que um milhão de anos se passaram e ele é só uma lembrança. Não quero que isso aconteça com Peter. Esse distanciamento dos sentimentos antigos, que, mesmo quando você se esforça muito, não lhe permite se lembrar direito do rosto dele ao fechar os olhos. Custe o que custar, quero me lembrar do rosto de Peter para sempre.

* * *

Quando chega a hora de ir embora, coloco o casaco, e a carta de Peter

cai do meu bolso. Margot a pega.

— Outra carta?

Eu fico corada e digo, depressa:

— Ainda não decidi quando entregá-la, se devo colocar na caixa de correio dele ou mandar pelo correio. Ou cara a cara? Gogo, o que você acha?

— Você só tem que falar com ele — diz Margot. — Vá agora mesmo. Papai pode te dar carona. Vá à casa dele, entregue a carta e veja o que Peter tem a dizer.

Meu coração bate mais rápido com a ideia. Agora? Ir até lá sem ligar, sem plano nenhum?

— Não sei — começo, hesitante. — Acho que eu deveria pensar melhor no assunto...

Margot abre a boca para responder, mas Kitty se aproxima pelas nossas costas e diz:

— Chega de cartas. Vá reconquistá-lo.

— Não espere até ser tarde demais — diz Margot, e sei que ela não está falando só sobre mim e Peter.

Tenho evitado falar sobre Josh por causa de tudo que aconteceu conosco. Margot me perdoou, mas não significa que quero reabrir velhas feridas. Nos últimos dois dias, dei meu apoio silencioso e torci para isso ser o bastante. Mas Margot vai embora para a Escócia em menos de uma semana. A ideia de ela partir sem nem falar com Josh não me parece certa. Somos amigos há tanto tempo. Sei que Josh e eu vamos nos entender, pois somos vizinhos, e é isso o que acontece com as pessoas que se veem com frequência. A relação se conserta praticamente sozinha. Mas não vai ser assim entre Margot e Josh com ela tão longe. Se eles não conversarem agora, a cicatriz só vai aumentar com o tempo, vai calcificar, e eles vão virar estranhos que nunca se amaram, que é o pensamento mais triste de todos.

Enquanto Kitty coloca as botas, eu sussurro para Margot:

— Se eu devo falar com Peter, você deve falar com Josh. Não volte para a Escócia sem resolver as coisas com ele.

— Vamos ver — diz ela, mas vejo esperança em seus olhos, e isso me enche de esperança também.

MARGOT E KITTY dormem no banco de trás. Kitty deitou a cabeça no colo de Margot, que está dormindo com a boca aberta. Papai ouve o rádio com um sorriso leve no rosto. Todo mundo está tão tranquilo, e meu coração bate um milhão de vezes por minuto, na expectativa pelo que estou prestes a fazer.

Vou falar com Peter hoje, esta noite. Antes de voltarmos às aulas, antes de todas as engrenagens voltarem ao normal e nossa história não passar de uma lembrança. É como um globo de neve: por um momento, tudo fica de cabeça para baixo e tem purpurina por toda parte e parece até magia, mas logo tudo se acomoda e volta para onde deveria estar. As coisas têm um jeito de voltarem a ser o que eram. Eu não posso voltar.

Espero até estarmos a um sinal do bairro de Peter para pedir a papai para me deixar lá. Ele deve ter percebido a intensidade na minha voz, a *necessidade*, porque não faz nenhuma pergunta, só concorda.

Quando paramos na casa de Peter, as luzes estão acesas, e o carro dele está na entrada da garagem. A minivan da mãe dele também. O sol está se pondo cedo porque estamos no inverno. Do outro lado da rua, os vizinhos de Peter ainda estão com os pisca-piscas de Natal pendurados. Hoje deve ser o último dia para isso, pois é Ano-Novo. Ano novo, vida nova.

Consigo sentir as veias nos pulsos latejando, e estou nervosa, muito nervosa. Saio correndo do carro e toco a campainha. Quando ouço passos lá dentro, faço sinal para papai ir embora, e ele dá a ré. Kitty acordou e grudou o rosto no vidro de trás, sorrindo muito. Ela faz sinal de positivo, e aceno para ela.

Peter abre a porta. Meu coração dá um salto. Ele está usando uma camisa xadrez de botão que nunca vi. Deve ter ganhado de presente de Natal. O cabelo está amassado no alto, como se tivesse acabado de se levantar. Ele não parece muito surpreso em me ver.

— Oi. — Ele olha para a minha saia, que se abre debaixo do casaco de inverno como um vestido de baile. — Por que você está tão arrumada?

— Por causa do Ano-Novo.

Talvez eu devesse ter passado em casa para trocar de roupa. Pelo menos eu me sentiria mais como eu mesma, de pé na porta daquele garoto, tentando me desculpar.

— E aí, como foi seu Natal?

— Bom. — Ele responde devagar e demora quatro segundos inteiros para perguntar: — E o seu?

— Foi ótimo. Temos um cachorrinho novo. O nome dele é Jamie Fox-Pickle. — Nem um traço de sorriso no rosto de Peter. Ele é frio; eu não esperava ser tratada com frieza. Mas talvez nem mesmo fosse frieza. Só indiferença. — Posso falar com você por um segundo?

Peter dá de ombros, o que parece um sim, mas não me convida para entrar. Um medo repentino de Genevieve estar lá dentro se aloja no meu estômago, mas se dissipa rápido quando lembro que, se ela *estivesse* lá dentro, ele não estaria aqui comigo. Peter deixa a porta entreaberta enquanto coloca os tênis e um casaco, depois sai para a varanda. Bate a porta e se senta nos degraus. Eu me sento ao lado dele e ajeito a saia.

— E aí, o que houve? — pergunta, como se eu estivesse tomando seu precioso tempo.

Isso não está certo. Não é o que eu esperava.

Mas o que exatamente eu esperava de Peter? Que eu entregaria a carta a ele, ele a leria e me amaria? Ele me abraçaria e nós nos beijaríamos apaixonadamente, mas só beijos, só coisa inocente. E aí? Nós namoraríamos? Quanto tempo demoraria até ele ficar cansado de mim, sentir saudade de Genevieve e querer mais do que eu estava preparada para oferecer, tanto no quarto quanto na vida? Alguém como ele nunca ficaria satisfeito de ficar em casa e ver um filme no sofá. Estamos falando de Peter Kavinsky, afinal.

Passo tanto tempo absorta em meu devaneio que ele repete a pergunta, só que desta vez com um pouco menos de frieza.

— O que foi, Lara Jean?

Ele olha para mim como se estivesse esperando alguma coisa, e de repente fico com medo de entregar.

Aperto a carta e a enfio no bolso do casaco. Minhas mãos estão congelando. Não tenho luvas nem gorro; seria melhor eu ir para casa.

— Eu só vim dizer... dizer que sinto muito pelo jeito como as coisas terminaram. E... espero que ainda possamos ser amigos. Feliz Ano-Novo.

Ele semicerra os olhos ao ouvir isso.

— Feliz Ano-Novo? — repete. — Foi isso que você veio dizer? Que sente muito e *feliz Ano-Novo*?

— E que espero que ainda possamos ser amigos — acrescento, mordendo o lábio.

— Você espera que ainda possamos ser amigos — repete ele, e há uma nota de sarcasmo em sua voz que não entendo e não gosto.

— Foi o que eu disse.

Começo a me levantar. Eu estava torcendo para ele me dar uma carona até em casa, mas agora não quero pedir. Só que está muito

frio. Talvez, se eu der uma indireta... Soprando as mãos, digo:

— Acho que vou para casa.

— Espere um minuto. Vamos voltar para a parte do pedido de desculpas. Por que exatamente você está pedindo desculpas? Por me expulsar da sua casa ou por achar que eu sou um cretino que sairia por aí contando para todo mundo que transamos mesmo não sendo verdade?

Um nó se forma na minha garganta. Pensando bem, parece mesmo horrível.

— Pelas duas coisas. Sinto muito pelas duas coisas.

Peter inclina a cabeça para o lado e ergue as sobrancelhas.

— E o que mais?

Eu fico tensa. *O que mais?*

— Não tem “o que mais”. Só isso.

Graças a Deus não entreguei a carta, se é assim que ele vai agir. Não sou a única que tem motivos para se desculpar.

— Ei, foi você quem veio aqui pedindo desculpas e falando em ser amigos. Você não pode me obrigar a aceitar seu pedido de desculpas insignificante.

— Bem, desejo a você um feliz Ano-Novo mesmo assim. — Agora quem está sendo sarcástica sou eu, e é muito satisfatório. — Tenha uma boa vida. *Auld lang syne* e tudo o mais.

— Tudo bem. Tchau.

Eu me viro para ir embora. Eu estava tão esperançosa esta manhã, com estrelas nos olhos só de imaginar o que aconteceria. Deus, como o Peter é babaca. Vai ser bom me livrar dele!

— Espere aí.

A esperança pula no meu peito como Jamie Fox-Pickle pula na minha cama, com rapidez e sem ser convidada. Mas eu me viro com cara de *Aff*, *o que você quer agora?* para ele não notar.

— O que é isso amassado no seu bolso?

Minha mão voa para o bolso do casaco.

— Isso? Ah, não é nada. Só um panfleto. Estava no chão perto da sua caixa de correio. Não se preocupe, vou jogar fora para você.

— Deixa que eu jogue fora — diz ele, estendendo a mão.

— Não, eu cuido disso.

Estico o braço para enfiar a carta mais fundo no bolso, e Peter tenta arrancá-la da minha mão. Eu me afasto dele depressa e a seguro firme. Ele dá de ombros, e eu relaxo e solto um suspiro de alívio. Então ele dá um pulo e arranca a carta da minha mão.

— Me devolve, Peter! — falo, ofegante.

Com alegria, ele diz:

— Sabia que interferir no correio americano é crime federal? — Ele olha para o envelope. — É para mim. De você.

Faço mais uma tentativa desesperada de recuperar o envelope, e Peter é pego de surpresa. Brigamos pela carta; consigo segurar um canto, mas ele não está soltando.

— Pare, você vai rasgar! — grita ele, tirando-a da minha mão.

Tento segurar com mais força, mas é tarde demais. Ele já pegou.

Peter segura o envelope acima da minha cabeça, abre e começa a ler. É horrível ficar ali na frente dele, esperando... o quê, eu não sei. Mais humilhação? Eu devia ir embora. Ele lê tão devagar.

Quando termina, Peter pergunta:

— Por que você desistiu de me entregar a carta? Por que ia embora?

— Porque, sei lá, você não pareceu feliz em me ver... — Paro de falar, sem jeito.

— Isso se chama bancar o difícil! Estava esperando você me ligar, pateta. Já faz seis dias.

Eu inspiro.

— Ah!

— Ah.

Ele me puxa para mais perto pela lapela do casaco, perto o bastante para um beijo. Está tão perto que consigo ver seu hálito condensar. Tão perto que eu poderia contar os cílios se quisesse.

— Então... você ainda gosta de mim? — pergunta ele baixinho.

— Gosto — sussurro. — Quer dizer, mais ou menos.

Meu coração bate cada vez mais rápido. Estou tonta. É um sonho? Se for, não quero acordar nunca.

Peter me olha com uma cara de *Fala sério, você sabe que gosta de mim*. Eu gosto, eu gosto.

— Você acredita quando digo que não falei para as pessoas que transamos no passeio para a estação de esqui? — pergunta ele.

— Acredito.

— Tudo bem. — Ele inspira. — Aconteceu alguma coisa entre você e o Sanderson depois que saí da sua casa naquela noite?

Ele está com ciúmes! A mera ideia me aquece como sopa quente. Começo a dizer que não, mas ele interrompe:

— Espere. Não me conte. Eu não quero saber.

— Não — digo com firmeza, para ele saber que estou falando sério.

Ele assente, mas não responde.

Então se inclina na minha direção, e fecho os olhos, o coração batendo mais rápido que as asas de um beija-flor. Tecnicamente, só nos beijamos quatro vezes, e só uma foi pra valer. Eu gostaria de começar logo para poder parar de ficar nervosa. Mas Peter não me beija, não do jeito que eu esperava. Ele beija minha bochecha esquerda, depois a direita; o hálito dele é quente. E... nada. Abro os olhos. Ele está me dando um fora? Por que não me beija direito?

— O que você está fazendo? — sussurro.

— Criando expectativa.

— Me beija logo — disparo.

Ele vira a cabeça e sua bochecha toca a minha. Nessa hora, a porta da frente se abre, e o irmão mais novo de Peter, Owen, aparece na soleira com os braços cruzados. Pulo para longe de Peter como se tivesse acabado de descobrir que ele tem uma doença contagiosa incurável.

— Mamãe quer que vocês entrem para tomar sidra — diz ele com um sorrisinho.

— Em um minuto — responde Peter, me puxando de novo.

— Ela disse agora — retruca Owen.

Ah, meu Deus. Lanço um olhar de pânico para Peter.

— Acho que tenho que ir antes de o meu pai começar a se preocupar...

Ele indica a porta com o queixo.

— Entre um pouquinho, e eu levo você para casa. — Quando eu entro, ele tira meu casaco e diz em voz baixa: — Você ia mesmo andar até a sua casa com esse vestido chique? No frio?

— Não, eu ia deixar você se sentindo culpado para que oferecesse me levar em casa — sussurro em resposta.

— Que roupa é essa? — pergunta Owen para mim.

— É o que os coreanos usam no Ano-Novo — digo para ele.

A mãe de Peter sai da cozinha com duas canecas fumegantes. Ela está usando um cardigã comprido de caxemira com um cinto frouxo ao redor da cintura e pantufas creme.

— É lindo — diz ela. — Você está linda. É tão colorido.

— Obrigada — respondo, me sentindo constrangida pela atenção.

Nós três nos sentamos na sala, e Owen foge para a cozinha. Ainda estou vermelha por causa do quase beijo e pelo fato de a mãe de Peter provavelmente saber o que estávamos fazendo. Também me pergunto o que ela sabe sobre o que anda acontecendo entre nós, o quanto ele contou, se é que contou alguma coisa.

— Como foi seu Natal, Lara Jean? — pergunta a mãe dele.

Eu sopro a caneca.

— Foi bem legal. Meu pai deu um cachorrinho para a minha irmã, e brigamos o tempo todo para decidir quem o pega no colo. E minha irmã mais velha ainda não voltou para a faculdade, o que tem sido bom também. Como foi seu Natal, sra. Kavinsky?

— Ah, foi bom. Tranquilo. — Ela aponta para as pantufas. — Owen me deu isso. Como foi a festa? Suas irmãs gostaram dos biscoitos de frutas cristalizadas que Peter fez? Sinceramente, eu não suporto aqueles biscoitos.

Surpresa, olho para Peter, que de repente fica ocupado mexendo no

celular.

— Achei que você tivesse dito que foi sua mãe que fez.

A mãe dele dá um sorriso orgulhoso.

— Ah, não, ele fez sozinho. Estava bem determinado.

— Tinham gosto de lixo! — grita Owen da cozinha.

A sra. Kavinsky ri de novo, e ficamos em silêncio. Minha mente está a todo vapor, tentando pensar em possíveis assuntos para conversar. Resoluções de Ano-Novo, talvez? A tempestade de neve que está prevista para cair na semana que vem? Peter não ajuda em nada; ele continua olhando para o celular.

Ela se levanta.

— Foi bom ver você, Lara Jean. Peter, não faça ela ficar na rua até tarde.

— Não vou. — Para mim, ele diz: — Já volto. Vou buscar as chaves.

Quando Peter sai, digo:

— Me desculpe por aparecer assim no dia de Ano-Novo. Espero não ter interrompido nada.

— Você é bem-vinda quando quiser. — Ela se inclina para a frente e apoia a mão no meu joelho. Com um olhar significativo, diz: — Só cuide bem do coração dele. É tudo que peço.

Meu estômago se revira. Peter contou o que aconteceu entre nós?

A sra. Kavinsky dá um tapinha no meu joelho e se levanta.

— Boa noite, Lara Jean.

— Boa noite — respondendo.

Apesar do sorriso gentil, sinto como se estivesse em maus lençóis. Havia um tom de reprovação na voz dela, tenho certeza. *Não machuque meu filho* foi o que ela quis dizer. Peter ficou muito chateado pelo que aconteceu entre nós? Ele não deixou transparecer. Pareceu irritado, talvez um pouco magoado. Mas não o bastante para falar com a mãe. Mas talvez ele e a mãe fossem muito próximos. Odeio pensar que talvez eu já possa ter causado uma má impressão antes mesmo de eu e Peter começarmos a namorar de verdade.

* * *

Está escuro lá fora, quase sem estrelas no céu. Acho que talvez neve de novo em breve. Na minha casa, todas as luzes do térreo estão acesas, e a luz do quarto de Margot no andar de cima também. Do outro lado da rua, vejo a pequena árvore de Natal da sra. Rothschild pela janela.

Peter e eu estamos aquecidos e aconchegados no carro dele. O ar quente sai pelas saídas de ventilação.

— Você contou para sua mãe que terminamos? — pergunto.

— Não. Porque nós não terminamos — diz ele, diminuindo o aquecimento.

— Não?

Ele ri.

— Não, porque nunca ficamos juntos de verdade, lembra?

Estamos juntos agora? É o que estou pensando, mas não pergunto, porque ele passa o braço por cima dos meus ombros e inclina minha cabeça na direção do rosto dele, e fico nervosa de novo.

— Não precisa ficar nervosa — diz ele.

Dou um beijo rápido em Peter, para provar que não estou.

— Me beije como se tivesse sentido minha falta — pede ele, com a voz rouca.

— Eu senti — retruco. — Minha carta dizia isso.

— É, mas...

Eu o beijo antes que ele possa terminar. Um beijo de verdade. Intenso. Ele também me beija com vontade. Como se quatrocentos anos tivessem se passado. De repente, não estou pensando em mais nada, só no beijo.

DEPOIS QUE PETER me deixa em casa, entro correndo para contar o que aconteceu a Margot e Kitty, e sinto como se fosse explodir. Mal posso esperar para falar tudo.

Kitty estava deitada no sofá, vendo tevê com Jamie Fox-Pickle no colo, e se senta quando entro na sala. Com a voz baixa, ela diz:

— Gogo está chorando.

Meu entusiasmo evapora na mesma hora.

— O quê? Por quê?

— Acho que ela foi até a casa do Josh para conversarem, e não foi bom. Você devia ir falar com ela.

Ah, não. Não era para ser assim. Eles tinham que voltar, como Peter e eu.

Kitty se acomoda de novo no sofá com o controle remoto na mão, seu dever de irmã cumprido.

— Como foi com Peter?

— Foi ótimo — digo. — Ótimo mesmo.

O sorriso surge no meu rosto sem que eu pretendesse, e paro de sorrir rapidamente, por respeito a Margot.

Vou até a cozinha e faço uma xícara de chá Night-Night para ela. Adiciono duas colheres de chá de mel, como mamãe fazia para nós na hora de dormir. Por um segundo, considero colocar um pouquinho de uísque, porque vi em um seriado vitoriano na tevê; as empregadas colocavam uísque na bebida quente da senhora da mansão para acalmá-la. Sei que Margot bebe na faculdade, mas ela já está de ressaca, e duvido que papai fosse gostar da ideia. Então coloco o chá sem uísque na minha caneca favorita, e mando Kitty levar a bebida até o quarto da Margot. Digo a ela para ser gentil. Digo que deve primeiro dar o chá para Margot e depois se aconchegar com ela por pelo menos cinco minutos. Mas Kitty reclama, porque só se aconchega se ganhar alguma coisa com isso, e também porque sei que ver Margot chateada a assusta.

— Vou levar Jamie para ela se aconchegar — diz Kitty.

Egoísta!

Quando vou para o quarto de Margot com um pão de canela, Kitty não está por perto, nem Jamie. Margot está encolhida na cama, chorando.

— Acabou mesmo, Lara Jean — sussurra ela. — Já acabou faz tempo, mas agora sei que é para sempre. A-achei que, se eu quisesse voltar, ele também iria querer, mas Josh n-não quer.

Eu me deito na cama e encosto a testa nas costas dela. Consigo sentir cada respiração. Ela chora no travesseiro, e massageio os ombros de Margot do jeito que ela gosta. O importante a saber sobre Margot é que ela não chora nunca, e vê-la chorar tira meu mundo e nossa casa dos eixos. Tudo parece torto.

— Ele disse que relacionamento a distância é muito difícil, que eu estava certa de terminar antes de ir. Senti tanta saudade dele, e parece que ele não sentiu nem um pouco a minha falta.

Eu mordo o lábio, me sentindo culpada. Fui eu que a encorajei a falar com Josh. Isso é em parte minha culpa.

— Margot, ele sentiu sua falta. Sentiu mesmo. Eu olhava pela janela durante a aula de francês e via ele lá fora, nas arquibancadas, almoçando sozinho. Era deprimente.

Ela funga.

— É verdade?

— É.

Não entendo qual é o problema do Josh. Ele agiu como se a amasse tanto; praticamente entrou em depressão depois que ela foi embora. Agora, isso?

Margot suspira.

— Eu acho... eu acho que ainda amo o Josh.

— Ama?

Amar. Margot disse que “ama” Josh. Acho que nunca a ouvi dizer que amava Josh. Talvez que estivesse apaixonada, mas não que o amava.

Margot seca os olhos com o lençol.

— Eu terminei com ele para não ser aquela garota que fica chorando por causa do namorado, mas agora é exatamente isso que eu estou fazendo. É patético.

— Você é a pessoa menos patética que eu conheço, Gogo — digo para ela.

Margot para de fungar e se vira, para ficarmos cara a cara. Ela franze a testa para mim.

— Eu não disse que *eu* era patética. Disse que chorar por um garoto é.

— Ah — digo. — Bem, ainda não acho patético chorar por alguém. Só quer dizer que você gosta muito dessa pessoa e está triste.

— Ando chorando tanto que sinto como se meus olhos parecessem... uvas-passas. Parecem?

Margot aperta os olhos para mim.

— *Estão inchados* — admito. — Seus olhos não estão acostumados a chorar. Tenho uma ideia!

Eu pulo da cama e corro até a cozinha. Encho com gelo uma tigela de cereal, pego duas colheres de prata e volto correndo.

— Deite-se — instruo, e Margot obedece. — Feche bem os olhos.

Coloco uma colher em cima de cada olho.

— Isso funciona mesmo?

— Eu vi em uma revista.

Quando as colheres ficam mornas contra a pele dela, mergulho-as de novo no gelo e coloco nos olhos de Margot, repetidas vezes. Ela me pede para contar o que aconteceu com Peter, e eu conto, mas deixo os beijos de fora porque me parece de mau gosto, considerando o coração partido dela.

Ela se senta e diz:

— Você não precisa fingir gostar do Peter só para poupar meus sentimentos. — Margot engole em seco, como se estivesse com dor de garganta. — Se alguma parte de você ainda gostar do Josh... se ele gostar de você...

Eu faço uma expressão horrorizada. Abro a boca para negar, para dizer que isso parece que foi uma eternidade atrás, mas ela me silencia com a mão.

— Seria muito difícil, mas eu não quero atrapalhar, sabe? Estou falando sério, Lara Jean. Você pode me contar.

Fico tão aliviada, tão agradecida de ela estar tocando no assunto.

— Ah, meu Deus, eu não gosto do Josh, Gogo — falo rapidamente. — Não desse jeito. Não mesmo. E ele também não gosta de mim. Acho... Acho que nós dois estávamos sentindo a sua falta. É do Peter que eu gosto.

Por baixo do cobertor, encontro a mão de Margot e junto meu dedo mindinho com o dela.

— Promessa de irmã.

Ela engole em seco.

— Então acho que não tem nenhum motivo secreto para ele não querer voltar. Acho que é só porque Josh não quer mais ficar comigo.

— Não, é só porque você está na Escócia e Josh está na Virgínia, e relacionamentos a distância são muito difíceis. Você foi sábia de terminar quando terminou. Sábia, corajosa e certa.

A dúvida surge no rosto dela como sombras escuras, mas ela balança a cabeça e sua expressão se suaviza.

— Chega de falar de mim e Josh. Somos notícia velha. Me conte mais sobre Peter. Por favor. Isso vai fazer eu me sentir melhor.

Ela volta a se deitar e coloca as colheres sobre os olhos.

— Bem, a princípio ele foi frio comigo, muito blasé...

— Não, comece do começo.

Eu volto mais um pouco: conto para ela sobre nosso relacionamento de mentirinha, sobre o ofurô, tudo. Ela fica tirando as colheres para poder me olhar enquanto eu conto. Mas em pouco tempo os olhos dela parecem menos inchados. E eu me sinto mais leve, até eufórica.

Escondi essas coisas dela durante meses, mas agora ela sabe tudo que aconteceu desde que foi embora, e me sinto próxima dela de novo. Não dá para ser próxima de alguém de verdade enquanto existirem segredos entre os dois.

Margot pigarreia. Então hesita.

— E como foi o beijo?

Fico vermelha. Bato os dedos nos lábios antes de falar:

— Foi como... como se esse pudesse ser o trabalho dele.

Margot ri e tira as colheres dos olhos.

— Tipo um michê?

Pego uma das colheres e bato na testa dela como se fosse um gongo.

— Ai!

Ela tenta pegar a outra colher, mas sou rápida e fico com as duas. Estamos rindo como loucas enquanto eu tento bater de novo na testa dela.

— Margot... doeu quando você fez sexo?

Tomo o cuidado de não tocar no nome de Josh. É estranho, porque Margot e eu nunca falamos sobre sexo a sério, já que nenhuma de nós tinha experiência. Mas agora ela tem, e eu não, e quero saber o que ela sabe.

— Hum. Nas primeiras vezes, um pouco. — Agora é ela quem está vermelha. — Lara Jean, não consigo falar sobre isso com você. É muito estranho. Você não pode perguntar para a Chris?

— Não, quero saber de você. Por favor, Gogo. Você tem que me contar tudo, eu preciso saber. Não quero parecer uma boba quando for minha primeira vez.

— Eu e Josh não transamos centenas de vezes nem nada do tipo! Não sou especialista. E só fiz com ele. Mas, se você está pensando em transar com o Peter, não deixe de se proteger e usar preservativo e tudo o mais. — Assinto rapidamente. É agora que ela vai para a parte boa. — E tenha certeza, o máximo de certeza *que puder*. E deixe claro que ele deve ser gentil e paciente com você, para ser especial, uma coisa que você vai poder relembrar com carinho.

— Entendi. E quanto tempo durou do começo ao fim?

— Não muito. Não se esqueça de que também foi a primeira vez do Josh.

Ela fala com melancolia. Agora, também me sinto melancólica. Peter fez isso tantas vezes com Genevieve que deve ser especialista. É capaz até de eu ter um orgasmo na minha primeira vez. E isso é ótimo, mas talvez fosse bom se os dois não soubessem o que estavam fazendo, em vez de ser só eu.

— Você não se arrepende, não é?

— Não. Acho que não. Acho que sempre vou ficar feliz de ter sido

com Josh. Não importa o que aconteceu depois.

Isso me dá certo alívio, pois mesmo agora, com os olhos vermelhos de tanto chorar, Margot ainda não se arrepende de ter amado Josh.

* * *

Durmo no quarto dela naquela noite, como fazíamos antigamente, encolhida ao lado dela debaixo do edredom. O quarto de Margot é o mais frio da casa porque fica em cima da garagem. Consigo ouvir o aquecedor armar e desarmar.

No escuro, ao meu lado, ela diz:

— Vou sair com um monte de escoceses quando voltar para a faculdade. Quando é que vou ter outra oportunidade dessas?

Dou uma risadinha e rolo na cama, para ficarmos cara a cara.

— Não, já sei. Não saia com um monte de escoceses. Saia com um garoto da Inglaterra, um da Irlanda e um da Escócia. E um do País de Gales! Um tour pelo Império Britânico!

— Bem, *estou* estudando antropologia na faculdade — diz Margot, e rimos mais um pouco. — Sabe o que é mais triste? Josh e eu nunca mais vamos ser amigos como antes. Não depois disso. Aquela parte acabou. Ele era meu melhor amigo.

Finjo ficar magoada para aliviar o clima, para ela não começar a chorar de novo.

— Ei, eu achava que eu era sua melhor amiga!

— Você não é minha melhor amiga. É minha irmã, o que é bem mais importante.

É mais importante mesmo.

— Nosso namoro era tão tranquilo e divertido no início, e agora Josh e eu somos como estranhos. Nunca mais vou ter aquela pessoa de volta, que eu conhecia melhor do que ninguém e que me conhecia tão bem.

Sinto uma pontada no coração. Quando ela fala assim, é tão triste.

— Vocês podem ficar amigos de novo depois de algum tempo.

Mas não seria a mesma coisa, sei disso. Ela sempre lamentaria o que passou. Sempre seria um pouco... menos.

— Mas não vai ser como antes.

— Não — concordo. — Acho que não.

Estranhamente, penso em Genevieve, no que significávamos uma para a outra. A nossa amizade era do tipo que faz sentido quando se é criança, mas não tanto agora, que estamos crescidas. Acho que não dá para a gente se agarrar ao passado só porque não quer soltar.

É o fim de uma era, ao que parece. Não vai ter mais Margot e Josh. Agora é pra valer. É pra valer porque Margot está chorando, e consigo ouvir na voz dela que acabou, e desta vez nós duas sabemos. As coisas

mudaram.

— Não deixe que isso aconteça com você, Lara Jean. Não deixe ficar sério a ponto de as coisas não poderem mais voltar ao que eram. Se apaixone por Peter se quiser, mas tome cuidado com seu coração. As coisas parecem que vão durar para sempre, mas não vão. O amor pode sumir, ou as pessoas, mesmo sem querer. Nada é garantido.

Engulo em seco.

— Eu prometo que vou tomar cuidado.

Mas não sei se entendo o que ela quer dizer. Como posso tomar cuidado se já gosto tanto dele?

MARGOT SAIU PARA comprar botas novas com sua amiga Casey, papai está no trabalho e Kitty e eu estamos de bobeira em casa vendo tevê quando meu celular vibra ao meu lado. É uma mensagem de Peter.

Cinema hoje?

Respondo que sim com um ponto de exclamação. Depois apago o ponto de exclamação, porque me faz parecer ansiosa demais. Mas, sem o ponto de exclamação, o sim parece totalmente desanimado. Decido usar uma carinha sorridente e aperto o botão de enviar antes de começar a ficar obcecada sobre o assunto.

— Para quem você está mandando mensagem? — Kitty está sentada no chão da sala, enfiando colheradas de pudim na boca. Jamie tenta roubar uma lambida, mas ela balança a cabeça e dá uma bronca nele. — Você sabe que não pode comer chocolate!

— Eu estava mandando uma mensagem para Peter. Sabe, isso talvez nem seja chocolate de verdade. Talvez seja só o sabor. Verifique o rótulo.

De todas nós, Kitty é a mais firme com Jamie. Ela não o pega imediatamente quando ele está chorando e pedindo colo, e sempre borrifia água no rosto dele quando se comporta mal. São truques que está aprendendo com nossa vizinha do outro lado da rua, a sra. Rothschild, que é tipo uma encantadora de cães. Ela tinha três, mas se divorciou do marido e ficou com Simone, a golden retriever, e ele ficou com a guarda dos outros dois.

— Você e Peter estão namorando de novo? — pergunta Kitty.

— Hã. Não sei.

Depois do que Margot disse na noite passada sobre ir devagar, tomar cuidado com meu coração e não chegar a um ponto sem volta, talvez seja bom transitar em uma área de incerteza por um tempo. Além disso, é difícil redefinir uma coisa que nunca teve definição clara. Éramos duas pessoas fingindo nos gostar, fingindo ser um casal, então o que somos agora? E como as coisas poderiam ter sido se tivéssemos começado a nos gostar sem o fingimento? Teríamos chegado a namorar? Acho que nunca vou saber.

— O que você quer dizer com não sabe? — insiste Kitty. — Você não deveria saber se é namorada de uma pessoa ou não?

— Ainda não conversamos sobre isso. Não abertamente.

Kitty muda o canal.

— Você deveria resolver isso.

Eu me viro de lado e me apoio no cotovelo.

— Mas mudaria alguma coisa? A gente se gosta. Qual é a diferença entre isso e ter um rótulo? O que mudaria? — Ela não responde. — Kitty?

— Desculpe, você pode repetir tudo no comercial? Estou tentando ver o programa.

Eu jogo um travesseiro na cabeça dela.

— Eu estaria mais bem servida se estivesse discutindo essas coisas com Jamie. — Bato palmas. — Vem cá, Jamie!

Jamie levanta a cabeça para me olhar e volta a se aconchegar perto de Kitty, ainda com esperança de ganhar pudim, tenho certeza.

No carro ontem à noite, Peter não pareceu incomodado pelo status do nosso relacionamento. Parecia feliz e tranquilo, como sempre. Eu me preocupo demais com cada detalhezinho. Seria bom para mim seguir um pouco da filosofia de “deixar rolar” de Peter na minha vida.

— Quer me ajudar a escolher o que usar para ir ao cinema com Peter hoje? — pergunto a Kitty.

— Posso ir também?

— Não! — Kitty começa a fazer beicinho, e eu completo: — Talvez na próxima.

— Tudo bem. Me mostre duas opções e eu digo qual é a melhor.

Corro para o quarto e começo a remexer no armário. Esse vai ser nosso primeiro encontro de verdade, e quero impressioná-lo um pouco. Infelizmente, Peter já me viu com minhas roupas boas, então a única coisa que me resta fazer é ir pegar algo no armário de Margot. Ela tem um vestido creme de mangas compridas que trouxe da Escócia, e posso usá-lo com meia-calça e minhas botinhas marrons. Tem também um suéter lilás de tricô que ando namorando; posso usar com minha saia amarela e um laço amarelo no cabelo, que vou cachear, porque uma vez Peter disse que gostava do meu cabelo cacheado.

— Kitty! — grito. — Venha olhar duas opções!

— No comercial! — grita ela.

Enquanto isso, mando uma mensagem de texto para Margot:

Você me empresta seu suéter de tricô ou seu vestido creme de mangas longas??

Oui.

Kitty vota no suéter de tricô e diz que parece que estou usando roupa de patinação no gelo, e gosto da ideia.

— Você pode usar se formos patinar no gelo — completa. — Você, eu e Peter.

Dou uma gargalhada.

— Fechado.

PETER E EU estamos no cinema, na fila da pipoca. Até essa coisa comum parece a melhor coisa comum que já me aconteceu. Checo o bolso para ter certeza de que estou com o canhoto do ingresso. Vou querer guardar esse.

— Este é meu primeiro encontro — sussurro para Peter.

Me sinto como a garota nerd de um filme que fica com o cara mais descolado da escola, e não me importo nem um pouco. Nem um pouco mesmo.

— Como esse pode ser seu primeiro encontro se já saímos um monte de vezes?

— É meu primeiro encontro *de verdade*. As outras vezes foram fingimento. Agora é pra valer.

Ele franze a testa.

— Ah, espera, é pra valer? Eu não tinha percebido.

Dou um soquinho no ombro dele, que ri, segura minha mão e entrelaça os dedos nos meus. Parece que meu coração está batendo pela mão. É a primeira vez que damos as mãos de verdade, e parece diferente das outras vezes. Como uma corrente elétrica, mas de um jeito bom. Do melhor jeito.

A fila está andando, e percebo que estou nervosa, o que é estranho, porque é o Peter. Mas também é um Peter diferente, e eu sou uma Lara Jean diferente, porque estamos em um encontro, um encontro de verdade. Só para ter assunto, pergunto:

— Quando vai ao cinema, você prefere chocolate ou bala?

— Nenhum dos dois. Sempre quero só pipoca.

— Então estamos ferrados! Você não é nenhum dos dois, e eu sou os dois, ou todas as opções anteriores.

Chegamos ao caixa e começo a procurar a carteira.

Peter ri.

— Você acha que vou deixar uma garota pagar no primeiro encontro dela? — Ele estufa o peito e diz para o caixa: — Queremos uma pipoca média com manteiga, e você pode pôr a manteiga em camadas? E um pacote de jujubas e uma caixa de Milk Duds. E uma Cherry Coke pequena.

— Como você sabia que era isso que eu queria?

— Eu presto muito mais atenção do que você pensa, Covey.

Peter passa o braço por cima dos meus ombros com um sorrisinho satisfeito e esbarra sem querer no meu peito direito.

— Ai!

Ele dá um risinho constrangido.

— Ops. Desculpa. Você está bem?

Dou uma cotovelada nele, e Peter ainda está rindo quando entramos no cinema. É nessa hora que vemos Genevieve e Emily saindo do banheiro feminino. Na última vez que vi Genevieve, ela estava contando para todo mundo do ônibus do passeio que eu e Peter transamos no ofurô. Sinto uma onda de pânico, uma vontade louca de lutar ou fugir.

Peter para por um segundo, e não sei direito o que vai acontecer. Temos que ir até lá dizer oi? Continuamos andando? O braço dele me aperta mais, e consigo sentir sua hesitação. Ele está dividido.

Genevieve resolve o dilema. Ela entra no cinema como se não tivesse nos visto. Na mesma sala para onde estamos indo. Eu não olho para Peter, e ele também não diz nada. Acho que vamos só fingir que ela não está ali. Ele me guia pela mesma porta e escolhe nossas cadeiras, à esquerda, perto dos fundos. Genevieve e Emily estão sentadas no meio. Vejo a cabeça loura dela, as costas do casaco cinza. Eu me obrigo a não olhar. Se Gen se virar, não quero ser pega encarando.

Nós nos sentamos, e estou tirando o casaco e começando a ficar à vontade quando o celular de Peter vibra. Ele o tira do bolso e guarda logo em seguida, e sei que era a Gen, mas sinto que não posso perguntar. A presença dela marcou a noite. Fez duas marcas de mordida de vampiro nela.

As luzes se apagam, e Peter passa o braço por cima dos meus ombros. *Será que ele vai ficar assim o filme todo?*, eu me pergunto. Sinto que estou rígida e tento controlar a respiração. Ele sussurra no meu ouvido:

— Relaxa, Covey.

Estou tentando, mas é impossível relaxar nessas circunstâncias. Peter aperta meu ombro, se inclina e roça o nariz no meu pescoço.

— Você cheira bem — diz ele em voz baixa.

Dou uma risada um pouco alta demais, e o homem sentado à nossa frente se vira e me olha feio. Envergonhada, digo para Peter:

— Desculpe, sinto cócegas.

— Não tem problema — diz ele, e mantém o braço ao meu redor.

Eu dou um sorriso e assinto, mas agora estou me perguntando: será que ele espera que façamos coisas durante o filme? Foi por isso que escolheu cadeiras nos fundos quando ainda havia cadeiras vazias no meio? O pânico cresce dentro de mim. Genevieve está aqui! E outras pessoas também! Eu posso ter ficado de amassos com ele no ofurô, mas não tinha ninguém por perto para ver. Além do mais, eu quero assistir ao filme. Eu me inclino para a frente para tomar um gole de refrigerante, mas é mais para poder me afastar dele sutilmente.

Depois do filme, concordamos silenciosamente em irmos embora logo, para não encontrarmos Genevieve de novo. Nós dois saímos correndo do cinema, como se o diabo estivesse atrás da gente, que é mais ou menos o que está acontecendo, acho. Peter está com fome, mas comeria demais para jantar, então sugiro irmos à lanchonete e dividirmos uma porção de batata frita. Mas Peter diz:

— Acho que devíamos ir a um restaurante de verdade, já que é seu primeiro encontro.

— Eu não sabia que você tinha um lado tão romântico.

Meu tom é de brincadeira, mas estou falando sério.

— Vai se acostumando — diz ele, se gabando. — Sei tratar bem uma garota.

Peter me leva ao Biscuit Soul Food, o restaurante favorito dele. Eu o vejo comer frango frito com mel e Tabasco e me pergunto quantas vezes Genevieve ficou sentada vendo-o fazer a mesma coisa. Nossa cidade não é tão grande. Não tem muitos lugares aonde possamos ir que ele já não tenha levado Genevieve. Quando vou ao banheiro, começo a me perguntar se ele está respondendo à mensagem dela, mas me obrigo a afastar o pensamento na mesma hora. E daí se ele responder? Eles ainda são amigos. Ele pode fazer isso. Não vou deixar Gen estragar minha noite. Quero estar aqui, vivendo o momento, só nós dois em nosso primeiro encontro.

Volto para a mesa, e Peter terminou o frango frito e deixou uma pilha de guardanapos sujos na mesa. Ele tem o hábito de limpar os dedos cada vez que dá uma mordida. Está com mel e um pouco de massa empanada na bochecha, mas não falo nada porque acho engraçado.

— Como foi seu primeiro encontro? — pergunta Peter, se esticando na cadeira. — Conte como se não fosse comigo.

— Gostei daquela hora que você soube o que comprar no cinema.

— Ele assente, me encorajando a continuar. — E... gostei do filme.

— É, eu percebi. Você ficou me mandando ficar quieto e apontando para a tela.

— Aquele homem na nossa frente estava ficando com raiva. — Hesito. Não sei se devo dizer o que quero dizer, o que fiquei pensando a noite toda. — Não sei... Sou só eu, ou...?

Ele se inclina para mais perto.

— O quê?

Eu respiro fundo.

— É... meio estranho? Primeiro, a gente fingia, depois, não, depois, brigamos, e agora estamos aqui e você está comendo frango frito. Parece que fizemos tudo na ordem errada, e é bom, mas... parece

meio de cabeça pra baixo.

Além disso, você ficou tentando me apalpar durante o filme?

— Acho que é mesmo meio estranho — admite ele.

Tomo um gole de chá gelado e fico aliviada por ele não me achar estranha por tocar no assunto da esquisitice.

Ele sorri para mim.

— Talvez a gente precise de um novo contrato.

Não consigo saber se ele está brincando ou falando sério, então deixo rolar.

— O que haveria no contrato?

— Deixa eu pensar... Acho que eu teria que ligar pra você todas as noites antes de ir dormir. Você aceitaria ir a todos os meus jogos de lacrosse. A alguns treinos também. Eu teria que ir à sua casa jantar. Você teria que ir a festas comigo.

Faço uma careta para a parte das festas.

— Vamos só fazer as coisas que queremos. Como antes. — De repente, ouço a voz de Margot na minha cabeça. — Vamos... vamos nos divertir.

Ele assente, e agora é Peter que parece aliviado.

— Isso!

Gosto de ele não levar as coisas a sério demais. Em outras pessoas, isso poderia ser irritante, mas não nele. É uma das melhores qualidades de Peter, se quer saber. Isso é o rosto dele. Eu poderia passar o dia inteiro olhando para o rosto dele. Tomo um gole de chá pelo canudo e olho para ele. Um contrato poderia ser bom para nós. Poderia nos ajudar a resolver problemas e nos manter responsáveis. Acho que Margot sentiria orgulho de mim por isso.

Tiro um caderninho e uma caneta da bolsa. Escrevo *Novo contrato de Lara Jean e Peter* no topo da página.

Na primeira linha, eu escrevo: *Peter vai ser pontual.*

Peter estica o pescoço para ler de cabeça para baixo.

— Espere, aí está escrito “Peter vai ser pontual”?

— Se você disser que vai estar em um lugar, esteja lá.

Peter faz uma careta.

— Eu deixo de aparecer *uma vez* e você guarda todo esse ressentimento...

— Mas você está sempre atrasado.

— Não é a mesma coisa que não aparecer!

— Se atrasar sempre mostra falta de respeito pela pessoa que está esperando.

— Eu respeito você! Eu respeito você mais do que qualquer outra garota que conheço!

Eu aponto para ele.

— “Garota”? Só “garota”? Que garoto você respeita mais do que a

mim?

Peter inclina a cabeça para trás e grunhe tão alto que mais parece um rugido. Estico a mão por cima da comida, puxo a gola da camisa dele e o beijo antes que possamos brigar de novo. Mas tenho que dizer que é esse tipo de briga, do tipo implicante, não do tipo que magoa, que dá a sensação de que estamos sendo *nós* pela primeira vez esta noite.

O que decidimos é o seguinte:

- Peter não vai se atrasar mais do que cinco minutos.
- Lara Jean não vai obrigar Peter a fazer qualquer tipo de artesanato.
- Peter não precisa ligar para Lara Jean todas as noites antes de ir dormir, mas pode ligar se tiver vontade.
- Lara Jean só vai a festas se tiver vontade.
- Peter vai dar carona para Lara Jean sempre que ela quiser.
- Lara Jean e Peter vão sempre contar a verdade um para o outro.

Tem uma coisa que quero acrescentar ao contrato, mas fico nervosa de tocar nesse assunto agora que as coisas estão indo tão bem.

Peter ainda pode ser amigo de Genevieve, desde que seja sincero com Lara Jean sobre o assunto.

Ou talvez *Peter não vai mentir para Lara Jean sobre Genevieve*. Mas isso é redundante, porque já fizemos a regra sobre sempre falar a verdade um para o outro. Uma regra assim não seria verdadeira. O que quero mesmo dizer é *Peter sempre vai escolher Lara Jean e não Genevieve*. Mas não posso dizer isso. Claro que não. Não sei muita coisa sobre namoros e rapazes, mas sei que insegurança e ciúmes são um balde de gelo.

Então, mordo a língua; não digo o que estou pensando. Só tem uma coisa, uma coisa importante da qual quero ter certeza.

— Peter.

— Que foi?

— Não quero que a gente parta o coração um do outro.

Peter ri e acaricia minha bochecha.

— Você está planejando partir meu coração, Covey?

— Não. E tenho certeza de que você não está planejando partir o meu. Ninguém nunca planeja.

— Então coloque isso no contrato. Peter e Lara Jean prometem não partir o coração um do outro.

Dou um sorriso de alívio e escrevo no papel: *Lara Jean e Peter não vão partir o coração um do outro.*

NA VÉSPERA DO primeiro dia de aula, Kitty e eu ficamos deitadas na minha cama vendo vídeos de bichinhos no meu computador. Nosso cachorro, Jamie Fox-Pickle, está encolhido ao pé da cama, parece uma bolinha. Kitty o enrolou com um antigo cobertor de bebê dela, e só o focinho está aparecendo. Ele está sonhando; dá para saber pelo jeito como treme e se sacode todo de vez em quando. Não consigo dizer se o sonho é bom ou ruim.

— Você acha que devíamos começar a fazer vídeos de Jamie? — pergunta Kitty. — Ele é fofo, não é?

— Ele tem a aparência certa, mas nenhum talento evidente nem nada de peculiar.

Assim que falo a palavra “peculiar”, eu me lembro de Peter. Ele disse uma vez que eu era “bonita de um jeito peculiar”. Eu me pergunto se ele ainda me vê assim. Já ouvi dizer que, quanto mais a gente gosta de alguém, mais acha a pessoa bonita, mesmo que não achasse isso no começo.

— Jamie faz aquela coisa de sair pulando como um cervo bebê — diz Kitty.

— Hum... Eu não chamaria isso de uma “coisa”. Não é o mesmo que pular em caixas de papelão ou tocar piano ou fazer carinha mal-humorada.

— A sra. Rothschild vai me ajudar a treiná-lo. Ela acha que ele tem a personalidade certa para aprender truques.

Kitty clica no vídeo seguinte, um cachorro que uiva quando ouve “Thriller”, do Michael Jackson. Kitty e eu morremos de rir e vemos de novo.

Depois do vídeo de uma mulher cujo gato se enrola no rosto dela como um cachecol, digo:

— Peraí. Você fez o seu dever de casa?

— Eu só tinha que ler um livro.

— E você leu?

— Quase todo — afirma Kitty, se aconchegando mais em mim.

— Você teve o recesso de Natal inteiro para ler, Kitty!

Eu queria muito que Kitty gostasse de ler, como Margot e eu. Ela prefere assistir à tevê. Pauso o vídeo e fecho o computador com um floreio.

— Chega de vídeos de bichinhos para você. Vá terminar o livro.

Começo a empurrá-la da cama, mas Kitty se segura na minha perna.

— Não me renegue, minha irmã querida! — Com orgulho, ela diz:

— Isso é Shakespeare. *Romeu e Julieta*, caso você não tenha lido.

— Não me venha bancar a superior, como se estivesse lendo Shakespeare. Vi você assistindo ao filme outro dia.

— E daí se eu li ou vi no filme? A mensagem é a mesma. — Kitty sobe na cama de novo.

Eu mexo no cabelo dela.

— E qual é a mensagem?

— Não se mate por causa de um garoto.

— Nem de uma garota.

— Nem de uma garota — concorda ela, e abre meu computador. — Mais um vídeo de gatinhos, aí vou ler o livro.

Meu celular vibra. É uma mensagem da Chris.

Veja o instagram do MeninaVeneno AGORA.

MeninaVeneno é uma conta anônima no Instagram que posta fotos e vídeos escandalosos de pessoas se agarrando ou enchendo a cara em festas. Ninguém sabe quem é o dono da conta; as pessoas só enviam as fotos e os vídeos. A foto de uma garota de outra escola viralizou ano passado: ela estava se exibindo para um carro de polícia. Ouvi falar que foi expulsa da escola.

Meu celular vibra de novo.

AGORA!

— Espere aí, Kitty, tenho que ver uma coisa primeiro. — Eu pauso o vídeo. Enquanto digito o endereço, digo: — Se você quer ficar aqui, feche os olhos até eu mandar você abrir.

Kitty obedece.

A postagem mais recente do MeninaVeneno mostra um vídeo de um garoto e uma garota se agarrando em um ofurô. MeninaVeneno é famosa pelos vídeos de ofurôs. Ela usa a tag #amassosmolhados. A imagem está meio pixelada, como se tivesse sido filmada de longe, usando zoom. Clico no play. A garota está sentada no colo do garoto, com as pernas ao redor da cintura dele e os braços ao redor do pescoço. Ela está usando uma camisola vermelha, que se espalha na água. A cabeça dela esconde o rosto dele. Seu cabelo é comprido, e as pontas tocam a água como pincéis de caligrafia em tinta. O garoto acaricia as costas dela como se a garota fosse um violoncelo e ele o estivesse tocando.

Fico tão hipnotizada que não reparo que Kitty também está prestando atenção. Nós duas inclinamos a cabeça, tentando entender o que estamos vendo.

— Você não devia estar vendo isso — digo.

— Eles estão fazendo *aquilo*? — pergunta ela.

— É difícil saber por causa da camisola.

Será?

A garota toca na bochecha dele, e tem alguma coisa no movimento, no jeito como ela o toca como se estivesse lendo em braile. Tem alguma coisa familiar. Minha nuca fica gelada, e sou atingida por um *baque* de percepção, de reconhecimento humilhante.

Aquela garota sou eu. Eu e Peter, no ofurô no passeio da escola.

Ah, meu Deus.

Eu dou um grito.

Margot entra correndo, usando uma daquelas máscaras coreanas de beleza com buracos para os olhos, nariz e boca.

— O que foi? *O quê?*

Tento cobrir a tela do computador com a mão, mas ela afasta meu braço e também solta um grito. A máscara cai.

— Ah, meu Deus! É você?

Ah meu Deus ah meu Deus ah meu Deus.

— Não deixe Kitty ver! — exclamo.

Kitty está com os olhos arregalados.

— Lara Jean, eu achava que você era boazinha.

— Eu sou! — grito de volta.

Margot engole em seco.

— Isso... isso parece...

— Eu sei. Não fale.

— Não se preocupe, Lara Jean — tranquiliza Kitty. — Já vi coisa pior na tevê aberta, não foi nem na HBO.

— Kitty, já pro seu quarto! — grita Margot.

Kitty choraminga e se agarra a mim.

Não consigo acreditar no que estou vendo. A legenda diz *A sem graça da Lara Jean transando pra valer com Kavinsky no ofurô. Camisinha funciona debaixo d'água? Acho que vamos descobrir logo, logo.* ;) Os comentários são muitos emojis de olhos arregalados e risadas. Uma garota chamada Veronica Chen escreveu *Que piranha! Ela é oriental??* Eu nem sei quem é Veronica Chen!

— Quem poderia ter feito isso? — choramingo, apertando as mãos nas bochechas. — Não consigo sentir meu rosto. Meu rosto ainda é meu rosto?

— Quem é MeninaVeneno? — dispara Margot.

— Ninguém sabe — respondo, e o rugido nos meus ouvidos é tão alto que mal consigo ouvir minha própria voz. — Todo mundo compartilha as postagens dela. Por acaso estou falando alto demais?

Estou em choque. Agora não consigo sentir as mãos nem os pés. Vou desmaiar. Isso está mesmo acontecendo? O que houve com a minha vida?

— Temos que fazer com que isso seja retirado agora. Existe um jeito de denunciar conteúdo impróprio? Temos que denunciar isso!

Margot tira o computador das minhas mãos. Ela clica no link DENUNCIAR. Ao passar os olhos pelos comentários no post, ela bufa.

— As pessoas são tão babacas! Talvez a gente precise de um advogado. O vídeo não vai ser removido logo.

— Não! — grito. — Não quero que papai veja!

— Lara Jean, isso é sério. Você não quer que as faculdades joguem seu nome no Google e encontrem esse vídeo! Ou, sei lá, futuros empregadores...

— Gogo! Você não está ajudando!

Eu pego o celular. Peter. Ele vai saber o que fazer. São cinco da tarde, o que quer dizer que ainda está no treino de lacrosse. Não posso nem ligar para ele. Então, mando uma mensagem:

Me ligue AGORA.

Nessa hora, escuto a voz do nosso pai gritando da escada.

— Essas batatas não vão virar purê sozinhas! Quem vem me ajudar?

Ah, meu Deus. Agora tenho que me sentar para jantar e olhar para meu pai, sabendo que esse vídeo existe. Essa não pode ser a minha vida.

Margot e Kitty se entreolham, depois se viram para mim.

— Ninguém diz nada para o papai! — sussurro para elas. — Isso inclui você, Kitty!

Ela me olha com mágoa.

— Sei quando tenho que ficar de bico fechado.

— Desculpa, desculpa — murmuro.

Meu coração está batendo tão rápido que fico com dor de cabeça. Não consigo nem pensar direito.

No jantar, meu estômago está embrulhado e mal consigo comer uma garfada de purê. Por sorte, tenho Margot e Kitty para manterem a conversa fluindo, e não preciso falar. Só fico empurrando a comida no prato de um lado para outro e dou pedaços escondidos para Jamie Fox-Pickle por baixo da mesa. Assim que todos terminam de comer, corro para meu quarto e olho o celular. Nenhuma ligação de Peter ainda. Só mais mensagens de Chris e uma de Haven:

CARAMBA é você??!

Não sei quem é a garota no vídeo. Não me reconheço nele. Não é assim que me vejo. Aquela pessoa não tem nada a ver comigo. Não sou alguém que entra em ofurôs com garotos e se senta no colo deles e os beija apaixonadamente com uma camisola molhada colada ao corpo. Mas fui assim naquela noite. O vídeo só não conta a verdade toda.

Fico dizendo para mim mesma que não estamos transando de

verdade no vídeo. Eu não estou nua. Só *parece* que estou nua. E só consigo pensar que todo mundo da escola viu o vídeo, um vídeo de mim em um dos momentos mais íntimos e românticos da minha vida. E o pior de tudo: alguém filmou. Alguém estava lá. Essa lembrança devia ser só minha e de Peter, mas agora descubro que havia um voyeur qualquer lá com a gente. Não é mais só nossa. Virou algo vulgar. É o que parece, pelo menos. Na hora, eu me senti livre, aventureira e talvez até sexy. Não sei se já me senti sexy na vida. Agora, só quero deixar de existir.

Estou deitada na cama olhando para o teto, com o celular ao lado. Margot e Kitty me proibiram de olhar o vídeo. Elas tentaram tirar meu celular, mas falei que preciso dele para quando Peter ligar. Depois, dou uma olhada no vídeo, que agora tem mais de cem comentários, e nenhum deles é bom.

Kitty está brincando com Jamie Fox-Pickle no chão e Margot está escrevendo para a Central de Ajuda do Instagram quando Chris bate na minha janela. Margot destranca para ela, e Chris entra, tremendo e com as bochechas vermelhas.

— Ela está bem?

— Acho que ela está em choque — diz Kitty.

— Eu não estou em estado de choque — retruco.

Mas talvez esteja. Talvez isso seja choque. É uma sensação estranha e surreal, como se eu estivesse dormente, mas também com os sentidos apurados.

— Por que você não pode entrar pela porta da frente como uma pessoa normal? — pergunta Margot.

— Ninguém atendeu. — Chris tira as botas e se senta no chão ao lado de Kitty. Fazendo carinho em Jamie, ela diz: — Tudo bem, primeiro de tudo, não dá nem para ver direito que é você. E, segundo, é tão sensual que você não devia se envergonhar. Tipo, você está linda.

Margot faz um som de nojo.

— Isso é tão nada a ver que eu nem sei o que dizer.

— Só estou sendo sincera! Objetivamente, é uma sacanagem, mas pelo menos Lara Jean está incrível no vídeo.

Eu me enfio debaixo da colcha.

— Achei que nem dava para ver direito que era eu! Eu sabia que não devia ter ido àquele passeio. Odeio ofurôs. Por que eu entraria por vontade própria em um ofurô?

— Ei, fique feliz porque você estava de pijama — diz Chris. — Você podia estar nua!

Tiro a cabeça de debaixo da colcha e olho para ela com raiva.

— Eu jamais ficaria nua!

Chris ri com deboche.

— Você sabia que isso existe de verdade? Tem gente que usa roupas o tempo todo, sem exceção, até mesmo no banho. Tipo, de short jeans e tal.

Eu me viro de lado, de costas para Chris.

O colchão balança quando Margot sobe na cama.

— Vai ficar tudo bem — diz ela, puxando a colcha. — Vamos fazer com que tirem o vídeo.

— Não vai fazer diferença — resmungo. — Todo mundo já viu. Todo mundo me acha uma piranha.

Chris semicerra os olhos.

— Você está dizendo que, se uma garota transar em um ofurô, isso faz dela uma piranha?

— Não! Não é o que estou dizendo; é o que as pessoas estão dizendo.

— Então o que *you* está dizendo? — pergunta ela.

Eu olho para Kitty, que está fazendo trancinhas no cabelo de Chris. Ela está bem quieta, para esquecermos que está ali e não a expulsarmos.

— Acho que, desde que a menina esteja pronta e seja o que ela quer fazer e ela esteja se protegendo, não tem problema. Ela pode fazer o que quiser.

— A sociedade está sempre pronta para envergonhar a mulher por gostar de sexo e aplaudir o homem — afirma Margot. — Todos os comentários são sobre Lara Jean ser piranha, mas ninguém está dizendo nada sobre Peter, e ele está bem ali com ela. É ridículo como são dois pesos e duas medidas.

Eu não tinha pensado nisso.

Chris olha para o celular.

— Nossa, três pessoas diferentes me mandaram o vídeo desde que cheguei aqui.

Solto um grunhido, e Margot diz:

— Chris, isso não ajuda. Nem um pouco. — Para mim, ela fala: — Se as pessoas disserem alguma coisa, aja com indiferença, como se isso estivesse abaixo de você.

— Ou dê a cara à tapa — sugere Chris.

Atrás dela, Kitty diz:

— Ninguém vai dizer nada para Lara Jean porque ela é a namorada do Peter. Isso quer dizer que ela está sob a proteção dele, como em *A Família Soprano*.

Margot fica chocada.

— Ah, meu Deus, você viu *A Família Soprano*? Como você viu *A Família Soprano*? Nem passa mais na tevê.

— Eu vi on-line. Estou na terceira temporada.

— Kitty! Pare de ver! — Ela fecha os olhos e balança a cabeça. —

Deixa pra lá. Isso não importa agora. Vamos conversar sobre isso depois. Kitty, Lara Jean não precisa de um garoto para protegê-la.

— Não, Kitty tem razão — diz Chris. — Não é pelo fato de Peter ser garoto. Bem, não é só isso. É pelo fato de ele ser popular e ela não. É aí que a proteção entra na jogada. Sem querer ofender, LJ.

— Tudo bem — digo.

É um pouco insultante, mas também é verdade, e agora não é a hora de eu ficar magoada com uma coisa tão minúscula em comparação a um vídeo que nem sexo tem.

— O que Kavinsky disse sobre isso? — pergunta Chris.

— Nada ainda. Ele está no treino de lacrosse.

Meu celular começa a vibrar na mesma hora, e nós três nos entreolhamos, com os olhos arregalados. Margot pega o aparelho e olha.

— É o Peter! — Ela joga o celular para mim. — Vamos dar privacidade para eles — diz, puxando Chris, que se solta dela.

Eu ignoro as duas e atendo.

— Alô. — Minha voz sai fina como palha.

Peter começa a falar rápido.

— Tudo bem, eu vi o vídeo, e a primeira coisa que vou dizer é para você não surtar. — Ele está com a respiração ofegante; parece que está correndo.

— Não surtar? Como posso não surtar? Isso é terrível. Você sabe o que estão dizendo de mim nos comentários? Que sou uma piranha. As pessoas acham que estamos transando naquele vídeo, Peter.

— Nunca leia os comentários, Covey! É a primeira regra...

— Se você disser “do Clube da Luta”, vou desligar o telefone na sua cara.

— Desculpa. Tá, sei que é um saco, mas...

— Não é “um saco”. É um pesadelo. Meu momento mais íntimo está exposto para todo mundo. Estou totalmente humilhada. As coisas que as pessoas estão dizendo...

Minha voz falha. Kitty, Margot e Chris estão olhando para mim com uma expressão triste, o que me deixa ainda mais triste.

— Não chore, Lara Jean. Por favor, não chore. Prometo que vou dar um jeito nisso. Vou descobrir quem é o responsável pela MeninaVeneno e vou tirar o vídeo de lá.

— Como? A gente nem sabe quem ela é! Além do mais, aposto que a escola toda já viu. Os professores também. Eu sei que os professores olham o MeninaVeneno. Eu estava na sala dos professores uma vez e ouvi o sr. Filipe e a sra. Ryan falando como essa página faz nossa escola parecer ruim. E os comitês de admissão das faculdades e nossos futuros empregadores?

Peter ri.

— Futuros empregadores? Covey, já vi coisas bem piores. Caramba, já vi fotos *minhas* piores. Lembra aquela foto minha com a cabeça em uma privada, pelado?

Estremeço.

— Eu nunca vi essa foto. Além do mais, é você, não eu. Eu não faço esse tipo de coisa.

— Confie em mim, está bem? Prometo que vou cuidar de tudo.

Eu assinto, apesar de saber que ele não consegue me ver. Peter é poderoso. Se alguém pode consertar uma coisa dessas, é ele.

— Escute, eu tenho que ir. O treinador vai me dar uma bronca se me vir no celular. Ligo para você hoje à noite, ok? Não vá dormir.

Não quero desligar. Eu queria poder conversar mais.

— Tá — sussurro.

Quando desligo, Margot, Chris e Kitty estão me olhando fixamente.

— E então? — pergunta Chris.

— Ele disse que vai cuidar de tudo.

Com arrogância, Kitty diz:

— Eu falei.

— O que quer dizer com “ele vai cuidar de tudo”? — pergunta Margot. — Ele não mostrou ser lá muito responsável.

— Não é culpa dele — Kitty e eu dizemos ao mesmo tempo.

— Ah, sei exatamente quem é responsável por isso — proclama Chris. — Minha prima demoníaca.

Isso me deixa sem fôlego.

— O quê? Por quê?

Ela me lança um olhar incrédulo.

— Porque você roubou o namorado dela!

— Foi Genevieve quem traiu Peter. Foi por isso que eles terminaram. Não foi por minha causa!

— Como se isso tivesse alguma importância! — Chris balança a cabeça. — Para com isso, Lara Jean. Não se lembra do que ela fez com Jamila Singh? Que falou para todo mundo que a família dela tinha um escravo indonésio só porque ela teve a coragem de sair com Peter depois que eles terminaram? Só estou dizendo que eu não descartaria a possibilidade de ela ter feito algo tão cretino.

Na viagem para a estação de esqui, Genevieve disse que sabia sobre o beijo, o que significava que Peter contou a ela em algum momento, apesar de eu duvidar que ele tenha contado que foi ele quem me beijou, e não o contrário! Apesar disso, não consigo acreditar que ela poderia fazer uma coisa tão cruel comigo. Jamila Singh e Genevieve nunca se gostaram. Mas Gen e eu já fomos melhores amigas. Claro, nós não nos falamos muito nos últimos anos, mas Gen sempre foi leal às amigas.

Talvez tenha sido um dos caras que estavam na sala de recreação,

ou talvez... Sei lá. Pode ter sido qualquer um!

— Eu nunca confiei nela — diz Margot. Então, se vira para Chris.

— Sem querer ofender. Sei que ela é sua prima.

Chris ri com deboche.

— Por que eu ficaria ofendida? Eu não suporto Genevieve.

— Tenho certeza de que foi ela que arranhou a lateral do carro da vovó com a bicicleta — comenta Margot. — Lembra, Lara Jean?

Na verdade, foi a Chris, mas não digo nada. Chris começa a roer as unhas e a me encarar em pânico, então digo:

— Acho que não foi Genevieve que postou o vídeo. Pode ter sido qualquer pessoa que por acaso nos viu naquela noite.

Margot passa os braços pelos meus ombros.

— Não se preocupe, Lara Jean. Vamos fazer com que apaguem o vídeo. Você é menor de idade.

— Coloque de novo — digo.

Kitty prepara o vídeo e aperta o play. Tenho a mesma sensação de embrulho no estômago toda vez que vejo. Fecho os olhos para não ter que ver. Graças a Deus só dá para ouvir os sons do bosque e a água do ofurô borbulhando.

— É... é tão ruim quanto acho que é? Parece mesmo que estamos transando? Sejam sinceras.

Eu abro os olhos.

Margot está olhando para o vídeo com a cabeça inclinada.

— Não parece, não. Parece só...

— Uns amassos quentes — oferece Chris.

— Isso — concorda Margot. — Uns amassos quentes.

— Vocês juram?

Ao mesmo tempo, elas respondem:

— Juramos.

— Kitty?

Ela morde o lábio.

— Para mim, parece sexo, mas sou a única aqui além de você que nunca fez, então como é que eu vou saber?

Margot arqueja.

— Desculpa, Gogo. Eu li seu diário — revela Kitty.

Margot tenta dar um tapa nela, e Kitty engatinha para longe como um caranguejo.

Eu respiro fundo.

— Tudo bem. Posso viver com isso. Quem liga para uns amassos quentes, não é mesmo? Faz parte da vida, não é? E mal dá para ver meu rosto. Tem que me conhecer pra saber que sou eu. Meu nome completo não está em nenhum lugar aí, só Lara Jean. Deve haver um monte de Laras Jeans, não é? Não é?

Margot assente, impressionada.

— Nunca vi uma pessoa passar tão rápido pelos cinco estágios da dor. Você tem mesmo um poder de reação incrível.

— Obrigada — digo, com certo orgulho.

Mas, no escuro, quando minhas irmãs e Chris saíram e Peter e eu nos despedimos e ele me garantiu pela milionésima vez que tudo vai ficar bem, olho o Instagram e leio todos os comentários. E morro de vergonha.

Perguntei a Peter quem ele achava que tinha feito aquilo; ele disse que não sabia. Devia ter sido algum cara patético com tesão, falou. Não pergunto o que está na minha cabeça, algo que ainda está me incomodando. Será que foi Genevieve? Ela podia mesmo me odiar a ponto de querer me magoar desse jeito?

Eu me lembro do dia que trocamos pulseiras da amizade.

“Isso prova que somos melhores amigas”, disse ela para mim. “Somos mais íntimas uma da outra do que de qualquer outra pessoa.”

“E a Allie?”, perguntei.

Sempre fomos um trio, apesar de Genevieve passar mais tempo na minha casa, até porque a mãe de Allie era rigorosa sobre os meninos irem até lá e sobre entrar na internet.

“Allie é legal, mas eu gosto mais de você”, revelou ela, e me senti culpada, mas também honrada. Genevieve gostava mais de mim. Éramos íntimas, mais íntimas uma da outra do que de qualquer outra pessoa. As pulseiras eram a prova. Como me vendi barato na época, por apenas uma pulseira feita de barbante.

NA MANHÃ SEGUINTE, eu escolho com cuidado o que vestir para a escola. Chris disse que eu devia dar a cara à tapa, o que significaria escolher uma roupa chamativa. Margot acha que eu devia agir com indiferença, o que quer dizer alguma coisa madura, como uma saia-lápis ou talvez meu blazer de veludo verde. Mas meu instinto é me misturar, me misturar, me misturar. Um suéter grande que parece um cobertor. Calça leggings, as botas marrons de Margot. Se eu pudesse, colocaria um boné, mas a escola proíbe qualquer tipo de chapéu.

Preparo uma tigela de cereal com banana fatiada em cima, mas só consigo me forçar a comer algumas colheradas. Estou nervosa demais. Margot repara e coloca uma barrinha de cereal na minha mochila, para mais tarde. Tenho sorte de ela ainda estar em casa para cuidar tão bem de mim. Ela volta para a Escócia amanhã.

Papai coloca a mão na minha testa.

— Você está doente? Também quase não comeu no jantar ontem.

Eu balanço a cabeça.

— Deve ser só cólica. Estou para ficar menstruada.

Só preciso dizer a palavra mágica “menstruada” e sei que ele não vai insistir no assunto.

— Ah — responde ele, assentindo. — Depois que você botar comida no estômago, tome dois ibuprofenos para garantir.

— Pode deixar.

Sinto-me mal pela mentira, mas é uma mentira pequena, e é para o bem dele. Ele nunca pode saber sobre o vídeo, nunca.

Peter aparece na entrada da nossa casa na hora certa pela primeira vez. Está seguindo mesmo nosso contrato. Margot me acompanha até a porta e diz:

— Mantenha a cabeça erguida, está bem? Você não fez nada de errado.

Assim que entro no carro, Peter se inclina e me beija na boca, o que ainda me surpreende. Sou pega desprevenida e dou uma tossidinha na boca dele.

— Desculpa.

— Tudo bem — diz ele com a tranquilidade de sempre. Então apoia o braço no encosto do meu banco enquanto dá a ré e depois joga o celular para mim. — Olhe o MeninaVeneno.

Abro o Instagram dele e vou para a página da MeninaVeneno. Vejo o que estava postado abaixo do nosso vídeo, a foto de um cara desmaiado com desenhos de pênis por todo o rosto feitos com caneta

permanente. É a postagem mais recente agora. Eu arfo. O vídeo do ofurô sumiu!

— Peter, como você fez isso?

Ele dá seu sorriso presunçoso.

— Enviei uma mensagem para o MeninaVeneno ontem à noite e mandei tirarem aquela porcaria do ar, senão vamos processar. Falei que meu tio é advogado e que nós dois somos menores de idade.

Ele aperta meu joelho.

— Seu tio é mesmo advogado?

— Não. Ele é dono de uma pizzeria em Nova Jersey. — Nós rimos, e a sensação é de um alívio enorme. — Escute, não se preocupe com nada hoje. Se alguém disser alguma coisa, vou quebrar a cara deles.

— Eu só queria saber quem foi. Podia jurar que estávamos sozinhos.

Peter balança a cabeça.

— A gente não fez nada de errado! Quem liga se a gente se beijou no maldito ofurô? Quem liga se a gente transasse nele? — Eu franzo a testa, e ele acrescenta: — Eu sei, eu sei. Você não quer que as pessoas pensem que a gente fez uma coisa que não fez. E nós não fizemos, e foi o que falei para aquela vaca da MeninaVeneno.

— É diferente para as garotas, Peter.

— Eu sei. Não fique com raiva. Vou descobrir quem fez isso.

Ele olha para a frente, tão sério e diferente de como costuma ser; o perfil quase nobre, com tantas boas intenções.

Ah, Peter, por que você tem que ser tão bonito! Se você não fosse tão bonito, eu nunca teria entrado naquele ofurô. É tudo culpa sua. Só que não é. Fui eu que tirei os sapatos e as meias e entrei. Eu também queria. Só agradeço por ele estar levando essa coisa toda a sério, escrevendo e-mails em nosso nome. Sei que esse é o tipo de coisa para a qual Genevieve não ligaria; ela nunca teve problema com demonstrações públicas de afeto, nem com ser o centro das atenções. Mas eu ligo, e ligo muito.

Ele vira a cabeça e olha para mim, observa meus olhos, meu rosto.

— Você não está arrependida, não é, Lara Jean?

Eu balanço a cabeça.

— Não. — Ele sorri para mim de um jeito tão doce que não consigo deixar de retribuir. — Obrigada por fazer com que tirassem o vídeo por mim.

— Por nós — corrige Peter. — Fiz por nós. — Ele entrelaça nossos dedos. — Somos você e eu, garota.

Eu aperto a mão dele. Se segurarmos com força suficiente, vai ficar tudo bem.

Quando andamos de mãos dadas pelo corredor, as garotas cochicham. Os garotos dão risadinhas. Um cara do time de lacrosse vem correndo e tenta dar um tapinha de vitória na mão do Peter, que afasta o braço dele com um grunhido.

Lucas se aproxima de mim quando estou sozinha no armário, trocando os livros.

— Não vou medir as palavras — declara. — Vou perguntar de uma vez. A garota do vídeo é mesmo você?

Eu respiro fundo para me acalmar.

— Sou eu.

Lucas solta um assobio baixo.

— Caramba.

— É.

— Então... vocês dois...

— Não, a gente não transou. Não *estamos* fazendo isso.

— Por que não?

Fico constrangida com a pergunta, apesar de saber que não tenho motivo para isso. É que nunca precisei falar sobre minha vida sexual antes, pois quem pensaria em me perguntar alguma coisa?

— Não estamos porque não estamos. Não tem nenhum motivo grandioso além do fato de eu ainda não estar pronta e não saber se ele está. Ainda nem conversamos sobre o assunto.

— Bom, ele não é virgem nem nada. Disso podemos ter certeza. — Lucas arregala os olhos azuis angelicais para dar ênfase. — Sei que você é inocente, Lara Jean, mas Kavinsky não é. Estou dizendo isso como garoto.

— Não vejo o que isso tem a ver comigo — digo, apesar de eu mesma já ter me perguntado e me preocupado com isso.

Peter e eu tivemos uma conversa sobre isso uma vez, se um cara e uma garota que namoravam havia muito tempo automaticamente estavam fazendo sexo, mas não me lembro se ele disse o que achava a respeito. Eu devia ter prestado mais atenção.

— Olha, não é porque ele e Genevieve faziam como... como coelhos no cio, sei lá... — Lucas dá uma risadinha, e eu dou um beliscão nele. — Não é porque eles transavam que isso quer dizer que nós estamos transando também, nem quer dizer que ele automaticamente quer.

Ou quer?

— Ah, ele quer.

Eu engulo em seco.

— Ah, que pena, que triste, se é esse o caso. Mas sinceramente, acho que não é. — Naquele momento, decido que Peter e eu vamos ser o equivalente dos relacionamentos ao preparo de um cozido. Lento e morno. Vamos nos aquecendo um para o outro com o tempo. Com

confiança, completo: — O que Peter e eu temos é bem diferente do que ele e Genevieve eram. Ou tiveram. Sei lá. A questão é: não dá para comparar os dois relacionamentos, está bem?

Vamos ignorar o fato de eu viver fazendo isso em pensamentos.

* * *

Na aula de francês, ouço Emily Nussbaum cochichar com Genevieve:

— Se ela estiver grávida, você acha que Kavinsky vai pagar pelo aborto?

— De jeito nenhum — responde Genevieve, também cochichando.

— Ele é pão duro demais. Talvez pague metade.

E todo mundo ri.

Meu rosto queima de vergonha. Tenho vontade de gritar: *Nós não transamos! Somos um cozido!* Mas isso só daria mais satisfação a elas, saber que estão me afetando. É o que Margot diria, pelo menos. Então levanto o queixo ainda mais, o máximo que consigo, tão alto que meu pescoço dói.

Talvez tenha mesmo sido Gen. Talvez ela me odeie tanto assim.

A sra. Davenport me aborda no caminho para minha próxima aula. Passa o braço pelos meus ombros e diz:

— Lara Jean, como você está?

Sei que ela não se importa comigo de verdade. Só quer fofocar. Ela é a maior fofoqueira entre os professores, talvez até mesmo entre os alunos. Mas me recuso a ser assunto da sala dos professores.

— Estou ótima — respondo com alegria. Queixo para cima, queixo para cima.

— Eu vi o vídeo — sussurra ela, olhando ao redor para ver se alguém está ouvindo. — De você e Peter no ofurô.

Meu maxilar está trincado com tanta força que meus dentes doem.

— Você deve estar muito chateada com os comentários, e eu não a culpo. — A sra. Davenport precisa mesmo arrumar alguma coisa para fazer da vida se a única coisa que faz nas férias é ficar olhando o Instagram de alunos do ensino médio! — Os adolescentes sabem ser muito cruéis. Acredite em mim, sei por experiência própria. Não sou muito mais velha do que vocês.

— Estou bem mesmo, mas obrigada por perguntar.

Nada para ver aqui, pessoal. Sigam em frente.

A sra. Davenport faz biquinho.

— Bem, se precisar conversar com alguém, saiba que eu estou aqui. Lembre que é sempre uma alternativa. Venha passar um tempo comigo quando quiser; eu escrevo um passe para você.

— Obrigada, sra. Davenport.

E saio de debaixo do braço dela.

A sra. Duvall, a orientadora educacional da escola, me para no caminho da aula de inglês.

— Lara Jean — começa, e hesita. — Você é uma garota tão inteligente e talentosa. Não é do tipo que se envolve nesse tipo de coisa. Eu odiaria ver você seguir por um caminho errado.

Sinto lágrimas começando a surgir, abrindo caminho para a superfície. Eu respeito a sra. Duvall. Quero que ela pense bem de mim. Só consigo assentir.

Ela levanta meu queixo com carinho. Seu perfume tem cheiro de pétalas de rosa secas. Ela é uma senhora, trabalha na escola desde sempre. A sra. Duvall gosta mesmo dos alunos. Os ex-alunos sempre vão cumprimentá-la quando voltam para a cidade nas férias da faculdade.

— Agora é hora de se organizar e olhar para o futuro com seriedade, sem o drama do ensino médio. Não dê motivo para as faculdades recusarem você, certo?

Mais uma vez, assinto.

— Boa menina — diz ela. — Sei que você é melhor do que isso.

As palavras ecoam nos meus ouvidos. *Melhor do que isso*. Melhor do que o quê? Do que quem?

* * *

No almoço, me escondo no banheiro das meninas para não ter que falar com ninguém. E é claro que Genevieve está lá, de pé na frente do espelho, passando brilho labial. Ela me encara pelo espelho.

— Oi, você. — É assim que ela fala, *oi, você*. Tão arrogante, tão segura.

— Foi você? — Minha voz ecoa nas paredes.

A mão de Genevieve para. Mas ela se recupera e fecha a tampa do brilho labial.

— Fui eu *o quê*?

— Você que mandou aquele vídeo pro MeninaVeneno?

— Não — diz ela, rindo com deboche.

O canto direito de sua boca treme de leve. É nessa hora que sei que Genevieve está mentindo. Já a vi mentir para a mãe muitas vezes e conheço os sinais. Embora eu desconfiasse, talvez até soubesse lá no fundo, a confirmação tira meu fôlego.

— Sei que não somos mais amigas, mas já fomos. Você conhece minhas irmãs, meu pai. Você me conhece. Sabia o quanto isso me magoaria. — Eu aperto as mãos em punho para não chorar. — Como pôde fazer uma coisa dessas?

— Lara Jean, lamento que isso tenha acontecido com você, mas, sinceramente, não fui eu.

Ela faz um movimento de ombros pseudossolidário, e lá está de novo: o canto direito da boca treme.

— Foi você. Eu sei que foi. Quando Peter descobrir...

Ela levanta uma sobrancelha.

— Ele vai fazer o quê? Me bater?

Estou com tanta raiva que minhas mãos começam a tremer.

— Não, porque você é uma garota. Mas ele também não vai te perdoar. Fico feliz de você ter feito isso; vai provar para ele que tipo de pessoa você é de verdade.

— Ele sabe exatamente que tipo de pessoa eu sou. E quer saber? Ele ainda me ama mais do que qualquer coisa que sinta por você. Você vai ver.

Com isso, ela dá meia-volta e sai.

É nessa hora que cai a ficha. Ela está com ciúmes. De mim. Não consegue suportar o fato de Peter estar comigo e não com ela. Bem, ela se ferrou, porque, quando Peter descobrir que foi ela que fez isso com a gente, nunca mais vai olhar para ela do mesmo jeito.

* * *

Depois da última aula, vou correndo para o estacionamento, onde Peter está me esperando no carro, com o aquecimento ligado. Assim que abro a porta do carona, digo:

— Foi Genevieve! — Eu entro no carro. — Foi ela que mandou o vídeo pro MeninaVeneno. Ela admitiu pra mim!

Peter me pergunta em um tom sério:

— Ela disse que fez o vídeo? Disse exatamente essas palavras?

— Bem... não.

Quais foram as palavras exatas dela? Eu saí com a sensação de que ela tinha confessado, mas, agora que estou repassando tudo em pensamento, percebo que ela não chegou a admitir a verdade.

— Ela não admitiu exatamente, mas foi quase. Além disso, ela fez aquela coisa com a boca! — Eu levanto o canto direito da boca. — Está vendo? É o sinal dela de estar mentindo!

Ele ergue uma sobrancelha.

— Fala sério, Covey.

— Peter!

— Tudo bem, tudo bem. Eu vou falar com ela.

Ele liga o carro.

Tenho certeza de que sei a resposta à pergunta que vou fazer, mas tenho que fazê-la mesmo assim.

— Algum professor falou alguma coisa com você sobre o vídeo? Talvez o treinador White?

— Não. Por quê? Alguém disse alguma coisa pra você?

Era disso que Margot estava falando, dois pesos e duas medidas. Os garotos são sempre garotos, mas nós, garotas, devemos ser cuidadosas: com nossos corpos, com nosso futuro, com todas as formas pelas quais as pessoas nos julgam.

— Quando você vai falar com a Genevieve? — disparo.

— Vou até lá hoje à noite.

— Você vai até a casa dela?

— Ah, vou. Tenho que olhar na cara dela pra saber se ela está mentindo ou não. Vou verificar esse “sinal” que deixou você tão empolgada.

* * *

Peter está morrendo de fome, e paramos para comer hambúrguer com milk-shake no caminho. Quando chego em casa, Margot e Kitty estão me esperando.

— Conte tudo — diz Margot, me dando uma xícara de chocolate quente.

Eu confiro se ela colocou marshmallows, e ela colocou.

— Peter resolveu tudo? — Kitty quer saber.

— Resolveu! Ele fez o MeninaVeneno tirar o vídeo. Disse que tem um tio que é um advogado fera, mas na verdade ele é dono de uma pizzeria em Nova Jersey.

Margot sorri ao ouvir isso. Mas logo fica séria.

— O pessoal na escola foi cruel?

— Que nada, não foi tão ruim — digo, de forma casual. Sinto uma pontada de orgulho por conseguir bancar a corajosa na frente das minhas irmãs. — Mas tenho certeza de que sei quem foi.

Ao mesmo tempo, elas perguntam:

— Quem?

— Genevieve, como Chris disse. Eu a confrontei no banheiro e ela negou tudo, mas fez aquela coisa que faz com a boca quando está mentindo. — Eu demonstro para as duas. — Gogo, você se lembra disso?

— Acho que sim! — responde ela, mas consigo ver que não. — O que Peter disse quando você contou que foi Genevieve? Ele acreditou em você, não é?

— Não exatamente — respondo, soprando meu chocolate quente.

— Ele diz que vai falar com ela e chegar ao X da questão.

Margot franze a testa.

— Ele devia apoiar você.

— Mas ele apoiou, Gogo! — Eu seguro a mão dela e entrelaço nossos dedos. — Foi isso o que ele fez. Ele disse: “Somos você e eu, garota.” Foi muito romântico!

Ela ri.

— Você não tem jeito. Não mude nunca.

— Eu queria que você não fosse embora amanhã — digo, suspirando.

Já estou com saudade dela. Margot em casa, fazendo críticas e dando conselhos sábios, me dá segurança. Me dá força.

— Lara Jean, você está tirando isso de letra — retruca ela, e escuto com atenção, procuro qualquer dúvida ou falsidade na voz dela, qualquer dica de que só esteja falando isso para me animar. Mas não encontro. Só confiança.

É O ÚLTIMO jantar de Margot antes de ela voltar para a Escócia. Papai faz costelas coreanas e batatas gratinadas. Até prepara um bolo de limão.

— Anda tão cinzento e frio; acho que um bolo de limão vai trazer um pouco de alegria — comenta ele.

Em seguida, passa o braço ao redor da minha cintura e dá um tapinha na minha barriga, e, apesar de não perguntar, sei que ele sabe que tem alguma coisa bem mais séria do que minha menstruação acontecendo.

Mal tivemos chance de botar o garfo na boca e papai pergunta:

— Esse *galbi jjim* está com o mesmo gosto do da vovó?

— Tipo isso — digo. Papai faz boca de tristeza, e eu acrescento depressa: — Acho que pode estar até melhor.

— Eu amaciei a carne do jeito que ela falou — diz papai. — Mas não está soltando do osso como a dela, sabe? Não se devia nem precisar de faca para comer *galbi jjim* quando é preparado do jeito certo. — Margot está cortando um pedaço com a faca de carne, e para na mesma hora. — A primeira vez que comi *galbi jjim* foi com a mãe de vocês. Ela me levou a um restaurante coreano no nosso primeiro encontro e pediu tudo em coreano e me explicou o que era cada prato. Fiquei tão impressionado com ela naquela noite. Meu único arrependimento foi vocês não ficarem na escola coreana. — Os cantos da boca dele se curvam para baixo por um momento, mas logo ele está sorrindo de novo. — Comam, meninas.

— Papai, a Universidade da Virgínia tem um curso de coreano — digo. — Se eu entrar lá, com certeza vou fazer coreano.

— Sua mãe ficaria feliz — diz papai, e aquela expressão triste volta a aparecer no rosto dele.

Rapidamente, Margot fala:

— O *galbi jjim* está delicioso, papai. Não tem comida coreana boa na Escócia.

— Leve um pouco de alga — sugere ele. — E um pouco daquele chá de *ginseng* que vovó trouxe da Coreia. Você também devia levar a panela elétrica de arroz.

Kitty franze a testa.

— Como é que *a gente* vai fazer arroz?

— Podemos comprar uma nova. — Com um tom sonhador, ele acrescenta: — Eu adoraria fazer uma viagem de férias em família para lá. Não seria ótimo? Sua mãe sempre quis levar vocês para a Coreia.

Vocês ainda têm muitos familiares lá.

— Vovó pode ir com a gente? — pergunta Kitty.

Ela fica dando pedaços de carne escondido para Jamie, que está sentado perto da mesa de jantar, nos observando com olhar esperançoso.

Papai quase engasga com uma batata.

— É uma ótima ideia — ele consegue dizer. — Ela seria uma boa guia.

Margot e eu trocamos um sorrisinho. Vovó deixaria papai louco em uma semana. O que me empolga são as compras.

— Ah, minha nossa, pensem só em todos aqueles papéis de carta — digo. — E as roupas. E os prendedores de cabelo. E BB cream. Eu devia fazer uma lista.

— Papai, você podia fazer aulas de culinária coreana — sugere Margot.

— É! Vamos pensar nisso para o verão. — Ele já está se empolgando, consigo perceber. — E depende dos horários de todo mundo, claro. Margot, você vai passar o verão todo aqui, não é? — Foi o que ela disse na semana anterior.

Ela olha para o prato.

— Não sei. Não tem nada decidido ainda. — Nosso pai faz uma expressão intrigada, e Kitty e eu trocamos um olhar. Isso só pode ter a ver com Josh, e não a culpa. — Talvez eu consiga um estágio no Royal Anthropological Institute em Londres.

— Mas pensei que você tivesse dito que queria voltar a trabalhar em Montpelier — diz papai, com a testa franzida, sem entender.

— Ainda estou decidindo tudo. Como falei, ainda não tenho nada resolvido.

Kitty se intromete.

— Se você fizer o estágio real, vai poder conhecer gente da família real?

Eu reviro os olhos, e Margot olha para ela com gratidão e responde:

— Duvido, gatinha, mas nunca se sabe.

— E Lara Jean? — pergunta Kitty, com inocência e olhos arregalados. — Você não precisa fazer coisas durante o verão por causa da faculdade?

Olho feio para ela.

— Tenho bastante tempo para resolver isso.

Por baixo da mesa, dou um beliscão nela, e ela dá um gritinho.

— Você devia estar procurando um estágio para a primavera — diz Margot. — Estou dizendo, Lara Jean, se você não fizer isso logo, todos os estágios bons vão acabar. Você já mandou e-mail para Noni sobre aulas preparatórias para o vestibular? Veja se ela vai poder dar aulas no verão ou se vai passar o verão em casa.

— Tudo bem, tudo bem. Vou ver.

— Pode ser que eu consiga um emprego para você na lojinha do hospital — oferece papai. — Poderíamos ir para o trabalho juntos, almoçar juntos. Não seria divertido passar o dia todo com seu coroa?

— Papai, você não tem amigos no trabalho? — pergunta Kitty. — Você almoça sozinho?

— Ah, não, não todos os dias. Às vezes eu almoço mesmo sozinho na minha mesa, mas é porque não tenho muito tempo para comer. Mas, se Lara Jean trabalhasse na lojinha, eu arrumaria tempo. — Ele bate com os palitinhos no prato, distraidamente. — Talvez também haja um emprego para ela no McDonald's, mas isso eu teria que ver.

Kitty se anima.

— Ei, se você fosse trabalhar no McDonald's, aposto que poderia comer quantas batatas fritas quisesse.

Franzo a testa. Consigo visualizar meu verão, e não gosto do que vejo.

— Não quero trabalhar no McDonald's. E, sem querer ofender, papai, também não quero trabalhar na lojinha do hospital. — Eu penso rápido. — Andei pensando em fazer alguma coisa mais oficial em Bellevue. Talvez eu pudesse ser a estagiária do diretor de atividades. Ou assistente. Margot, o que você acha mais impressionante?

— Diretora-assistente de atividades — responde Margot.

— Parece mesmo mais profissional — concordo. — Tenho muitas ideias. Talvez eu passe lá esta semana para falar com Janette.

— Como o quê? — pergunta papai.

— Uma aula de scrapbook — respondo, de improviso. — Eles têm tantas fotos e lembranças e coisas que guardaram, acho que seria bom reunir tudo em um livro para que nada se perca. — De repente, me animo. — E aí, poderíamos fazer uma pequena exposição, com todos os scrapbooks espalhados para que as pessoas possam folhear e ver as histórias de vida. Eu poderia fazer bolinhas de queijo, poderiam servir vinho branco...

— É uma ideia *incrível* — diz Margot, assentindo em aprovação.

— Ótima mesmo — diz papai, animado. — Obviamente, nada de vinho branco para você, mas bolinhas de queijo, sem dúvida!

— Ah, papai — dizemos nós todas, porque ele adora quando fazemos isso; quando ele fala alguma coisa brega e todas nós gememos como se estivéssemos exasperadas e dizemos “Ah, papai”.

Quando estamos lavando a louça, Margot me diz que eu deveria seguir a ideia de Bellevue.

— Eles precisam de alguém como você para animar as coisas — diz ela, limpando o forno. — Energia nova, ideias novas. As pessoas acabam ficando exaustas quando trabalham em um lar para idosos.

Janette vai ficar aliviada de ter ajuda.

Eu disse aquilo tudo sobre Bellevue para que as pessoas largassem do meu pé, mas agora estou achando mesmo que devia falar com Janette.

* * *

Quando subo para o quarto, vejo que tenho uma chamada perdida de Peter. Ligo para ele, e consigo ouvir a tevê ao fundo.

— Você falou com ela?

Eu torço, torço, torço para ele acreditar em mim agora.

— Eu falei com ela.

Meu coração dá um salto.

— E? Ela admitiu?

— Não.

— Não. — Eu solto o ar. Tudo bem. Isso era esperado, eu acho. Gen não é do tipo que entrega o jogo. É uma lutadora. — Bem, ela pode dizer o que quiser, mas sei que foi ela.

— Não dá para saber tudo isso só de olhar, Covey.

— Não é só olhar. Eu a conheço. Ela já foi minha melhor amiga. Eu sei como ela pensa.

— Eu a conheço melhor do que você e estou dizendo: acho que não foi ela. Acredite em mim.

Ele a conhece melhor mesmo, claro. Mas, de garota para garota, de ex-melhor amiga para ex-melhor amiga, eu sei que foi ela. Não ligo para quantos anos se passaram. Há coisas que uma garota sabe lá nas entranhas, nos ossos.

— Eu acredito em *você*. Não acredito *nela*. Isso tudo é parte do plano de Genevieve, Peter.

Há um longo silêncio, e escuto minhas palavras ecoando nos meus ouvidos, e elas soam piradas até para mim.

A voz dele está carregada de paciência:

— Ela está estressada com problemas de família; não tem tempo de fazer armações contra você, Covey.

Problemas de família? Seria possível? Sinto uma pontada de culpa quando lembro que Chris mencionou que a avó delas quebrou a bacia e a família estava discutindo se deviam ou não colocá-la em um lar para idosos. Genevieve sempre foi próxima da avó; ela dizia que Gen era sua neta favorita porque era muito parecida com ela, ou seja, deslumbrante.

Ou talvez sejam os pais. Genevieve tinha medo de eles se separarem.

Ou talvez seja tudo mentira. Estou prestes a falar isso, mas Peter interrompe com a voz cansada:

— Minha mãe está me chamando lá embaixo. Podemos falar mais sobre isso amanhã?

— Claro — respondo.

Bem, acho que poderia ser qualquer coisa. Peter tem razão. Eu posso já tê-la conhecido, mas não a conheço mais. É Peter quem a conhece melhor, agora. Além do mais, não é assim que se perde um namorado? Agindo como uma paranoica ciumenta e insegura? Tenho certeza de que não é uma coisa boa para mim.

Depois que desligamos, decido deixar o vídeo de lado de uma vez por todas. O que está feito, está feito. Tenho um namorado, um possível novo emprego (voluntário, tenho certeza, mas não importa) e provas em que pensar. Não posso deixar que isso me desanime. Além do mais, nem dá para ver meu rosto no vídeo.

NA MANHÃ SEGUINTE, antes da aula, estamos colocando as coisas no carro para papai levar Margot para o aeroporto, e fico olhando para a janela do quarto do Josh, imaginando se ele vai descer para se despedir. É o mínimo que podia fazer. Mas as luzes estão apagadas, então ele ainda deve estar dormindo.

A sra. Rothschild sai de casa com a cadela enquanto Margot está se despedindo de Jamie Fox-Pickle. Assim que ele a vê, pula dos braços de Margot e sai correndo atrás dela pela rua. Papai corre atrás dele. Jamie está latindo e pulando em cima da pobre cadela idosa da sra. Rothschild, Simone, que o ignora. Jamie está tão empolgado que faz xixi nas galochas verdes da sra. Rothschild, e papai pede desculpas, mas ela ri.

— É só lavar que sai — ouço-a dizer.

Ela está bonita, o cabelo castanho preso em um rabo de cavalo alto, vestindo calça de ioga e uma jaqueta acolchoada que acho que Genevieve tem igual.

— Anda, pai! — grita Margot. — Preciso estar no aeroporto três horas antes.

— Três é muita coisa — digo. — Duas horas já são suficientes.

Olhamos papai tentar pegar Jamie no colo, que tenta fugir. A sra. Rothschild o pega com um braço e dá um beijo em sua cabeça.

— Para voos internacionais, é preciso chegar no aeroporto três horas antes. Tenho malas para despachar, Lara Jean.

Kitty não fala nada; ela só fica olhando para o outro lado da rua, para o drama canino.

Quando papai volta com Jamie se contorcendo nos braços, diz:

— É melhor irmos logo, antes que Jamie cause mais problemas.

Nós três nos abraçamos com força, e Margot sussurra para mim que devo ser forte, eu assinto, e ela e papai vão para o aeroporto.

Ainda está cedo, mais cedo do que a hora que teríamos acordado em uma manhã de aula, então faço panquecas de banana para mim e para Kitty. Ela ainda está perdida em pensamentos. Tenho que perguntar duas vezes se ela quer uma panqueca ou duas. Faço algumas a mais e enrolo em papel-alumínio para dividir com Peter a caminho da escola. Eu lavo a louça; até mando um e-mail para Janette, de Belleview, falando sobre minha ideia, e ela responde na mesma hora. A substituta de Margot pediu demissão um mês atrás, então o momento é perfeito. Janette me pediu para visitá-la no sábado para conversarmos sobre minhas responsabilidades.

Sinto que finalmente estou cuidando de tudo. Estou no caminho certo. Sou capaz de fazer isso.

Portanto, quando entro na escola naquela manhã fria de janeiro, segurando a mão de Peter, com a barriga cheia de panquecas de banana, um emprego novo e usando o suéter de tricô que Margot deixou em casa, estou me sentindo bem. Ótima, até.

Peter quer passar no laboratório de informática para imprimir um trabalho de inglês, então nossa primeira parada é lá. Ele faz login, e eu dou um gritinho quando vejo o papel de parede.

Alguém fez uma captura de tela do vídeo do ofurô, eu no colo de Peter com a camisola vermelha de flanela, o tecido puxado ao redor das coxas, e no alto está escrito SEXO QUENTE NO OFURÔ. E, embaixo: NÃO É ASSIM QUE SE FAZ.

— Que diabos? — murmura Peter, olhando ao redor no laboratório de informática.

Ninguém ergue o rosto. Ele vai para o computador ao lado: mesma foto, legenda diferente. ELA NÃO SABE QUE ENCOLHE no alto. ELE FICA FELIZ COM O QUE CONSEGUE embaixo.

Viramos um meme.

* * *

Nos dias seguintes, a foto aparece em toda parte. Nos Instagrams de outras pessoas, nos murais de Facebook.

Tem uma com um tubarão dançando inserido no Photoshop. Outra em que nossas cabeças foram substituídas por cabeças de gato.

E uma que diz BIQUÍNI AMISH.

Os amigos do Peter do lacrosse acham tudo hilário, mas juram que não têm nada a ver com isso. Na mesa do almoço, Gabe protesta:

— Eu nem sei usar Photoshop!

Peter enfia metade do sanduíche na boca.

— Tudo bem, então quem é? Jeff Bardugo? Carter?

— Cara, não sei — responde Darrell. — É um meme. Muita gente pode estar fazendo isso.

— Você tem que admitir que a das cabeças de gato foi bem engraçada — diz Gabe. Então se vira para mim. — Foi mal, Laranjinha.

Eu fico quieta. A das cabeças de gato *foi* meio engraçada. Mas, no todo, não é. A princípio, Peter tentou levar na brincadeira, mas agora já estamos passando por isso há alguns dias, e consigo perceber que começou a incomodá-lo. Ele não está acostumado a ser alvo de piadas. Acho que também não estou, mas só porque não estou acostumada a pessoas prestando atenção em mim. Mas, desde que comecei a namorar Peter, elas estão prestando atenção, e eu queria que não

estivessem.

NAQUELA TARDE, TEMOS uma reunião do segundo ano no auditório. A representante de turma, Reena Patel, está no palco fazendo uma apresentação de PowerPoint sobre nossa verba, ou seja, quanto dinheiro arrecadamos para o baile de formatura e as propostas para a viagem da turma no último ano. Estou encolhida na cadeira, aliviada pela folga, já que as pessoas não estão me olhando, sussurrando ou fazendo julgamentos.

Ela clica no último slide, e é nessa hora que acontece. “Me So Horny” começa a tocar nos alto-falantes, e meu vídeo, meu e de Peter, aparece na tela do projetor. Alguém pegou o vídeo no Instagram da MeninaVeneno e colocou a própria trilha sonora. Também editou, então eu quico no colo de Peter três vezes mais rápido do que a batida.

Ah, não, não, não, não. Por favor, não.

Tudo acontece ao mesmo tempo. Todos gritam, riem, apontam e falam “Uau!”. O sr. Vasquez avança para tirar o projetor da tomada, e Peter corre para o palco e pega o microfone da mão de uma Reena estupefata.

— Quem fez isso é um merda. E não que seja da conta de ninguém, mas Lara Jean e eu não transamos no ofurô.

Meus ouvidos estão zunindo, e as pessoas se viram nas cadeiras para olhar para mim e depois voltam a olhar para Peter.

— Nós só nos beijamos, então vão todos pro inferno!

O sr. Vasquez, orientador do segundo ano, está tentando tirar o microfone da mão de Peter, mas ele consegue mantê-lo. Ele levanta o microfone e grita:

— Vou encontrar quem fez isso e dar uma surra!

Na confusão, ele deixa o microfone cair. As pessoas estão gritando em apoio e rindo. Enquanto é arrastado para fora do palco, Peter olha freneticamente para a plateia. Ele está me procurando.

A assembleia termina nessa hora, e todo mundo começa a se dirigir para as portas, mas fico encolhida na cadeira. Chris se aproxima e me encontra, com o rosto iluminado.

— Caramba, isso foi irado! Ele até mandou as pessoas pro inferno!

Ainda estou em estado de choque, acho. Um vídeo meu e de Peter dando uns amassos acabou de aparecer na tela do projetor, e todo mundo viu. Inclusive o sr. Vasquez e o sr. Glebe, de setenta anos, que nem sabe o que é o Instagram. O único beijo apaixonado da minha vida, e todo mundo viu.

Chris me balança pelos ombros.

— Lara Jean! Você está bem?

Eu assinto sem falar nada, e ela me solta.

— Ele vai dar uma surra em quem fez isso? Eu adoraria ver! — Ela ri com deboche e joga a cabeça para trás como um pônei selvagem. — Tipo, o garoto é um idiota se pensa que não foi Gen quem postou aquele vídeo. O cara tem que estar cego mesmo, sabe como é? — Chris para e examina meu rosto. — Você tem certeza de que está bem?

— Todo mundo viu.

— É, isso foi uma merda. Foi a Gen com certeza. Ela deve ter mandado um dos puxa-sacos dela mexer no PowerPoint. — Chris balança a cabeça com nojo. — Ela é uma vaca. Mas estou feliz por Peter ter esclarecido as coisas. Odeio dar crédito a ele, mas foi um ato de cavalheirismo. Nenhum cara nunca esclareceu nada por mim.

Sei que Chris está pensando naquele garoto que contou para todo mundo que ela transou com ele no vestiário quando estava no primeiro ano. E estou pensando na sra. Duvall, no que ela me disse antes. Ela provavelmente classificaria Chris junto com as garotas festeiras, as que ficam com vários garotos, as que não são “melhores do que isso”. Ela estaria errada. Somos todas iguais.

* * *

As aulas terminam, e estou saindo da sala quando meu celular vibra na mochila. É Peter.

Estou em liberdade condicional. Me encontre no meu carro!

Corro para o estacionamento, onde Peter já está me esperando no carro com o aquecimento ligado. Sorrindo para mim, ele diz:

— Você não vai beijar seu homem? Acabei de sair da prisão.

— Peter! Isso não é engraçado. Você foi suspenso?

Ele dá um sorrisinho.

— Não. Usei toda a minha lábia para escapar. O diretor Lochlan me ama. Mas eu poderia ter sido suspenso, sim. Se fosse qualquer outra pessoa...

Ah, Peter.

— Não comece a se gabar agora.

— Quando saí da sala de Lochlan, havia um grupo de garotas do primeiro ano me esperando. Elas ficavam dizendo “Kavinsky, você é tão romântico”. — Ele ri, e lança um olhar irritado para ele, que me puxa para perto. — Ei, elas sabem que tenho dona. Só tem uma garota que quero ver de biquíni amish.

Dou uma gargalhada; não consigo evitar. Peter adora atenção, e eu odeio ser mais uma das garotas que dão atenção a ele, mas às vezes é muito difícil resistir. Além do mais, foi *mesmo* meio romântico.

Ele beija minha bochecha e esfrega o nariz no meu rosto.

— Não falei que cuidaria de tudo, Covey?

— Falou — admito, ajeitando o cabelo dele.

— Então, eu fiz um bom trabalho?

— Fez.

Isso basta para deixá-lo feliz, eu dizer que ele fez um bom trabalho. Ele fica sorrindo durante todo o caminho para casa. Mas ainda estou pensando no que aconteceu.

Escapo da festa do lacrosse à qual prometi ir com Peter esta noite. Digo que é porque tenho que me preparar para a reunião com Janette amanhã, mas nós dois sabemos que é bem mais do que isso. Ele poderia reclamar, dizer que prometemos sempre dizer a verdade um para o outro, mas não faz isso. Ele me conhece bem o bastante para saber que só preciso me enfiar na minha toca de hobbit por um tempo e, quando estiver pronta, vou sair de novo e tudo vai ficar bem.

Naquela noite, faço biscoitos de chai e açúcar com cobertura de canela e gemada; são como um abraço na boca. Cozinhar me acalma, me estabiliza. É o que faço quando não quero pensar em nada difícil. É uma atividade que exige bem pouco da pessoa: é só seguir as instruções e, no final, você criou uma coisa. De ingredientes a uma sobremesa de verdade. É como magia. Puf, algo delicioso.

Depois da meia-noite, já coloquei os biscoitos para esfriar, vesti o pijama de gatinhos e estou subindo na cama para ler um pouco quando ouço uma batida na janela. Acho que é Chris, e vou até a janela ver se ela está trancada, mas não é; é Peter! Eu abro a janela.

— Ah, meu Deus, Peter! O que você está fazendo aqui! — sussurro, com o coração disparado. — Meu pai está em casa!

Peter passa pela janela. Está usando um gorro azul-marinho e uma camiseta grossa sob o colete acolchoado. Ele tira o gorro, sorri e diz:

— Shhh. Você vai acordá-lo.

Corro até a porta e a tranco.

— Peter! Você não pode ficar aqui!

Estou dividida entre o pânico e a empolgação. Não sei se um garoto já entrou no meu quarto depois de Josh, e isso foi séculos atrás.

Ele já está tirando os sapatos.

— Só quero ficar uns minutinhos.

Eu cruzo os braços, porque estou sem sutiã.

— Se você só quer ficar uns minutinhos, por que está tirando os sapatos?

Ele ignora a pergunta. Senta-se na minha cama e diz:

— Ei, por que você não está usando o biquíni amish? É tão sexy.

Avanço para dar um tapa na cabeça dele, e Peter segura minha cintura e me puxa para perto. Afunda a cabeça na minha barriga como um menininho.

— Me desculpe por isso tudo estar acontecendo por minha causa — diz ele com a voz abafada.

Toco no alto de sua cabeça; meus dedos percorrem seu cabelo macio e sedoso.

— Tudo bem, Peter. Sei que não é culpa sua. — Olho para o meu despertador. — Você pode ficar quinze minutos, depois tem que ir.

Peter assente e me solta. Eu me sento na cama ao lado dele e apoio a cabeça em seu ombro. Espero que os minutos passem devagar.

— Como foi a festa?

— Chata sem você.

— Mentiroso.

Ele dá uma gargalhada.

— O que você assou hoje?

— Como você sabe que eu assei alguma coisa?

Peter aspira o ar ao meu redor.

— Você está com cheiro de açúcar e manteiga.

— Biscoitos de chai e açúcar com cobertura de gemada.

— Posso levar uns?

Eu assinto, e nos recostamos na parede. Ele passa o braço ao meu redor, aconchegante e seguro.

— Faltam doze minutos — digo contra o ombro dele, e sinto mais do que vejo seu sorriso.

— Então vamos fazer valer a pena.

Começamos a nos beijar, e sem dúvida nunca beijei um garoto na minha cama. Isso é novidade. Duvido que consiga voltar a pensar na minha cama do mesmo jeito. Entre beijos, ele diz:

— Quanto tempo ainda temos?

Eu olho para o relógio.

— Sete minutos. — Talvez eu devesse acrescentar mais cinco...

— Então podemos nos deitar? — sugere ele.

Eu empurro o ombro dele.

— Peter!

— Só quero abraçar você um pouco! Se eu fosse tentar fazer alguma coisa, precisaria de mais de sete minutos, pode acreditar.

Nós nos deitamos, minhas costas contra o peito dele, ele curvado ao meu redor, com os braços envolvendo os meus. Peter aconchega o queixo no espaço entre meu pescoço e ombro. Acho que é a melhor coisa que já fizemos. Gosto tanto que tenho que ficar lembrando a mim mesma para ficar alerta e não adormecer. Tenho vontade de fechar os olhos, mas fico prestando atenção ao relógio.

— Ficar de conchinha é a melhor coisa — diz ele, suspirando, e

desejo que ele não tivesse falado nada, porque me faz pensar em quantas vezes ele deve ter abraçado Genevieve do mesmo jeito.

Quando chegamos a quinze minutos, eu me sento tão rápido que ele dá um pulo de susto. Dou um tapinha no ombro dele.

— Hora de ir, amigão.

Ele faz beicinho.

— Que isso, Covey!

Balanço a cabeça, determinada.

Se você não tivesse me feito pensar em Genevieve, eu teria dado mais cinco minutos.

Depois que despacho Peter com o saco de biscoitos, volto a me deitar, fecho os olhos e imagino que os braços dele ainda estão ao meu redor, e é assim que adormeço.

VOU ATÉ O escritório de Janette em Belview no dia seguinte, armada com caderno e caneta.

— Tive uma ideia para a aula de artes. “Scrapbooks para todas as idades.” — Janette assente, e eu continuo: — Posso ensinar aos residentes como fazer scrapbooks, e vamos olhar todas as fotografias antigas e lembranças que eles tiverem e ouvir músicas antigas.

— Parece ótimo — diz ela.

— Eu poderia dar essa aula e também assumir o *happy hour* de sexta à noite.

Janette morde seu sanduíche de atum e engole.

— A gente talvez corte o *happy hour*.

— Talvez corte? — repito, sem acreditar.

Ela dá de ombros.

— A frequência foi ficando menor desde que começamos a oferecer aulas de informática. Os residentes descobriram o Netflix. Um mundo novo se abriu.

— E se caprichássemos mais no evento? Tipo, se o tornássemos mais especial?

— Nós não temos dinheiro para nada chique, Lara Jean. Tenho certeza de que Margot contou como nos viramos aqui. Nosso orçamento é mínimo.

— Não, não, poderiam ser coisas que nós mesmos faríamos. Pequenos toques que vão fazer toda a diferença. Como tornar obrigatório que os homens usem paletó. E que tal pegar os copos do refeitório emprestado em vez de usar copos de plástico? — Janette ainda está ouvindo, então continuo: — Por que servir amendoins na lata se pudermos botar em uma tigela bonita, certo?

— Amendoim tem gosto de amendoim independente do receptáculo.

— Mas fica mais elegante se for servido em uma tigela de cristal.

Eu falei demais. Janette está pensando que parece muito trabalho, consigo perceber.

— Não temos tigelas de cristal, Lara Jean.

— Tenho certeza de que consigo alguma em casa — garanto.

— Parece trabalho demais para todas as sextas à noite.

— Bem... talvez pudesse ser mensal. Isso tornaria o evento ainda mais especial. Por que não fazemos um pequeno hiato e voltamos com tudo daqui a um mês, mais ou menos? — sugiro. — Podemos dar às pessoas a chance de sentirem saudade. Criar expectativa, e então fazer

as coisas direito. — Janette assente de má vontade, e antes que ela possa mudar de ideia, acrescento: — Pense em mim como sua assistente, Janette. Deixe tudo comigo. Vou cuidar de tudo.

Ela dá de ombros.

— Faça como preferir.

* * *

Chris e eu estamos no meu quarto naquela tarde quando Peter liga.

— Estou passando pela sua casa — diz. — Quer fazer alguma coisa?

— Não! — grita Chris para o telefone. — Ela está ocupada.

Ele geme no meu ouvido.

— Desculpe — digo. — Chris está aqui.

Peter diz que vai me ligar mais tarde, e mal desliguei o telefone quando Chris resmunga:

— Por favor, não vire uma daquelas garotas que começam a namorar e somem.

Estou bem familiarizada com “aquelas garotas”, porque Chris desaparece toda vez que conhece um cara novo. Antes que eu possa lembrá-la disso, ela diz:

— E não vire uma dessas tietes de lacrosse. Odeio aquelas malditas tietes. Será que elas não conseguem encontrar coisa melhor para tietar? Tipo uma banda? Ah, meu Deus, eu seria tão boa tiete de uma banda importante de verdade. Seria como ser uma musa, sabe?

— O que aconteceu com a ideia de você ter sua própria banda?

Chris dá de ombros.

— O cara que toca baixo ferrou a mão andando de skate, e o pessoal desanimou. Ei, quer ir até Washington amanhã à noite para ver o show de uma banda chamada Felt Tip? Frank vai pegar a van do pai emprestada, então deve ter espaço.

Não faço ideia de quem seja Frank, e Chris deve conhecê-lo há apenas dois minutos. Ela sempre solta os nomes das pessoas como se eu já devesse saber quem são.

— Não posso... depois de amanhã tem aula.

Ela faz uma careta.

— Está vendo, é exatamente disso que estou falando. Você já está virando uma “daquelas garotas”.

— Não tem nada a ver, Chris. Primeiro, meu pai nunca me deixaria ir a Washington tendo aula no dia seguinte. Segundo, não sei quem é Frank e não vou entrar na van dele. Terceiro, tenho a sensação de que a música do Felt Tip não faz meu tipo. É meu tipo?

— Não — admite ela. — Tudo bem, mas a próxima coisa que eu pedir para você fazer, você vai ter que fazer. Não me venha com essa baboseira de “primeiro-segundo-terceiro motivos”.

— Tudo bem — digo, concordando, embora meu estômago dê um pequeno salto, porque com Chris é difícil saber no que você está se metendo. Mas, também por conhecê-la bem, sei que ela já deve ter esquecido.

Nós nos sentamos no chão e começamos a fazer as unhas. Chris pega uma das minhas canetas douradas decorativas e começa a pintar estrelinhas na unha do polegar. Estou fazendo uma base lilás com flores roxas e miolos dourados.

— Chris, você faz minhas iniciais na mão direita? — Levanto a mão para ela. — Comece no anelar e vá até o polegar. *LJSC*.

— Letra elaborada ou básica?

Eu olho para ela.

— É sério? Com quem você acha que está falando?

Ao mesmo tempo, nós duas dizemos:

— Elaborada.

Chris é boa com letras. Tão boa, na verdade, que, enquanto admiro o trabalho dela, digo:

— Ei, tive uma ideia. E se começássemos a fazer unhas em Belleview? As residentes adorariam.

— Por quanto?

— De graça! Você pode encarar como serviço comunitário não obrigatório. Por pura bondade do seu coração. Alguns residentes não conseguem cortar as unhas muito bem. As mãos ficam muito retorcidas. Os dedos dos pés também. As unhas ficam grossas e... — Eu paro de falar quando vejo o olhar de nojo no rosto dela. — Talvez pudéssemos deixar um pote para gorjetas.

— Não vou cortar as unhas dos pés de gente velha de graça. Não por menos de cinquenta dólares. Já vi os pés do meu avô. As unhas são como garras de águia. — Ela volta ao meu polegar e faz um belo C com um floreio. — Pronto. Caramba, como sou boa. — Ela joga a cabeça para trás e grita: — Kitty! Vem cá!

Kitty entra correndo no quarto.

— Que foi? Eu estava ocupada.

— “Eu estava ocupada” — imita Chris. — Se você pegar uma Coca Diet pra mim, faço suas unhas como fiz as de Lara Jean. — Mostro as mãos com extravagância, como uma modelo de mãos. Chris conta com os dedos. — Kitty Covey cabe direitinho.

Kitty sai saltitando, e grito para ela:

— Me traz um refrigerante também!

— Com gelo! — completa Chris. Em seguida, dá um suspiro melancólico. — Eu queria ter uma irmãzinha. Eu seria ótima em ficando ordens para ela.

— Kitty não costuma obedecer tão bem. É só porque ela admira você.

— Admira mesmo, não é? — Chris puxa uma linha da meia e sorri para si mesma.

Kitty também admirava Genevieve. Ficava meio assombrada com ela.

— Ei — digo de repente. — Como está sua avó?

— Está bem. Ela é bem durona.

— E como está... o resto da família? Tudo bem?

Chris dá de ombros.

— Claro. Está tudo bem.

Hum. Se Chris não sabe, o quanto as coisas podem estar ruins na família de Genevieve? Ou não estão tão ruins, ou, o que é mais provável, foi só mais um dos esquemas dela. Mesmo quando éramos pequenas, ela mentia muito, fosse para escapar de encrencas com a mãe — e nesse caso ela botava a culpa em mim —, fosse para conseguir a solidariedade dos adultos.

Chris me observa.

— Em que você está pensando tanto? Ainda está estressada por causa do seu vídeo íntimo?

— Não é vídeo íntimo se não tem sexo nele!

— Calma, Lara Jean. Tenho certeza de que o show de Peter funcionou, e as pessoas vão deixar isso pra lá. Logo vão estar falando de outra coisa.

— Espero que você esteja certa — digo.

— Acredite, vai haver alguém ou alguma coisa nova pela qual as pessoas vão ficar obcecadas até a semana que vem.

* * *

Acontece que Chris está certa, as pessoas pulam para o acontecimento seguinte. Na terça-feira, um garoto do primeiro ano chamado Clark é pego se masturbando no vestiário masculino, e todo mundo só consegue falar disso. Que sorte a minha!

DE ACORDO COM Stormy, há dois tipos de garota neste mundo. O tipo que parte corações e o tipo que fica de coração partido. Uma chance para adivinhar que tipo de garota Stormy é.

Estou sentada de pernas cruzadas no divã de veludo dela, mexendo em uma caixa de sapato grande cheia de fotos — quase todas em preto e branco. Ela aceitou participar da minha aula de scrapbook, e estamos nos adiantando na organização. Tenho várias pilhas separadas. Stormy: os primeiros anos; a adolescência; o primeiro, o segundo e o quarto casamentos. Não há fotos do terceiro, porque eles fugiram para casar.

— *Eu* sou do tipo que parte corações, mas *você*, Lara Jean, é uma garota que fica de coração partido.

Ela ergue as sobrancelhas para mim para enfatizar o que diz. Acho que se esqueceu de reforçá-las com lápis hoje.

Eu penso nisso. Não quero ser a garota que fica de coração partido, mas também não quero partir o coração de ninguém.

— Stormy, você teve muitos namorados no ensino médio?

— Ah, claro. Dezenas. Era assim na minha época. Cinema na sexta com Burt e baile com Sam no sábado. Nós nos permitíamos ter opções. Uma garota não sossegava até ter certeza absoluta.

— Certeza de que gostava do rapaz?

— Certeza de que queria *se casar* com ele. Senão, qual era o sentido em acabar com a diversão?

Pego uma foto de Stormy em um vestido formal verde-claro, tomara que caia, com saia midi. Ela parece a prima vil de Grace Kelly, com o cabelo louro pálido e uma sobrancelha erguida. Tem um garoto de pé ao lado dela, e ele não é muito alto nem particularmente bonito, mas há alguma coisa especial nele. Um brilho no olhar.

— Stormy, quantos anos você tinha nesta aqui?

Stormy olha a foto.

— Dezesesseis ou dezessete. Mais ou menos a sua idade.

— Quem é o garoto?

Stormy olha melhor, franzindo o rosto como um damasco seco. Ela bate com a unha vermelha na foto.

— Walter! Nós o chamávamos de Walt. Ele era encantador.

— Era seu namorado?

— Não, era só um garoto com quem eu saía de tempos em tempos.

— Ela ergue as sobrancelhas claras para mim. — Fomos pegos nadando pelados no lago pela polícia. Foi um tremendo *scandale*. Fui

para casa no carro da polícia, enrolada só num cobertor.

— E então... as pessoas fofocaram sobre você?

— *Bien sûr*.

— Passei por um *scandale* também.

Conto sobre o ofurô, o vídeo e toda a situação. Tenho que explicar o que é um meme. Ela fica encantada; está praticamente vibrando com a lascívia da história.

— Excelente! — exclama ela. — Estou tão aliviada de você ter um certo tempero. Uma garota com reputação é bem mais interessante do que uma certinha.

— Stormy, isso está na internet. A internet é para sempre. Não é só uma fofoca na escola. Além do mais, eu meio que *sou* certinha.

— Não, sua irmã Margaret é a certinha.

— Margot — corrijo.

— Ah, mas ela tem cara de Margaret. Falando sério, passar todas as noites de sexta em um asilo! Eu teria cortado os pulsos se fosse uma adolescente desperdiçando meus anos de beleza em um maldito asilo. Perdoe o palavreado, querida. — Ela ajeita o travesseiro atrás da cabeça. — Os filhos mais velhos são sempre uns chatos empenhados. Meu filho Stanley é um saco. É o pior. É podólogo, caramba! Acho que é culpa minha por ter escolhido o nome Stanley. Não que eu tenha tido opção. Minha sogra insistiu que o batizássemos em homenagem ao seu falecido marido. Meu bom Deus, ela era uma bruxa. — Stormy toma um gole de chá gelado. — Os filhos do meio são os que devem se divertir, sabe. Você e eu temos isso em comum. Fiquei feliz de você não estar nos visitando tanto. Estava torcendo para você estar se metendo em encrencas. Parece que eu estava certa. Se bem que você podia ter vindo *um pouco* mais.

Stormy é ótima em fazer uma pessoa se sentir culpada. Ela domina a arte de se fingir de vítima.

— Agora que tenho um emprego aqui, virei com bem mais frequência.

— Ah, mas não demais. — Ela se anima. — Na próxima vez, traga esse seu rapaz. Pode ser bom ter sangue fresco por aqui. Animaria todo mundo. Ele é bonito?

— É sim, é muito bonito. — O garoto mais bonito de todos os garotos bonitos.

Stormy bate palmas.

— Então você *tem* que trazê-lo. Mas me avise antes, para eu ficar com a melhor aparência possível. Quem mais você tem esperando nas coxias?

Eu dou uma risada.

— Ninguém! Já falei, eu tenho namorado.

— Hum. — Isso é tudo que ela diz, só “hum”. E depois: — Tenho

um neto que deve ser da sua idade. Ainda está no ensino médio, pelo menos. Talvez eu diga a ele para vir aqui ver você. É bom para uma garota ter opções.

Eu me pergunto como deve ser o neto de Stormy; provavelmente um sujeito sedutor, como ela. Abro a boca para dizer não, obrigada, mas ela me faz parar com um *shhh*.

— Quando acabarmos o scrapbook, vou ditar minhas memórias para você, e você vai digitar para mim no computador. Estou pensando em chamar de *O olho da tempestade*. Ou *Tempos tempestuosos*.

— Stormy começa a cantarolar. — *Stormy weather* — canta ela. — *Since my man and I ain't together... keeps rainin' all the time...* — Ela para. — Devíamos fazer uma noite de cabaré! Imagine, Lara Jean. Você de smoking. Eu de vestido vermelho justo, deitada em cima do piano. Vamos fazer o sr. Morales ter um ataque cardíaco.

Eu dou uma risadinha.

— Vamos evitar ataques cardíacos. Talvez só um susto.

Ela dá de ombros e continua cantando, balançando os quadris.

— *Stormy weather...*

Ela vai continuar cantando se eu não mudar de assunto.

— Stormy, me conte onde você estava quando John F. Kennedy morreu.

— Era uma sexta-feira. Eu estava fazendo bolo de abacaxi para o clube de bridge. Coloquei no forno e, quando vi a notícia, me esqueci completamente do bolo e quase botei fogo na casa. Tivemos que mandar pintar a cozinha por causa da fuligem. — Ela mexe no cabelo. — Ele era um santo, aquele homem. Um príncipe. Se eu o tivesse conhecido no meu auge, poderíamos ter nos divertido. Sabe, flertei com um Kennedy uma vez em um aeroporto. Ele parou ao meu lado no bar e pagou um martini bem seco para mim. Os aeroportos eram bem mais glamorosos naquela época. As pessoas se arrumavam para viajar. Os jovens nos aviões hoje em dia usam aquelas botas de pele horrendas e calça de pijama que *doem na vista*. Eu não sairia para pagar a *correspondência* vestida assim.

— Qual Kennedy? — pergunto.

— Hã? Ah, não sei. Ele tinha o queixo dos Kennedy, pelo menos.

Eu mordo o lábio para não sorrir. Stormy e suas peripécias.

— Você pode me dar sua receita de bolo de abacaxi?

— Claro, querida. É só um bolo de caixa Del Monte com abacaxi, açúcar mascavo e uma cereja ao marasquino em cima. Mas tome cuidado para comprar o abacaxi em *rodela*s, não em *pedaço*s.

O bolo parece horrível. Tento assentir de um jeito diplomático, mas Stormy percebe.

— Você acha que eu tinha tempo para ficar preparando bolos, como uma dona de casa chata qualquer? — pergunta ela, irritada.

— Você jamais poderia ser chata — digo na hora, porque é verdade e porque sei que é o que ela quer ouvir.

— Você poderia fazer menos doces e viver mais a vida.

Stormy está sendo irritante, e ela nunca é irritante comigo.

— A juventude é desperdiçada nos jovens. — Ela franze a testa. — Minhas pernas estão doendo. Você pode pegar o Tylenol?

Dou um pulo, ansiosa para cair nas graças dela de novo.

— Onde você guarda?

— Na gaveta da cozinha, ao lado da pia.

Eu remexo lá dentro, mas não encontro. Só pilhas, talco, um monte de guardanapos do McDonald's, pacotinhos de açúcar e uma banana preta. Sem que ela perceba, jogo a banana no lixo.

— Stormy, não estou encontrando seu Tylenol. Tem outro lugar em que pode estar?

— Esqueça — diz ela, ríspida, aparecendo atrás de mim e me empurrando para o lado. — Pode deixar que eu mesma procuro.

— Quer que eu prepare um chá?

Stormy está velha; é por isso que está agindo assim. Não tem intenção de ser grosseira. Sei que não é de propósito.

— Chá é para velhas. Eu quero um coquetel.

— É pra já.

MINHA AULA DE scrapbook começou oficialmente. Não vou negar que estou um pouco decepcionada. Até o momento, só eram Stormy, Alicia Ito, que é esperta e prática (baixinha, com unhas lixadas curtas e cabelo curto), e o astuto sr. Morales, que acho que tem uma quedinha por Stormy. Ou por Alicia. É difícil ter certeza, porque ele flerta com todo mundo, mas as duas têm páginas inteiras no scrapbook que ele está fazendo. Ele decidiu intitulá-lo de “Os Bons e Velhos Tempos”. Decorou a página de Stormy com notas musicais e teclas de piano e uma foto dos dois dançando na Noite de Discoteca do ano passado. Ele ainda está trabalhando na página de Alicia, mas o destaque é uma foto dela sentada em um banco no pátio, olhando para o nada, e ele colou adesivos de flores ao redor. Muito romântico.

Não recebi muito dinheiro para compras, então levei meu próprio material. Também instruí os três a reunirem recortes de revistas e outros enfeites e botões. Stormy adora guardar tudo, assim como eu, então ela tem um monte de tesouros. Renda das vestes de batismo dos filhos, uma caixa de fósforos do motel onde conheceu o marido (“Não pergunte”, pediu ela), canhotos de ingresso de um cabaré em Paris. (Eu falei: “Na Paris de 1920? Você conheceu Hemingway?”, e ela me lançou um olhar cortante e disse que obviamente não era *tão* velha e que eu precisava ter aulas de história.) O estilo de Alicia é mais minimalista e limpo. Com minha caneta de caligrafia preta com ponta de feltro, ela escreve legendas em japonês embaixo de cada foto.

— O que está escrito aqui? — pergunto, apontando para uma descrição abaixo de uma foto de Alicia com o marido, Phil, nas Cataratas do Niágara, de mãos dadas e com capas de plástico amarelas.

Alicia sorri.

— Está escrito “a vez em que tomamos banho de chuva”.

Então Alicia também é romântica.

— Você deve sentir muita falta dele.

Phil morreu ano passado. Só o vi duas vezes, quando fui ajudar Margot no *happy hour* de sexta. Phil tinha demência e não falava muito. Ficava sentado na cadeira de rodas na sala e só sorria para as pessoas. Alicia nunca saía do lado dele.

— Sinto falta dele todos os dias — responde ela, com olhos cheios d’água.

Stormy se coloca entre nós com uma caneta verde de purpurina presa atrás da orelha e diz:

— Alicia, você precisa incrementar mais suas páginas. — Ela joga uma folha de adesivos de guarda-chuva na direção de Alicia.

— Não, obrigada — responde Alicia, rígida, jogando a folha de volta para Stormy. — Você e eu temos estilos diferentes.

Stormy semicerra os olhos ao ouvir isso.

Vou depressa até os alto-falantes e aumento o volume para aliviar o clima. Stormy vai dançando até mim e canta:

— *Johnny Angel, Johnny Angel. You're an angel to me.* — Juntamos as cabeças e cantamos: — *I dream of him and me and how it's gonna be...*

Quando Alicia vai ao banheiro, Stormy diz:

— Aff, que chata.

— Eu não a acho chata — digo.

Stormy aponta para mim com a unha pintada de rosa-shocking.

— Não ouse gostar mais dela só porque vocês duas são orientais.

Depois de passar um tempo em um lar para idosos, acabei me acostumando às coisas ligeiramente racistas que as pessoas dizem. Pelo menos, Stormy não usa mais a palavra “japa”.

— Gosto de vocês duas igualmente — respondo.

— Isso não existe — diz ela, fungando. — Ninguém consegue gostar de duas pessoas exatamente do mesmo jeito.

— Você não ama seus filhos do mesmo jeito?

— Claro que não.

— Pensei que os pais não tivessem filhos favoritos.

— É claro que têm. Meu filho favorito é o mais novo, Kent, porque ele é o filhinho da mamãe. Ele me visita todos os domingos.

Com lealdade, digo:

— Bom, acho que meus pais não tinham favoritas.

Eu digo isso porque parece a coisa certa a dizer, mas é verdade? Se alguém colocasse uma arma na minha cabeça e dissesse que eu tinha que escolher, quem eu diria que é a favorita do meu pai? Margot, provavelmente. Eles são mais parecidos. Ela gosta de verdade de documentários e de observar pássaros, como ele. Kitty é o bebê, o que automaticamente a deixa com privilégios. Onde eu entro nessa, a irmã Song do meio? Talvez eu fosse a favorita da mamãe. Gostaria de ter certeza. Eu perguntaria ao papai, mas duvido que ele fosse falar a verdade. Margot talvez falasse.

Eu jamais conseguiria escolher entre Margot e Kitty. Mas se, digamos, as duas estivessem se afogando e eu só pudesse jogar um colete salva-vidas, provavelmente seria para a Kitty. Margot jamais me perdoaria se eu fizesse diferente. Nós duas temos que cuidar de Kitty.

A ideia de perder Kitty me deixa mais gentil e contemplativa, e, naquela noite, depois que ela dorme, faço uma travessa de biscoitos de canela e açúcar, os favoritos dela. Tenho sacos de massa de biscoito no freezer, congelados em bolinhas perfeitas para que, quando ficarmos com vontade de comer biscoitos, possamos preparar em vinte minutos. Ela vai ter uma boa surpresa quando abrir a lancheira amanhã.

Deixo Jamie comer um biscoito, apesar de saber que não devia. Mas ele fica me olhando com olhos tristes de filhote e não consigo resistir.

— NO QUE VOCÊ está pensando?

Peter bate na minha testa com a colher para chamar minha atenção. Estamos na Starbucks fazendo dever de casa depois da escola.

Coloco dois pacotes de açúcar mascavo no copo de plástico e mexo com o canudo. Tomo um longo gole, e os grânulos de açúcar fazem um barulho satisfatório enquanto os mastigo.

— Eu estava pensando em como seria bom se as pessoas da nossa idade pudessem se apaixonar como nos anos 1950.

Na mesma hora, desejei não ter dito “apaixonar”, porque Peter nunca disse nada sobre estar apaixonado por mim, mas é tarde demais, as palavras já saíram da minha boca, então sigo em frente e espero que ele não tenha percebido.

— Nos anos 1950, as pessoas só saíam juntas, era fácil assim. Uma noite, Burt podia levar você para ver um filme no drive-in, e, na noite seguinte, Walter podia convidá-la para um arrasta-pé ou algo do tipo.

Confuso, ele pergunta:

— Que diabos é um arrasta-pé?

— É tipo um baile, como em *Grease*. — Peter olha para mim sem entender. — Você nunca viu *Grease*? Passou na tevê ontem. Deixa pra lá. A questão é que naquela época você não era garota de alguém até ter um broche.

— Broche? — repete Peter.

— É, o cara dava para a garota o broche da fraternidade dele, e isso significava que eles estavam namorando firme. Não era oficial até você ter o broche.

— Mas eu não sou de nenhuma fraternidade. Nem sei como é um broche de fraternidade.

— Exatamente — digo.

— Espere... você está dizendo que quer um broche ou que não quer um broche?

— Não estou dizendo nada disso. Só estou perguntando se você não acha legal o jeito como as coisas eram? É antiquado, mas é quase... — Como Margot sempre diz? — Pós-feminista.

— Peraí. Então você quer sair com outros caras? — Ele não parece necessariamente chateado, só confuso.

— Não! Eu só... só estou fazendo uma observação. Acho que seria legal termos novamente as saídas casuais. Tem algo de doce nisso, não acha? Minha irmã me disse que queria não ter deixado as coisas irem tão longe com Josh. Você mesmo disse o quanto odiava como as coisas

ficaram sérias com Genevieve. Se terminarmos, não quero que as coisas fiquem tão ruins a ponto de não podermos estar no mesmo ambiente. Eu ainda quero que sejamos amigos, aconteça o que acontecer.

Peter ignora a última coisa que eu disse.

— Comigo e com Gen é complicado por causa de quem Gen é. Não é como você e eu. Você é... diferente.

Consigo sentir meu rosto ficar vermelho de novo. Tento não parecer ansiosa quando digo:

— Diferente como?

Sei que estou cavando um elogio, mas não ligo.

— Você é fácil de estar junto. Não me faz ficar maluco e nervoso; você é... — Peter para de falar quando olha para o meu rosto. — Que foi? O que foi que eu disse?

Meu corpo todo fica tenso e rígido. Nenhuma garota quer ouvir o que ele acabou de dizer. Nenhuma. Uma garota *quer* deixar um garoto maluco e nervoso. Isso não faz parte de estar apaixonado?

— Estou falando de um jeito bom, Lara Jean. Você está com raiva? Não fique com raiva. — Ele esfrega o rosto, parecendo cansado.

Eu hesito. Peter e eu dizemos a verdade um para o outro; é assim que as coisas são desde o começo. Eu gostaria que continuassem assim, de ambas as partes. Mas aí, vejo a preocupação repentina em seus olhos, a incerteza, e não é uma coisa que eu esteja acostumada a ver nele. Não gosto de ver. Só estamos juntos novamente há poucas semanas, e não quero começar uma nova briga se sei que ele não falou por mal. Eu me ouço dizer:

— Não, não estou com raiva.

E, de repente, não estou mais. Afinal, sou eu quem estava preocupada de ir longe demais com Peter. Talvez seja bom ele não ficar maluco e nervoso por minha causa.

As nuvens no rosto dele somem na mesma hora, e fica ensolarado e alegre de novo. Esse é o Peter que eu conheço. Ele toma um gole de chá.

— Está vendo, é o que quero dizer, Lara Jean. É por isso que gosto de você. Você entende.

— Obrigada.

— De nada.

DE MANHÃ CEDO, antes da aula, vejo Josh tirando gelo do para-brisa do carro quando corro até o meu. Papai já tirou o gelo e ligou o motor e o aquecimento. Pela aparência do carro de Josh, ele não vai chegar à escola a tempo.

Quase não vimos Josh desde o Natal; depois de toda a situação comigo e o rompimento com Margot, ele virou um fantasma nesta casa. Sai um pouco mais cedo para a escola, chega em casa um pouco mais tarde. Ele também nunca me procurou para conversar quando aquela coisa toda do vídeo aconteceu, embora parte de mim tenha ficado aliviada. Eu não queria ouvir Josh dizer “eu te disse” sobre o quanto ele estava certo em relação a Peter.

Saio de ré da entrada da garagem e, no último segundo, abro a janela e me inclino.

— Quer uma carona? — grito para Josh.

Seus olhos se arregalam de surpresa.

— Quero. Claro.

Ele joga o raspador de gelo no carro e pega a mochila, depois vem correndo. Ao entrar, diz:

— Obrigado, Lara Jean.

Ele aquece as mãos na saída de ventilação.

Saímos do bairro, e estou dirigindo com cuidado, porque as ruas estão cobertas de gelo da noite anterior.

— Você está dirigindo muito bem — comenta Josh.

— Obrigada.

Eu *tenho* treinado, sozinha e com Peter. Ainda fico nervosa às vezes, mas, a cada vez que dirijo, fico um pouco menos, porque agora sei que consigo. Só sabemos que somos capazes de fazer uma coisa se perseverarmos.

Estamos a alguns minutos da escola quando Josh pergunta:

— Quando vamos nos falar de novo? Só me diga para eu ter uma ideia por alto.

— Estamos nos falando agora, não estamos?

— Você sabe o que eu quero dizer. O que aconteceu comigo e com Margot foi entre nós. Você e eu não podemos voltar a ser amigos como antes?

— Josh, é claro que ainda vamos ser amigos. Mas você e Margot terminaram há menos de um mês.

— Não, nós terminamos em agosto. Ela decidiu que queria voltar três semanas atrás, e eu disse não.

Eu solto um suspiro.

— Mas por que você disse não? Foi só pela distância?

Josh também suspira.

— Relacionamentos dão trabalho. Você vai ver. Quando ficar mais tempo com Kavinsky, vai entender do que estou falando.

— Ah, meu Deus, você é tão sabe-tudo. O maior sabe-tudo que já conheci além da minha irmã.

— Qual delas?

Consigo sentir uma risadinha crescendo dentro de mim, mas a sufoco na mesma hora.

— As duas. As duas são sabe-tudo.

— Só uma coisa. — Ele hesita, mas prossegue. — Eu me enganei sobre o Kavinsky. O jeito como ele lidou com o vídeo. Dá para perceber que ele é um cara legal.

— Obrigada, Josh. Ele é, sim.

Ele assente, e há um silêncio confortável entre nós dois. Fico feliz pelo tempo ruim da noite anterior, feliz pelo gelo no para-brisa dele esta manhã.

DEPOIS DAS AULAS no dia seguinte, estou sentada em um banco na frente da escola, esperando Peter, quando Genevieve passa pela porta dupla falando ao telefone.

— Se você não contar para ela, eu vou. Juro que vou.

Meu coração para. Com quem ela está falando? Não é com Peter.

Emily e Judith saem pela porta nessa hora, e ela desliga abruptamente.

— Por onde vocês andaram, suas vacas? — dispara, ríspida.

As duas trocam um olhar.

— Gen, relaxa — diz Emily, e consigo perceber que ela está andando na corda-bamba, um pouco irritada, mas tomando cuidado para não piorar a fúria de Genevieve. — Ainda temos bastante tempo para as compras.

Genevieve repara em mim nessa hora, e a expressão irritada desaparece. Acenando, ela diz:

— Oi, Lara Jean. Está esperando o Kavinsky?

Eu assinto, e sopro os dedos só para ter alguma coisa para fazer. Além do mais, está frio.

— Aquele garoto está sempre atrasado. Diga a ele que vou ligar mais tarde, está bem?

Faço que sim sem pensar, e as garotas saem andando, de braços dados.

Por que eu assenti? Qual é o meu problema? Por que não consigo dar uma boa resposta? Ainda estou me repreendendo quando Peter aparece. Ele se senta no banco ao meu lado e passa o braço pelos meus ombros. Em seguida, bagunça meu cabelo, como já o vi fazer com Kitty.

— E aí, Covey?

— Obrigada por me deixar esperando aqui do lado de fora, no frio — digo, encostando os dedos gelados no pescoço dele.

Peter grita e pula para longe de mim.

— Você podia ter esperado lá dentro!

Ele tem razão. Não é por isso que estou com raiva, na verdade.

— Gen pediu para avisar que vai ligar para você mais tarde.

Ele revira os olhos.

— Ela adora criar intrigas. Não deixe que isso afete você, Covey. Ela só está com ciúmes. — Ele se levanta e me oferece as mãos, que aceito, contrariada. — Me deixe levar você para tomar um chocolate quente, para aquecer esse pobre corpo gelado.

— Vou pensar.

No carro, ele fica lançando olhares para mim, verificando se ainda estou irritada. Mas não continuo com a atitude indiferente por muito tempo; exige energia demais. Deixo que ele pague um chocolate quente para mim e até o divido com ele. Mas digo que ele não pode comer nenhum dos marshmallows.

* * *

Naquela noite, meu celular vibra na mesa de cabeceira, e sei sem precisar olhar que é Peter querendo se tranquilizar. Tiro os fones de ouvido e atendo.

— Oi.

— O que você está fazendo? — A voz dele soa baixa; consigo perceber que ele está deitado.

— O dever de casa. E você?

— Estou na cama. Só liguei para dar boa-noite. — Há uma pausa.

— Ei, por que você nunca me liga para me desejar boa-noite?

— Não sei. Acho que nunca pensei nisso. Você quer que eu ligue?

— Ah. Você não *precisa*, eu só queria saber por que não ligava.

— Pensei que você odiasse essa coisa de “última ligação”. Lembra? Você até colocou isso no contrato. Disse que Genevieve insistia em ser sua última ligação todas as noites e que era irritante.

Ele solta um grunhido.

— Podemos não falar dela? Além do mais, por que sua memória é tão boa? Você se lembra de tudo.

— É meu dom e minha maldição. — Eu marco um parágrafo com a caneta e tento equilibrar o celular no ombro, mas fica escorregando.

— Então, espere, você quer que eu ligue todas as noites ou não?

— Aff, esqueça.

— Aff, tudo bem — respondo, e consigo ouvi-lo sorrindo pelo celular.

— Tchau.

— Tchau.

— Peraí... você pode levar uma daquelas bebidas de iogurte para o almoço?

— Diga por favor.

— Por favor.

— Diga por favorzinho.

— Tchau.

— Tchaaaaaaaau.

Demoro mais duas horas para terminar o dever, mas, quando adormeço naquela noite, estou sorrindo.

ACHO QUE MEU pai tem um encontro. Esta noite, ele disse que tinha planos, se barbeou e colocou uma camisa de botão elegante, não um dos suéteres velhos. Estava com pressa para sair, então não perguntei com quem era. Alguém do hospital, provavelmente. Papai não tem círculos sociais amplos. Ele é tímido. Seja lá quem for, parece uma boa.

Assim que ele sai, eu me viro para Kitty, deitada no sofá assistindo à tevê e lambendo o açúcar das jujubas. Jamie está dormindo ao lado dela.

— Kitty, você acha que papai...

— Está num encontro? Dã.

— E por você, tudo bem?

— Claro. Se bem que eu preferia que fosse alguém que eu conhecesse e de quem já gostasse.

— E se ele se casasse de novo? Você não se importaria?

— Não. Então pode parar de fazer essa cara de irmã mais velha preocupada, está bem?

Tento esticar o rosto como uma folha de papel em branco.

— Então você está dizendo que tudo bem papai se casar de novo?

— pergunto, serena.

— É só um encontro, Lara Jean. As pessoas não se casam por causa de um único encontrinho.

— Mas depois de muitos encontros, sim.

Um brilho de preocupação surge no rosto dela.

— Vamos esperar para ver. Não faz sentido ficar preocupada agora.

Eu não diria que estou preocupada, e sim curiosa. Quando falei para vovó que não me importaria se papai saísse em encontros, estava falando sério, mas quero saber se ela é boa o bastante para ele, seja lá quem for. Decido mudar de assunto.

— O que você quer de aniversário? — pergunto.

— Tenho uma lista em andamento — diz Kitty. — Uma coleira nova para Jamie. De couro. Com tachinhas. E uma esteira.

— Uma esteira!

— É, eu quero ensinar Jamie a andar em uma.

— Duvido que papai concorde com uma esteira, Kitty. É muito cara, e, além do mais, onde colocaríamos?

— Tá, tudo bem. Esqueça a esteira. Também quero óculos de visão noturna.

— Você também devia mandar uma lista para Margot.

— Que tipos de coisas especiais posso pedir que sejam específicas da Escócia? — pergunta ela.

— Biscoitos amanteigados genuínos do monstro do lago Ness. Um kilt xadrez. O que mais... bolas de golfe. Parafernália do monstro do lago Ness.

— O que é parafernália?

— Um monstro do lago Ness de pelúcia. Uma camiseta do lago Ness. Talvez um pôster que brilhe no escuro...

— Pode parar. É uma boa ideia. Vou acrescentar à lista.

Depois que Kitty vai para a cama, eu arrumo a cozinha e até esfrego o fogão com uma esponja e arrumo a geladeira, para poder interrogar papai assim que ele chegar em casa.

Estou enchendo a lata de farinha quando ele entra pela porta. Então pergunto, casualmente:

— Como foi seu encontro?

Papai franze a testa sem entender.

— Encontro? Fui à sinfonia com minha colega Marjorie. O marido dela pegou gripe, e ela não queria desperdiçar o ingresso.

Eu murcho.

— Ah.

Cantarolando, ele se serve de um copo de água.

— Eu deveria ir à sinfonia com mais frequência. Algum interesse, Lara Jean?

— Hum... talvez — digo.

* * *

Faço uma pilha de biscoitos de açúcar e canela para mim, corro para o quarto e me sento à escrivaninha. Mastigando um, abro o computador e digito “encontro para pais”, e acabo achando um site de relacionamento para pais solteiros.

Começo a criar um perfil. Prioridades: papai vai precisar de uma foto. Começo a olhar as fotos dele que tenho no computador. Quase não tem nenhuma dele sozinho. Finalmente, escolho duas, que separo: uma do verão passado na praia (uma foto de corpo inteiro, uma das dicas no site) e uma dele no último Natal, usando o suéter escandinavo que compramos. Ele está cortando um frango assado e está com cara de pai de comercial de margarina, mas ainda cheio de vida. A luz fraca da sala de jantar faz com que ele pareça quase não ter rugas, só um pouco ao redor dos olhos. E isso me lembra: tenho que falar com papai sobre usar protetor solar todos os dias. Um kit de cuidados para a pele masculina podia ser um bom presente de Dia dos Pais. Tomo nota disso para não esquecer.

Papai só tem quarenta e poucos anos. Ainda é jovem o bastante

para conhecer alguém e se apaixonar, talvez até duas ou três vezes.

QUANDO KITTY NASCEU, eu disse que ela parecia um filhotinho de gato, e não Katherine, e daí começamos a chamá-la de Kitty. Quando fomos para casa depois de visitar a mamãe no hospital, Margot e eu fizemos uma faixa com os dizeres FELIZ ANIVERSÁRIO, KITTY para fazer o tempo passar mais rápido. Pegamos todos os suprimentos de arte que tínhamos em casa, e vovó ficou irritada porque fizemos uma lambança na cozinha, com direito a tinta pingando no chão e marcas de mãos para todos os lados. Temos uma foto de mamãe de pé embaixo da faixa segurando Kitty naquele primeiro dia, com os olhos cansados, mas cheios de vida. Feliz.

Virou tradição colocar a faixa na porta de Kitty, para ser a primeira coisa que ela vai ver quando acordar. Eu me levanto cedo e penduro a faixa com cuidado, para que as beiradas não se dobrem nem rasguem. Para o café da manhã, faço uma omelete de queijo munster. Com ketchup, desenho uma cara de gato com um coração ao redor. Temos uma “gaveta de aniversários”, que é cheia de velas enfeitadas, chapeuzinhos de papel, toalhas de mesa e cartões de aniversário de emergência. Pego os chapeuzinhos e coloco um na cabeça, inclinado para o lado. Coloco um no prato de Kitty e um no prato de papai, e também coloco um em Jamie Fox-Pickle. Ele não gosta, mas consigo tirar uma foto antes de ele arrancar o chapéu.

Papai preparou o almoço favorito de Kitty para ela levar para a escola: sanduíche de brie com batatinhas chips e um cupcake red velvet com cobertura de cream cheese.

Kitty fica feliz da vida com a arrumação da mesa e com a omelete com cara de gato. Bate palmas e ri como uma hiena quando o elástico do chapeuzinho de papai arrebenta e o chapéu sai voando. Não há aniversariante mais feliz do que nossa Kitty.

— Posso usar seu suéter de margaridas? — pergunta ela com a boca cheia de omelete.

Eu olho para o relógio.

— Vou buscar, mas você tem que comer rápido.

Ele vai chegar a qualquer momento.

Quando chega a hora de ir para a escola, colocamos os sapatos, damos beijos de despedida no papai e saímos pela porta da frente. Esperando na rua na frente do carro está Peter, com um buquê de cravos cor-de-rosa enrolados em papel celofane.

— Feliz aniversário, garota — diz ele.

Kitty arregala os olhos.

— São para mim?

Ele ri.

— Para quem mais seriam? Ande logo, entre no carro.

Kitty se vira para mim com os olhos brilhando, o sorriso tão largo quanto o rosto. Eu também estou sorrindo.

— Você não vem, Lara Jean?

Eu balanço a cabeça.

— Não, só tem espaço para dois.

— Você é minha única garota hoje — diz Peter, e Kitty corre até ele e agarra o buquê. Como um verdadeiro cavalheiro, ele abre a porta para ela. Fecha-a, se vira e pisca para mim. — Não fique com ciúmes, Covey.

Nunca gostei tanto dele como nesse momento.

* * *

A festa de aniversário de Kitty com as amigas vai ser em algumas semanas. Ela insistiu em uma festa do pijama, e papai está de plantão nos fins de semana até o fim de fevereiro. Esta noite, vamos comemorar com um jantar em família.

Um dos melhores pratos de papai é frango assado. Ele diz que é a especialidade da casa. Passa manteiga, coloca uma cebola e uma maçã dentro, polvilha com especiarias e coloca no forno. Em geral, o acompanhamento é algum tipo de batata. Hoje, fiz purê de batata-doce e polvilhei açúcar mascavo e canela por cima, depois coloquei no forno para o açúcar caramelizar como em um crême brûlée.

Kitty está encarregada de botar a mesa e colocar os condimentos: molho apimentado Texas Pete para papai, mostarda para Kitty, geleia de morango para mim. Chutney para Margot se ela estivesse aqui.

— Que tipo de molho mamãe gostava com o frango assado? — pergunta Kitty de repente.

— Eu... não lembro — digo.

Nós duas olhamos para papai, que está checando o frango.

— Ela gostava de mostarda como eu? — pergunta ela.

Ele fecha a porta do forno.

— Hum. Bem, sei que ela gostava de vinagre balsâmico. Muito. Muito mesmo.

— Só no frango? — pergunta Kitty.

— Em tudo, na verdade. No abacate, com manteiga na torrada, nos tomates, na carne.

Guardo essa informação em Fatos sobre M.

— Vocês estão prontas? — pergunta papai. — Quero tirar essa ave daqui ainda bela e suculenta.

— Em um minuto — diz Kitty, e, exatamente um minuto depois, a

campanha toca.

Kitty dá um pulo para atender à porta. Volta com a sra. Rothschild, que mora do outro lado da rua. Ela está de calça jeans skinny e um suéter preto de gola alta, usando botas de salto alto e um colar preto e dourado ao redor do pescoço. O cabelo castanho está meio preso, meio solto. Ela está carregando um presente embrulhado. As pernas de filhote de Jamie Fox-Pickle não conseguem chegar nela rápido o bastante; ele está deslizando pelo chão e abanando o rabinho.

Rindo, ela diz:

— Ah, oi, Jamie. — Ela coloca o presente na bancada e se ajoelha para fazer carinho nele. — E aí, pessoal?

— Oi, sra. Rothschild — cumprimento.

— Trina! — exclama papai, surpreso.

A sra. Rothschild solta uma gargalhada constrangida.

— Ah, vocês não sabiam que eu vinha? Kitty me convidou quando foi até lá em casa com Jamie hoje... — Ela fica vermelha. — Kitty... — repreende ela.

— Eu falei para ele, mas papai é distraído.

— Hum — diz a sra. Rothschild, lançando um olhar a ela, que Kitty finge não ver. — Bem, obrigada mesmo assim!

Jamie começa a pular nela, outro de seus maus hábitos. A sra. Rothschild levanta o joelho, e Jamie sossega na mesma hora.

— Senta, Jamie.

E ele senta mesmo! Papai e eu trocamos um olhar impressionado. Claramente, Jamie precisa continuar tendo aulas com a sra. Rothschild.

— Trina, o que você gostaria de beber? — pergunta papai.

— O que estiver aberto — responde ela.

— Não tenho nada aberto, mas fico feliz de abrir o que você quiser...

— A sra. Rothschild gosta de pinot grigio — fala Kitty. — Com um cubo de gelo.

Ela fica ainda mais vermelha.

— Meu Deus, Kitty, não sou pinguça! — Ela se vira para nós e diz: — Eu tomo uma taça pequena depois do trabalho, mas não todas as noites.

Papai ri.

— Vou colocar vinho branco no freezer. Vai gelar rápido.

Kitty parece feliz da vida, e, quando papai e a sra. Rothschild vão para a sala, eu a seguro pela gola e sussuro:

— O que você está tramando?

— Nada — diz ela, tentando se soltar.

— Isso é armado?

— E se for? Eles formariam um bom casal.

Ahá!

— Por que você acha isso?

Kitty conta nos dedos.

— Ela adora animais, é gata, ganha o próprio dinheiro e eu gosto dela.

Hum. Tudo isso parece bom mesmo. Além do mais, ela mora do outro lado da rua, o que é conveniente.

— Você acha que a sra. Rothschild gosta de documentários?

— Quem liga para documentários velhos e poeirentos? Ele pode assistir com você ou Margot. O importante é a química. — Kitty tenta se soltar da minha mão. — Me solte para eu poder ir ver se eles têm alguma!

Eu a solto.

— Não, não vá ainda. — Kitty bufa e se afasta, e eu digo com sabedoria: — Vamos deixar *aquecer* um pouco.

Ela para na mesma hora e assente, em apreciação.

— Vamos deixar aquecer — repete ela, saboreando as palavras.

* * *

Kitty está cortando um pedaço do peito, a única parte que come; ela gosta de fatias fina como carne de delicatessen, e papai tenta, mas sempre acaba meio destrozada e com cara triste. Acho que talvez eu compre uma faca elétrica no aniversário dele. Eu gosto da coxa. Sinceramente, não sei por que alguém se daria o trabalho de comer qualquer outra coisa além da coxa, se tivesse a chance.

Quando a sra. Rothschild coloca molho apimentado no frango, os olhos de Kitty brilham como vaga-lumes. Reparo na forma como a sra. Rothschild ri de verdade das piadas sem graça de papai. Também gosto do jeito como fica doida pelos meus biscoitos. Coloquei alguns congelados no forno quando papai foi fazer o café.

— Adoro como o seu biscoito é crocante, mas macio. Você está me dizendo que fez a receita do zero?

— Sempre faço — respondo.

— Ah, me dê a receita, garota. — E então, ela ri. — Espere, não precisa. Conheço meus fortes, e fazer doces não é um deles.

— Podemos compartilhar quando você quiser, sempre temos muitos bolos e biscoitos — diz Kitty, o que é engraçado vindo dela, pois ela nunca ajuda. Só aparece para as partes boas, como decorar e comer.

Lanço um olhar na direção de papai, que está tomando o café placidamente. Solto um suspiro. Ele está completamente distraído.

Lavamos tudo e guardamos as sobras juntos, e a sensação é muito natural. Sem ninguém falar nada, a sra. Rothschild sabe que deve lavar as taças de vinho à mão, e não colocar na lava-louça, e na

primeira tentativa encontra a gaveta com o papel-alumínio e o plástico filme. Isso deve dizer mais sobre as habilidades de organização de Margot do que sobre a intuição da sra. Rothschild, mas mesmo assim. Acho que consigo vê-la se encaixando com a gente sem grandes problemas. As pessoas dizem que a ausência deixa o coração mais apaixonado, mas acho que estão erradas. A *proximidade* deixa o coração mais apaixonado.

Assim que a sra. Rothschild vai para casa, e o papai, para o escritório, Kitty parte para cima de mim no meu quarto, onde estou separando as roupas para a escola. Um suéter azul-marinho com o desenho de uma raposa que estou guardando para um dia chuvoso, saia amarelo-mostarda e meias até os joelhos.

— E aí? — pergunta. Está com Jamie Fox-Pickle nos braços.

— Gostei do jeito que ela foi embrulhar as coisas com plástico; isso mostra iniciativa — respondo, prendendo um laço no cabelo e olhando no espelho. — Ela também elogiou muito meus biscoitos, e gostei disso. Mas não sei se vi muita química entre eles. Você acha que ele pareceu interessado?

— Acho que ele poderia, se ela desse uma chance. Ela estava saindo com um cara do trabalho, mas não deu certo porque ele a lembrava muito o ex-marido.

Eu ergo as sobrancelhas.

— Parece que vocês duas andaram conversando muito.

Com orgulho, Kitty diz:

— Ela não me trata como criança.

Se Kitty é mesmo doida por ela, isso diz muito.

— Bom, ela pode não ser o tipo do papai, mas se continuarmos jogando um em cima do outro, quem sabe?

— O que você quer dizer com “ela pode não ser o tipo do papai”?

— O estilo dela parece bem diferente do da mamãe. E ela não fuma? Papai odeia isso.

— Ela está tentando parar. Está com um cigarro eletrônico agora.

— Vamos continuar convidando a sra. Rothschild para as coisas, pra ver o que acontece — digo, pegando a escova de cabelo. — Ei, você acha que, se assistisse a um vídeo, conseguiria fazer trancinhas laterais em mim?

— Posso tentar — responde Kitty. — Faça cachos nas pontas primeiro e fale comigo depois que eu assistir aos meus programas.

— Combinado.

NA PRÓXIMA VEZ que Margot e eu conversamos pelo laptop, conto a novidade para ela. Ela está sentada à escrivaninha, usando um suéter de tricô azul-claro e verde e com o cabelo molhado. Está segurando uma caneca de Saint Andrews cheia de chá.

— Que suéter fofo — digo, colocando o laptop sobre as pernas e me aconchegando nos travesseiros. — Adivinhe com quem Kitty está tentando juntar o papai.

— Com quem?

— Com a sra. Rothschild.

Margot quase engasga com o chá.

— A vizinha do outro lado da rua? Você só pode estar de brincadeira. É a coisa mais maluca que já ouvi.

— É mesmo? Você acha?

— Acho! Você não?

— Não sei. Kitty anda passando muito tempo com ela porque a sra. Rothschild a está ajudando a treinar Jamie. Ela parece bem legal.

— Ah, claro que ela é legal, mas usa muita maquiagem e está sempre derramando café quente na blusa e gritando como um demônio. Lembra como ela e o ex-marido brigavam aos gritos no quintal? — Margot estremece. — O que ela e papai têm para conversar? Ela é tipo uma *Real Housewife* de Charlottesville. Só que divorciada.

— Ela mencionou mesmo que *Real Housewives* é o programa favorito dela — admito, me sentindo meio fofoqueira. — Mas diz que gosta sarcasticamente!

— Ela prefere a versão de que cidade?

— Acho que de todas.

— Lara Jean, prometa que não vai deixar que ela se envolva com papai. Ele não sabe nada sobre namoro no século XXI, e ela vai destruí-lo. Ele precisa ficar com uma mulher madura, sábia.

Eu dou uma gargalhada debochada.

— Como quem? Uma velhinha? Se for, conheço algumas de Bellevue. Posso marcar um encontro para ele.

— Não, mas pelo menos alguém que tenha a mesma idade dele! Ela deve ser sofisticada, mas também gostar da natureza e de fazer trilhas, esse tipo de coisa.

— Quando foi a última vez que papai fez uma trilha?

— Anos atrás, mas essa é a questão: ele precisa de uma mulher que encoraje esse tipo de interesse. Que o mantenha ativo, física e

mentalmente.

Começo a rir.

— E... sexualmente? — Não consigo resistir à piada, nem à oportunidade de deixar Margot indignada.

— Eca! — grita ela. — Sua depravada!

— Só estou brincando!

— Vou desligar.

— Não, não desligue. Se a sra. Rothschild não for a pessoa certa, talvez ele possa tentar encontros pela internet. Achei um site de relacionamento para ele e tudo. Ele é um homem bonito. E, no Dia de Ação de Graças, a vovó ficou no pé dele, dizendo que ele deveria sair mais. Ela diz que não é bom para um homem ficar sozinho.

— Ele é perfeitamente feliz. — Ela faz uma pausa. — Não é?

— Acho que ele está... contente? Mas não é a mesma coisa que feliz, é? Gogo, odeio pensar nele sozinho... e a forma como Kitty está tão empenhada em juntá-lo com a sra. Rothschild me faz pensar que ela está desejando uma figura materna.

Margot suspira e toma um gole de chá.

— Tudo bem, trabalhe no perfil dele e me mande o login e a senha, para eu poder avaliar tudo. Vamos escolher algumas e apresentar uma seleção restrita, para ele não ficar perdido.

De impulso, digo:

— Por que não esperamos até vermos como essa história com a sra. Rothschild vai terminar? Devíamos ao menos dar uma chance a ela, você não acha? Pelo bem de Kitty.

Margot suspira de novo.

— Quantos anos você acha que ela tem?

— Uns trinta e nove? Quarenta?

— Bem, ela se veste como se fosse bem mais jovem.

— Você não devia pensar nisso como algo negativo — digo, embora admita ter me sentido meio incomodada quando ela disse que compramos nas mesmas lojas. Isso quer dizer que ela se veste como uma garota bem mais jovem ou que eu me visto como uma mulher bem mais velha? Chris já chamou meu estilo de “vovó encontra garotinha chique” e “Lolita estudou biblioteconomia”. E isso me faz lembrar. — Ei, se você encontrar um kilt bonitinho, pode trazer para mim? De xadrez vermelho com um botão grande?

— Vou ficar de olho para ver se encontro — promete ela. — Talvez eu consiga encontrar iguais para nós três. Na verdade, para nós quatro. Pode ser nossa foto para o cartão de Natal do ano que vem, que tal?

Dou uma risada debochada.

— Papai de kilt!

— Nunca se sabe, ele pode até gostar. Ele vive falando do um

quarto de sangue escocês dele. Agora vai poder provar. — Ela coloca as duas mãos ao redor da caneca e toma um gole de chá. — Adivinha só. Conheci um garoto bonito. O nome dele é Samuel, ele é da minha turma de cultura pop britânica.

— Ah! Ele tem sotaque?

— Indubitavelmente — diz ela, com sotaque inglês. Nós duas rimos.

— Vamos nos encontrar em um pub hoje. Deseje-me sorte.

— Boa sorte! — grito.

Gosto de ver Margot assim, leve e feliz e nada séria. Acho que isso deve querer dizer que ela realmente esqueceu Josh.

— NÃO FIQUE PARADA na frente da tevê — reclama Kitty.

Estou tirando o pó das estantes com um espanador novo de penas que comprei na internet. Não sei quando foi a última vez que alguém tirou o pó dali.

— Por que você está tão azeda hoje?

— Estou de mau humor — murmura ela, esticando as pernas finas na frente do corpo. — Shanae ia vir aqui hoje e não vem mais.

— Ah, não desconte em mim.

Kitty coça o joelho.

— Ei, o que você acha de eu mandar um cartão para a sra. Rothschild em nome do papai?

— Não ouse! — Eu balanço o espanador de penas para ela. — Você tem que parar com essa sua mania de se intrometer, Katherine. Não é bonito.

Kitty revira os olhos com exagero.

— Aff, eu não devia ter falado nada.

— Tarde demais. Escute, se duas pessoas estão destinadas a ficar juntas, elas vão encontrar o caminho uma até a outra.

— Você e Peter teriam “encontrado o caminho um até o outro” se eu não tivesse mandado aquelas cartas? — desafia ela.

Um ponto para Kitty.

— Provavelmente não — admito.

— Não, definitivamente não. Você precisou do meu empurrãozinho.

— Não aja como se mandar minhas cartas tenha sido um ato altruísta da sua parte. Você sabe que fez por raiva.

Kitty ignora o que eu disse e pergunta:

— O que quer dizer “altruísta”?

— O oposto de egoísta. Uma pessoa benevolente, generosa... ou seja, o oposto de você.

Kitty grita e pula em cima de mim, e brigamos um pouco, nós duas sem ar, rindo e esbarrando nas prateleiras. Eu conseguia desarmá-la com pouco esforço, mas ela está me vencendo. As pernas são fortes, e ela é boa em fugir das minhas mãos, como uma minhoca. Finalmente, seguro os braços dela às suas costas, e ela grita:

— Desisto, desisto!

Assim que eu a solto, ela pula e me ataca de novo, fazendo cócegas debaixo dos meus braços e tentando alcançar o meu pescoço.

— O pescoço não, o pescoço não! — grito.

O pescoço é meu ponto fraco, e todo mundo na família sabe. Caio

de joelhos, rindo tanto que dói.

— Pare, pare! Por favor!

Kitty para de fazer cócegas.

— Essa sou eu sendo altru... altruísta — diz ela. — Esse é meu altruisticismo.

— Altruísmo — corrijo, ofegante.

— Acho que “altruisticismo” também serve.

Se Kitty não tivesse enviado aquelas cartas, Peter e eu teríamos ficado juntos? Meu primeiro impulso é dizer não, mas talvez tivéssemos seguido por caminhos diferentes e convergido em alguma outra bifurcação na estrada. Ou talvez não, mas, seja como for, estamos aqui agora.

— ME CONTE MAIS sobre seu namorado — pede Stormy.

Estamos sentadas de pernas cruzadas no chão da sala dela, separando fotos e lembranças para o scrapbook. Ela foi a única a aparecer para a aula de hoje, então fomos para o apartamento dela. Fiquei com medo de Janette reparar na frequência baixa, mas, desde que comecei a trabalhar como voluntária, ela nem deu as caras. Melhor assim.

— O que você quer saber sobre ele?

— Ele faz algum esporte?

— Joga lacrosse.

— Lacrosse? — repete ela. — Não futebol americano nem beisebol ou basquete?

— Ah, ele é muito bom. Já está sendo sondado por faculdades.

— Posso ver uma foto dele?

Pego o celular e mostro uma foto de nós dois no carro dele. Ele está com um suéter verde-floresta que o deixa particularmente bonito. Gosto quando ele usa suéteres. Fico com vontade de abraçá-lo e fazer carinho como se ele fosse um bichinho de pelúcia.

Stormy olha com atenção.

— Ah — comenta ela. — Sim, ele é muito bonito. Mas não sei se é tão bonito quanto meu neto. Meu neto parece um Robert Redford jovem.

Opa.

— Vou lhe mostrar se você não acredita — diz ela, se levantando e procurando uma foto.

Ela abre gavetas, tira papéis do lugar. Qualquer outra avó em Belleview já teria uma foto do amado neto em exibição. Em um porta-retratos, em cima da tevê ou da lareira. Não Stormy. As únicas fotos em porta-retratos são dela mesma. Tem um retrato de noiva em preto e branco enorme na entrada, que ocupa quase toda a parede. Se bem que acho que, se eu já tivesse sido tão linda, também ia querer me exibir.

— Nossa. Não consigo achar nem uma foto.

— Você pode me mostrar na próxima vez — digo, e Stormy se senta novamente no sofá e apoia as pernas na banquetela.

— Aonde os jovens vão para passar um tempo sozinhos hoje em dia? Um lugar mais “reservado”?

Ela está pescando informações. Stormy é um cão de caça quando se trata de farejar coisas particulares, mas não vou entregar nada. Não

que eu tenha muito a oferecer.

— Hã, não sei... acho que não vão.

Eu me ocupo de recolher uma pilha de pedaços cortados de papel.

Ela começa a cortar alguns contornos.

— Eu me lembro do primeiro garoto com quem saí de carro para um mirante. Ken Newberry. Ele tinha um Chevy Impala. Deus, a emoção de um garoto tocando em você pela primeira vez. Não tem nada igual, tem, querida?

— É. Onde está sua pilha de programas antigos da Broadway? Devíamos fazer alguma coisa com aquilo.

— Devem estar no baú.

A emoção de um garoto tocando em você pela primeira vez.

Sinto um tremor no estômago. Conheço essa sensação. Lembro perfeitamente, e lembraria mesmo que não tivesse sido capturado em vídeo. É legal pensar naquilo de novo como uma lembrança própria, separada do vídeo e de tudo que veio depois.

Stormy se inclina para perto.

— Lara Jean, só se lembre de uma coisa: a garota sempre deve controlar até onde as coisas vão. Os garotos pensam com o você-sabe-o-quê. Depende de você manter a cabeça no lugar e proteger o que é seu.

— Não sei, Stormy. Isso não é meio sexista?

— A vida é sexista. Se você ficasse grávida, seria a sua vida que mudaria. Nada de significativo muda para o garoto. É sobre você que as pessoas vão cochichar. Já vi aquele programa, *Jovens e Mães*. Todos aqueles garotos são uns inúteis! Lixo!

— Você está dizendo que eu não devo fazer sexo?

Stormy sempre me diz para deixar de ser tão careta, para viver a vida, para amar garotos. E agora, isso?

— Estou dizendo que você deve tomar cuidado. Tanto cuidado quanto se fosse uma questão de vida ou morte, porque é isso que é. — Ela me lança um olhar significativo. — E nunca confie no garoto para levar a camisinha. Uma dama sempre leva a sua.

Eu tusso.

— O corpo é seu, e é você que tem que protegê-lo e se divertir com ele. — Ela ergue as sobrancelhas de forma significativa. — Com quem você decide compartilhar a diversão é escolha sua, e escolha com sabedoria. Todos os homens que já tocaram em mim tiveram a *honra* de fazer isso. O privilégio. — Stormy balança a mão na minha direção. — Tudo isso? É um privilégio reverenciar este templo, entende o que quero dizer? Não é qualquer jovem bobinho que pode se aproximar do trono. Lembre-se das minhas palavras, Lara Jean. Você decide quem, até onde e com que frequência, se decidir que sim.

— Eu não tinha ideia de que você era feminista — digo.

— Feminista? — Stormy faz um som enojado na garganta. — Eu não sou *feminista*. Sinceramente, Lara Jean!

— Stormy, não fique zangada. Só significa que você acredita que homens e mulheres são iguais e devem ter os mesmos direitos.

— Eu não acho que qualquer homem é igual a mim. As mulheres são muito superiores, nunca se esqueça. Não se esqueça de nenhuma das coisas que acabei de falar. Na verdade, você devia estar anotando tudo, para as minhas memórias. — E começa a cantarolar “Stormy Weather”.

Nunca houve ameaça de as coisas irem longe demais quando estávamos juntos de mentira. Mas agora vejo como as coisas podem mudar rápido sem a gente nem perceber. Podem evoluir de um beijo para mãos debaixo da minha blusa em dois segundos, e é tão febril, tão frenético. É como se estivéssemos em um trem de alta velocidade indo para algum lugar muito rápido, e eu gosto, gosto mesmo, mas também gosto de um trem devagar, no qual consigo olhar pela janela e apreciar a paisagem, os prédios, as montanhas. É como se eu não quisesse perder as etapas; quero que durem. E então, no segundo seguinte, quero ir mais rápido, mais, agora. Estar tão pronta quanto todo mundo. Como é que todo mundo está tão pronto?

Ainda acho surpreendente ter um garoto no meu espaço pessoal. Ainda fico nervosa quando ele passa o braço pela minha cintura ou segura minha mão. Acho que não sei namorar no século XXI. Fico confusa. Não quero o que Margot e Josh tiveram, nem o que Peter e Genevieve tiveram. Quero uma coisa diferente.

Acho que posso dizer que desabrochei tarde, mas isso implica que todos temos uma agenda predeterminada, que há um jeito certo ou errado de se ter dezesseis anos e estar apaixonado por alguém.

*Meu corpo é um templo, não é qualquer garoto que pode reverenciá-lo.
Não vou fazer nada além do que eu queira fazer.*

PETER E EU estamos em uma Starbucks, sentados lado a lado, estudando para a prova de química. Distraidamente, ele coloca o braço nas costas da minha cadeira e começa a enrolar meu cabelo no lápis e a desenrolá-lo como um pedaço de fita. Eu o ignoro. Ele puxa minha cadeira para mais perto e me beija no pescoço, o que me faz rir. Eu me afasto dele.

— Não consigo me concentrar quando você faz isso.

— Você disse que gosta quando brinco com seu cabelo.

— Eu gosto, mas estou tentando estudar. — Olho ao redor e sussurro: — Além do mais, estamos em público.

— Não tem quase ninguém aqui!

— Tem o barista e aquele cara ali, perto da porta.

Tento apontar discretamente para os homens com o lápis. As coisas sossegaram na escola, finalmente; a última coisa de que precisamos é outro meme.

— Lara Jean, ninguém vai nos filmar, se é com isso que você está preocupada. Não estamos fazendo nada.

— Falei desde o começo que não gosto de demonstrações públicas de afeto — lembro a ele.

Peter dá um sorrisinho.

— É mesmo? Não vamos esquecer quem me beijou no corredor. Você pulou em mim, Covey.

Eu fico vermelha.

— Havia um propósito naquilo, e você sabe.

— Agora também há um propósito — diz ele, fazendo beicinho. — O propósito é que estou entediado e com vontade de beijar você. Isso é crime?

— Você é um bebezão — digo, e aperto o nariz dele. — Se ficar quieto e estudar por mais quarenta e cinco minutos, vou deixar você me beijar na privacidade do seu carro.

O rosto de Peter se ilumina.

— Combinado.

O celular dele vibra, e Peter checa o visor. Ele franze a testa e digita alguma coisa, os dedos rápidos como um raio.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ele assente, mas parece distraído, e continua mandando mensagens, mesmo quando devíamos estar estudando. Agora, também estou distraída, querendo saber o que poderia ser. Ou quem.

ESTOU EMPURRANDO o carrinho de compras pelo supermercado, procurando leite condensado para a torta de lima, quando vejo Josh olhando a prateleira de cereal. Vou até ele e o acerto de leve com meu carrinho.

— Oi, vizinho — digo.

— Ei, adivinha. — Josh dá um sorriso satisfeito e orgulhoso. — Entrei antecipadamente na Universidade da Virgínia.

Solto um grito agudo e largo o carrinho.

— Josh! Que incrível! — Eu o abraço e começo a pular. Balanço os ombros dele. — Fique mais empolgado, seu bobão!

Ele ri e pula algumas vezes também, antes de me soltar.

— Eu estou empolgado. Meus pais estão loucos de empolgação porque agora não precisam pagar uma mensalidade fora do estado. Eles não brigam há dias. — Timidamente, ele pede: — Você pode contar para Margot? Sinto que não posso ligar para ela, mas ela merece saber. Foi ela que me ajudou a estudar. É em parte por causa dela que isso está acontecendo.

— Eu vou contar. Sei que ela vai ficar muito feliz por você, Josh. Meu pai e Kitty também.

Levanto a mão para Josh dar um tapinha, e ele bate na minha. Não consigo acreditar; Josh vai para a faculdade, e em pouco tempo não vai mais ser meu vizinho. Não como antes. Agora que ele vai se formar e sair da cidade, talvez os pais finalmente se separem, aí vão vender a casa e ele nem vai ser meu “quase” vizinho. As coisas andam estranhas entre nós há meses, mesmo antes do rompimento de Margot, e não conversamos há séculos... mas eu gostava de saber que ele estava ali, na casa ao lado, se precisasse.

— Daqui a um tempinho... — digo. — Quando tivermos a permissão de Margot, você quer jantar lá em casa de novo como antigamente? Todo mundo sente sua falta. Sei que Kitty está morrendo de vontade de mostrar os novos truques de Jamie. Aviso logo que não é nada de mais, então não se anime. Mas mesmo assim.

Ele abre um sorriso, aquele sorriso lento que conheço tão bem.

— Combinado — diz ele.

AS IRMÃS SONG levam o Dia dos Namorados muito a sério. Um cartão de Dia dos Namorados é humilde, doce e sincero em toda a sua antiguidade, e, como tal, o feito em casa é o melhor. Tenho muito material por causa dos scrapbooks, mas também guardei pedaços de renda, laços e papéis coloridos. Tenho uma lata com pequenas contas, pérolas e pedrinhas; também tenho carimbos antiquados: um cupido, corações de todos os tipos, flores.

Tradicionalmente, papai recebe um único cartão de nós três. Este ano é o primeiro em que Margot vai enviar um sozinha. Josh também vai ganhar um, mas deixei Kitty cuidar de tudo e só assinei meu nome embaixo do dela.

Passei parte da tarde preparando o de Peter. É um coração branco com renda branca em volta. Costurei *VOCÊ É MEU, PETER K* com linha rosa. Sei que vai fazê-lo sorrir. É leve, provocante; não se leva muito a sério, assim como o próprio Peter. Ainda assim, reconhece a data e o fato de que nós, Peter Kavinsky e Lara Jean Song Covey, estamos namorando. Eu ia fazer um cartão bem mais extravagante, grande e cheio de contas e rendas, mas Kitty disse que seria exagerado.

— Não use todas as minhas pérolas — digo a Kitty. — Demorei anos para montar minha coleção. Literalmente, anos.

Pragmática como sempre, Kitty responde:

— Qual é o sentido de colecionar se você não vai usar? Todo esse trabalho para que fiquem em uma caixinha de metal onde ninguém pode ver?

— Acho que você está certa — digo, porque ela tem mesmo razão.

— Só estou dizendo para você só colocar pérolas nos cartões das pessoas de quem gosta de verdade.

— E as pedrinhas roxas?

— Use quantas quiser — digo com um tom benevolente, como um dono de terra rico para um vizinho menos afortunado.

As pedrinhas roxas não combinam com meu tema. Estou procurando um ar vitoriano, e pedras roxas são muito carnavalescas, mas ninguém vai me ouvir dizendo nada disso para Kitty. O temperamento dela é tal que, quando ela sabe que você não valoriza muito uma coisa, fica desconfiada, e o apelo desaparece. Por bastante tempo, eu a convenci de que era louca por passas, e que ela nunca devia comer mais do que a parte dela, quando na verdade eu odeio passas e ficava agradecida de outra pessoa estar comendo aquilo. Kitty

se entupia de passas. Devia ser a criança mais saudável do jardim de infância.

Estou colando lantejoulas brancas com cola quente ao redor de um coração enquanto penso em voz alta:

— Que tal prepararmos um café da manhã especial para o papai? Podíamos comprar um espremedor elétrico no shopping e fazer suco de toranja espremida na hora. E acho que vi on-line uma máquina de waffles em forma de coração, e nem era cara.

— Papai não gosta de toranja — diz Kitty. — E quase nunca usamos nossa máquina de waffles. Que tal só cortarmos o waffle na forma de um coração?

— Ficaria feio — respondo com deboche.

Mas ela está certa. Não faz sentido comprar uma coisa que só usaríamos uma vez por ano, mesmo que seja barata. Conforme Kitty vai ficando mais velha, vejo que ela é bem mais parecida com Margot do que comigo.

Mas então, ela diz:

— E se usarmos nosso cortador de biscoitos para fazer panquecas em forma de coração? E colocarmos corante comestível vermelho?

Abro um sorriso.

— Minha menina!

Talvez ela tenha um pouco de mim, afinal.

Kitty continua:

— Podemos colocar corante comestível vermelho na calda também, para que fique parecido com sangue. Um coração sangrento!

Não, deixa pra lá. Kitty é única.

NA NOITE ANTERIOR ao Dia dos Namorados, coloco na cabeça que meu cartão para Peter não é o bastante, e que fazer folhados de cereja seria uma ideia fantástica, então acordo antes do amanhecer para prepará-los, e agora a cozinha parece uma cena de crime. Tem suco de cereja espalhado por toda a bancada e pelos azulejos. Está um banho de sangue, um banho de sangue de suco de cereja. Pior do que a vez que fiz bolo red velvet e deixei respingar corante comestível vermelho nas pastilhinhas da parede atrás da pia. Precisei limpar o rejunte com uma escova de dentes.

Mas meus folhados ficam perfeitos, como se saídos de um desenho animado, todos dourados e caseiros, com as beiradas marcadas pelos dentes do garfo e os pequenos buracos para o vapor sair. Meu plano é servi-los no almoço; sei que Peter, Gabe e Darrell vão adorar. Também vou dar um para o Lucas. E para Chris, se ela aparecer na escola.

Mando uma mensagem para Peter dizendo que não preciso de carona para a escola, porque quero chegar cedo e colocar o cartão no armário dele. Há algo doce em um cartão deixado em um armário; quando pensamos bem, um armário de escola é bem parecido com uma caixa de correio, e todo mundo sabe que cartas enviadas pelo correio são bem mais românticas do que as que são entregues em mãos, sem cerimônia.

Kitty desce por volta das sete da manhã, e nós duas preparamos uma mesa linda de Dia dos Namorados para papai, com os cartões dados por mim, Kitty e Margot arrumados ao redor do prato. Deixo dois folhados para ele. Perco a grande reação porque não quero chegar à escola depois de Peter. Ele sempre chega em cima da hora, então concluo que vai ser tranquilo chegar só cinco minutos antes.

Quando chego à escola, coloco o cartão no armário de Peter, depois sigo para o refeitório para esperá-lo.

Mas, quando entro, ele já está lá, de pé perto das máquinas de refrigerante com... Genevieve. Ele está com as mãos nos ombros dela, falando com seriedade. Ela assente, com os olhos baixos. O que poderia ser? O que será que a deixou tão triste? Ou será que é só fingimento, um jeito de manter Peter perto?

O Dia dos Namorados chegou, e eu sinto como se estivesse interrompendo meu namorado com a ex-namorada dele. Ele está mesmo só sendo um bom amigo ou tem outra coisa? Com ela, sempre sinto que tem outra coisa, quer ele saiba ou não. Eles trocaram presentes de Dia dos Namorados, pelos velhos tempos? Sou eu que

estou sendo paranoica ou é o tipo de coisa que ex-namorados que ainda são amigos fazem?

Ela me vê, diz alguma coisa para Peter e passa por mim ao sair do refeitório. Ele anda na minha direção.

— Feliz Dia dos Namorados, Covey. — Então me abraça e me levanta, como se eu não pesasse nada. Ao me colocar no chão, diz: — Podemos nos beijar em público, considerando a data?

— Primeiro, onde está meu cartão? — digo, esticando a mão.

Peter ri.

— Está na minha mochila. Caramba. Você é tão gananciosa.

Seja o que for, consigo ver que ele está animado, o que, por sua vez, me anima. Ele pega minha mão e me leva até a mesa onde está sua mochila.

— Primeiro, sente-se — pede, e eu obedeco. Ele se senta ao meu lado. — Feche os olhos e estique a mão.

Eu faço isso e o ouço abrir o zíper da mochila e colocar uma coisa na minha mão, um pedaço de papel. Abro os olhos.

— É um poema — diz ele. — Para você.

Porque os luares tristonhos só me trazem sonhos

Da linda Lara Jean.

E as estrelas nos ares só me lembram olhares

Da linda Lara Jean.

Levo a mão aos lábios. *Linda Lara Jean!* Mal consigo acreditar.

— É a melhor coisa que alguém já fez para mim. Eu poderia apertar você até matar de tão feliz que estou.

Imaginá-lo sentado à mesa em casa, escrevendo com papel e caneta, faz com que eu sinta um carinho enorme por ele. Provoca arrepios. Correntes elétricas atravessam meu corpo, do couro cabeludo até os dedos dos pés.

— É sério? Você gostou?

— *Adorei!*

Jogo os braços ao redor dele e o aperto com toda a minha força. Vou guardar esse poema na minha caixa de chapéu e, quando tiver a idade de Stormy, vou pegar e olhar e me lembrar desse exato momento. Esqueça Genevieve. Esqueça tudo. Peter Kavinsky escreveu um poema para mim.

— Esse não é o único presente que eu trouxe. Não é nem mesmo o melhor. — Ele se solta de mim e pega uma caixinha de joia de veludo na mochila. Eu ofego. Satisfeito, ele diz: — Ande, abra logo.

— É um broche?

— Muito melhor.

Minhas mãos voam até a boca. É meu colar, aquele com o pingente de coração da loja de antiguidades da mãe de Peter, o mesmo que

admirei por tantos meses. No Natal, quando papai falou que o colar havia sido vendido, achei que tinha desaparecido da minha vida para sempre.

— Não consigo acreditar — sussurro, tocando no pequeno diamante no meio.

— Aqui, me deixe colocar para você.

Eu levanto o cabelo, e Peter dá a volta e prende o colar no meu pescoço.

— Posso mesmo aceitar isso? — eu me pergunto em voz alta. — Foi muito caro, Peter! Tipo, muito, muito caro.

Ele ri.

— Eu sei quanto custa. Não se preocupe, minha mãe me deu desconto. Tive que me comprometer a vários finais de semana dirigindo a van para buscar móveis para a loja, mas não é nada de mais. O importante é você gostar.

Eu toco no colar.

— Eu gostei! Gostei muito mesmo.

Discretamente, olho pelo refeitório. É um pensamento mesquinho, um pensamento pequeno, mas eu queria que Genevieve estivesse presente para ver isso.

— Espera aí, onde está meu cartão? — pergunta Peter.

— Está no seu armário.

Agora, estou desejando não ter ouvido Kitty e ter me permitido exagerar um pouco nesse primeiro Dia dos Namorados com um namorado. Com Peter. Ah, bem. Pelo menos, há folhados de cereja ainda quentes na mochila. Vou dar todos para ele. Desculpem, Chris, Lucas e Gabe.

* * *

Não consigo parar de me olhar com esse colar. Na escola, o uso por cima do suéter, para que todos possam ver e admirar. Na mesma noite, mostro para papai, Kitty e até para Margot pelo laptop. Como brincadeira, mostro para Jamie Fox-Pickle. Todo mundo fica impressionado. E não o tiro nunca: uso no banho, uso para dormir.

É como em *Uma casa na floresta*, quando Laura ganhou uma boneca de pano no Natal. Tinha botões pretos no lugar dos olhos, e lábios e bochechas manchados de amora. Meias de flanela vermelhas e um vestido rosa e azul de algodão. Laura não conseguia tirar os olhos dela. Abraçava a boneca com força e esquecia o resto do mundo. A mãe precisava lembrá-la de deixar as irmãs segurarem a boneca também.

É assim que me sinto. Quando Kitty pede para experimentar, hesito por um segundo, mas depois me sinto culpada por ser mesquinha.

— Mas tome cuidado — digo ao tirar o colar.

Kitty finge deixar o pingente cair da corrente, e dou um grito.

— Brincadeirinha — diz ela, rindo. Ela vai até o meu espelho e se olha, com a cabeça inclinada, o pescoço arqueado. — Nada mau. Você não está feliz de eu ter dado um empurrãozinho nessa coisa toda entre você e Peter?

Eu jogo um travesseiro nela.

— Posso pegar emprestado para uma ocasião especial?

— Não! — Mas penso em Laura e na boneca de novo. — Sim. Se for uma ocasião muito especial.

— Obrigada — responde Kitty. Em seguida, inclina a cabeça e me olha com seriedade. — Lara Jean, posso fazer uma pergunta?

— Você pode me perguntar qualquer coisa.

— É sobre garotos.

Tento não parecer ansiosa quando assinto. Garotos! Então já chegamos nessa idade. Tudo bem.

— Estou ouvindo.

— Você promete que vai responder com sinceridade? Promessa de irmã?

— É claro. Venha se sentar comigo, Kitty.

Ela se senta ao meu lado no chão, e passo o braço pelos ombros dela, me sentindo generosa e maternal. Kitty está mesmo crescendo.

Ela olha para mim com olhos inocentes.

— Você e Peter estão fazendo aquilo?

— O quê? — Eu a empurro para longe. — Kitty!

Com alegria, ela diz:

— Você prometeu que ia responder!

— E a resposta é não, sua xereta. Deus! Saia do meu quarto.

Kitty sai saltitando, rindo como uma hiena. Consigo ouvi-la cruzar o corredor.

QUANDO EU ACHAVA que a história do vídeo do ofurô estava encerrada e esquecida, outra versão surge e me lembra de que esse pesadelo nunca vai acabar. Nada na internet morre; não é isso o que as pessoas dizem? Desta vez, estou na biblioteca, e pelo canto do olho vejo duas garotas do primeiro ano compartilhando fones de ouvido, vendo um vídeo e rindo. Ali estou eu, de camisola, colada a Peter como um cobertor. Por alguns segundos, fico sentada ali, indecisa. Confrontar ou não confrontar? Eu me lembro das palavras de Margot sobre ser superior e agir como se eu não ligasse. E então, penso: *Que se dane*.

Eu me levanto, ando até elas e puxo os fones do laptop. “Parte do Seu Mundo” explode nos alto-falantes.

— Ei! — diz a garota, se virando na cadeira.

Mas ela vê que sou eu, e ela e a amiga trocam um olhar assustado. A menina fecha o laptop.

— Vá em frente, coloque pra tocar — digo, cruzando os braços.

— Não, obrigada — responde ela.

Estico a mão, abro a tampa do laptop e aperto o *play*. Quem fez o vídeo intercalou com cenas de *A pequena sereia*. “Quero saber, quero morar naquele mundo cheio de ar...” Eu fecho o computador.

— Para vocês saberem, ver esse vídeo é o equivalente a pornografia infantil, e vocês podem ser presas por isso. Seu endereço de IP está no sistema. Pensem nisso antes de espalharem o vídeo. Isso é distribuição.

A garota ruiva fica boquiaberta.

— Como isso é pornografia infantil?

— Sou menor de idade, e Peter também.

A outra garota dá um sorrisinho.

— Pensei que vocês tivessem alegado que não estavam fazendo sexo.

Fico sem palavras.

— Bem, vamos deixar que o Departamento de Justiça resolva isso. Mas, primeiro, vou notificar o diretor Lochlan.

— Nós não éramos as únicas assistindo! — exclama a ruiva.

— Pensem em como se sentiriam se vocês estivessem nesse vídeo — argumento.

— Eu me sentiria ótima — murmura a garota. — Você tem sorte. O Kavinsky é um gato.

Sorte. Certo.

Não estou preparada para a reação de Peter quando mostro o vídeo de *A pequena sereia*. Porque Peter não guarda rancor; ele sempre deixa as coisas ruins para trás. É por isso que as pessoas gostam tanto dele, eu acho. Ele é seguro, é controlado. As pessoas ficam tranquilas.

Mas o vídeo de *A pequena sereia* acaba com ele. Nós assistimos no carro, no celular dele, e ele fica com tanta raiva que tenho medo que vá jogar o aparelho pela janela.

— Esses babacas! Como ousam fazer isso?!

Peter dá um soco no volante, e a buzina toca. Eu tomo um susto. Nunca o vi chateado assim. Não sei o que dizer, não sei como acalmá-lo. Eu cresci em uma casa cheia de mulheres, com um pai gentil. Não sei nada sobre o gênio de garotos adolescentes.

— Saco! — grita ele. — Odeio não poder te proteger disso.

— Não preciso que você me proteja — digo, e percebo na hora que é verdade. Estou lidando muito bem com isso sozinha.

Ele olha para a frente.

— Mas eu quero. Achei que tinha resolvido, mas agora isso de novo. É como uma maldita herpes.

Sinto vontade de consolá-lo, de fazê-lo rir e esquecer. De forma provocadora, pergunto:

— Peter, você tem herpes?

— Lara Jean, não é engraçado.

— Desculpa. — Eu coloco a mão no braço dele. — Vamos embora.

Peter liga o carro.

— Aonde você quer ir?

— Para qualquer lugar. Para lugar nenhum. Vamos só passear.

Não quero encontrar ninguém. Não quero receber olhares nem ouvir sussurros. Quero me esconder. No Audi de Peter, nosso pequeno abrigo. Para disfarçar meus pensamentos sombrios, dou um sorriso largo para Peter, largo o bastante para fazê-lo sorrir também, de leve.

O passeio o acalma, e, quando chegamos à minha casa, Peter parece estar de bom humor de novo. Pergunto se ele quer ficar para o jantar e comer pizza, pois é noite de pizza e tal. Digo que ele pode pedir o sabor que quiser. Mas ele balança a cabeça e diz que tem que ir para casa. Pela primeira vez, não me dá um beijo de despedida, e fico me sentindo culpada pelo quanto ele se sente mal. Em parte, é culpa minha, eu sei que é. Ele sente que tem que consertar as coisas por mim, e agora sabe que não pode, e isso está o deixando louco.

Quando entro em casa, papai está me esperando sentado à mesa da cozinha, com a testa franzida.

— Por que você não atendeu o celular?

— Desculpa... a bateria acabou. Está tudo bem?

A julgar pela expressão no rosto dele, não está tudo bem.

— Precisamos conversar, Lara Jean. Sente-se.

O medo me atinge como uma onda.

— Por quê, papai? O que houve? Onde está Kitty?

— Está no quarto dela.

Coloco a mochila no chão e vou até a mesa da cozinha, arrastando os pés. Sento-me ao lado dele, e papai suspira pesadamente, com as mãos unidas.

Eu digo:

— É por causa do perfil de encontros que montei para você? Ainda nem ativei.

E ao mesmo tempo ele diz:

— Por que você não me contou o que estava acontecendo na escola?

Meu coração despenca até o chão.

— O que você quer dizer?

Ainda tenho esperanças e rezo para que seja sobre outra coisa. Diga que tirei uma nota ruim na prova de química; fale qualquer coisa, menos sobre o ofurô.

— O vídeo de você e Peter.

— Como você descobriu?

— Sua orientadora me ligou. Ela está preocupada. Por que não me contou o que estava acontecendo, Lara Jean?

Ele está tão sério e parece tão decepcionado, é o que mais odeio. Sinto uma pressão crescendo atrás dos olhos.

— Porque... fiquei com vergonha. Eu não queria que você pensasse isso de mim. Papai, eu juro, nós só estávamos nos beijando. Só isso.

— Não vi o vídeo nem vou ver. É particular, entre você e Peter. Mas eu queria que você tivesse tomado uma decisão melhor naquele dia, Lara Jean. Há consequências duradouras para nossas ações.

— Eu sei. — Lágrimas rolam pelas minhas bochechas.

Papai pega minha mão do meu colo e segura.

— Me dói você não ter me procurado quando as coisas estavam tão difíceis na escola. Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo, mas não queria ser muito insistente. Sempre tento pensar no que sua mãe faria se estivesse aqui. Sei que não é fácil ter só um pai com quem conversar... — A voz dele falha, e eu começo a chorar mais. — Mas estou tentando. De verdade.

Dou um pulo da cadeira e o abraço.

— Sei que você está tentando — digo, chorando.

Ele também me abraça.

— Você pode me procurar, Lara Jean. Não importa o motivo. Já falei com o diretor Lochlan, e ele vai fazer um anúncio amanhã dizendo que qualquer pessoa que assista ou compartilhe o vídeo vai ser suspensa.

Sou tomada de alívio. Eu devia ter procurado meu pai desde o começo. Sento-me mais ereta, e ele estica a mão e seca minhas bochechas.

— Agora, que história é essa de perfil de encontros?

— Ah... — Eu me encolho de novo. — Bem... Criei um perfil para você em um site de relacionamentos. — Ele está franzindo a testa, então acrescento depressa: — Vovó não acha bom um homem ficar tanto tempo sozinho, e eu concordo com ela. Achei que encontros online podiam ajudar você a conhecer pessoas.

— Lara Jean, posso cuidar da minha vida amorosa! Não preciso que minha filha gerencie meus encontros.

— Mas... você não tem encontros.

— Isso é problema meu, não seu. Quero que você apague o perfil hoje mesmo.

— Não está on-line. Só criei como uma opção. Tem um mundo novo lá fora, papai.

— Agora estamos falando da sua vida amorosa, não da minha, Lara Jean. A minha fica para outra hora. Quero saber sobre a sua.

— Tudo bem. — Com afetação, eu cruço as mãos sobre a mesa. — O que quer saber?

Ele coça o pescoço.

— Bem... você e Peter estão namorando sério?

— Não sei. Quer dizer, acho que eu o amo. Mas talvez seja cedo demais para dizer. O quanto se pode estar sério no ensino médio, afinal? Veja Margot e Josh e como isso terminou.

— Ele nunca mais nos visitou — comenta papai, com tristeza.

— Exatamente. Não quero ser a garota que fica chorando no alojamento da faculdade por causa de um garoto. — Eu paro de repente. — Isso foi uma coisa que a mamãe disse para Margot. Ela disse: “Não seja a garota que vai para a faculdade namorando e diz não para as oportunidades.”

Ele dá um sorriso de sabedoria.

— É a cara dela.

— Quem era o namorado dela no ensino médio? Ela o amava muito? Você o conheceu?

— Sua mãe não teve namorado no ensino médio. Ela estava falando sobre a colega de quarto. Robyn. — Papai ri. — Ela deixava sua mãe maluca.

Eu me encosto na cadeira. Durante todo esse tempo, eu estava

achando que mamãe estava falando por experiência própria.

— Eu me lembro da primeira vez que vi sua mãe. Ela estava dando um jantar no alojamento chamado Ação Desgraça, e um amigo meu e eu fomos. Era um grande jantar de Ação de Graças no meio de maio. Ela estava usando um vestido vermelho e tinha o cabelo comprido na época. Você sabe, viu as fotos. — Ele faz uma pausa, e um sorriso surge no rosto dele. — Ela ficou brava comigo porque levei vagem enlatada, e não fresca. Era assim que você sabia se ela gostava de alguém, se ela pegava no pé da pessoa. É claro que eu não sabia. Eu não sabia nada sobre garotas na época.

Rá! *Na época.*

— Eu jurava que vocês tinham se conhecido em uma aula de psicologia — digo.

— De acordo com a sua mãe, nós fomos da mesma turma, mas eu não me lembro de tê-la visto. Era uma daquelas salas estilo anfiteatro, com centenas de pessoas.

— Mas ela reparou em você.

Eu já ouvi essa história. Ela disse que gostava do jeito como ele prestava atenção na aula e de como o cabelo era um pouco mais comprido atrás, como o de um professor distraído.

— Graças a Deus. Onde eu estaria sem ela?

Isso me faz pensar. Onde ele *estaria*? Sem nós, com certeza, mas provavelmente não seria viúvo. A vida dele teria sido mais feliz se ele tivesse se casado com outra mulher, feito outra escolha?

Papai levanta meu queixo. Com firmeza, ele afirma:

— Eu estaria perdido sem ela, porque não teria minhas meninas.

* * *

Ligo para Peter e conto que a sra. Duvall ligou para o meu pai e ele sabe sobre o vídeo, mas que falou com o diretor Lochlan e tudo vai ficar bem agora. Espero que ele fique aliviado, mas Peter parece deprimido.

— Agora seu pai deve me odiar.

— Ele não odeia — garanto.

— Você acha que eu devia dizer alguma coisa para ele? Não sei, pedir desculpas, de homem para homem?

Eu estremeço.

— Definitivamente não. Meu pai é superdesajeitado.

— É, mas...

— Não precisa se preocupar, Peter. É como falei, meu pai resolveu tudo. O diretor Lochlan vai fazer o anúncio, e as pessoas vão nos deixar em paz. Além do mais, não tem nada pelo que pedir desculpas. Eu sou tão culpada quanto você. Você não me obrigou a fazer nada

que eu não quisesse.

Desligamos logo depois, e, apesar de me sentir melhor em relação ao vídeo, ainda estou incomodada por causa dessa situação com Peter. Sei que ele está chateado por não poder me proteger, mas também sei que parte do motivo é que o orgulho dele foi ferido, e isso não tem nada a ver comigo. O ego dos garotos é mesmo tão frágil e quebradiço? Deve ser.

A CARTA CHEGA em uma terça-feira, mas só vejo na quarta de manhã, antes da aula. Estou sentada na cozinha, em frente à janela, comendo uma maçã e olhando a pilha de correspondência enquanto espero Peter chegar. Conta de luz, conta da tevê a cabo, um catálogo da Victoria's Secret, a edição de *Dog Fancy (For Kids!)* do mês, de Kitty. E uma carta, em um envelope branco, endereçada a mim. Letra de menino. Um endereço de remetente que não reconheço.

Querida Lara Jean,

Uma árvore caiu na nossa entrada de garagem na semana passada, e o sr. Barber, da Paisagismo Barber, veio para retirar. Os Barber são a família que se mudou para nossa antiga casa, em Meadowridge, e, não quero ser repetitivo, mas, bem, eles têm uma empresa de paisagismo. O sr. Barber trouxe a sua carta. Vi pelo selo que você a mandou em setembro, mas só recebi esta semana, porque foi enviada para minha casa antiga. Por isso demorei tanto para responder.

Sua carta me fez lembrar um monte de coisas que achei que tivesse esquecido. Como aquela vez em que sua irmã mais velha fez pé de moleque no micro-ondas e vocês decidiram que devíamos fazer uma competição de dança para ver quem ficava com o maior pedaço. E a vez em que fiquei trancado fora de casa uma tarde e fui para a casa na árvore e você e eu ficamos lendo até ficar escuro e precisarmos de lanternas. Eu lembro que seu vizinho estava fazendo hambúrgueres na churrasqueira, e você me desafiou a ir pedir um para nós dois, mas eu não tive coragem. Quando fui para casa, fiquei muito encrencado porque ninguém sabia onde eu estava, mas valeu a pena.

Eu paro de ler. Eu me lembro do dia em que nós dois ficamos trancados fora de casa! Éramos Chris, John e eu, mas Chris teve que ir embora e ficamos sozinhos. Meu pai estava em um seminário; não lembro onde Margot e Kitty estavam. Ficamos com tanta fome que acabamos com o saco de balinhas que Trevor tinha escondido debaixo de uma tábua solta no piso. Acho que eu podia ter procurado Josh para conseguir comida e abrigo, mas foi divertido ficar por aí com John Ambrose McClaren. Era como se fôssemos fugitivos.

Preciso dizer que sua carta me pegou de surpresa, porque, quando eu tinha treze anos, ainda era tão infantil, e lá estava você, uma pessoa de verdade, com pensamentos e emoções complexas. Minha mãe ainda descascava a maçã para mim no lanche da tarde. Se eu tivesse escrito uma carta para você no oitavo ano, teria escrito: seu cabelo é bonito. Só isso. Só seu cabelo é bonito. Eu era tão sem noção. Não fazia ideia de que você gostava de mim.

Alguns meses atrás, vi você no evento do Projeto das Nações Unidas na Thomas Jefferson. Duvido que você tenha me reconhecido, mas eu estava lá representando a República da China. Você deixou um bilhete para mim, e eu chamei seu nome, mas você

continuou andando. Tentei te procurar depois, mas você tinha sumido. Você me viu?

Acho que o que me deixou mais curioso foi por que você decidiu mandar a carta depois de tanto tempo. Portanto, se você quiser me ligar, me mandar um e-mail ou outra carta, faça isso, por favor.

Com carinho,
John

P.S.: Já que você perguntou: as únicas pessoas que me chamam de Johnny são minha mãe e minha avó, mas fique à vontade.

Solto um longo suspiro.

No ensino fundamental, John Ambrose McClaren e eu tivemos dois encontros “românticos”: o beijo durante o jogo de “girar a garrafa”, que não foi nem um pouco romântico, e aquele dia na chuva na aula de educação física, que até este ano era o momento mais romântico da minha vida. Tenho certeza de que John não se lembra da mesma forma. Duvido até que se lembre. Receber essa carta dele depois de todo esse tempo é como ter notícias de alguém que voltou dos mortos. A sensação é diferente de vê-lo por aqueles poucos segundos no Projeto das Nações Unidas em dezembro. Aquilo foi como ver um fantasma. Isso é real, uma pessoa viva que eu conhecia, que me conhecia.

John era inteligente; tirava as melhores notas dentre todos os garotos, e eu tirava as melhores dentre as garotas. Participávamos de turmas especiais juntos. Ele adorava história, sempre lia tudo o que o professor mandava, mas também era bom em matemática e ciências. Tenho certeza de que isso não mudou.

Se Peter foi o último garoto da turma a ficar alto, John foi o primeiro. Eu gostava de seu cabelo louro, ensolarado e claro como milho no verão. Ele era inocente e bochechudo, tinha o rosto de um garoto que nunca se meteu em confusão, e todas as mães o adoravam. Ele tinha um jeito todo especial. Era o que o tornava um parceiro de crimes tão bom. Ele e Peter se metiam em todo tipo de confusão. John era o inteligente, tinha ótimas ideias, mas era meio tímido na hora de falar porque gaguejava um pouco.

Ele gostava de ser o coadjuvante, enquanto Peter amava ser o astro. Então, todo mundo dava o crédito e atribuíu a culpa a Peter, porque ele era o malandro, e como um anjo como John Ambrose McClaren podia ser culpado de alguma coisa? Não que houvesse muita gente botando a culpa neles. As pessoas ficam tão encantadas por garotos bonitos. Os garotos bonitos só ganham um balançar indulgente de cabeça e um “Ah, Peter”, escapam sem nem mesmo um castiguinho. Nossa professora de inglês, a sra. Holt, os chamava de Butch Cassidy e Sundance Kid, de quem nenhum de nós tinha ouvido falar. Peter a convenceu a passar o filme para nós na aula, e os dois ficaram um ano

discutindo sobre quem era Butch e quem era o Sundance Kid, apesar de ficar bem claro para todo mundo quem era quem.

Aposto que todas as garotas da escola gostam dele. Quando o vi no evento do Projeto das Nações Unidas, ele parecia tão seguro, sentado ereto na cadeira, com os ombros alinhados, totalmente concentrado. Se eu estudasse na escola de John, aposto que seria a mais aficionada do fã-clube dele, com um binóculo e uma barrinha de cereal, acampando perto de seu armário. Eu saberia as aulas dele de cor; saberia o que ele gosta de comer no almoço. Ele ainda come sanduíches de creme de amendoim e geleia com pão integral? Eu queria saber. Tem tantas coisas que não sei.

* * *

A buzina do carro de Peter lá fora me desperta do devaneio. Dou um pulo de susto, cheia de culpa. Tenho um impulso maluco de esconder a carta, de enfiá-la na minha caixa de chapéu por segurança e nunca mais pensar nela. *Não, seria loucura*, penso. É claro que vou responder John Ambrose McClaren. Seria grosseria não responder.

Então, guardo a carta na mochila, coloco meu casaco branco acolchoado e corro até o carro de Peter. Ainda tem um pouco de neve no chão, da última tempestade, mas é uma camada fina, como um tapete puído. Sou o tipo de garota que gosta de tudo ou nada quando o assunto é clima. Prefiro que tudo derreta de uma vez ou que tenhamos metros e mais metros de neve, a ponto de afundarmos até os joelhos.

Quando chego ao carro de Peter, ele está mandando uma mensagem no celular.

— Que foi? — pergunto.

— Nada — responde ele. — É Gen. Ela queria carona, mas eu disse que não dá.

Minha pele fica arrepiada. Fico incomodada de eles trocarem tantas mensagens, estarem tão facilmente em contato, o bastante para ela pedir carona. Mas eles são amigos, só amigos. É o que fico repetindo para mim mesma. E ele está me contando a verdade, como prometemos que faríamos.

— Adivinha de quem recebi uma carta.

Ele dá a ré para sair da minha entrada de garagem.

— De quem?

— Adivinha.

— Hã... da Margot?

— Por que isso seria surpreendente? Não, não foi da Margot. Foi do John Ambrose McClaren!

Peter só parece confuso.

— McClaren? Por que ele escreveria uma carta pra você?

— Porque eu escrevi para ele, lembra? Assim como escrevi para você. Eu tinha cinco cartas de amor, e a dele foi a única que não voltou. Achei que a tivesse perdido para sempre, mas aí uma árvore caiu em frente à casa dele depois da última tempestade, e o sr. Barber foi tirar a árvore e entregou a carta.

— Quem é esse tal de sr. Barber?

— O homem que comprou a antiga casa dele. Ele é dono de uma empresa de paisagismo, mas isso não tem importância. O importante é que John recebeu minha carta semana passada. Foi por isso que demorou para responder.

— Hum — diz Peter, mexendo nas saídas de ventilação. — Então ele escreveu uma carta de verdade? Não um e-mail?

— Não, foi uma carta de verdade. Chegou pelo correio.

Fico olhando para ver se ele demonstra algum sinal de ciúmes, para ver se esse novo acontecimento o incomoda, nem que seja um pouco.

— Hum — repete Peter. O segundo *hum* soa entediado, distraído. Nem um pinga de ciúme. — Como está o Sundance Kid? — Ele ri. — McClaren odiava quando eu o chamava assim.

— Eu lembro.

Estamos no sinal; tem fila para entrar na escola.

— O que dizia a carta?

— Ah, você sabe, ele só queria saber como eu estava e tal.

Olho pela janela. Me sinto meio avessa a dar informações adicionais porque a reação dele não merece nenhuma. Ele não tem a decência de pelo menos *fingir* que se importa?

Peter tamborila os dedos no volante.

— A gente devia sair com ele qualquer dia desses.

A ideia de Peter e John Ambrose McClaren no mesmo espaço é desconcertante. Para onde eu olharia? Vagamente, digo:

— Hã, talvez.

Talvez falar sobre a carta não tenha sido boa ideia.

— Acho que ele ainda está com minha luva de beisebol velha — reflete Peter. — Ei, ele disse alguma coisa sobre mim?

— Tipo o quê?

— Não sei. Tipo, querendo saber como estou.

— Não.

— Hum. — Os cantos da boca de Peter viram para baixo, em uma expressão meio chateada. — O que você respondeu?

— Eu acabei de receber a carta! Não tive tempo de escrever nada.

— Diga que mandei um oi quando responder — pede ele.

— Claro.

Mexo na mochila para ter certeza de que a carta ainda está lá.

— Espere, se você mandou uma carta de amor para cinco pessoas,

isso quer dizer que você gostava de todos nós igualmente?

Ele está me olhando com expectativa, e sei que acha que vou dizer que gostava mais dele, mas isso não seria verdade.

— Sim, eu gostava de todos vocês igual — respondo.

— Mentira! De quem você gostava mais? De mim, não é?

— É uma pergunta impossível de responder, Peter. Tudo é relativo. Eu poderia responder que gostava mais de Josh, porque gostei dele mais tempo, mas não se pode julgar quem alguém amou mais pelo tempo que passou amando aquela pessoa.

— Amando?

— Gostando — corriji.

— Você disse “amando”.

— Eu quis dizer “gostando”.

— E o McClaren? — pergunta ele. — O quanto você gostou dele em comparação ao resto de nós?

Finalmente! Um pouco de ciúmes, até que enfim.

— Eu gostei dele...

Estou prestes a dizer “igual”, mas hesito. De acordo com Stormy, ninguém pode gostar igualmente de mais de uma pessoa. Mas como podemos quantificar o quanto se gosta de uma pessoa, e ainda mais de duas? Peter sempre quer que gostem mais dele. Espera isso. Então, eu só respondo:

— Não sei dizer. Mas gosto mais de você agora.

Peter balança a cabeça.

— Para alguém que nunca teve namorado, você sabe mesmo provocar um homem.

Eu ergo as sobrancelhas. *Eu* sei provocar um homem? É a primeira vez que ouço isso na vida. Genevieve, Chris, *elas* sabem provocar homens. Não eu. Nunca eu.

Querido John(ny),

Antes de tudo, obrigada pela resposta. Foi uma surpresa muito boa. Agora... a história por trás da carta. Escrevi aquela carta no oitavo ano, mas não era para você ver. Pode parecer loucura, eu sei, mas era uma coisa que eu fazia: quando gostava de um garoto, escrevia a carta e a escondia na minha caixa de chapéu. As cartas eram só para mim. Mas aí minha irmãzinha Kitty (se lembra dela? Pequena e determinada?) enviou todas as cartas em setembro, inclusive a sua.

Eu me lembro daquela competição de dança. Acho que Peter venceu. Ele teria comido o maior pedaço de pé de moleque de qualquer jeito! Isso é aleatório, mas você lembra que ele sempre pegava o último pedaço de pizza? Era tão irritante. Lembra quando ele e Trevor brigaram por isso e acabaram deixando a pizza cair e ninguém comeu o último pedaço? Lembra que todos nós fomos até a sua casa para nos despedir quando você se mudou? Fiz um bolo de chocolate com cobertura de creme de amendoim e chocolate e levei uma faca, mas seus garfos e pratos já estavam todos encaixotados, então comemos na varanda, com as mãos. Quando cheguei em casa, percebi que os cantos da minha boca estavam sujos de chocolate. Fiquei tão sem graça. Parece que faz tanto tempo.

Não estou no Projeto das Nações Unidas, mas estava lá naquele dia e vi você. Na verdade, eu achava que você poderia estar lá porque lembrava que gostava do projeto no ensino fundamental. Desculpe por não ter ficado para conversar. Acho que levei um susto porque fazia tanto tempo que não via você. Também achei que você não mudou nada. Só está mais alto.

Queria pedir um favor: você se importa de mandar minha carta de volta? As outras acabaram voltando para mim, e, apesar de eu ter certeza de que a experiência vai ser excruciante, eu gostaria muito de saber o que escrevi.

Sua amiga,
Lara Jean

ESTÁ TARDE, E todas as luzes na minha casa estão apagadas. Papai está no hospital; Kitty foi dormir na casa de uma amiga. Sei que Peter quer entrar, mas meu pai vai chegar a qualquer momento e pode surtar se chegar em casa e nos pegar sozinhos a essa hora da noite. Papai não falou nada sobre isso, mas, desde o vídeo, as coisas mudaram um pouco. Agora, quando saio com Peter, papai pergunta casualmente que horas vou voltar e aonde vamos. Ele nunca fazia esse tipo de pergunta, embora eu ache que antes não tivesse motivo para isso.

Eu olho para Peter, que desligou o carro. De repente, digo:

— Por que não vamos até a velha casa na árvore de Carolyn Pearce?

Ele concorda na hora.

— Vamos.

Está escuro lá fora; eu nunca subi ali com tanta escuridão. Sempre tinha uma luz ligada na cozinha, na garagem dos Pearce ou na nossa casa. Peter sobe primeiro e acende a lanterna do celular para me ajudar.

Ele fica impressionado com o fato de que nada mudou. Está como deixamos. Kitty nunca teve muito interesse em subir ali. Está meio abandonada desde que nós paramos de usar, no oitavo ano. Por “nós” quero dizer as crianças da minha idade do bairro: Genevieve, Allie Feldman, às vezes Chris, às vezes os garotos: Peter, John Ambrose McClaren e Trevor. Era só um lugar particular; não fazíamos nada de ruim, como fumar ou beber. Ficávamos sentados lá, conversando.

Genevieve estava sempre pensando em jogos do tipo “Quem Você Escolheria”. Quem você escolheria para levar para uma ilha deserta? Peter escolheu Genevieve sem hesitar, porque ela era namorada dele. Chris disse que escolheria Trevor porque ele era o mais parrudo e também o mais chato, para o caso de ela precisar recorrer ao canibalismo. Eu disse que escolheria Chris porque jamais ficaria entediada. Chris gostou disso; Genevieve franziu a testa para mim, mas já tinha sido escolhida por uma pessoa. Além do mais, era verdade: Chris seria a companhia mais divertida, e provavelmente a mais útil na ilha. Eu duvidava que Genevieve ajudasse a recolher lenha para a fogueira ou que pegasse um peixe. John demorou um tempo para decidir. Ele olhou todo mundo do círculo, pesando nossos méritos. Peter era rápido, Trevor era forte, Genevieve era astuta, Chris conseguia se virar em uma briga e, quanto a mim, ele disse que eu jamais perderia a esperança de ser resgatada. Então, ele me escolheu.

Foi o último verão que passamos na rua. O dia todo na rua. Quando você cresce, passa menos e menos tempo na rua. Ninguém mais pode dizer “vá brincar lá fora” para você. Mas, naquele verão, nós fomos. Foi o verão mais quente em cem anos, disseram. Passamos a maior parte dele em bicicletas ou na piscina. Jogando bola.

Peter se senta no chão, tira o casaco e o abre como um cobertor.

— Pode se sentar aqui.

Eu me sento, e ele me puxa na direção dele, aos poucos e devagar, como um peixe grande que pode soltar o anzol. Quando estamos bem próximos, ele me beija: são beijos suaves, que dizem *temos todo o tempo do mundo*. Estou tremendo, mas não de frio. Meu coração dispara de nervosismo. Peter inclina a cabeça e começa a beijar meu pescoço, seguindo na direção da minha clavícula. Estou tão envolvida que nem sinto cócegas como costuma acontecer quando tocam meu pescoço. A boca dele está quente, e a sensação é boa. Eu me inclino para trás, apoiada nas mãos, e ele se debruça sobre mim. É agora? É assim que vai acontecer? No chão da casa na árvore de Carolyn Pearce?

Quando a mão dele entra debaixo da minha blusa, mas ainda por cima do sutiã, um pensamento assustador surge na minha cabeça, um que eu ainda não tinha tido: os peitos da Genevieve são maiores do que os meus. Ele vai ficar decepcionado?

De repente, digo:

— Não estou pronta para transar com você.

Ele levanta a cabeça, alarmado.

— Caramba, Lara Jean! Que susto.

— Desculpe. Eu só queria deixar claro, caso não estivesse.

— Estava bem claro. — Peter parece magoado e se senta com as costas eretas. — Não sou um homem das cavernas. Caramba!

— Eu sei. — Eu me sento e ajesto o colar, para o pingente de coração ficar na frente. — É que... espero que você não esteja pensando que porque me deu esse colar lindo, a gente... — Eu paro de falar, porque ele está me olhando com irritação. — Desculpa, desculpa. Mas... você sente falta de sexo? Já que você e Genevieve faziam o tempo todo?

Todos ouvimos as histórias sobre a vida sexual de Gen e Kavinsky: que eles transaram no quarto dos pais de Steve Bledell na festa no último dia de aula, que ela começou a tomar anticoncepcional no nono ano. Como alguém acostumado a fazer sexo sempre pode ficar satisfeito com alguém como eu, uma virgem, que até o momento só chegou a umas apalpadinhas com ele? Satisfeito. “Satisfeito” é a palavra errada. Feliz.

— Nós não fazíamos o tempo todo! Não quero falar sobre isso com você. É esquisito demais.

— Só estou querendo saber se, como eu nunca fiz, mas você fez muito, se há, tipo, um vazio na sua vida? Você sente que... está perdendo alguma coisa? É tipo como se eu nunca tivesse tomado sundae, então não sei o quanto é bom, mas, quando finalmente experimento, tenho vontade de comer o tempo todo? — Eu mordo o lábio. — Você... fica com vontade o tempo todo?

— Não!

— Seja sincero!

— Se eu queria que estivéssemos transando? Sim, admito. Mas não quero pressionar você. Eu nunca sequer toquei no assunto! E os garotos têm outros jeitos de... — Ele fica vermelho. — Se aliviarem.

— Então... você vê pornografia?

— Lara Jean!

— Tenho uma personalidade naturalmente curiosa! Você sabe disso. E costumava responder todas as minhas perguntas.

— Isso foi antes. Agora é diferente.

Às vezes, Peter é capaz de dizer a coisa mais perspicaz sem nem perceber. As coisas *estão* diferentes. Eram mais fáceis antes. Antes do sexo entrar na história.

Com hesitação, digo:

— No contrato, dissemos que sempre contaríamos a verdade um para o outro.

— Tudo bem, mas não vou falar com você sobre pornografia. — Começo a fazer outra pergunta, e Peter acrescenta: — Só vou dizer uma coisa: qualquer cara que diga que nunca vê pornografia está mentindo.

— Então você vê. — Eu assinto. Tudo bem. É bom saber. — Sabe aquelas estatísticas sobre as quais as pessoas estão sempre falando, que garotos adolescentes pensam em sexo a cada sete segundos? É verdade?

— Não. E acho bom ressaltar que é você que fica tocando nesse assunto o tempo todo. Acho que as garotas adolescentes devem ser mais obceçadas do que os garotos.

— Talvez — respondo, e os olhos dele se arregalam, empolgados. Depressa, acrescento: — Eu tenho curiosidade, sem dúvida. É algo em que *penso*. Mas não me vejo fazendo tão cedo. Com ninguém. Inclusive você.

Consigo ver que Peter fica constrangido pelo jeito como se apressa para dizer:

— Tudo bem, tudo bem, entendi. Vamos mudar de assunto. — Baixinho, ele murmura: — Eu nem queria falar sobre isso.

Acho fofo ele estar constrangido. Eu não achava que ele ficaria, considerando toda a experiência que tem. Puxo a manga do suéter dele.

— Quando eu estiver pronta, se eu ficar pronta, vou avisar.

Ele então, eu o puxo para perto e pressiono os lábios nos dele de leve. Ele abre a boca, eu também, e penso *Eu poderia beijar esse garoto durante horas.*

No meio do beijo, ele pergunta:

— Espere, então não vamos transar nunca? Tipo, nunca?

— Eu não falei nunca. Mas não agora. Não enquanto eu não tiver certeza absoluta. Tudo bem?

Ele solta uma gargalhada.

— Claro. É você quem manda. Desde o começo. Eu ainda estou tentando me acostumar. — Ele se aconchega mais para perto e começa a mexer no meu cabelo. — Que xampu novo é esse que você está usando?

— Roubei da Margot. É de pera. Cheiroso, não é?

— É, acho que sim. Mas você pode voltar ao que usava antes? O de coco? Adoro o cheiro daquele.

Um olhar sonhador surge no rosto dele, como névoa caindo sobre uma cidade à noite.

— Se eu sentir vontade — digo, e Peter faz um beicinho.

Já estava pensando mesmo em comprar um pote de máscara capilar com essência de coco, mas não quero que ele fique se achando. Como disse Peter, sou eu quem mando. Ele me puxa para perto e me abraça por trás como se fosse um abrigo. Apoio a cabeça no ombro dele e os braços nos joelhos. É gostoso. É aconchegante. Só ele e eu, só por um tempo, longe do resto do mundo.

* * *

Estamos sentados assim quando de repente me lembro de uma coisa, de uma coisa importante. A cápsula do tempo. A avó de John Ambrose McClaren a deu para ele em seu aniversário, no sétimo ano. Ele tinha pedido um videogame, mas ganhou a cápsula do tempo. Ele disse que ia jogá-la fora, mas depois achou que uma das garotas podia querer. Eu disse que queria, aí Genevieve disse que queria, então é claro que Chris também quis. Eu tive a ideia de enterrá-la no quintal dos Pearce, debaixo da casa na árvore. Fiquei empolgada e disse que todo mundo tinha que contribuir com alguma coisa que tivesse consigo na hora. Eu disse que devíamos voltar no dia da formatura do ensino médio para desenterrá-la.

— Você se lembra da cápsula do tempo que enterramos? — pergunto.

— Ah, lembro! Do McClaren. Vamos pegar!

— Não podemos abrir sem os outros — digo. — Lembra? Íamos fazer isso depois da formatura do ensino médio. — Isso foi quando eu

achava que ainda seríamos amigos. — Você, eu, John, Trevor, Chris e Allie. — Não digo o nome de Genevieve.

Peter não parece perceber.

— Tudo bem, então vamos esperar. Tudo o que minha garota quiser.

Querida Lara Jean,

Posso devolver a carta com uma condição. Você vai ter que fazer uma promessa solene inviolável de que vai devolvê-la para mim depois que ler. Preciso da prova física de que uma garota gostou de mim no ensino fundamental, senão quem acreditaria?

E tenho que dizer que seu bolo de chocolate com creme de amendoim foi o melhor que já comi. Nunca comi outro bolo igual, com meu nome escrito com confeitos. Ainda penso nele às vezes. Um cara não esquece um bolo daqueles.

Tenho uma pergunta: quantas cartas você escreveu? Estou curioso para saber o quanto devo me sentir especial.

John

Querido John,

Eu, Lara Jean, faço uma promessa solene... não, uma promessa inviolável de devolver a carta para você, intacta e inalterada. Agora devolva minha carta!

Além do mais, você é tão mentiroso. Sabe muito bem que muitas garotas gostavam de você no ensino fundamental. Nas festas do pijama, as garotas sempre perguntavam: você é do Time Peter ou do Time John? Não finja que não sabia disso, Johnny!

E, em resposta à sua pergunta: foram cinco cartas ao todo. Cinco garotos importantes na minha vida. Mas, agora que estou escrevendo, cinco parece muita coisa, considerando o fato de que só tenho dezesseis anos. Fico imaginando quantos serão quando eu chegar aos vinte! Conheço uma senhora no lar para idosos onde sou voluntária que teve vários maridos e viveu muitas vidas. Olho para ela e penso: ela não deve ter nenhum arrependimento, porque fez de tudo e viu de tudo.

Eu contei que minha irmã mais velha, Margot, está na Escócia, na St. Andrews? É onde príncipe William e Kate

Middleton se conheceram. Talvez ela conheça um príncipe também, haha! Para qual faculdade você quer ir? Já sabe o que vai estudar? Eu acho que quero ficar no estado. A Virgínia tem ótimas faculdades públicas, além de ser bem mais barato, mas acho que o principal motivo é por eu ser muito próxima da minha família e não querer ir para muito longe. Eu achava que talvez quisesse estudar na Universidade da Virgínia e morar em casa, mas agora estou achando que preciso ficar nos alojamentos para ter uma verdadeira experiência universitária.

Não se esqueça de mandar minha carta.

Lara Jean

Papai está no hospital, mas fez um panelão de mingau de aveia. Já está meio grudento, e tenho que colocar meio vidro de xarope de bordo e cerejas secas para que fique palatável, e mesmo assim não sei se gosto de mingau de aveia. Preparo uma tigela com nozes-pecã picadas para mim e uma com mel para Kitty.

— Kitty, venha comer mingau! — grito.

Ela está na frente da tevê, claro.

Sentamos à mesa da cozinha e comemos o mingau. Tenho que admitir que há algo de satisfatório nele, na forma como gruda nas entranhas como uma pasta. Enquanto como, fico olhando pela janela.

Kitty estala os dedos na frente do meu rosto.

— Alô! Fiz uma pergunta.

— O correio já chegou? — pergunto.

— O carteiro só passa depois de meio-dia aos sábados — responde Kitty, lambendo mel da colher. Ela me olha. — Por que você passou a semana toda empolgada com a correspondência?

— Estou esperando uma carta.

— De quem?

— De... ninguém importante. — Um erro de principiante. Eu devia ter inventado um nome, porque Kitty estreita os olhos e fica interessada.

— Se não fosse importante, você não ficaria doidinha olhando pela janela. De quem é?

— Se você quer mesmo saber, é uma carta minha. Uma daquelas cartas de amor que *você* enviou. — Estico a mão por cima da mesa e

belisco o braço dela. — Está voltando para mim.

— Do garoto com o nome engraçado. Ambrose. Que tipo de nome é Ambrose?

— Você se lembra dele? Ele morava na nossa rua.

— O menino de cabelo louro — diz Kitty. — Ele tinha um skate. Me deixou brincar com ele uma vez.

— É a cara dele — comento, relembrando.

De todos os garotos, ele era quem tinha mais paciência com Kitty, apesar de ela ser uma chata.

— Pare de sorrir — ordena Kitty. — Você já tem um namorado. Não precisa de dois.

Meu sorriso some.

— Só estamos trocando cartas, Kitty. E não fale assim comigo. — Eu me inclino para beliscá-la de novo, mas ela se afasta antes que eu consiga. — O que você vai fazer hoje?

— A sra. Rothschild disse que vai comigo e com Jaime ao parque de cachorros — responde ela, colocando a tigela suja na pia. — Vou até lá lembrar a ela.

— Você tem passado muito tempo com a sra. Rothschild. — Kitty dá de ombros, e eu digo com delicadeza: — Só tome cuidado para não se tornar um incômodo, está bem? Ela tem uns quarenta anos. Deve ter outras coisas para fazer no sábado. Tipo ir a uma vinícola ou a um spa. Não precisa de você enchendo o saco dela para sair com nosso pai.

— A sra. Rothschild adora ficar comigo, então cuide da sua própria vida.

Eu franzo a testa para ela.

— Falando sério, Kitty, você é muito mal-educada.

— A culpa da minha falta de educação é sua, de Margot e do papai. Foram vocês que me criaram assim.

— Então você nunca vai ser culpada de nada na vida por causa da sua péssima criação?

— Exato.

Solto um grito de frustração, e Kitty sai correndo, cantarolando baixinho, feliz da vida por ter conseguido me irritar.

Querida Lara Jean,

Que fique registrado que o único motivo para as garotas prestarem atenção em mim era eu ser o melhor amigo do Peter. Foi por isso que Sabrina Fox me pediu para ser o par dela no baile do oitavo ano! Ela até tentou se sentar ao lado de Peter no Red Lobster, antes do baile.

Quanto à faculdade, meu pai estudou na Universidade da Carolina do Norte, então está insistindo para que eu vá para lá. Ele diz que tenho piche no sangue. Minha mãe quer que eu fique no estado. Ainda não contei para ninguém, mas quero ir para Georgetown. Torça por mim. Já estou estudando para o vestibular.

Enfim... aqui está sua carta. Não se esqueça da sua promessa. Estou gostando muito de trocar cartas com você, mas posso pedir seu celular? Você é bem difícil de encontrar on-line.

Meu primeiro pensamento é: Ele não viu o vídeo. Não pode ter visto! Não se está dizendo que sou difícil de encontrar on-line. Acho que no fundo eu devia estar preocupada com isso, porque fico muito aliviada. Que consolo saber que ele ainda pode ter uma ideia de quem eu seja na cabeça, a mesma que tenho dele. E, na verdade, John Ambrose McClaren não é o tipo de garoto que olha o MeninaVeneno. Não o John Ambrose McClaren do qual me lembro.

Olho para a carta, e ali, no rodapé, vejo o número do celular dele.

Pisco. As cartas eram inofensivas, mas se John e eu começássemos a conversar ao telefone, seria um tipo de traição? Existe diferença entre trocar mensagens de texto e escrever cartas? Um é mais imediato. Mas o ato de escrever uma carta, de escolher o papel e a caneta, endereçar o envelope, encontrar um selo, sem contar o próprio ato de escrever no papel... é bem mais deliberado. Minhas bochechas ficam vermelhas. É mais... romântico. Uma carta é uma coisa que se guarda.

Falando nisso... desdobro o segundo pedaço de papel no envelope. Está amassado, e reconheço o papel de carta na hora. Um papel creme grosso com *LJSC* gravado em azul-marinho no topo. Presente de aniversário do meu pai por causa do meu gosto por qualquer coisa com monogramas.

Querido John Ambrose McClaren,

Sei o dia exato em que tudo começou. Era outono, e estávamos no oitavo ano. Fomos pegos pela chuva enquanto guardávamos as bolas de futebol depois da aula de educação física. Começamos a correr de volta para o prédio, e eu não conseguia correr tão rápido quanto você, então você parou e pegou minha bolsa também. Foi ainda melhor do que se você tivesse segurado minha mão. Ainda me lembro daquele dia: sua camiseta estava grudada no corpo, o cabelo molhado como se você tivesse acabado de sair do chuveiro. Quando a chuva piorou, você gritou e riu como um garotinho. Houve um momento em que olhou para trás, para mim, e seu sorriso estava da largura do seu rosto. Você disse: "Vamos, LJ!"

Foi nessa hora. Foi nesse momento que eu soube, até meus tênis encharcados. Eu amo você, John Ambrose McClaren. Amo de verdade. Talvez amasse durante todo o ensino médio. E talvez você também me amasse. Se ao menos não fosse se mudar, John! É tão injusto quando as pessoas se mudam. Parece que os pais decidem uma coisa e mais ninguém pode dar opinião. Não que eu mereça uma opinião, não sou sua namorada nem nada. Mas você merecia dizer o que pensa.

Estava torcendo para que um dia eu pudesse chamar você de Johnny. Sua mãe veio buscar você uma vez depois da escola, e estávamos todos sentados nos degraus da entrada. Você não viu o carro dela, então ela buzinou e gritou: “Johnny!” Adorei a sonoridade. Johnny. Um dia, aposto que sua namorada vai te chamar de Johnny. Ela tem muita sorte. Talvez você já tenha namorada agora. Se tiver, saiba do seguinte: houve uma época na Virgínia em que uma garota amou você.

Vou dizer isso só uma vez, já que você nunca vai ouvir mesmo. Adeus, Johnny.

Com amor,
Lara Jean

Solto um grito tão alto e agudo que Jamie late, assustado.

— Desculpa — sussurro, e caio nos travesseiros.

Não acredito que John Ambrose McClaren leu essa carta. Eu não lembrava que ela era tão... crua. Com tanto... anseio. Deus, por que tenho que ser uma pessoa que anseia tanto? Que horrível. Que absolutamente horrível. Nunca fiquei nua na frente de um garoto, mas agora sinto como se tivesse ficado. Não consigo ler a carta de novo, não consigo nem pensar nela. Eu me levanto, enfio dentro do envelope e jogo embaixo da cama, para que não exista mais. O que os olhos não veem, o coração não sente.

Obviamente, não vou mandar a carta de volta. Na verdade, não sei se devo responder a carta do John. As coisas parecem... diferentes, de alguma forma.

Eu tinha esquecido a carta, o quanto o desejei ardentemente. O

quanto eu tinha certeza, certeza absoluta, de que fomos feitos um para o outro. A lembrança dessa certeza me abala; me deixa perturbada e até insegura. À deriva. O que havia nele que me fez ter tanta certeza?

Estranhamente, não há menção a Peter na carta. Eu disse que comecei a gostar de John no oitavo ano. Eu também gostei de Peter no oitavo ano, então houve uma sobreposição. Quando um começou e o outro terminou?

A única pessoa que saberia é a pessoa para quem eu jamais poderia perguntar.

Foi ela que previu que eu gostaria de John.

Genevieve dormiu na minha casa quase todas as noites daquele verão. Allie só podia dormir fora em ocasiões especiais, então normalmente éramos só nós duas. Nós relembávamos cada detalhe do que tinha acontecido com os garotos.

“Essa vai ser a nossa galera”, ela me disse certa noite, mal mexendo os lábios. Estávamos usando as máscaras faciais coreanas que minha avó tinha mandado, do tipo que pareciam máscaras de esqui e que pingava com essências e vitaminas e coisas no estilo spa. “O ensino médio vai ser assim: eu e Peter, você e McClaren, e Chris e Allie podem dividir Trevor. Vamos formar casais.”

“Mas John e eu não nos gostamos assim”, comentei, com os dentes trincados para impedir que a máscara facial se quebrasse.

“Mas vão se gostar”, disse ela.

Ela falou como se fosse um fato pré-determinado, e eu acreditei nela. Eu sempre acreditava nela.

Mas nada disso aconteceu, exceto por Gen e Peter.

LUCAS E EU estamos sentados no corredor de pernas cruzadas, dividindo um picolé de torta de morango.

— Fique do seu lado — diz ele quando abaixo a cabeça para dar outra mordida.

— Fui eu que comprei! — lembro a ele. — Lucas... você acha que é traição escrever cartas para uma pessoa? Não sou eu, estou perguntando por uma amiga.

— Não — responde Lucas. Ele levanta as sobrancelhas. — Espere, são cartas eróticas?

— Não!

— São parecidas com a que você me escreveu?

Digo um “não” baixo e fraco. Ele me olha como quem não acredita em nada do que estou dizendo.

— Então está tudo bem. Tecnicamente, está em zona livre. Para quem você está escrevendo?

Hesito.

— Você se lembra de John Ambrose McClaren?

Ele revira os olhos.

— Nossa, é claro que me lembro de John Ambrose McClaren, Lara Jean. Como não lembrar? Eu tinha uma quedinha por ele no sétimo ano.

— Eu tinha uma quedinha por ele no oitavo!

— Claro. Todo mundo tinha. No ensino fundamental, todo mundo gostava de John ou de Peter. Eram as duas escolhas principais. Como Nick e Brian, dos Backstreet Boys. Obviamente, John é Nick e Peter é Brian. — Ele faz uma pausa. — Lembra que John tinha uma gagueira muito fofa?

— Lembro! Senti até um pouco de falta quando sumiu. Era tão fofo. Tão pueril. E você lembra que o cabelo dele era cor de manteiga? Tipo, aposto que era da cor de manteiga recém-batida.

— Achei que estava mais para palha de milho iluminada pelo luar, mas é. E como ele está?

— Não sei... É estranho, porque tem o ele de quem me lembro do ensino fundamental, só uma lembrança, e tem o ele de agora.

— Vocês ficaram, naquela época?

— Ah, não! Nunca.

— Deve ser por isso que você está curiosa.

— Eu não falei que estava *curiosa*.

Lucas me lança um olhar.

— Disse sim. Mas eu não te culpo. Eu também estaria curioso.

— É divertido pensar nisso.

— Você tem sorte — diz ele.

— Sorte como?

— Sorte de ter... *opções*. Não estou oficialmente “fora do armário”, mas, mesmo que estivesse, só tem uns dois caras gays na nossa escola. Mark Weinberger, que tem a cara cheia de espinha, e *Leon Butler*.

Lucas estremece.

— Qual é o problema do Leon?

— Não seja condescendente. Eu só queria que nossa escola fosse maior. Não tem ninguém pra mim aqui.

Ele observa o nada, mal-humorado. Às vezes, olho para Lucas e, por um segundo, esqueço que ele é gay e tenho vontade de gostar dele de novo.

Eu toco na mão dele.

— Um dia, em breve, você vai estar no mundo, e vai ter tantas opções que não vai saber o que fazer com elas. Todo mundo vai se apaixonar por você, Lucas, porque você é lindo e charmoso, e você não vai nem se lembrar do ensino médio.

Lucas sorri, e o mau humor some.

— Pode ser, mas nunca vou me esquecer de você.

— OS PEARCE FINALMENTE venderam a casa — anuncia meu pai, colocando mais espinafre no prato de Kitty. — Vamos ter novos vizinhos em um mês.

Kitty se anima.

— Eles têm filhos?

— Donnie disse que são aposentados.

Kitty finge ânsia de vômito.

— Gente velha. Que coisa chata! Será que eles têm netos, pelo menos?

— Ele não disse, mas acho que não. Provavelmente vão tirar aquela casa na árvore.

Eu paro no meio da mastigação.

— Vão demolir nossa casa na árvore?

Papai assente.

— Acho que vão construir um gazebo.

— Um gazebo! — repito. — Nós nos divertíamos tanto lá em cima. Genevieve e eu brincávamos de Rapunzel durante horas. Mas ela sempre era a Rapunzel. Eu só ficava em baixo e exclamava — faço uma pausa para preparar meu melhor sotaque inglês: — Rapunzel, Rapunzel, jogue as tranças!

— Que sotaque é esse? — pergunta Kitty.

— Cockney, eu acho. Por quê? Não ficou bom?

— Não mesmo.

— Ah. — Eu me viro para papai. — Quando vão tirar a casa na árvore?

— Não tenho certeza. Imagino que antes de eles se mudarem, mas nunca se sabe.

Teve uma vez que olhei pela janela e vi que John McClaren estava na casa na árvore sozinho. Ele estava sentado, lendo. Então, fui até lá com duas Coca-Colas e um livro, e ficamos lendo a tarde toda. Mais tarde, Peter e Trevor apareceram, e guardamos os livros e jogamos cartas. Na época, eu estava apaixonada por Peter, então não foi nem um pouco romântico, disso tenho certeza. Mas me lembro de sentir que nossa tarde tranquila foi estragada, que eu preferia ter ficado lendo acompanhada.

— Nós enterramos uma cápsula do tempo embaixo daquela casa na árvore — conto para Kitty quando estou colocando pasta na escova de dentes. — Genevieve, Peter, Chris, Allie, Trevor, eu e John Ambrose McClaren. Íamos desenterrar quando nos formássemos no ensino médio.

— Vocês deviam fazer uma festa da cápsula do tempo antes de demolirem a casa na árvore — sugere Kitty, do vaso. Ela está fazendo xixi e eu estou escovando os dentes. — Você pode mandar convites. Vai ser divertido. Uma revelação.

Eu cuspo a pasta de dentes.

— Em teoria, claro. Mas Allie se mudou, e Genevieve é uma...

— Palavra que começa com V — completa ela.

Dou risada.

— Definitivamente uma palavra que começa com V.

— Ela dá medo. Uma vez, quando eu era pequena, ela me trancou no armário de toalhas! — Kitty dá descarga e se levanta. — Você pode dar uma festa, só não convida Genevieve. Não faz sentido você convidar a ex-namorada do seu namorado para uma festa da cápsula do tempo.

Como se houvesse uma regra de etiqueta pré-determinada para quem convidar ou não para uma festa da cápsula do tempo! Como se existissem festas da cápsula do tempo!

— Eu tirei você do armário rapidinho — lembro a ela. Coloco a escova de dentes no lugar. — Lave as mãos.

— Eu ia lavar.

— E escove os dentes. — Antes que Kitty possa abrir a boca, digo:

— Não diga que ia escovar porque eu sei que não ia.

Kitty faz qualquer coisa para não ter que escovar os dentes.

* * *

Não podemos deixar a casa na árvore ser derrubada sem uma despedida. Não seria certo. Nós sempre dissemos que voltaríamos lá. Vou dar uma festa, e esse vai ser o tema. Genevieve agiria com desprezo, diria que é infantil. Mas não vou convidá-la, então quem liga para o que ela pensa. Vamos ser só Peter, Chris, Trevor e... John. Vou ter que convidar John. Como amigo, só como amigo.

* * *

O que comemos naquele verão? Salgadinhos. Sanduíches derretidos de biscoito com sorvete, e o wafer de chocolate grudava nos dedos. Suco de frutas de caixinha à vontade. John sempre tinha um sanduíche de

creme de amendoim e geleia na mochila, em um saco ziplock, preparado pela mãe. Vou cuidar para que tenhamos tudo isso na festa.

O que mais? Trevor tinha alto-falantes portáteis que carregava para todo lado. O pai gostava de rock sulista, e naquele verão Trevor botou para tocar “Sweet Home Alabama” tantas vezes que Peter jogou os alto-falantes do alto da casa na árvore, e Trevor não falou com ele durante dias. Trevor Pike tinha cabelo castanho que ficava encaracolado quando molhado, era gordinho do jeito que garotos do ensino fundamental são (nas bochechas, na barriga), logo antes de ter um estirão de crescimento e tudo se acertar. Vivia com fome e rondando os armários dos outros. Ficava com vontade de fazer xixi e voltava com um picolé, uma banana ou biscoitos sabor queijo, o que conseguisse arrumar. Trevor era o terceiro da trupe de Peter. Eram John, Peter e depois Trevor. Eles não andam mais tanto juntos. Trevor é mais amigo do pessoal do atletismo. Não temos aulas juntos; estou nas turmas especiais e avançadas, e Trevor nunca tirou boas notas. Mas era divertido.

Eu me lembro do dia em que Genevieve apareceu na minha casa chorando, dizendo que ia se mudar. Não para longe, ela ainda estudaria na mesma escola que nós, mas não poderia mais vir andando de bicicleta ou a pé. Peter ficou triste; ele a consolou, passou o braço pelos ombros dela. Eu me lembro de ter pensado no quanto eles pareciam adultos naquele momento, como adolescentes de verdade apaixonados. E então, Chris e Gen brigaram por alguma coisa, uma briga maior do que o normal; nem lembro qual foi o motivo. Acho que alguma coisa sobre os pais. Sempre que os pais delas não se entendiam, as coisas chegavam a elas como lixo descendo um rio.

Gen se mudou, e continuamos amigas, mas depois, na época do baile do oitavo ano, ela me largou. Acho que não havia mais espaço para mim na vida dela. Achei que Genevieve seria uma pessoa que eu conheceria para sempre. Uma daquelas pessoas que você conhece a vida toda, não importa o que aconteça. Mas não é assim. Aqui estamos nós, três anos depois, e somos mais do que estranhas. Eu sei que ela fez aquele vídeo. Sei que ela mandou para o MeninaVeneno. Como poderia perdoar isso?

JOSH TEM UMA namorada nova: Liza Booker, uma garota do clube de quadrinhos de que ele faz parte. Ela tem cabelo castanho cacheado, olhos bonitos, peitos grandes, usa aparelho. É do último ano, como Josh, e inteligente, como Josh. Só não consigo acreditar que ele está com uma garota que não é Margot. Se comparados à minha irmã, os olhos bonitos e os peitos grandes de Liza Booker não são nada.

Eu vi várias vezes um carro que não conhecia na porta da casa de Josh, e hoje, quando fui pegar a correspondência, Liza e Josh saíram, e ele a levou até o carro e a beijou. Do mesmo jeito que beijava Margot.

Espero até ela ter se afastado e Josh estar prestes a voltar para dentro antes de chamá-lo.

— Então você e Liza estão namorando, é?

Ele se vira. Pelo menos parece estar sem graça.

— Estamos saindo, é. Não é sério nem nada. Mas gosto dela.

Josh se aproxima um pouco, e não estamos tão distantes agora.

Não consigo resistir a dizer:

— Gosto não se discute. Quem diria que você trocaria Margot por ela?

Solto uma gargalhada abafada que surpreende até a mim, porque Josh e eu estamos nos entendendo. Não como antes, mas estamos. Foi uma coisa cruel de se dizer. Mas não falei para ser cruel com Liza Booker, que eu nem conheço. Falei pela minha irmã. Por causa do que ela e Josh eram um para o outro.

— Não troquei Margot por Liza, e você sabe disso. Liza e eu mal nos conhecíamos em janeiro — retruca ele, baixinho.

— Tudo bem, então por que não Margot?

— Não ia dar certo. Eu ainda gosto dela. Sempre vou amá-la. Mas ela estava certa em terminar quando viajou. Teria sido mais difícil se tivéssemos continuado juntos.

— Não teria valido a pena esperar para ver? Para saber?

— Teria terminado do mesmo jeito, mesmo se ela não tivesse ido para a Escócia.

O rosto dele tem uma expressão teimosa; seu queixo pequeno está posicionado com firmeza. Sei que ele não vai dizer mais nada. Não é da minha conta, na verdade. Só diz respeito a ele e a Margot, e talvez nem mesmo Josh saiba com certeza.

CHRIS APARECE NA minha casa com *ombré hair* lilás. Ela puxa o capuz do casaco para trás e pergunta:

— O que acha?

— Ficou bonito — respondo.

Kitty fala, só com movimentos labiais: *Como um ovo de Páscoa*.

— Fiz mais para irritar minha mãe.

Tem um leve tom de insegurança na voz dela, que Chris está tentando disfarçar.

— Faz você parecer sofisticada — digo.

Estico a mão e toco nas pontas, e o cabelo parece sintético, como cabelo de boneca depois de lavado.

Kitty fala de novo sem usar a voz: *Como uma vovó*. Faço cara feia para ela.

— Está uma merda? — pergunta Chris, mordendo o lábio.

— Não fale palavrão na frente da minha irmã! Ela tem dez anos!

— Desculpa. Está uma porcaria?

— Está — admite Kitty. Graças a Deus temos Kitty por perto. Sempre podemos contar com ela para as verdades inconvenientes. — Por que você não foi a um salão?

Chris começa a passar os dedos pelo cabelo.

— Eu fui. — Ela expira. — Merd... quer dizer, que porcaria. Acho que eu devia cortar as pontas.

— Sempre achei que você ficaria ótima de cabelo curto — digo. — Mas, sinceramente, não acho que o lilás esteja ruim. Está bonitinho, na verdade. Como o interior de uma concha.

Se eu tivesse a coragem de Chris, cortaria o cabelo curto como Audrey Hepburn em *Sabrina*. Mas não sou tão corajosa assim, e também tenho certeza de que me arrependeria na hora, por causa dos rabos de cavalo, tranças e cachos.

— Tudo bem. Talvez eu deixe assim por um tempo.

— Você devia fazer uma hidratação para ver se ajuda — sugere Kitty, e Chris olha para ela de cara feia.

Vamos para o andar de cima, e Chris segue para o meu quarto enquanto procuro a máscara capilar no banheiro. Quando volto para o quarto com o pote, Chris está sentada de pernas cruzadas no chão, mexendo na minha caixa de chapéu.

— Chris! Isso é particular!

— Estava aqui, à vista! — Ela levanta o cartão de Peter, o poema que ele escreveu para mim. — O que é isso?

— É o poema que Peter escreveu para mim no Dia dos Namorados — digo com orgulho.

Chris olha para o papel de novo.

— Ele disse que escreveu isso? Ele fala tanta merda. Isso é de um poema do Edgar Allan Poe.

— Não, foi Peter que escreveu.

— É daquele poema chamado “Annabel Lee”! Eu estudei isso na aula de recuperação de inglês no ensino fundamental. Eu lembro porque fomos ao museu do Edgar Allan Poe, depois passeamos em um barco chamado *Annabel Lee*. O poema estava emoldurado na parede!

Não consigo acreditar.

— Mas... ele disse que escreveu para mim.

Ela ri.

— Típico do Kavinsky. — Quando Chris vê que não estou rindo junto, diz: — Ah, sei lá. O que vale é a intenção, não é?

— Mas não foi a intenção dele.

Eu fiquei tão feliz de ganhar o poema. Ninguém nunca tinha escrito um poema de amor para mim, e agora eu descubro que é plágio. Imitação.

— Não fique com raiva. É engraçado! Claro que ele queria impressionar você.

Eu devia ter imaginado que Peter não tinha escrito aquilo. Ele quase nunca lê, é claro que não escreve poesia.

— Bem, o colar é real, pelo menos — digo.

— Tem certeza?

Olho para ela de cara feia.

* * *

Quando Peter e eu nos falamos naquela noite, estou decidida a perguntar do poema, ou pelo menos provocá-lo. Mas começamos a falar do jogo de lacrosse fora da escola na sexta-feira.

— Você vai, não é? — pergunta ele.

— Quero ir, mas prometi a Stormy que pintaria o cabelo dela na sexta à noite.

— Você não pode fazer isso no sábado?

— Não, a festa da cápsula do tempo é no sábado, e ela tem um encontro. É por isso que precisa ser na sexta... — Parece uma desculpa ruim, eu sei. Mas eu prometi. Além do mais... eu não poderia ir de ônibus com Peter, e não me sinto à vontade para dirigir quarenta e cinco minutos até uma escola à qual nunca fui. Ele não precisa de mim lá, mesmo. Não como Stormy.

Ele fica em silêncio.

— Vou ao próximo, prometo — digo.

Peter explode.

— A namorada do Gabe vai a todos os jogos e pinta o número da camisa dele no rosto. Ela nem estuda na nossa escola!

— Só teve quatro jogos, e eu fui a dois! — Agora, estou irritada. Sei que o lacrosse é importante para ele, mas não é menos importante do que meu compromisso em Belleview. — E quer saber? Eu sei que você não escreveu aquele poema do Dia dos Namorados. Você copiou do Edgar Allan Poe!

— Eu nunca disse que *escrevi* — argumenta ele.

— Disse, sim. Você agiu como se tivesse escrito.

— Eu não ia fazer isso, mas você ficou tão feliz! Desculpa por tentar te deixar feliz.

— Ah, é? Eu ia fazer biscoitos de limão no dia do jogo, agora não sei se vou mais.

— Tudo bem, então não sei se vou mais poder ir à sua festa na casa na árvore no sábado, pode ser que eu esteja muito cansado do jogo.

Eu sufoco um gritinho.

— É melhor você ir!

A festa já é bem pequena, e Chris não é uma pessoa com quem se pode contar. Não podemos ficar só eu, Trevor e John. Três pessoas não são uma festa.

Peter resmunga.

— Então é melhor eu encontrar biscoitos de limão no meu armário no dia do jogo.

— Tudo bem.

— Tudo bem.

* * *

Na sexta, levo os biscoitos de limão e escrevo o número da camisa dele na bochecha, o que deixa Peter feliz da vida. Ele me abraça e me joga no ar, com um sorriso enorme no rosto. Fico me sentindo culpada por não ter feito isso antes, porque foi preciso um esforço mínimo da minha parte para fazê-lo feliz. Percebo agora que são as pequenas coisas, os pequenos esforços, que mantêm um relacionamento. E sei também que, de certa forma, tenho o poder de magoá-lo e também de fazê-lo se sentir melhor. Essa descoberta me deixa com um sentimento esquisito no peito, por motivos que não sei explicar.

EU ESTAVA COM medo de estar frio demais para ficarmos na casa na árvore por muito tempo, mas está fazendo um calor incomum, tanto que papai começa um de seus discursos sobre mudanças climáticas, e depois de certo tempo Kitty e eu passamos a ignorá-lo.

Depois da falação, pego uma pá na garagem e começo a cavar embaixo da árvore. A terra está dura, e demoro um tempo para pegar no ritmo, mas finalmente, depois de algumas dezenas de centímetros, alcanço a cápsula do tempo. Ela é do tamanho de um cooler pequeno; parece uma garrafa térmica futurista. O metal erodiu por causa da chuva, neve e terra, mas não tanto quanto se esperaria, considerando que se passaram quase quatro anos. Levo-a para casa e lavo na pia, para que fique brilhando de novo.

Perto de meio-dia, encho um carrinho de compras com sanduíches de sorvete, caixinhas de sucos de frutas e salgadinhos e levo tudo para a casa na árvore. Estou atravessando o quintal até a casa dos Pearce, tentando equilibrar a sacola de compras, os alto-falantes portáteis e meu celular, quando vejo John Ambrose McClaren em frente à casa na árvore, olhando para ela de braços cruzados. Eu reconheceria a parte de trás daquela cabeça loura em qualquer lugar.

Paro, nervosa de repente e insegura. Achei que Peter ou Chris estariam comigo quando ele chegasse e que isso fosse diminuir o constrangimento. Mas não dei sorte.

Coloco todas as coisas no chão e me aproximo para dar um tapinha no ombro dele, mas John se vira antes disso. Dou um passo para trás.

— Ah! Oi!

— Oi! — Ele me olha por um tempo. — É você mesmo?

— Sou eu.

— Minha correspondente, a elusiva Lara Jean Covey, que aparece no Projeto das Nações Unidas e some sem nem dizer oi?

Eu mordo o lábio.

— Tenho certeza de que eu disse pelo menos oi.

— Tenho certeza de que não — responde John, provocando.

Ele está certo: eu não disse. Estava nervosa demais. Meio como agora. Deve ser a distância entre conhecer uma pessoa quando se é criança e vê-la agora que os dois estão mais crescidos, mas não totalmente, e existem tantos anos e cartas entre os dois, e você não sabe como agir.

— Ah, sei lá. Você parece... mais alto.

Ele está mais do que mais alto. Agora que posso olhar para ele de

verdade, reparo em mais coisas. Com o cabelo louro, a pele clara e as bochechas rosadas, ele podia ser o filho de um fazendeiro inglês. Mas é magro, então o filho sensível do fazendeiro que foge para o celeiro para ler. A ideia me faz sorrir, e John me olha com curiosidade, mas não pergunta por quê.

Com um aceno, ele diz:

— Você está... exatamente a mesma.

Engulo em seco. Isso é bom ou ruim?

— Estou? — Fico nas pontas dos pés. — Acho que cresci pelo menos uns três centímetros desde o oitavo ano.

E meus peitos estão um pouco maiores. Não muito. Não que eu queira que John repare, só estou dizendo.

— Não, você está... do jeito que me lembro de você. — John Ambrose estica o braço, e acho que ele vai me abraçar, mas só está querendo pegar a sacola, e há uma dança curta e estranha que me envergonha, mas ele não parece perceber. — Obrigado por me convidar.

— Obrigada por vir.

— Quer que eu leve isso lá para cima?

— Claro — respondo.

John pega a sacola da minha mão e olha dentro.

— Uau. Todas as coisas que a gente comia! Por que você não sobe primeiro e eu passo para você?

É isso que eu faço: subo a escada, e ele sobe logo atrás de mim. Estou agachada e com os braços esticados, esperando que ele me passe a sacola.

Mas ele sobe até metade da escada, para, olha para mim e diz:

— Você ainda gosta de trançar o cabelo.

Toco a minha trança lateral. Logo isso, dentre tantas coisas para lembrar sobre mim. Na época, era Margot que fazia minhas tranças.

— Você gosta?

— Gosto. Parece... pão caro.

Eu caio na gargalhada.

— Pão!

— É. Ou... a Rapunzel.

Eu me deito de bruços na beirada e finjo jogar o cabelo para ele subir. Ele sobe até o alto da escada e me passa a sacola, que eu pego, e sorri e dá um puxão na minha trança. Ainda estou deitada, mas sinto uma descarga elétrica, como se John tivesse me acertado com um raio. Fico ansiosa ao pensar nos mundos prestes a colidir, o passado e o presente, um correspondente e um namorado, tudo isso em uma minúscula casa na árvore. Eu devia ter pensado melhor nisso. Mas estava tão concentrada na cápsula do tempo, nos lanches e na *ideia*, velhos amigos se reunindo para fazer o que dissemos que faríamos. E

agora, aqui estamos.

— Tudo bem? — pergunta John, me oferecendo a mão enquanto me levanto.

Eu não aceito a mão dele; não quero outro choque.

— Tudo ótimo — respondo, alegremente.

— Ei, você não me devolveu minha carta — diz ele. — Rompeu uma promessa inviolável.

Dou uma gargalhada constrangida. Eu estava torcendo para ele não tocar nesse assunto.

— Foi muito constrangedor. As coisas que escrevi. Não consegui suportar a ideia de outra pessoa ver.

— Mas eu já vi — lembra ele.

Por sorte, Chris e Trevor Pike aparecem e interrompem a conversa sobre a carta. Eles atacam a comida na mesma hora. Enquanto isso, Peter está atrasado. Mando uma mensagem:

É melhor você estar vindo.

E depois:

Não responda se estiver dirigindo. É perigoso.

Quando estou mandando a segunda mensagem, a cabeça de Peter aparece no topo da escada, e ele entra. Estou indo dar um abraço nele, mas Genevieve surge logo atrás. Meu corpo todo fica gelado.

Eu olho dele para ela, que passa direto por mim e abraça John.

— Johnny! — grita ela, e ele ri.

Sinto uma pontada de inveja no estômago. Todos os garotos têm que ficar encantados por Genevieve?

Enquanto ela está abraçando John, Peter olha para mim com súplica nos olhos. Ele fala com movimentos labiais: *Não fique com raiva*, e junta as mãos. Eu respondo: *Mas que diabos?* Ele faz uma careta. Eu nunca disse explicitamente que ela não seria convidada, mas achava que estava claro. E então, penso: *Espere um minuto*. Eles vieram juntos. Ele estava com ela e não me disse nada, depois a trouxe aqui, aqui, para a minha casa. Especificamente, para a casa na árvore dos meus vizinhos. A garota que me fez mal, fez mal a nós dois.

Peter e John se abraçam e dão um *high-five*, depois dão tapinhas nas costas um do outro, como velhos companheiros de guerra, irmãos separados pelo tempo.

— Faz tempo pra caramba, cara — diz Peter.

Genevieve já está tirando a jaqueta branca e ficando à vontade. A breve chance que tive de expulsar Genevieve e Peter da casa na árvore dos meus vizinhos passou.

— Oi, Chris — diz ela, sorrindo enquanto se senta no chão. — Cabelo bonito.

Chris olha para ela com raiva.

— O que você está fazendo aqui?

Amo o fato de ela dizer isso. *Amo*.

— Peter e eu estávamos conversando e ele me disse o que vocês iam fazer hoje. — Ela tira o casaco e diz para mim: — Acho que meu convite se perdeu no correio.

Eu não respondo, pois o que posso dizer na frente de todas essas pessoas? Só abraço os joelhos. Agora que estou sentada ao lado dela, me dou conta do quanto essa casa na árvore ficou pequena. Não tem espaço para todos os braços e pernas, e os garotos ficaram tão grandes. Antes, éramos mais ou menos do mesmo tamanho, garotos e garotas.

— Meu Deus, este lugar sempre foi tão pequeno? — pergunta Genevieve para ninguém em especial. — Ou fomos nós que ficamos grandes? — Ela ri. — Menos você, Lara Jean. Você ainda é pequenininha. — Ela fala com doçura. Como leite condensado adoçado. Doce e condescendente. Como xarope concentrado.

Eu danço conforme a música e dou um sorriso. Não vou deixar que ela me irrite.

John revira os olhos.

— A Gen não mudou nada.

Ele fala secamente, com afeição desgastada, e ela dá o sorriso fofo de nariz franzido para ele, como se ele tivesse feito um elogio. Mas ele olha para mim e levanta uma sobrancelha de modo sardônico, e de repente me sinto melhor com tudo. De um jeito estranho, a presença dela completa o círculo. Gen pode pegar o objeto dela na cápsula do tempo, e nossa história pode acabar.

— Trevor, me passa um sanduíche de sorvete — pede Peter, se enfiando entre mim e Genevieve. Ele estica as pernas até o centro do círculo, e todo mundo precisa se ajustar para abrir espaço para suas pernas longas.

Eu empurro as pernas dele para poder colocar a cápsula do tempo no centro.

— Aqui está, pessoal. Todos os seus maiores tesouros do sétimo ano.

Tento tirar a tampa de alumínio com um floreio, mas está presa. Estou tendo dificuldades e usando as unhas. Olho para Peter, que está comendo os sanduíches de sorvete, alheio a tudo, então John se levanta e me ajuda a abrir. Ele tem cheiro de sabonete de eucalipto. Acrescento isso à lista de coisas novas que aprendi sobre ele.

— Como vamos fazer isso? — pergunta Peter para mim, com a boca cheia de sorvete. — Viramos tudo no chão?

Eu já tinha pensado nisso.

— Acho que devíamos nos revezar tirando as coisas. Vamos

demorar, como na hora de abrir os presentes na manhã de Natal.

Genevieve se inclina para a frente com expectativa. Sem olhar, enfia a mão no cilindro e puxa a primeira coisa que seus dedos tocam. É engraçado, eu tinha esquecido o que coloquei lá dentro, mas sei o que é na mesma hora, nem preciso olhar. É a pulseira da amizade que Genevieve fez para mim quando estávamos com mania de artesanato no quinto ano. Era rosa, branca e azul-clara. Também fiz uma para ela. Roxa e amarela. Ela não deve nem lembrar. Olho para ela, e seu rosto está sem expressão. Nenhum reconhecimento.

— O que é? — pergunta Trevor.

— É meu — digo. — É... é uma pulseira que eu usava.

— Esse barbante era seu bem mais precioso? — provoca Peter, cutucando meu sapato com o dele.

John está me observando.

— Você usava o tempo todo — comenta ele, e é fofo ele lembrar.

Quando a gente coloca a pulseira, não pode tirar nunca, mas a sacrifiquei na cápsula do tempo porque a amava muito. Talvez tenha sido aí que minha amizade com Gen azedou. A maldição da pulseira da amizade.

— Sua vez — digo a ele.

John enfia a mão na caixa e puxa uma bola de beisebol.

— É minha — fala Peter. — É de quando fiz um *home run* no Claremont Park. — John joga a bola para ele, e Peter a pega. Ao examiná-la, ele diz: — Estão vendo, eu assinei e datei!

— Eu me lembro desse dia — diz Genevieve, inclinando a cabeça. — Você saiu correndo do campo e me beijou na frente da sua mãe. Lembra?

— Hã... não — murmura Peter.

Ele está olhando para a bola e a virando na mão como se estivesse fascinado. Não consigo acreditar nele. Não mesmo.

— Bi-zarro — diz Trevor, dando risada.

Com a voz baixa, como se estivessem sozinhos, Genevieve diz para ele:

— Posso ficar com ela?

As orelhas de Peter estão ficando vermelhas. Ele olha para mim, em pânico.

— Covey, você quer?

— Não — respondo, sem conseguir olhar para eles.

Pego o saco de salgadinhos e enfio um punhado na boca. Estou com tanta raiva que só consigo comer, senão vou gritar com ele.

— Tudo bem, eu vou ficar com ela — diz Peter, enfiando a bola no bolso do casaco. — Owen pode querer. Foi mal, Gen. — Ele pega a cápsula do tempo e começa a mexer lá dentro. Tira um boné de beisebol surrado dos Orioles. Alto demais, ele diz: — McClaren, olha o

que peguei aqui.

Um sorriso se abre no rosto de John, como um amanhecer lento. Ele pega o boné da mão de Peter e o coloca na cabeça, ajeitando a aba.

— Era mesmo seu bem mais precioso — digo.

Ele usou aquilo por meses e mais meses. Pedi ao meu pai para comprar uma camiseta dos Orioles para mim, porque achava que John McClaren ficaria impressionado. Usei duas vezes, mas acho que ele nunca reparou. Meu sorriso some quando vejo Genevieve me observando. Nossos olhares se encontram; tem um brilho de reconhecimento nos olhos dela que me deixa pouco à vontade. Genevieve desvia o olhar; agora, é ela quem está sorrindo sozinha.

— Os Orioles são péssimos — comenta Peter, encostando-se na parede.

Ele estica a mão para a caixa de sanduíches de sorvete e pega mais um.

— Me passa um desses — pede Trevor.

— Desculpa, é o último — responde Peter, já mordendo.

Meus olhos encontram os de John, e ele pisca.

— O mesmo Kavinsky de sempre — diz ele, e dou risada. Sei que está pensando nas nossas cartas.

Peter sorri para ele.

— Ei, você não é mais gago.

Eu fico imóvel. Como Peter pode tocar nesse assunto de forma tão desdenhosa? Nenhum de nós falava sobre a gagueira de John no ensino fundamental. Ele morria de vergonha. Mas, agora, John abre um sorriso, dá de ombros e diz:

— Minha fonoaudióloga do oitavo ano, Elaine, vai ficar feliz em saber disso.

Ele é tão confiante!

Peter pisca, e consigo ver que foi pego de surpresa. Ele não conhece esse John McClaren. Era Peter quem dava as cartas, não John. Ele seguia o que Peter fazia. Peter ainda pode ser o mesmo, mas John mudou. Agora, Peter é o inseguro.

Chris é a próxima. Ela pega um anel com uma pérola pequenininha no meio. É de Allie, presente de crisma dado pela tia. Ela amava aquele anel. Vou ter que mandar para ela. Trevor pega o próprio tesouro, um card de beisebol autografado. É Genevieve quem puxa o de Chris, um envelope com uma nota de vinte dólares.

— Viva! — grita Chris. — Eu era tão esperta.

Nós nos cumprimentamos dando tapas na mão uma da outra.

— E o seu, Gen? — pergunta Trevor.

Ela dá de ombros.

— Acho que não botei nada na cápsula.

— Botou, sim — digo, tirando o corante laranja dos salgadinhos dos dedos. — Você estava lá no dia.

Eu lembro que ela ficou cheia de dúvida entre colocar uma foto dela com Peter ou a rosa que ele deu para ela no aniversário. Não consigo lembrar o que ela decidiu.

— Ah, não tem nada dentro, então parece que não botei. Sei lá.

Eu olho dentro da cápsula do tempo para ter certeza. Está vazia.

* * *

— Lembra de quando a gente brincava de “Assassinos”? — pergunta Trevor, bebendo o finzinho do suco de caixinha.

Ah, eu adorava esse jogo! Era como brincar de pique-pegas: todo mundo sorteava um nome, e você tinha que pegar aquela pessoa. Depois de pegar seu alvo, passava a ter que pegar o alvo *dela*. Tínhamos que nos esgueirar e nos esconder. Uma partida podia durar dias.

— Eu era a Viúva Negra — comenta Genevieve. Ela cutuca Peter com o ombro. — Ganhei mais do que todo mundo.

— Por favor — retruca Peter, rindo com deboche. — Eu também ganhei muito.

— Eu também — diz Chris.

Trevor aponta para mim.

— Larinha, você era a pior. Acho que você não ganhou nenhuma vez.

Faço uma careta. *Larinha*. Eu tinha esquecido que ele me chamava assim. E Trevor está certo: eu não ganhei nenhuma vez. Nenhuma. Na única vez que cheguei perto, Chris me pegou na reunião de nataçao da Kitty. Achei que estivesse em segurança, porque já estava tarde. Eu estava tão perto da vitória que quase conseguia sentir o gosto.

Chris me encara, e sei que ela também está lembrando. Ela pisca para mim, e olho para ela de cara feia.

— Lara Jean não tem instinto assassino — comenta Genevieve, analisando as unhas.

— Nem todas nós somos viúvas negras — respondo.

— Verdade — diz ela, e eu trinco os dentes.

— Lembra aquela vez que eu tirei você e me escondi atrás do carro do seu pai antes da escola, mas foi seu pai que saiu pela porta, não você? Eu dei um susto nele, e nós dois gritamos? — pergunta John, virando-se para Peter.

— Tivemos que parar com a brincadeira quando Trevor entrou na loja da minha mãe usando uma máscara de esqui — diz Peter, rindo.

Todo mundo ri, menos eu. Ainda estou chateada pelo comentário de Genevieve sobre meu “instinto assassino”.

Trevor está rindo tanto que mal consegue falar.

— Ela quase chamou a polícia! — consegue dizer.

Peter cutuca meu tênis com o dele.

— Devíamos brincar de novo.

Ele está tentando cair de volta nas minhas graças, mas não estou pronta para perdoá-lo, então só dou de ombros. Eu queria não estar com raiva dele, porque quero muito brincar de novo. Quero provar que tenho instinto assassino, que não sou a perdedora do jogo.

— A gente devia brincar — concorda John. — Pelos velhos tempos.

— Ele olha para mim. — Uma última vez, Lara Jean.

Eu dou um sorriso.

Chris levanta uma sobrancelha.

— O que o vencedor ganha?

— Ah... nada — respondo. — Seria só por diversão.

Trevor faz uma careta ao ouvir isso.

— Devia haver um prêmio — retruca Genevieve. — Senão, qual é o sentido?

Penso rápido. O que seria um bom prêmio?

— Ingressos para o cinema? Um doce da escolha do vencedor?

Ninguém fala nada.

— Todo mundo pode contribuir com vinte dólares, talvez — propõe John.

Lanço um olhar de gratidão para ele, e John sorri.

— Dinheiro é chato — diz Genevieve, se espreguiçando como um gato.

Reviro os olhos. Quem pediu a opinião dela? Eu nem a convidei para a festa.

— Que tal o vencedor ganhar café na cama todos os dias durante uma semana? — sugere Trevor. — Pode ser panqueca na segunda, omelete na terça, waffle na quarta e assim por diante. Nós somos seis, então...

Dando de ombros, Genevieve diz:

— Eu não tomo café da manhã.

Todo mundo grunhe.

— Por que você não sugere uma coisa em vez de descartar a proposta de todo mundo? — indaga Peter, e escondo o rosto atrás da trança para ninguém me ver sorrir.

— Tudo bem.

Genevieve pensa por um minuto, e um sorriso se abre em seu rosto. É a expressão que faz quando tem uma Grande Ideia, o que me deixa nervosa. Lenta e deliberadamente, ela diz:

— O vencedor ganha um desejo.

— De quem? — pergunta Trevor. — De todo mundo?

— De qualquer um que esteja na brincadeira.

— Espere um minuto — interrompe Peter. — Com o que estamos concordando aqui?

Genevieve parece satisfeita consigo mesma.

— Um desejo, e a pessoa tem que realizar o que for pedido.

Ela parece uma rainha má.

Os olhos de Chris brilham.

— Qualquer coisa?

— Que seja sensata — digo, depressa. Isso não era o que eu tinha em mente, mas pelo menos as pessoas estão dispostas a jogar.

— Sensatez é subjetivo — observa John.

— Basicamente, Gen não pode obrigar Peter a transar com ela uma última vez — diz Chris. — É o que todo mundo está pensando, não é?

Eu fico rígida. Não era o que eu estava pensando. Mas agora, estou.

Trevor cai na gargalhada, e Peter dá um empurrão nele. Genevieve balança a cabeça.

— Você é *nojenta*, Chris.

— Eu só falei o que todo mundo estava pensando!

Quase não estou mais ouvindo. Só consigo pensar: quero participar e quero ganhar. Só dessa vez, quero ganhar de Genevieve em alguma coisa.

Só tenho uma caneta e nenhum papel, então John rasga a caixa dos sanduíches de sorvete e nos revezamos escrevendo nossos nomes em tiras de papelão. Todo mundo coloca os nomes na cápsula do tempo vazia, e eu sacudo bem. Passamos de mão em mão, e eu tiro o meu por último. Pego o pedaço de papelão, seguro perto do peito e abro.

JOHN.

Ah, isso complica as coisas. Olho para ele discretamente. Ele está guardando o pedaço de papelão com cuidado no bolso da calça jeans. Desculpa, amigo (correspondente), mas você já era. Dou uma olhada rápida em volta, em busca de dicas de quem pode ter tirado meu nome, mas todo mundo está com cara de paisagem.

AS REGRAS SÃO estas: nossas casas são zona segura. A escola também, mas não o estacionamento. Ao passar pela porta, o jogo está valendo. Você perde se for tocado com as duas mãos.

E, se não cumprir o desejo, sua vida já era. Genevieve inventa essa última parte, e sinto arrepios. Trevor Pike dá de ombros e diz:

— Garotas são assustadoras.

— Não, as garotas da família *delas* são assustadoras — diz Peter, indicando Chris e Genevieve. As duas sorriem, e, nesses sorrisos, vejo a semelhança familiar. Olhando de esguelha para mim, Peter fala, esperançoso: — Mas você não é assustadora. Você é um doce, não é, Lara Jean?

De repente, me lembro de uma coisa que Stormy disse. *Não deixe que ele fique seguro demais em relação a você.* Peter é muito seguro em relação a mim. Tão seguro quanto uma pessoa pode ser.

— Eu também posso ser assustadora — respondo baixinho, e ele fica lívido. Para o resto das pessoas, digo: — Vamos só nos divertir.

— Ah, vai ser divertido — garante John. Ele coloca o boné dos Orioles na cabeça e ajusta a aba. — Valendo. — Ele me olha nos olhos. — Se você me achou bom no Projeto das Nações Unidas, espere para ver minhas habilidades de *A Hora Mais Escura*.

Ando com todo mundo até onde os carros estão estacionados, e ouço Peter mandar Genevieve pegar carona com Chris, o que faz as duas reclamarem.

— Se virem — diz Peter. — Eu vou ficar com a minha namorada.

Genevieve revira os olhos, e Chris resmunga.

— Aff. Tudo bem. — Para Genevieve, ela diz: — Entra.

Chris está dando a ré quando John pergunta para Peter:

— Quem é sua namorada?

Meu estômago despenca.

— Covey. — Peter olha para ele de um jeito engraçado. — Você não sabia? Que estranho.

Agora, os dois estão me olhando. Peter está confuso, mas John entende, seja lá o que for.

Eu devia ter contado para ele. Por que não contei?

* * *

Todo mundo vai embora logo depois, menos Peter.

— A gente vai conversar sobre isso? — pergunta ele, me seguindo até a cozinha.

Estou com o saco de lixo com todas as embalagens de sanduíche de sorvete e caixinhas de suco, e recusei a ajuda dele na hora de descer com tudo. Quase tropecei na escada, mas não importa.

— Claro, vamos conversar. — Eu me viro e avanço para cima dele, balançando o saco de lixo na mão. Ele ergue as mãos, alarmado. — Por que você trouxe Genevieve para cá?

Peter faz uma careta.

— Ah, desculpa, Covey.

— Você estava com ela? Foi por isso que não chegou mais cedo para me ajudar a arrumar?

Ele hesita.

— É, eu estava com ela. Ela me ligou chorando, então eu fui para a casa dela e não consegui deixar ela lá, sozinha, por isso decidi convidá-la.

Chorando? Genevieve não chora. Ela não chorou nem quando a gata dela, Rainha Elizabeth, morreu. Devia estar fingindo para fazer Peter ficar.

— Você não podia deixá-la sozinha?

— Não — diz ele. — Ela está passando por um monte de coisa agora. Só estou tentando ajudar. Como amigo. Só isso!

— Nossa, ela sabe mesmo manipular você, Peter!

— Não é assim.

— É sempre assim. Ela mexe as cordinhas e você... — Eu balanço os braços e a cabeça como uma marionete.

Peter franze a testa.

— Isso foi cruel.

— Ah, estou me sentindo cruel agora. Então, tome cuidado.

— Mas você não é cruel. Não normalmente.

— Por que você não pode me dizer? Você sabe que não vou contar para ninguém. Quero muito entender, Peter.

— Porque não cabe a mim dizer. Não tente me fazer falar, porque não posso.

— Ela só está fazendo isso para manipular você. É o que ela faz.

Ouçó o ciúme em minha voz e odeio isso, odeio muito. Essa não sou eu.

Peter suspira.

— Não tem nada acontecendo entre nós. Ela só precisa de um amigo.

— Ela tem muitos amigos.

— Ela precisa de um bom amigo.

Eu balanço a cabeça. Ele não entende. Garotas se entendem de um jeito próprio, que os garotos nunca vão entender. É como sei que tudo

isso não passa de mais um joguinho dela. Aparecer na minha casa hoje foi só mais uma forma de demonstrar seu domínio sobre Peter.

— Falando em velhos amigos — começa ele —, eu não sabia que você e o McClaren estavam tão próximos.

Eu fico vermelha.

— Eu falei que estávamos trocando cartas.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Vocês estão trocando cartas, mas ele não sabe que estamos namorando?

— O assunto não surgiu!

Espera um minuto, sou eu quem tem que estar com raiva dele agora, não o contrário. De alguma forma, a conversa mudou de foco, e agora sou eu que estou na berlinda.

— Quando você foi ao evento do Projeto das Nações Unidas alguns meses atrás, eu perguntei se você viu o McClaren e você disse que não. Mas hoje ele falou sobre o Projeto das Nações Unidas, e ficou claro que você o encontrou lá. Não foi?

Eu engulo em seco.

— Quando você virou promotor? Que horror. Eu vi John lá, mas nós nem nos falamos. Só entreguei um bilhete...

— Um bilhete? Você entregou um bilhete para ele?

— Não era meu, era de outro país, do Projeto das Nações Unidas.

— Peter abre a boca para fazer outra pergunta, e acrescento bem depressa: — Eu não falei nada para você porque não aconteceu nada.

— Então você quer que eu seja sincero com você, mas você não quer ser sincera comigo? — pergunta ele, incrédulo.

— Não é isso! — grito.

O que está acontecendo aqui? Como nossa briga ficou tão grande tão rápido?

Ficamos quietos. E então, ele pergunta, baixinho:

— Você quer terminar?

Terminar?

— Não. — De repente, sinto como se fosse começar a chorar. — Você quer?

— Não!

— Você perguntou primeiro!

— Então é isso. Nenhum de nós quer terminar, então vamos mudar de assunto.

Peter se senta em uma das cadeiras à mesa da cozinha e apoia a cabeça nela.

Eu me sento na cadeira oposta. Ele parece tão distante. Minha mão está coçando para tocar no cabelo dele, ajeitá-lo, fazer essa briga acabar e ser deixada para trás.

Ele levanta a cabeça; seus olhos estão tristes e enormes.

— Podemos nos abraçar agora?

Tremendo, assinto, então nós dois nos levantamos e eu passo os braços pela cintura dele. Ele me abraça com força. Sua voz sai abafada em meu ombro quando ele diz:

— Podemos nunca mais brigar?

Eu dou uma gargalhada, um riso trêmulo, trêmulo e aliviado.

— Sim, por favor.

E então, ele me beija. O beijo é urgente, como se Peter estivesse procurando uma garantia, uma promessa que só eu posso fazer. Eu retribuo: *Sim, eu prometo, prometo, prometo, não vamos nunca mais brigar.* Começo a perder o equilíbrio, e os braços dele me apertam, e ele me beija até eu ficar sem fôlego.

NAQUELA NOITE, AO telefone, Chris diz:

— Me conta. Quem você tirou?

— Não vou contar.

Já cometi esse erro no passado, contei coisas demais para Chris, o que fez com que ela saísse vitoriosa.

— Pare com isso! Eu ajudo você se você me ajudar. Quero meu desejo!

A força de Chris nesse jogo é sua vontade de ganhar, mas isso também é sua fraqueza. Você tem que jogar Assassinos de um jeito frio e controlado, não ir com muita sede ao pote. Digo isso como alguém que analisou todas as nuances, mas nunca conseguiu ganhar, claro.

— Você talvez esteja com meu nome. Além do mais, eu também quero ganhar.

— Vamos ajudar uma à outra nessa primeira rodada — pede Chris.

— Não tirei seu nome, juro.

— Jure por aquele cobertorzinho que você não deixa sua mãe jogar fora.

— Eu juro pelo meu cobertorzinho Fredrick e juro de novo pela minha jaqueta de couro nova que foi mais cara do que a droga do meu carro. Você tirou o *meu* nome?

— Não.

— Jure pela sua coleção brega de boinas.

Faço um som indignado.

— Eu juro pela minha coleção *encantadora* e *elegante* de boinas! Quem você tirou?

— Trevor.

— Eu tirei John McClaren.

— Vamos nos unir para tirá-los do jogo — sugere Chris. — Nossa aliança pode durar só a primeira rodada, depois é cada uma por si.

Hum. Ela está falando sério, ou é só estratégia?

— E se você estiver mentindo para acabar comigo?

— Eu jurei por Fredrick!

Hesito, mas falo:

— Me mande uma foto do papel com o nome, aí vou acreditar.

— Tudo bem! Então me mande o seu.

— Tudo bem. Tchau.

— Espere. Diga a verdade. Meu cabelo está uma merda? Não está, né? Gen é só uma espírito de porco abominável. Certo?

Eu hesito só um segundinho.

— Isso mesmo.

* * *

Chris e eu estamos escondidas no carro dela. Estamos a um bairro de distância do meu; é o bairro pelo qual Trevor vai passar para cortar caminho até a escola para o treino de corrida. Paramos na entrada de garagem de uma pessoa qualquer.

— Me diga o que vai desejar se ganhar — pede Chris.

Pelo jeito como fala, sei que acha que não vou ganhar. Eu pensei no desejo na noite passada, quando estava tentando dormir.

— Tem uma exposição de artesanato na Carolina do Norte em junho. Eu poderia pedir para Peter me levar. Ele jamais faria isso de outra forma. Poderíamos pegar a van da mãe dele emprestada, assim vamos ter espaço suficiente para todas as coisas que vou comprar.

— Exposição de artesanato? — Chris está me olhando como se uma barata tivesse entrado voando no carro dela. — Você desperdiçaria um desejo com uma exposição de artesanato?

— É só uma opção — minto. — Mas, já que você é tão inteligente, o que desejaria se fosse eu?

— Eu faria com que Peter nunca mais falasse com a Gen. Tipo, não é o máximo? Sou um gênio do mal ou não?

— Do mal, é. Gênio, não.

Chris me dá um empurrão, e eu solto uma risada. Estamos empurrando uma à outra quando Chris para de repente.

— Duas e cinquenta e cinco. Está na hora.

Ela destranca as portas, sai e se esconde atrás de um carvalho no jardim.

Meu coração está disparado quando saio do carro de Chris, pego a bicicleta de Kitty no porta-malas e a empurro pela calçada. Eu a coloco no chão e me deito por cima em uma pose dramática. Pego uma garrafinha de sangue falso que comprei só para isso e despejo um pouco na calça jeans, uma calça velha que estou planejando doar. Assim que vejo o carro de Trevor se aproximando, começo a fingir que estou chorando. De trás da árvore, Chris sussurra:

— Não exagere!

Eu paro de chorar na mesma hora e começo a gemer.

O carro de Trevor para ao meu lado. Ele abre a janela.

— Lara Jean, você está bem?

Eu choramingo.

— Não... Acho que torci o tornozelo. Está doendo muito. Você pode me dar uma carona para casa?

Estou me esforçando para lacrimejar, mas chorar de mentirinha é

mais difícil do que eu imaginava. Tento pensar em coisas tristes: *Titanic*, pessoas com mal de Alzheimer, Jamie Fox-Pickle morrendo... mas não consigo me concentrar.

Trevor me olha, desconfiado.

— Por que você está andando de bicicleta por aqui?

Ah, não, ele vai descobrir tudo! Começo a falar rápido, mas não rápido demais.

— A bicicleta não é minha, é da minha irmãzinha. Ela é amiga de Sara Healey. Sabe, a irmãzinha de Dan Healey? Eles moram ali. — Eu aponto para a casa deles. — Eu estava trazendo para ela... Ah, meu Deus, Trevor. Você não acredita em mim? Não vai mesmo me dar carona?

Trevor olha ao redor.

— Jura que não é truque?

Isso!

— Sim! Eu juro que não tirei seu nome, está bem? Só me ajude a me levantar. Está doendo.

— Primeiro, me mostre o tornozelo.

— Trevor! Não dá para *ver* um tornozelo torcido! — Eu choramingo e exagero ao tentar me levantar, e Trevor finalmente desliga o carro e sai. Ele se inclina e me ajuda a ficar de pé, e deixo meu corpo pesado. — Cuidado — digo. — Está vendo? Eu falei que não tirei seu nome.

Trevor me puxa pelas axilas, e, por trás dos ombros dele, Chris aparece como uma ninja. Ela pula para a frente com as duas mãos esticadas e bate com força nas costas dele.

— Peguei você! — grita ela.

Trevor berra e me larga, e quase acabo caindo de verdade.

— Droga! — grita ele.

Chris grita, eufórica:

— Você já era, otário!

Nós duas batemos as mãos e nos abraçamos.

— Vocês podem não comemorar na minha frente? — murmura ele.

Chris estica a mão.

— Agora me dá, me dá, me dá.

Suspirando, Trevor balança a cabeça.

— Não acredito que caí nesse truque, Lara Jean.

Eu dou um tapinha nas costas dele.

— Desculpa, Trevor.

— E se eu tivesse tirado seu nome? — pergunta ele. — O que você teria feito?

Ah. Eu não tinha pensado nisso. Lanço um olhar de acusação para Chris.

— Espere aí! E se ele tivesse tirado meu nome?

— Era um risco que estávamos dispostas a correr — responde ela,

tranquila. — E então, Trevor, qual ia ser o seu desejo?

— Você não precisa dizer se não quiser — falo.

— Eu ia pedir ingressos para um jogo de futebol americano da Universidade da Virgínia. O pai do McClaren tem ingressos para toda a temporada! Sacanagem, Chris.

Fico me sentindo mal.

— Talvez ele leve você de qualquer jeito. Você devia pedir...

Ele enfia a mão no bolso, pega a carteira e entrega para ela um pedaço de papelão dobrado. Antes que Chris possa abri-lo, digo, depressa:

— Não esqueça, se for meu nome, você não pode me pegar. Isto aqui é uma zona desmilitarizada.

Chris assente, abre o papelão e sorri.

Não consigo resistir.

— Sou eu?

Chris enfia o papelão no bolso.

— Se for, você não pode me pegar! — Começo a recuar para longe dela. — Concordamos em sermos aliadas na primeira rodada, e você ainda não me ajudou com o meu alvo.

— Eu sei, eu sei. Mas não estou com seu nome.

Não estou convencida. Foi assim que ela me venceu na última vez que jogamos. Ela não é de confiança, não nesse jogo. Eu devia ter me lembrado disso. É por isso que eu sempre perco; não antecipo as coisas.

— Lara Jean! Eu acabei de falar, não tirei seu nome.

Balanço a cabeça.

— Entre no carro, Chris. Vou pra casa na bicicleta da Kitty.

— Você está falando sério?

— Estou. Desta vez jogando para vencer.

Chris dá de ombros.

— Faça como quiser. Mas não vou ajudar você a pegar sua pessoa se você não confia em mim.

— Tudo bem — digo, e subo na bicicleta da Kitty.

PETER E EU só estamos nos falando pelo telefone e na escola até um de nós ser pego. Não vai ser eu. Tenho sido supercuidadosa. Vou e volto de carro para a escola. Olho ao redor antes de sair do carro e corro até a porta de casa. Coloquei Kitty de vigia; ela sempre sai do carro ou de casa primeiro e garante que a barra está limpa. Já prometi que ela vai ter um pouco do que eu desejar se eu ganhar.

Mas, até o momento, só estou jogando na defensiva. Ainda não tentei ir atrás de John McClaren. Não por estar com medo, ao menos não do jogo. Só não sei o que vou dizer para ele. Estou sem graça. Talvez eu nem precisasse dizer nada; talvez eu esteja sendo presunçosa de achar que ele possa estar interessado em mim.

Depois do almoço, Chris vem andando rápido pelo corredor e para de repente quando me vê sentada no chão com Lucas, em frente aos nossos armários. Hoje, estamos dividindo um picolé de uva. Chris se senta conosco.

— Estou fora — anuncia ela.

Eu levo um susto.

— Quem pegou você?

— O maldito John McClaren! — Ela pega o picolé da mão do Lucas e engole tudo de uma vez.

— Grossa — diz Lucas.

— Conte tudo — peço.

— John me seguiu no caminho para a escola hoje de manhã. Parei para botar gasolina, e ele pulou do carro assim que me virei. Eu nem sabia que ele estava me seguindo!

— Espere, como ele sabia que você ia parar para botar gasolina? — pergunta Lucas.

Ele sabe sobre o jogo, o que espero que seja útil se só restar Genevieve e eu, pois ele mora no bairro dela.

— Ele esvaziou meu tanque!

— Nossa — sussurro.

Meu coração se aquece por John estar levando o jogo tão a sério. Eu estava com medo de as pessoas não darem bola, mas parece que não é assim. Qual será o desejo de John? Deve ser uma coisa boa, para ele ter tanto trabalho.

— Mandou bem — diz Lucas com um aceno.

— Quase não consigo ficar com raiva, porque foi tão legal. — Ela sopra o cabelo do rosto. — Mas estou furiosa por não poder fazer Gen me dar o carro da vovó.

Lucas arregala os olhos.

— Era isso que você ia pedir? Um *carro*?

— Aquele carro tem valor sentimental para mim — explica Chris.

— Nossa avó me levava ao salão com ela nas tardes de domingo. Devia ser meu por direito. Gen envenenou a mente dela contra mim!

— Que carro é? — pergunta Lucas.

— Um Jaguar antigo.

— De que cor? — quer saber ele.

— Preto.

Se eu não conhecesse Chris, acharia que havia uma lágrima se formando no olho dela. Passo o braço pelos ombros dela.

— Quer que eu compre um picolé para você?

Chris balança a cabeça.

— Vou usar uma blusa cropped hoje à noite. Não posso ficar barriguda.

— Então, se você está fora, quem John tem que pegar agora? — pergunta Lucas.

— Kavinsky — responde Chris. — Não consegui chegar perto dele porque Peter está sempre com a maldita da Gen, e eu tinha certeza de que ela tinha me tirado. — Ela olha para mim. — Foi mal, LJ.

Lucas e Chris me olham com pena.

Se Chris tinha que pegar Peter e John a pegou, isso quer dizer que John tem que pegar Peter agora. O que quer dizer que Peter ou Genevieve me tiraram. Como eu tirei John, os dois devem ter feito uma aliança. Logo, eles contaram um para o outro quem tiraram.

Engulo em seco.

— Eu sabia desde o começo que eles ainda eram amigos. E ela está passando por um momento difícil, sabe?

— Pelo que ela está passando? — pergunta Chris com uma sobrelheira erguida.

— Peter disse que é um problema na família. — A expressão dela continua vazia. — Você não soube de nada?

— Ela estava meio estranha no jantar de aniversário da tia Wendy na semana passada. Mais vaca do que o habitual. Quase não disse nada a noite toda. — Ela dá de ombros. — Então deve estar rolando alguma coisa, mas não sei o quê. — Chris sopra o cabelo do rosto. — Droga. Não consigo acreditar que não vou ficar com o carro.

— Eu vou eliminar John McClaren por você — prometo. — Sua morte não terá sido em vão.

Ela me olha de esguelha.

— Se você tivesse tirado ele antes, isso não teria acontecido.

— Ele mora a meia hora de distância! Eu nem sei chegar na casa dele.

— Não importa, ainda coloco parte da culpa em você. — O sinal

toca, e Chris se levanta. — Até mais, *chicas*.

Ela segue pelo corredor, na direção oposta da sala de aula.

— Ela acabou de me chamar de *chica* — diz Lucas, olhando para mim com a testa franzida. — Você contou para ela que sou gay?

— Não!

— Tipo, porque eu contei pra você em segredo. Lembra?

— É claro que lembro, Lucas!

Agora estou nervosa. Será que *falei* alguma coisa para Chris? Tenho quase cem por cento de certeza de que não, mas ele me deixou em dúvida.

— Tudo bem — diz Lucas, com um suspiro. — Tanto faz.

Ele se levanta e oferece a mão para mim. Sempre um cavalheiro.

É MEU PRIMEIRO *happy hour* oficial de sexta à noite em Bellevue, e a noite não está indo... tão bem quanto eu esperava. A festa já começou faz meia hora, e até agora só Stormy, o sr. Morales, Alicia e Nelson, que tem mal de Alzheimer e cuja enfermeira o levou para uma mudança de cenário, apareceram. Mas ele está usando um paletó azul-marinho com botões de cobre. Pouca gente ia quando Margot era a encarregada; a sra. Maguire ia sempre, só que ela foi transferida para outro asilo no mês anterior, e a sra. Montero morreu durante as festas de fim de ano. Falei tanto para Janette que eu daria vida nova ao *happy hour*, mas agora olhe só para mim. Sinto uma pontinha de medo no fundo do estômago, porque se Janette souber como a frequência está baixa, ela pode cancelar os eventos sociais de sexta à noite, e tive uma ideia muito divertida para o próximo: uma festa estilo USO, que era muito comum nos anos 1940 para apoiar os militares. Se a noite de hoje for um fracasso, ela não vai me deixar fazer. Além do mais, dar uma festa à qual só vão quatro pessoas, sendo que uma delas está cochilando, é um grande fracasso. Stormy não repara ou não se importa; continua cantando e tocando piano. O show deve continuar, como dizem.

Estou tentando me manter ocupada e ficar com um sorriso no rosto: *Tra-lá-lá, está tudo lindo*. Arrumei os copos em fileiras para que parecesse um bar de verdade e levei um monte de coisas de casa: nossa única toalha de mesa boa (sem manchas de molho e recém-passada), um vasinho com uma flor que coloquei ao lado de um prato de biscoitos de creme de amendoim (primeiro tive dúvidas quanto ao creme de amendoim por causa de alergias, mas aí lembrei que idosos não têm tantas alergias alimentares), o balde de gelo de prata de mamãe e papai, com o monograma deles, e uma tigela de prata combinando, com limões e limas cortados.

Já até saí batendo nas portas de alguns dos residentes mais ativos, mas a maioria não estava em casa. Acho que, se você é ativo, não fica em casa numa sexta à noite.

Estou colocando amendoins salgados em uma tigela de cristal em forma de coração (contribuição de Alicia, que a tirou do depósito junto com uma pinça de gelo) quando John Ambrose McClaren entra na sala com uma camisa de botão azul-clara e um paletó azul-marinho, bem parecido com o do Nelson! Quase dou um grito. Levo as mãos à boca e me escondo atrás da mesa. Se ele me vir, pode sair correndo. Não sei o que está fazendo aqui, mas é a oportunidade

perfeita para pegá-lo. Avalio minhas opções.

E então, a música do piano para e ouço Stormy chamar:

— Lara Jean? Lara Jean, onde você está? Saia de trás da mesa. Quero apresentar você a uma pessoa.

Lentamente, eu me levanto. John McClaren está olhando diretamente para mim.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ele.

— Sou voluntária aqui — respondo, mantendo uma distância segura. Não quero assustá-lo.

Stormy bate palmas.

— Vocês dois se conhecem?

— Somos amigos, vovó — responde John. — Morávamos no mesmo bairro.

— Stormy é sua avó?

Estou besta. Então John é o neto que ela queria apresentar para mim! Dentre todos os lares para idosos em todas as cidades do mundo! *Meu neto parece um Robert Redford jovem.* Parece mesmo.

— Ela é minha bisavó por casamento — explica John.

Stormy olha ao redor.

— Silêncio! Não quero que as pessoas saibam que você é meu bi-qualquer coisa.

John baixa a voz.

— Ela foi a segunda esposa do meu bisavô.

— Meu marido favorito — afirma Stormy. — Que ele descanse em paz, o velho abutre. — Ela olha de John para mim. — Johnny, seja gentil e me traga uma soda com vodca e um monte de limão.

Ela se senta no banco do piano e começa a tocar “When I Fall in Love”.

John se vira para mim, e aponto para ele.

— Pare aí mesmo, John Ambrose McClaren. Você está com meu nome?

— Não! Eu juro que não. Eu estou com... Não vou dizer com que nome estou. — Ele faz uma pausa. — Espere aí. Você está com o meu?

Balanço a cabeça, inocente como um carneirinho. Ele continua desconfiado, então me ocupo com a bebida de Stormy. Sei como ela gosta. Coloco três cubos de gelo, uma dose generosa de vodca e um pouco de soda. Então, espremo três fatias de limão no copo.

— Aqui — digo, esticando o copo.

— Pode colocar na mesa — diz ele.

— John! Estou dizendo, não estou com seu nome!

Ele balança a cabeça.

— Na mesa.

Coloco o copo na mesa.

— Não consigo aceitar que você não acredita em mim. Eu me

lembro de você ser alguém que acredita no melhor das pessoas.

Sóbrio como um juiz, John diz:

— Só... fique do seu lado da mesa.

Droga. Como vou pegá-lo se ele me fizer ficar a três metros de distância a noite toda?

— Tudo bem — falo, fingindo desconfiança. — Não sei se acredito em você também, então! É uma coincidência muito grande você aparecer aqui.

— Stormy me encheu de culpa até eu aceitar vir!

Eu viro a cabeça na direção de Stormy. Ela ainda está tocando piano e nos olhando com um sorriso largo.

O sr. Morales chega no bar e diz:

— Quer me conceder esta dança, Lara Jean?

— Claro. — Para John, aviso: — Não ouse chegar perto de mim.

Ele levanta a mão como se estivesse se afastando.

— Você não chegue perto de mim!

Enquanto o sr. Morales me guia em uma dança lenta, encosto o rosto no ombro dele, para esconder meu sorriso. Sou boa nessa coisa de espionagem. John McClaren está sentado em um sofá de dois lugares vendo Stormy tocar e conversando com Alicia. Ele está bem onde eu quero. Não consigo acreditar na minha sorte. Eu estava planejando aparecer na próxima reunião do Projeto das Nações Unidas, mas isso é muito melhor.

Estou pensando em me aproximar por trás do sofá e pegá-lo de surpresa quando Stormy se levanta e declara que precisa de um descanso do piano e quer dançar com o neto. Vou até o aparelho de som colocar o CD que escolhemos para a pausa dela.

— Stormy, eu não sei dançar — protesta John.

Ele odeia tanto dançar que fingia estar doente durante a época de dança de quadrilha, na aula de educação física.

Stormy o ignora, claro. Ela puxa John do sofá e tentar ensinar o foxtrote para ele.

— Coloque a mão na minha cintura — ordena. — Não coloquei saltos para passar a noite sentada atrás de um piano. — Stormy está tentando ensinar os passos, mas ele fica pisando nos pés dela. — Ai!

Não consigo parar de rir. O sr. Morales também. Ele nos leva para mais perto.

— Posso interromper? — pergunta ele.

— Por favor! — John praticamente empurra Stormy para os braços do sr. Morales.

— Johnny, seja um cavalheiro e convide Lara Jean para dançar — fala Stormy enquanto o sr. Morales a gira.

John me olha com atenção, e tenho a sensação de que ele ainda desconfia de que eu estou com o nome dele.

— Convide-a para dançar — diz o sr. Morales, sorrindo para mim.
— Você quer dançar, não quer, Lara Jean?

Eu dou de ombros de um jeito triste. Melancólico. A imagem de uma garota que está esperando para ser convidada para dançar.

— Quero ver os jovens dançarem! — grita Norman.

John McClaren me olha com uma sobrancelha erguida.

— Se só ficarmos balançando de um lado para outro, acho que não vou pisar nos seus pés.

Finjo hesitação e assinto. Meu coração dispara. Alvo localizado.

Andamos na direção um do outro, e passo os braços pelo pescoço dele, John envolve minha cintura, e nós oscilamos meio fora de ritmo. Sou baixinha, não tenho nem um metro e sessenta, e ele parece ter quase um metro e oitenta, mas estou usando salto e ficamos com alturas boas para parceiros de dança. Do outro lado da sala, Stormy dá um sorriso cheio de malícia, que finjo não ver. Eu devia tirá-lo do jogo antes que ele perceba, mas os residentes estão adorando a dança. Não faria mal continuar por mais alguns minutos.

Enquanto dançamos, estou me lembrando do baile do oitavo ano, quando todo mundo formou pares e ninguém me convidou. Eu achava que Genevieve e eu íamos juntas, mas ela disse que a mãe de Peter os levaria e que eles iam a um restaurante primeiro, em um encontro de verdade, e seria estranho se eu fosse junto. Então, acabou sendo ela e Peter e Sabrina Fox e John. Eu torcia para que John McClaren me convidasse para dançar uma música lenta, mas ele não me chamou; ele não dançou com ninguém. O único cara que dançava era Peter. Ele sempre estava no meio do círculo de dança do grupinho dos descolados.

A mão de John está pressionando minhas costas, me guiando, e acho que ele esqueceu o jogo. Ele está no papo.

— Você até que não dança mal — digo.

A música já está na metade. É melhor fazer isso logo. *Pego você em cinco, quatro, três, dois...*

— Então... você e Kavinsky estão namorando?

Com isso ele me distrai completamente, e esqueço o jogo por um momento.

— É...

Ele pigarreia.

— Fiquei surpreso de saber disso.

— Por quê? Porque não sou o tipo dele? — Eu falo de forma casual, como se não fosse nada, só um fato, mas dói como uma pedrinha jogada diretamente no meu coração.

— Não, você é.

— Então por quê?

Tenho certeza de que John vai dizer “porque eu não achei que ele

fosse o *seu* tipo”, como Josh falou.

Ele não responde de primeira.

— Naquele dia do Projeto das Nações Unidas, eu tentei seguir você até o estacionamento, mas você já tinha sumido. Depois, recebi sua carta e escrevi uma resposta, e você me respondeu, então me convidou para aquela festa na casa na árvore. Acho que eu não sabia o que pensar, entende? — Ele olha para mim com expectativa, e sinto que é importante que eu diga sim.

O sangue sobe para o meu rosto, e ouço um latejar nos ouvidos, que demoro a perceber que é o som do meu coração batendo muito rápido. Mas meu corpo ainda está dançando.

Ele continua:

— Talvez tenha sido burrice minha pensar isso, porque todas aquelas coisas foram tanto tempo atrás.

Todas aquelas coisas? Eu quero saber, mas não seria certo perguntar.

— Sabe do que eu me lembro? — pergunto de repente.

— Do quê?

— Da vez que o short de Trevor rasgou quando vocês estavam jogando basquete. E todo mundo riu tanto que Trevor ficou zangado. Mas você, não. Você pegou a bicicleta, foi até em casa e pegou um short para ele. Fiquei muito impressionada com aquilo.

Ele está com um sorriso leve no rosto.

— Obrigado.

Nós dois ficamos em silêncio, ainda dançando. Ele é uma pessoa com quem é fácil ficar em silêncio.

— John.

— Que foi?

— Eu tirei você. Quer dizer, eu estou com seu nome. No jogo.

— É sério?

John parece decepcionado, o que me faz sentir culpada.

— É. Desculpa. — Eu pressiono as mãos nos ombros dele. — Peguei.

— Ah, agora você está com Kavinsky. Eu estava ansioso para tirá-lo do jogo. Tinha até um plano.

— Qual era seu plano? — pergunto, ansiosa.

— Por que eu deveria contar para a garota que acabou de me tirar do jogo? — questiona ele, mas é um desafio fraco, só exibição, e nós dois sabemos que ele vai me contar.

Eu entro na brincadeira.

— Pare com isso, Johnny. Não sou só a garota que pegou você. Sou sua *correspondente*.

John ri um pouco.

— Tudo bem, tudo bem. Eu ajudo você.

A música termina, e nós nos separamos.

— Obrigada pela dança. — Depois de tanto tempo, finalmente sei como é dançar com John Ambrose McClaren. — O que você teria pedido se ganhasse?

Ele não hesita nem um segundo.

— Seu bolo de chocolate com cobertura de creme de amendoim e meu nome escrito com confeitos.

Eu olho para ele, surpresa. Era isso que ele teria desejado? Ele poderia ter qualquer coisa e quer meu bolo? Faço uma reverência.

— Estou honrada.

— Bem, o bolo era muito gostoso — explica ele.

NO CELULAR ALGUMAS noites depois, Peter diz de repente:

— Você tirou meu nome, não é?

— Não!

Eu não contei para ele que tirei John do jogo no fim de semana. Não quero que ele (nem Genevieve) tenham informação a mais. Só restam nós três agora.

— Então você está mesmo com meu nome! — Ele solta um grunhido. — Não quero mais participar desse jogo. Está me deixando solitário e muito... frustrado. Não te encontro fora da escola há uma semana! Quando isso vai acabar?

— Peter, eu não tirei você. Tirei John. — Me sinto um pouco culpada por mentir, mas é assim que os vencedores jogam. Não se pode duvidar de si mesmo.

Há silêncio do outro lado da linha. Então, ele fala:

— Você vai até a casa dele de carro para pegá-lo? Ele mora no meio do nada. Posso levar você, se quiser.

— Ainda não tenho um plano — digo, tentando despistá-lo. — Quem você tirou?

Sei que sou eu ou Genevieve.

Ele fica em silêncio.

— Não vou dizer.

— Você contou para alguém?

Tipo Genevieve?

— Não.

Hum.

— Bem, eu contei para você, então você me deve a mesma cortesia, claro.

— Eu não obriguei você a falar, você que ofereceu a informação de graça, e olha, se for mentira e você tiver me tirado, me pegue logo de uma vez! — solta Peter. — Estou implorando. Venha até a minha casa agora, e vou deixar você se esgueirar até meu quarto. Vou ser um alvo fácil se isso quiser dizer que vou ver você de novo.

— Não.

— Não?

— Não, não quero vencer assim. Quando eu estiver com seu nome, quero ter a satisfação de saber que venci de forma justa. Minha primeira vitória em Assassinos não pode ser manchada. — Faço uma pausa. — Além do mais, sua casa é zona segura.

Peter solta um suspiro aborrecido.

— Você ao menos vai ao jogo de lacrosse na sexta?

O jogo de lacrosse! É o local perfeito para pegá-lo. Tento manter a voz calma e firme.

— Não posso ir. Meu pai tem um encontro e precisa que eu fique com Kitty.

É mentira, mas Peter não sabe.

— Você não pode levar sua irmã? Ela sempre pede para ir a um dos meus jogos.

Penso rápido.

— Não, porque ela tem aula de piano depois da escola.

— Desde quando Kitty toca piano?

— Há pouco tempo, na verdade. Nossa vizinha disse que ajuda com o treinamento de cachorros. Faz com que fiquem calmos. — Eu mordo o lábio. Será que ele vai acreditar? Acrescento depressa: — Prometo que vou ao próximo jogo a qualquer custo.

Peter geme, dessa vez mais alto.

— Você está me matando, Covey.

Em breve, meu querido Peter.

Vou surpreendê-lo no jogo; vou me vestir com as cores da escola e até vou pintar o número da camisa dele no rosto. Ele vai ficar tão feliz em me ver que não vai desconfiar de nada!

Não consigo explicar direito por que esse jogo de Assassinos é tão importante para mim. Só sei que, a cada dia que passa, quero mais e mais... a vitória. Quero ganhar da Genevieve, sim, mas é mais do que isso. Talvez seja para provar que também mudei. Não sou um marshmallow molenga. Tenho garra.

Depois que Peter e eu desligamos, mando uma mensagem para John contando a minha ideia, e ele se oferece para me levar ao jogo. É na escola dele. Eu pergunto se ele tem certeza de que não se importa de vir até aqui me buscar, e ele diz que vai valer a pena se for para ver Kavinsky ser tirado do jogo. Estou aliviada, porque a última coisa de que preciso é me perder no caminho.

* * *

Depois das aulas de sexta, corro para casa para me arrumar. Coloco as cores da escola: uma camiseta azul-clara, um short branco e meias listradas até os joelhos também azul-claras, com um laço azul no cabelo. Pinto um 15 grande na bochecha e contorno com lápis branco.

Saio de casa correndo assim que John para na porta. Está usando o velho boné dos Orioles, e me olha quando entro.

Sorrindo, John diz:

— Você parece uma tiete.

Eu bato na aba do boné dele.

— Você usou isso todos os dias naquele verão.

Enquanto dá a ré para sair da entrada da minha garagem, John sorri como se tivesse um segredo. É contagioso. Agora, também estou sorrindo, e nem sei por quê.

— O quê? Por que você está sorrindo? — pergunto, ajustando as meias.

— Por nada.

Eu cutuço o ombro dele.

— Ah, fala!

— Minha mãe cortou meu cabelo no começo do verão e ficou horrível, e fiquei com vergonha. Nunca mais deixei minha mãe cortar meu cabelo. — Ele olha a hora no painel. — Que horas você disse que o jogo começava? Cinco?

— É!

Estou praticamente quicando no banco de tanta empolgação. Peter vai ficar orgulhoso de mim por pensar nisso, sei que vai.

Chegamos à escola de John em menos de meia hora, e ainda temos tempo até o ônibus com o time de Peter chegar, então John entra e compra lanches na máquina. Ele volta com duas latas de refrigerante e um saco de batatas sabor sal e vinagre.

John acabou de voltar para o carro quando um cara negro e alto usando uniforme de lacrosse se aproxima correndo.

— McClaren!

O cara se inclina até o rosto ficar perto da janela, e ele e John batem os punhos.

— Você vai para a casa da Danica depois do jogo? — pergunta ele.

John olha para mim e diz:

— Não, não posso.

O amigo dele repara em mim; ele arregala os olhos.

— Quem é essa?

— Sou Lara Jean, não estudo aqui — digo, o que é burrice, porque ele já deve saber disso.

— Você é a Lara Jean! — Ele assente com entusiasmo. — Já ouvi falar de você. Você é o motivo de McClaren estar visitando um asilo, não é?

Eu fico vermelha, e John dá uma gargalhada tranquila.

— Saia daqui, Avery.

Avery estica a mão pela janela e aperta a minha.

— É um prazer conhecer você, Lara Jean. A gente se vê.

Ele sai correndo na direção do campo. Enquanto ficamos esperando, mais algumas pessoas passam pelo carro de John para dizer oi, e vejo que é como pensei: ele tem muitos amigos, e muitas garotas o admiram. Um grupo delas passa pelo carro indo na direção do campo, e uma em particular fica olhando para dentro do carro, diretamente

para mim, com dúvida nos olhos. John não parece perceber. Ele está me perguntando quais programas de tevê eu assisto, o que vou fazer no recesso de primavera em abril, nas férias de verão. Conto sobre a ideia de papai de ir à Coreia.

— Tenho uma história engraçada sobre seu pai — diz John, olhando de esguelha para mim.

Solto um gemido.

— Ah, não. O que ele fez?

— Não foi ele; fui eu. — Ele pigarreia. — Isso é muito constrangedor.

Eu esfrego as mãos em expectativa.

— Eu fui até a sua casa para convidar você para o baile do oitavo ano. Eu tinha um plano todo extravagante.

— Você não me convidou para o baile!

— Eu sei, vou chegar nessa parte. Vai me deixar contar a história ou não?

— Você tinha um plano todo extravagante — digo.

John assente.

— Eu reuni um monte de gravetos e umas flores e os arrumei de um jeito que formassem *BAILE?* na frente da sua janela. Mas seu pai chegou em casa enquanto eu estava no meio, e ele achou que eu estava limpando os jardins das pessoas. Ele me deu dez dólares, e eu perdi a coragem e fui para casa.

Eu dou uma gargalhada.

— Eu... não consigo acreditar que você fez isso.

Não consigo acreditar que isso quase aconteceu. Como teria sido ter a experiência de um garoto fazer uma coisa assim por mim? Em toda a história das minhas cartas, dos meus sentimentos, nenhuma das vezes um garoto gostou de mim na mesma época que eu gostava dele. Sempre era eu sozinha, desejando um garoto, e tudo bem, era seguro. Mas isso é novo. Ou velho. Velho e novo, porque é a primeira vez que escuto isso.

— Meu maior arrependimento do oitavo ano — diz John, e é nessa hora que me lembro: Peter uma vez me contou que o maior arrependimento de John era não ter me convidado para o baile, e eu fiquei eufórica ao saber disso. Aí ele desmentiu tudo e disse que só estava brincando.

O ônibus da escola para nessa hora.

— Hora do show — digo.

Estou empolgada enquanto vejo os jogadores saírem do ônibus. Vejo Gabe, Darrell, mas nada do Peter. A última pessoa sai do ônibus, e ainda nada de ele aparecer.

— Que estranho...

— Ele não pode ter vindo no próprio carro? — pergunta John.

Eu balanço a cabeça.

— Peter nunca faz isso.

Pego o celular na bolsa e mando uma mensagem.

Onde você está?

Não há resposta. Tem alguma coisa errada. Eu sei. Peter nunca falta a uma partida. Ele jogou até quando estava gripado.

— Já volto — digo para John, e saio do carro e corro até o campo. Os garotos estão aquecendo. Encontro Gabe na lateral, amarrando as chuteiras. — Gabe!

Ele levanta o rosto, surpreso.

— Laranjinha! E aí?

— Cadê o Peter? — pergunto, sem fôlego.

— Não sei — responde ele, coçando a cabeça. — Ele disse para o treinador que tinha uma emergência familiar. Pareceu sério. Kavinsky não faltaria a um jogo se não fosse importante.

Já estou correndo de volta para o carro. Assim que entro, peço, ofegante:

— Você pode me levar até a casa do Peter?

* * *

Vejo o carro dela primeiro. Estacionado na rua, em frente à casa dele. Em seguida, vejo os dois, na calçada, para todo mundo ver. Ele a está abraçando; ela está apoiada nele, como se não conseguisse ficar de pé sozinha. O rosto está enfiado no peito dele. Ele está dizendo alguma coisa no ouvido dela, fazendo carinho no cabelo.

Tudo acontece em poucos segundos, mas parece que o tempo passa em câmera lenta, como se eu estivesse submersa. Acho que paro de respirar; minha cabeça fica enevoada; tudo ao meu redor fica borrado. Quantas vezes eu os vi de pé assim? Já perdi a conta.

— Continue dirigindo — consigo dizer para John, e ele obedece. Ele passa pela casa de Peter; eles nem olham. Graças a Deus, eles nem olham. Baixinho, peço: — Você pode me levar para casa?

Não consigo encarar John. Odeio o fato de ele também ter visto aquilo.

— Pode não ser... — começa John. Ele hesita. — Era só um abraço, Lara Jean.

— Eu sei.

Fosse o que fosse, ele perdeu o jogo por ela.

Estamos quase na minha casa quando ele pergunta:

— O que você vai fazer?

Pensei nisso o caminho todo.

— Vou chamar Peter para vir aqui hoje à noite e vou tirá-lo do jogo.

— Você ainda está jogando? — Ele parece surpreso.

Eu olho pela janela, para todos os lugares familiares.

— Claro. Vou tirá-lo do jogo, depois vou tirar Genevieve e vou vencer.

— Por que você quer tanto vencer? — pergunta ele. — É pelo prêmio?

Eu não respondo. Se abrir a boca, vou chorar.

Chegamos a minha casa.

— Obrigada pela carona — sussurro.

Saio do carro antes que John possa responder. Corro para dentro de casa, tiro os sapatos, vou até meu quarto, me deito na cama e olho para o teto. Colei estrelas que brilham no escuro anos atrás, e tirei todas, exceto uma, que ficou pendurada como uma estalactite.

Primeira estrela que vejo, realize o meu desejo. Eu desejo não chorar.

Mando uma mensagem para Peter.

Venha aqui em casa depois de se despedir da Genevieve.

Ele só responde com uma palavra:

Tá.

Só “tá”. Nenhuma negação, nenhuma explicação ou esclarecimento. Todo esse tempo, fiquei criando desculpas para ele. Confiei em Peter, e não nos meus instintos. Por que sou eu quem faz todas as concessões, finge aceitar uma coisa que na verdade não aceito? Só para ficar com ele?

No contrato, dissemos que sempre contaríamos a verdade um para o outro. Dissemos que nunca partiríamos o coração um do outro. Então acho que ele não cumpriu sua palavra duas vezes.

PETER E EU estamos sentados na varanda da minha casa. Consigo ouvir a tevê ligada na sala. Kitty está vendo um filme. Há um silêncio interminavelmente longo entre nós, só o som de grilos cricrilando.

Ele fala primeiro.

— Não é o que você está pensando, Lara Jean. De verdade.

Levo um momento para organizar os pensamentos, para elaborá-los em algo que faça sentido.

— Quando começamos isso, eu ficava feliz só de estar em casa com minhas irmãs e meu pai. Era confortável. E aí, começamos a sair, e foi como... foi como se você me levasse para o mundo. — Com isso, o olhar dele se suaviza. — Primeiro, foi assustador, mas depois eu gostei. Parte de mim quer ficar ao seu lado para sempre. Eu poderia fazer isso sem o menor esforço. Poderia amar você para sempre.

Ele tenta deixar a voz suave.

— Então faça isso.

— Não posso. — Eu inspiro, trêmula. — Eu vi vocês dois. Você estava abraçando Genevieve. Ela estava nos seus braços. Eu vi tudo.

— Se tivesse visto tudo, saberia que não aconteceu nada — começa ele. Eu só fico olhando para Peter, e o rosto dele desmorona. — Poxa, não me olhe assim.

— Não consigo evitar. É o único jeito como eu consigo olhar para você agora.

— Gen precisava de mim hoje, então fui consolá-la, mas só como amigo.

— Não adianta, Peter. Ela se declarou sua dona muito tempo atrás, e não tem espaço para mim aqui. — Minha visão está ficando embaçada com as lágrimas. Seco os olhos com a manga da jaqueta. Não posso mais ficar aqui, perto de Peter. Está me machucando muito olhar para o rosto dele.

— Eu mereço mais do que isso, sabe? Mereço... mereço ser a pessoa mais importante de alguém.

— Você é.

— Não, não sou. Ela é. Você ainda está protegendo Gen, o segredo dela, seja lá qual for. Mas de quê? De mim? O que eu fiz para ela?

Ele abre as mãos, impotente.

— Você me tirou dela. Você se tornou minha pessoa mais importante.

— Não sou, não. Essa é a questão. Ela é.

Ele gagueja e tenta negar, mas não adianta. Como eu poderia

acreditar nele, se a verdade está bem na minha frente?

— Sabe como sei que ela é a pessoa mais importante para você? Genevieve sempre vem em primeiro lugar.

— Isso é besteira! — explode ele. — Quando descobri que ela fez aquele vídeo, falei que, se ela magoasse você de novo, era o fim.

Peter ainda está falando, mas não ouço mais nada que sai da boca dele.

Ele sabia.

Ele sabia que tinha sido Genevieve quem postou o vídeo. Ele sabia e não me contou.

Peter não está mais falando. Só me olha.

— Lara Jean, o que foi?

— Você sabia?

O rosto dele fica cinza.

— Não! Não é o que você pensa. Eu não soube o tempo todo.

Eu aperto os lábios.

— Então em algum momento você descobriu a verdade, mas não me contou. — É difícil respirar. — Você sabia o quanto eu estava chateada e continuou defendendo a Gen, depois descobriu a verdade e não me contou.

Peter começa a falar muito rápido.

— Me deixe explicar. Só descobri que ela estava por trás do vídeo outro dia. Eu perguntei, e ela desmoronou e admitiu tudo para mim. Naquela noite, ela nos viu no ofurô e gravou tudo. Foi ela quem mandou a gravação para o MeninaVeneno e botou o vídeo na assembleia.

Eu sabia, mas me deixei levar por Peter e fingi não saber. E por quê? Por ele?

— Ela anda muito abalada com os problemas pelos quais está passando com a família e ficou com ciúmes, aí descontou em nós...

— Tipo o quê? Pelo que ela está passando?

Eu pergunto, mas não espero resposta. Sei que ele não vai me contar. Estou perguntando para provar uma coisa.

Ele faz uma careta.

— Você sabe que não posso contar. Por que fica me fazendo dizer não para você?

— Você mesmo se coloca nessa posição. Você tirou o nome dela, não foi? No jogo, você tirou o nome dela e ela tirou o meu.

— Quem liga para o jogo idiota? Covey, estamos falando de nós.

— Eu ligo para o jogo idiota.

Peter é leal a ela primeiro, e depois a mim. É Genevieve primeiro, depois eu. As coisas são assim. Sempre foram. E estou de saco cheio.

De repente, tenho uma revelação.

— Por que Genevieve estava lá fora naquela noite da viagem?

Todas as amigas dela estavam no saguão.

Peter fecha os olhos.

— Por que isso importa?

Penso naquela noite no bosque. Em como ele pareceu surpreso de me ver. Assustado, até. Ele não estava me esperando. Estava esperando *Genevieve*. Ainda está.

— Se eu não tivesse ido pedir desculpas naquela noite, você teria beijado *Genevieve*?

Ele não responde de primeira.

— Não sei.

Essas duas palavras confirmam tudo para mim. Elas tiram meu ar.

— Se eu vencer... sabe o que eu vou desejar? — Não diga, não diga. Não diga a única coisa que você não pode desdizer depois. — Eu desejaria nunca ter começado nada disso.

As palavras ecoam na minha cabeça, no ar.

Ele fica surpreso. Os olhos se estreitam; a boca também. Eu o magoei. Era isso que eu queria? Eu achava que sim, mas agora, olhando para o rosto de Peter, não tenho certeza.

— Você não precisa ganhar o jogo para ter isso, Covey. Pode ter isso agora mesmo, se quiser.

Eu estico os braços e coloco as duas mãos no peito dele. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Você está fora. Quem você tirou?

Eu já sei a resposta.

— *Genevieve*.

Eu me levanto.

— Adeus, Peter.

Entro em casa e fecho a porta. Não olho para trás nem uma vez.

Nós terminamos com tanta facilidade. Como se não fosse nada. Como se não fôssemos nada. Isso quer dizer que não era para ser desde o começo? Que fomos um acidente do destino? Se era para ficarmos juntos, como pudemos nos separar desse jeito?

Acho que a resposta é que não era.

PETER E EU, nosso rompimento, é bem típico do ensino médio. Com isso, quero dizer que é efêmero. Até essa dor vai ser passageira, finita. Eu devia me agarrar à pontada intensa da traição dele, lembrá-la e valorizá-la, porque é meu primeiro rompimento verdadeiro. É tudo parte do processo de me apaixonar. E eu nem achava que ficaríamos juntos para sempre; só temos dezesseis e dezessete anos. Um dia, vou olhar para isso tudo com carinho.

É o que fico dizendo a mim mesma enquanto lágrimas enchem meus olhos, deitada na cama, chorando até dormir. Choro até as bochechas arderem de tanto secar as lágrimas. Esse poço de tristeza começa com Peter, mas não termina aí.

Porque, repetidamente, um pensamento surge na minha cabeça: *Sinto saudade da minha mãe. Sinto saudade da minha mãe. Sinto tanta saudade dela.* Se ela estivesse aqui, traria uma xícara de chá Night-Night para mim e se sentaria no pé da minha cama. Colocaria minha cabeça em seu colo, acariciaria meu cabelo e sussurraria no meu ouvido: *Vai ficar tudo bem, Lara Jean. Vai ficar tudo bem.* E eu acreditaria, porque as palavras dela sempre foram verdade.

Ah, mamãe. Quanta saudade. Por que você não está aqui, quando mais preciso de você?

* * *

Até o momento, guardei um guardanapo em que Peter fez um desenho do meu rosto, o canhoto do ingresso da primeira vez que fomos ao cinema, o poema que ele me deu no Dia dos Namorados. E o colar, claro. Não consegui tirar. Ainda.

Fico deitada na cama o sábado todo e só me levanto para lanchar e deixar Jamie ir fazer xixi no quintal. Avanço comédias românticas para as partes tristes. O que eu devia estar fazendo era elaborando um plano para tirar Genevieve do jogo, mas não consigo. Dói cada vez que penso nela, no jogo, em Peter, mais do que tudo. Decido tirar isso da cabeça até conseguir me concentrar.

John me manda uma mensagem para saber se estou bem, mas não consigo responder. Também deixo isso para depois.

Só saio de casa na tarde de domingo, para ir à Bellevue, a uma reunião do comitê de planejamento de festas. Devido à bajulação de Stormy, Janette autorizou minha ideia da festa USO, e o show deve

continuar, que se danem os rompimentos.

Stormy diz que todo mundo está falando nisso. Ela está bem animada, porque estão dizendo que Ferncliff, o outro grande lar para idosos na cidade, talvez leve alguns residentes de ônibus. Stormy diz que eles têm ao menos um viúvo promissor que ela conhece do clube do livro sênior da biblioteca municipal. Isso deixa as outras residentes de Bellevue animadas.

— Ele tem uma cabeleira prateada muito distinta — Stormy fica dizendo para todo mundo. — E ainda dirige!

Faço questão de espalhar a notícia. Qualquer coisa para aumentar a empolgação.

Na festa, todo mundo vai receber cinco “vales-guerra”, que podem ser usados para um copo de ponche de uísque, um broche de bandeirinha ou uma dança. Isso foi ideia do sr. Morales. Na verdade, a ideia dele era um vale para cada dança com uma dama, mas todas nós o acusamos de ser machista e dissemos que devia ser uma dança com um cavalheiro *ou* uma dama. Alicia, pragmática como sempre, decretou:

— Vai haver bem mais mulheres do que homens, então são as mulheres que vão mandar.

Tenho ido de apartamento em apartamento pedir para as pessoas emprestarem fotos dos anos 1940 se tiverem, principalmente de uniforme militar ou em uma festa USO. Uma residente fungou e disse:

— Pois saiba que eu tinha seis anos em 1945!

Na hora, falei que fotos dos pais dela também seriam bem-vindas, mas ela já estava batendo a porta na minha cara.

* * *

“Scrapbooks para todas as idades” virou na verdade um comitê de planejamento de baile. Imprimi os vales-guerra, e o sr. Morales está usando meu estilete para cortá-los. Maude, que é nova no grupo e sabe usar a internet, está pesquisando artigos sobre a guerra para decorar a mesa de bebidas. A amiga dela, Claudia, está organizando a playlist.

Alicia vai ter uma mesinha só dela. Ela está fazendo uma guirlanda de origami, todos de cores diferentes, lilás e pêssego, turquesa e floral. Stormy reclamou do desvio do tema vermelho, branco e azul, mas Alicia bateu o pé, e eu a apoiei. Cheias de classe, como sempre, as fotos dela de nipo-americanos em campos de concentração estão em porta-retratos elegantes.

— Essas fotos vão estragar o clima — fala Stormy para mim, mas alto o bastante para Alicia ouvir.

Alicia se vira.

— Essas fotos servem para ensinar aos ignorantes.

Stormy fica ereta no alto de seus um metro e sessenta, um e setenta de salto.

— Alicia, você me chamou de *ignorante*?

Faço uma careta. Stormy está se dedicando muito à festa e anda um pouco difícil ultimamente.

Não vou conseguir lidar com outra briga entre as duas agora. Estou prestes a acalmar os ânimos quando Alicia lança um olhar frio para Stormy.

— Se a carapuça serviu.

Stormy e eu ficamos boquiabertas. Stormy anda até a mesa de Alicia e derruba os origamis no chão com um floreio. Alicia grita, e eu prendo a respiração. Todo mundo na sala olha.

— Stormy!

— Você vai tomar o partido *dela*? Ela acabou de me chamar de ignorante! Stormy Sinclair pode ser muitas coisas, mas não é ignorante.

— Não vou tomar o partido de ninguém — respondo, me abaixando para pegar os origamis.

— Se você vai tomar o partido de alguém, devia ser o meu — diz Alicia. Ela estica o queixo na direção de Stormy. — Ela acha que é uma grande dama, mas é uma criança que fica dando ataque de birra por causa de uma festa.

— Uma criança! — berra Stormy.

— Vocês duas podem parar de brigar? — Para minha vergonha, lágrimas começam a escorrer dos meus olhos. — Não consigo aguentar isso hoje. — Minha voz treme. — Não mesmo.

Elas trocam um olhar e correm para perto de mim.

— Querida, o que foi? — pergunta Stormy. — Deve ser um garoto.

— Sente-se, sente-se — pede Alicia.

Elas me levam até o sofá e se sentam uma de cada lado.

— Todo mundo, pra fora! — grita Stormy, e todo mundo sai. — Agora, conte o que aconteceu.

Eu seco os olhos com a manga.

— Peter e eu terminamos.

É a primeira vez que falo as palavras em voz alta.

Stormy ofega.

— Você e o sr. Bonitão terminaram! Foi por causa de outro garoto?

Ela parece esperançosa, e sei que está pensando em John.

— Não foi por causa de outro garoto. É complicado.

— Querida, nunca é tão complicado — diz Stormy. — Na minha época...

Alicia olha para ela de cara feia.

— Pode deixar ela falar?

— Peter nunca esqueceu a ex-namorada, Genevieve — explico, fungando. — Foi ela quem postou aquele vídeo de nós dois no ofurô, e Peter descobriu e não me contou.

— Talvez ele quisesse poupar você — sugere Alicia.

Com veemência, Stormy balança a cabeça, e faz isso com tanta força que os brincos sacodem.

— O garoto não vale nada, pura e simplesmente. Ele devia tratar você como rainha, não essa outra garota Genevieve.

— Você só quer que Lara Jean saia com seu bisneto — acusa Alicia.

— E daí se eu quiser!? — Com um brilho nos olhos, ela diz: — Me diga, Lara Jean. Você tem planos para esta noite?

Com isso, todas nós rimos.

— Não consigo pensar em nenhum garoto além de Peter agora — respondo. — Vocês ainda se lembram do seu primeiro amor?

Stormy teve tantos, será possível que lembre? Mas ela assente.

— Garrett O’Leary. Eu tinha quinze anos, e ele, dezoito. Só dançamos juntos uma vez, mas o que senti quando ele me olhava... — Ela estremece.

Eu olho para a esquerda, para Alicia.

— E o seu foi seu marido, Phillip, certo?

Para minha surpresa, ela balança a cabeça.

— Meu primeiro amor se chamava Albert. Era o melhor amigo do meu irmão mais velho. Eu achava que ia me casar com ele. Mas não era para ser. Eu conheci meu Phillip. — Ela sorri. — Phillip foi o amor da minha vida. Mas nunca esqueci Albert. Como já fui jovem! Stormy, você consegue acreditar que já fomos tão jovens?

Stormy não dá a resposta mordaz de sempre. Os olhos dela ficam úmidos, e, com mais delicadeza do que jamais a ouvi falar, ela diz:

— Foi um milhão de vidas atrás. Incrível.

— Incrível — ecoa Alicia.

As duas sorriem para mim com carinho, com afeição tão verdadeira e genuína que mais lágrimas surgem em meus olhos.

— O que vou fazer agora que Peter não é mais meu namorado? — questiono em voz alta.

— Você vai fazer o que fazia antes de ele ser seu namorado — responde Alicia. — Vai seguir com sua rotina. Vai sentir falta dele no começo, mas com o tempo vai melhorar. Vai passar. — Ela estica a mão e toca a minha bochecha com sua pele fina como papel. Um sorriso surge nos lábios dela. — Você só precisa de tempo, e você, pequenina, tem todo o tempo do mundo.

É um pensamento reconfortante, mas não sei se acredito de verdade nisso, não completamente. Acho que o tempo é diferente para os jovens. Os minutos são mais longos, mais significantes, mais vibrantes. Só sei que cada minuto sem Peter parece interminavelmente longo,

como se eu estivesse esperando, só esperando que ele voltasse para mim. Eu, Lara Jean, sei que ele não vai voltar, mas meu coração não parece entender que acabou.

* * *

Depois, com as energias renovadas e as lágrimas já secas, estou com Janette no escritório dela, repassando os detalhes da festa. Quando ela menciona a sala de estar, eu congelo.

— Janette, a sala não vai ser grande o bastante.

— Não sei o que dizer. A sala de atividades está reservada para o bingo. Eles têm reserva contínua para as noites de sexta.

— Mas a festa vai ser um evento enorme! As pessoas do bingo não podem ir para a sala de estar só por uma noite?

— Lara Jean, não posso mexer no bingo. Gente de toda a comunidade vem aqui só para isso, inclusive a mãe do corretor do aluguel. Há muita política em jogo. Minhas mãos estão atadas.

— E que tal a sala de jantar?

Poderíamos afastar as mesas e abrir uma pista de dança no centro da sala, e as bebidas ficariam em uma mesa longa encostada na parede. Pode dar certo.

Janette me lança um olhar de *Por favor, garota*.

— E quem vai afastar todas as mesas e cadeiras? Você?

— Ah, eu posso fazer isso, e tenho certeza de que consigo alguns voluntários também...

— E correr o risco de um dos residentes quebrar a coluna e nos processar? Não, *gracias*.

— Não precisaríamos tirar todas as mesas, só metade. Você não pode pedir para os funcionários ajudarem? — Janette já está balançando a cabeça quando tenho um acesso de inspiração. — Janette, ouvi dizer que Ferncliff deve mandar alguns residentes de ônibus. *Ferncliff*. Eles já se intitulam o melhor lar para idosos de Blue Ridge Mountains.

— Ah, meu Deus, Ferncliff é um lixo. As pessoas que trabalham naquele lugar são podres. Eu tenho *mestrado*. “Melhor lar para idosos de Blue Ridge Mountains”? Rá! Até parece.

Agora, só preciso puxar o anzol.

— Estou dizendo, Janette, se esse baile não for bom, vamos acabar fazendo papel de bobos. Não podemos deixar isso acontecer. Quero que aqueles residentes de Ferncliff saiam daqui andando, ou nas cadeiras de rodas, desejando morar em Belleview!

— Tudo bem, tudo bem. Vou pedir aos zeladores para ajudarem você a arrumar a sala de jantar. — Janette balança o dedo para mim.

— Você não desiste, garota.

— Você não vai se arrepender — prometo. — Vai valer a pena só pelas fotos. Vamos botar tudo no site. Todo mundo vai querer ser a gente!

Ao ouvir isso, Janette estreita os olhos de satisfação, e solto o ar que estava prendendo. Essa festa tem que dar certo. Tem que. É o meu tesouro.

NA NOITE DE domingo, faço cachos no cabelo. Cachear o cabelo é um ato intrínseco de reflexão. Gosto de fazer os cachos à noite e pensar nas coisas que podem acontecer amanhã. Além do mais, costuma ficar bem melhor depois de uma noite de sono, não tão armado.

Estou com metade do cabelo presa e quase acabei um lado quando Chris entra pela minha janela.

— Eu devia estar de castigo agora, então tenho que esperar minha mãe dormir antes de ir para casa — explica ela, tirando a jaqueta de couro. — Você ainda está deprimida por causa do Kavinsky?

Enrolo outra mecha de cabelo no aparelho.

— Estou. Não se passaram nem quarenta e oito horas.

Chris passa o braço pelos meus ombros.

— Odeio falar isso, mas esse namoro estava destinado ao desastre desde o começo.

Lanço um olhar chateado para ela.

— Muito obrigada.

— Ah, é verdade. O jeito como vocês ficaram juntos foi estranho, depois teve a coisa toda do vídeo do ofurô. — Ela pega o babyliiss da minha mão e começa a fazer cachos no próprio cabelo. — Mas preciso dizer que acho que foi bom pra você passar por tudo isso. Você se protegia demais, querida. Você pode ser muito crítica.

Pego o babyliiss da mão dela e finjo que vou bater na cabeça de Chris com ele.

— Você veio me alegrar ou enunciar meus defeitos?

— Desculpa! Só estou dizendo. — Ela me oferece um sorriso alegre.

— Não fique triste por muito tempo. Não é seu estilo. Existem outros caras além do Kavinsky. Caras que não são sobra da minha prima. Caras como o John McClaren. Ele é gato. Eu iria atrás dele, se ele não estivesse a fim de você.

— Não consigo pensar em mais ninguém agora — digo, com delicadeza. — Peter e eu acabamos de terminar.

— Você e Johnny têm química. Vi com meus próprios olhos na festa da cápsula do tempo. Ele está interessado. — Ela bate com o ombro no meu. — Você gostava dele antes. Talvez ainda haja alguma coisa aí.

Eu a ignoro e continuo a fazer cachos no cabelo, uma mecha de cada vez.

Peter ainda se senta à minha frente na aula de química. Eu não sabia que dava para sentir ainda mais saudade de alguém quando a pessoa está a poucos passos de distância. Talvez seja porque ele não olhou para mim, nem uma vez. Eu não entendia totalmente como ele tinha se tornado parte importante da minha vida. Ele se tornou tão... familiar para mim. E agora, sumiu. Não sumiu, ainda está presente, só não está disponível para mim, o que talvez seja pior. Por um minuto, foi muito bom. Foi muito bom mesmo. Não foi bom? Talvez as coisas muito, muito boas não sejam feitas para durar tanto tempo; talvez seja o que as torna mais doces, o fato de serem temporárias. Talvez eu só esteja tentando me sentir melhor. Está funcionando, um pouco. Um pouco basta, por ora.

Depois que a aula acaba, Peter fica um tempo na carteira, depois se vira e diz:

— Oi.

Meu coração pula.

— Oi.

Tenho um pensamento repentino e louco de que, se ele me quisesse de volta, vou dizer sim. Vou esquecer o orgulho, esquecer Genevieve, esquecer tudo.

— Eu quero meu colar de volta — diz ele. — Obviamente.

Meus dedos tocam o pingente de coração pendurado em meu pescoço. Eu queria tirar de manhã, mas não consegui.

Agora tenho que devolver? Stormy tem uma caixa cheia de lembranças e presentes de antigos namorados. Eu não achava que teria que devolver a única coisa que um garoto tinha me dado. Mas *foi* caro, e Peter é prático. Ele pode pegar o dinheiro de volta e a mãe pode revendê-lo.

— Claro — digo, mexendo no fecho.

— Não quis dizer que você tinha que devolver neste segundo — diz ele, e minha mão para. Talvez ele deixe que eu fique com o colar por mais um tempo, talvez até para sempre. — Mas eu o quero de volta.

Não consigo abrir o fecho, está demorando uma eternidade e é excruciante, porque Peter fica ali de pé. Por fim, ele vai para trás de mim e afasta meu cabelo. Pode ser minha imaginação, mas acho que posso ouvir o coração dele batendo. O dele está batendo, e o meu parece que está se partindo.

KITTY ENTRA VOANDO no meu quarto. Estou à escrivania, terminando o dever. Há tanto tempo não faço isso; Peter e eu sempre íamos à Starbucks depois da aula. A vida já está solitária.

— Você e Peter terminaram? — pergunta ela.

Eu faço uma careta.

— Quem te contou?

— Não importa. Só responda à pergunta.

— Bem... sim.

— Você não o merece — diz ela com rispidez.

Eu me viro na cadeira.

— O quê? Você é *minha* irmã, não é justo ficar do lado do Peter. Você não ouviu o meu lado. Não que devesse. Você não sabe que nunca se fica contra a irmã?

Ela morde o lábio.

— Qual é o seu lado?

— O meu lado é... complicado. Peter ainda tem sentimentos por Genevieve...

— Ele não pensa mais nela desse jeito. Não invente desculpas.

— Você não viu o que eu vi, Kitty! — digo de repente.

— O que você viu? — desafia ela, com o queixo projetado como uma arma. — Me conte.

— Não é só o que eu vi. É o que eu sempre soube. Só... deixa pra lá. Você não entenderia, Kitty.

— Você viu Peter beijar ela? Viu?

— Não, mas...

— Mas nada. Isso tem alguma coisa a ver com aquele cara de nome esquisito? John Amberton McClaren, sei lá?

— Não! Por que você diria isso? — Eu ofego. — Espere um minuto! Você andou lendo minhas cartas de novo?

Ela franze a testa, e sei que fez exatamente isso, a pestinha.

— Não mude de assunto! Você gosta dele ou não?

— Isso não tem nada a ver com John McClaren. Tem a ver comigo e com Peter.

Quero dizer para ela que Peter sabia que foi Genevieve quem fez o vídeo e o espalhou. Ele sabia, e ainda assim a protegeu. Mas não posso macular sua imagem idealizada de garotinha sobre quem Peter é. Seria muito cruel.

— Kitty, não importa. Peter ainda tem sentimentos por Genevieve, e eu sempre soube. Além do mais, qual é o sentido de um

relacionamento sério com Peter se vamos acabar terminando como Margot e Josh? Romances do ensino médio raramente duram, sabia? E por um bom motivo. Somos jovens demais para algo tão sério.

Enquanto estou falando, lágrimas escorrem pelos cantos dos meus olhos.

Kitty se sensibiliza. Ela passa o braço pelos meus ombros.

— Não chore.

— Não estou chorando. Só lacrimejando um pouco.

Ela dá um suspiro pesado.

— Se isso é amor, não quero nada disso, obrigada. Quando eu for mais velha, vou fazer o que eu quiser.

— O que isso quer dizer? — pergunto.

Kitty dá de ombros.

— Se eu gostar de um garoto, tudo bem, vou sair com ele, mas não vou ficar em casa chorando por ele.

— Kitty, não aja como se nunca chorasse.

— Eu choro por coisas importantes.

— Você chorou outro dia porque papai não deixou você ficar acordada vendo tevê!

— Sim, e isso era importante para *mim*.

Eu fungo.

— Não sei por que estou discutindo essas coisas com você.

Ela é pequena demais para entender. Parte de mim torce para que nunca entenda. Era melhor quando eu não entendia.

* * *

Naquela noite, papai e eu estamos lavando a louça quando ele pigarreia e diz:

— Kitty me contou que você e Peter terminaram. Como você está?

Eu enxaguo um copo e o coloco na lava-louça.

— Ela tem uma boca tão grande. Eu ia contar mais tarde.

Talvez, no fundo, eu estivesse com esperanças de não precisar.

— Quer conversar? Posso fazer chá Night-Night. Não é tão bom quanto o da sua mãe, mas ainda é bom.

— Talvez mais tarde — digo, só para ser gentil. O chá Night-Night dele não é dos melhores.

Ele me abraça.

— Vai ficar mais fácil, prometo. Peter Kavinsky não é o único garoto no mundo.

Eu solto um suspiro.

— Nunca mais quero sofrer assim.

— Não tem como eu proteger você de um coração partido, Lara Jean. É parte da vida. — Ele me beija no alto da cabeça. — Suba e vá

descansar. Eu termino aqui.

— Obrigada, papai.

Eu o deixo sozinho na cozinha, cantarolando enquanto seca uma panela com um pano de prato.

Meu pai disse que Peter não é o único garoto no mundo. Sei que é verdade, claro que é verdade. Mas veja meu pai. Minha mãe era a única garota no mundo para ele. Se não fosse, ele já teria encontrado outra pessoa. Talvez também esteja tentando proteger seu coração. Talvez sejamos mais parecidos do que eu imaginava.

ESTÁ CHOVENDO DE novo. Eu tinha pensado em levar Kitty e Jamie ao parque depois da escola, mas agora não dá mais. O que faço é me sentar na cama, cachear o cabelo e ver a chuva cair como balas de prata. O clima combina com meu humor, ao que parece.

No meio do nosso rompimento, esqueci o jogo. Mas agora estou lembrando muito bem. Eu vou vencer. Vou tirar Genevieve do jogo. Ela não pode ter Peter e vencer. É injusto demais. Vou pensar em um desejo perfeito, alguma coisa perfeita para tirar dela. Se ao menos eu soubesse o que desejar!

Preciso de ajuda. Ligo para Chris, mas ela não atende. Estou prestes a ligar de novo, mas, no último segundo, mando uma mensagem para John.

Me ajuda a ganhar da Genevieve?

Ele demora alguns minutos para responder.

Vai ser uma honra.

* * *

John se acomoda no sofá e se inclina para a frente, me olhando com atenção.

— Muito bem, como você quer fazer isso? Quer dar um susto nela? Bolar um esquema tático?

Coloco um copo de chá gelado na frente dele. Sento-me a seu lado e digo:

— Acho que temos que vigiá-la primeiro. Eu nem sei quais são os horários dela.

E se, no processo de vencer o jogo, eu descobrir qual é o grande segredo dela, seria um bônus legal.

— Gosto de como você pensa — diz John, inclinando a cabeça para trás e bebendo chá.

— Sei onde eles deixam a chave extra. Chris e eu tivemos que buscar um aspirador de pó na casa dela uma vez. E se... e se eu tentar deixá-la nervosa? Tipo deixar um bilhete no travesseiro dela dizendo *Estou de olho em você*. Isso a deixaria apavorada.

John quase engasga com o chá gelado.

— Espere, de que adiantaria isso?

— Não sei. Você é o especialista!

— Especialista? Como sou especialista? Se eu fosse bom, ainda estaria no jogo.

— Você não tinha como saber que eu estaria em Belview — observo. — Foi só azar.

— São muitas coincidências. Belview. Você ter ido ao Projeto das Nações Unidas naquele dia.

Eu olho para as mãos.

— Aquilo... não foi totalmente coincidência. Na verdade, não foi coincidência nenhuma. Fui lá procurar você. Queria ver como você estava. Eu sabia que estaria lá no evento. Lembrei o quanto você gostava de ir, no ensino fundamental.

— Eu só entrei no projeto para poder melhorar na hora de falar em público. Por causa da gagueira. — Ele para. — Espere. Você disse que foi lá por minha causa? Para ver como eu estava?

— É. Eu... sempre quis saber.

John não diz nada, só fica me olhando. Ele coloca o copo na mesa de repente. Então o pega de volta e coloca um porta-copos embaixo.

— Você não disse o que aconteceu entre você e Kavinsky naquela noite, depois que fui embora.

— Ah. A gente terminou.

— Vocês terminaram — repete ele, com o rosto inexpressivo.

Nesse momento, reparo em Kitty nos olhando pela porta, como uma pequena espiã.

— O que você quer, Kitty?

— Hã... sobrou homus com pimentão vermelho?

— Não sei. Vá olhar.

John arregala os olhos.

— É a sua irmãzinha? — Para Kitty, ele diz: — Na última vez que eu vi você, você era pequenininha.

— É, eu cresci — diz ela, sem nenhuma simpatia.

Eu a olho de cara feia.

— Seja educada com nosso convidado. — Kitty nos dá as costas e sobe a escada correndo. — Desculpe por isso. Minha irmã adora o Peter e fica com umas ideias malucas...

— Ideias malucas? — repete John.

Eu poderia bater em mim mesma.

— É, ela acha que tem alguma coisa rolando entre a gente. Mas é claro que não tem, e você, tipo, não gosta de mim assim, então, é, são malucas.

Por que eu falo? Por que Deus me deu uma boca se só vou ficar dizendo coisas idiotas com ela?

Fica tão silencioso que abro a boca para dizer mais coisas idiotas, mas ele fala:

— Ah... não é uma ideia *tão* maluca.

— Certo! Eu não quis dizer *maluca*...

Minha boca se fecha e eu olho para a frente.

— Lembra aquela vez que brincamos de “girar a garrafa” no meu porão?

Eu faço que sim.

— Eu fiquei nervoso na hora de beijar você porque nunca tinha beijado uma garota — diz ele, e pega o copo de chá gelado de novo. Ele toma um gole, mas não tem mais chá, só gelo. Ele olha nos meus olhos e sorri. — Todos os garotos pegaram no meu pé depois porque foi um beijo xoxo.

— Não foi xoxo — digo.

— Acho que foi na época em que o irmão mais velho de Trevor nos disse que fez uma garota... — John hesita, e aceno com a cabeça com ansiedade para ele continuar. — Ele alega que fez uma garota ter um orgasmo só com um beijo.

Solto uma gargalhada alta e coloco as mãos sobre a boca.

— É a maior mentira que já ouvi! Nunca o vi falar com nenhuma garota. Além do mais, acho que isso nem é possível. E, se fosse, duvido que Sean Pike fosse capaz.

John também ri.

— Agora eu sei que é mentira, mas na época nós acreditamos nele.

— Se foi um beijo ótimo? Não foi. — John faz uma careta, e eu continuo, mais do que depressa: — Mas não foi *terrível*. Eu juro. E escute, eu não sou especialista em beijo. Quem sou eu para falar?

— Tudo bem, tudo bem, pode parar de tentar me fazer sentir melhor. — Ele coloca o copo na mesa. — Eu melhorei muito. É o que as garotas me dizem.

Essa conversa tomou um rumo estranho e de tom confessional, e estou nervosa, mas não de um jeito ruim. Gosto de compartilhar segredos, de sermos cúmplices.

— Ah, então você beijou um monte de garotas, é?

Ele ri de novo.

— Um número respeitável. — Ele faz uma pausa. — Estou surpreso de você se lembrar daquele dia. Você estava tão a fim do Kavinsky que acho que nem reparou em quem mais estava lá.

Eu dou um empurrão no ombro dele.

— Eu não estava “tão a fim do Kavinsky”!

— Estava, sim. Você ficou com os olhos grudados naquela garrafa o jogo todo, assim. — John pega a garrafa e gruda os olhos nela. — Esperando seu momento.

Estou vermelha, sei que estou.

— Ah, pare com isso.

Rindo, ele diz:

— Como um falcão observando a presa.

— Pare! — Agora, também estou rindo. — Como você se lembra disso?

— Porque eu estava fazendo a mesma coisa — diz ele.

— Você também estava olhando para o Peter? — pergunto de brincadeira, para provocar, porque é divertido. Pela primeira vez em dias, estou me divertindo.

Ele olha diretamente para mim, com os olhos azuis seguros e firmes, e minha respiração fica presa no peito.

— Não. Eu estava olhando para você.

Há um zumbido nos meus ouvidos, e é o som do meu coração batendo na velocidade máxima. *Na memória, tudo parece se suceder ao som da música.* Uma das minhas falas favoritas de *À Margem da Vida*. Se eu fechar os olhos, quase consigo ouvi-la aquele dia no porão de John Ambrose McClaren. Daqui a anos, quando eu repassar esse momento, que música vou ouvir?

Os olhos dele sustentam os meus, e sinto um tremor que começa na garganta e se move pela minha clavícula e pelo meu peito.

— Eu gosto de você, Lara Jean. Gostava naquela época e gosto ainda mais agora. Sei que você e Kavinsky acabaram de terminar e que você ainda está triste, mas quero deixar meus sentimentos por você bastante claros.

— Hã... tá — sussurro.

As palavras dele saem límpidas; não hesitam em nenhum momento. Não há nem sinal de gagueira. Estão bastante claras.

— Tudo bem, então. Vamos ganhar seu desejo. — Ele pega o celular e abre o Google Maps. — Pesquisei o endereço da Gen antes de vir para cá. Acho que você está certa, devemos ir aos poucos e avaliar a situação. Não partir para cima.

— Aham.

Estou em uma espécie de transe; é difícil me concentrar. John Ambrose McClaren quer deixar seus sentimentos por mim bastante claros.

Saio da paralisia quando Kitty desce a escada saltitando e entra na sala, equilibrando um copo de refrigerante de laranja, uma tigela de homus com pimentão vermelho e um saco de torradas de pão árabe. Ela vai até o sofá e se senta entre nós dois. Esticando o saco, ela pergunta:

— Vocês querem?

— Claro — diz John, pegando uma torrada. — Ei, ouvi dizer que você é ótima em planos. É verdade?

Com cautela, ela responde:

— Por que você está perguntando?

— Foi você quem mandou as cartas de Lara Jean, não foi? — Kitty

assente. — Então eu diria que você é boa em planos.

— É, acho que sou.

— Excelente. Precisamos da sua ajuda.

As ideias de Kitty são meio extremas, como furar os pneus de Genevieve ou jogar uma bomba de fedor na casa dela para fazê-la sair, mas John anota todas as sugestões, o que não passa despercebido por ela. Poucas coisas passam.

NA MANHÃ SEGUINTE, Kitty está enrolando para comer a torrada com creme de amendoim, e, por trás do jornal, meu pai fala:

— Você vai perder o ônibus se não se apressar.

Ela só dá de ombros e não se apressa para subir e pegar a mochila. Tenho certeza de que acha que pode pegar carona comigo se perder o ônibus, mas também estou atrasada. Perdi a hora e não consegui achar minha calça jeans favorita, então tive que me contentar com a segunda favorita.

Quando estou lavando a tigela de cereal, olho pela janela e vejo o ônibus escolar de Kitty passar.

— Você perdeu o ônibus! — grito lá para cima.

Não há resposta.

Coloco meu almoço na mochila.

— Se você vem comigo, é melhor vir agora! Tchau, pai.

Estou calçando os sapatos junto à porta de entrada quando Kitty passa correndo por mim e sai de casa, com a mochila sacudindo no ombro. Vou atrás dela e fecho a porta. E ali, do outro lado da rua, encostado no Audi preto, está Peter. Ele dá um sorriso largo para Kitty, e fico parada ali, totalmente surpresa. Meu primeiro pensamento é: *Ele veio me ver?* Não, não pode ser. O segundo pensamento é: *Isso é uma armadilha?* Olho ao redor em busca de algum sinal de Genevieve. Não há nenhum, e me sinto culpada por achar que ele poderia ser tão cruel.

Kitty acena e corre até ele.

— Oi!

— Pronta, garota? — pergunta a ela.

— Sim. — Kitty se vira para olhar para mim. — Lara Jean, você pode vir com a gente. Eu me sento no seu colo.

Peter está olhando para o celular, e a pouca esperança que eu tinha de que ele talvez tivesse ido me ver é destruída.

— Não, tudo bem — digo. — Só tem lugar para dois.

Ele abre a porta do carona para ela, e Kitty entra.

— Vá rápido — pede ela.

Peter mal olha para mim antes de ir embora. Bem. Acho que é isso, então.

— Que bolo você está fazendo para mim?

Kitty está sentada em um banco, me olhando. Estou fazendo o bolo hoje para estar tudo pronto para a festa do pijama amanhã. Enfiei na cabeça que a festa de Kitty tem que ser a melhor do mundo, em parte porque a festa está atrasada e deve valer a espera, e em parte porque dez anos é uma idade importante na vida de uma garota. Kitty pode não ter mãe, mas vai ter uma festa do pijama de aniversário espetacular se depender de mim.

— Já falei, é surpresa. — Coloco a farinha que já medi em uma tigela. — Como foi seu dia?

— Bom. Tirei nove no teste de matemática.

— Ah, que bom! Aconteceu mais alguma coisa legal?

Kitty dá de ombros.

— Acho que a sra. Bertoli peidou sem querer quando estava fazendo a chamada. Todo mundo riu.

Fermento, sal.

— Ótimo, ótimo. Hã, Peter levou você direto para a escola ou vocês pararam no caminho?

— Ele me levou para comer donut.

Eu mordo o lábio.

— Que legal. Ele falou mais alguma coisa?

— Sobre o quê?

— Não sei. Sobre a vida.

Kitty revira os olhos.

— Ele não falou nada sobre você, se é o que quer saber.

Isso dói.

— Eu não estava querendo saber isso — minto.

* * *

Kitty e eu planejamos a festa do pijama toda, até a maquiagem de zumbi. Com cabine de fotos e adereços. E arte para fazer nas unhas.

Escolhi o bolo de Kitty com o maior cuidado. É de chocolate com geleia de framboesa e cobertura de chocolate branco. Fiz três tipos diferentes de pastinhas. De creme azedo com cebola, homus com pimentão vermelho e de espinafre. Legumes cortados. Enroladinho de salsicha. Pipoca com caramelo e flor de sal para a hora do filme. Ponche de sorvete de limão, do tipo que se derrama ginger ale por cima. Até peguei uma poncheira antiga de vidro no sótão, que também vai ser perfeita para a festa USO. No café da manhã, vou fazer panquecas com gotas de chocolate. Sei que todos esses detalhes também são importantes para Kitty. Ela já mencionou que, no aniversário da Brielle, a mãe fez batida de morango para o lanche, e quem poderia esquecer que a mãe da Alicia Bernard fez crepes, se ela

menciona isso o tempo todo?

Papai foi banido para o quarto durante a noite, e parece aliviado, mas não antes de eu fazê-lo arrastar a velha cômoda vintage que tenho no quarto. Arrumo minha coleção de camisolas, pijamas, ceroulas e pantufas. Eu, Kitty e Margot temos muitas pantufas.

Todo mundo coloca um pijama logo que chega, rindo, gritando e brigando por quem fica com o quê.

Estou usando um conjunto rosa-claro que comprei em um brechó ainda com as etiquetas. Sinto-me como Doris Day em *Um Pijama para Dois*. A única coisa que não estou usando são pantufas com pompom e saltinhos. Tentei convencer Kitty de fazermos uma noite de filmes antigos, mas ela descartou a ideia na hora. Para ser engraçada, coloquei rolinhos no cabelo. Ofereço-me para colocar rolinhos nas garotas, mas todas gritam e dizem não.

Elas fazem tanto barulho que preciso dizer:

— Garotas, acalmem-se!

Na metade da sessão de manicure, reparo que Kitty está afastada do grupo. Achei que ela estaria à vontade, a rainha do baile de aniversário, mas ela está tensa e brincando com Jamie.

Quando todas as garotas sobem as escadas correndo para o meu quarto para passar as máscaras de lama que preparei, seguro o cotovelo de Kitty.

— Você está se divertindo? — pergunto. Ela assente e tenta desviar o olhar, mas olho para ela com severidade. — Jura pela sua irmã?

Kitty hesita.

— Shanae está muito amiga da Sophie — explica, com os olhos se enchendo de lágrimas. — Mais do que eu e ela. Você viu como as duas fizeram unhas combinando? Elas não me perguntaram se eu queria fazer também.

— Acho que elas não pretendiam deixar você de fora — digo.

Ela dá de ombros.

Abraço Kitty, e ela fica parada, rígida, então empurro a cabeça dela até meu ombro.

— Pode ser difícil essa coisa de melhores amigas. Vocês duas estão crescendo e mudando, e é difícil crescer e mudar na mesma proporção.

A cabeça dela se levanta, e a empurro de novo para o meu ombro.

— Foi isso que aconteceu entre você e Genevieve? — pergunta ela.

— Sinceramente, não sei o que aconteceu comigo e Genevieve. Ela se mudou, e ainda éramos amigas, depois não éramos mais. — Percebo tarde demais que não é a coisa mais reconfortante para se dizer a uma pessoa que está se sentindo deixada de lado pelas amigas. — Mas tenho certeza de que isso não vai acontecer com você.

Kitty solta um suspiro derrotado.

— Por que as coisas não podem continuar como eram?

— Aí nada mudaria e você não cresceria; ficaria com nove anos para sempre e nunca faria dez.

Ela limpa o nariz com o braço.

— Eu talvez não me importasse com isso.

— Aí você nunca aprenderia a dirigir, nem iria para a faculdade, nem compraria uma casa ou adotaria um monte de cachorros. Sei que você quer fazer todas essas coisas. Sei que você tem um espírito aventureiro, e ser criança pode atrapalhar isso, porque precisa pedir permissão para outras pessoas. Quando você for mais velha, vai poder fazer o que quiser sem ter que pedir para ninguém.

Suspirando, ela diz:

— É, isso é verdade.

Eu tiro o cabelo da testa dela.

— Quer que eu coloque um filme para vocês?

— De terror?

— Claro.

Ela está se animando, entrando no modo de negociação, como a pequena empresária que é.

— Tem que ser de adolescentes. Nada de coisa de criança.

— Tudo bem, mas, se vocês ficarem com medo, não vão dormir comigo no meu quarto. Na última vez, vocês não me deixaram dormir a noite toda. E, se algum pai ou mãe ligar para reclamar, vou dizer que vocês colocaram o filme sozinhas.

— Tudo bem.

Eu a vejo voar escada acima. Apesar de impossível, eu gosto dela do jeito que é. Não teria me importado se ficasse com nove anos para sempre. As preocupações de Kitty ainda são contornáveis; cabem na palma da minha mão. Gosto que ela ainda dependa de mim para fazer as coisas. As preocupações e as necessidades dela me fazem esquecer as minhas. Gosto de ser necessária, de ser reconhecida por alguém. O rompimento com Peter não é tão importante quanto Katherine Song Covey fazer dez anos. Ela cresceu como uma erva daninha, sem mãe, só duas irmãs e um pai. Não é pouca coisa. É extraordinário.

Dez anos, uau. Com dez anos não se é mais uma garotinha. É uma fase intermediária. A ideia dela ficando mais velha, deixando os brinquedos para trás, os kits de arte... me deixa um pouco melancólica. Crescer é mesmo agri-doce.

Meu celular vibra, e é uma mensagem deplorável de papai:

Posso descer? Estou morrendo de sede.

A barra está limpa.

Registrado.

SEGUIR GENEVIEVE ME provoca um sentimento estranho e familiar. Observações nada insignificantes voltam com tudo. É uma mistura inebriante das coisas que eu sabia sobre ela e as que não sei. Ela passa pelo drive-thru do Wendy's, e, sem nem precisar olhar, sei o que tem no saco. Um Frosty pequeno, uma batata pequena com molho e uma porção de seis nuggets, também com molho.

John e eu seguimos Genevieve pela cidade algum tempo, mas a perdemos em um sinal, então vamos para Belleview. Tenho uma reunião da festa USO. Com a festa tão próxima, estamos redobrando os esforços para ter tudo pronto na hora. Belleview se tornou meu consolo, meu porto seguro no meio disso tudo. Em parte porque Genevieve não sabe que trabalho lá como voluntária, então não pode me vencer no jogo, mas também porque é o único lugar em que não vou dar de cara com ela e Peter, livres para fazerem o que quiserem agora que ele está solteiro de novo.

Começa a nevar logo no início da reunião. Todo mundo se amontoa nas janelas para olhar, balançando a cabeça e dizendo:

— Neve em abril! Dá para acreditar?

Mas logo voltamos para a decoração da festa. John ajuda com a faixa.

Quando terminamos, há alguns centímetros de neve no chão, e a neve já virou gelo.

— Johnny, você não pode dirigir com esse tempo. Eu o proíbo — fala Stormy.

— Vovó, vai ficar tudo bem — diz John. — Sou um bom motorista.

Stormy dá um tapa ardido no braço dele.

— Já falei para você não me chamar de vovó! Só Stormy. A resposta é não. Está decidido. Vocês dois vão dormir em Belleview hoje. É perigoso demais. — Ela me olha com severidade. — Lara Jean, ligue para o seu pai agora mesmo e diga que não permito que vocês saiam com esse tempo.

— Ele pode vir nos buscar — sugiro.

— E fazer aquele pobre viúvo sofrer um acidente de carro no caminho? Não. Não aceito. Me dê seu celular. Eu ligo para ele.

— Mas... tem aula amanhã.

— Foi cancelada — diz Stormy com um sorriso. — Acabaram de anunciar na tevê.

Eu protesto.

— Não estou com nenhuma das minhas coisas! Escova de dentes,

pijama, nada!

Ela passa o braço pelos meus ombros.

— Relaxe e deixe Stormy cuidar de tudo. Não encha essa cabecinha com preocupações.

Foi assim que John Ambrose McClaren e eu passamos a noite juntos em um lar para idosos.

* * *

Uma tempestade de neve em abril é uma coisa mágica. Mesmo sendo devido a mudanças climáticas. Algumas flores cor-de-rosa já surgiram no jardim em frente à janela da sala de Stormy, e a neve cai com força, da forma como Kitty joga açúcar de confeitiro em panquecas, rápido e em muita quantidade. Em pouco tempo, não dá nem para ver as flores cor-de-rosa; está tudo coberto de branco.

Estamos jogando damas na sala de Stormy. John me venceu duas vezes e fica me perguntando se estou deixando ele ganhar. Sou reticente, mas a resposta é não, ele é só melhor do que eu. Stormy nos serve piña coladas que prepara no liquidificador com “um leve toque de rum para nos aquecer” e esquento um pedaço de *spanakopita* congelada no micro-ondas, que nenhum de nós come. Está tocando Bing Crosby no aparelho de som. Às nove e meia, Stormy começa a bocejar e dizer que vai precisar do sono da beleza em breve. John e eu trocamos um olhar. Ainda está muito cedo, não lembro a última vez que fui dormir antes da meia-noite.

Stormy insiste para que eu fique com ela e John fique no quarto de hóspedes do sr. Morales. Consigo ver que John não curte muito a ideia, porque ele pergunta:

— Não posso só dormir no chão com vocês?

Fico surpresa quando Stormy balança a cabeça.

— Não acho que o pai da Lara Jean ia gostar disso!

— Acho que meu pai não se importaria, Stormy — digo. — Posso ligar para ele, se quiser.

Mas a resposta é um não firme e ressoante. John vai dormir com o sr. Morales. Para uma senhora que está sempre me dizendo para fazer loucuras e viver aventuras e levar camisinha, ela é bem mais careta do que eu imaginava.

Stormy entrega uma toalha de rosto para John e um par de protetores de ouvido de espuma.

— O sr. Morales ronca — diz ela ao dar um beijo de boa-noite no neto.

John ergue uma sobrancelha.

— Como você sabe?

— Você não vai querer saber!

Ela sai andando para a cozinha como a grande dama que é.
— Quer saber? Não quero mesmo — diz John, em voz baixa.
Mordo a parte interna da bochecha para não rir.
— Coloque seu celular para vibrar — pede John antes de se afastar.
— Vou mandar uma mensagem para você.

* * *

Ouçó os roncós de Stormy e o chiado dos flocos de neve batendo na vidraça. Fico me embolando no saco de dormir de Stormy, morrendo de calor, desejando que ela não tivesse colocado o aquecimento tão forte. Os idosos estão sempre reclamando do frio em Belleview, que o aquecimento é “deplorável”, como Danny do prédio Azalea sempre diz. Para mim, parece bem quente. A camisola de cetim pêssego de gola alta que Stormy insistiu que eu usasse não está ajudando. Estou deitada de lado, jogando Candy Crush no celular, querendo que John se apresse.

Você quer brincar na neve?

Eu respondo na mesma hora:

QUERO! Está muito quente aqui.

Nos encontramos no corredor em dois minutos?

Tá.

Eu me levanto tão rápido do saco de dormir que quase tropeço. Uso a luz do celular para encontrar o casaco e as botas. Stormy está roncando profundamente. Não consigo encontrar o cachecol, mas não quero deixar John esperando, então decido ir sem ele.

Ele já está no corredor. O cabelo está bagunçado atrás, e, baseada apenas nisso, penso que poderia me apaixonar por ele, se me permitisse. Quando John me vê, estica os braços e canta:

— Você quer brincar na neve?

Eu gargalho tão alto que John diz:

— Shhh, você vai acordar os residentes!

Isso só me faz rir mais.

— São só dez e meia!

Corremos pelo corredor acarpetado, nós dois rindo o mais baixo que conseguimos. Mas quanto mais você tenta parar de rir, mais difícil é.

— Não consigo parar — digo, arfando, enquanto corremos pelas portas deslizantes até o pátio.

Estamos sem fôlego; nós dois paramos de repente.

O chão está coberto de uma camada de neve branca grossa, como lã de carneiro. A cena é tão linda e serena que meu coração quase dói com o prazer do momento. Estou tão feliz, e percebo que é porque não pensei em Peter nem uma vez. Eu me viro para olhar para John, e ele já está me olhando com um meio sorriso no rosto. Borboletas voam em meu estômago.

Eu giro em círculos e canto:

— Você quer brincar na neve?

E nós dois começamos a rir de novo.

— Você vai nos fazer ser expulsos! — avisa ele.

Eu seguro as mãos de John e o faço girar comigo o mais rápido que consigo.

— Pare de agir como se morasse em um lar para idosos, seu velho! — grito.

Ele solta minha mão, e nós dois caímos. Ele pega um punhado de neve no chão e começa a fazer uma bola.

— Velho, é? Vou te mostrar o velho!

Saio correndo para longe dele, escorregando e derrapando na neve.

— Não ouse, John Ambrose McClaren!

Ele corre atrás de mim, rindo e ofegante. Consegue me pegar pela cintura e levanta o braço como se fosse jogar a bola dentro do meu casaco, mas no último segundo me solta. Seus olhos estão arregalados.

— Ah, meu Deus. Você está usando uma das camisolas da minha avó por baixo do casaco?

Rindo, digo:

— Quer ver? É muito sexy. — Começo a abrir o casaco. — Espere, vire de costas primeiro.

John balança a cabeça.

— Isso é muito esquisito.

Mas obedece. Assim que ele vira de costas, eu pego um punhado de neve, faço uma bola e escondo a mão no bolso do casaco.

— Tudo bem, pode virar.

John vira, e jogo a bola na cabeça dele. Acerto bem no olho.

— Ai! — grita ele, limpando com a manga do casaco.

Eu ofego e me aproximo dele.

— Ah, meu Deus. Desculpa. Você está bem...

John já está pegando mais neve e jogando para cima de mim. E assim começa nossa guerra de bolas de neve. Corremos atrás um do outro, e acerto uma bola nele de novo, agora nas costas. Fazemos uma trégua quando eu quase escorrego e caio de bunda no chão. Por sorte, John me pega bem a tempo. Ele não solta logo. Ficamos nos olhando alguns segundos, o braço dele ainda ao redor da minha cintura. Tem um floco de neve nos cílios dele:

— Se eu não soubesse que você ainda está a fim do Kavinsky, eu te

beijaria agora — diz ele.

Eu tremo. Até Peter, a coisa mais romântica que havia acontecido comigo tinha sido com John Ambrose McClaren, na chuva, com as bolas de futebol. Agora, isso. Como é estranho eu nunca nem ter saído com John e ele estar em dois dos meus momentos mais românticos.

John me solta.

— Você está congelando. Vamos voltar lá pra dentro.

Seguimos para a sala no andar de Stormy para descansar e descongelar. Só tem um abajur aceso, então tudo está escuro e silencioso. Parece que todos os residentes estão dormindo. É estranho estar ali sem Stormy e as outras pessoas, como estar na escola à noite. Nós nos sentamos no sofá elegante estilo francês, e tiro as botas para esquentar os pés. Mexo os dedos para recuperar a sensação.

— Pena que não podemos acender o fogo — diz John, espreguiçando os braços e olhando para a lareira.

— Pois é, é falsa. Deve haver alguma lei que proíba lareiras em lares para idosos, aposto que...

Minha voz morre quando vejo Stormy usando um quimono de seda saindo nas pontas dos pés do seu apartamento e seguindo pelo corredor. Para o apartamento do sr. Morales. Ah, meu Deus.

— O quê? — pergunta John, e coloco a mão sobre a boca dele. Desço do sofá e deslizo até o chão. Eu o puxo comigo. Ficamos abaixados até eu ouvir a porta bater. Ele sussurra: — Que foi? O que você viu?

Eu me endireito e sussurro:

— Não sei se você vai querer saber.

— Caramba. O quê? Me conta.

— Vi Stormy, usando um quimono vermelho, se esgueirando para o apartamento do sr. Morales.

John engasga.

— Ah, meu Deus. Isso é...

Olho para ele, solidária.

— Eu sei. Desculpe.

Ele balança a cabeça e se encosta no sofá, as pernas esticadas à frente.

— Uau. Que intenso. Minha bisavó tem a vida sexual bem mais ativa do que a minha.

Não consigo resistir à pergunta:

— Então... quer dizer que você não transou com muitas garotas? — Rapidamente, acrescento: — Desculpa, sou uma pessoa muito curiosa. — Eu coço a bochecha. — Algumas pessoas podem dizer que sou xereta. Não precisa responder se não quiser.

— Não, eu respondo. Nunca transei com ninguém.

— Sério?!

Eu não consigo acreditar. Como pode?

— Por que você está tão chocada?

— Não sei, pensei que todos os garotos fizessem.

— Bem, só tive uma namorada, e ela era muito religiosa, então nunca fizemos, o que não foi um problema. De qualquer modo, acredite, nem todos os garotos já transaram. Eu diria que a maioria não fez. — John faz uma pausa. — E você?

— Eu também nunca fiz.

Ele franze a testa, confuso.

— Espere, achei que você e Kavinsky...

— Não. Por que acharia isso? — Ah. O vídeo. Eu engulo em seco. Achei que ele pudesse ser a única pessoa que não viu. — Então você viu o vídeo do ofurô, não é?

John hesita.

— É. Eu não sabia que era você, não até a festa da cápsula do tempo, quando soube que vocês estavam juntos. Uns caras me mostraram na escola, mas não prestei muita atenção.

— Só estávamos nos beijando — digo, baixando a cabeça. — Eu queria que você não tivesse visto.

— Por quê? Sinceramente, não importa nem um pouco para mim.

— Acho que eu gostava da ideia de você me olhando do mesmo jeito. Sinto que as pessoas me veem de uma forma diferente agora, mas você ainda pensava em mim como a velha Lara Jean. Entende o que quero dizer?

— É *assim* que eu vejo você — diz John. — Você ainda é a mesma para mim. Sempre vou ver você assim, Lara Jean.

As palavras dele, o jeito como me olha, tudo isso me deixa quente por dentro, brilhante, até meus dedos dos pés congelados. Quero que ele me beije. Quero ver se é diferente de Peter, se vai fazer a dor diminuir. Se vai me fazer esquecer-lo, só por um tempo. Mas acho que ele sentiu, sentiu que Peter está em algum lugar aqui conosco, nos meus pensamentos, que não seríamos só ele e eu, porque nem se mexe.

O que John faz é uma pergunta.

— Por que você sempre me chama pelo nome completo?

— Não sei. Acho que é assim que penso em você na minha cabeça.

— Ah, então você pensa muito em mim?

Eu dou uma gargalhada.

— Não, estou dizendo que quando penso em você, o que não acontece com frequência, é assim que penso. No primeiro dia de aula, sempre tenho que explicar para os professores que Lara Jean é meu primeiro nome, não só Lara. E lembra que o sr. Chudney começou a chamar você de John Ambrose por causa disso? “Sr. John Ambrose.”

Com um sotaque inglês esnobe, John diz:

— Sr. John Ambrose McClaren Terceiro, senhora.

Eu dou uma risada. Nunca conheci um terceiro.

— É verdade?

— Sim. É irritante. Meu pai é Júnior, então é JJ, mas minha família ainda me chama de Pequeno John. — Ele faz uma careta. — Prefiro ser John Ambrose a Pequeno John. Parece nome de rapper ou aquele cara de *Robin Hood*.

— Sua família é tão chique.

Eu só via a mãe de John quando ela ia buscá-lo. Ela parecia mais nova do que as outras mães, tinha a mesma pele leitosa do filho e o cabelo comprido cor de palha.

— Você que pensa. Minha família não é nem um pouco chique. Minha mãe fez gelatina ontem de sobremesa. E meu pai só come carne bem passada. Só viajamos de férias para lugares aonde podemos ir de carro.

— Achei que sua família era meio... bem, rica. — Sinto vergonha na mesma hora por dizer “rica”. É meio ridículo falar do dinheiro dos outros.

— Meu pai é muito pão duro. A empresa de construção dele é bem-sucedida, mas ele se orgulha de ter conquistado tudo sozinho. Ele não fez faculdade, nem meus avós. Minhas irmãs foram as primeiras na nossa família.

— Eu não sabia essas coisas sobre você — digo.

São tantas coisas novas que estou aprendendo sobre John Ambrose McClaren!

— Agora é sua vez de me contar algo que não sei sobre você.

Eu dou uma gargalhada.

— Você já sabe mais do que a maioria das pessoas. Minha carta de amor cuidou disso.

* * *

Na manhã seguinte, espiro quando estou colocando o casaco, e Stormy ergue uma sobrelanceira desenhada a lápis.

— Pegou um resfriado quando estava brincando na neve com Johnny ontem?

Eu me remexo, desconfortável. Estava torcendo para ela não tocar no assunto. A última coisa que quero fazer é discutir seu encontro na madrugada com o sr. Morales! Vimos Stormy voltar para o apartamento dela e esperamos mais meia hora antes de John voltar para o apartamento do sr. Morales. Com a voz fraca, digo:

— Desculpe por termos saído escondidos. Estava cedo e não conseguimos dormir, então pensamos em brincar na neve.

Stormy balança a mão.

— É exatamente o que eu torcia para acontecer. — Ela pisca para mim. — Foi por isso que fiz Johnny ficar com o sr. Morales. Qual é a diversão se não houver obstáculos para dificultar as coisas?

Impressionada, digo:

— Você é tão esperta!

— Obrigada, querida. — Ela está bem satisfeita consigo mesma. — Sabe, ele seria um ótimo primeiro marido, o meu Johnny. Vocês ao menos deram uns amassos?

Meu rosto fica quente.

— Não!

— Pode me contar, querida.

— Stormy, nós não nos beijamos, mas, mesmo que tivéssemos nos beijado, eu não discutiria isso com você.

Stormy levanta o nariz fino de forma arrogante.

— Ah, que egoísta de sua parte.

— Tenho que ir, Stormy. Meu pai está me esperando lá fora. Tchau!

Quando saio correndo pela porta, ela grita:

— Não se preocupe, eu vou arrancar tudo de Johnny! Vejo vocês dois na festa, Lara Jean!

Quando saio, o sol está brilhando com força e boa parte da neve já derreteu. É quase como se a noite de ontem tivesse sido um sonho.

NA NOITE ANTERIOR à festa USO, ligo para Chris no viva-voz, pois estou enrolando uma bolinha de massa de biscoito amanteigado em açúcar.

— Chris, posso pegar seu pôster de Rosie, a Rebitadeira, emprestado?

— Pode, mas para que você quer?

— Para a festa USO dos anos 1940 que vou dar em Bellevue...

— Pode parar, já estou entediada. Meu Deus, você só fala desse lugar!

— É meu trabalho!

— Ah, será que devo arrumar um trabalho?

Eu reviro os olhos. Toda conversa que temos sempre se volta para Chris e suas preocupações.

— Ei, falando em trabalhos divertidos: o que você acha de ser a vendedora de charutos da festa? Você pode usar uma roupa fofa com chapeuzinho.

— Charutos de verdade?

— Não, de chocolate. Charuto faz mal para os idosos.

— Vai ter birlita?

Estou prestes a dizer que sim, mas só para os residentes, mas penso melhor.

— Acho que não. Pode ser uma combinação perigosa com os medicamentos e andadores.

— Quando é mesmo?

— Amanhã.

— Ah, desculpa. Não posso abrir mão de uma sexta à noite para ir a uma festa em um asilo. Alguma coisa melhor com certeza vai aparecer na sexta. Se fosse na terça, talvez. Você não pode mudar a data para terça que vem?

— Não! Você pode levar o pôster para a escola amanhã?

— Posso, mas você tem que me mandar uma mensagem me lembrando.

— Ok.

Eu sopro o cabelo do rosto e começo a cortar a massa de biscoito. Ainda tenho que cortar cenoura e aipo para os legumes crus e colocar o merengue no saco de confeiteiro. Vou fazer suspiro com listras vermelhas, brancas e azuis, mas estou com medo de as cores se misturarem. Ah, bem. Se isso acontecer, as pessoas vão ter que comer suspiros roxos. Há coisas piores no mundo. Falando em coisas piores...

— Você teve alguma notícia da Gen? Ando tomando cuidado, mas

parece que ela nem está jogando.

Há silêncio do outro lado da linha.

— Ela deve estar ocupada demais fazendo vodu sexual com Peter — digo, torcendo para Chris dizer alguma coisa. Ela sempre é a primeira da fila para reclamar da prima.

Mas ela não fala nada. Só diz:

— Tenho que ir, minha mãe está me enchendo o saco para levar o cachorro para passear.

— Não esqueça o pôster!

DEPOIS DA AULA, Kitty e eu montamos acampamento na cozinha, onde a luz é melhor. Pego minhas caixas de som e coloco The Andrews Sisters para entrarmos no clima. Kitty abre uma toalha e espalha toda a minha maquiagem, grampos e spray de cabelo na mesa.

Levanto um pacote de cílios postiços.

— Onde você arrumou isso?

— Brielle roubou da irmã e me deu um pacote.

— Kitty!

— Ela nem vai reparar. Tem um monte!

— Não é certo pegar as coisas das pessoas.

— Eu não peguei. Brielle pegou. Não posso devolver agora. Você quer que eu coloque em você ou não?

Hesito.

— Você sabe fazer isso?

— Sei, vi a irmã dela colocar várias vezes. — Kitty pega os cílios da minha mão. — Se não quiser usar, tudo bem. Guardo pra mim.

— Bem... tudo bem, então. Mas não roube mais. — Eu franzo a testa. — Ei, vocês já pegaram coisas minhas?

Pensando bem, não vejo meu gorro de tricô com orelhinhas de gato há meses.

— Shhh, chega de papo — diz ela.

O cabelo é a parte mais demorada. Kitty e eu vimos um monte de tutoriais na internet para descobrir a logística de fazer penteados vintage. Há muito secador, rolinhos e laquê envolvidos. E grampos. Muitos grampos.

Eu me olho no espelho.

— Você não acha que este penteado parece meio... severo?

— O que você quer dizer com “severo”?

— Parece que tem um pão doce no alto da minha cabeça!

Kitty enfia o iPad na minha cara.

— É, o dessa garota também. Esse é o visual. Tem que ser autêntico. Se mudarmos alguma coisa, não vai ficar fiel ao tema e ninguém vai entender o que você tentou fazer. — Estou assentindo lentamente; ela tem razão. — Além do mais, vou até a casa da sra. Rothschild para treinar Jamie. Não tenho tempo para começar tudo de novo.

Na boca, conseguimos o tom perfeito de cereja com dois batons vermelhos diferentes e um pó rosa para finalizar. Parece que beijei uma torta de cereja.

Estou secando os lábios quando Kitty diz:

— Aquele menino do rostinho bonito, John Amber McAndrews, vem te buscar ou você vai encontrá-lo em Belleview?

Balanço meu lenço na cara dela em aviso.

— Ele vem me buscar, e é melhor você ser gentil. E John não é só um rostinho bonito.

— Ele é em comparação a Peter — diz Kitty.

— Vamos ser sinceras. Os dois são rostinhos bonitos. Peter não tem tatuagem nem é cheio de músculos. Na verdade, ele é muito vaidoso.

Nunca passávamos por uma janela ou um espelho sem que Peter se olhasse.

— Bem, John é vaidoso?

— Não, acho que não.

— Hum.

— Kitty, isso não é uma competição. Não importa quem é o mais bonito.

Ela continua falando como se não tivesse me ouvido.

— Peter tem um carro bem mais legal. O que o Johnny dirige, um utilitário chato? Quem liga para um utilitário? Eles só bebem gasolina.

— Para ser justa, acho que é um híbrido.

— Você gosta de defendê-lo.

— Ele é meu amigo!

— Bem, Peter é meu amigo — responde ela.

* * *

Vestir a roupa é um processo intrincado, e eu aprecio cada etapa. É tudo cheio de expectativa e esperança para a noite. Coloco a meia-calça com costura atrás bem devagar, para não puxar fio. Demoro uma eternidade para alinhar a costura na parte de trás da minha perna. Depois, o vestido, azul-marinho com raminhos brancos e azevinho vermelho e sem mangas. Por fim, os sapatos. Saltos vermelhos com um laço na frente e tiras nos tornozelos.

Juntando tudo, o visual fica ótimo, e tenho que admitir que Kitty estava certa quanto ao penteado. Qualquer outra opção não seria suficiente.

Quando estou saindo, papai repete várias vezes o quanto estou linda e tira um milhão de fotos, que na mesma hora manda para Margot. Ela faz uma chamada de vídeo para poder me ver antes de eu sair.

— Tire uma foto com Stormy — pede Margot. — Quero ver que roupa sexy ela está usando.

— Na verdade, nem é tão sexy — falo. — Ela mesma costurou a partir de um molde de vestido de 1940.

— Tenho certeza de que ela vai encontrar um jeito de torná-lo sexy — diz Margot. — O que John McClaren vai usar?

— Não faço ideia. Ele diz que é surpresa.

— Hum... — diz ela. É um *hum* muito sugestivo, o que ignoro.

Papai está tirando uma última foto minha na varanda da frente quando a sra. Rothschild se aproxima.

— Você está linda, Lara Jean.

— Está mesmo, não é? — diz papai com carinho.

— Deus, eu amo os anos 1940.

— Você viu o documentário de Ken Burns, *The War*? — pergunta papai a ela. — Se tiver algum interesse na Segunda Guerra Mundial, é obrigatório.

— Vocês deviam ver juntos — sugere Kitty, e a sra. Rothschild lhe lança um olhar de advertência.

— Você tem o DVD? — pergunta ela para papai. Kitty está cintilando de empolgação.

— Claro, pode pegar emprestado quando quiser — responde papai, distraído, como sempre, e Kitty faz cara feia, depois fica de queixo caído.

Eu me viro para ver o que ela está olhando, e é um Mustang conversível vermelho descendo nossa rua, com a capota abaixada e John McClaren ao volante.

Meu queixo também cai quando o vejo. Ele está de uniforme completo: camisa marrom-clara com gravata, calça, cinto e chapéu da mesma cor. O cabelo está repartido de lado. Ele está lindo, parece um soldado de verdade. Ele sorri para mim e acena.

— Uau — sussurro.

— Uau mesmo — diz a sra. Rothschild, com os olhos arregalados ao meu lado.

Papai e o DVD de Ken Burns foram esquecidos; estamos todos olhando para John de uniforme naquele carro. Ele parece saído de um sonho.

John para o carro na frente da nossa casa, e todos vamos correndo até ele.

— De quem é esse carro? — pergunta Kitty.

— É do meu pai — responde John. — Peguei emprestado. Mas tive que prometer que iria estacionar bem longe de qualquer outro carro, então espero que seus sapatos sejam confortáveis, Lara Jean... — Ele para de falar e me olha de cima a baixo. — Uau. Você está linda. — Ele aponta para meu cabelo. — Seu cabelo está tão... real.

— É real!

Toco no coque com cuidado, subitamente com vergonha do penteado e do batom vermelho.

— Eu sei. Eu quis dizer que parece autêntico.

— Você também — digo.

— Posso me sentar nele? — intromete-se Kitty, já com a mão na porta do carona.

— Claro. — John sai do carro. — Mas não prefere se sentar no banco do motorista?

Ela assente. A sra. Rothschild também entra, e papai tira uma foto das duas juntas. Kitty faz uma pose segurando o volante.

John e eu ficamos de lado, e eu pergunto para ele:

— Onde você conseguiu esse uniforme?

— Encomendei pelo eBay. — Ele franze a testa. — Estou usando o chapéu certo? Você acha pequeno demais para a minha cabeça?

— De jeito nenhum. Acho que está exatamente como é para ficar.

— Fico tocada por ele ter se dado o trabalho de encomendar um uniforme para isso. Não consigo pensar em muitos garotos que fariam isso. — Stormy vai surtar quando vir você.

Ele observa meu rosto.

— E você? Gostou?

Eu fico vermelha.

— Gostei. Acho que você está... demais.

* * *

Acontece que Margot, como sempre, está certa. Stormy encurtou a barra do vestido. Está bem acima do joelho.

— Ainda tenho pernas lindas — gaba-se, girando. — Minha melhor qualidade, de tanto que montei a cavalo quando garota.

Ela está exibindo um pouco de decote também.

Um homem de cabelo grisalho que veio na van de Ferncliff está olhando para ela com apreciação, e Stormy finge não reparar, o tempo todo batendo os cílios e com uma das mãos no quadril. Ele deve ser o homem bonito que ela mencionou.

Tiro uma foto dela ao piano e mando na hora para Margot, que responde com uma carinha feliz e dois sinais de positivo.

Estou arrumando o centro de mesa de bandeira americana e vendo John puxar uma mesa para o meio da sala a pedido de Stormy quando Alicia para ao meu lado, e nós duas ficamos olhando.

— Você devia sair com ele.

— Alicia, já disse, acabei de terminar um namoro — sussurro. Não consigo tirar os olhos dele com aquele uniforme e cabelo partido de lado.

— Ah, comece um novo. A vida é curta.

Pela primeira vez, Alicia e Stormy concordam em alguma coisa.

Stormy está ajustando a gravata de John e o chapeuzinho. Ela até lambe o dedo e tenta ajustar o cabelo dele, mas ele desvia. Nossos

olhares se encontram, e John faz uma cara suplicante que diz *Me ajude*.

— Salve-o — diz Alicia. — Eu arrumo a mesa. Minha exposição de campo de concentração já está pronta.

Ela a colocou perto da porta, para que seja a primeira coisa a ser vista quando as pessoas entrarem.

Vou depressa até John e Stormy. Ela sorri para mim.

— Ela não parece uma *boneca*? — E sai andando.

Com rosto sério, John diz:

— Lara Jean, você parece uma *boneca*.

Dou uma risada e levo a mão à cabeça.

— Uma boneca com cabelo de pão doce.

As pessoas estão começando a chegar, apesar de ainda não ser nem sete horas. Já percebi que os idosos, de modo geral, tendem a aparecer mais cedo para as coisas. Ainda tenho que colocar a música. Stormy diz que, quando se organiza uma festa, a música é a primeira coisa a ser preparada, porque dá o clima assim que seus convidados entram. Consigo sentir meus nervos começarem a vibrar. Ainda tenho tanta coisa para fazer.

— É melhor eu terminar a arrumação.

— Me diga o que precisa ser feito — pede John. — Sou seu braço direito nesse arrasta-pé. As pessoas diziam “arrasta-pé” nos anos 1940?

Eu dou uma gargalhada.

— Provavelmente! — Depressa, completo: — Tudo bem, você pode ligar os alto-falantes e meu iPod? Estão na bolsa perto da mesa de bebidas. E pode buscar a sra. Taylor no 5A? Prometi mandar um acompanhante.

John bate continência e sai andando. Arrepios sobem pela minha espinha como água com gás. Esta noite vai ser inesquecível!

* * *

O baile começou há uma hora e meia, e Crystal Clemons, uma senhora do andar de Stormy, está dando uma aula de swing. É claro que Stormy está na frente, dançando à beça. Estou acompanhando da mesa de bebidas: um-dois, três-quatro, cinco-seis. No começo, dancei com o sr. Morales, mas só uma vez, porque as mulheres estavam me olhando de cara feia por tirar um homem solteiro e saudável da roda. Homens são mercadoria escassa em lares para idosos, então não há parceiros de dança suficientes, nem chega à metade do número de mulheres. Ouvi algumas delas sussurrando que é grosseiro um cavalheiro não dançar quando há damas sem parceiro enquanto olhavam diretamente para o pobre John.

John está de pé na outra ponta da mesa, bebendo Coca-Cola e balançando a cabeça no ritmo da música. Andei tanto de um lado para outro resolvendo tudo que mal tivemos tempo de conversar. Eu me inclino sobre a mesa e grito:

— Está se divertindo?

Ele assente. E, de repente, bate com o copo na mesa, com tanta força que a mesa sacode e eu dou um pulo.

— Muito bem — diz ele. — É tudo ou nada. O dia D.

— O quê?

— Vamos dançar.

— Não precisamos dançar se você não quiser, John — digo com timidez.

— Não, eu quero. Não tive aula de swing com Stormy para nada.

Eu arregalo os olhos.

— Quando você teve aula de swing com Stormy?

— Não se preocupe com isso — pede ele. — Só dance comigo.

— Bem... você tem algum vale-guerra? — brinco.

John tira um do bolso da calça e o coloca na mesa de bebidas com um tapa. Em seguida, pega minha mão e me leva para o centro da pista de dança, como um soldado indo para o campo de batalha. Ele está sério e concentrado. Faz sinal para o sr. Morales, que está cuidando da música porque é o único que sabe mexer no meu celular. “In the Mood”, de Glenn Miller, começa a tocar nos alto-falantes.

John assente, determinado.

— Vamos nessa.

E começamos a dançar. Para a frente, para o lado, juntos, para o lado, de novo. Rock-step, um-dois-três, um-dois-três. Pisamos nos pés um do outro um milhão de vezes, mas estamos dançando e ele me gira, e nossos rostos estão corados, e estamos rindo. Quando a música acaba, ele me puxa e me joga para trás uma última vez. Todo mundo aplaude. O sr. Morales grita:

— Viva a juventude!

John me levanta e me joga no ar como se fôssemos patinadores no gelo, e as pessoas vibram. Estou sorrindo tanto que meu rosto parece que vai quebrar.

* * *

Depois, John me ajuda a tirar todos os enfeites e a arrumar tudo. Ele vai para o estacionamento com duas caixas grandes, e fico para trás para me despedir de todos e verificar se pegamos tudo. Ainda estou empolgada. A festa foi tão boa, e Janette ficou muito satisfeita. Ela se aproximou, apertou meus ombros e disse: “Estou orgulhosa de você, Lara Jean.”

Além disso, a dança com John... A garota de treze anos que eu fui teria *morrido*. A de dezesseis está flutuando pelo corredor do lar para idosos, e parece que estou em um sonho.

Estou flutuando para a saída quando vejo Genevieve e Peter se aproximando, ela de braços dados com ele, e parece que estamos em uma máquina do tempo e o último ano não aconteceu. Que *nós* nunca acontecemos.

Eles estão se aproximando. Agora, estão a uns três metros, e estou paralisada. Não há jeito de fugir dessa humilhação? De perder de novo? Fiquei tão empolgada com a festa e com John que esqueci o jogo. Quais são minhas opções? Se eu der meia-volta e sair correndo para Belview, ela vai ficar me esperando no estacionamento a noite toda. De repente, sou um coelho debaixo da pata dela de novo. E, como sempre, ela vence.

É tarde demais. Eles me viram. Peter solta o braço de Genevieve.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta. — E por que está toda maquiada? — Ele indica meus olhos, meus lábios.

Minhas bochechas ficam quentes. Ignoro o comentário sobre a maquiagem e respondo:

— Eu trabalho aqui, lembra? Sei por que você está aqui, Genevieve. Peter, muito obrigada por ajudá-la a me tirar do jogo. Você foi uma ajuda e tanto.

— Covey, eu não vim aqui para ajudar Gen a vencer. Eu nem sabia que você estaria aqui. Já falei que não estou nem aí para esse jogo! — Ele se vira para Genevieve e diz com voz acusatória: — Você disse que precisava pegar uma coisa com uma amiga da sua avó.

— Preciso mesmo — responde ela. — Que coincidência incrível. Acho que ganhei, não é?

Ela é tão arrogante, tão segura da vitória.

— Você ainda não me tirou do jogo.

Devo tentar correr de volta para dentro? Stormy me deixaria passar a noite lá se necessário.

Nesse momento, o Mustang conversível de John aparece rugindo no estacionamento.

— Oi, pessoal — cumprimenta ele, e Peter e Gen ficam boquiabertos. Só nessa hora é que penso no quanto devemos parecer estranhos juntos, John com o uniforme da Segunda Guerra Mundial e um chapeuzinho e eu com o penteado vintage e batom vermelho.

Peter olha para ele.

— O que *você* está fazendo aqui?

— Minha bisavó mora aqui — diz John em tom jovial. — Stormy. Você deve ter ouvido falar dela. É amiga da Lara Jean.

— Tenho certeza de que ele não vai se lembrar — digo.

Peter franze a testa para mim, e sei que não se lembra mesmo. É a

cara dele.

— Qual é a das roupas? — pergunta ele, mal-humorado.

— Festa USO — diz John. — Muito exclusiva. Precisa de convite.

Desculpa, pessoal.

Ele tira o chapéu para eles, e percebo que Peter fica louco de raiva, o que, por sua vez, me deixa feliz.

— Que diabos é uma festa USO? — pergunta Peter para mim.

John apoia o braço no banco do carona com opulência.

— É da Segunda Guerra Mundial.

— Não perguntei para você, perguntei para ela — dispara Peter, ríspido. Ele olha para mim com uma expressão séria. — Isso é um *encontro*? Você saiu em um *encontro* com ele? E de quem é esse carro?

Antes que eu possa responder, Genevieve parte para cima de mim, mas desvio dela. Corro para trás de uma pilastra.

— Não seja infantil, Lara Jean — diz ela. — Aceite que perdeu e eu venci!

Espio por trás da pilastra, e John está me olhando com intensidade. *Entre*. Assinto depressa. Ele abre a porta do carro, e saio correndo o mais rápido que consigo. Mal fechei a porta quando ele dispara, deixando Peter e Gen comendo poeira.

Eu me viro para trás. Peter está nos olhando, boquiaberto. Está com ciúmes, e fico feliz.

— Obrigada por me salvar — digo, ainda tentando recuperar o fôlego. Meu coração está batendo com força.

John está olhando para a frente com um sorriso largo no rosto.

— Disponha.

Paramos em um sinal. John olha para mim, e eu olho para ele, e começamos a rir como loucos, e fico sem ar de novo.

— Você viu a cara deles? — pergunta John, ofegante, encostando a cabeça no volante.

— Foi clássico!

— Como num filme!

Ele sorri para mim, em júbilo, com os olhos azuis brilhando.

— Como num filme — concordo, encostando a cabeça no banco e abrindo bem os olhos para a lua, tanto que dói.

Estou em um Mustang vermelho conversível ao lado de um garoto de uniforme, o ar noturno parece cetim na minha pele, todas as estrelas estão brilhando, e estou feliz. Pelo jeito como John ainda está sorrindo, sei que ele também está. Podemos brincar de faz de conta esta noite. Esquecer Peter e Genevieve. O sinal fica verde, e levanto os braços.

— Acelera, Johnny! — grito, e ele pisa no acelerador e eu solto um berro.

Vamos rápido por um tempo, e no sinal seguinte ele desacelera e

me puxa para perto.

— Não era assim que faziam nos anos 1950? — pergunta ele, com uma das mãos no volante e a outra nos meus ombros.

Meu coração acelera de novo.

— Tecnicamente, estamos vestidos como nos anos 1940...

E então, ele me beija. Os lábios são quentes e firmes nos meus, e eu fecho os olhos.

Quando John se afasta um pouco, olha para mim e diz, meio brincando, meio sério:

— Melhor do que a primeira vez?

Estou atordoada. Ele está com o rosto sujo de batom agora. Levanto a mão e limpo os lábios dele. O sinal fica verde. Não nos mexemos. Ele ainda está me olhando. Alguém buzina atrás de nós.

— O sinal está verde.

Ele fica parado; ainda está me olhando.

— Responda primeiro.

— Melhor. — John pisa no acelerador, e estamos em movimento de novo. Ainda estou sem ar. Ao vento, grito: — Um dia, quero ver você fazer um discurso do Projeto das Nações Unidas!

John ri.

— O quê? Por quê?

— Acho que seria legal de ver. Aposto que você seria... grandioso. De todos nós, acho que você foi quem mais mudou.

— Como?

— Você era quieto. Na sua. Agora, é tão confiante.

— Eu ainda fico nervoso, Lara Jean.

John está com o cabelo amassado. Tem uma mecha que não fica no lugar, é teimosa. É isso, mais do que qualquer outra coisa, que me faz sentir um aperto no coração.

DEPOIS QUE JOHN me deixa em casa, corro até o outro lado da rua para buscar Kitty na casa da sra. Rothschild. Ela me convida para tomar uma xícara de chá. Kitty está dormindo no sofá com a tevê ligada em volume baixo. Sentamos no outro sofá com xícaras de Lady Grey, e ela pergunta como foi a festa. Talvez seja por eu ainda estar empolgada, ou talvez sejam os grampos muito apertados na minha cabeça que me deixam tonta, ou pode ser pela forma como os olhos dela se iluminam de interesse genuíno quando começo a falar, mas acabo contando tudo. A dança com John, como todo mundo nos aplaudiu, Peter e Genevieve e até o beijo.

Ela começa a se abanar quando conto do beijo.

— Quando aquele garoto apareceu de uniforme... Ah, garota. — Ela assobia. — Eu me senti uma velha tarada, porque eu o conhecia desde pequeno. Mas, *meu Deus do Céu*, ele está lindo!

Dou uma risadinha enquanto tiro os grampos da cabeça. Ela se inclina e me ajuda. Meu penteado se solta, e o couro cabeludo lateja de alívio. É assim ter uma mãe? Conversar sobre garotos tarde da noite, tomando chá?

A voz da sra. Rothschild fica baixa e confidencial.

— A questão é a seguinte. Eis meu único conselho: você tem que se permitir estar totalmente presente em cada momento. Fique desperta em cada um deles, entende o que quero dizer? Vá com tudo e aproveite a experiência por completo.

— Então você não tem arrependimentos? Porque sempre foi com tudo?

— Ah, Deus, não. Eu tenho arrependimentos. — Ela dá uma gargalhada rouca, daquele tipo sexy que só fumantes e pessoas resfriadas conseguem dar. — Não sei por que estou aqui tentando dar conselhos. Sou divorciada, solteira e tenho quarenta anos. E dois. Quarenta e dois anos. O que sei sobre as coisas? É uma pergunta retórica, aliás. — Ela solta um suspiro cheio de saudade. — Sinto tanta falta dos cigarros.

— Kitty vai verificar seu hálito — aviso, e ela dá aquela gargalhada rouca de novo.

— Tenho medo de irritar essa menina.

— “Embora seja pequena, ela é feroz” — declamo. — Você está certa de ter medo, sra. Rothschild.

— Ah, meu Deus, Lara Jean, você pode me chamar de Trina? Sei que sou velha, mas não sou *tão* velha.

Eu hesito.

— Tudo bem. Trina... você gosta do meu pai?

Ela fica um pouco vermelha.

— Hã. É, acho que ele é um cara incrível.

— Para namorar?

— Bem, ele não faz muito meu tipo. Além do mais, não demonstrou nenhum interesse em particular por mim, então, ha-ha!

— Você deve saber que Kitty anda tentando juntar vocês dois. Se isso não for bem-vindo, posso fazer com que ela pare. — Então me corrijo: — Posso tentar fazer com que ela pare. Mas acho que ela deve estar tramando alguma coisa. Acho que você e meu pai combinam. Ele adora cozinhar e gosta de fazer fogueiras e não se importa de ir fazer compras no shopping, porque sempre leva um livro. E você, você parece divertida, espontânea e muito... tranquila.

Ela sorri para mim.

— Sou uma confusão, isso sim.

— Confusão pode ser uma coisa boa, principalmente para alguém como meu pai. Vale um encontro pelo menos, não acha? Qual é o mal em ver no que dá?

— Sair com vizinhos é complicado. E se não der certo e tivermos que viver em frente um do outro para sempre?

— É um pequeno risco inconsequente em comparação ao que poderia resultar disso. Se não der certo, é só vocês se cumprimentarem educadamente quando se virem e continuarem andando. Não é nada de mais. E sei que minha opinião é tendenciosa, mas meu pai vale a pena. Ele é o máximo.

— Ah, eu sei. Vejo vocês e penso: “Caramba, qualquer homem que consegue criar essas garotas tem que ser especial.” Nunca vi um homem tão dedicado à família. Vocês três são o tesouro dele, sabe? E é assim que tem que ser. O relacionamento de uma garota com o pai é o relacionamento masculino mais importante da vida dela.

— E o relacionamento de uma garota com a mãe?

A sra. Rothschild inclina a cabeça enquanto pensa.

— É, eu diria que o relacionamento de uma garota com a mãe é o relacionamento feminino mais importante. Com a mãe ou com as irmãs. Você tem sorte de ter duas. Sei que você já sabe disso, melhor do que a maioria das pessoas, mas seus pais não vão estar sempre presentes. Se acontecer do jeito que deve ser, eles se vão primeiro. Mas suas irmãs vão ser suas pela vida toda.

— Você tem irmãs?

Ela assente, um leve sorriso se formando no rosto bronzeado.

— Tenho uma irmã mais velha, Jeanie. Não nos dávamos tão bem quanto vocês, mas, conforme envelhecemos, ela ficou cada vez mais parecida com nossa mãe. Então, quando sinto muita saudade dela, vou

visitar Jeanie e vejo o rosto da minha mãe de novo. — Ela franze o nariz. — Isso é esquisito?

— Não. Acho... lindo. — Eu hesito. — Às vezes, quando ouço a voz da Margot, como quando ela está no andar de baixo e nos chama para ir logo para o carro ou diz que o jantar está servido, às vezes parece tanto com a voz da minha mãe que me engano. Só por um segundo. — Lágrimas surgem nos meus olhos.

A sra. Rothschild também está com lágrimas nos olhos.

— Acho que uma garota nunca supera a perda da mãe. Sou adulta e é normal e esperado que minha mãe esteja morta, mas ainda me sinto órfã às vezes. — Ela sorri para mim. — Mas não dá para fugir disso, certo? Quando se perde alguém e dói, é aí que a gente sabe que o amor era real.

Eu seco os olhos. Entre mim e Peter, o amor era real? Porque ainda dói, dói sim. Mas talvez seja parte do processo. Fungando, pergunto:

— Então, só para ter certeza, se meu pai convidar você para sair, você vai aceitar?

Ela cai na gargalhada, depois coloca a mão sobre a boca quando Kitty se remexe no sofá.

— Agora vejo a quem Kitty puxou.

— Trina, você não respondeu.

— A resposta é sim.

Eu dou um sorriso. Sim.

* * *

Quando termino de tirar a maquiagem e coloco o pijama, são quase três da manhã. Mas não estou cansada. O que quero mesmo é falar com Margot, repassar todos os detalhes da noite. A Escócia está cinco horas à nossa frente, o que quer dizer que são quase oito da manhã lá. Ela acorda cedo, então acho que vale a pena arriscar.

Consigo falar com ela enquanto está se arrumando para tomar o café da manhã. Margot coloca o computador na cômoda para podermos conversar enquanto ela passa protetor solar, rímel e brilho labial.

Conto sobre a festa, sobre a aparição de Peter e Genevieve e sobre o mais importante: o beijo de John.

— Margot, acho que estou apaixonada por mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Posso até ser uma garota que se apaixona *mil e duzentas* vezes. Uma imagem surge na minha cabeça de repente, eu como abelha, levando néctar de uma margarida para uma rosa e depois para um lírio. Cada garoto com sua doçura própria.

— Você? — Ela para de prender o cabelo em um rabo de cavalo e

bate com o dedo na tela. — Lara Jean, acho que você meio que se apaixona por todo mundo que conhece. Faz parte do seu encanto. Você está apaixonada pelo amor.

Pode ser verdade. Talvez eu esteja apaixonada pelo amor! Não parece ser uma coisa ruim.

A FEIRINHA DE primavera da cidade é amanhã, e Kitty prometeu à Associação de Pais e Mestres que eu faria um bolo para a dança dos bolos. Na dança dos bolos, uma música toca enquanto as crianças andam ao redor de um círculo de números, como na dança das cadeiras. Quando a música para, um número é escolhido aleatoriamente, e a criança no número correspondente ganha um bolo. Essa sempre foi minha brincadeira preferida, claro, porque eu gostava de olhar para todos os bolos caseiros e também por causa do fator sorte. Claro que as crianças se reúnem ao redor da mesa de bolos e escolhem o bolo que mais querem, e tentam andar devagar quando chegam perto do número específico, mas, fora isso, não há muito mais o que fazer. É um jogo que não exige habilidade nem conhecimento: você literalmente anda em círculos com música antiga tocando. Claro, você poderia ir à padaria escolher o bolo que quer, mas existe uma emoção em não saber direito o que vai acabar ganhando.

Meu bolo vai ser de chocolate, porque crianças e pessoas em geral preferem chocolate a qualquer outro sabor. A cobertura vai ser onde vou arriscar. Talvez caramelo com flor de sal ou maracujá, quem sabe chantilly com café e chocolate. Ando brincando com a ideia de fazer um bolo degradê, no qual a cobertura passe de escura a clara. Tenho a sensação de que meu bolo vai ser desejado.

Quando busquei Kitty na casa da Shanae, hoje de manhã, perguntei à mãe dela que bolo ela faria para a dança, porque a sra. Rodgers é vice-presidente da Associação de Pais e Mestres da escola de Kitty.

Ela solta um suspiro.

— Vou fazer o primeiro bolo de massa pronta que encontrar na despensa. Vai ser isso ou comprar na padaria. — Ela me perguntou o que eu faria, e, quando respondi, ela falou: — Vou votar em você para Mãe Adolescente do Ano.

Isso me fez rir e me motivou a fazer o melhor bolo, para todo mundo saber o que Kitty tem. Não contei para papai nem para Margot, mas, no ensino fundamental, minha professora de inglês organizou um chá de mães e filhas para comemorar o Dia das Mães. Era depois da aula, uma atividade opcional, só que eu queria muito ir e comer os sanduíches e biscoitos que ela disse que levaria. Mas era só para mães e filhas. Acho que eu podia ter pedido para vovó me levar, como Margot fez às vezes em eventos variados, mas não seria a mesma coisa. E acho que não é o tipo de coisa que incomodaria Kitty, mas é algo em que eu ainda penso.

A dança dos bolos foi organizada na sala de música da escola de Kitty. Eu me ofereci para cuidar da playlist, e escolhi músicas que falam de açúcar. Claro que tem “Sugar, Sugar”, dos The Archies, “Sugar Shack”, “Sugar Town” e “I Can’t Help Myself (Sugar Pie, Honey Bunch)”. Quando entro na sala de música, a mãe de Peter e outra mãe estão arrumando os bolos. Eu hesito, sem saber o que fazer.

— Oi, Lara Jean — diz ela.

Mas o sorriso não chega aos olhos, e tenho uma sensação horrível no estômago. Fico aliviada quando ela vai embora.

Há bastante gente o dia todo, e algumas pessoas participam mais de uma vez em busca do bolo dos sonhos. Fico fazendo propaganda para as pessoas do meu bolo de caramelo, que ainda está em jogo. Tem um bolo de chocolate alemão que deixou as pessoas hipnotizadas, e tenho certeza de que foi comprado pronto, mas gosto não se discute. Nunca fui fã de bolo de chocolate alemão, pois quem quer flocos de coco molhados? Estremeço.

Kitty correu de um lado para outro com as amigas e finalmente se dignou a me ajudar na dança dos bolos por uma hora quando Peter entra com o irmãozinho dele, Owen. “Pour Some Sugar on Me” está tocando. Kitty vai dizer oi enquanto me ocupo no celular, e ela o leva até os bolos. Estou com a cabeça abaixada, fingindo mandar uma mensagem, quando Peter aparece do meu lado.

— Qual é o seu bolo? O de chocolate e coco?

Eu levanto a cabeça.

— Eu jamais compraria um bolo pronto para a feirinha.

— Eu estava brincando, Covey. O seu é o de caramelo. Dá para saber pela decoração caprichada. — Ele para de falar e enfia as mãos nos bolsos. — Só para você saber, não fui ao asilo com Gen para ajudá-la a ganhar.

Eu dou de ombros.

— Até onde eu sei, você já mandou uma mensagem para ela avisando que estou aqui.

— Já falei, não estou nem aí para o jogo. Acho idiota.

— Mas eu, não. Ainda estou planejando vencer. — Coloco a música seguinte para a dança, e as crianças correm para se posicionar. — Então você e Genevieve voltaram?

Ele resmunga.

— Que importância isso tem pra você?

Mais uma vez, dou de ombros.

— Eu sabia que você ia acabar voltando pra ela.

Peter se irrita. Ele se vira como se fosse embora, mas para. Massageando a nuca, ele diz:

— Você não respondeu minha pergunta sobre o McClaren. Era um encontro?

— Que importância isso tem *pra você*?

As narinas dele se dilatam.

— Eu me importo porque você era minha namorada até algumas semanas atrás! Nem lembro por que diabos a gente terminou.

— Se você não lembra, então não sei o que dizer.

— Fale a verdade. Não me enrole. — A voz dele falha na palavra “enrole”. Em qualquer outra ocasião, teríamos rido disso. Eu queria que pudéssemos rir agora. — O que está rolando entre você e o McClaren?

Um nó na minha garganta de repente começou a dificultar que eu respondia.

— Nada. — Só um beijo. — Somos amigos. Ele está me ajudando com o jogo.

— Que conveniente. Primeiro, ele escreve cartas, agora fica levando você de um lado para outro e indo com você para um asilo.

— Você disse que não ligava para as cartas.

— Bem, acho que eu ligava.

— Então talvez você devesse ter dito. — Kitty está olhando para nós com a testa franzida. — Não quero mais falar sobre isso. Vim aqui trabalhar.

Peter me olha.

— Você beijou ele?

Eu falo a verdade? Tenho que falar?

— Beijei. Uma vez.

Ele pisca.

— Então você está me dizendo que estou vivendo uma vida de celibatário desde que começamos esse maldito jogo, antes, até, e, enquanto isso, você anda se agarrando com o McClaren?

— Nós terminamos, Peter. Enquanto isso, quando estávamos *juntos*, você estava com Genevieve...

Ele joga a cabeça para trás e grita:

— Eu não beijei ela!

Alguns adultos se viram para nos olhar.

— Seus braços estavam ao redor dela — sussurro um pouco alto. — Estava *abraçando* ela!

— Eu estava *consolando*. Caramba! Ela estava chorando! Eu falei! Você fez isso para se vingar de mim?

Peter quer que eu diga sim. Quer que tenha sido por causa dele. Mas eu não estava pensando em Peter quando beijei John. Eu o beijei porque queria.

— Não.

O músculo do maxilar dele treme.

— Quando a gente terminou, você disse que queria ser a pessoa mais importante de alguém, mas olhe para você agora. Você não quer *ter* um cara mais importante. — Ele faz um gesto rude para a mesa de bolos. — Não se pode comer o bolo e guardar o bolo. Você quer tudo ao mesmo tempo.

As palavras dele machucam, como era a intenção.

— Odeio esse ditado. O que quer dizer? É claro que quero comer o bolo. Se não, qual é o sentido de se fazer um bolo?

Ele franze a testa para mim.

— Não é disso que estou falando, e você sabe.

A música termina, e as crianças se aproximam para ganhar seus bolos. Kitty e Owen também.

— Vamos embora — diz Owen para Peter. Ele pegou meu bolo de caramelo.

Peter olha para ele e para mim, intransigente.

— Não quero esse.

— Foi o que você me mandou pegar!

— Ah, não quero mais. Coloque de volta e pegue o de confeitos coloridos na ponta.

— Você não pode fazer isso — fala Kitty. — A dança dos bolos não funciona assim. Você tem que levar o bolo do número onde você estava.

Peter fica de queixo caído, chocado.

— Ah, pega leve, Kitty.

Kitty se aproxima de mim.

— Não.

Depois que Peter e o irmão vão embora, abraço Kitty por trás. Ela estava do meu lado, no fim das contas. As irmãs Song sempre se apoiam.

KITTY QUIS FICAR mais tempo na feirinha, então estou dirigindo sozinha quando vejo o carro de Genevieve na rua. E, de repente, estou indo atrás dela. Está na hora de ganhar esse jogo.

Ela ainda é ousada. Pela forma como dispara nos sinais de trânsito, eu quase a perco algumas vezes. *Não dirijo bem o bastante para isso*, tenho vontade de gritar.

Acabamos em um prédio comercial, que reconheço como o lugar onde o pai dela trabalha. Ela entra, e eu estaciono, mas não perto demais. Desligo o motor e inclino o banco para ela não me ver.

Dez minutos se passam e nada. Nem sei por que ela iria ao escritório do pai em um fim de semana. Será que está ajudando a secretária dele? Eu talvez tenha que ficar ali um tempo. Mas vou esperar para sempre se necessário. Vou vencer, custe o que custar. Nem ligo para o prêmio. Só quero vencer.

Estou quase cochilando quando duas pessoas saem do prédio: o pai dela, de terno e sobretudo cáqui, e uma garota. Eu me abaixo. Primeiro, acho que é Genevieve, mas a garota é mais alta. Semicerro os olhos. E a reconheço. Ela era da turma de Margot; acho que frequentavam algum clube juntas. Anna Hicks. Os dois andam até o estacionamento. Ele a leva até o carro dela. Ela está procurando as chaves. Ele segura o braço de Anna e vira o rosto dela. Eles começam a se beijar. Apaixonadamente. De língua. Com mãos para todo lado.

Ah, meu Deus. Ela é da idade da Margot. Acabou de fazer dezoito anos. O pai de Genevieve a beija como se ela fosse adulta. Ele é pai. Ela é filha de alguém.

Fico enjoada. Como ele pôde fazer isso com a mãe de Genevieve? Com a Gen? Ela sabe? Essa é a tal coisa difícil pela qual ela está passando? Se meu pai fizesse algo assim, eu jamais o olharia do mesmo jeito. Não sei se conseguiria olhar para a minha *vida* do mesmo jeito. Seria uma traição tão grande, não só com a nossa família, mas com ele mesmo, com quem é como pessoa.

Não quero ver nada daquilo. Fico com a cabeça baixa até os dois saírem do estacionamento, e estou prestes a ligar o carro quando Genevieve sai com os braços cruzados e ombros curvados.

Ah, meu Deus. Ela me viu. Os olhos estão semicerrados; ela está vindo direto para cá. Quero sair dirigindo, mas não consigo. Ela está parada de pé na minha frente, fazendo um sinal zangado para eu baixar a janela. Eu faço isso, mas é difícil olhar nos olhos dela.

— Você viu? — pergunta ela com rispidez.

— Não. Eu não vi nada... — respondo.

O rosto dela fica vermelho. Genevieve sabe que estou mentindo. Por um segundo, fico morrendo de medo de ela começar a chorar ou bater em mim. Eu queria que ela batesse em mim.

— Vá em frente — ela consegue dizer. — Me tire do jogo. Foi isso que você veio fazer, não foi?

Eu balanço a cabeça, e ela tira minhas mãos do volante e as bate nos ombros dela.

— Pronto. Você venceu, Lara Jean. Fim de jogo.

E corre para o carro.

Tem uma palavra coreana que minha avó me ensinou. *Jung*. É a ligação entre duas pessoas que não pode ser rompida, mesmo quando o amor vira ódio. Você ainda alimenta sentimentos antigos por aquela pessoa; sempre vai sentir carinho por ela. Acho que deve ser parte do que sinto por Genevieve. É por causa do *jung* que não consigo odiá-la. Estamos unidas.

E é por causa do *jung* que Peter não consegue deixá-la para trás. Eles também estão unidos. Se meu pai fizesse o que o pai dela fez, eu não procuraria a única pessoa que nunca me afastou? Que sempre esteve ao meu lado, que me amou mais do que ninguém? Peter é essa pessoa para Genevieve. Como posso me ressentir disso?

ESTAMOS NA COZINHA arrumando tudo depois de um café da manhã com panquecas quando papai diz:

— Acho que o aniversário de mais uma garota Song está chegando.

— Ele canta: — *“You are sixteen, going on seventeen...”*

Sinto uma onda enorme de amor por ele, meu pai, que tenho tanta sorte de ter.

— Que música é essa? — interrompe Kitty.

Pego a mão dela e a rodo pela cozinha comigo.

— *“I am sixteen, going on seventeen; I know that I’m naive. Fellows I meet may tell me I’m sweet; willingly I believe.”*

Papai coloca o pano de prato no ombro e marcha parado no lugar. Com voz grave, ele canta:

— *“You need someone older and wiser telling you what to do...”*

— Essa música é machista — diz Kitty quando a solto.

— É mesmo — concorda papai, batendo com o pano de prato nela.

— E o garoto em questão não era mais velho nem sábio. Era um soldado nazista em treinamento.

Kitty se afasta de nós dois.

— Do que vocês estão falando?

— É de *A Noviça Rebelde* — digo.

— Você está falando daquele filme da freira? Nunca vi.

— Como você viu *A família Soprano*, mas nunca viu *A Noviça Rebelde*?

— Kitty anda vendo *A família Soprano*? — pergunta papai, alarmado.

— Só os comerciais — diz Kitty rapidamente.

Continuo cantando baixinho, girando em círculos como Liesl no gazebo.

— *“I am sixteen, going on seventeen, innocent as a rose... Fellows I meet may tell me I’m sweet, and willingly I believe...”*

— Por que você acreditaria em garotos que nem conhece?

— É a música, Kitty, não eu! Caramba! — Paro de girar. — Mas Liesl era meio idiota. Basicamente, foi culpa dela eles quase serem capturados pelos nazistas.

— Eu me arriscaria a dizer que foi culpa do capitão von Trapp — diz papai. — Rolfe também era jovem. Ele ia deixar que fossem embora, mas Georg tinha que antagonizá-lo. — Ele balança a cabeça. — Georg von Trapp tinha um ego e tanto. Ei, devíamos ver *A Noviça Rebelde* um dia desses!

— Claro — digo.

— Esse filme parece horrível — reclama Kitty. — Que tipo de nome é Georg?

Nós a ignoramos.

— Esta noite? Vou fazer tacos al pastor!

— Não posso — digo. — Vou a Belview.

— E você, Kitty? — pergunta papai.

— A mãe da Sophie vai nos ensinar a fazer bolinhos de batata. Sabia que fica delicioso colocando purê de maçã em cima?

Os ombros de papai murcham.

— É, tudo bem. Vou ter que começar a reservar vocês com um mês de antecedência.

— Ou você poderia convidar a sra. Rothschild — sugere Kitty. — Os fins de semana dela também são bem solitários.

Ele olha para ela de um jeito engraçado.

— Tenho certeza de que tem muitas outras coisas que ela preferiria fazer no lugar de ver *A Noviça Rebelde* com o vizinho.

— Não esqueça os tacos al pastor! — digo com alegria. — Isso também é um ponto positivo. E você, claro. Você é um ponto positivo.

— Sem dúvida você é — diz Kitty.

— Meninas... — começa papai.

— Espere — digo. — Só quero dizer uma coisa. Você devia sair em alguns encontros, papai.

— Eu saio!

— Você teve dois encontros na vida — argumento, e ele fica em silêncio. — Por que não chamar a sra. Rothschild para sair? Ela é bonita, tem um bom emprego e Kitty a adora. E mora bem perto.

— É exatamente por isso que não devo convidá-la para sair — diz papai. — Nunca se deve sair com vizinhos ou colegas de trabalho, porque aí você vai ter que continuar vendo a pessoa se as coisas não derem certo.

— É que nem aquela frase: “Não cague no mesmo lugar que come”? — pergunta Kitty. Quando papai franze a testa, ela se corrige depressa: — Eu quis dizer “Não faça cocô no mesmo lugar que come”. É isso que você quer dizer, certo, papai?

— É, acho que é isso que eu quero dizer, mas Kitty, não gosto de você usando palavras feias.

— Desculpa — diz ela, arrependida. — Mas ainda acho que você devia dar uma chance à sra. Rothschild. Se não der certo, não deu.

— Eu odiaria ver vocês ficarem cheias de esperanças — diz papai.

— É a vida — fala Kitty. — Nem sempre as coisas dão certo. Veja Lara Jean e Peter.

Olho para ela de cara feia.

— Nossa, obrigada.

— Só estou tentando explicar uma coisa. — Kitty vai até papai e o abraça pela cintura. Ela está usando todas as armas disponíveis. — Pense bem, papai. Tacos. Freiras. Nazistas. E a sra. Rothschild.

Ele suspira.

— Tenho certeza de que ela tem planos.

— Ela me disse que, se você a convidasse para sair, ela diria sim — falo de repente.

Papai leva um susto.

— Disse? Você tem certeza?

— Absoluta.

— Bem... então talvez eu convide. Para tomar um café ou uma bebida. *A Noviça Rebelde* é um filme longo demais para um primeiro encontro.

Kitty e eu gritamos e batemos as mãos.

O CAFÉ DA manhã de aniversário na lanchonete era uma tradição minha com Margot e Josh. Se meu aniversário caía em um dia de semana, nós acordávamos cedo e íamos antes das aulas. Eu pedia panquecas de mirtilo, e Margot colocava uma vela nas panquecas e os dois cantavam parabéns.

No dia do meu décimo sétimo aniversário, Josh me manda uma mensagem dizendo *Feliz aniversário*, mas percebo que não vamos à lanchonete. Ele está namorando agora, e seria estranho, principalmente sem a Margot. A mensagem basta.

No café da manhã, papai faz ovos mexidos com linguiça, e Kitty preparou um cartão enorme com fotos de Jamie. Margot me deseja feliz aniversário pelo laptop e diz que meu presente deve chegar de tarde ou no dia seguinte.

Na escola, Chris e Lucas colocam uma vela nos donuts que compraram na máquina de lanches e cantam “Parabéns pra você” no corredor. Chris me dá um batom novo: vermelho, para quando eu quiser ser uma menina má, ela diz. Peter não diz nada na aula de química; duvido que saiba que é meu aniversário, e, além do mais, o que eu poderia esperar que ele dissesse depois do jeito como as coisas terminaram entre nós? Ainda assim, é um dia legal, corriqueiro, de um jeito agradável.

Mas aí, quando estou saindo da escola, vejo John estacionado na entrada. Ele está de pé do lado de fora do carro. Não me viu ainda. Sob a luz intensa da tarde, o sol ilumina sua cabeça loura como se fosse uma auréola, e de repente sou tomada pela lembrança visceral de amá-lo a distância de forma ardente. Eu admirava tanto suas mãos de dedos longos, a inclinação das maçãs do rosto. Houve uma época em que eu sabia o rosto dele de cor. Eu o conhecia de memória.

Meus passos se apressam.

— Oi! — digo, acenando. — O que você está fazendo aqui? Não tem aula hoje?

— Eu saí mais cedo — diz ele.

— Você? John Ambrose McClaren matou aula?

Ele ri.

— Eu trouxe uma coisa pra você. — John tira uma caixa do bolso do casaco e estica para mim. — Aqui.

Pego da mão dele. É pesada na palma da minha mão.

— Devo... devo abrir agora?

— Se você quiser.

Consigo sentir os olhos dele em mim enquanto rasgo o papel e abro a caixa branca. Ele está ansioso. Preparo um sorriso para ele saber que gostei, seja lá o que for. Só o fato de ele ter pensado em comprar um presente pra mim é tão... lindo.

Aninhado em papel de seda há um globo de neve do tamanho de uma laranja, com base de metal. Dentro dele, um garoto e uma garota estão patinando. Ela está de suéter vermelho; ele está com protetores de ouvido. Ele a admira enquanto ela patina. É um momento preso em âmbar. Um momento perfeito, preservado sob o vidro. Como naquela noite que nevou em abril.

— Adorei — digo, e adorei mesmo, muito. Só uma pessoa que me conhece poderia me dar esse presente. É um sentimento maravilhoso demais me sentir tão compreendida. Eu poderia chorar. É uma coisa que vou guardar para sempre. Este momento e esse globo de neve.

Fico nas pontas dos pés e o abraço, e ele retribui com força.

— Feliz aniversário, Lara Jean.

Estou prestes a entrar no carro dele quando vejo Peter andando na nossa direção.

— Espere um segundo — pede ele, com um meio sorriso agradável no rosto.

— Oi — digo com cautela.

— Oi, Kavinsky — cumprimenta John.

Peter acena com a cabeça para ele.

— Não tive oportunidade de te dar parabéns, Covey.

— Mas... você me viu na aula de química... — digo.

— Ah, você saiu correndo. Tenho uma coisa para você. Abra as mãos. — Ele pega o globo de neve da minha mão e o entrega para John. — Aqui, você pode segurar isto?

Olho de Peter para John. Agora, estou nervosa.

— Estique as mãos — pede Peter.

Olho para John mais uma vez antes de obedecer, e Peter tira algo do bolso e coloca na minha mão. Meu colar com pingente de coração.

— É seu.

— Pensei que você tivesse devolvido para a loja da sua mãe — digo lentamente.

— Não. Não ficaria bem em outra garota.

Eu pisco.

— Peter, não posso aceitar. — Tento devolver, mas ele balança a cabeça; não quer aceitar. — Peter, por favor.

— Não. Quando eu reconquistar você, vou colocar esse colar no seu pescoço e te dar um broche. — Ele tenta sustentar meu olhar. — Como nos anos 1950. Lembra, Lara Jean?

Eu abro a boca, mas fecho.

— Acho que você não entendeu — digo para ele, devolvendo o

colar. — Pegue, por favor.

— Me diga qual é o seu desejo — pede ele. — Deseje qualquer coisa e darei para você, Lara Jean. Você só precisa pedir.

Fico tonta. Ao nosso redor, as pessoas estão saindo do prédio da escola, indo para os carros. John está de pé ao meu lado, e Peter me olha como se fôssemos as duas únicas pessoas ali. As duas únicas pessoas no mundo.

É a voz de John que me tira do transe.

— O que você está *fazendo*, Kavinsky? — pergunta John, balançando a cabeça. — Isso é patético. Você a tratou como lixo e agora decidiu que a quer de volta?

— Fique fora disso, Sundance Kid — corta Peter. Para mim, ele diz delicadamente: — Você prometeu que não partiria meu coração. No contrato, você disse que não faria isso, mas fez, Covey.

Nunca o ouvi tão sincero, tão sentimental.

— Desculpa — digo, e minha voz é fina como um sussurro. — Não posso.

* * *

Não olho para Peter quando entro no carro, mas o colar ainda está pendurado na minha mão. No último segundo, me viro, mas estamos longe demais; não consigo ver se Peter ainda está lá ou não. Meu coração está disparado. O que eu lamentaria mais perder? A realidade de Peter ou o sonho de John? Sem o que não posso viver?

Penso novamente na mão de John na minha. Em me deitar ao lado dele na neve. No jeito como os olhos dele parecem ainda mais azuis quando ele ri. Não quero abrir mão disso. Mas também não quero abrir mão de Peter. Há tantas coisas a amar nos dois. A confiança juvenil de Peter, sua visão alegre da vida, a forma como é gentil com Kitty. O jeito como meu coração parece saltar do peito toda vez que vejo o carro dele parar na porta da minha casa.

Seguimos em silêncio por alguns minutos, e então, olhando para a frente, John diz:

— Eu cheguei a ter alguma chance?

— Eu poderia me apaixonar por você com tanta facilidade — sussurro. — Já estou na metade do caminho. — O pomo de adão sobe e desce no pescoço dele. — Você é tão perfeito nas minhas lembranças e tão perfeito agora. É como se tivesse saído de um sonho. De todos os garotos, você seria quem eu escolheria.

— Mas?

— Mas... eu ainda amo Peter. Não consigo evitar. Ele chegou aqui primeiro e... não quer ir embora.

Ele dá um suspiro derrotado que machuca meu coração.

— Maldito Kavinsky.

— Desculpa. Também gosto de você, John. De verdade. Eu queria... eu queria que tivéssemos ido juntos ao baile do oitavo ano.

John Ambrose McClaren diz uma última coisa, uma coisa que faz meu coração palpitar:

— Acho que aquele não foi nosso momento. E acho que agora também não é. — John olha para mim, sério. — Mas talvez um dia seja.

ESTOU NO BANHEIRO feminino amarrando uma fita ao redor do rabo de cavalo quando Genevieve entra. Minha boca fica seca. Ela para, depois se vira para entrar na cabine.

— Você e eu estamos sempre nos encontrando no banheiro — digo.

Ela não responde.

— Gen... quero pedir desculpas pelo outro dia.

Genevieve se vira e parte para cima de mim.

— Não quero suas desculpas. — Ela segura meu braço. — Mas se você contar para alguém, eu juro por Deus...

— Eu não faria isso! — grito. — Não vou contar! Eu jamais faria isso.

Ela solta meu braço.

— Porque você sente pena de mim, certo? — Genevieve dá uma gargalhada amarga. — Você é tão falsa. Seu jeitinho doce e açucarado me dá nojo, sabia? Você engana todo mundo, mas eu sei quem você é de verdade.

O veneno na voz dela me deixa perplexa.

— O que eu fiz pra você? Por que você me odeia tanto?

— Ah, meu Deus. Pare. Pare de agir como se não soubesse. Você tem que se responsabilizar pelas merdas que fez comigo.

— Peraí — digo. — O que *eu* fiz com *você*? Foi você quem colocou um vídeo de mim na internet! Você não pode mudar toda a história porque está a fim. Eu sou Éponine. Você é Cosette! Não aja como se eu fosse a Cosette!

Ela dá um meio sorriso.

— De que diabos você está falando?

— *Os Miseráveis!*

— Eu não vejo musicais. — Ela se vira como se fosse embora, mas para e diz: — Eu vi vocês naquele dia no sétimo ano. Vi você beijar Peter.

Ela estava lá?

Genevieve vê minha surpresa e sente prazer com isso.

— Deixei minha jaqueta no porão e, quando voltei para pegar, vi vocês dois se beijando no sofá. Você rompeu a regra mais básica do código das amigas, Lara Jean. De alguma forma, na sua cabeça, você me fez de vilã. Mas devia saber que eu não estava sendo uma vaca só por ser vaca. Você mereceu.

Minha cabeça está girando.

— Se você sabia, por que continuou sendo minha amiga? Você só

parou de ser minha amiga bem depois.

Genevieve dá de ombros.

— Porque eu gostava de jogar na sua cara. Eu o tinha e você não. Acredite, não éramos mais amigas depois daquele dia.

É estranho que, de todas as coisas que ela já disse para mim, talvez essa seja a que mais me machuca.

— Só para você saber, eu não o beijei. Ele me beijou. Eu nem pensava em Peter dessa forma, não antes daquele beijo.

E então, ela diz:

— O único motivo para ele beijar você naquele dia foi porque eu não quis. Você foi a segunda opção. — Ela passa a mão pelo cabelo. — Se tivesse admitido na época, eu talvez tivesse perdoado você. Talvez. Mas você nunca disse nada.

Eu engulo em seco.

— Eu queria. Mas foi meu primeiro beijo, e com o cara errado. Eu sabia que ele não gostava de mim.

Tudo faz sentido. Por que ela se esforçou tanto para me manter separada de Peter. Contando com ele, fazendo com que ele provasse que ela ainda era sua primeira escolha. Não é desculpa para todas as coisas que Gen fez, mas entendo meu papel nisso tudo agora. Eu devia ter contado para ela sobre o beijo naquela época, no sétimo ano. Eu sabia o quanto ela gostava dele.

— Desculpa, Genevieve. De verdade. Se eu pudesse voltar no tempo, eu voltaria. — A sobancelha dela treme, e sei que ela ficou dividida. Impulsivamente, digo: — Já fomos amigas. Você... você acha que algum dia poderemos voltar a ser amigas de novo?

Ela me olha com um desdém tão intenso, como se eu fosse a criança que pediu a lua.

— Cresça, Lara Jean.

De muitas maneiras, sinto que cresci.

ESTOU DEITADA NA casa na árvore, olhando pela janela. A lua está fina, parece uma unha no céu. Amanhã não vai haver mais casa na árvore. Quase não pensei neste lugar e, agora que está desaparecendo, estou triste. É como com todos os brinquedos da infância, eu acho. Só fica importante quando você não os têm mais. Mas é mais do que apenas uma casa na árvore. É um adeus, e parece o fim de tudo.

Quando me sento, vejo, enfiado entre as tábuas do piso, um fio roxo, surgindo como grama. Eu o puxo. É a pulseira da amizade que dei para Genevieve.

Acredite, não éramos mais amigas depois daquele dia.

Isso não é verdade. Ainda dormimos uma na casa da outra, fomos a aniversários; ela ainda chorou no meu ombro na época em que achou que os pais iam se separar. Ela não podia me odiar aquele tempo todo. Não acredito. A pulseira da amizade é uma prova.

Porque foi o que ela botou na cápsula do tempo, seu pertence mais precioso, assim como também era o meu. E então, na festa, ela a pegou e escondeu. Não queria que eu visse. Mas agora eu sei. Eu era importante para ela também. Fomos amigas de verdade no passado. Lágrimas surgem nos meus olhos. Adeus, Genevieve, adeus, ensino fundamental, adeus, casa na árvore e tudo que foi importante para mim naquele verão.

As pessoas entram e saem da nossa vida. Durante uma época, são seu mundo; são tudo. E, um dia, não são mais. Não dá para saber por quanto tempo vamos tê-las por perto. Um ano atrás, eu não podia imaginar que Josh não fosse mais ser uma presença constante na minha vida. Eu não poderia conceber o quanto seria difícil não ver Margot todos os dias, o quanto eu me sentiria perdida sem ela, nem com que facilidade Josh poderia se afastar, sem eu nem perceber. As despedidas são a parte mais difícil.

* * *

— Covey — diz Peter do lado de fora da casa na árvore, na escuridão.
Eu me sento.

— Estou aqui.

Ele sobe a escada depressa, baixando a cabeça para não bater no teto. Vai até a parede oposta, de forma que ficamos sentados um de frente para o outro.

— Vão derrubar a casa na árvore amanhã — digo para ele.

— Ah, é?

— É. Vão colocar um gazebo. Que nem em *A Noviça Rebelde*, sabe? Peter ergue uma sobranceira para mim.

— Por que você me chamou aqui, Lara Jean? Sei que não foi para falar sobre *A Noviça Rebelde*.

— Sei qual é o segredo de Genevieve.

Ele se recosta na parede e inclina a cabeça para trás de leve.

— O pai dela é um babaca. Já traiu a mãe dela antes. Mas nunca com uma garota tão jovem. — Ele fala rápido, como se fosse um alívio finalmente poder dizer aquilo em voz alta. — Quando as coisas ficavam ruins entre os pais dela, Gen encontrava formas de machucar a si mesma. Eu tinha que protegê-la. Era meu trabalho. Às vezes, me assustava, mas eu gostava de ser, sei lá... necessário. — Ele suspira. — Sei que ela pode ser manipuladora, eu sempre soube. De certa forma, para mim era mais fácil voltar para o que eu conhecia. Acho que talvez estivesse com medo.

Minha respiração falha.

— De quê?

— De decepcionar você. — Peter desvia o olhar. — Sei que sexo é uma coisa importante para você. Eu não queria fazer besteira. Você é tão inocente, Lara Jean. E tenho essa merda toda no passado.

Tenho vontade de dizer *Eu nunca me importei com o seu passado*. Mas não é verdade. É só nessa hora que percebo: não era Peter que precisava deixar Genevieve para trás. Era eu. Durante todo o namoro com Peter, fiquei me comparando a ela, pensando em como sou inferior. Em como nosso relacionamento parece pequeno perto do deles. Era eu que não conseguia deixá-la para trás. Fui eu que não dei uma chance para nós dois.

— O que você deseja, Lara Jean? — pergunta ele, de repente. — Agora que ganhou. Parabéns, aliás. Você conseguiu.

Sinto uma onda de emoção no peito.

— Eu queria que as coisas pudessem voltar a ser como eram entre nós. Que você pudesse ser você e eu pudesse ser eu, e que pudéssemos nos divertir um com o outro, e aí seria um primeiro romance lindo do qual eu me lembrarei para a vida toda.

Sinto que estou ficando vermelha enquanto digo essa última parte, mas fico feliz de ter dito, porque deixa Peter com um olhar suave e meloso só por um segundo, e preciso desviar o olhar.

— Não fale como se tudo já estivesse destinado ao fracasso.

— Não é minha intenção. O primeiro não é necessariamente o último, mas sempre vai ser o primeiro, e isso é especial. Primeiras vezes são especiais.

— Você não é a primeira — diz Peter. — Mas é a garota mais

especial para mim, porque é a garota que eu amo, Lara Jean.

Amo. Ele disse “amo”. Fico tonta. Sou uma garota amada por um garoto, e não só pelas irmãs, pelo pai e pelo cachorro. Um garoto com sobrancelhas lindas e cheio de truques.

— Estou ficando maluco sem você. — Ele coça a nuca. — Não podemos...

— Está dizendo que também deixo você maluco? — interrompo.

Ele grunhe.

— Estou dizendo que você me deixa mais maluco do que qualquer outra garota que já conheci.

Eu vou até Peter, estico a mão e passo o dedo pela sobrancelha dele, que parece seda.

— No contrato, dissemos que não partiríamos o coração um do outro. E se fizermos de novo?

— E daí? — diz ele, com ferocidade. — Se ficarmos colocando regras, não vai ser nada. Vamos fazer isso direito, Lara Jean. Vamos com tudo. Chega de contrato. Chega de rede de segurança. Pode partir meu coração. Faça o que quiser com ele.

Coloco a mão no peito dele, em cima do coração. Consigo senti-lo batendo. Afasto a mão. O coração dele é meu, só meu. Eu acredito agora. É meu para cuidar e proteger, é meu para partir.

Muita coisa no amor é ao acaso. E isso é assustador e maravilhoso ao mesmo tempo. Se Kitty não tivesse mandado aquelas cartas, se eu não tivesse ido ao ofurô naquela noite, talvez ele ainda estivesse com Gen. Mas ela mandou as cartas e eu fui ao ofurô. Poderia ter acontecido de muitas formas. Mas foi assim que aconteceu. Esse foi o caminho que seguimos. *Esta* é nossa história.

Sei agora que não quero amar nem ser amada com segurança. Quero tudo, e, para ter tudo, é preciso arriscar tudo.

Então, pego a mão dele e a coloco no meu peito, sobre o coração.

— Você tem que cuidar bem dele, porque é seu.

Ele me olha de um jeito que me faz ter certeza: ele nunca olhou para outra garota assim.

De repente, estou nos braços dele, estamos nos abraçando e beijando, e estamos tremendo, porque agora nós dois sabemos: esta é a noite em que nos tornamos reais.

Agradecimentos

Meu mais profundo obrigada à minha editora, Zareen Jaffery, sem a qual eu não poderia ter escrito este livro. Agradeço também a Justin Chanda, meu editor e amigo querido, e a Anne Zafian, Mekisha Telfer, Katy Hershberger, Chrissy Noh, Lucy Cummins, Lucille Rettino, Christina Pecorale, Rio Cortez, Michelle Fadlalla Leo, Candace Greene e Sooji Kim. Já são dez anos de S&S, e estou mais apaixonada do que nunca. Agradeço também à equipe da S&S do Canadá pelo apoio constante a mim e aos meus livros.

Todo o meu amor e admiração para minha agente incrível, Emily van Beek, para Molly Jaffa e toda a equipe da Folio; vocês são muito queridos. Agradeço também a Elena Yip, minha assistente.

A Siobhan Vivian, minha cúmplice na escrita, nos crimes e na vida. Eu não conseguiria sem você. Adele Griffin, uma das minhas pessoas favoritas no mundo, você sempre encontra o cerne de cada história. Morgan Matson, um viva àquela noite em Londres!

E finalmente, aos meus leitores. Todo o meu amor, sempre.

Jenny

JENNY
HAN

Agora
e para
sempre,
Lara
Jean

intrínseca

A conclusão da série

PARA TODOS OS GAROTOS QUE JÁ AMEI

JENNY HAN

*Agora
e para
sempre,
Lara
Jean*

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2017 by Jenny Han

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management LCC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL

Always and Forever, Lara Jean

PREPARAÇÃO

Ilana Goldfeld

REVISÃO

Milena Vargas

Cristiane Pacanowski

ARTE DE CAPA

Lucy Ruth Cummins

FOTO DA CAPA

© 2017 Douglas Lyle Thompson

LETTERING ORIGINAL

© 2017 Nancy Howell

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING

ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para meus queridos leitores. Este é para vocês.

Não sei o que há depois da curva, mas vou acreditar que é algo
melhor.

— L. M. MONTGOMERY, *Anne de Green Gables*

GOSTO DE OBSERVAR Peter quando ele não sabe que estou olhando. Gosto de admirar a linha reta do maxilar, a curva da bochecha. Tem algo de sincero no rosto dele, de inocente... há uma espécie de gentileza. É a gentileza que mais me emociona.

É sexta à noite e estamos na casa de Gabe Rivera, depois do jogo de lacrosse. Nosso time ganhou, então todo mundo está de bom humor — Peter em especial, porque marcou o ponto da vitória. Ele está do outro lado da sala jogando pôquer com uns garotos do time; sentado com a cadeira inclinada para trás, as costas na parede. O cabelo ainda está molhado do banho. Estou no sofá com meus amigos Lucas Krapf e Pammy Subkoff, que folheiam a edição mais nova da *Teen Vogue* e discutem se Pammy deve cortar a franja ou não.

— O que você acha, Lara Jean? — pergunta ela, passando os dedos pelo cabelo cor de cenoura.

Pammy é uma amiga recente; eu a conheci porque ela namora Darrell, amigo de Peter. Ela tem um rosto de boneca, redondo como uma forma de bolo, e sardas salpicam seu nariz e seus ombros como confeitos.

— Hum... acho que franja é algo sério demais para ser decidido por impulso. Se seu cabelo demora muito para crescer, pode levar mais de um ano para voltar ao normal. Mas, se você estiver decidida, devia esperar até o outono, porque o verão está chegando, e uma franja no verão fica grudenta e suada e irritante...

Meu olhar se detém em Peter, que vira a cabeça na minha direção, me vê olhando e ergue as sobrancelhas como quem faz uma pergunta. Eu só dou um sorriso e balanço a cabeça.

— Então não devo cortar a franja?

Meu celular vibra na bolsa. É Peter.

Quer ir embora?

Não.

Então por que estava me olhando?

Porque deu vontade.

Lucas está lendo por cima do meu ombro. Eu o empurro, e ele balança a cabeça e diz:

— Vocês estão mesmo trocando mensagens estando na mesma sala? Pammy franze o nariz, risonha.

— Que fofo.

Estou prestes a responder quando noto Peter atravessando a sala na minha direção, parecendo determinado.

— Hora de levar minha garota para casa — diz ele.

— Que horas são? — falo. — Já está tarde assim?

Peter me ajuda a levantar do sofá e a vestir o casaco. Ele me leva pela mão até o outro lado da sala de Gabe. Olho para trás, dou um tchauzinho e grito:

— Tchau, Lucas! Tchau, Pammy! Só para deixar registrado: acho que você ia ficar linda de franja!

Quando Peter me conduz pelo jardim até o meio-fio, onde o carro dele está estacionado, eu pergunto:

— Por que está andando tão rápido?

Ele para na frente do carro, me puxa para perto e me beija, tudo em um movimento rápido.

— Não consigo me concentrar no jogo com você me olhando daquele jeito, Covey.

— Desculpa... — começo a dizer, mas ele já está me beijando de novo, as mãos firmes nas minhas costas.

Quando entramos no carro, eu olho para o painel e vejo que é só meia-noite.

— Ainda tenho uma hora até precisar voltar para casa — digo. — O que a gente vai fazer?

Das pessoas que conheço, sou a única com hora para chegar em casa. Quando o relógio bate uma hora da manhã, eu viro uma abóbora. Todo mundo já se acostumou: a namorada certinha de Peter Kavinsky precisa estar em casa à uma da manhã. Eu nunca me incomodei com isso. Porque, na verdade, não estou perdendo nada tão maravilhoso assim... Como é mesmo aquele ditado? Nada de bom acontece depois das duas da manhã. A menos que você seja fã de ver o pessoal participando de jogos de bebida por horas e mais horas. Não sou assim. Não, eu prefiro ficar de pijama de flanela com uma xícara de chá e um livro, obrigada.

— Vamos para a sua casa. Quero dar um oi para o seu pai, ficar lá um pouco. A gente pode assistir ao final de *Aliens*, o *Resgate*.

Peter e eu estamos seguindo nossa lista de filmes, que consiste nas minhas escolhas (meus filmes preferidos que ele não viu), nas dele (os preferidos dele que eu não vi) e em filmes que nenhum dos dois viu. *Aliens*, o *Resgate* foi sugestão de Peter, e estou achando ótimo. E apesar de uma vez Peter ter dito que não gosta de comédias românticas, ele gostou muito de *Sintonia de Amor*, o que me deixou aliviada, porque não sei como eu poderia namorar uma pessoa que não gosta desse filme.

— Não vamos para casa ainda. Vamos para algum lugar.

Peter pensa por um minuto, batendo os dedos no volante.

— Sei para onde a gente pode ir — diz.

— Para onde?

— Espere e verá.

Peter abre as janelas, e o ar frio invade o carro. Eu me recosto. As ruas estão vazias; as luzes apagadas na maioria das casas.

— Vou tentar adivinhar. Vamos à lanchonete porque você quer panqueca de mirtilo.

— Não.

— Hum... Está tarde para irmos à Starbucks, e o Biscuit Soul Food está fechado.

— Ei, eu não penso só em comida — protesta ele. E continua: — Tem algum biscoito nesse pote?

— Acabaram, mas talvez eu tenha mais em casa, se Kitty não tiver comido tudo.

Coloco o braço para fora da janela e o deixo lá. Não vamos ter mais noites como essa, frias o bastante para precisarmos de casaco. Observo Peter pelo canto do olho. Às vezes, ainda não consigo acreditar que ele é meu. O garoto mais bonito de todos os garotos bonitos é meu, todo meu.

— O quê? — diz ele.

— Nada.

Dez minutos depois, entramos no campus da Universidade da Virgínia, a UVA, que ninguém chama de campus: todo mundo chama de Terreno. Peter estaciona perto da calçada. Está silencioso para uma sexta à noite em uma cidade universitária, mas é a época do recesso de primavera, então muitos alunos estão viajando.

Estamos andando pelo gramado de mãos dadas quando sinto uma onda repentina de pânico. Paro e pergunto:

— Ei, você não acha que dá azar vir aqui antes de ter entrado, acha?

Peter ri.

— Não é um casamento. Você não vai se casar com a UVA.

— É fácil falar, você já foi aceito.

Peter assumiu um compromisso verbal com o time de lacrosse da UVA no ano passado, depois se candidatou antecipadamente no outono. Como a maioria dos atletas de faculdade, era quase certo que ele seria aceito, desde que suas notas continuassem boas. Quando recebeu o sim oficial em janeiro, sua mãe deu uma festa, e eu fiz um bolo com os dizeres *Vou levar todo o meu charme para a UVA* e cobertura amarela.

Peter me puxa pela mão.

— Deixe disso, Covey. Nós fazemos nossa própria sorte. Além do mais, viemos aqui dois meses atrás para aquele evento no Miller

Center.

Eu relaxo.

— Ah, é.

Continuamos andando pelo gramado. Sei aonde estamos indo agora. Vamos nos sentar na escada da Rotunda. Foi Thomas Jefferson, fundador da universidade quem elaborou a Rotunda, que teve o Panteão como modelo, com colunas brancas e telhado abobadado. Peter sobe os degraus de pedra correndo no melhor estilo Rocky e se senta. Eu me acomodo na frente dele, me inclino para trás e apoio os braços em seus joelhos.

— Você sabia que uma das coisas que tornam a UVA única é que, no centro da faculdade, lá dentro da Rotunda, tem uma biblioteca e não uma igreja? É porque Jefferson acreditava na separação entre o ensino e a religião.

— Você leu isso no panfleto? — provoca Peter, dando um beijo no meu pescoço.

— Eu aprendi quando fiz a visita ano passado — respondo, em tom sonhador.

— Você não me disse que fez uma visita. Por que você faria isso se mora tão perto? Já veio aqui um milhão de vezes!

Ele está certo ao dizer que já fui ao campus um milhão de vezes. Cresci visitando a universidade com minha família. Antes de mamãe morrer, nós vínhamos ver os Hullabahoos cantarem, porque ela amava música a capela. Temos um retrato de família no gramado. Nos dias de sol depois da igreja, nós fazíamos piqueniques aqui.

Eu me viro para olhar para Peter.

— Eu fiz a visita porque queria saber tudo sobre a UVA! Coisas que não saberia só por morar aqui perto. Tipo, você sabe em que ano as mulheres tiveram permissão para estudar aqui?

Ele coça a nuca.

— Hã... não. Quando foi mesmo que a faculdade foi fundada? No começo dos anos 1800? Então, em 1920?

— Não. Em 1970. — Eu me viro de volta e olho para a frente, para o campus. — Depois de cento e cinquenta anos.

Intrigado, Peter diz:

— Nossa. Que loucura. Tudo bem, me conte mais coisas sobre a UVA.

— A UVA é a única universidade dos Estados Unidos que foi declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

— Deixa pra lá, não quero mais saber sobre a UVA — diz Peter, e eu dou um tapa no joelho dele. — Me conte outra coisa, então. O que deixa você mais ansiosa quanto a estudar aqui?

— Primeiro você. O que está deixando você mais animado?

— Essa é fácil — diz Peter, sem pestanejar. — Correr pelado pelo

gramado com você.

— É isso que você quer mais do que tudo aqui? Correr pelado? — Depois acrescento: — Aliás, nunca vou fazer isso.

Ele ri.

— É uma tradição da UVA. Eu achei que você curtisse as tradições da UVA.

— Peter!

— Estou brincando. — Ele se inclina para a frente e envolve meus ombros, depois esfrega o nariz no meu pescoço do jeito que tanto gosta. — Sua vez.

Eu me permito sonhar por um momento. Se eu entrar, o que mais quero que aconteça? Há tantas coisas que não consigo citar todas. Estou ansiosa para comer waffles todos os dias com Peter no refeitório. Para descer de trenó pelo O-Hill quando nevar. Para fazer piquenique no verão. Para passar a noite acordada conversando, depois acordar e conversar mais. Para lavar roupa de madrugada e fazer viagens de última hora. Para... tudo.

Por fim, digo:

— Se eu contar, vai dar azar.

— Pare com isso!

— Tudo bem, tudo bem... acho que estou mais ansiosa para... para ir ao McGregor Room sempre que eu quiser.

As pessoas chamam o McGregor Room de salão do Harry Potter por causa dos tapetes, candelabros, cadeiras de couro e retratos nas paredes. As estantes vão do chão ao teto e todos os livros ficam atrás de grades de metal, protegidos como os objetos preciosos que são. É um salão de outra época. É muito silencioso, solene até. Houve um verão — eu devia ter cinco ou seis anos, porque foi antes de Kitty nascer — em que minha mãe fez um curso na UVA e costumava estudar no McGregor Room. Margot e eu ficávamos colorindo ou lendo. Minha mãe o chamava de biblioteca mágica, porque Margot e eu nunca brigávamos lá dentro. Nós duas ficávamos bem quietinhas, tão impressionadas com aqueles livros e com o pessoal mais velho estudando.

Peter parece decepcionado. Tenho certeza de que é porque achou que eu responderia alguma coisa que tivesse a ver com ele. Conosco. Mas, por algum motivo, quero guardar essas esperanças só para mim agora.

— Você pode ir comigo ao McGregor Room. Mas tem que prometer que vai ficar quieto.

— Lara Jean, só você ficaria ansiosa para ir a uma biblioteca.

Na verdade, a julgar só pelo Pinterest, eu tenho quase certeza de que muita gente gostaria de passar um tempo em uma biblioteca tão bonita. Só que é gente que Peter não conhece. Ele me acha tão

peculiar. Não estou planejando contar a ele que não sou tão diferente assim, que na verdade muita gente gosta de ficar em casa, assar biscoitos, fazer *scrapbooks* e frequentar bibliotecas. A maioria deve estar perto dos cinquenta anos, mas mesmo assim. Eu gosto como ele me olha, como se eu fosse uma ninfa do bosque que ele encontrou por acaso e teve que levar para casa um dia.

Peter tira o celular do bolso do moletom.

— Meia-noite e meia. A gente tem que ir daqui a pouco.

— Já? — Eu dou um suspiro. Gosto de ficar ali à noite. Parece que tudo aquilo nos pertence.

Sempre quis ir para a UVA. Nunca esperei estudar em outro lugar, nem cheguei a pensar nisso. Eu ia me candidatar antecipadamente, como Peter fez, mas minha orientadora, a sra. Duvall, me aconselhou a não fazer isso. Ela disse que seria melhor esperar para enviar minhas notas do primeiro semestre do último ano também. De acordo com ela, é sempre recomendável se candidatar no seu momento de melhor rendimento acadêmico.

Assim, acabei me candidatando a cinco faculdades. Primeiro seria só a UVA, a mais difícil de entrar e a apenas quinze minutos de casa; William and Mary, a segunda mais difícil de entrar e também minha segunda escolha (a duas horas de distância); e a Universidade de Richmond e a James Madison, ambas a uma hora de distância, empatadas em terceiro lugar. Todas na Virgínia. Mas a sra. Duvall insistiu para que eu me candidatassem a uma faculdade fora do estado, só por garantia, para ter outra opção. Então, optei pela Universidade da Carolina do Norte, a UNC, em Chapel Hill. É difícil entrar nas de fora do estado, mas eu a escolhi porque me lembra a UVA. É muito boa em várias áreas de humanas e não fica muito longe; é perto o bastante para eu vir para casa correndo se acontecer alguma coisa.

Mas, se pudesse escolher, sempre seria a UVA. Eu nunca quis ir para longe de casa. Não sou como minha irmã mais velha. O sonho de Margot era ir para longe. Ela sempre quis conhecer o mundo. Eu só quero a minha casa, e, para mim, a UVA é o meu lar, e é por isso que é a faculdade com a qual eu comparei todas as outras. Tem o campus dos sonhos, tudo perfeito. E, claro, Peter.

Nós ficamos um pouco mais, conto para Peter mais curiosidades sobre a UVA e ele debocha de mim por saber tantas coisas sobre a faculdade. Depois, me leva para casa. É quase uma da manhã quando paramos na frente do meu jardim. As luzes do andar de baixo estão apagadas, mas as do quarto do meu pai ainda estão acesas. Estou quase saindo do carro quando Peter estica a mão e me impede de abrir a porta.

— Quero meu beijo de boa-noite — diz ele.

Eu dou uma gargalhada.

— Peter! Eu tenho que ir.

Teimoso como sempre, ele fecha os olhos e espera, e eu me inclino e dou um selinho nos lábios dele.

— Pronto. Satisfeito?

— Não. — Ele me beija de novo, como se tivéssemos todo o tempo do mundo, e diz: — O que aconteceria se eu voltasse depois de todo mundo ir dormir, passasse a noite e fosse embora bem cedinho? Tipo, antes de amanhecer?

— Você não pode fazer isso, então nunca vamos saber — digo, sorrindo.

— Mas e se fizesse?

— Meu pai me mataria.

— Não mataria, não.

— Ele mataria você.

— Não mataria, não.

— Não mataria, não — concordo. — Mas ficaria muito decepcionado comigo. E ficaria com raiva de você.

— Só se nós fôssemos pegos — diz Peter, mas sem convicção. Ele também não quer arriscar. Toma bastante cuidado para que meu pai goste dele. — Sabe pelo que estou mais ansioso? — Peter puxa de leve minha trança antes de falar. — Não ter que dizer boa-noite. Eu odeio dizer boa-noite.

— Eu também.

— Mal posso esperar para estarmos na faculdade.

— Também — falo, e o beijo mais uma vez antes de pular do carro e correr para casa.

No caminho, olho para a lua, para todas as estrelas que cobrem o céu noturno como um cobertor, e faço um pedido: *Querido Deus, por favor, por favor, me deixe entrar na UVA.*

— DEVO COBRIR A peruca de Maria com purpurina rosa ou dourada?

Coloco um ovo de Páscoa em frente à tela do computador, para Margot poder olhar. Pinteí a casca de azul-turquesa pálido e fiz uma decoupage com um contorno de Maria Antonieta.

— Ponha mais perto — diz Margot, estreitando os olhos para a câmara.

Ela está de pijama, com uma máscara de hidratação grudada no rosto. O cabelo cresceu até um pouco abaixo dos ombros, o que quer dizer que ela provavelmente vai cortar em breve. Tenho a sensação de que Margot sempre vai cortar o cabelo curto agora. Combina com ela.

É noite na Escócia, mas aqui ainda está claro. Cinco horas e quase seis mil quilômetros nos separam. Ela está no alojamento; eu estou sentada à mesa da cozinha, cercada de ovos de Páscoa e tigelas de corante e pedrinhas e adesivos e penas brancas que guardei de quando fiz decorações de Natal alguns anos atrás. Estou com o laptop em cima de uma pilha de livros de culinária. Margot está me fazendo companhia enquanto termino de decorar os ovos.

— Acho que vou contorná-la com pérolas, se isso ajudar na sua decisão — digo.

— Então voto em purpurina rosa — afirma Margot, ajeitando a máscara no rosto. — Rosa vai dar mais destaque.

— Era o que eu estava pensando.

Começo a aplicar glitter com um pincel de sombra velho. Ontem à noite eu passei horas soprando as gemas para fora das cascas. Era para ser uma atividade divertida para Kitty e eu fazermos juntas, como antigamente, mas ela pulou fora quando foi convidada para ir à casa de Madeline Klinger. Um convite de Madeline Klinger é uma ocasião rara e importante, então é claro que eu não podia me ressentir com Kitty por isso.

— Falta pouco para você saber, não é?

— Ainda este mês.

Eu começo a enfileirar as pérolas. Parte de mim queria poder acabar com isso logo, mas a outra parte fica feliz em não saber o resultado, em ter esperança.

— Você vai ser aceita — diz Margot, e parece uma proclamação.

Todo mundo ao meu redor acha que minha entrada na UVA é algo certo. Peter, Kitty, Margot, meu pai. Minha orientadora, a sra. Duvall. Eu nunca ousaria falar em voz alta, com medo de dar azar, mas talvez eu também ache. Eu me dediquei: aumentei minha pontuação no

exame de admissão em duzentos pontos. Minhas notas estão quase tão boas quanto as de Margot, e ela foi aceita. Já fiz tudo que deveria fazer, mas vai ser suficiente? A essa altura, só posso esperar e torcer. E torcer e torcer.

Estou colando um lacinho branco com cola quente no topo do ovo quando paro e olho para minha irmã com desconfiança.

— Espere aí. Se eu entrar, você vai tentar me convencer a ir estudar em outro lugar, para eu poder abrir minhas asas e tudo mais?

Margot ri, e a máscara escorrega um pouco no rosto. Ela a ajeita.

— Não. Confio em você para saber o que é melhor. — Ela está falando sério, dá para perceber. Suas palavras tornam tudo verdade. Eu também confio em mim. Confio que, quando a hora chegar, vou saber o que é melhor. E, para mim, a UVA é melhor. Eu sei. — Meu único conselho é para você fazer seus próprios amigos. Peter vai fazer um monte de novos amigos por causa do lacrosse, e os amigos dele não vão ser necessariamente o tipo de amizade que você escolheria. Então, faça seus próprios amigos. Encontre seu grupo. A UVA é grande.

— Pode deixar.

— E não deixe de entrar para a associação oriental. A única coisa que sinto que perdi ao vir estudar em um país diferente é fazer parte de um grupo ázio-americano. É bem importante entrar para a faculdade e encontrar sua identidade racial. Como Tim.

— Que Tim?

— Tim Monahan, da minha turma.

— Ah, esse Tim.

Tim Monahan é coreano, mas foi adotado por uma família da região. Não tem tantos descendentes de orientais na nossa escola, então todo mundo meio que se conhece.

— Ele nunca andava com os orientais na escola, depois foi estudar na Virginia Tech e conheceu um monte de gente coreana, e agora acho que ele é presidente de uma fraternidade oriental.

— Uau!

— Acho ótimo essa coisa de fraternidade não ser comum no Reino Unido. Você não vai entrar para uma irmandade, vai? — E Margot acrescenta rapidamente: — Sem julgamentos!

— Ainda não pensei nisso.

— Mas Peter provavelmente vai entrar em uma fraternidade.

— Ele não comentou nada sobre isso ainda... — Embora ele não tenha mencionado, consigo facilmente visualizar Peter em uma fraternidade.

— Eu ouvi falar que é difícil quando seu namorado está em uma, e você, não. Tem alguma coisa sobre não se misturar, que é mais fácil se você for amiga das garotas da irmandade correspondente. Não sei. A

coisa toda me parece meio boba, mas pode valer a pena. Ouvi dizer que garotas de irmandade gostam de artesanato.

Ela arqueia as sobancelhas para mim.

— Falando nisso. — Eu levanto o ovo para mostrar a ela. — Ta-dá!

Margot chega mais perto da câmera para olhar.

— Você devia entrar no ramo de decoração de ovos! Quero ver os outros.

Eu levanto a caixa. Tenho uma dúzia de ovos decorados, rosa-claro com decoração rendada em rosa néon, azul brilhante e amarelo-limão, lilás com flores de lavanda secas. Fiquei feliz em ter uma desculpa para usar as flores. Comprei um saco meses atrás para fazer um crême brûlée de lavanda, e está ocupando espaço na despensa desde então.

— O que você vai fazer com eles? — quer saber Margot.

— Vou levar para Bellevue, para poderem exibir na recepção. Lá sempre está com cara de hospital, uma coisa horrível.

Margot se recosta no travesseiro.

— Como está todo mundo em Bellevue?

— Bem. Ando tão ocupada com os formulários das faculdades e com as coisas do último ano que não estou conseguindo ir lá com frequência. Agora que não trabalho mais lá oficialmente, é bem mais difícil encontrar tempo. — Eu giro o ovo na mão. — Acho que vou dar este para Stormy. É a cara dela. — Coloco o ovo de Maria Antonieta na caixa para secar, pego um ovo lilás e começo a colar pedrinhas da cor de bala. — Vou tentar visitá-los mais de agora em diante.

— É difícil — concorda Margot. — Quando eu for para casa no recesso de primavera, vamos lá juntas. Quero apresentar Ravi a Stormy.

Ravi é namorado de Margot há seis meses. Os pais dele são da Índia, mas ele nasceu em Londres, então tem um sotaque todo pomposo. Quando eu o conheci pelo Skype, eu falei: “Você fala que nem o príncipe William.” Ele riu e respondeu: “Ótimo.” Ele é dois anos mais velho que Margot, e talvez por ser mais velho, ou talvez por ser inglês, parece sofisticado e não é nem um pouco como Josh. Não de uma forma esnobe, mas definitivamente diferente. Com mais cultura, talvez, por crescer em uma cidade tão grande, ir ao teatro sempre que quer e conhecer dignitários e tal, porque a mãe dele é diplomata. Quando falei isso para Margot, ela riu e disse que é porque eu ainda não o conhecia pessoalmente, e que Ravi é nerd e nem um pouco parecido com o príncipe William. “Não deixe o sotaque enganar você”, disse ela. Margot vai trazer Ravi no recesso de primavera, então acho que vou descobrir logo, logo. O plano é Ravi ficar duas noites na nossa casa e pegar um voo para o Texas para visitar parentes. Margot vai ficar aqui em casa pelo resto da semana.

— Mal posso esperar para conhecê-lo de verdade — digo, e ela abre

um sorriso.

— Você vai adorar o Ravi.

Tenho certeza de que vou. Gosto de todo mundo de quem minha irmã gosta, mas o bom mesmo é que, agora que Margot conheceu Peter melhor, ela vê como ele é especial. Quando Ravi estiver aqui, nós quatro vamos poder sair juntos, um verdadeiro encontro duplo.

Minha irmã e eu estamos apaixonadas ao mesmo tempo e temos uma coisa que podemos compartilhar. Isso é maravilhoso!

NA MANHÃ SEGUINTE, passo o batom cor de papoula que Stormy acha bonito, coloco meus ovos de Páscoa em uma cesta branca de vime e vou até Bellevue. Paro na recepção a fim de deixar os ovos e conversar um pouco com Shanice. Pergunto quais são as novidades, e ela diz que há dois voluntários novos, ambos alunos da UVA, o que me faz me sentir menos culpada por não ir tanto lá.

Despeço-me de Shanice e vou para o quarto de Stormy com meu ovo de Páscoa. Ela atende a porta com um quimono cor de caqui e um batom combinando e grita:

— Lara Jean! — Ela me aperta em um abraço e depois diz: — Você está olhando para as minhas raízes, não está? Eu sei que preciso pintar o cabelo.

— Nem dá para perceber — garanto.

Ela fica muito animada com o ovo de Maria Antonieta. Diz que mal pode esperar para exibi-lo para Alicia Ito, sua amiga e rival.

— Você também trouxe um para Alicia?

— Só para você — respondo, e seus olhos claros brilham.

Nós nos sentamos no sofá, e ela balança o dedo para mim.

— Você deve estar muito apaixonada pelo seu rapaz, porque mal teve tempo de me visitar.

— Desculpa — digo com arrependimento. — Vou vir aqui visitar mais vezes agora que entreguei minhas candidaturas para as faculdades.

— Humpf!

O melhor jeito de lidar com Stormy quando ela está assim é usar de charme e elogios.

— Só estou fazendo o que você me disse para fazer, Stormy.

Ela inclina a cabeça para o lado.

— O que eu disse para você fazer?

— Você disse para sair em muitos encontros e muitas aventuras, como você fez.

Ela repuxa os lábios vermelho-alaranjados, tentando não sorrir.

— Bom, foi um conselho muito bom que eu dei para você. Continue ouvindo Stormy e tudo vai dar certo. Agora me conte alguma coisa *interessante*.

Eu dou uma gargalhada.

— Minha vida não é tão interessante.

Ela faz *tsc, tsc*.

— Não tem nenhuma festa chegando? Quando é o baile de

formatura?

— Só em maio.

— Bom, você tem vestido?

— Ainda não.

— É melhor começar a procurar. Não vai querer outra garota usando o mesmo vestido que você, querida. — Ela observa meu rosto. — Com sua pele, acho que você devia usar rosa. — Seus olhos se iluminam e ela estala os dedos. — Acabo de me lembrar! Tem uma coisa que quero dar para você. — Stormy dá um pulo, vai até o quarto e volta com uma caixinha de veludo.

Eu abro a caixa e solto um suspiro. É seu anel de diamante rosa! O que ganhou do veterano que perdeu a perna na guerra.

— Stormy, não posso aceitar isto.

— Ah, mas vai aceitar. Você é a garota certa para usá-lo.

Lentamente, tiro o anel e coloco na mão esquerda, e, ah, como brilha.

— É lindo! Mas eu não devia...

— É seu, querida. — Stormy pisca para mim. — Ouça meu conselho, Lara Jean. Nunca diga não quando quer mesmo dizer sim.

— Então... sim! Obrigada, Stormy! Eu prometo que vou cuidar bem dele.

Ela dá um beijo na minha bochecha.

— Sei que vai, querida.

Assim que chego em casa, guardo-o na minha caixa de joias, para não perder.

* * *

No mesmo dia, estou na cozinha com Kitty e Peter, esperando meus cookies com gotas de chocolate esfriarem. Nas últimas semanas, embarquei numa missão para aperfeiçoar essa minha receita, e Peter e Kitty têm sido meus companheiros de viagem. Kitty prefere que ele seja fino e crocante, enquanto Peter prefere mais denso. Meu cookie perfeito é uma combinação das duas coisas. Crocante, mas macio por dentro. De um marrom não tão intenso, mas com uma cor agradável e muito saboroso. Com uma certa altura, mas não muito grosso. É esse o cookie que estou procurando.

Já li todas as postagens de blog, vi fotos de todas as discussões sobre usar açúcar branco ou uma mistura de branco e mascavo, bicarbonato de sódio ou fermento, fava de baunilha ou extrato de baunilha, gotas de chocolate ou barras de chocolate picadas. Tentei congelar em bolinhas, amassar os cookies com o fundo de um pote para conseguir que se espalhassem uniformemente. Congelei massa em rolo e fatiei; fiz bolinhas com colher de sorvete e congelei. Congelei e

depois fiz bolinhas com colher de sorvete. Ainda assim, meus cookies crescem muito.

Desta vez, usei bem menos bicarbonato de sódio, mas os cookies ainda estão meio fofos, e estou disposta a jogar tudo fora por não estarem perfeitos. Claro que não faço isso, seria um desperdício de bons ingredientes. Então, eu me dirijo a Kitty:

— Você não disse que ficou encrencada semana passada por falar enquanto sua turma deveria estar lendo em silêncio? — Ela faz que sim. — Leve os cookies para sua professora e diga que foi você que fez e que quer se desculpar. — Estou ficando sem opções de pessoas para quem dar meus cookies. Já dei alguns para o carteiro, para o motorista da condução de Kitty, para as enfermeiras do trabalho do papai.

— O que você vai fazer quando descobrir a receita? — pergunta Kitty, a boca cheia de biscoito.

— É, qual é o objetivo de tudo isso? — diz Peter. — Quem liga se um cookie com gotas de chocolate está oito por cento melhor? Ainda é um cookie com gotas de chocolate.

— Vou ter o prazer de saber que possuo a receita perfeita de cookie com gotas de chocolate. Vou passá-la para a próxima geração de garotas Song.

— Ou garotos — diz Kitty.

— Ou garotos — concordo. Para ela, eu digo: — Agora suba e pegue um pote grande de vidro para guardarmos esses aqui. E uma fita.

— Você vai levar alguns para a escola amanhã? — pergunta Peter.

— Vamos ver — digo, porque quero vê-lo fazer aquele beicinho que amo tanto. Ele faz, e estico a mão e dou tapinhas nas bochechas dele. — Você é um bebezão.

— Você adora — comenta ele, pegando outro cookie. — Vamos botar logo o filme. Prometi para a minha mãe que ia na loja ajudar a mudar uns móveis de lugar.

A mãe de Peter é dona de um antiquário chamado Linden & White, e Peter a ajuda sempre que pode.

O filme da nossa lista de hoje é *Romeu + Julieta*, a versão de 1996 com Leonardo DiCaprio e Claire Danes. Kitty já viu mais de dez vezes, eu vi algumas partes e Peter nunca viu.

Kitty arrasta a almofada que serve como pufe do quarto dela para o andar de baixo e se acomoda no chão com um saco de pipoca de micro-ondas. Nosso mestiço de wheaten terrier, Jamie Fox-Pickle, se deita ao lado dela, sem dúvida torcendo por uma pipoca caída. Peter e eu estamos no sofá, encolhidos embaixo de um cobertor de lã de carneiro que Margot mandou da Escócia.

Assim que Leo aparece na tela com aquele terno azul-marinho, meu

coração acelera. Ele parece um anjo, um anjo lindo e problemático.

— Por que ele está tão estressado? — pergunta Peter, esticando a mão e roubando um pouco de pipoca de Kitty. — Ele não é tipo um príncipe?

— Ele não é príncipe — respondo. — Só é rico. E a família dele é muito poderosa na cidade.

— Ele é o cara dos meus sonhos — diz Kitty em um tom possessivo.

— Bom, ele já está adulto agora — falo, sem tirar os olhos da tela.

— Tem quase a idade do papai. — Ainda assim...

— Espere, eu achava que *eu* era o cara dos seus sonhos — diz Peter. Não para mim, para Kitty. Ele sabe que não é o cara dos meus sonhos. O cara dos meus sonhos é Gilbert Blythe, de *Anne de Green Gables*. Bonito, legal, bom na escola.

— Eca — diz Kitty. — Você é tipo meu irmão.

Peter parece genuinamente magoado, então eu dou um tapinha no ombro dele.

— Você não acha que ele é meio magrelo? — insiste Peter.

Eu o mando ficar quieto.

Ele cruza os braços.

— Não entendo por que vocês podem falar durante os filmes e eu tenho que calar a boca. Que ridículo.

— A casa é nossa — retruca Kitty.

— Sua irmã também me manda ficar quieto na minha casa!

Nós o ignoramos, as duas.

Na peça, Romeu e Julieta tinham só treze anos. No filme, estão mais para dezessete ou dezoito. Com certeza, ainda são adolescentes. Como eles sabiam que foram feitos um para o outro? Bastou os olhares se encontrarem através de um aquário? Eles sabiam que era um amor pelo qual valia a pena morrer? Porque eles sabem. Eles acreditam. Acho que a diferença é que, naquela época, as pessoas se casavam bem mais novas do que agora. Falando de forma realista, até que a morte nos separe provavelmente só queria dizer quinze ou vinte anos, porque as pessoas não viviam tanto na época.

Mas quando os olhares deles se cruzam através do aquário... quando Romeu sobe na sacada de Julieta e declara seu amor... não consigo evitar. Eu também acredito. Apesar de saber que eles mal se conhecem e que a história dos dois acaba antes mesmo de começar, e que a dificuldade real teria sido lidar com aquilo no dia a dia, com a escolha de ficarem juntos apesar de todos os obstáculos. Mesmo assim, acho que poderia ter dado certo se eles não tivessem morrido.

Quando os créditos passam pela tela, lágrimas escorrem pelas minhas bochechas e até Peter parece triste; mas a nada sentimental Kitty, com os olhos secos, apenas fica de pé em um pulo e diz que vai levar Jamie Fox-Pickle para fazer xixi lá fora. Eles saem, e ainda estou

perdida nas minhas emoções no sofá, enxugando as lágrimas.

— Eles tiveram um encontro fofo tão bom — digo.

— O que é um encontro fofo? — Peter está deitado de lado agora, a cabeça apoiada no cotovelo. Ele está tão lindo que tenho vontade de apertar suas bochechas, mas me controlo e não digo. Ele já é metido demais.

— É quando o herói e a heroína se encontram pela primeira vez. É sempre de um jeito bonitinho. E você sabe que eles vão acabar juntos. Quanto mais fofo, melhor.

— Tipo em *O Exterminador do Futuro*, quando Reese salva Sarah Connor do Exterminador e diz: “Venha comigo se quiser viver.” É uma fala incrível.

— Claro, acho que tecnicamente é um encontro fofo... Mas eu estava pensando mais em como é em *Aconteceu Naquela Noite*. Devíamos acrescentar esse filme à lista.

— É colorido ou preto e branco?

— Preto e branco.

Peter resmunga e volta a se deitar nas almofadas.

— Pena que não tivemos um desses — reflito.

— Você pulou em cima de mim no corredor da escola. Achei bem fofo.

— Mas nós já nos conhecíamos, então não conta. — Eu franzo a testa. — Nós nem lembramos como nos conhecemos. Que triste.

— Eu me lembro de quando conheci você.

— Não mesmo. Mentiroso!

— Ei, não é porque você não se lembra de uma coisa que eu também não me lembro. Eu me lembro de muitas coisas.

— Tudo bem, então como a gente se conheceu? — eu o desafio. Tenho certeza de que o que vai sair da boca de Peter agora vai ser mentira.

Peter abre a boca, depois a fecha.

— Não vou contar.

— Está vendo! Você não conseguiu inventar nada.

— Não, você não merece saber porque não acredita em mim.

Eu reviro os olhos.

— Tão enrolador.

Depois que tiro o filme, Peter e eu vamos nos sentar na varanda da frente e tomar chá gelado. Fiz na noite anterior. Está um pouco frio lá fora. Há um quê gelado no ar que deixa claro que a primavera ainda não chegou, mas está quase nos alcançando. A árvore no nosso jardim começa a florescer. Sopra uma brisa gostosa. Acho que eu poderia ficar ali a tarde toda, vendo os galhos balançarem e as folhas dançarem.

Ainda temos um tempo até ele ter que ir ajudar a mãe. Eu iria com

ele para cuidar da caixa registradora enquanto ele troca a mobília de lugar, mas, na última vez que Peter me levou, a mãe dele franziu a testa e disse que a loja era um ambiente de trabalho, não um “ponto de encontro para adolescentes”. A mãe de Peter não desgosta de mim abertamente, mas ainda não me perdoou por ter terminado com seu filho no ano passado. Ela é gentil comigo, mas vejo nela uma desconfiança, uma cautela. Ela me dá a impressão de estar sempre “esperando para ver”: esperando para ver quando vou magoar seu filho de novo. Eu sempre imaginei que teria um relacionamento ótimo no estilo Ina Garten com a mãe do meu primeiro namorado. Nós duas preparando o jantar juntas, compartilhando xícaras de chá e solidariedade, jogando palavras cruzadas em uma tarde chuvosa.

— Em que está pensando? — pergunta Peter. — Você está com aquela cara.

Eu mordo o lábio.

— Eu queria que a sua mãe gostasse mais de mim.

— Ela gosta de você.

— Peter. — Eu faço aquela cara para ele.

— Mas gosta! Se não gostasse, não convidaria você para jantar.

— Ela me convida para jantar porque quer ver você, não eu.

— Não é verdade. — Percebo que esse pensamento nunca passou pela cabeça dele, mas tem um pouco de verdade e Peter sabe.

— Ela queria que nós terminássemos antes da faculdade — falo de repente.

— Sua irmã também.

— Rá! — grito. — Então você está admitindo que sua mãe quer que a gente termine! — Não sei por que me sinto tão triunfante. A ideia é deprimente, apesar de eu já desconfiar disso.

— Ela não acha uma boa ideia ter um relacionamento sério quando se é tão jovem. Não tem nada a ver com você. Eu falei para ela: não é porque não deu certo entre você e o papai que vai ser assim com a gente. Eu não sou como o meu pai. E você não é como a minha mãe.

Os pais dele se separaram quando ele estava no sexto ano. O pai mora a trinta minutos daqui, com a nova esposa e dois filhos pequenos. Quando se trata do pai, Peter não fala muito. É raro ele tocar no assunto, mas este ano, do nada, o pai começou a tentar entrar em contato de novo: convidou-o para um jogo de basquete, para jantar na casa dele. Até o momento, Peter tem sido intransigente.

— Seu pai é parecido com você, fisicamente? Quer dizer, você é parecido com ele?

De mau humor, ele diz:

— Sou. É o que as pessoas sempre dizem.

Eu apoio a cabeça no ombro dele.

— Então ele deve ser muito bonito.

— Quando ele era jovem, acho que sim — concorda Peter. — Estou mais alto do que ele agora.

Isso é algo que Peter e eu temos em comum: ele só tem mãe e eu só tenho pai. Ele acha que a minha situação é melhor, pois seria preferível perder uma mãe que me amava a ter um pai que está vivo, mas é um cretino. Palavras dele, não minhas. Parte de mim concorda, porque tenho tantas lembranças boas da minha mãe, e ele quase não tem nenhuma do pai dele.

Eu adorava quando, depois do banho, eu me sentava de pernas cruzadas na frente dela e assistia à tevê enquanto ela desembaraçava meu cabelo. Eu me lembro de que Margot odiava ficar parada nessa hora, mas eu não me importava. É o tipo de lembrança de que mais gosto, mais uma sensação do que uma recordação propriamente dita. O eco de uma lembrança, com seus limites pouco nítidos, suave e sem nada muito especial, se misturando em um único momento. Outra lembrança assim era quando deixávamos Margot na aula de piano e mamãe e eu tomávamos sundaes em segredo no estacionamento do McDonald's. De caramelo e calda de morango; e ela me dava os amendoins dela, então eu tinha a mais. Uma vez, perguntei por que ela não gostava de amendoim no sundae, e ela disse que gostava, mas eu *amava*. E ela me amava.

Mas, apesar de todas essas boas lembranças que eu não trocaria por nada, eu sei que, mesmo que minha mãe fosse uma cretina, eu iria preferir que ela estivesse aqui. Um dia, espero que Peter sinta o mesmo em relação ao pai.

— Em que você está pensando agora? — pergunta Peter.

— Na minha mãe.

Peter coloca o copo no chão e se espreguiça e apoia a cabeça no meu colo. Olhando para mim, ele diz:

— Eu queria ter conhecido ela.

— Ela teria gostado de você — comento, tocando o cabelo dele. Com hesitação, pergunto: — Você acha que um dia vou conhecer seu pai?

Seu rosto fica um pouco sombrio, e eu desejo não ter tocado no assunto.

— Você não vai querer conhecê-lo. Não vale a pena. — Ele se aconchega mais para perto de mim. — Ei, acho que a gente podia ir de Romeu e Julieta no Halloween este ano. As pessoas da UVA se empolgam muito com as fantasias.

Eu me encosto no umbral da porta. Ele está mudando de assunto, e sei disso, mas o acompanho.

— Então iríamos como a versão de Romeu e Julieta de Leo e Claire.

— É. — Ele puxa minha trança. — Eu vou ser seu cavaleiro de armadura.

Toco no cabelo dele.

— Você estaria disposto a deixar seu cabelo crescer um pouco? E talvez... pintar de louro? Senão, as pessoas podem pensar que você é só um cavaleiro.

Peter está rindo tanto que duvido que tenha ouvido o resto da minha frase.

— Ah, meu Deus, Covey. Por que você é tão engraçada?

— Eu estava brincando! — Mais ou menos. — Mas você sabe como levo minhas fantasias a sério. Para que se dar ao trabalho de fazer uma coisa se for mais ou menos?

— Tudo bem, pode ser que eu concorde em usar uma peruca, mas não estou prometendo nada. Vai ser nosso primeiro Halloween na UVA.

— Eu já fui ao Halloween da UVA. — No primeiro ano de Margot com habilitação, levamos Kitty para pedir doces no gramado. Ela se vestiu de Batman. Eu me pergunto se ela gostaria de fazer isso de novo.

— Eu quero dizer que vamos finalmente poder ir às festas de Halloween da UVA. Vamos ter autorização para ir, sem ter que entrar escondidos. No primeiro ano, Gabe e eu fomos expulsos da festa de uma fraternidade, e foi o momento mais constrangedor da minha vida.

Eu olho para ele, surpresa.

— Você? Você nunca fica constrangido.

— Bom, eu fiquei naquele dia. Estava tentando conversar com uma garota com uma fantasia de Cleópatra, e uns caras mais velhos ficaram falando “Sai daqui, pirralho”, e ela e os amigos riram. Babacas.

Eu me inclino e beijo o rosto dele.

— Eu jamais riria.

— Você ri de mim o tempo todo.

Ele levanta a cabeça, puxa meu rosto para perto e nos beijamos no estilo Homem-Aranha.

— Você gosta quando eu rio de você — falo, e, sorrindo, ele dá de ombros.

COMEÇOU A SEMANA dos formandos, quando cada dia tem um tema. O de hoje é apoio a nossa escola, e estou usando a camiseta do uniforme de lacrosse de Peter e marias-chiquinhas com fitas nas cores da escola, azul-claro e branco. Peter pintou metade do rosto de azul, e a outra metade de branco. Quando ele foi me buscar de manhã, dei um grito ao vê-lo.

O resto da semana vai ser: na terça, dia dos anos 1970, na quarta, dia do pijama, na quinta, dia do personagem (o que mais estou esperando), e na sexta vamos no passeio de formandos. A votação estava entre Nova York e Disney, e Nova York venceu. Vamos em um ônibus fretado e passaremos um fim de semana prolongado lá. É o momento perfeito para uma viagem dessas, os formandos estão loucos para receber as respostas das faculdades, então uma distração é muito bem-vinda. As exceções são aqueles alunos que se candidataram antecipadamente e já sabem para onde vão, como Peter e Lucas Krapf, que vai estudar na Sarah Lawrence. A maioria dos alunos da minha turma vai ficar no estado. É como a nossa orientadora, a sra. Duvall, sempre diz: Qual é o sentido de morar na Virgínia se não for para aproveitar todas as ótimas faculdades daqui? Acho legal tantos de nós ficarem, não vamos nos espalhar pelos quatro cantos do mundo.

No almoço, quando Peter e eu estamos a caminho do refeitório, o grupo a capela está fazendo uma serenata para uma garota do segundo ano, cantando a música “Will You Still Love Me Tomorrow?”, mas com as palavras: “Quer ir ao baile comigo, Gina?” Nós paramos para ouvir antes de entrarmos na fila para pegar comida. O baile é só daqui a alguns meses, mas os convites entre os alunos já estão a todo vapor. Até o momento, o mais impressionante aconteceu semana passada, quando Steve Bledell *hackeou* o letreiro de avisos da escola e substituiu os eventos do dia por *Quer ir ao baile comigo, Liz?* O departamento de TI demorou dois dias para descobrir como fazer as coisas voltarem ao normal. Hoje de manhã, Darrell encheu o armário de Pammy com rosas vermelhas e escreveu BAILE? com pétalas na porta. O zelador gritou com ele por causa disso, mas aquilo resultou em fotos lindas no Instagram de Pammy. Não sei o que Peter está planejando. Ele não é muito de gestos românticos grandiosos.

Quando estamos na fila da comida, Peter estica a mão para um brownie, e eu digo:

— Não. Eu trouxe cookies.

Ele fica todo animado.

— Posso comer um agora? — pede. Eu tiro o pote da bolsa, Peter pega um e diz: — Não vamos dividir com mais ninguém.

— Tarde demais — comento, porque nossos amigos nos viram.

Darrell canta *“Her cookies bring all the boys to the yard”* enquanto nos aproximamos da mesa. Coloco o pote na mesa e os garotos brigam por ele, pegando cookies e os devorando como trolls.

Pammy consegue pegar um e diz:

— Vocês são uns animais.

Darrell joga a cabeça para trás e solta um som animalesco, fazendo ela rir.

— Estão deliciosos — grunhe Gabe, lambendo chocolate dos dedos.

— Ficaram bons — digo com modéstia. — Bons, mas não incríveis. Não perfeitos. — Eu quebro um pedaço do biscoito de Peter. — Ficam mais gostosos logo que saem do forno.

— Você pode ir à minha casa fazer cookies para eu saber qual é o gosto deles quando saem do forno? — Gabe morde outro e fecha os olhos, em êxtase.

Peter pega um.

— Parem de comer todos os cookies da minha namorada! — Mesmo um ano depois, ainda sinto um arrepio ao ouvi-lo dizer “minha namorada” e saber que sou eu.

— Você vai ficar barrigudo se não parar com essa merda — comenta Darrell.

Peter morde o cookie, levanta a camisa e bate na barriga.

— Tanquinho, amor.

— Você é uma garota de sorte, Laranjinha — diz Gabe.

Darrell balança a cabeça.

— Que nada, quem tem sorte é o Kavinsky.

Peter olha para mim e pisca, e meu coração bate mais rápido.

Tenho a sensação de que, quando eu tiver a idade de Stormy, as minhas grandes lembranças vão ser destes momentos do dia a dia: a cabeça de Peter inclinada, mordendo um cookie com gotas de chocolate; o sol entrando pela janela do refeitório, refletindo em seu cabelo castanho; ele olhando para mim.

Depois da aula, ele tem treino de lacrosse e fico na arquibancada fazendo meu dever de casa. Peter é o único do time que vai para uma faculdade que investe pesado em esportes, e o treinador White chora ao pensar em como eles vão ficar depois que Peter for embora. Não entendo todos os detalhes deste esporte, mas sei quando comemorar e quando vaiar. Só gosto de vê-lo jogar. Ele acha que toda jogada que faz vai terminar em um gol, e é o que costuma acontecer mesmo.

Papai e a sra. Rothschild são oficialmente um casal desde setembro. Kitty está nas nuvens; ela não perde uma oportunidade de levar crédito pela união dos dois.

“Foi tudo parte do meu plano genial”, gaba-se ela.

Eu tenho que tirar o chapéu. Kitty é uma garota de visão. Afinal, fez com que eu e Peter voltássemos, o que era bastante improvável, e agora estamos apaixonados.

Para quem não tem tanta coisa em comum, a sra. Rothschild e papai formam um casal surpreendentemente bom. (Mais uma vez, não muito diferente de mim e Peter.) A proximidade faz mesmo toda diferença. Dois vizinhos solitários, Netflix, dois cachorros, uma garrafa de vinho branco. Eu acho lindo. A vida de papai parece mais completa agora que a sra. Rothschild faz parte dela. Eles sempre saem juntos, fazem atividades de verdade. Tipo, em uma manhã de sábado, antes de nós acordarmos, eles saem para caminhar e ver o sol nascer. Eu nunca soube que papai era fã de fazer trilha, mas ele passou a gostar disso como um peixe gosta de água. Eles saem para jantar; vão a vinícolas, saem com os amigos da sra. Rothschild. Claro, ele ainda gosta de ficar em casa e ver documentários, mas seu mundo é bem maior com ela, e bem menos solitário, algo que eu nunca achei que ele fosse nesses oito longos anos desde que mamãe morreu. Mas, vendo-o agora tão cheio de energia e ocupado, percebo que ele deve ter sido. A sra. Rothschild come conosco algumas vezes por semana, e chegou a ponto de parecer estranho quando ela não está lá, à mesa da cozinha, com a gargalhada intensa e rouca e a taça de vinho branco ao lado do copo de cerveja de papai.

Depois do jantar naquela noite, quando pego cookies e sorvete para a sobremesa, papai diz:

— Mais cookies?

Ele e a sra. Rothschild trocam um olhar significativo. Enquanto espalha sorvete de baunilha em um cookie com a colher, papai comenta:

— Você anda fazendo muitos doces ultimamente. Deve estar bem estressada esperando as respostas das faculdades.

— Não tem nada a ver com isso. Só estou tentando aperfeiçoar minha receita de cookie com gotas de chocolate. Vocês deviam é me agradecer.

— Sabe — começa papai —, eu li um estudo que dizia que fazer doces é uma atividade terapêutica. Tem a ver com ficar pensando e mensurando ingredientes e usar a criatividade. Os psicólogos chamam de ativação comportamental.

— É, cada um lida da sua maneira — diz a sra. Rothschild, quebrando um pedaço de cookie e o colocando na boca. — Eu vou a minha aula de SoulCycle. É lá que encontro meu equilíbrio. — Se

Margot estivesse aqui, ela reviraria os olhos ao ouvir isso. A sra. Rothschild me fez ir com ela uma vez; eu fiquei o tempo todo perdendo o ritmo e não conseguia recuperá-lo. — Lara Jean, você tem que ir comigo outra vez. Tem um professor novo que toca música da Motown. Você vai adorar.

— Quando posso ir com você, Tri? — pergunta Kitty. Foi assim que Kitty passou a chamar a sra. Rothschild. Eu ainda penso nela como sra. Rothschild, e solto isso de vez em quando, mas, quando me lembro, tento chamá-la de Trina.

— Você pode ir comigo quando tiver doze anos — diz ela. — São as regras do SoulCycle.

É difícil acreditar que Kitty já tem onze anos. Ela tem onze, e eu vou fazer dezoito em maio. O tempo passa tão rápido. Eu olho para o outro lado da mesa, para papai, que está olhando para Kitty com um sorriso triste, depois se volta para mim. Sei que ele deve estar pensando a mesma coisa que eu.

Nossos olhares se encontram e papai canta “Lara Jean, *don’t you worry ‘bout a thing*” com sua melhor voz de Stevie Wonder, e nós todas gememos. Mordendo o sanduíche improvisado de sorvete, papai diz:

— Você se esforçou. Tudo vai ser como deve ser.

— Não tem como a UVA não aceitar você — comenta a sra. Rothschild.

— Bata na madeira — diz Kitty, batendo com os nós dos dedos na mesa da cozinha. Para mim, ela diz: — Você também.

Obedientemente, eu bato na madeira.

— O que bater na madeira quer dizer?

Papai se anima.

— Na verdade, dizem que o hábito veio da mitologia grega. De acordo com os mitos gregos, as dríades moravam nas árvores e as pessoas as invocavam por proteção. Daí, bater na madeira: aquele toque de proteção a mais para não provocar o destino.

Agora, somos eu, a sra. Rothschild e Kitty que trocamos olhares. Papai é tão careta que faz a sra. Rothschild parecer mais jovem, apesar de não ser tão mais velho do que ela. Ainda assim, dá certo.

* * *

Naquela noite, não consigo dormir, então me deito na cama e fico pensando nas minhas atividades extracurriculares. Meus pontos altos são Belview e meu estágio na biblioteca no verão passado. Minha nota do exame de admissão é mais alta do que a média da UVA. Margot entrou com apenas quarenta pontos a mais do que eu. Tirei dez em história americana na turma avançada. Sei de pessoas que passaram para a UVA com menos do que isso.

Com sorte, minha redação me ajudou a me destacar. Escrevi sobre minha mãe e minhas irmãs e como ela influenciou nossa formação, quando estava viva e quando não estava mais. A sra. Duvall disse que foi a melhor que ela leu em anos, mas ela sempre gostou das garotas Song, então quem sabe se isso é verdade.

Eu fico rolando por alguns minutos, e finalmente arranco as cobertas e saio da cama. Desço a escada e começo a pegar os ingredientes para fazer cookies com gotas de chocolate.

É QUINTA-FEIRA, DIA do personagem, o dia pelo qual eu mais esperava na semana. Peter e eu passamos horas repassando isso. Insisti muito para irmos de Alexander Hamilton e Elisa Schuyler, mas tive que desistir quando me dei conta de quanto seria caro alugar roupas coloniais tão em cima da hora. Acho que fantasias de casal talvez sejam minha parte favorita de ter namorado. Fora os beijos, as caronas e o próprio Peter.

Ele queria ir de Homem-Aranha e que eu colocasse uma peruca ruiva e fosse Mary Jane Watson, mais porque ele já tinha a fantasia... e, como ele está em ótima forma por causa do lacrosse, por que não dar às pessoas o que elas querem? Palavras dele, não minhas.

No final, decidimos ir de Tyler Durden e Marla Singer de *Clube da Luta*. Na verdade, foi ideia da minha melhor amiga, Chris. Ela, Kitty e eu estávamos assistindo a esse filme na minha casa e Chris disse: “Você e Kavinsky podiam ir como esses malucos.” Ela falou que iria chocar bastante as pessoas, ao menos no meu caso. A princípio, eu rejeitei a ideia, porque Marla não é oriental e prefiro usar fantasias de personagens orientais, mas a mãe de Peter arrumou uma jaqueta vermelha de couro em uma venda de garagem e tudo começou a se encaminhar nessa direção. Quanto à minha fantasia, a sra. Rothschild vai me emprestar coisas dela, porque ela era jovem nos anos 1990.

Hoje de manhã, a sra. Rothschild vem para cá antes do trabalho para me ajudar a me arrumar. Estou sentada à mesa da cozinha com o vestido preto dela, um casaco de pele falso e uma peruca, que Kitty está adorando bagunçar para deixar com aquele visual maluco de quem acabou de acordar. Fico batendo em suas mãos, cheias de mousse, e ela fica dizendo:

— Mas é o visual.

— Você tem sorte de eu ter mania de guardar as coisas — diz a sra. Rothschild, tomando café no copo térmico. Ela enfia a mão na bolsa e joga para mim um par de sapatos de plataforma bem altos. — Quando eu tinha vinte e poucos anos, o Halloween era minha festa favorita. Eu era a rainha da fantasia. É sua vez de carregar a coroa agora, Lara Jean.

— Você ainda pode ser a rainha.

— Não, usar fantasias é coisa de gente jovem. Se eu usasse uma fantasia sexy de Sherlock Holmes agora, ficaria com cara de desesperada. — Ela ajeita minha peruca. — Mas tudo bem. Minha época passou. — Para Kitty, ela diz: — O que você acha? Mais sombra

metálica?

— Não vamos exagerar — digo. — Ainda é a escola.

— O sentido de se fantasiar é exagerar — diz a sra. Rothschild com animação. — Tire muitas fotos quando chegar à escola. Me mande algumas para eu poder mostrar para os meus amigos do trabalho. Eles vão se divertir com... Nossa, falando em trabalho, que horas são?

A sra. Rothschild está sempre atrasada, uma coisa que deixa papai louco, porque ele está sempre dez minutos adiantado. E ela não muda!

Quando Peter vai me buscar, eu corro para fora de casa, abro a porta do carona e dou um berro quando o vejo. Ele está louro!

— Ah, meu Deus! — grito, tocando no cabelo dele. — Você descoloriu?

Ele dá um sorriso satisfeito consigo mesmo.

— É spray. Minha mãe que encontrou. Posso usar de novo quando fizermos Romeu e Julieta no Halloween. — Ele está olhando minha roupa. — Gostei dos sapatos. São sexy.

Posso sentir minhas bochechas ficando quentes.

— Para com isso.

Quando ele dá ré no carro, olha para mim de novo e diz:

— Mas é verdade.

Dou um empurrão nele.

— Só espero que as pessoas saibam quem eu sou.

— Pode deixar comigo — garante ele.

E ele cuida mesmo disso. Quando entramos no corredor dos formandos, Peter coloca alto no celular a música “Where Is My Mind?”, do Pixies, e as pessoas chegam a bater palmas para nós. Ninguém pergunta se sou um personagem de mangá.

* * *

Depois da aula, Peter e eu estamos deitados no sofá, seus pés sobrando na ponta. Ele ainda está de fantasia, mas eu coloquei roupas comuns.

— Você sempre usa as meias mais fofas — diz ele, levantando meu pé direito. As de agora são cinza com bolinhas brancas e carinhas amarelas de urso.

— Minha tia-avó manda da Coreia — digo com orgulho. — Eles têm as coisas mais fofas lá, sabe.

— Você pode pedir para ela me mandar algumas? Não de ursinhos, mas talvez de tigres. Tigres são másculos.

— Seus pés são grandes demais para meias fofas assim. Seus dedos iriam abrir um buraco na frente. Quer saber, aposto que consigo arrumar meias que cabem em você no... hum, no zoológico. — Peter se senta e começa a fazer cócegas em mim. Eu digo: — Aposto que os... pandas ou gorilas têm que... ficar com os pés quentinhos... no

inverno. Talvez também exista algum tipo de meia com tecnologia desodorante. — Eu caio na gargalhada. — Pare... pare de fazer cócegas!

— Então pare de falar mal dos meus pés!

Estou com a mão enfiada embaixo do braço dele, desesperadamente tentando fazer cócegas. Mas, ao fazer isso, fiquei vulnerável a mais ataques.

— Tudo bem, tudo bem, trégua! — grito.

Ele para, e eu finjo parar, mas faço cócegas debaixo de seu braço de novo, e ele solta um gritinho agudo que não soa como Peter.

— Você pediu trégua! — acusa ele. Nós dois assentimos e nos deitamos, sem fôlego. — Você acha mesmo que meus pés fedem?

Eu não acho. Adoro seu cheiro depois de um jogo de lacrosse, de suor e grama e de Peter. Mas também adoro implicar com ele, ver a expressão insegura e irritada em seu rosto só por um momento.

— Bom, quer dizer, nos dias de jogo... — falo.

Peter me ataca de novo e começamos a lutar, rindo. Nessa hora, Kitty entra na sala segurando uma bandeja com um sanduíche de queijo e um copo de suco de laranja.

— Vão lá para cima — diz ela, se sentando no chão. — Isso aqui é uma área pública.

Eu me desenrosco de Peter e olho de cara feia para ela.

— Nós não estamos fazendo nada de mais, *Katherine*.

— Sua irmã disse que eu tenho chulé — diz Peter, apontando para Kitty com o pé. — Ela está mentindo, não está?

Ela o empurra com o cotovelo.

— Não vou cheirar seu pé. — Ela estremece. — Vocês são uns pervertidos.

Eu dou um gritinho e jogo uma almofada nela.

Ela arfa.

— Você tem sorte de não ter derrubado meu suco! Papai vai matar você se estragar o tapete de novo. — Enfaticamente, ela diz: — Lembra o incidente com o removedor de esmalte?

Peter bagunça meu cabelo.

— Lara Jean, a desastrada.

Eu o empurro para longe.

— Eu não sou desastrada. Foi você que tropeçou nos próprios pés tentando alcançar a pizza outro dia na casa de Gabe.

Kitty começa a rir, e Peter joga uma almofada nela.

— Vocês precisam parar de fazer complô contra mim! — grita ele.

— Você vai ficar para o jantar? — pergunta ela quando as risadas passam.

— Não posso. Minha mãe vai fazer bife à milanesa.

Os olhos de Kitty se arregalam.

— Que sorte. Lara Jean, o que vamos comer?

— Botei alguns peitos de frango para descongelar — falo. Ela faz uma careta, e acrescento: — Se você não gosta, pode aprender a cozinhar. Não vou estar aqui para preparar o jantar quando for para a faculdade, sabe.

— Duvido. Acho que você vai vir aqui todas as noites. — Ela se vira para Peter. — Posso ir jantar na sua casa?

— Claro. Vocês duas podem ir.

Kitty começa a comemorar, mas eu a mando parar.

— Nós não podemos, porque aí papai teria que comer sozinho. A sra. Rothschild tem aula de SoulCycle hoje.

Ela dá uma mordida no sanduíche de queijo.

— Vou fazer outro sanduíche, então. Não quero comer frango velho com gosto de geladeira.

Eu me sento de repente.

— Kitty, eu preparo outra coisa se você fizer uma trança no meu cabelo amanhã de manhã. Quero alguma coisa especial para ir a Nova York. — Eu nunca fui a Nova York. Nas nossas últimas férias de família, fizemos uma votação e eu escolhi Nova York, mas fui vencida pelo México. Kitty queria comer tacos de peixe e nadar no mar e Margot queria ver ruínas maias e aproveitar para melhorar o espanhol. No final, fiquei feliz de ter perdido a votação. Foi a primeira vez que Kitty e eu saímos do país. Eu nunca tinha visto água tão azul.

— Faço uma trança no seu cabelo só se sobrar tempo depois de eu fazer a minha — diz Kitty, e é o melhor que posso esperar, acho. Ela é boa demais com penteados.

— Quem vai fazer tranças no meu cabelo quando eu estiver na faculdade?

— Eu — diz Peter, pura confiança.

— Você não sabe — debocho.

— Ela me ensina. Não ensina, garota?

— Por um preço — responde Kitty.

Eles negociam até decidirem que Peter vai levar Kitty e as amigas ao cinema no sábado à tarde. E é assim que eu acabo sentada no chão de pernas cruzadas, com Peter e Kitty sentados no sofá atrás, ela demonstrando como se faz uma trança embutida e Peter gravando no celular.

— Agora você — diz ela.

Ele perde mechas toda hora e fica frustrado.

— Você tem muito cabelo, Lara Jean.

— Se você não consegue a embutida, vou ensinar uma mais básica — diz Kitty, e é impossível não notar o desdém na voz dela.

Peter também percebe.

— Não, eu vou aprender. Só me dá um segundo. Se Lara Jean gosta

dos meus beijos, vai gostar também das minhas tranças. — Ele pisca para mim.

Kitty e eu gritamos com ele por causa disso.

— Não fale assim na frente da minha irmã! — grito, empurrando o peito dele.

— Eu estava brincando!

— Além do mais, você não beija *tão* bem. — Mas ele beija, sim.

Peter me olha com cara de *Quem você está querendo enganar?*, e eu dou de ombros, porque quem eu *quero* enganar?

* * *

Mais tarde, estou acompanhando Peter até o carro quando ele para na frente da porta do carona e pergunta:

— Quantos caras você beijou?

— Só três. Você, John Ambrose McClaren... — falo o nome dele rápido, como quem tira um Band-Aid, mas Peter ainda tem tempo de fazer cara feia. — E o primo de Allie Feldman.

— O garoto estrábico?

— É. O nome dele era Ross. Eu achava ele fofo. Foi em uma festa do pijama na casa da Allie. Eu o beijei por causa de um jogo de verdade ou consequência. Mas eu queria.

Ele me olha, pensativo.

— Então eu, John e o primo da Allie.

— Aham.

— Você está esquecendo uma pessoa, Covey.

— Quem?

— Sanderson!

Eu balanço a mão.

— Ah, isso não conta.

— O primo de Allie Feldman que você beijou por causa de um jogo de verdade ou consequência conta, mas *Josh* não, com quem você tecnicamente me traiu? — Peter balança o dedo para mim. — Hã-hã. Discordo.

Eu o empurro.

— Nós não estávamos juntos na época e você sabe disso!

— Isso é só um detalhe, mas tudo bem. — Ele me olha de soslaio. — Seu número é maior do que o meu. Eu só beijei Gen, Jamila e você.

— E a garota que você conheceu em Myrtle Beach com seus primos? Angelina?

Uma expressão estranha surge no rosto dele.

— Ah, é. Como você soube disso?

— Você se gabou para todo mundo! — Foi no verão antes do sétimo ano. Eu lembro que Genevieve ficou louca porque outra garota beijou

Peter antes dela. Nós tentamos encontrar Angelina na internet, mas não tínhamos muitas informações. Só o nome dela. — Então você beijou quatro garotas, e fez bem mais coisas com elas do que beijar, Peter.

— Tá, deixa pra lá.

Agora eu estava empolgada.

— Você é o único garoto que eu beije *pra valer*. E foi o primeiro. Primeiro beijo, primeiro namorado, primeiro tudo! Você é o primeiro em tantas coisas para mim, mas não sou nada disso para você.

— Na verdade, não é bem assim — diz ele timidamente.

Eu estreito os olhos.

— O que você quer dizer?

— Não existiu garota nenhuma na praia. Eu inventei a história.

— Não existiu nenhuma Angelina peituda?

— Eu nunca disse que ela era peituda!

— Disse, sim. Disse para Trevor.

— Tá, tudo bem! Caramba. Aliás, você não está entendendo o que eu quero dizer.

— O que você quer dizer, Peter?

Ele pigarreia.

— Naquele dia, no porão de McClaren. Meu primeiro beijo também foi com você.

De repente, eu paro de rir.

— Foi?

— Foi.

Fico olhando para ele.

— Por que você nunca me contou?

— Sei lá. Acho que esqueci. E é constrangedor eu ter inventado uma garota. Não conta pra ninguém!

Sou tomada por um sentimento de assombro que parece se espalhar pelo meu corpo. Então o primeiro beijo de Peter Kavinsky foi comigo. Que perfeito! Que maravilhoso!

Eu jogo os braços em volta dele e levanto o queixo com expectativa, esperando meu beijo de boa-noite. Ele esfrega o rosto no meu e fico feliz por ele ter bochechas lisas e quase não precisar se barbear. Fecho os olhos, inspiro o aroma dele e espero meu beijo. E ele dá um beijinho casto na minha testa.

— Boa noite, Covey.

Meus olhos se abrem.

— Só isso?

Com arrogância, ele diz:

— Você disse antes que eu não beijo bem, lembra?

— Eu estava brincando!

Ele pisca para mim e entra no carro. Eu o vejo ir embora. Mesmo

depois de um ano inteiro juntos, tudo ainda parece tão novo. Amar um garoto, ser amada por ele. Parece um pouco como um milagre.

Não entro em casa imediatamente. Só para o caso de ele voltar. Com as mãos nos quadris, espero vinte segundos até me virar, e é nessa hora que o carro volta pela rua e para na frente da minha casa. Peter coloca a cabeça para fora da janela.

— Tudo bem, vai — grita ele. — Vamos treinar.

Eu corro até o carro, puxo-o pela camiseta e viro o rosto para ele, mas então o empurro de volta e corro de costas, rindo e com o cabelo voando na cara.

— Covey!

— É isso que você ganha! — grito com alegria. — Vejo você no ônibus amanhã!

* * *

Naquela noite, quando estamos no banheiro escovando os dentes, eu pergunto a Kitty:

— Em uma escala de um a dez, quanto você vai sentir a minha falta quando eu for para a faculdade? Seja sincera.

— É cedo demais para esse tipo de conversa — diz ela, passando água na escova de dentes.

— Responda.

— Quatro.

— Quatro! Você disse seis e meio para Margot quando ela foi embora!

Kitty balança a cabeça para mim.

— Lara Jean, por que você tem que se lembrar de cada coisinha? Não é saudável.

— O mínimo que você pode fazer é fingir que vai sentir a minha falta! — explodo. — É a coisa gentil a se fazer.

— Margot estava indo para o outro lado do mundo. Você vai para quinze minutos daqui, então não vou nem ter oportunidade de sentir sua falta.

— Mesmo assim.

Ela coloca as mãos no peito.

— Tá. Que tal isto? Vou sentir tanto a sua falta que vou chorar todas as noites!

Eu abro um sorriso.

— Assim está melhor.

— Vou sentir tanto a sua falta que vou querer cortar os pulsos! — Ela ri como uma louca.

— Katherine. Não fale assim!

— Então pare de tentar arrancar elogios — diz ela, e vai para a

cama enquanto arrumo minha nécessaire para a viagem a Nova York amanhã.

Se eu entrar na UVA, acho que vou deixar algumas maquiagens, cremes e pentes em casa, para não ter que ficar carregando tudo de um lado para outro. Margot teve que pensar bem no que levaria para Saint Andrews, porque a Escócia é muito longe e ela não pode vir para casa com frequência. Acho que vou só levar as coisas para o outono e para o inverno e deixar as roupas de verão em casa, depois troco conforme as estações mudarem.

DE MANHÃ, PAPAI me leva para a escola, para eu pegar o ônibus fretado.

— Me ligue assim que estiver acomodada no quarto — diz ele enquanto estamos parados no sinal de trânsito perto da escola.

— Pode deixar.

— Você pegou os vinte dólares de emergência?

— Peguei.

Ontem à noite, papai me deu uma nota de vinte dólares para guardar no bolso secreto do casaco, só por precaução. Também estou com o cartão de crédito dele para gastar um pouco. A sra. Rothschild me emprestou um guarda-chuva pequenininho e um carregador portátil do celular.

Papai me olha de soslaio e suspira.

— Está tudo acontecendo tão rápido agora. Primeiro, seu passeio de último ano, depois o baile, depois a formatura. É só uma questão de tempo até você também sair de casa.

— Você ainda vai ter Kitty. Embora a gente saiba que ela não é um raio de sol. — Ele ri. — Se eu passar para a UVA, vou para casa toda hora, então “*don’t you worry about a thing*”. — Eu canto como ele cantou, imitando a voz de Stevie Wonder.

* * *

No ônibus, me sento ao lado de Peter, e Chris, com Lucas. Achei que seria difícil convencê-la a vir no passeio, e teria sido mesmo se a Disney houvesse ganhado. Mas ela também nunca foi a Nova York, então acabou sendo fácil.

Estamos na estrada há uma hora quando Peter faz todo mundo jogar Eu Nunca, e finjo estar dormindo. Nunca fiz muita coisa em relação a drogas e sexo, e é só disso que as pessoas querem falar. Por sorte, o jogo não dura muito, acho que porque é bem menos empolgante quando não tem bebida no meio. Quando estou abrindo os olhos, esticando os braços e “acordando”, Gabe sugere verdade ou consequência, e meu estômago despenca.

Desde o escândalo do meu vídeo com Peter no ofurô, ano passado, tenho certa vergonha do que as pessoas pensam que nós estamos fazendo ou deixando de fazer. Em termos de sexo, claro. E verdade ou consequência é muito pior do que Eu Nunca! *Com quantas pessoas você já transou? Você já participou de um ménage? Quantas vezes por dia você*

se masturba? Esses são os tipos de pergunta que costumam fazer, e se alguém perguntasse para mim, eu teria que dizer que sou virgem, e, de várias formas, isso é mais bizarro do que qualquer outra resposta. Normalmente, vou para a cozinha ou algum outro lugar quando começam a brincar disso nas festas. Mas não tenho para onde ir hoje, estamos em um ônibus e estou encurralada.

Peter me olha achando graça. Ele sabe o que está passando pela minha cabeça. Diz que não liga para o que as pessoas pensam, mas sei que não é verdade. É só olhar para o passado dele para ver que Peter se importa muito com o que pensam dele.

— Verdade ou consequência? — pergunta Gabe para Lucas.

Lucas toma um gole de Vitaminwater.

— Verdade.

— Você já transou com um cara?

Meu corpo todo fica tenso. Lucas é gay, já saiu do armário, mas não *tanto* assim. Ele não quer ter que se explicar para as pessoas o tempo todo, e por que deveria fazer isso? Não é da conta de ninguém.

Há um momento de hesitação, e Lucas diz:

— Não. Isso é uma proposta?

Todo mundo ri e Lucas está com um sorrisinho no rosto quando toma outro gole, mas consigo ver a tensão no pescoço dele, nos ombros. Deve ser desgastante ter que ficar sempre a postos para esse tipo de pergunta, pronto para mudar de assunto, sorrir, rir e levar na brincadeira. Comparado a isso, perguntarem sobre minha virgindade não parece ser tão importante. Mas eu ainda não quero ter que responder.

Torço para Lucas me escolher, porque sei que ele vai pegar leve comigo. Mas ele não deve reparar nos meus olhares de súplica, porque, em vez de me escolher, ele escolhe Genevieve, sentada algumas fileiras atrás, olhando para o celular. Ela está namorando um cara de outra escola que conheceu na igreja, então ninguém a vê muito agora. Eu soube por Chris que os pais de Genevieve se separaram e que o pai foi morar em um apartamento de luxo com a namorada. Chris disse que a mãe de Genevieve teve um colapso nervoso e precisou ser hospitalizada por alguns dias, mas as coisas estão melhores agora, o que me deixa feliz. Peter enviou narcisos para a mãe dela quando ela voltou para casa e ficamos pensando no que escrever no cartão. Acabamos decidindo por *Melhoras, Wendy. Com amor, Peter*. As flores foram ideia minha e ajudei a pagar por elas, mas claro que não assinei meu nome no cartão. Só fiz isso porque sempre gostei de Wendy; ela sempre foi legal comigo, desde que eu era pequena. Ainda sinto um nó de nervoso na barriga quando vejo Genevieve, mas não está tão ruim quanto era antes. Sei que nunca mais vamos ser amigas e já aceitei isso.

— Verdade ou consequência, Gen — diz Lucas.

Ela ergue o rosto e na mesma hora responde:

— Consequência.

Claro que Genevieve escolhe consequência. Ela é muitas coisas, mas não é covarde. Eu prefiro fazer qualquer coisa a responder uma pergunta sobre sexo, então é provável que escolha consequência também.

Lucas desafia Genevieve a se sentar ao lado do sr. Jain e apoiar a cabeça no ombro dele.

— Mas tem que parecer real — afirma Lucas.

Todo mundo morre de rir. Dá para ver que ela não quer fazer isso, mas Gen não é covarde.

Nós todos ficamos olhando enquanto ela anda pelo corredor e para na fila do sr. Jain. Ele é o novo professor de biologia, começou este ano. É jovem e bonito. Usa calça jeans skinny e camisas de botão para o trabalho. Genevieve se senta ao lado dele, e só consigo ver a parte de trás da cabeça dela enquanto conversam. Ele está sorrindo. Ela chega mais perto e apoia a cabeça no ombro dele, e ele pula como um gato assustado. Todo mundo ri, e o sr. Jain se vira e balança a cabeça para nós, aliviado por ser uma brincadeira.

Genevieve retorna, triunfante. Senta-se em seu lugar e olha ao redor. Nossos olhares se cruzam por um momento, e meu estômago despenca. Mas ela afasta o olhar.

— Verdade ou consequência, Chrissy.

— Esse jogo é tão bobo — reclama Chris. Gen só fica olhando para ela, as sobrancelhas erguidas em desafio, e, por fim, Chris revira os olhos. — Tanto faz. Verdade.

Quando elas se enfrentam assim, é impossível não perceber que são parentes: primas de primeiro grau pelo lado materno.

Genevieve leva um tempo pensando na pergunta, mas logo dá o golpe de misericórdia.

— Você brincou ou não brincou de médico com nosso primo Alex quando estávamos no fundamental? Não minta.

Todo mundo está batendo palmas e gritando, e o rosto de Chris fica bem vermelho. Lanço um olhar solidário a ela. Sei a resposta para essa pergunta.

— Verdade — murmura ela, e todo mundo grita.

Para a minha sorte, é nessa hora que o sr. Jain se levanta e coloca um DVD no aparelho, então o jogo acaba e minha vez não chega. Chris se vira e me diz em voz baixa:

— Você se safou.

— Sei bem disso — sussurro de volta, e Peter ri.

Ele pode rir quanto quiser, mas tenho certeza de que também está um pouco aliviado. Peter nunca disse nada, mas duvido que queira

que todo o último ano saiba que ele e a namorada de um ano (ou mais, se contarmos nosso relacionamento falso) nunca transaram.

* * *

Quase ninguém da nossa turma esteve antes em Nova York, então estamos um pouco impressionados com tudo o que vemos. Acho que nunca estive em um lugar tão movimentado. É uma cidade com vida própria. Não consigo acreditar na quantidade de pessoas que vivem aqui, no quanto é lotada, no quanto todo mundo parece sofisticado. Todo mundo parece... gente da cidade. Exceto os turistas, claro. Chris tenta fazer cara de tédio, de quem não está nem aí pra nada, mas, ao chegarmos ao metrô para ir ao edifício Empire State, ela não se segura no apoio e quase cai quando paramos de repente.

— É diferente de Washington — murmura ela.

Sem dúvida. Washington é a cidade grande mais próxima de Charlottesville, mas ainda é uma cidade pequena e pacata em comparação com Nova York. Tem tanta coisa para ver, tantas lojas que gostaria de visitar. Todo mundo está com pressa; todos têm planos e lugares onde estar. Uma senhora grita com Peter por andar enquanto digita no celular, o que faz todo mundo rir, e, pela primeira vez, Peter fica envergonhado. É tudo tão impressionante.

Quando chegamos ao Empire State, faço Peter tirar uma selfie comigo no elevador. No topo, me sinto meio tonta por causa da altura. A sra. Davenport manda eu me sentar com a cabeça entre os joelhos por uns minutos, e isso ajuda. Quando a náusea passa, eu me levanto e vou procurar Peter, que desapareceu durante meu momento de necessidade.

Quando dobro a esquina, escuto Peter gritando:

— Espere! Espere! Senhor!

Ele está indo atrás de um segurança, que se aproxima de uma mochila vermelha no chão.

O segurança se inclina e pega a mochila.

— Essa mochila é sua? — pergunta ele.

— Hã, é...

— Por que você a deixou no chão?

O homem abre o zíper, puxa um urso de pelúcia. Peter olha ao redor.

— Você pode colocar isso de volta na mochila? É meu convite de baile para a minha namorada. É para ser uma surpresa.

O segurança está balançando a cabeça. Ele resmunga alguma coisa e começa a olhar a mochila de novo.

— Senhor, por favor, aperte o urso.

— Eu não vou apertar o urso — retruca o segurança.

Peter estica a mão e aperta o urso, que diz: “Quer ir ao baile comigo, Lara Jean?”

Eu coloco as mãos na boca, louca de alegria.

Com severidade, o segurança diz:

— Você está em Nova York, garoto. Não pode deixar uma mochila no chão para fazer um pedido.

— Não é um pedido, é um *convite* — corrige Peter, e o segurança olha de cara feia. — Desculpa. Posso pegar o urso de volta? — Ele me vê nessa hora. — Conte para ele que *Sintonia de Amor* é seu filme favorito, Lara Jean!

Eu corro até lá.

— Senhor, é meu filme favorito. Por favor, não o expulse.

O segurança está tentando não sorrir.

— Eu não ia expulsar ninguém — diz ele para mim. Para Peter, diz: — Mas preste mais atenção na próxima vez. Em Nova York, fique sempre alerta. Se vemos alguma coisa, nós dizemos, sacou? Isto aqui não é a cidadezinha de onde vocês vieram. Aqui é *Nova York*. Nós não estamos de brincadeira.

Peter e eu assentimos, e o segurança vai embora. Assim que se afasta, Peter e eu nos olhamos e caímos na gargalhada.

— Alguém avisou aos seguranças sobre minha mochila! Merda, ferrou meu convite.

Pego o ursinho na mochila e o abraço contra o peito. Estou tão feliz que nem digo para ele não falar palavrão.

— Eu adorei.

— Você ia dobrar a esquina e ver a mochila perto dos telescópios. Ia pegar o urso, apertar e...

— Como eu ia saber que tinha que apertar?

Peter tira um pedaço de papel amassado da mochila. Está escrito *Me aperte*.

— Caiu quando o segurança estava mexendo na mochila. Está vendo? Eu pensei em tudo.

Em tudo, menos nas consequências de deixar uma bolsa largada em um lugar público em Nova York, mas o que vale é a intenção! E a intenção foi muito fofa. Eu aperto o urso, e de novo ele diz: “Quer ir ao baile comigo, Lara Jean?”

— Quero sim, Howard.

Howard é o nome do ursinho de *Sintonia de Amor*, é claro.

— Por que você está dizendo sim para ele e não para mim? — pergunta Peter.

— Porque foi ele quem me perguntou. — E ergo as sobrancelhas para ele, esperando.

Revirando os olhos, Peter murmura:

— Lara Jean, quer ir ao baile comigo? Caramba, você é muito

exigente.

Eu estico o urso para ele.

— Eu quero, mas primeiro beije Howard.

— Covey. Não. Merda, não.

— Por favor! — Olho para ele suplicante. — Como no filme, Peter.

Resmungando, ele beija, na frente de todo mundo, e é assim que sei que Peter é inteira e totalmente meu.

* * *

— O que você acha? — sussurra Peter para mim no ônibus a caminho do hotel em Nova Jersey. — Devemos sair escondidos depois da contagem e vir para a cidade?

Ele está brincando — sabe que não sou do tipo que sai escondida em um passeio da escola —, por isso arregala os olhos quando eu respondo:

— E como a gente ia chegar à cidade? Os táxis vão de Nova Jersey para Nova York? — Não consigo nem acreditar que estou avaliando a possibilidade. É tão incomum para mim. Na mesma hora, acrescento: — Não, não, deixa pra lá. Nós não podemos. Nós íamos nos perder, ser roubados e depois mandados para casa, e eu ficaria morrendo de raiva por não ter conhecido o Central Park e todo o resto.

Peter me olha em dúvida.

— Você acha mesmo que Jain e Davenport nos mandariam para casa?

— Talvez não, mas eles nos fariam ficar no hotel o dia todo como punição, o que é ainda pior. Não podemos correr esse risco. — Depois: — O que faríamos? — Estou brincando de fingir agora, não planejando nada, mas Peter me acompanha.

— Poderíamos ouvir música ao vivo ou ir a um show de comédia. Às vezes, comediantes famosos fazem apresentações surpresa.

— Eu queria que a gente pudesse ver *Hamilton*.

Quando passamos pela Times Square, Lucas e eu inclinamos a cabeça para tentar vislumbrar a marquise com o cartaz de *Hamilton*, mas não conseguimos ver nada.

— Amanhã quero comer um bagel de Nova York e ver se é tão bom quanto o bagel do Bodo's. — Bodo's Bagels é um lugar famoso em Charlottesville e temos muito orgulho dos bagels de lá.

Coloco a cabeça no ombro dele e bocejo.

— Queria que a gente pudesse ir à Levain Bakery, para eu poder experimentar os cookies de lá. Dizem que são melhores que qualquer outro cookie com gotas de chocolate que você já tenha comido. Eu também quero ir à loja de chocolate de Jacques Torres. O cookie com gotas de chocolate dele é incrível, sabe? É realmente lendário...

Meus olhos se fecham, e Peter acaricia meu cabelo. Estou começando a adormecer quando percebo que ele está desfazendo as tranças estilo tiara que Kitty fez na minha cabeça. Abro os olhos.

— Peter!

— Shh, volte a dormir. Quero treinar.

— Você nunca vai deixar do jeito que ela fez.

— Só quero tentar — diz ele, juntando grampos na palma da mão.

Quando chegamos ao hotel em Nova Jersey, apesar dos esforços dele, minhas tranças estão irregulares, frouxas e não ficam no lugar.

— Vou mandar uma foto para Kitty ver que péssimo aluno você é — digo enquanto reúno minhas coisas.

— Não faça isso — diz Peter na mesma hora, o que me faz sorrir.

* * *

O dia seguinte parece de primavera, apesar de estarmos em março. O sol está brilhando e as flores começam a desabrochar. Parece que estou em *Mensagem para Você*, quando Kathleen Kelly vai encontrar Joe Fox no Riverside Park. Eu adoraria ver o jardim onde eles se beijam no final do filme, mas nosso guia nos leva até o Central Park. Chris e eu estamos tirando fotos do mosaico de *Imagine* em Strawberry Fields quando percebo que Peter não está por perto. Pergunto a Gabe e Darrell, mas os dois não o viram. Mando uma mensagem, mas ele não responde. Estamos prestes a ir para Sheep Meadow fazer um piquenique e começo a entrar em pânico: e se o sr. Jain ou a sra. Davenport repararem que Peter não está aqui? Ele chega correndo na hora que estamos saindo. Não está nem um pouco sem fôlego e nem um pouco preocupado de quase ter sido deixado para trás.

— Onde você estava? — pergunto. — Nós quase fomos embora!

Com expressão triunfante, ele mostra um saco de papel pardo.

— Abra e veja.

Eu pego o saco da mão dele e olho dentro. É um cookie com gotas de chocolate da Levain, ainda quente.

— Ah, meu Deus, Peter! Você é tão atencioso. — Eu fico nas pontas dos pés e o abraço, depois me viro para Chris. — Ele é muito atencioso, não é, Chris?

Peter é fofo, mas nunca *tão* fofo. São duas coisas românticas seguidas, então acho que devo elogiá-lo, porque ele reage muito bem a reforço positivo.

Ela já está com a mão dentro do saco e enfia um pedaço de cookie na boca.

— Muito atencioso. — Chris tenta pegar outro pedaço, mas Peter tira o saco de perto dela.

— Caramba, Chris! Deixe a Covey comer antes de você devorar o

troço inteiro.

— Então por que você só comprou um?

— Porque é gigante! E custou uns cinco dólares.

— Não consigo acreditar que você saiu para comprar isso só para mim — digo. — Você não teve medo de se perder?

— Não — afirma ele, todo orgulhoso. — Eu olhei no Google Maps e saí sem ninguém perceber. Fiquei um pouco perdido quando voltei para o parque, mas me ajudaram a encontrar este lugar. Os novaiorquinos são muito simpáticos. Aquele papo todo de eles serem grosseiros deve ser mentira.

— É verdade. Todo mundo que nós conhecemos foi gentil. Menos aquela senhora que gritou com você por andar digitando no celular — diz Chris, rindo de Peter, que faz cara feia para ela.

Dou uma mordida grande no biscoito. O cookie Levain está mais para um *scone*, denso e massudo. Pesado também. Não é de forma nenhuma parecido com nenhum cookie com gotas de chocolate que eu já tenha provado.

— E aí? — pergunta Peter. — Qual é o veredito?

— É único. Não há nada igual. — Estou dando outra mordida quando a sra. Davenport se aproxima e nos apressa, olhando o cookie na minha mão.

Nosso guia está carregando uma imitação da tocha da Estátua da Liberdade para nos guiar pelo parque. É bem constrangedor, e queria que pudéssemos ir cada um para o seu lado explorar a cidade, mas não. Ele usa rabo de cavalo e um colete cáqui, e o acho meio brega, mas a sra. Davenport parece gostar dele. Depois do Central Park, pegamos o metrô para o centro e atravessamos a ponte do Brooklyn. Enquanto todo mundo está na fila para tomar sorvete no Brooklyn Ice Cream Factory, Peter e eu corremos até a loja de chocolates Jacques Torres. Foi ideia de Peter. Claro que peço permissão à sra. Davenport. Ela está ocupada falando com o guia, então nos dispensa. Eu me sinto tão crescida andando pelas ruas de Nova York sem estar acompanhada por um adulto.

Quando chegamos à loja, estou tão empolgada que chego a tremer. Finalmente vou experimentar o famoso cookie com gotas de chocolate do Jacques. Dou uma mordida. O biscoito é fino, massudo, denso. O chocolate se acumulou em cima e endureceu! A manteiga e o açúcar estão quase caramelizados. É o paraíso.

— O seu é melhor — diz Peter, a boca grosseiramente cheia, e eu o mando ficar quieto e olho em volta para ver se a garota na caixa registradora ouviu.

— Pare de mentir.

— Não estou mentindo!

Ele está.

— Só não sei por que os meus não são como os dele.

— Devem ser os fornos industriais.

Parece que vou ter que aceitar meu cookie com gotas de chocolate não tão perfeito e ficar contente com isso.

Quando saímos porta afora, reparo em uma confeitaria do outro lado da rua chamada Almondine e em outra na esquina seguinte chamada One Girl Cookies. Nova York é mesmo uma cidade que ama confeitaria.

Peter e eu voltamos para a sorveteria de mãos dadas. Todos estão no píer, sentados em bancos, tomando sorvete, tirando selfies com os prédios de Manhattan atrás. Nova York continua a me surpreender com sua beleza.

Peter deve estar pensando a mesma coisa, porque aperta minha mão e diz:

— Esta cidade é incrível.

— É mesmo.

* * *

Estou dormindo profundamente quando ouço uma batida na porta. Acordo assustada. Ainda está escuro lá fora. Na cama do lado oposto do quarto, Chris nem se mexe.

Ouçó a voz de Peter do outro lado da porta.

— Ei, Covey, sou eu. Quer ir ver o nascer do sol no telhado comigo?

Eu saio da cama e abro a porta, e ali está Peter, com um moletom da UVA, segurando um copo de isopor com café e outro com um saquinho de chá pendurado pela lateral.

— Que horas são?

— Cinco e meia. Vamos logo, pegue o casaco.

— Certo, preciso de uns minutos — sussurro. Corro até o banheiro, escovo os dentes e procuro o casaco na escuridão. — Não consigo achar meu casaco!

— Pode botar meu moletom — oferece Peter da porta.

De debaixo do cobertor, Chris resmunga:

— Se vocês não calarem a boca, eu juro por Deus...

— Desculpa. Quer ver o nascer do sol com a gente?

Peter me lança um olhar emburrado, mas a cabeça de Chris ainda está debaixo do cobertor, então ela não vê.

— Não. Vai logo!

— Desculpa, desculpa. — E saio correndo pela porta.

Pegamos o elevador até o alto, e ainda está escuro lá fora, mas já começa a clarear. A cidade está acordando. Na mesma hora, Peter tira o moletom, eu levanto os braços e ele o veste em mim. Está quente e

tem cheiro do sabão em pó que a mãe dele usa.

Peter se inclina no parapeito e olha para a cidade do outro lado do rio.

— Você consegue nos imaginar morando aqui depois da faculdade? A gente podia morar em um arranha-céu. Com porteiro. E academia.

— Eu não quero morar em um arranha-céu. Quero morar em uma casinha de tijolos marrons em West Village. Perto de uma livraria.

— A gente dá um jeito — diz ele.

Eu também me inclino no parapeito. Jamais teria me imaginado morando em Nova York. Antes de vir para cá, parecia um lugar tão intimidante, para pessoas fortes que não têm medo de se meter em uma briga com alguém no metrô, ou para homens de terno que trabalham em Wall Street, ou para artistas que moram em estúdios no SoHo. Mas agora que estou aqui, não dá tanto medo, não com Peter ao meu lado. Dou uma espiada nele. É assim que acontece? Você se apaixona e nada mais parece assustador, e a vida é apenas uma grande possibilidade?

A VIAGEM DE volta para a Virgínia leva seis horas, e durmo durante boa parte dela. Está escuro quando chegamos ao estacionamento da escola, e vejo o carro do papai parado na frente. Já faz muito tempo que nós temos nossos próprios carros e ninguém mais nos leva ou busca, mas entrar no estacionamento da escola e ver todos os pais ali nos esperando dá uma sensação de estar de novo no ensino fundamental, quando a gente volta de um passeio. É uma sensação boa. No caminho de volta, compramos uma pizza, e a sra. Rothschild vai para a nossa casa. Ela, papai, Kitty e eu comemos na frente da tevê.

Depois disso, desfaço a mala, faço o pouco de dever que falta, converso com Peter pelo telefone e me preparo para ir dormir. Mas acabo rolando de um lado para outro pelo que parece uma eternidade. Talvez seja porque dormi bastante no ônibus, ou talvez seja o fato de que a qualquer momento posso receber notícias da UVA. Seja como for, não consigo dormir, então eu desço sem fazer barulho e começo a abrir gavetas.

O que eu poderia fazer a essa hora da noite que não envolvesse esperar a manteiga amolecer? Essa é uma pergunta constante na minha vida. A sra. Rothschild diz que devíamos deixá-la em uma manteigueira fora da geladeira, como ela faz, mas nós não somos uma família que deixa a manteiga fora da geladeira, somos uma família que a guarda na geladeira. Além do mais, manteiga mole demais pode estragar a química do bolo, e na Virgínia, na primavera e no verão, a manteiga derrete rápido.

Acho que eu podia finalmente tentar fazer a mistura de brownie e pãozinho de canela que ando bolando: a receita de brownie de Katharine Hepburn com um toque de canela e cream cheese com canela salpicada por cima.

Estou derretendo chocolate em banho-maria e já arrependida de ter começado essa receita tão tarde quando papai entra na cozinha com o roupão xadrez que Margot deu para ele no Natal passado.

— Não está conseguindo dormir também, é? — diz ele.

— Estou experimentando uma receita nova. Acho que vou chamar de brownela. Ou brownierela.

— Boa sorte na hora de acordar amanhã — diz papai, massageando a nuca.

Eu dou um bocejo.

— Sabe, eu estava pensando que você poderia ligar para a escola por mim, assim eu dormiria até um pouco mais tarde, e depois nós

dois poderíamos tomar um café da manhã gostoso e relaxante juntos, um programa de pai e filha. Eu posso fazer omelete de cogumelo.

Ele ri.

— Boa tentativa. — Ele me empurra para a escada. — Eu termino o brownierela, ou sei lá qual é o nome. Vá para cama.

Dou outro bocejo.

— Posso confiar em você para fazer a cobertura de cream cheese?

— Papai faz uma expressão alarmada, e eu digo: — Esqueça. Posso terminar de fazer a massa e assar amanhã.

— Eu ajudo.

— Estou quase acabando.

— Eu não me importo.

— Tudo bem. Você pode medir um quarto de xícara de farinha?

Papai assente e pega o medidor.

— Esse é o medidor dos líquidos. Precisamos do medidor de ingredientes secos, para você poder tirar o excesso de farinha. — Ele volta ao armário e os troca. Fico observando papai colocar farinha e passar uma faca para nivelar o topo. — Muito bom.

— Eu aprendi com a melhor.

Inclino a cabeça para ele.

— Por que você ainda está acordado, papai?

— Ah. Acho que tem muita coisa na minha cabeça. — Ele fecha o pote de farinha e para, hesitando antes de perguntar: — O que você acha da Trina? Gosta dela, não é?

Eu tiro a panela de chocolate do fogo.

— Eu gosto muito dela. Acho que talvez até a ame. *Você a ama?*

Desta vez, papai não hesita.

— Amo.

— Ah, que bom. Eu fico feliz.

Ele parece aliviado.

— Que bom — responde ele. E, mais uma vez: — Que bom.

As coisas devem estar bem sérias se ele está me perguntando isso. Será que ele está pensando em convidá-la para vir morar conosco? Antes que eu possa perguntar qualquer coisa, ele diz:

— Ninguém vai substituir a sua mãe. Você sabe disso, não sabe?

— Claro que sei. — Lambo a colher de chocolate com a ponta da língua. Está quente, muito quente. É bom ele amar de novo, ele ter alguém, uma companheira de verdade. Ele estava sozinho havia tanto tempo que parecia normal, mas agora tudo está melhor. E ele está feliz, qualquer um consegue ver. Agora que a sra. Rothschild está aqui, não consigo imaginá-la em outro lugar. — Fico feliz por você, papai.

DURANTE TODA A manhã, fico olhando meu celular, como praticamente todos os formandos da escola estão fazendo a semana inteira. A segunda chegou e acabou sem notícias da UVA, depois a terça, depois a quarta. Hoje é quinta-feira e nada ainda. O departamento de admissão da UVA sempre envia os comunicados antes do primeiro dia de abril, e, no ano passado, os comunicados chegaram na terceira semana de março, então pode ser a qualquer dia agora. Acontece assim: eles botam um aviso nas mídias sociais para as pessoas verificarem o Sistema de Informações Estudantis, você acessa o sistema e descobre seu destino.

Antigamente, as faculdades enviavam os comunicados por carta. A sra. Duvall diz que às vezes os pais ligavam para a escola quando o carteiro chegava, e o aluno pulava no carro e ia para casa o mais rápido possível. Há algo de romântico em esperar uma carta pelo correio, uma carta que define seu destino.

Estou na aula de francês, a última do dia, quando alguém grita:

— A UVA tuitou! Divulgaram os resultados!

Madame Hunt diz:

— *Calmez-vous, calmez-vous.*

Mas todo mundo está se levantando e pegando o celular, sem prestar atenção.

É agora. Minhas mãos estão tremendo quando acesso o sistema; meu coração bate a um milhão de quilômetros por minuto, esperando o site carregar.

A Universidade da Virgínia recebeu mais de 30.000 formulários de candidatura este ano. O Comitê de Admissão examinou seu formulário e avaliou com atenção suas credenciais acadêmicas, pessoais e extracurriculares, e embora seu formulário fosse muito forte, lamentamos informar...

Não pode ser real. Estou em um pesadelo e vou acordar a qualquer momento. Acorde, acorde, acorde.

Ao longe, ouço vozes ao meu redor. Ouço um grito de alegria no corredor. O sinal toca, e as pessoas pulam das cadeiras e saem correndo porta afora.

— Eles só costumam divulgar depois do horário escolar — murmura madame Hunt.

Ergo o olhar, e ela está me observando com olhos tristes e solidários. Olhos de mãe. São os olhos dela que acabam comigo.

Está tudo arruinado. Meu peito dói. É difícil respirar. Todos os meus planos, tudo com que eu estava contando, nada vai ser real agora. Eu voltando para jantar em casa no domingo, lavando roupa durante a semana à noite com Kitty, Peter me acompanhando até as aulas, eu estudando a noite toda na Biblioteca Clemons. Acabou.

Nada vai ser como o planejado.

Olho para o celular e leio as palavras novamente. *Lamentamos informar...* Minha visão fica borrada. Eu leio tudo de novo, desde o começo. Não entrei nem na lista de espera. Não tenho nem isso.

Eu me levanto, pego a minha bolsa e saio da sala. Sinto um vazio no peito, mas ao mesmo tempo uma percepção intensa do meu coração disparado, dos ouvidos latejando. Parece que todas as partes estão se movendo e continuando a funcionar como sempre, mas estou completamente entorpecida. Eu não entrei. Eu não vou para a UVA. Eles não me querem.

Estou indo até meu armário, ainda atordoada, quando quase esbarro em Peter, que está dobrando a esquina. Ele me segura.

— E aí? — Os olhos dele estão brilhantes, ansiosos e cheios de expectativa.

Minha voz sai parecendo muito distante.

— Eu não entrei.

Ele fica boquiaberto.

— Espere... como assim?

Consigo sentir um caroço se formando na minha garganta.

— Não entrei.

— Nem na lista de espera?

Balanço a cabeça.

— Merda. — A palavra é uma expiração longa. Peter parece perplexo. Ele solta meu braço. Percebo que não sabe o que dizer.

— Tenho que ir — digo, dando as costas para ele.

— Espere... eu vou com você!

— Não vai, não. Você tem jogo de despedida hoje. Não pode perder.

— Covey, não estou nem aí pro jogo.

— Não, eu prefiro que você vá. Só... Eu ligo para você mais tarde.

Ele estica a mão para mim, e eu desvio dele e saio andando pelo corredor. Peter chama meu nome, mas eu não paro. Tenho que chegar ao carro antes de começar a chorar. Ainda não. Só mais cem passos, e cem depois desses cem.

Chego no estacionamento antes de as lágrimas caírem. Eu choro durante todo o caminho para casa. Choro tanto que mal consigo enxergar, e preciso parar no estacionamento do McDonald's para

chorar mais um pouco. Está começando a ficar claro que não é um pesadelo, isto é real, e no outono eu não vou para a UVA com o Peter. Todo mundo vai ficar muito decepcionado. Estavam esperando que eu entrasse. Todos nós achávamos que eu ia conseguir. Eu nunca devia ter falado tanto sobre querer entrar lá. Devia ter ficado quieta, não permitir que vissem quanto eu queria isso. Agora, todos vão ficar preocupados comigo, e vai ser pior do que os olhos tristes de mãe de madame Hunt.

Quando chego em casa, pego o celular e subo para o meu quarto. Tiro as roupas da escola, visto um pijama, me deito na cama e olho o celular. Tenho ligações perdidas de papai, de Margot e de Peter. Entro no Instagram, e meu feed está cheio de gente postando as fotos das reações por terem entrado na UVA. Minha prima Haven entrou; ela postou uma imagem da tela com a carta de aceitação. Mas ela não vai estudar lá. Ela vai para Wellesley, sua primeira escolha. Ela nem liga para a UVA. Era sua opção segura. Tenho certeza de que ela vai fingir solidariedade quando descobrir que eu não entrei, mas por dentro vai se sentir superior. Emily Nussbaum entrou. Ela postou uma foto dela com um moletom e um boné da UVA. Caramba, todo mundo entrou? Eu achava que minhas notas eram melhores do que as dela. Parece que me enganei.

Pouco tempo depois, ouço a porta da frente se abrir e os passos de Kitty subindo a escada correndo. Ela abre a porta do meu quarto, mas eu estou deitada de lado, os olhos fechados, fingindo dormir.

— Lara Jean? — sussurra ela.

Eu não respondo. Preciso de mais um tempo até poder encarar Kitty e papai e dizer que não consegui entrar. Faço respiração pesada e natural, e escuto Kitty recuar e fechar a porta em silêncio. Não muito tempo depois, adormeço de verdade.

* * *

Quando acordo, está escuro lá fora. É sempre deprimente adormecer quando ainda está claro e acordar no escuro. Meus olhos parecem inchados e doloridos. No andar de baixo, ouço água na pia da cozinha e o estalar de talheres e pratos. Desço a escada e paro antes de chegar ao último degrau.

— Eu não entrei na UVA.

Papai se vira; as mangas da camisa estão enroladas, os braços estão cheios de sabão, e os olhos estão ainda mais tristes que os de madame Hunt. Olhos de pai. Ele fecha a torneira e vai até a escada, me puxa e me abraça com força. Os braços ainda estão molhados.

— Sinto muito, querida. — Estamos quase da mesma altura porque ainda estou na escada. Estou me forçando a não chorar, mas quando

papai finalmente me solta, ele levanta meu queixo e examina meu rosto com preocupação, e preciso de todo o meu controle para não desmoronar ali mesmo. — Sei quanto isso era importante para você.

Fico engolindo em seco para segurar as lágrimas.

— Ainda não parece real.

Ele tira o cabelo dos meus olhos.

— Tudo vai dar certo. Eu prometo.

— É que... eu não queria deixar vocês — digo, e não consigo mais segurar, as lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. Papai as limpa com a mesma rapidez com que caem. Ele parece prestes a chorar também, o que me deixa pior, porque eu tinha planejado ser corajosa, e veja só.

Colocando o braço nos meus ombros, ele admite:

— Por egoísmo, eu estava ansioso para ter você tão perto de casa. Mas você ainda vai entrar em uma ótima faculdade, Lara Jean.

— Mas não vai ser a UVA — sussurro.

Papai me abraça.

— Sinto muito — repete ele.

Ele está sentado ao meu lado na escada, os braços ainda nos meus ombros, quando Kitty chega do passeio com Jamie Fox-Pickle. Ela olha para mim e para o papai e larga a coleira.

— Você não entrou?

Eu limpo o rosto e tento dar de ombros.

— Não. Tudo bem. Acho que não era para ser.

— Sinto muito — diz ela, a voz baixa, os olhos tristes.

— Venha me dar um abraço, pelo menos — peço, e ela vem.

Nós três ficamos sentados na escada por um tempo, o braço de papai nos meus ombros, a mão de Kitty no meu joelho.

* * *

Papai faz um sanduíche de peito de peru, e eu como, depois volto para o quarto e me deito na cama para olhar o celular de novo. Ouço uma batida na janela. É Peter, ainda com o uniforme de lacrosse. Eu pulo da cama e abro a janela para ele entrar. Peter observa meu rosto.

— Ei, olhinhos de coelho.

É assim que ele me chama quando eu choro. Isso me faz rir, e é bom rir. Eu estico os braços para abraçá-lo, mas ele me impede.

— Você não vai querer me abraçar agora. Eu não tomei banho depois do jogo. Vim direto para cá.

Eu o abraço mesmo assim, e Peter não está fedendo, na minha opinião.

— Por que não tocou a campainha? — pergunto, olhando para ele e passando os braços pela sua cintura.

— Achei que seu pai podia não gostar por eu aparecer tão tarde. Você está bem?

— Mais ou menos. — Eu o solto e me sento na cama, e ele se senta à minha escrivaninha. — Na verdade, não.

— É, eu também não. — Depois de uma pausa longa, Peter diz: — Tenho a sensação de que eu não falei as coisas certas mais cedo. Eu fiquei chateado. Não achei que isso fosse acontecer.

Olho para a colcha.

— Eu sei. Eu também não.

— É absurdo. Suas notas são muito melhores que as minhas. Cary entrou, e você é melhor do que ele!

— Ah, mas eu não jogo lacrosse nem golfe.

Eu tento não parecer amarga, mas preciso me esforçar. Um pensamento muito traidor e mesquinho surge na minha cabeça: não é justo Peter estudar lá, e eu não, se eu mereço mais. Eu me dediquei mais. Tirei notas melhores, tenho uma pontuação melhor nas provas.

— Que se fodam.

— Peter.

— Foi mal. Que se danem. — Ele suspira. — Isso é loucura.

Automaticamente, respondo:

— Bom, não é *loucura*. A UVA é uma faculdade muito concorrida. Não estou com raiva. Só queria ir estudar lá.

Ele assente.

— É, eu também.

De repente, ouvimos a descarga no corredor, e nós dois ficamos paralisados.

— É melhor você ir — sussurro.

Peter me dá mais um abraço antes de pular a janela. Fico ali parada, vendo-o correr pela rua até onde estacionou o carro. Depois que ele vai embora, olho meu celular, e há duas ligações perdidas de Margot e uma mensagem de texto que diz Sinto muito.

É nessa hora que começo a chorar de novo, porque é quando finalmente parece real.

QUANDO EU ACORDO de manhã, a primeira coisa em que penso é que não vou para a UVA, que nem sei para onde vou. Durante toda a vida, não precisei me preocupar com isso. Eu sempre soube onde devia estar. Minha casa.

Deitada na cama, começo uma lista mental de todas as coisas que vou perder por não ir a uma faculdade perto de casa. Os acontecimentos.

A primeira menstruação de Kitty. Meu pai é obstetra, então não é como se ele não soubesse lidar com isso, mas estou esperando por esse momento, quero fazer um discurso sobre o que é ser mulher que Kitty vai odiar. Pode demorar mais um ou dois anos. Mas eu fiquei menstruada aos doze, e Margot aos onze, então quem sabe? Quando aconteceu comigo, Margot me falou sobre absorventes e que tipo usar em que dias, e para dormir de bruços quando as cólicas estão muito fortes. Ela me fez sentir como se estivesse entrando para um clube secreto, só de mulheres. Minha irmã mais velha conseguiu amenizar a tristeza que senti por estar crescendo. Kitty provavelmente não vai ter nenhuma das duas irmãs mais velhas aqui, mas tem a sra. Rothschild, que mora do outro lado da rua. Ela está tão apegada à sra. Rothschild que, para falar a verdade, provavelmente vai preferir uma conversa sobre menstruação com ela. Mesmo se no futuro o papai e a sra. Rothschild terminarem, sei que ela nunca dará as costas para Kitty. Elas ficaram muito próximas.

Também vou perder o aniversário de Kitty. Eu nunca estive longe no aniversário dela. Vou ter que lembrar papai para que ele continue a nossa tradição da faixa de feliz aniversário.

Pela primeira vez na vida, todas as garotas Song vão estar morando separadas. Nós três provavelmente nunca mais vamos morar na mesma casa. Vamos voltar nos feriados e recessos, mas não vai ser igual. Não vai ser como era. Mas acho que as coisas já estão diferentes desde que Margot foi para a faculdade. A questão é que você se acostuma. Antes mesmo de perceber, você se habitua às novas condições, e vai ser assim com Kitty também.

No café da manhã, fico olhando na direção dela, memorizando as coisinhas pequenas. As pernas finas, os joelhos ossudos, o jeito como assiste à tevê com um sorrisinho no rosto. Ela só vai ser nova assim por mais um tempinho. Antes de eu ir embora, devia fazer mais coisas especiais com ela, só nós duas.

No intervalo de seu programa, ela se vira para mim.

— Por que você está me encarando?
— Por nada. É só que vou sentir saudade de você.
Kitty bebe o restinho de leite do cereal.
— Posso ficar com seu quarto?
— O quê? Não!
— Mas você não vai estar morando aqui. Por que seu quarto tem que ficar lá, sendo desperdiçado?
— Por que você quer o meu quarto e não o de Margot? O dela é maior.

Ela responde, pragmática:

— O seu é mais perto do banheiro e tem iluminação melhor.
Tenho medo de mudanças, mas Kitty mergulha com tudo. Vai de cabeça. É assim que ela lida com as coisas.
— Você vai sentir saudades de mim, eu sei, então pare de fingir que não vai.

— Eu sempre quis saber como seria ser filha única — diz ela, cantarolando. Quando franzo a testa, ela logo acrescenta: — Brincadeirinha!

Sei que Kitty só está sendo Kitty, mas, involuntariamente, sinto uma pontada de mágoa. Por que alguém ia querer ser filha única? O que tem de bom em não ter ninguém para aquecer seus pés em uma noite fria de inverno?

— Você vai sentir saudades de mim — repito, mais para mim mesma do que para ela. De todo modo, ela não me escuta. O programa dela recomeçou.

* * *

Quando chego à escola, vou direto para a sala da sra. Duvall a fim de lhe dar a notícia. Assim que ela vê a minha expressão, diz:

— Vamos sentar. — Ela sai de detrás da mesa e fecha a porta às minhas costas. Senta-se na cadeira ao lado da minha. — Me conte.

Eu respiro fundo.

— Eu não passei para a UVA. — Seria de se esperar que, já tendo repetido aquilo algumas vezes, teria ficado mais fácil dizer essas palavras, mas não. Fica cada vez pior.

— Eu estou surpresa. Muito, muito surpresa. — Ela dá um suspiro. — Você era uma forte candidata, Lara Jean. É uma aluna maravilhosa. Eu soube que eles receberam alguns milhares de inscrições a mais este ano. Mesmo assim, eu esperaria que você fosse no mínimo para a lista de espera. — Só posso responder com um dar de ombros, porque não confio na minha voz agora. Ela se inclina e me abraça. — Uma fonte do departamento de admissões da William and Mary me disse que vão enviar as respostas hoje, então se prepare. E ainda tem a UNC e a

Universidade de Richmond. Para qual mais você se candidatou? Virginia Tech?

Eu balanço a cabeça.

— James Madison.

— Todas são boas universidades. Você vai ficar bem, Lara Jean. Não estou nem um pouco preocupada com você.

Não digo o que estou pensando, que nós duas também achávamos que eu passaria para a UVA. Só ofereço um sorriso fraco.

* * *

Quando saio, vejo Chris nos armários. Conto a notícia sobre a UVA, e ela diz:

— Você devia ir comigo trabalhar em uma fazenda na Costa Rica.

Perplexa, encosto na parede e digo:

— Espere... o quê?

— Eu contei isso pra você.

— Não, acho que não contou.

Eu sabia que Chris não iria para uma das grandes universidades, que cursaria uma faculdade comunitária, que dura dois anos, e depois veria o que fazer. Ela não tem as notas necessárias nem muita disposição para seguir a vida acadêmica. Mas ela nunca me falou nada sobre a Costa Rica.

— Vou tirar um ano de folga e trabalhar numa fazenda. São umas cinco horas diárias, e eles dão alojamento e comida. É incrível.

— Mas o que você entende de trabalhar numa fazenda?

— Nada! Não importa. Você só tem que estar disposto a trabalhar. Eles ensinam tudo. Eu também poderia trabalhar em uma escola de surfe na Nova Zelândia ou aprender a fazer vinho na Itália. Ou seja, posso ir para qualquer lugar. Não parece incrível?

— Parece... — Tento sorrir, mas meu rosto está tenso. — Sua mãe aceitou isso numa boa?

Chris cutuca a unha do polegar.

— Sei lá, eu tenho dezoito anos. Ela não tem muita opção.

Olho para ela com dúvida. A mãe de Chris é durona. Tenho dificuldade de imaginá-la concordando com esse plano.

— Eu falei que viveria assim por um ano e voltaria para cursar uma faculdade comunitária, depois faria transferência para uma faculdade tradicional — admite ela. — Mas quem sabe o que vai acontecer? Um ano é muito tempo. Pode ser que eu me case com um DJ, entre para uma banda ou lance a minha própria linha de biquínis.

— Tudo parece tão glamoroso.

Quero ficar empolgada por ela, mas não consigo reunir forças para sentir isso. É bom Chris ter seus próprios planos com os quais ficar

animada, algo que mais ninguém da turma vai fazer. Mas parece que tudo ao meu redor está mudando de formas inesperadas, quando eu só queria que permanecesse igual.

— Você vai me escrever? — pergunto.

— Vou botar tudo no Snapchat.

— Eu não tenho Snapchat e não é a mesma coisa. — Dou um pequeno chute, de leve, nela. — Me mande um cartão-postal de todos os lugares novos que visitar, por favor.

— Quem sabe se vai ter uma agência dos correios por perto? Não sei como os correios funcionam na Costa Rica.

— Bom, você pode tentar.

— Eu vou tentar — promete ela.

Não vi Chris com muita frequência este ano. Ela arrumou um emprego de recepcionista no Applebee's e ficou muito amiga do pessoal do trabalho. São todos mais velhos, alguns têm filhos, e eles pagam as próprias contas. Tenho certeza de que Chris não contou que ainda mora com os pais e não paga conta nenhuma. Quando eu a visitei lá mês passado, uma das garçonetes fez um comentário sobre estar torcendo para ganhar gorjetas suficientes naquela noite para pagar o aluguel, em seguida olhou para Chris e disse: "Você sabe como é." Chris assentiu e disse que sabia. Quando olhei para ela sem entender, ela fingiu não ver.

O sinal toca, e saímos andando para as nossas primeiras aulas do dia.

— Kavinsky deve estar surtando porque você não passou para a UVA — diz Chris, olhando seu reflexo no vidro de uma porta por onde passamos. — Vocês vão namorar a distância?

— Vamos. — Sinto uma pressão no peito. — Eu acho.

— Você devia arrumar umas pessoas para ficarem de olho na situação. Uns espiões, sabe? Acho que ouvi que Gillian McDougal passou para lá. Ela tomaria conta dele por você.

Eu olho para ela.

— Chris, eu confio no Peter.

— Eu sei, não estou falando dele! Estou falando de outras garotas do alojamento dele. Passando no quarto dele. Você devia dar uma foto sua para lhe fazer companhia, se é que você me entende. — Ela franze a testa para mim. — Você está entendendo?

— Tipo uma foto sexy? De jeito nenhum! — Começo a me afastar dela. — Olha, eu tenho que ir para a aula. — A última coisa que quero é pensar em Peter com outras garotas. Ainda estou tentando me acostumar com a ideia de que não vamos estar juntos na UVA no outono.

Chris revira os olhos.

— Calma. Não estou falando de *nudes*. Eu jamais sugeriria isso,

ainda mais para você. Estou falando de uma foto estilo pin-up, mas não brega. Sexy. Uma coisa que Kavinsky possa pendurar na parede do quarto.

— Por que eu ia querer que ele pendurasse uma foto sexy minha na parede do quarto, para todo mundo ver?

Chris estica o braço e me dá um peteleco na testa.

— Ai! — Eu a empurro e massagueio onde ela me atingiu. — Doeu!

— Você mereceu por fazer uma pergunta tão burra. — Ela suspira. — Estou falando de fazer isso como medida preventiva. Uma foto sua na parede dele é uma forma de marcar território. Kavinsky é bonito. É atleta. Você acha que as outras garotas vão respeitar o fato de ele estar em um namoro a distância? — Ela baixa a voz e diz: — Com uma namorada virgem?

Eu ofego e olho ao redor para ver se alguém ouviu.

— Chris! — sussurro. — Você pode não fazer isso?

— Eu só estou tentando ajudar você! Você tem que proteger o que é seu, Lara Jean. Se eu conhecesse um cara bonito na Costa Rica com uma namorada que morasse longe e que nem *dormisse* com ele? Acho que eu não levaria o relacionamento deles muito a sério. — Ela dá de ombros e me olha com expressão de “desculpa, mas não me arrependo”. — E você devia emoldurar a foto, para as pessoas saberem que ninguém deve se meter com você. Uma foto emoldurada é sinal de algo permanente. Uma foto colada com durex na parede pode facilmente ir parar na lata de lixo.

Eu mordo o lábio, pensando.

— Então talvez uma foto minha cozinhando, de avental...

— Sem nada por baixo? — Chris ri, e logo dou um peteleco na testa dela.

— Ai!

— Fala sério, então!

O sinal toca de novo, e cada uma vai para um lado. Não consigo me ver presenteando Peter com uma foto sexy, mas isso me deu uma ideia: posso dar um *scrapbook* para ele. Nossos maiores sucessos. Assim, quando estiver com saudades de mim na UVA, ele pode olhar. E deixar em cima da mesa, para qualquer “outra garota” que possa passar lá ver. Claro que não vou mencionar essa ideia para Chris, ela só riria e me chamaria de vovó Lara Jean. Mas sei que Peter vai amar.

PASSO O DIA tensa, esperando notícias da William and Mary. Meu foco está todo no celular, esperando que vibre, esperando que o e-mail chegue. Estou na aula de inglês avançado, e o sr. O'Bryan precisa me perguntar três vezes sobre a tradição escrava na narrativa de *Amada*.

Quando vibra, é Margot perguntando se já tive notícias, e quando vibra de novo, é Peter me perguntando se já sei de alguma coisa. Mas nada da William and Mary.

Depois, quando estou no banheiro feminino no intervalo entre as aulas, finalmente vibra, e corro para fechar a calça jeans para poder verificar o celular. É um e-mail da UNC, em Chapel Hill, avisando que minha candidatura foi atualizada. Fico na cabine do banheiro, e apesar de não esperar entrar de verdade, meu coração dispara enquanto clico no link.

Lista de espera.

Eu devia ficar feliz, porque a UNC é muito concorrida, e a lista de espera é melhor do que nada, e eu teria ficado feliz... se já tivesse entrado na UVA. Mas acaba sendo outro soco no estômago. E se eu não entrar em nenhuma? O que vou fazer? Consigo ver minha tia Carrie e meu tio Victor: *Pobre Lara Jean, não entrou na UVA nem na UNC. Ela é tão diferente da irmã; Margot é tão esforçada.*

Quando chego na mesa do almoço, Peter está me esperando com expressão ansiosa no rosto.

— Teve alguma notícia?

Eu me sento ao lado dele.

— Entrei na lista de espera da UNC.

— Ah, merda. Bem, é impossível entrar lá quando se é de fora do estado, a menos que você seja jogadora de basquete. Para falar a verdade, entrar na lista de espera já é impressionante.

— Acho que sim.

— Que se danem — diz ele. — Quem quer estudar lá, afinal?

— Um monte de gente.

Eu desembrulho meu sanduíche, mas não consigo dar uma mordida porque meu estômago está pesado.

Peter dá de ombros, contrariado. Sei que ele só está tentando me fazer sentir melhor, mas a UNC é uma ótima faculdade, e ele sabe disso e eu também, então não adianta fingir que não é.

Durante todo o almoço, fico tomando minha Cherry Coke sem vontade e ouvindo os garotos falarem sobre o jogo que vai ser realizado em poucos dias. Peter olha para mim em determinado

momento e aperta minha perna de um jeito tranquilizador, mas não consigo nem dar um sorriso.

Quando os garotos se levantam para irem para a sala de musculação, ficamos só Peter e eu à mesa, e ele pergunta, preocupado:

— Você não vai comer nada?

— Não estou com fome.

Ele solta um suspiro.

— Devia ser você indo para a UVA, não eu.

E com isso, *puf*, o pensamentozinho traidor que tive na noite anterior sobre eu merecer mais do que ele desaparece como perfume no ar. Eu sei quanto Peter se dedicou ao lacrosse. Ele mereceu a vaga. Não devia estar pensando essas coisas. Não é certo.

— Não diga isso. Você conquistou a sua vaga. Merece ir para a UVA.

Com a cabeça baixa, ele diz:

— Mas você também. — De repente, ele levanta a cabeça, os olhos brilhando. — Você se lembra de Toney Lewis? — Eu balanço a cabeça. — Ele era do último ano quando nós éramos do primeiro. Ele estudou em uma faculdade comunitária por dois anos e depois pediu transferência para a UVA! Aposto que você também pode fazer isso, mas provavelmente mais cedo, porque vai fazer uma faculdade regular de quatro anos. Pedir transferência é um milhão de vezes mais fácil!

— Acho que é verdade...

Nunca tinha passado pela minha cabeça pedir transferência. Ainda estou me acostumando com a ideia de que não vou estudar na UVA.

— Não é? Então no outono você vai para a William and Mary ou para a Universidade de Richmond ou para onde você entrar, e vamos nos visitar o tempo todo, e você vai pedir transferência ano que vem, e aí vai ficar comigo na UVA! Onde é seu lugar!

A esperança se acende dentro de mim.

— Você acha mesmo que vai ser fácil assim eu entrar?

— Vai! Você devia ter entrado agora! Acredite em mim, Covey.

Lentamente, eu assinto.

— É. Tá. Tá.

Peter dá um suspiro de alívio.

— Que bom. Então nós temos um plano.

Roubo uma batata frita do prato dele. Já consigo sentir meu apetite voltando. Estou roubando outra batata quando meu celular vibra. Eu o pego e olho: é um e-mail do departamento de admissões da William and Mary. Peter olha por cima do meu ombro e depois para mim, os olhos arregalados. A perna dele balança junto da minha enquanto esperamos a página carregar.

É com grande prazer que lhe oferecemos admissão ao College of

Sinto uma onda de alívio. Graças a Deus.

Peter pula do banco, me pega no colo e me gira.

— Lara Jean entrou na William and Mary! — grita ele para a mesa e para quem mais estiver ouvindo.

Todo mundo da nossa mesa comemora.

— Está vendo? — diz Peter, me abraçando. — Eu falei que tudo ia dar certo.

Eu o abraço com força. Mais do que tudo, sinto alívio. Alívio por ter entrado, alívio por ter um plano.

— Vamos fazer dar certo até você voltar para cá — diz ele em voz baixa, escondendo o rosto no meu pescoço. — Fica a duas horas de distância, isso não é nada. Aposto que seu pai vai deixar você levar o carro. Kitty ainda não precisa dele. E vou fazer a viagem com você algumas vezes, para você ficar à vontade. Vai ficar tudo bem, Covey.

Eu estou assentindo.

Quando me sento novamente, mando uma mensagem de texto para Margot, Kitty, a sra. Rothschild e meu pai.

Eu entrei na W&M!!!

Coloco os pontos de exclamação a mais por garantia, para mostrar que estou empolgada, para garantir que eles não vão mais sentir pena de mim, que está tudo ótimo agora.

Meu pai responde com vários emojis. A sra. Rothschild responde Mandou bem, garota!!!! Margot escreve VIVAAAA! Vamos comemorar de verdade semana que vem!

Depois do almoço, eu passo na sala da sra. Duvall para contar a boa notícia, e ela fica animada.

— Sei que é sua segunda escolha, mas em alguns aspectos a William and Mary pode ser melhor do que a UVA. É menor. Acho que uma garota como você pode brilhar lá, Lara Jean.

Dou um sorriso e recebo um abraço, mas por dentro estou pensando *Parece que ela não achava que uma garota como eu pudesse brilhar na UVA.*

* * *

Até o final da semana, fico sabendo que também fui aceita na James Madison e na Universidade de Richmond, o que me deixa feliz, mas ainda estou decidida pela William and Mary. Já fui a Williamsburg muitas vezes com a minha família e consigo me imaginar lá. É um campus pequeno e bonito. E não fica muito longe de casa, são apenas

duas horas de distância. Então eu vou para lá, vou estudar muito, e depois de um ano vou pedir transferência para a UVA, e tudo vai ser exatamente como planejamos.

SOU EU QUE vou ao aeroporto buscar Margot e Ravi enquanto papai dá os toques finais no jantar e Kitty faz o dever de casa. Coloco o endereço no GPS só por garantia e chego lá sem incidentes, graças a Deus. Nosso aeroporto é pequeno, então eu dou uma volta enquanto espero os dois saírem.

Quando encosto o carro, Margot e Ravi estão esperando, sentados nas malas. Eu estaciono, pulo para fora, corro para Margot e jogo os braços em volta dela. O cabelo está recém-cortado na altura do queixo, ela usa suéter e calça legging e, quando a aperto com força, penso: *Nossa, como senti saudade da minha irmã!*

Eu a solto e dou uma boa olhada em Ravi, que é mais alto do que eu pensava. Ele é alto e magro, com pele morena, cabelo e olhos escuros e cílios longos. É muito diferente de Josh, mas parece muito o tipo de garoto com quem Margot namoraria. Tem uma covinha na bochecha direita.

— É bom conhecer você na vida real, Lara Jean — diz ele, e na mesma hora fico impressionada com o sotaque. Meu nome parece muito mais chique enfeitado com o sotaque inglês.

Estou nervosa, mas vejo que a camiseta dele diz ARMADA DE DUMBLEDORE e relaxo. Ele é fã de Harry Potter, como a gente.

— É bom conhecer você também. De que casa você é?

Ele pega as bagagens dos dois e as coloca no porta-malas.

— Vamos ver se você consegue adivinhar. Sua irmã errou.

— Só porque você estava tentando me impressionar durante o primeiro mês em que nos conhecemos — protesta ela. Ravi ri e se senta no banco traseiro. Ele não tenta sentar na frente, o que, para mim, conta a favor de seu caráter.. Margot olha para mim. — Quer que eu dirija?

Fico tentada a dizer sim, porque eu sempre prefiro que Margot dirija, mas balanço a cabeça e sacudo as chaves bem alto.

— Pode deixar.

Ela ergue as sobrancelhas, como quem está impressionada.

— Que bom.

Ela vai para o lado do carona e me acomodo no banco do motorista. Olho para Ravi pelo retrovisor.

— Ravi, quando você for embora da minha casa já vou ter descoberto a *sua* casa.

Quando chegamos, papai, Kitty e a sra. Rothschild estão nos esperando na sala. Margot parece surpresa ao vê-la sentada no sofá com papai, os pés descalços no colo dele. Eu estou tão acostumada com a presença dela que parece que já faz parte da família. Não tinha me ocorrido quanto aquilo poderia abalar Margot. Mas a verdade é que a sra. Rothschild e Margot não passaram muito tempo juntas porque minha irmã está longe, na faculdade; ela não estava aqui quando a sra. Rothschild e papai começaram a namorar e só voltou para casa uma vez, no Natal.

Assim que a sra. Rothschild vê Margot, ela dá um pulo para abraçá-la e elogiar seu cabelo. Ela também abraça Ravi.

— Nossa, você é muito alto! — comenta ela, e ele ri, mas Margot está com um sorriso duro no rosto.

Até ver Kitty, que envolve em um abraço de urso e, segundos depois, grita:

— Ah, meu Deus, Kitty! Você usa sutiã agora?

Kitty ofega e faz cara feia para ela, as bochechas em um tom vermelho furioso.

Encabulada, Margot diz com movimentos labiais: *Desculpa*.

Ravi se adianta e aperta a mão de papai.

— Oi, dr. Covey, sou Ravi. Obrigado por me convidar.

— Ah, ficamos felizes em receber você, Ravi — diz papai.

Ravi sorri para Kitty, levanta a mão em um cumprimento e diz com algum constrangimento:

— Oi, Kitty.

Kitty assente sem fazer contato visual.

— Oi.

Margot ainda está olhando para Kitty sem acreditar. Eu estava aqui o tempo todo, e por isso tenho dificuldade de ver quanto Kitty cresceu em um ano, mas é verdade, ela cresceu. Não tanto os seios, o sutiã é puramente decorativo, mas de outras formas.

— Ravi, quer beber alguma coisa? — pergunta a sra. Rothschild. — Temos suco, Fresca, Coca diet, água.

— O que é Fresca? — pergunta Ravi, as sobrancelhas franzidas.

Os olhos dela se iluminam.

— É um refrigerante de *grapefruit* delicioso. Com zero calorias! Você precisa experimentar. — Margot observa a sra. Rothschild ir até a cozinha e abrir o armário onde ficam os copos. Enquanto enche um de gelo, ela diz: — Margot, e você? Quer alguma coisa?

— Eu estou bem — responde Margot em um tom agradável, mas consigo perceber que ela não gosta de, dentro da sua própria casa, alguém que não mora aqui lhe oferecer uma bebida.

Quando a sra. Rothschild volta com a Fresca de Ravi, ela lhe entrega o copo com um floreio. Ele agradece e toma um gole.

— Bem refrescante — diz Ravi, e ela abre um sorriso.

Papai bate palmas.

— Vamos levar as malas lá para cima? Assim vocês podem descansar antes do jantar. O quarto de hóspedes está arrumado. — Ele olha para mim com carinho e diz: — Lara Jean deixou chinelos novos e um roupão para você, Ravi.

Antes que Ravi possa responder, Margot diz:

— Ah, que gentil. Mas, na verdade, acho que Ravi vai ficar comigo no meu quarto.

Parece que Margot largou uma bomba no meio da sala. Kitty e eu trocamos olhares de *AH, MEU DEUS*, os olhos arregalados. Papai parece atordoado e sem saber o que dizer. Ao arrumar o quarto de hóspedes para Ravi, deixar o conjunto de toalhas dobradas na ponta da cama e pegar o roupão e os chinelos, não passou pela minha cabeça que ele ficaria no quarto de Margot. Era óbvio que esse pensamento também não tinha passado pela cabeça do papai.

O rosto do papai vai ficando mais vermelho a cada segundo.

— Ah, hã... não sei se...

Margot junta os lábios com nervosismo enquanto espera papai terminar a frase. Estamos todos aguardando, mas ele não consegue pensar no que dizer em seguida. Seu olhar desvia para a sra. Rothschild em busca de apoio, e ela encosta a mão nas costas dele.

O pobre Ravi parece extremamente desconfortável. Meu primeiro pensamento foi que ele era Corvinal, como Margot; agora, estou pensando que é Lufa-Lufa, como eu. Ele diz, em voz baixa:

— Eu não me importo de ficar no quarto de hóspedes. Não quero criar nenhum problema.

Papai começa a responder, mas Margot é mais rápida.

— Não, não tem o menor problema — garante ela. — Vamos tirar o resto das coisas do carro.

Assim que eles saem, Kitty e eu nos viramos uma para a outra. Ao mesmo tempo, nós dizemos:

— Ah, meu Deus.

— Por que eles precisam ficar juntos no mesmo quarto? — repete Kitty. — Precisam tanto assim fazer sexo?

— Já chega, Kitty — diz papai, no tom mais ríspido que já o vi usar com ela.

Ele se vira e sai, e ouço o som da porta do seu escritório se fechando. É para lá que ele vai quando está com muita raiva. A sra. Rothschild olha para Kitty com severidade e vai atrás dele.

Kitty e eu nos olhamos de novo.

— Ih — falo.

— Ele não precisava surtar — retruca Kitty, de mau humor. — Não sou eu que quero botar o namorado na minha cama.

— Ele não fez por mal. — Eu a puxo para perto de mim e abraço seus ombros ossudos. — Gogo tem muita coragem, hein?

Ela é muito impressionante, a minha irmã. Só sinto pena de papai. Essa não é uma briga que ele esteja acostumado a ter... na verdade, ele não está acostumado a nenhum tipo de briga.

Claro que mando uma mensagem na mesma hora para Peter e conto tudo. Ele responde com um monte de emojis de olhos arregalados. E:

Acha que seu pai nos deixaria ficar no mesmo quarto??

Eu ignoro a pergunta.

* * *

Quando Ravi sobe para tomar banho e trocar de roupa, a sra. Rothschild diz que tem um jantar com as amigas e precisa ir. Consigo perceber que Margot fica aliviada. Depois que a sra. Rothschild sai, Kitty leva James Fox-Pickle para dar uma volta, e Margot e eu vamos para a cozinha preparar uma salada para acompanhar o frango que papai está assando. Estou ansiosa para ter um momento sozinha com ela para podermos falar sobre a situação de quem vai dormir onde, mas não tenho a oportunidade de perguntar, porque assim que entramos na cozinha Margot sussurra para mim:

— Por que você não me falou que papai e a sra. Rothschild estão namorando sério?

— Eu falei que ela vem jantar quase todas as noites! — respondo sussurrando.

Começo a lavar uma cesta de tomates cereja para o som da água corrente abafar nossa conversa.

— Ela está andando pela casa como se morasse aqui! E desde quando temos Fresca? Nós nunca fomos uma família que bebe isso.

Começo a cortar os tomates ao meio.

— Ela adora, então eu sempre compro quando vou ao mercado. É bem gostoso. Ravi pareceu gostar.

— Não é essa a questão!

— Qual é o seu problema com a sra. Rothschild, assim do nada? Vocês se deram bem quando você veio no Natal... — Eu paro de falar na hora que papai entra na cozinha.

— Margot, posso falar com você um minuto?

Margot finge estar ocupada contando os talheres.

— Claro, o que foi, pai?

Papai olha para mim, e eu volto a me concentrar nos tomates. Vou ficar para dar apoio moral.

— Eu prefiro que Ravi fique no quarto de hóspedes.

Margot morde o lábio.

— Por quê?

Há um silêncio constrangido, e papai diz:

— Eu só não fico à vontade...

— Mas, papai, nós estamos na faculdade... Você sabe que nós já dividimos uma cama antes, não é?

— Eu tinha minhas suspeitas, mas obrigado por confirmar — diz ele com sarcasmo.

— Eu tenho quase vinte anos. Moro longe de casa, a milhares de quilômetros, há quase dois anos. — Margot olha para mim, e eu me encolho. Eu devia ter saído quando tive oportunidade. — Lara Jean e eu não somos mais crianças...

— Ei, não me meta nisso — falo no tom mais brincalhão que consigo.

Papai suspira.

— Margot, se você quiser bater o pé em relação a isso, eu não vou impedir. Mas eu gostaria de lembrar que esta ainda é a minha casa.

— Eu achava que era *nossa* casa. — Ela sabe que venceu a batalha, então deixa a voz leve como um suspiro.

— Bom, vocês não pagam a hipoteca, eu pago, então isso devia tornar a casa um pouco mais minha. — Com essa piada final de pai, ele coloca luvas de cozinha e tira o frango, que sai estalando do forno.

Quando nos sentamos para comer, papai fica de pé na cabeceira e corta o frango com a faca elétrica nova e chique que a sra. Rothschild lhe deu de presente de aniversário.

— Ravi, você prefere a carne mais escura ou a branca?

Ravi pigarreia.

— Hã, desculpa, mas eu não como carne.

Papai olha para Margot, horrorizado.

— Margot, você não disse que Ravi é vegetariano!

— Desculpa — diz ela, fazendo uma careta. — Eu esqueci completamente. Mas Ravi adora salada!

— Adoro mesmo — garante ele para papai.

— Eu fico com a porção de Ravi — eu me ofereço. — Aceito as duas coxas.

Papai as corta para mim e diz:

— Ravi, amanhã de manhã vou fazer uma enchilada incrível no café da manhã. Sem carne!

— Nós vamos a Washington amanhã de manhã. Talvez no último dia dele aqui? — diz Margot, sorrindo.

— Combinado — confirma papai.

Kitty está estranhamente quieta. Não sei se de nervosismo por ter um garoto que ela não conhece na mesa da sala de jantar ou se é porque está ficando mais velha e passando a interagir de uma maneira

menos infantil com gente nova. Se bem que imagino que um garoto de vinte e um anos está mais para um homem jovem.

Ravi tem ótimos modos, provavelmente por ser inglês. Não é verdade que os ingleses têm modos melhores do que os americanos? Ele pede desculpas o tempo todo. “Desculpa, será que eu posso...” “Desculpa, pode repetir?” O sotaque dele é um charme. Eu fico dizendo “Como?” para fazer com que ele repita tudo.

Da minha parte, tento descontraír o clima conversando sobre a Inglaterra. Pergunto por que os ingleses chamam as escolas particulares de públicas, se onde ele estudou era parecido com Hogwarts, se ele já conheceu a família real. As respostas dele são: porque são abertas ao público pagante; eles tinham monitores e monitores-chefe, mas não tinham quadribol; e ele uma vez viu o príncipe William em Wimbledon, mas foi só a parte de trás da cabeça dele.

Depois do jantar, o plano é Ravi, Margot, Peter e eu irmos ao cinema. Margot convida Kitty para ir junto, mas ela recusa e dá o dever de casa como desculpa. Acho que ela fica nervosa perto de Ravi.

Eu me arrumo no quarto, passo um pouco de perfume, um pouco de brilho labial, visto um suéter sobre a blusinha e calça jeans porque é frio no cinema. Fico pronta rápido, mas a porta de Margot está fechada, e consigo ouvi-los conversando baixinho, mas exaltados. É estranho ver a porta dela fechada. Sinto-me como uma espiã quando estou parada ali do lado de fora, mas é esquisito, porque quem sabe se Ravi está sem camisa ou algo assim? É tudo tão adulto, aquela porta fechada, aquelas vozes sussurradas.

Do corredor, pigarreio e digo:

— Vocês estão prontos? Falei para Peter que o encontraríamos às oito.

Margot abre a porta.

— Prontos — diz ela, e não parece feliz.

Ravi sai atrás dela, carregando a mala.

— Vou só deixar isto no quarto de hóspedes e estou pronto — comenta ele.

Assim que ele sai, sussurro para Margot:

— Aconteceu alguma coisa?

— Ravi não quer perder pontos com o papai por dividir o quarto comigo. Eu falei que não tinha problema, mas ele não se sente à vontade.

— É muita consideração da parte dele. — Eu não ia dizer isso para Margot, mas era a coisa certa a se fazer. Ravi só sobe no meu conceito.

— Ele tem muita consideração pelos outros — diz ela, relutante.

— E também é muito bonito.

Um sorriso se abre no rosto dela.

— É, tem isso também.

* * *

Peter já está no cinema quando nós chegamos, tenho certeza de que por causa de Margot. Ele não vê problema nenhum em se atrasar para sair comigo, mas nunca ousaria deixar minha irmã mais velha esperando. Ravi compra todos os ingressos, o que impressiona Peter.

— Nossa, que educado — sussurra ele para mim quando nos sentamos.

Ele dá um jeito de ficarmos na seguinte ordem: eu, Peter, Ravi e Margot, assim os dois podem continuar conversando sobre futebol. Margot me olha por cima da cabeça deles, achando graça, e consigo ver que todo o clima desagradável de antes passou.

Depois do filme, Peter sugere irmos comer frozen custard.

— Você já comeu creme frozen custard? — pergunta ele a Ravi.

— Não.

— É uma delícia, Rav — comenta ele. — É caseiro.

— Genial — fala Ravi.

Quando os garotos estão na fila, Margot diz para mim:

— Acho que Peter está apaixonado... pelo meu namorado. — Nós duas caímos na gargalhada.

Ainda estamos rindo quando eles voltam para nossa mesa. Peter me entrega o meu com amêndoa caramelizada e creme.

— O que é tão engraçado?

Eu só balanço a cabeça e enfio a colher no creme.

— Espere, temos que comemorar que minha irmã passou para a William and Mary! — diz Margot.

Meu sorriso parece congelado quando todo mundo bate seus copinhos no meu.

— Muito bem, Lara Jean. Jon Stewart estudou lá, não foi? — pergunta Ravi.

— Ah, sim, estudou — respondo, surpresa. — Isso é algo bem aleatório para você saber.

— Ravi é o rei da cultura inútil — diz Margot, lambendo a colher. — Não peça para ele falar sobre os hábitos de acasalamento dos bonobos.

— Duas palavras — diz Ravi. Ele olha de Peter para mim e sussurra: — Esgrima peniana.

Margot fica tão animada perto de Ravi. Houve uma época em que achei que ela e Josh tinham sido feitos um para o outro, mas agora não tenho mais certeza. Quando falam sobre política, os dois têm o mesmo tipo de paixão, e ficam indo e voltando, um desafiando o outro, mas também fazendo concessões. Eles parecem duas pedras

soltando fagulhas. Consigo imaginá-los em um programa de tevê como residentes que competem entre si em um hospital e que primeiro, de má vontade, se respeitam, e depois acabam se apaixonando loucamente. Ou dois assessores políticos na Casa Branca, ou jornalistas. Ravi está estudando bioengenharia, o que não tem muito a ver com a antropologia de Margot, mas não há dúvida de que eles formam uma ótima dupla.

* * *

No dia seguinte, Margot leva Ravi para Washington, e os dois visitam alguns dos museus do National Mall, o Lincoln Memorial e a Casa Branca. Eles me convidaram, com Kitty, para irmos também, mas respondi não em nome de nós duas porque eu tinha certeza de que eles iam querer um tempo sozinhos e porque eu queria ficar quietinha em casa para trabalhar no *scrapbook* de Peter. Quando eles voltam à noite, pergunto a Ravi do que ele mais gostou em Washington, e ele diz que o National Museum of African American History and Culture ganhou disparado, e me arrependo de não ter ido com eles, pois nunca estive nesse museu.

Nós colocamos na Netflix um programa da BBC sobre o qual Margot vive falando e que foi filmado perto de onde Ravi cresceu, e ele mostra lugares marcantes na sua vida, como onde foi seu primeiro emprego e seu primeiro encontro com uma garota. Nós comemos sorvete direto do pote, e percebo que papai gosta de Ravi, pois fica insistindo para ele tomar mais. Tenho certeza de que ele reparou que Ravi está no quarto de hóspedes, e sei que ficou grato. Espero que Ravi e Margot continuem namorando, porque eu consigo imaginá-lo na nossa família para sempre. Ou pelo menos que fiquem juntos tempo o bastante para que eu e Margot façamos uma viagem para Londres e fiquemos na casa dele!

Ravi tem que ir para o Texas na tarde seguinte, e embora eu esteja triste de ele ir, também fico um pouco feliz, porque vamos ter Margot só para nós antes de ela voltar para a Escócia.

Quando nos despedimos, eu aponto para ele e digo:

— Lufa-Lufa.

Ele sorri.

— Você acertou de primeira. — Ele aponta para mim. — Lufa-Lufa? Eu também sorrio.

— Você acertou de primeira.

* * *

Naquela noite, estamos no meu quarto assistindo a um programa no meu laptop quando Margot toca no assunto da faculdade, e é assim que sei que, de certo modo, ela também estava esperando Ravi ir embora para poder falar comigo sobre coisas sérias. Antes de começarmos o episódio seguinte, ela me olha e diz:

— Podemos falar sobre a UVA? Como você está se sentindo agora?

— Eu fiquei triste, mas está tudo bem. Eu ainda vou estudar lá. — Margot me olha sem entender, e explico: — Vou pedir transferência depois do primeiro ano. Falei com a sra. Duvall, e ela disse que, se eu tirar boas notas na William and Mary, com certeza conseguirei ir pra lá por transferência.

Ela franze a testa.

— Por que você está falando de pedir transferência da William and Mary se nem começou lá ainda? — Como eu não respondo, ela diz: — É por causa do Peter?

— Não! Quer dizer, ele é um dos motivos, mas não é o único. — Eu hesito antes de declarar o que ainda não tinha dito em voz alta. — Sabe aquela sensação de que você devia estar em um determinado lugar? Quando visitei a William and Mary, eu não tive essa sensação. Não como tive na UVA.

— Pode ser que nenhuma faculdade deixe você com a mesma sensação que você teve com a UVA — diz Margot.

— Pode ser... e é por isso que vou pedir transferência depois de um ano.

Ela suspira.

— Só não quero que você deixe de aproveitar toda a experiência na William and Mary porque preferia estar com Peter na UVA. O primeiro ano é tão importante. Você devia pelo menos dar uma chance. Pode ser que você acabe adorando lá. — Ela me lança um olhar intenso. — Lembra o que a mamãe dizia sobre faculdade e namorados?

Como eu poderia esquecer?

Não seja a garota que vai para a faculdade namorando.

— Eu lembro — respondo.

Margot pega meu laptop e entra no site da William and Mary.

— Esse campus é tão bonito. Olhe esse cata-vento! Tudo parece saído de um vilarejo inglês.

Eu me animo.

— Até que parece mesmo. — É tão bonito quanto o campus da UVA? Não, não para mim, mas acho que nenhum lugar é tão bonito quanto Charlottesville.

— E, olha, a William and Mary tem um clube de guacamole. E um clube para quem gosta de observar tempestades. E, ah, meu Deus! Uma coisa chamada clube dos bruxos e trouxas! É o maior clube de

Harry Potter nas universidades americanas.

— Uau. Isso é muito legal. Tem clube para quem gosta de assar bolos e biscoitos?

Ela verifica.

— Não. Mas você pode criar um!

— Pode ser... Seria divertido... — Talvez eu *devesse* me juntar a um ou dois clubes.

Ela abre um sorriso para mim.

— Está vendo? Tem muita coisa com que ficar animada. E não se esqueça da Cheese Shop.

A Cheese Shop é uma loja ao lado do campus. Lá são vendidos queijos, é claro, mas também geleias, pães e vinhos diferentes e massas gourmet. Fazem um ótimo sanduíche de rosbife com molho da casa, uma mostarda com maionese que já tentei imitar, mas não ficou tão gostosa quanto a da loja, com o pão fresco deles. Papai adora comprar novas mostardas e comer sanduíche no Cheese Shop. Ele ficaria feliz de ter uma desculpa para ir lá. E Kitty adora o outlet de Williamsburg. Lá vende uma pipoca que é doce e salgada ao mesmo tempo, bastante viciante. Ela é feita na hora e sai tão quente que até derrete um pouco o saco.

— Quem sabe eu possa até arrumar um emprego no Colonial Williamsburg — falo, tentando entrar no clima. — Eu poderia bater manteiga. Usar um traje de época. Tipo um vestido de algodão com avental, ou o que quer que usassem no período colonial. Já ouvi falar que eles não têm permissão de conversar usando nossas expressões atuais, só o arcaico, e as crianças sempre tentam fazer com que eles pisem na bola. Pode ser divertido. A única coisa é que não sei se contratariam uma oriental, porque não respeitaria muito a precisão histórica...

— Lara Jean, nós vivemos na época de *Hamilton*! Phillipa Soo é descendente de chineses, lembra? Se ela pode fazer o papel de Eliza Hamilton, você pode bater manteiga. E se alguém se recusar a contratar você, vamos expor nas redes sociais e fazer com que contratem. — Margot inclina a cabeça e olha para mim. — Está vendo? Tem tanta coisa com que se empolgar, se você se permitir. — Ela apoia as mãos nos meus ombros.

— Eu estou tentando. Estou mesmo.

— Só dê uma chance à William and Mary. Não a descarte antes mesmo de estar lá. Tá?

Eu faço que sim.

— Tá.

A MANHÃ SEGUINTE está cinza e chuvosa, e ficamos só nós três em casa porque papai deixou um bilhete na geladeira dizendo que recebeu uma chamada do hospital e que vai nos ver no jantar. Margot ainda está sofrendo com o fuso horário, e por isso se levantou cedo e fez ovos mexidos com bacon. Estou colocando os ovos em uma torrada com manteiga e ouvindo a chuva bater no telhado quando digo:

— E se eu não for à aula hoje e, em vez disso, a gente fizer alguma coisa divertida?

Kitty se anima.

— Tipo o quê?

— Você, não. Você vai ter que ir para a escola. Eu praticamente acabei. Ninguém liga mais se eu falto ou não.

— Acho que papai vai ligar — diz Margot.

— Mas, se nós pudéssemos fazer qualquer coisa... o que faríamos?

— Qualquer coisa? — Margot morde o bacon. — Nós pegariamos o trem para Nova York, entrariamos na loteria de *Hamilton* e ganharíamos.

— Vocês não podem ir sem mim — reclama Kitty.

— Fica quieta, E Peggy — digo, rindo.

Ela me lança um olhar irritado.

— Não me chame de “E Peggy”.

— Você nem sabe do que estamos falando, então fica na sua.

— Sei que você está rindo como uma bruxa. E também sei sobre *Hamilton*, porque você ouve a trilha sonora o dia todo. — Ela canta: — “*Talk less; smile more.*”

— Para sua informação, é uma gravação do elenco, não trilha sonora — digo, e ela exagera na hora de revirar os olhos.

Na verdade, se Kitty é alguém, é uma Jefferson. Esperta, cheia de estilo, com respostas rápidas. Margot é uma Angelica, sem dúvida. Ela veleja o próprio barco desde pequenininha. Sempre soube quem era e o que queria. Acho que sou uma Eliza, apesar de preferir ser uma Angelica. Na verdade, *eu* provavelmente sou E Peggy. Mas não quero ser a E Peggy da minha própria história. Eu quero ser o Hamilton.

* * *

Chove o dia todo, e assim que chegamos da escola a primeira coisa que Kitty e eu fazemos é vestir de novo os pijamas. Margot nem tirou

o dela. Ela está de óculos, o cabelo preso em um coque no alto da cabeça (está curto demais para ficar preso sem cair), Kitty usa uma camiseta larga, e eu me sinto feliz de estar frio o bastante para eu botar o meu pijama vermelho de flanela. Papai é o único que ainda está de roupa do dia a dia.

Para o jantar, nós pedimos duas pizzas grandes, uma de mozzarella (para Kitty) e outra com tudo que temos direito. Estamos no sofá da sala, enfiando fatias de pizza com queijo derretido na boca, quando papai diz de repente:

— Meninas, quero conversar com vocês sobre um assunto. — Ele pigarreja, como costuma fazer quando fica nervoso. Kitty e eu nos entreolhamos, curiosas. — Eu gostaria de pedir Trina em casamento.

Coloco as mãos sobre a boca.

— Ah, meu Deus!

Os olhos de Kitty se arregalam, a boca fica frouxa, ela larga a pizza de lado e solta um grito tão alto que Jamie Fox-Pickle dá um pulo. Ela se joga no papai, que ri. Eu pulo e abraço as costas dele.

Não consigo parar de sorrir. Até olhar para Margot, cujo rosto está impassível. Papai também está olhando para ela, os olhos esperançosos e nervosos.

— Margot? Ainda está aí? O que você acha, querida?

— Acho fantástico.

— Sério?

Ela assente.

— Sem dúvida. Acho Trina ótima. E, Kitty, você a adora, não é? — Kitty está ocupada demais gritando e pulando no sofá com Jamie para responder. Em voz baixa, Margot diz: — Fico feliz por você, papai. De verdade.

É o *sem dúvida* que a entrega. Papai está aliviado demais para reparar, mas eu reparo. Claro que é estranho para Margot. Ela ainda não está acostumada a ver a sra. Rothschild na nossa cozinha. Não teve oportunidade de ver todas as formas como a sra. Rothschild e papai fazem sentido juntos. Para Margot, ela ainda é só nossa vizinha que usava shortinho curto e biquíni cortininha para cortar a grama.

— Preciso da ajuda de vocês com o pedido — diz papai. — Lara Jean, você deve ter algumas ideias para me dar, não é?

— Ah, se tenho — respondo, confiante. — O pessoal está fazendo os convites para o baile de formatura, então tive muita inspiração recentemente.

Margot se vira para mim e ri, e quase parece real.

— Tenho certeza de que papai vai querer algo melhor do que “Quer casar comigo?” escrito com creme de barbear no capô do carro, Lara Jean.

— Os convites estão mais sofisticados agora do que na sua época,

Gogo.

Estou brincando também, provocando-a para que ela possa se sentir normal de novo depois da bomba que papai soltou.

— *Minha época?* Só sou dois anos mais velha que você. — Ela tenta falar com leveza, mas consigo ouvir a tensão em sua voz.

— Dois anos são como anos de cachorro quando o assunto é o ensino médio, não é, Kitty?

Eu a puxo e abraço com força. Kitty se contorce para se soltar.

— É, vocês duas são seres pré-históricos — diz ela. — Posso participar do pedido também, papai?

— Claro. Não posso me casar sem vocês. — Ele parece prestes a chorar. — Nós somos uma equipe, não somos?

Kitty está pulando como uma criancinha.

— Somos! — Ela está feliz da vida, e Margot também vê como isso é importante para ela.

— Quando vai fazer o pedido? — pergunta Margot.

— Hoje! — sugere Kitty.

Eu faço cara feia para ela.

— Não! Não dá tempo de pensar no jeito perfeito. Precisamos de uma semana, pelo menos. Além do mais, você nem tem anel. Espere aí, tem?

Papai tira os óculos e seca os olhos.

— Claro que não. Eu queria falar com vocês primeiro. Quero que vocês três estejam aqui para o pedido, então vou deixar para quando você voltar no verão, Margot.

— Falta muito — protesta Kitty.

— É, não espere tanto, papai — diz Margot.

— Bom, vocês vão ter que me ajudar a escolher a aliança — diz papai.

— Lara Jean tem o olho melhor para esse tipo de coisa — comenta Margot serenamente. — Além do mais, eu não conheço a sra. Rothschild direito. Não me sinto confiante para escolher uma aliança de que ela gostaria.

Uma sombra surge no rosto de papai. Foi o *eu não conheço a sra. Rothschild direito* que a fez surgir.

Eu me apresso para fazer minha melhor voz de Hermione.

— “Não me sinto confiante”? — provoco. — Ei, você sabe que ainda é americana, não é, Gogo? Nós não falamos com toda essa classe nos Estados Unidos.

Ela ri; nós todos rimos. Depois, como acho que ela também reparou naquela sombra, ela diz:

— Não deixem de tirar um monte de fotos, para eu poder ver.

— Nós vamos — responde papai, grato. — Vamos filmar, seja qual for a resposta. Deus, espero que ela diga sim!

— Ela vai dizer sim, com certeza — todas nós dizemos.

* * *

Margot e eu estamos embrulhando fatias de pizza em plástico e depois em papel-alumínio.

— Eu falei que duas pizzas era muito — diz ela.

— Pode ficar para o lanche da tarde de Kitty — retruco. — Peter também vai querer comer. — Eu olho para a sala, onde Kitty e papai estão aconchegados no sofá, vendo tevê. E sussurro para Margot: — O que você acha de verdade sobre o papai pedir a sra. Rothschild em casamento?

— Acho loucura — sussurra ela. — Ela mora do outro lado da rua, pelo amor de Deus. Eles podem namorar como dois adultos. Qual é o sentido de *se casar*?

— Talvez queiram oficializar a coisa toda. Talvez seja por Kitty.

— Eles nem estão namorando há tanto tempo! Faz o quê, seis meses?

— Um pouco mais do que isso. Mas, Gogo, eles se conhecem há anos.

Ela empilha as fatias embrulhadas de pizza.

— Você consegue imaginar como vai ser estranho ela vir morar aqui?

A pergunta dela me faz hesitar. A sra. Rothschild passa *bastante* tempo aqui em casa, mas não é o mesmo que morar aqui. Ela tem o jeito dela de fazer as coisas, e nós também. Ela usa sapatos dentro de casa, mas nós não usamos aqui, então ela os tira quando vem nos visitar. E, agora que estou pensando, ela nunca dormiu aqui; sempre volta para casa no fim da noite. Isso pode ser meio estranho. Além do mais, ela guarda pão na geladeira, coisa que eu odeio, e, para ser sincera, a cadela dela, Simone, solta muito pelo e acho que gosta de fazer xixi no tapete. Mas a questão é que como eu não vou para a UVA, não vou ficar aqui por muito mais tempo, vou morar no alojamento da faculdade.

— Mas nenhuma de nós vai morar aqui em tempo integral — digo. — Só Kitty, e ela está feliz da vida.

Margot não responde imediatamente.

— Sim, elas parecem bem próximas. — Ela vai até o freezer abrir espaço para a pizza e, de costas para mim, diz: — Não esqueça, temos que ir comprar seu vestido do baile antes de eu ir embora.

— Ah, vai ser ótimo! — Parece que foi ontem que saímos para comprar o vestido do baile de Margot, e agora é a minha vez.

Papai, que eu não percebi que tinha entrado na cozinha, diz:

— Será que Trina pode ir com vocês?

Ele me olha com esperança. Mas não é para mim que ele devia estar olhando. Eu já adoro a sra. Rothschild. É Margot que ela precisa conquistar. Olho para Margot, que está me encarando com os olhos arregalados e em pânico.

— Hum... — digo. — Acho que só deviam ir garotas Song desta vez.

Papai assente, como se entendesse.

— Ah. Tudo bem. — Em seguida, fala para Margot: — Nós dois podemos ter um tempo de pai e filha antes de você ir embora? Talvez pegar as bicicletas para fazer uma trilha?

— Parece ótimo — responde ela.

Quando ele vira as costas, Margot diz com movimentos labiais: *Obrigada*. Eu me sinto desleal com a sra. Rothschild, mas Margot é minha irmã. Tenho que ficar do lado dela.

* * *

Acho que Margot está se sentindo um pouco culpada por deixar a sra. Rothschild de fora do passeio, porque fica tentando fazer com que o evento pareça mais do que é. Quando vamos ao shopping no dia seguinte depois da aula, ela anuncia que cada uma de nós vai escolher dois vestidos, e que vou ter que experimentar todos para darmos notas a eles. Ela até imprimiu emojis de “curti” e “não curti” e fez plaquinhas.

O provador está lotado, e há vestidos por toda parte. Margot dá a Kitty a função de pendurar novamente as roupas, mas Kitty já desistiu e passou a jogar Candy Crush no celular de Margot.

Margot me entrega uma das escolhas dela primeiro, um vestido preto esvoaçante com mangas curtas.

— Você pode prender o cabelo se usar esse vestido.

Sem nem olhar, Kitty diz:

— Eu iria de cabelo solto e ondulado.

Margot faz uma careta para ela no espelho.

— Mas preto combina comigo? — pergunto.

— Você devia usar preto com mais frequência — diz Margot. — Fica bem em você.

Kitty cutuca um machucado na perna.

— Quando chegar o meu baile de formatura, eu vou usar um vestido de couro justíssimo — diz ela.

— Pode ficar quente na Virgínia em maio — digo enquanto Margot fecha meu zíper. — Mas você pode usar um vestido de couro no baile de volta às aulas, que é em outubro.

Nós olhamos meu reflexo no espelho. O corpete do vestido está grande, e o preto me deixa com cara de bruxa, mas uma bruxa com

um vestido desajustado.

— Acho que você precisa de peitos maiores para esse vestido — diz Kitty.

Ela levanta a plaquinha de “não curti”.

Eu franzo a testa para ela pelo espelho. Mas está certa.

— É, acho que sim.

— Mamãe tinha peitos grandes? — pergunta Kitty de repente.

— Hum... Acho que estavam mais para pequenos — diz Margot. —

Tipo bojo 38?

— Que tamanho você usa? — pergunta ela.

— 40.

Olhando para mim, Kitty diz:

— Então os de Lara Jean são pequenos como os da mamãe.

— Ei, eu tenho quase o tamanho 40! — protesto. — Sou um 38 grande. Quase 40. Alguém pode abrir meu zíper?

— Tri tem peitos grandes — comenta Kitty.

— São naturais? — pergunta Margot enquanto abre o zíper.

Eu tiro o vestido e o entrego para Kitty pendurar.

— Acho que são.

— São. Eu a vi de biquíni, e eles se espalham quando ela se deita, e é assim que a gente descobre. Os falsos ficam no lugar como bolas de sorvete. — Kitty pega o celular de Margot de novo. — Além disso, eu perguntei.

— Se fossem falsos, duvido que ela fosse dizer — diz Margot.

Kitty franze a testa para ela.

— Tri não mente para mim.

— Não estou dizendo que ela mentiria; estou dizendo que ela pode querer guardar segredo sobre uma cirurgia plástica! O que é direito dela!

Kitty só dá de ombros tranquilamente.

Visto depressa o vestido seguinte para encerrar o assunto dos peitos da sra. Rothschild.

— O que vocês acham deste?

As duas balançam a cabeça e pegam a plaquinha de “não curti” ao mesmo tempo. Pelo menos, elas estão unidas em não gostar do meu vestido.

— Onde está o que eu escolhi? Experimente o meu agora. — Kitty pega um vestido branco apertado com decote nos ombros que eu não usaria nem em um milhão de anos, e ela sabe disso. — Só quero ver como fica em você.

Tento agradá-la, e Kitty insiste que é o melhor vestido de todos, porque ela quer escolher o vencedor. No final, nenhum dos vestidos tem o meu estilo, mas isso não me incomoda. Ainda falta mais de um mês para o baile, e quero olhar alguns brechós antes de decidir

comprar algo de uma loja normal. Gosto da ideia de um vestido usado, um vestido que tem um passado, que passou por muitas coisas, um vestido que uma garota como Stormy pode ter usado em um baile.

Quando Margot parte para a Escócia na manhã seguinte, ela me faz prometer mandar fotos de vestidos em potencial, para ela poder palpar. Ela não diz mais nada sobre a sra. Rothschild, e não diria mesmo, porque não é do feitio dela.

— ACHO QUE o baile é bem parecido com a véspera de Ano-Novo — comenta Lucas.

Ele, Chris e eu estamos na enfermaria, porque a enfermeira saiu para almoçar e não se incomoda se ficarmos no sofá dela. Como estamos perto do final do último ano, todos são generosos.

— A véspera de Ano-Novo não tem nada a ver com o baile — diz Chris com desprezo, cutucando as unhas.

— Você quer me deixar terminar? — Lucas suspira e recomeça: — Como eu estava *dizendo*, o baile é sobrecarregado com o peso de todas as expectativas que depositamos nele. Uma noite perfeita que todo adolescente americano deve ter no ensino médio. Nós passamos tanto tempo e gastamos tanto dinheiro e nos sentimos obrigados... não, nos sentimos *merecedores* de uma noite épica. Nada pode resistir a toda essa pressão.

Acho que minha noite perfeita durante o ensino médio vai acabar sendo um momento qualquer, que não foi planejado nem esperado, só aconteceu. Acho que já tive umas doze noites perfeitas com Peter, então não preciso que o baile seja épico. Quando imagino a noite do meu baile, vejo Peter de smoking, sendo educado com meu pai, colocando um corsage, um buquê de punho, em Kitty. Nós todos tirando uma foto perto da lareira. Faço uma anotação mental para pedir que Peter compre um corsage pequeno para ela também.

— Isso quer dizer que você não vai? — pergunto a Lucas.

Ele suspira de novo.

— Não sei. Não tem ninguém aqui com quem eu queira ir.

— Se eu não fosse com Peter, ia convidar você — comento. E olho de Lucas para Chris. — Ei, por que vocês não vão juntos?

— Eu não vou ao baile — retruca Chris. — Acho que vou para alguma boate em Washington com o pessoal do Applebee's.

— Chris, você não pode faltar ao baile. Pode ir para boates com seus amigos do Applebee's a qualquer hora. Nós só temos um baile do último ano.

Meu aniversário é no dia seguinte ao baile, e estou um pouco chateada porque Chris parece ter esquecido. Se ela for para boates em Washington, é provável que passe todo o fim de semana fora, então nem vou vê-la no dia do meu aniversário.

— O baile vai ser chato. Sem querer ofender. Tenho certeza de que você vai se divertir, Lara Jean. Você vai com o rei do baile. E qual é o nome daquela garota que é sua amiga agora? Tammy?

— Pammy. Mas não vai ser divertido sem você lá.

Ela passa o braço pelo meu ombro.

— Aaahh.

— Nós sempre dissemos que iríamos ao baile juntas e depois veríamos o sol nascer no parquinho do ensino fundamental!

— Você pode ver o sol nascer com Kavinsky.

— Não é a mesma coisa!

— Calma — diz Chris. — Você provavelmente vai perder sua virgindade nessa noite mesmo, então eu vou ser a última coisa em que você vai estar pensando.

— Eu não estava planejando fazer sexo na noite do baile! — sussurro. Olho para Lucas, que está me observando com os olhos arregalados.

— Lara Jean... você e Kavinsky ainda não transaram?

Eu olho para ver se ninguém no corredor está ouvindo.

— Não, mas não conte para ninguém, por favor. Não que eu tenha vergonha nem nada. Só não quero que todo mundo fique sabendo da minha vida.

— Eu entendo, claro, mas, nossa — diz ele, ainda parecendo chocado. — Que... nossa.

— Por que é tão “nossa”? — pergunto a ele, e consigo sentir as bochechas quentes.

— Ele é tão... gostoso.

Eu dou uma gargalhada.

— É verdade.

— Fazer sexo na noite do baile é tão comum por um motivo — argumenta Chris. — Eu sei, é tradição, mas também é porque todo mundo está arrumado, a gente pode ficar fora a noite toda... A maioria das pessoas nunca mais vai ficar tão bonita e arrumada quanto na noite do baile, o que é muito triste. Todas aquelas meninas meio maria vai com as outras fazendo as unhas e escova no cabelo. Tão sem graça.

— Você não faz escova no cabelo? — pergunta Lucas.

Chris revira os olhos.

— Claro.

— Então por que você está criticando as outras pessoas por... — digo.

— Olhe, não é essa a questão. A questão é... — Ela franze a testa.

— Espere, do que a gente estava falando?

— Escova, manicure, garotas tipo maria vai com as outras — resume Lucas.

— Antes disso.

— Sexo? — sugiro.

— Isso! A questão é que perder a virgindade na noite do baile é um

clichê, mas clichês existem por um motivo. Tem um lado prático na história. Você pode ficar fora a noite toda, está linda etc. Faz sentido.

— Eu não vou fazer sexo pela primeira vez porque é conveniente e meu cabelo vai estar bonito, Chris.

— Tudo bem.

Não tenho certeza, mas imagino que minha primeira vez vai ser quando eu estiver na faculdade, no meu quarto, como uma adulta. É difícil imaginar isso acontecendo agora, enquanto ainda moro com meu pai, enquanto eu continuo sendo a Lara Jean, irmã e filha. Na faculdade, vou ser só Lara Jean.

FICA DECIDIDO QUE papai vai fazer o pedido para a sra. Rothschild no sábado, depois de caminharem por uma das trilhas favoritas deles. Será perto da cachoeira. O plano é Peter, Kitty e eu nos escondermos entre as árvores e gravar a coisa toda, depois aparecer com uma cesta para um piquenique romântico. Papai ficou nervoso com o vídeo, para o caso de a sra. Rothschild dizer não, mas Kitty implorou. “É para Margot”, ficou dizendo, mas na verdade ela é xereta e quer ver tudo acontecer. Claro que eu também quero. Peter é, literalmente, o motorista da rodada. Ele vai nos levar de carro.

Naquela manhã, antes de sair para pegar a sra. Rothschild, papai diz:

— Pessoal, se parecer que não vai ser um sim, vocês podem parar de filmar?

Eu estou embrulhando com cuidado sanduíches de rosbife em papel-manteiga.

— Ela vai dizer sim.

— Só me prometam que vão embora sem chamar atenção.

Ele olha com intensidade para Kitty.

— Pode deixar, dr. Covey — diz Peter, levantando a mão para bater na dele.

Quando eles se cumprimentam, digo:

— Papai, você pegou a aliança?

— Peguei! — Mas ele franze a testa. — Peguei? — Ele bate nos bolsos e abre o bolso interno da jaqueta. — Droga, esqueci!

Ele corre escada acima. Peter e eu trocamos um olhar.

— Nunca vi seu pai tão estressado — diz ele, comendo uma uva. — Ele costuma ser tão tranquilo.

Eu dou um tapa na mão de Peter, que está indo pegar mais uvas.

— Ele está assim a semana toda — comenta Kitty, antes de roubar uma uva também.

Papai desce correndo com a aliança de noivado. Kitty e eu o ajudamos a escolher. É um modelo princesa em ouro branco com um aro de diamantes em volta. Eu estava segura sobre o estilo princesa, e Kitty, sobre o aro.

Papai vai buscar a sra. Rothschild, e eu termino de montar a cesta de piquenique. Fico feliz de ter uma desculpa para usá-la. Comprei em uma venda de garagem séculos atrás, mas nunca havia usado. Coloco uma garrafa de champanhe, um cacho perfeito de uva, os sanduíches, queijo brie e torradas.

— Coloque uma garrafa de água também — sugere Peter. — Eles vão precisar depois da caminhada.

— E provavelmente depois de tanto chorar quando ela disser sim — diz Kitty.

— Que tal colocar uma música para quando ele se ajoelhar? — sugere Peter.

— Nós não discutimos essa parte do plano, e papai já está bastante nervoso — digo. — Ele não pode ficar imaginando que vamos estar escondidos no mato esperando para botar uma música. Vai deixá-lo com vergonha.

— Além do mais, podemos colocar a música no vídeo depois — diz Kitty. — Temos que conseguir ouvir os diálogos.

Eu olho para ela.

— Katherine, isso não é um filme. É a vida real.

Eu os deixo na cozinha e vou ao banheiro do andar de baixo. Depois que lavo as mãos, estou fechando a torneira quando ouço Kitty dizer:

— Peter, depois que Lara Jean for embora, você ainda vai vir me visitar às vezes?

— Claro que vou.

— Mesmo se vocês terminarem?

Há uma pausa.

— Nós não vamos terminar.

— Mas e se terminarem? — insiste ela.

— Nós não vamos.

Ela o ignora.

— Porque a gente não vê mais o Josh, e ele também disse que viria nos visitar.

Peter ri com deboche.

— É sério? Você está me comparando ao Sanderson? *Eu?* Sou de um nível totalmente diferente. Fico até ofendido de você nos comparar.

Kitty solta uma gargalhada aliviada, do tipo que mais parece um sussurro.

— É, você está certo.

— Acredite em mim, garota. Você e eu temos uma coisa só nossa.

Eu o amo tanto por isso que sinto vontade de chorar. Ele vai cuidar de Kitty por mim, sei que vai.

* * *

Papai nos disse que eles chegariam à cachoeira por volta do meio-dia, então temos que chegar às onze e quarenta e cinco para assumirmos nossas posições. Acabamos chegando mais cedo ainda só por segurança, por insistência de Kitty.

Escolhemos um esconderijo longe o bastante para a sra. Rothschild não nos ver, mas perto o bastante para enxergarmos o que está acontecendo. Kitty e eu nos escondemos atrás de uma árvore, e Peter se agacha atrás de outra bem perto, o celular a postos, pronto para gravar. Kitty queria ser a responsável pela filmagem, mas tomei a decisão definitiva de que devia ser Peter, porque ele não estará emocionalmente envolvido no momento e vai ficar com a mão mais firme.

Pouco depois do meio-dia, eles aparecem na trilha. A sra. Rothschild está rindo de alguma coisa e papai está rindo de forma pouco natural, com aquela mesma expressão nervosa no rosto. É estranho vê-los interagindo quando ela não sabe que estamos observando. Kitty estava certa; é um pouco como um filme. Ele parece mais jovem perto dela, talvez porque está apaixonado. Os dois se aproximam da cachoeira, e a sra. Rothschild suspira de felicidade.

— Caramba, é tão lindo aqui — diz ela.

— Não consigo ouvir quase nada — sussurra Kitty para mim. — A cachoeira faz muito barulho.

— Shh. Quem está fazendo barulho é você.

— Vamos tirar uma foto — diz papai, remexendo no bolso do casaco.

— Eu achava que você era moralmente contra selfies! — Ela ri. — Espere, me deixe ajeitar o cabelo para essa ocasião tão rara.

A sra. Rothschild solta o cabelo do rabo de cavalo e tenta arrumá-lo em volta do rosto. Em seguida, coloca o que parece uma pastilha para tosse ou uma bala na boca.

Papai está demorando tanto que por um segundo fico com medo de ele ter perdido o anel ou a coragem, mas aí ele se ajoelha. Pigarreia. Está acontecendo. Eu seguro a mão de Kitty e aperto. Os olhos dela estão brilhando. Meu coração está explodindo.

— Trina, eu nunca achei que fosse me apaixonar de novo. Achei que já tinha tirado a sorte grande, e estava satisfeito com isso, porque eu tinha as minhas meninas. Eu não percebi que faltava alguma coisa. Aí, você chegou.

As mãos da sra. Rothschild estão sobre a boca. Seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Eu quero passar o resto da vida com você, Trina.

A sra. Rothschild engasga com a bala, e papai dá um pulo e começa a bater nas costas dela. Ela está tossindo muito.

Da árvore onde está, Peter sussurra:

— Eu devia ir lá fazer a manobra de Heimlich nela? Eu sei fazer.

— Peter, meu pai é médico! — sussurro em resposta. — Ele sabe o que fazer.

Quando a tosse diminui, ela se empertiga e seca os olhos.

— Espere. Você está me pedindo em casamento?
— Eu estou tentando — diz papai. — Você está bem?
— Sim! — Ela bate com as mãos nas bochechas.
— Sim, você está bem, ou sim, você quer se casar comigo? — pergunta papai, e está brincando só um pouco.

— Sim, quero me casar com você! — grita ela, e papai a abraça, e eles se beijam.

— Isso parece meio particular — sussurro para Kitty.

— Faz parte do show — sussurra ela em resposta.

Papai entrega a caixa para a sra. Rothschild. Não consigo entender o que ele diz em seguida, mas, seja o que for, ela começa a rir.

— O que ele está dizendo? — pergunta Kitty, na mesma hora que Peter diz: — O que ele disse?

— Não consigo ouvir! Quietos, os dois! Vocês estão estragando o vídeo!

É nessa hora que a sra. Rothschild olha na nossa direção.

Droga.

Nós nos escondemos atrás das árvores, e ouço a voz zombeteira de papai dizer:

— Pode sair, pessoal. Ela disse sim!

Nós saímos correndo de detrás das árvores; Kitty se joga nos braços da sra. Rothschild. Elas caem na grama, e a sra. Rothschild está sem fôlego de tanto rir, as gargalhadas ecoando pela floresta. Eu abraço o papai, e Peter continua bancando o cinegrafista, gravando o momento para a posteridade como o bom namorado que é.

— Você está feliz? — pergunto, olhando para o meu pai.

Com os olhos cheios de lágrimas, ele assente e me abraça mais forte.

E é assim que nossa pequena família cresce.

É A PRIMEIRA noite em que estamos todos juntos para jantar depois do noivado, e papai está na cozinha preparando salada. Nós, as garotas, estamos na sala conversando. Kitty está fazendo dever de casa, a sra. Rothschild, tomando uma taça de vinho branco. Tudo está muito agradável, o momento perfeito para eu tocar no assunto do casamento. Passei a semana anterior trabalhando em um *mood board* para papai e a sra. Rothschild: tem imagens do filme *Orgulho e Preconceito*, uma parede de rosas como fundo para a área das fotos, imagens de *As Virgens Suicidas* e arranjos de flores em garrafas de vinho, uma referência aos vinhedos de Charlottesville.

Quando mostro para a sra. Rothschild no meu laptop, ela parece um pouco assustada. Apoia a taça de vinho na mesa e olha a tela com mais atenção.

— Está lindo, Lara Jean. Muito mesmo. Você dedicou muito tempo a isso!

Tanto tempo, na verdade, que perdi o jogo de lacrosse de Peter desta semana e uma noite de filmes na casa de Pammy. Mas isso aqui é importante. Claro que não falo nada em voz alta, só dou um sorriso singelo.

— Era mais ou menos isso o que vocês estavam pensando?

— Bem... para ser sincera, acho que estávamos pensando em só casar no cartório. Vender a minha casa e descobrir como todas as minhas tralhas vão caber aqui já é dor de cabeça suficiente.

Papai chega com uma saladeira de madeira nas mãos. Secamente, diz:

— Então você está dizendo que se casar comigo é uma dor de cabeça?

Ela revira os olhos.

— Você sabe o que estou dizendo, Dan! Você também não tem tempo de planejar uma grande festa de casamento. — Ela toma um gole de vinho e se vira para mim. — Seu pai e eu já fomos casados, então nenhum de nós tem vontade de fazer um alvoroço. Acho que vou até usar um vestido que já tenho.

— É claro que a gente devia fazer um alvoroço. Você sabe quantos anos papai demorou para encontrar alguém que comesse a comida dele e visse os documentários com ele? — Eu balanço a cabeça. — Sra. Rothschild, você é um milagre. Isso nós *temos* que comemorar. — Grito para meu pai, que voltou a desaparecer na cozinha. — Ouviu isso, pai? A sra. Rothschild quer ir ao *cartório*. Por favor, faça ela

desistir dessa ideia.

— Você pode parar de me chamar de sra. Rothschild? Agora que vou ser sua madrastra má, você devia pelo menos me chamar de Trina. Ou Tri. Como preferir.

— Que tal Madrastra? — sugiro, toda inocente. — Acho bom.

Ela dá um tapa em mim.

— Garota! Vou bater em você.

Rindo, eu me afasto dela.

— Vamos voltar a falar do casamento. Não sei se é um assunto delicado ou não, mas você guardou as fotos do seu primeiro casamento? Quero ver qual era seu estilo de noiva.

A sra. Rothschild faz uma careta.

— Acho que joguei tudo fora. Talvez tenha uma foto no meio de algum álbum. Ainda bem que me casei antes de as redes sociais virarem moda. Dá para imaginar se separar e ter que apagar todas as fotos do casamento?

— Não dá azar falar sobre divórcio quando você está planejando seu casamento?

Ela ri.

— Ah, então já estamos ferrados. — Eu devo parecer assustada, porque ela diz: — Estou brincando! Vou procurar uma foto do casamento se você quiser, mas, sinceramente, não sinto muito orgulho. Maquiagem com olhos esfumados era moda na época, e eu exagerei um pouco. Além do mais, fiz aquela coisa do começo dos anos 2000 com o lápis de boca chocolate e o batom com um efeito cintilante.

Eu tento manter o rosto neutro.

— Tá, tudo bem. E o vestido?

— De um ombro só, modelo sereia. Deixou minha bunda incrível.

— Entendo.

— Pare de me julgar!

Papai apoia a mão no ombro da sra. Rothschild.

— E se a gente fizesse aqui em casa?

— No quintal? — Ela pensa. — Acho que pode ser legal. Um churrasco com a família e alguns amigos?

— Papai não tem amigos — comenta Kitty do outro lado da sala, com o livro de matemática no colo.

Papai franze a testa para ela.

— Eu tenho amigos, sim. Tem o dr. Kang, do hospital, e tem Marjorie e tia D. Mas, er, sim, eu convidaria poucas pessoas.

— E a vovó — diz Kitty, e papai e a sra. Rothschild parecem nervosos com a menção à vovó. A mãe do papai não é a pessoa mais simpática do mundo.

— Não se esqueçam da nossa outra avó — falo.

A vovó Nana e a sra. Rothschild se conheceram no Dia de Ação de Graças e, embora papai não a tenha apresentado abertamente como sua namorada, vovó é esperta e não deixa passar nada. Ela interrogou a sra. Rothschild, querendo saber se ela tinha filhos, quanto tempo estava divorciada, se tinha dívidas. A sra. Rothschild se saiu bem, e quando acompanhei vovó até o carro para me despedir, ela disse que a sra. Rothschild “não era de se jogar fora”. Disse que ela usava roupas jovens demais para sua idade, mas também que tinha muita energia e uma certa vivacidade.

— Eu já tive uma grande festa de casamento — diz a sra. Rothschild. — Agora, eu também gostaria de convidar poucas pessoas. Alguns amigos da faculdade, Shelly do trabalho. Minha irmã Jeanie, meus amigos da aula de SoulCycle.

— Podemos ser suas madrinhas? — pergunta Kitty, e a sra. Rothschild ri.

— Kitty! Você não pode pedir isso. — Mas me viro para a sra. Rothschild, esperando para ver o que ela vai dizer.

— Claro — diz ela. — Lara Jean, você aceitaria?

— Seria uma honra.

— Então vocês três e minha amiga Kristen, porque ela vai me matar se eu não a chamar.

Eu bato palmas.

— Agora que isso está resolvido, vamos voltar ao vestido. Acho que o fato de a cerimônia ser realizada no quintal deve influenciar seu vestido.

— Desde que tenha mangas, para que meus braços flácidos não fiquem balançando — diz ela.

— Sra. Roth... quer dizer, Trina, você não tem braços flácidos — falo. Ela está muito em forma de tanto fazer Pilates e ir às aulas de SoulCycle.

Os olhos de Kitty se iluminam.

— O que são braços flácidos? Parece meio nojento.

— Venha aqui que eu mostro.

Kitty obedece, e a sra. Rothschild levanta os braços e os estica; mas no último segundo pega Kitty e faz cócegas nela. As duas estão morrendo de rir.

Sem fôlego, a sra. Rothschild diz:

— Nojento? Vou ensinar você a não chamar sua futura madrasta má de nojenta!

Acho que nunca vi papai tão feliz.

* * *

Naquela noite, no nosso banheiro, Kitty escova os dentes enquanto eu

passo um esfoliante novo que comprei em um site de beleza coreano. É de cascas de noz e mirtilo.

— Potes de vidro e toalhas xadrez... mas usados de uma forma elegante — reflito.

— Potes de vidro estão batidos — diz Kitty. — Olhe no Pinterest. Está todo mundo usando.

As palavras dela têm um quê de verdade.

— Bom, eu vou usar uma coroa de flores. Nem ligo se você disser que está batido.

— Você não pode usar coroa de flores — diz ela secamente.

— Por quê?

Ela cospe a pasta de dentes.

— Você está velha demais. Isso é para daminhas.

— Não, você não está visualizando o que quero dizer. Eu não estava pensando em uma flor como mosquitinho. Estava imaginando rosas pequenas cor-de-rosa e pêssego, com muitas folhas. De um verde meio pálido, sabe?

Ela balança a cabeça, determinada.

— Nós não somos fadas da floresta. É afetado demais. Sei que Gogo vai concordar comigo.

Tenho a sensação horrível de que vai mesmo. Decido deixar essa discussão de lado por enquanto. Não vai ser vencida hoje.

— Quanto aos vestidos, eu estava pensando em usarmos algo vintage. Não off-white, mas de um branco como se tivesse sido manchado de chá. Meio estilo camisola. Bem etéreo. Não de fada, mais para um ser celestial.

— Eu vou de smoking.

Eu quase engasgo.

— O quê?

— Smoking. Com tênis All Star combinando.

— Só por cima do meu cadáver!

Kitty dá de ombros.

— Kitty, esse casamento não é black-tie. Smoking não vai combinar com esse tipo de festa de casamento, em um quintal! Nós três temos que ir iguais! As garotas Song!

— Eu já falei para Tri e para papai, e os dois adoraram a ideia de eu ir de smoking, então esquece. — Ela está com aquela expressão obstinada que faz quando bate o pé. Como um touro.

— Então, no mínimo, você devia usar um terno de anarruga. Vai estar muito quente para um smoking, e anarruga deixa a pele respirar.

Sinto que fiz uma concessão e ela também devia fazer, mas, não.

— Não é você quem decide tudo, Lara Jean. Não é o seu casamento.

— Eu sei!

— Não se esqueça disso.

Eu estico a mão para sacudi-la, mas ela sai correndo antes que eu possa fazer isso. Por cima do ombro, grita:

— Cuide da sua vida!

FOMOS LIBERADOS MAIS cedo, e ando apressada pelo corredor para encontrar Peter no armário dele quando a sra. Duvall me para.

— Lara Jean! Você vem ao encontro esta noite?

— Hum... — Eu não me lembro de nada sobre um encontro.

Ela me repreende.

— Eu mandei um e-mail lembrando na semana passada! É uma reuniãozinha para estudantes das redondezas que passaram para a William and Mary. Alguns alunos daqui vão, mas pessoas de outras escolas também estarão lá. É uma oportunidade de conhecer gente antes de ir para lá.

— Ah... — Eu vi o e-mail, mas tinha esquecido. — Eu adoraria ir, mas não posso, tenho um... compromisso de família.

Tecnicamente, é verdade. Peter e eu vamos a uma venda de móveis usados em Richmond porque ele precisa comprar umas mesas de canto para o antiquário da mãe, e eu estou procurando uma mesa onde colocar o bolo no casamento de papai e de Trina.

A sra. Duvall me lança um olhar demorado e diz:

— Bom, tenho certeza de que vai haver outra. Muita gente faria qualquer coisa para estar no seu lugar, Lara Jean, mas certamente você já sabe disso.

— Eu sei — garanto a ela, e vou escapulindo para me encontrar com Peter.

A venda acaba sendo uma droga, ao menos para mim. Peter consegue as mesinhas, mas não vejo nada que combine com um casamento de atmosfera etérea a céu aberto. Vejo uma cômoda que talvez servisse, se eu a pintasse, ou se usasse estêncil para enchê-la de desenhos de botões de rosas, mas custa trezentos dólares, e tenho a impressão de que papai e Trina não aceitariam o preço. Tiro uma foto só por garantia.

Peter e eu vamos a um lugar sobre o qual li na internet, chamado Croaker's Spot, onde comemos peixe frito e pão de milho amanteigado pingando de molho adocicado.

— Richmond é legal — diz ele, limpando molho do queixo. — Pena que a William and Mary não fica em Richmond. Fica mais perto da UVA.

— Só é trinta minutos mais perto. De qualquer modo, eu estava pensando e não vai demorar nem um ano inteiro até eu pedir transferência para a UVA. — Começo a contar os meses nos dedos. — São nove meses, na verdade. E vou passar as férias de inverno em

casa, depois temos o recesso de primavera.

— Exatamente.

* * *

Quando chego em casa, está escuro lá fora, e papai, Trina e Kitty estão à mesa da cozinha terminando de jantar. Papai começa a se levantar quando eu entro.

— Sente-se, vou preparar um prato para você — diz ele. Com uma piscadela, comenta: — Trina fez frango com limão.

O frango com limão de Trina é só peito de frango temperado com limão e cozido com óleo Pam, mas é a especialidade dela e é bem gostoso. Eu me sento e digo:

— Não, obrigada, eu estou empanturrada.

— Serviram jantar no encontro da William and Mary? — quer saber papai, se sentando. — Como foi?

— Como você soube do encontro? — pergunto, me inclinando para fazer carinho em Simone, a cadela de Trina, que me seguiu até a cozinha e agora está sentada aos meus pés na esperança de pegar algum resto de comida.

— Mandaram um convite pelo correio. Eu coloquei na porta da geladeira!

— Ah, ops. Eu não fui. Fui a Richmond com Peter procurar uma mesa de bolo para o casamento.

Papai franze a testa.

— Você foi até Richmond no meio da semana? Atrás de uma mesa de bolo?

Oh-oh. Eu me apresso a pegar o celular para mostrar a eles.

— É meio cara, mas podemos deixar as gavetas entreabertas, cheias de rosas. Mesmo que a gente não compre exatamente essa cômoda, se vocês gostarem, tenho certeza de que conseguiria encontrar algo parecido.

Papai se inclina para olhar.

— Gavetas cheias de rosas? Me parece caro, além de nada ecologicamente correto.

— Bom, acho que dá para usar margaridas, mas o efeito não é o mesmo. — Olho para Kitty antes de continuar. — Quero voltar a falar dos vestidos das madrinhas.

— Espere um minuto, eu quero voltar a falar de você ter faltado ao encontro da sua faculdade para ir a Richmond — interrompe papai.

— Não se preocupe, pai, tenho certeza de que vai haver um monte de outros encontros até o início do ano letivo. Kitty, em relação aos vestidos das madrinhas...

Sem nem se virar para mim, Kitty diz:

— Use você a tal camisola.

Escolho ignorar o fato de que ela chamou o vestido de camisola e digo:

— Não vai ficar bom se for só eu. A beleza está no conjunto. Todas nós combinando, muito etéreas, como anjos. Assim, se torna um visual, uma coisa só. Se só eu usar, não vai dar certo. Tem que ser nós três. — Não sei quantas vezes mais eu preciso dizer a palavra “etérea” para fazer as pessoas entenderem qual é o clima desse casamento.

— Se você quer que a gente fique combinando — diz Kitty —, pode usar smoking também. Eu não me incomodaria com isso.

Respiro fundo para não acabar gritando com ela.

— Bom, vamos ver o que Margot tem a dizer sobre tudo isso.

— Margot não vai se importar com nada.

Kitty fica de pé para botar o prato na pia e, quando está de costas, eu levanto as mãos em um gesto de que vou estrangulá-la.

— Eu vi — diz ela. Eu juro, ela tem olhos na parte de trás da cabeça.

— Trina, o que você acha? — pergunto.

— Sinceramente, para mim faz a menor diferença o que vocês vão usar, mas você vai ter que chegar a um acordo com Margot e Kristen. Elas podem querer outras coisas.

— Só para você saber — comento com delicadeza —, é “não faz a menor diferença” em vez de “faz a menor diferença”. Porque, se você usar a afirmativa, quer dizer que faz diferença.

Trina revira os olhos, e Kitty se senta na cadeira e diz:

— Por que você é assim, Lara Jean?

Eu a empurro e me dirijo a Trina:

— Kristen já é uma mulher madura, então tenho certeza de que vai aceitar o que nós quisermos. Ela é adulta.

Trina não parece ter tanta certeza.

— Ela não vai querer nada com os braços de fora. Vai tentar convencer você a colocar um cardigã combinando por cima.

— Hum, não.

Trina levanta as mãos.

— Você tem que resolver isso com Kristen. Como eu falei, faz a menor diferença para mim. — Ela fica vesga olhando para mim, e eu e Kitty caímos na gargalhada.

— Espere um minuto, podemos voltar a falar desse encontro ao qual você não foi? — pergunta papai, a testa franzida. — Me pareceu um evento legal.

— Eu vou ao próximo — prometo. Claro que não estou falando sério.

Não faz sentido eu ir aos encontros e me apegar a pessoas se só vou ficar lá nove meses.

Depois de servir uma tigelinha de sorvete, subo e mando uma mensagem para Margot, para ver se ela está acordada. Ela está, então ligo na mesma hora para buscar apoio na questão do vestido, e Kitty está certa: não faz diferença para Margot.

— Eu faço o que vocês quiserem fazer.

— Os lugares mais quentes do inferno estão reservados para aqueles que não se manifestam em tempos de crise — comento, lambendo a colher.

Ela ri.

— Achei que os lugares mais quentes do inferno estivessem reservados para as mulheres que não ajudam outras mulheres.

— Bom, acho que o inferno tem muitos lugares bem quentes. Mas, sinceramente, você não acha que Kitty vai ficar meio boba de smoking? É um casamento pequeno, no nosso quintal. É para ser etéreo!

— Acho que ela não vai ficar mais boba que você usando uma coroa de flores. Deixe que ela use o smoking, e você pode usar sua coroa de flores, e eu vou ficar neutra. Na verdade, eu e a sra. Rothschild mal nos conhecemos, então não vejo muito sentido de eu ser madrinha. Sei que ela está fazendo isso para ser legal, mas não é necessário. É um pouco de exagero.

Agora, estou arrependida de ter tocado no assunto e forçado a questão do smoking contra a coroa de flores. A última coisa que quero é Margot pensando em não vir ao casamento. Ela, no máximo, aceita Trina. Na mesma hora, eu digo:

— Bom, nós não temos que usar coroas de flores. Você e eu poderíamos usar vestidos lisos, e Kitty, o smoking. Ficaria bem bonito.

— Como foi o encontro da William and Mary hoje? Você conheceu alguém legal?

— Como é que eu era a única que não estava sabendo desse encontro?

— Estava na porta da geladeira.

— Ah. Eu não fui.

Há uma pausa.

— Lara Jean, você já pagou a taxa de matrícula da William and Mary?

— Eu vou pagar! É até o dia primeiro de maio.

— Você está pensando em mudar de ideia?

— Não! Só não cuidei disso ainda. As coisas andam loucas aqui, com o casamento para organizar e tudo o mais.

— Parece que está virando uma grande festa. Achei que eles quisessem fazer uma coisa simples.

— Nós estamos vendo as opções. Vai ser simples. Só acho que devia ser um dia muito especial, para ficar nas nossas memórias.

Depois que desligamos o telefone, eu desço e coloco a tigela de sorvete na pia. Na volta, paro na sala, onde tem um retrato de casamento da mamãe e do papai acima da lareira. O vestido dela é de renda com mangas curtas e uma saia esvoaçante. O cabelo está preso em um coque lateral, com algumas mechas soltas. Ela usa brincos de diamante que nunca a vi usar no dia a dia. Ela quase nunca usava joias, nem maquiagem. Papai está de terno cinza, mas ainda não tem nenhum fio de cabelo grisalho; as bochechas estão lisas como um pêssego, sem barba por fazer. Ela está como me lembro dela, mas papai está bem mais jovem.

Percebo que vamos ter que tirar a foto dali. Seria desagradável para Trina ter que olhar para o retrato todos os dias. Ela não parece se incomodar com isso agora, mas, depois que estiver morando aqui, depois que eles estiverem casados, é bem provável que ela mude de opinião. Eu poderia pendurar no meu quarto, mas Margot talvez queira também. Vou perguntar isso quando ela voltar.

* * *

Kristen, a amiga de Trina, vem jantar na nossa casa esta semana, armada com uma garrafa de vinho rosé e uma pilha de revistas de noiva. Pelo jeito como Trina tinha falado de Kristen, eu estava imaginando uma pessoa intimidante e alta, mas Kristen tem a minha altura. Ela tem cabelo castanho cortado acima dos ombros e pele bronzeada. Fico impressionada com sua coleção da revista *Martha Stewart Weddings*, com edições de anos e anos.

— Só não amasse os cantos — diz ela, o que me faz franzir a testa. Como se eu fosse fazer uma coisa dessas.

— Acho que devíamos discutir o chá de panela primeiro. — Ela está fazendo carinho em Jamie Fox-Pickle; a cabeça clara dele repousada no colo dela. Eu nunca o vi gostar de um desconhecido tão rápido, o que interpreto como bom sinal.

— Pensei que um chá poderia ser divertido — digo. — Eu faria sanduichinhos de pão sem casca e *scones* pequenininhos e nata...

— Eu estava pensando em uma festa no SoulCycle — diz Kristen. — Eu encomendaria tops de cores néon dizendo “Time Trina”. Nós podemos fechar uma aula!

Tento não parecer decepcionada ao fazer que sim e murmurar “Hum...”

— Pessoal, as duas ideias parecem ótimas, mas não quero chá de panela — diz Trina. Eu e Kristen ofegamos. Com um sorriso de quem pede desculpas, ela explica: — Nós já temos muita coisa. O objetivo de

um chá de panela é dar à noiva tudo que ela precisa para montar a nova casa, e não consigo pensar em nada de que precisaríamos.

— Nós não temos sorveteira — comento. Ando querendo experimentar fazer sorvetes há um tempo, mas a sorveteira que quero custa mais de quatrocentos dólares. — E papai sempre fala de uma máquina de massas.

— Nós podemos comprar essas coisas. Afinal, somos adultos. — Kristen abre a boca para se opor, mas Trina diz: — Kris, estou determinada. Nada de chá de panela. Já tenho mais de quarenta anos, caramba. Já passei por isso antes.

— Não sei o que isso tem a ver — retruca Kristen, com rigidez. — O objetivo do chá de panela é fazer a noiva se sentir especial e amada. Mas tudo bem. Se for tão importante para você, não vamos fazer.

— Obrigada — diz Trina. Ela se inclina e passa o braço em volta da amiga, que faz uma expressão inflexível.

— Mas a despedida de solteira não é negociável. Você tem que ter uma. Ponto final.

— Não me oponho a isso — diz Trina, sorrindo. — Talvez nós possamos aproveitar a sua ideia da aula de SoulCycle para a despedida de solteira.

— De jeito nenhum. Nós temos que ser ambiciosas. Que tal Las Vegas? Você ama Las Vegas. Vou mandar e-mails para as meninas hoje, assim dá para o marido de Sarah arrumar uma suíte no Bellagio...

— Não sei se Las Vegas é uma boa ideia. A despedida de solteira tem que ser aqui e tem que ser liberada para menores, para as meninas poderem ir.

— Que meninas? — pergunta Kristen.

Trina aponta para mim.

— As minhas meninas. — Ela sorri para mim timidamente, e eu retribuo o sorriso, sentindo as bochechas esquentarem.

— E se nós fôssemos a um karaokê? — sugiro, e Trina bate palmas de alegria.

Kristen fica de queixo caído.

— Sem querer ofender, Lara Jean, mas o que está acontecendo aqui, Trina? Você não pode levar suas futuras enteadas para sua despedida de solteira. Isso não está certo. Não vamos poder comemorar como se deve. Como antigamente, enchendo a cara até cair, para você aproveitar seus últimos momentos de solteira.

Trina olha para mim e balança a cabeça.

— Só para deixar registrado, eu nunca “enchi a cara até cair”. — Para Kristen, ela diz: — Kris, eu não penso nelas como minhas futuras enteadas. Elas são só... as garotas. Mas não se preocupe. Nós vamos nos divertir. Margot está na faculdade e Lara Jean está praticamente

lá. Elas podem ficar perto de um pouco de sangria e chardonnay.

— Você adora mesmo vinho branco — comento, e Trina dá um tapa no meu ombro.

Kristen suspira alto.

— Bom, e a caçula?

— Kitty é madura para a idade — diz Trina.

Kristen cruza os braços.

— Eu vou bater o pé nisso. Você não pode levar uma criança para uma despedida de solteira. Não é apropriado.

— Kris!

Nesse momento, sinto que tenho que me manifestar.

— Concordo com Kristen. Nós não vamos poder levar Kitty ao karaokê. Ela é muito nova. Não vão deixar uma garota de onze anos entrar.

— Mas ela vai ficar tão decepcionada.

— Ela vai superar — falo.

Kristen toma um gole de vinho rosé e diz:

— Decepção é bom para as crianças, as prepara para o mundo real, onde nem tudo gira em torno delas e do que estão sentindo.

Trina revira os olhos.

— Se você insistir em não levarmos Kitty para a despedida de solteira, eu vou insistir em não ter nada em formato de pênis. Estou falando sério, Kris. Nada de bolo de pênis, nada de canudos de pênis, nem de macarrão de pênis. Sem pênis, ponto final.

Eu fico vermelha. Existe macarrão em formato de pênis?

— Tudo bem. — Kristen faz um beicinho.

— Tudo bem. Podemos falar do casamento de verdade, por favor?

Eu corro para pegar o laptop e abro o *mood board*, e é nessa hora que Kitty decide nos agradecer com sua presença. Ela estava na sala vendo tevê.

— Em que ponto do planejamento estamos? — quer saber ela.

Kristen olha para ela antes de dizer:

— Vamos falar de comida.

— Que tal food trucks? — sugiro. — Tipo, um de waffle?

Kristen franze os lábios.

— Eu estava pensando em churrasco. Trina adora churrasco.

— Hum... — falo. — Mas muita gente faz churrasco, não faz? É meio...

— Batido? — sugere Kitty.

— Eu ia dizer comum. — Mas, é.

— Mas Trina adora churrasco!

— Vocês podem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui? — diz Trina. — Eu amo churrasco. E que tal potes de vidro?

Estou esperando Kitty falar mal dos potes de conserva de novo, mas

ela não comenta nada do tipo. Só diz:

— O que acham de flores comestíveis nas bebidas?

Tenho certeza de que ela roubou essa ideia de mim.

Trina faz uma dancinha na cadeira.

— Isso! Adorei!

— Podemos arrumar uma poncheira e botar umas flores flutuando — acrescento.

Kristen me olha com aprovação.

Animada, eu digo com pompa:

— Quanto aos bolos, precisamos fazer um bolo de casamento e um bolo do noivo.

— Nós precisamos mesmo de dois bolos? — pergunta Trina, roendo a unha. — Não vai ter tanta gente assim.

— Estamos no sul dos Estados Unidos. Temos que fazer um bolo do noivo. Para o bolo da cerimônia, eu estava pensando em um simples com cobertura de glacê de baunilha. — Trina sorri para mim. É o bolo favorito dela, nada complicado. Não é muito empolgante de fazer, mas é seu preferido. — Para o do papai, eu estava pensando... em um bolo de Thin Mint! Bolo de chocolate com cobertura de menta, mas com Thin Mints esmigalhados em cima.

Tenho grandes planos para esse bolo.

Desta vez, é Kitty que acena com aprovação. Pela primeira vez em semanas, sinto-me mais à vontade comigo mesma.

KITTY ESTÁ MISTURANDO diferentes esmaltes em um prato de papel enquanto eu pesquiso “penteados de celebridades” para o cabelo de Trina no casamento. Estou deitada no sofá, com as costas apoiadas em almofadas, e Kitty está no chão, com vidros de esmalte ao redor. De repente, ela pergunta:

— Você já pensou se papai e Trina tiverem um bebê e ele for parecido com o papai?

Kitty pensa em coisas que jamais teriam passado pela minha cabeça. Eu nunca tinha pensado nisso, que eles podiam ter um bebê e que esse suposto bebê não se pareceria conosco. O bebê seria uma mistura do papai e Trina. Ninguém teria que imaginar de quem ele é filho ou quem puxou o quê de quem. As pessoas saberiam, naturalmente.

— Mas os dois são tão velhos — respondo.

— Trina tem quarenta e três. Dá para ficar grávida aos quarenta e três. A mãe de Maddie acabou de ter um bebê, e ela tem quarenta e três anos.

— Verdade...

— E se for menino?

Papai com um filho. É um pensamento surpreendente. Ele não é muito esportivo, não como seria de se esperar tradicionalmente de um homem. Quer dizer, ele gosta de andar de bicicleta e joga tênis em dupla na primavera. Mas tenho certeza de que há coisas que ia querer fazer com um filho que não faz conosco porque nenhuma de nós está interessada. Pescar, talvez? Ele não liga para futebol americano. Trina gosta mais do que ele.

Quando minha mãe estava grávida de Kitty, Margot queria outra irmã, mas eu queria um irmão. As garotas Song e seu irmãozinho. Acho que, no final das contas, seria legal ter um irmão. Ainda mais porque eu não vou estar morando aqui e não vou ter que ouvir o choro no meio da noite. Minha parte vai ser só comprar botinhas de bebê e suéteres com raposas ou coelhos.

— Se escolherem o nome Tate, nós podemos chamá-lo de Tater Tot — reflito.

Duas bolotas vermelhas aparecem nas bochechas de Kitty, e de repente ela parece ser tão pequena quanto a imagino na minha cabeça: uma garotinha.

— Eu não quero que eles tenham um bebê. Se eles tiverem um bebê, eu vou ser a filha do meio. Eu não vou ser nada.

— Ei! Eu sou a do meio agora!

— Margot é a mais velha e a mais inteligente, e você é a mais bonita. — *Eu sou a mais bonita? Kitty acha que eu sou a mais bonita?* Eu tento não parecer feliz demais, porque ela ainda está falando. — Eu sou só a caçula. Se eles tiverem um bebê, não vou ser nem isso.

Coloco o computador de lado.

— Kitty, você é muito mais do que a garota Song mais nova. Você é a garota Song rebelde. A cruel. A levada. — Kitty está repuxando os lábios, tentando não sorrir ao ouvir isso. Acrescento: — E, aconteça o que acontecer, Trina ama você; ela sempre vai amar, mesmo que tenha um bebê, coisa que não acho que vá acontecer. — Eu paro. — Espere, você estava falando sério quando falou que eu era a mais bonita?

— Não, retiro isso. Acho que eu vou ser a mais bonita quando chegar ao ensino médio. Você pode ser a boazinha. — Eu pulo do sofá e a pego pelos ombros, como se fosse sacudi-la, e ela ri.

— Eu não quero ser a boazinha.

— Mas você é. — Ela não fala como um insulto, mas não exatamente como um elogio. — O que você queria ter que eu tenho?

— Sua cara de pau.

— O que mais?

— Seu nariz. Você tem um narizinho bolotinha. — Eu bato no nariz dela. — E você de mim?

Kitty dá de ombros.

— Sei lá. — Ela cai na gargalhada e eu a sacudo pelos ombros.

Ainda estou pensando em tudo isso mais tarde. Eu não tinha pensado em papai e Trina tendo um bebê. Mas Trina não tem filhos, só o “bebê peludo”, a golden retriever Simone. Talvez queira ter um bebê. E papai nunca disse, mas pode ser que queira tentar mais uma vez para ver se tem um menino. O bebê seria dezoito anos mais novo do que eu. Que pensamento estranho. E mais estranho ainda: eu já tenho idade para ter um bebê também.

O que Peter e eu faríamos se eu engravidasse? Não consigo nem imaginar o que aconteceria. Só consigo ver a expressão na cara de papai quando eu lhe contasse a notícia, e é nesse ponto que eu paro de pensar no assunto.

* * *

Na manhã seguinte, a caminho da escola, no carro de Peter, dou uma olhada no perfil dele.

— Gosto de como sua pele é tão lisinha — comento. — Que nem a de um bebê.

— Eu conseguiria ter uma barba, se quisesse — diz ele, tocando no

queixo. — Uma bem densa.

— Não conseguiria, não — digo com carinho. — Mas, quem sabe um dia, quando você for um homem crescido.

Ele franze a testa.

— Eu *sou* um homem crescido. Tenho dezoito anos!

Dou uma risada debochada.

— Você nem prepara seu próprio almoço. Sabe lavar roupa?

— Eu sou um homem nos quesitos que importam — gaba-se ele, e eu reviro os olhos.

— O que você faria se fosse convocado para a guerra? — pergunto.

— Hã... estudantes universitários não são dispensados? Ainda existe convocação?

Não sei a resposta para nenhuma das duas perguntas, então sigo em frente.

— O que você faria se eu ficasse grávida agora?

— Lara Jean, a gente nem está transando. Seria a imaculada conceição.

— E se nós estivéssemos?

Ele grunhe.

— Você e suas perguntas! Não sei. Como eu posso saber o que eu faria?

— O que você *acha* que faria?

Peter não hesita.

— O que você quisesse fazer.

— Você não ia querer decidir junto? — Eu o estou testando, mas não sei em relação a quê.

— Não seria eu quem teria que carregar um bebê por nove meses. O corpo é seu, não meu.

A resposta dele me agrada, mas continuo em frente.

— E se eu dissesse... vamos ter o bebê e nos casar?

Mais uma vez, Peter não hesita.

— Eu diria claro. Vamos lá!

Agora, sou eu quem está franzindo a testa.

— Sério? Assim, de repente? A maior decisão da sua vida e você só diz claro?

— É. Porque eu *tenho* certeza.

Eu me inclino até ele e coloco as mãos nas bochechas lisinhas.

— É assim que eu sei que você ainda é um garoto. Porque você tem tanta certeza.

Ele franze a testa para mim.

— Por que você está falando isso como se fosse uma coisa ruim?

Eu o solto.

— Você está sempre tão certo de si mesmo. Você nunca fica em dúvida.

— Bom, eu tenho certeza de uma coisa — diz ele, olhando diretamente à frente. — Tenho certeza de que eu nunca seria igual ao meu pai, independentemente da idade que eu tenha.

Fico em silêncio, sentindo culpa por ter implicado com ele e trazido à tona sentimentos ruins. Quero perguntar se o pai ainda está tentando se aproximar dele para fazer as pazes, mas a expressão no rosto de Peter me impede de seguir em frente. Eu só queria que o pai dele pudesse consertar as coisas entre os dois antes de o filho ir para a faculdade. Porque agora Peter ainda é um garoto, e, no fundo, acho que todos os garotos querem conhecer seus pais, independentemente de que tipo de homem eles sejam.

* * *

Depois da aula, nós vamos ao drive-thru, e Peter já está devorando o sanduíche antes de sairmos do estacionamento. Entre mordidas de sanduíche de frango frito, ele diz:

— Você estava falando sério quando disse mais cedo que não conseguia se ver casando comigo?

— Eu não disse isso!

— Você disse mais ou menos. Disse que eu ainda sou um garoto e que não podia se casar com um garoto.

Pronto, eu o magoei.

— Não foi isso que quis dizer. Eu quis dizer que não consigo me imaginar casando agora. Nós ainda somos bebês. Como poderíamos *ter* um bebê? — Sem pensar, acrescento depressa: — De qualquer modo, meu pai me deu um kit contraceptivo para levar para a faculdade, então nós não vamos ter que nos preocupar com uma gravidez.

Peter quase engasga no sanduíche.

— Kit contraceptivo?

— Isso. Camisinhas e... — Barreiras dentais. — Peter, você sabe o que é uma barreira dental?

— Uma o quê? É alguma coisa usada por dentistas?

Eu dou uma risada.

— Não. Essa é para sexo oral. E eu achando que você era um grande especialista e que *você* seria quem *me* ensinaria tudo na faculdade!

Meu coração acelera enquanto espero que ele faça uma piada sobre nós dois finalmente transarmos na faculdade, mas ele não faz. Ele só franze a testa e diz:

— Não gosto que seu pai ache que estamos transando quando isso não é verdade.

— Ele só quer que a gente tome cuidado. Ele trabalha com isso, lembra? — Dou um tapinha no joelho dele. — Seja como for, eu não

vou engravidar, então tudo bem.

Ele amassa o guardanapo e joga no saco de papel, os olhos ainda na rua.

— Seus pais se conheceram na faculdade, não foi?

Fico surpresa por ele se lembrar disso. Eu não me lembro de ter contado essa história para ele.

— Foi.

— Quantos anos eles tinham? Dezoito? Dezenove?

Sei que tem algum motivo para Peter ficar perguntando sobre isso.

— Vinte, eu acho.

O rosto dele perde um pouco da vivacidade, mas só um pouco.

— Certo, vinte. Eu tenho dezoito e você vai fazer dezoito no mês que vem. Vinte é só dois anos a mais. Quando a gente para pra pensar, dois anos não fazem muita diferença, não é? — Ele sorri para mim. — Seus pais se conheceram com vinte anos. Nós nos conhecemos com...

— Doze — falo.

Peter franze a testa, irritado por eu ter estragado a argumentação dele.

— Tá, nós nos conhecemos quando éramos crianças, mas só ficamos juntos com dezessete...

— Eu tinha dezesseis.

— Só ficamos juntos *de verdade* quando nós dois tínhamos dezessete. Que é praticamente a mesma coisa que dezoito, que é praticamente a mesma coisa que vinte. — Ele está com uma expressão satisfeita, como se fosse um advogado prestes a vencer um caso.

— É uma linha de raciocínio muito forçada e deturpada. Você já pensou em ser advogado?

— Não, mas agora eu estou pensando. Quem sabe?

— A UVA tem uma ótima faculdade de direito — comento.

De repente sinto uma angústia, porque o começo da faculdade é uma coisa, mas escolher cursar direito? Isso é tão distante, e quem sabe o que vai acontecer até lá? Quando esse momento chegar, vamos ser pessoas muito diferentes. Ao pensar em Peter com vinte, vinte e poucos anos, sinto uma espécie de saudade do homem que posso nunca chegar a conhecer. Agora, hoje, ele ainda é um garoto, e eu o conheço melhor do que ninguém, mas e se não for sempre assim? Nossos caminhos já estão se afastando, um pouco mais a cada dia, quanto mais nos aproximamos de agosto.

TRINA COLOCOU A casa à venda algumas semanas depois de ela e papai ficarem noivos. Kristen é corretora de imóveis e disse que agora era a hora de vender, porque as pessoas gostam de comprar na primavera. Ela estava certa; um casal fez uma proposta na mesma semana, mais cedo do que qualquer um poderia ter imaginado. Papai e Trina achavam que a casa ia ficar à venda por pelo menos um mês, mas agora o pessoal da mudança está levando caixas e mais caixas para nossa casa, e tudo está acontecendo na velocidade da luz.

Nunca houve uma grande discussão sobre quem ia morar com quem; só pareceu certo que Trina viesse para cá. Primeiro, nossa casa é maior, mas também é mais fácil fazer a mudança de uma pessoa do que de quatro. Teoricamente. Para uma pessoa, Trina tem muita tralha. Muitas caixas de roupas e sapatos, os equipamentos de exercício, algumas peças de mobília, uma cabeceira enorme forrada de veludo que sei que provoca horrores no papai.

— Se fosse eu, não ia querer me mudar para a casa de outra mulher — diz Chris.

Ela está perto da janela do meu quarto, vendo Trina orientar os funcionários do caminhão de mudança. Chris passou na minha casa a caminho do trabalho para pegar um par de sapatos emprestado.

— Que outra mulher? — pergunto.

— Sua mãe! Eu sempre teria a sensação de que a casa ainda é dela. Que ela escolheu a mobília, o papel de parede...

— Na verdade, Margot e eu escolhemos boa parte. Eu escolhi o papel de parede da sala de jantar; ela escolheu a cor do banheiro do andar de cima. — Eu lembro que Margot, mamãe e eu nos sentamos no chão da sala com todos os catálogos de papel de parede e amostras de carpete e de cores de tinta. Ficamos a tarde toda examinando detalhadamente cada catálogo, com Margot e eu brigando sobre qual tom de azul era o certo para o banheiro que dividiríamos. Eu pensei em azul-turquesa, e Margot pensou em azul-celeste. Por fim, mamãe nos fez jogar pedra, papel e tesoura para decidir, e Margot ganhou. Eu fiquei emburrada até vencê-la na escolha do papel de parede.

— Só estou dizendo. Se eu fosse Trina, ia querer começar do zero — diz Chris.

— Bom, isso é meio impossível quando seu futuro marido tem três filhas.

— Você entendeu. Tão do zero quanto possível.

— Eles compraram uma cama nova, pelo menos. Chega amanhã.

Chris se anima com isso e se senta na minha cama.

— Eca, é bizarro pensar em seu pai fazendo sexo.

Eu dou um tapa na perna dela.

— Eu não penso nisso! Então, por favor, não toque no assunto.

Ela puxa os fiapos do short curto.

— Trina tem um corpo lindo.

— Eu estou falando sério, Chris!

— Só estou falando que mataria para ter um corpo daquele na idade dela.

— Ela não é tão velha.

— Mesmo assim. — Chris me olha com doçura. — Se eu abrir a janela, posso fumar aqui?

— Acho que você já sabe a resposta a essa pergunta, Christina.

Ela faz beicinho, mas é só cena, porque ela sabe que eu não ia dizer sim.

— Ugh. Os Estados Unidos são tão irritantes com relação ao fumo. Tão limitados.

Agora que Chris vai para a Costa Rica, ela olha com desprezo para tudo que é americano. Ainda não consigo acreditar que ela vai embora.

— Você não vai mesmo ao baile? — pergunto.

— Não vou mesmo.

— Você vai se arrepender de não ir — aviso. — Quando estiver trabalhando na fazenda na Costa Rica, vai se lembrar de repente de que não foi ao baile e vai sentir um arrependimento horrível, e vai ter sido culpa sua.

— Duvido muito! — diz ela com uma risada.

Depois que Chris sai para trabalhar, fico no computador na cozinha pesquisando vestidos de madrinha e/ou de baile, e papai e Trina entram em casa quando terminam de conversar com o pessoal da mudança. Tento parecer ocupada, como se estivesse estudando, para o caso de eles me pedirem para ajudar. A espertinha da Kitty sumiu nos últimos dias, e estou arrependida de não ter feito a mesma coisa.

Papai se serve de um copo de água e seca o suor na testa.

— Você precisa mesmo trazer a esteira? — pergunta ele a Trina. — Nem está funcionando direito.

— Está funcionando muito bem.

Ele engole o resto da água.

— Nunca vi você usar.

Ela franze a testa.

— Isso não quer dizer que eu não uso. Quer dizer que não uso na sua frente.

— Certo. E quando foi a última vez que você usou?

Ela semicerra os olhos.

— Não é da sua conta.

— Trina!

— *Dan!*

Esse é um novo lado de papai: brigão, que perde um pouco a paciência. Trina desperta isso nele, e sei que pode parecer estranho, mas fico feliz por isso. É uma coisa que eu nunca tinha percebido que havia sumido nele. Existe a vida pacata, uma vida contente, sem altos e baixos radicais, e existem todos os atritos de quando se está apaixonado por alguém. Trina demora uma eternidade para ficar pronta, o que deixa papai louco, e debocha dos hobbies dele, como a observação de pássaros e os documentários. Mas eles combinam.

TEM UM JOGO de lacrosse hoje, mas Pammy não pode ir porque precisa trabalhar, e é claro que Chris nunca se dignaria a ir a um jogo de lacrosse, então levo Kitty comigo. Ela se faz de difícil, refletindo em voz alta que pode ser chato, mas quando eu digo “Deixa pra lá, então”, ela logo topa.

Nas arquibancadas, encontramos a mãe de Peter e o irmão mais novo dele, Owen, então nos sentamos com eles. Ele e Kitty fingem que o outro não existe; o garoto joga no celular dele, e ela, no dela. Owen é alto, mas se senta curvado, o cabelo caindo nos olhos.

Nós conversamos um pouco sobre o noivado do meu pai com Trina e conto algumas das minhas ideias para o casamento. Ela assente o tempo todo e diz de repente:

— Pelo que sei, você também merece parabéns.

— Por quê? — pergunto, confusa.

— William and Mary!

— Ah! Obrigada.

— Sei que você queria estudar na UVA, mas talvez seja melhor assim. — Ela me dá um sorriso solidário.

Eu também sorrio para ela, em dúvida. Não sei o que “melhor assim” quer dizer exatamente. Ela ficou feliz por eu não estar indo para a UVA com Peter? Acha que isso quer dizer que vamos terminar?

— Williamsburg nem é tão longe de Charlottesville mesmo.

— Hum, é verdade — responde ela.

Peter marca um ponto, e nós duas nos levantamos e comemoramos.

Quando me sento novamente, Kitty pergunta:

— A gente pode comprar pipoca?

— Claro — respondo, feliz de ter uma desculpa para me levantar. Para a mãe e o irmão de Peter, ofereço: — Vocês querem alguma coisa?

— Pipoca — diz Owen, sem tirar os olhos da tela do celular.

— Vocês podem dividir — diz a mãe de Peter.

Deço a arquibancada e estou indo para a lanchonete quando reparo em um homem meio de lado, os braços cruzados, vendo o jogo. Ele é alto e tem cabelo castanho. É bonito. Quando vira a cabeça e o vejo de perfil, sei quem é, porque conheço aquele rosto. Conheço aquele queixo, aqueles olhos. Ele é o pai de Peter. É como ver uma versão mais velha de Peter, e fico paralisada, hipnotizada.

Ele me vê olhando e dá um sorriso simpático. Sinto que não tenho escolha a não ser dar um passo à frente e perguntar:

— Com licença... mas você é o pai do Peter?

— Você é amiga dele?

— Sou Lara Jean Covey. Hum, a namorada dele. — Ele parece levar um susto, mas se recupera e estica a mão. Eu a aperto com firmeza, querendo causar uma boa impressão. — Nossa, você é igualzinho a ele.

Ele ri, e fico surpresa com quanto Peter puxou dele.

— Ele é igualzinho a mim, você quer dizer.

Eu também dou uma risada.

— Certo. Você nasceu primeiro.

Há um silêncio constrangedor, e ele pigarreja e pergunta:

— Como ele está?

— Ah, está bem. Está ótimo. Você soube que ele vai estudar na UVA com uma bolsa de lacrosse?

Ele assente, sorrindo.

— A mãe dele me contou. Estou orgulhoso. Sei que não posso levar nenhum crédito por isso, mas mesmo assim. Estou muito orgulhoso do garoto. — Os olhos dele se desviam para o campo, para Peter. — Eu só queria vê-lo jogar. Senti falta disso. — Ele hesita antes de dizer: — Por favor, não conte a Peter que eu estive aqui.

Fico tão surpresa que só consigo dizer:

— Ah... tudo bem.

— Obrigado, eu agradeço. Foi um prazer conhecê-la, Lara Jean.

— O prazer foi meu, sr. Kavinsky.

Sigo de volta à arquibancada, e só quando estou na metade do caminho é que percebo que esqueci a pipoca, então tenho que descer de novo. Quando chego na lanchonete, o pai de Peter foi embora.

Nosso time acaba perdendo, mas Peter marca três pontos, e é um bom jogo para ele. Fico feliz de o pai tê-lo visto jogar, mas queria não ter concordado em guardar segredo. Sinto dor no estômago só de pensar que não posso falar nada.

No carro, ainda estou pensando no pai dele, mas Kitty diz:

— Foi esquisito o que a mãe de Peter disse sobre ser bom você não estudar na UVA.

— Você também achou isso?

— Não tinha como achar outra coisa — diz ela.

Olho meus retrovisores laterais antes de virar à esquerda para sair do estacionamento da escola.

— Acho que ela não quis ser *cruel*. Ela só não quer ver Peter se magoar, só isso. — Nem eu, então talvez seja melhor eu não dizer nada para ele sobre ter visto seu pai. E se ele ficar empolgado com a presença do pai e acabar se magoando de novo? De repente, eu digo: — Quer parar e tomar um sorvete de iogurte?

É claro que Kitty concorda.

Peter vai para a minha casa depois de tomar banho, e, assim que vejo como ele está feliz, decido não dizer nada.

Estamos deitados no chão da sala usando máscaras faciais. Se o pessoal da escola o visse agora! Ele pergunta, com os dentes trincados:

— O que essa máscara faz?

— Deixa a pele iluminada.

— Oi, Clarice — grunhe ele, virando-se para mim.

— Do que você está falando?

— É de *O Silêncio dos Inocentes*!

— Ah, eu não vi esse filme. Parecia assustador.

Peter se senta ereto. Ele sempre tem dificuldades para ficar parado.

— Nós temos que ver agora. Isso é ridículo. Não posso namorar uma pessoa que não viu *O Silêncio dos Inocentes*.

— Hã, tenho certeza de que é minha vez de escolher o filme.

— Covey, pare com isso! É um clássico — exclama Peter, na mesma hora que o celular dele vibra. Ele atende, e ouço a voz da mãe dele na linha. — Oi, mãe... estou na casa da Lara Jean. Vou para casa daqui a pouco... Também amo você.

Quando ele desliga o telefone, eu digo:

— Ei, esqueci de contar antes, mas, no jogo de hoje, sua mãe disse que talvez fosse melhor eu não ter entrado na UVA.

— *O quê?* — Ele se senta e tira a máscara do rosto.

— Bom, ela não disse bem assim, mas acho que foi isso que quis dizer.

— Quais foram as palavras exatas dela?

Eu também tiro a máscara.

— Ela me deu parabéns por ter entrado na William and Mary e acho que disse “Sei que você queria estudar na UVA, mas talvez seja melhor assim”.

Peter relaxa.

— Ah, ela sempre fala assim. Ela olha o lado bom das coisas. É bem parecida com você.

Não foi o que pareceu para mim, mas não insisto, porque Peter é muito protetor em relação à mãe. Acho que teve que ser, porque sempre foram só eles três. Mas e se ele não precisasse ser? E se Peter tiver uma chance real de ter um relacionamento com o pai? E se esta noite tiver sido prova disso? Casualmente, eu pergunto:

— Ei, quantos convites de formatura você pediu?

— Dez. Minha família é pequena. Por quê?

— Eu só estava pensando. Eu pedi cinquenta, para a minha avó poder mandar uns para a nossa família na Coreia. — Hesito antes de continuar: — Você acha que vai mandar um para o seu pai?

Ele franze a testa.

— Não. Por que eu mandaria? — Ele pega o celular. — Vamos ver que filmes faltam. Se não dá para ver *O Silêncio dos Inocentes*, poderíamos assistir a *Trainspotting* ou *Duro de Matar*.

Não digo nada por um momento, mas aí pego o celular da mão dele.

— É minha vez de escolher! E escolho... *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*!

* * *

Para uma pessoa que já fez questão de alardear que não via comédias românticas nem filmes estrangeiros, Peter ama *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*. É sobre uma garota francesa que tem medo de viver no mundo, então tem fantasias estapafúrdias, com abajures que falam, pinturas que se mexem e crepes que parecem discos. Este filme me deixa com vontade de morar em Paris.

— Como será que você ficaria de franja? — reflete Peter. — Lindinha, aposto. — No final do filme, quando ela faz uma torta de ameixa, ele se vira para mim e diz: — Você sabe fazer torta de ameixa? Parece deliciosa.

— Sabe de uma coisa? Pequenas tortinhas de ameixa podem ser uma boa ideia para a mesa de sobremesas. — Eu começo a pesquisar receitas no celular.

— Não se esqueça de me chamar quando for testar a receita — diz Peter, bocejando.

TRINA E EU estamos no sofá tomando chá. Estou mostrando a ela fotos de arranjos florais quando papai entra pela porta da frente e desaba no sofá conosco.

— Dia longo? — pergunta Trina.

— O mais longo de todos — responde ele, fechando os olhos.

— Tenho uma pergunta — digo.

Ele abre os olhos.

— Sim, filha do meio?

— O que vocês estão pensando para a primeira dança?

Ele geme.

— Estou cansado demais agora para pensar em danças.

— Por favor. É seu casamento! Precisa se interessar, papai.

Trina ri e cutuca a lateral dele com o pé.

— Precisa se interessar, Dan!

— Tudo bem, tudo bem. Bom, Trina é fã de Shania Twain. — Eles sorriem um para o outro. — Então... que tal “From This Moment On”?

— Aww — diz ela. — Você me conhece mesmo.

— Shania Twain? — repito. — É ela quem canta aquela música “Man! I Feel Like a Woman”?

Trina segura a caneca como se fosse um microfone e inclina a cabeça.

— “*From this moment, I will love you*” — canta ela, desafinada.

— Acho que não conheço essa música — digo, tentando parecer neutra.

— Bote para tocar no celular — pede ela para papai.

— Não julgue — avisa ele, e bota a música.

É a música mais nada a ver com ele que já ouvi. Mas ele fica com um sorriso bobo no rosto o tempo todo, que só aumenta quando Trina envolve os ombros dele com um dos braços e o faz balançar com o ritmo.

— É perfeita — digo, e de repente sinto vontade de chorar. Eu pigarreio. — Agora que a música está escolhida, podemos começar a avançar pela lista. Ando discutindo com a Tilly’s Treats por causa dos pudins de banana em potinhos de conserva, e eles dizem que não podem fazer por menos de sete dólares cada um.

Papai franze a testa.

— Parece meio caro, não?

— Não se preocupe, vou fazer uma visita a uma confeitaria de Richmond, e se o preço do frete não for muito alto, pode ser a solução.

— Viro as páginas do meu fichário. — Eu ando tão focada nas sobremesas que não tive oportunidade de me reunir com a banda com que fiz contato. Eles vão tocar em Keswick este fim de semana, então talvez eu vá vê-los.

Papai olha para mim com preocupação.

— Querida, parece que você substituiu os doces pelo planejamento do casamento para aliviar o estresse. Isso está meio exagerado.

— A banda não é exatamente uma *banda* — digo rapidamente. — É um vocalista e um cara com um violão. Eles estão começando, então os valores são bem razoáveis. Vou saber mais quando os conhecer pessoalmente.

— Eles não têm vídeos que você possa assistir? — pergunta Trina.

— Claro, mas não é a mesma coisa.

— Acho que não precisamos de uma banda — diz papai, trocando um olhar com Trina. — Acho que ficaríamos ótimos botando música para tocar no computador.

— Isso é bom, mas teríamos que alugar o equipamento de som. — Eu começo a folhear o fichário, e Trina apoia a mão no meu braço.

— Querida, acho ótimo você querer nos ajudar com isso e fico muito agradecida. Mas, sinceramente, eu ia preferir que você não se estressasse com isso. Seu pai e eu não ligamos para os detalhes. Nós só queremos nos casar. Não precisamos de food truck nem de pudins de banana. Ficaríamos felizes mesmo só de pedir churrasco no BBQ Exchange. — Eu começo a falar, mas ela me impede. — Você só tem um último ano do ensino médio e quero que o aproveite. Você tem um namorado gato e acabou de entrar em uma ótima faculdade. Seu aniversário está chegando. É hora de vocês serem jovens, comemorem e aproveitem a companhia um do outro!

— Com certos limites, claro — completa papai rapidamente.

— Mas eu não estou estressada — protesto. — Me concentrar no casamento me dá uma sensação de paz! É bem tranquilizador para mim.

— E você tem ajudado muito, mas acho que tem outras coisas em que você devia estar pensando. Como terminar o último ano e se preparar para a faculdade. — Papai está com aquela expressão firme e impassível no rosto, a que vejo tão raramente.

Eu franzo a testa.

— Então é isso, vocês não querem mais que eu ajude com o casamento?

— Eu ainda quero que você fique encarregada dos vestidos das madrinhas, e adoraria que você fizesse nosso bolo de casamento... — diz Trina.

— E o bolo do noivo? — interrompo.

— Claro. Mas o resto nós vamos resolver. Juro que estamos fazendo

isso para o seu bem, Lara Jean. Chega de discutir preços com prestadores de serviço.

— Chega de viagens improvisadas para Richmond atrás de mesas de bolo — acrescenta papai.

Dou um suspiro relutante.

— Se vocês têm certeza...

Trina assente.

— Seja jovem. Concentre-se em encontrar um vestido para o baile. Você já começou a procurar?

— Mais ou menos. — Só agora estou me dando conta de que estamos a menos de um mês do baile e eu ainda não tenho vestido. — Se vocês têm certeza...

— Nós temos certeza — diz papai, e Trina assente.

Enquanto subo a escada, ouço papai sussurrar para ela:

— Por que você a está encorajando a ir aproveitar o namorado gato dela?

Eu quase dou uma gargalhada alta.

— Não foi isso que eu quis dizer! — retruca Trina.

Ele faz um som de reprovação.

— Foi o que pareceu.

— Ai, meu Deus, não precisa ser tão literal, Dan. Além do mais, o namorado dela é gato.

* * *

Pesquisei vestidos de baile no computador e dou uma gargalhada toda vez que penso em papai chamando Peter de meu “namorado gato”. Depois de uma hora pesquisando, tenho certeza de que encontrei o vestido certo. É no estilo bailarina, com corpete de tecido metálico trançado e saia de tule. O site chama a cor de rosa-antigo. Stormy vai ficar satisfeita.

Com isso resolvido, entro no site da William and Mary e pago a taxa de matrícula, como devia ter feito semanas antes.

* * *

Na mesma semana, no caminho para a escola, Peter diz que escapou de fazer uma entrega para a mãe dele e que pode ir comigo ver a banda tocar em Keswick.

— Acontece que papai e Trina não querem a banda — digo, chateada. — Não querem quase nada, na verdade. Eles querem que seja um casamento barato. Vão pegar umas caixas de som emprestadas e botar música do computador. Adivinha que música eles escolheram

para a primeira dança?

— Qual?

— “From This Moment On”, da Shania Twain.

Ele franze a testa.

— Nunca ouvi falar.

— É muito brega, mas, ao que parece, eles adoram. Sabia que a gente não tem uma música? Uma música nossa?

— Tudo bem, vamos escolher uma.

— Não funciona assim. Não se *escolhe* a música. A música escolhe você. Que nem o Chapéu Seletor.

Peter assente com vigor. Ele finalmente terminou de ler os sete livros do Harry Potter e sempre quer provar que entende minhas referências.

— Entendi.

— Tem que... acontecer. Um momento. E a música transcende o momento, sabe? A música da minha mãe e do meu pai era “Wonderful Tonight”, do Eric Clapton. Eles dançaram no casamento deles.

— E como se tornou a música deles?

— Foi a primeira música lenta que eles dançaram na faculdade. Foi em um baile, pouco depois de começarem a namorar. Já vi fotos daquela noite. Papai vestia um terno grande demais e o cabelo da minha mãe estava preso em um coque banana.

— Que tal assim: a próxima música que tocar vai ser a nossa música. Vamos deixar o destino escolher.

— Nós não podemos fazer o nosso destino.

— Claro que podemos. — Peter estica a mão e liga o rádio.

— Espere! Qualquer estação de rádio? E se não for uma música lenta?

— Tudo bem, vamos botar na Lite 101.

Peter aperta o botão.

— O Ursinho Pooh não sabe o que fazer, está com um pote de mel preso no focinho — diz uma mulher.

— Que merda é essa? — pergunta Peter.

— Essa não pode ser a nossa música.

— Melhor de três?

— Não vamos forçar a barra. Vamos saber quando ouvirmos, eu acho.

— Talvez a gente ouça no baile — comenta Peter. — Ah, isso me lembra uma coisa. De que cor é o seu vestido? A minha mãe vai pedir à amiga florista para fazer seu corsage.

— É rosa-antigo. — Chegou pelo correio ontem, e quando experimentei, Trina disse que era o vestido “mais Lara Jean” que ela já tinha visto. Mandeí uma foto para Stormy, que respondeu com um “Uh la la” e um emoji de mulher dançando.

— O que é rosa-antigo? — pergunta Peter.

— É um tom de rosa meio dourado. — Peter continua parecendo confuso, então suspiro e digo: — É só falar para a sua mãe. Ela vai saber. E você pode levar um corsage menor para Kitty e fingir que foi ideia sua?

— Claro, mas eu poderia ter tido essa ideia sozinho, sabe? — resmunga ele. — Você devia me dar a oportunidade de ter minhas próprias ideias.

Eu dou um tapinha no joelho dele.

— Só não esqueça.

ESTÁ TARDE. FICO na cama dando uma olhada no meu kit de boas-vindas da William and Mary. Acontece que a William and Mary não permite que calouros tenham carros no campus, e estou prestes a ligar para Peter para contar isso quando recebo uma mensagem de texto de John Ambrose McClaren. Fico surpresa ao ver o nome dele no celular, faz tanto tempo que não nos falamos. Então, leio a mensagem de texto.

Stormy morreu dormindo noite passada. O enterro será em Rhode Island na quarta. Achei que você podia querer saber.

Continuo sentada por um momento, atordoadada. Como pode ser? Da última vez que a vi, ela estava bem. Estava ótima. Era a Stormy. Ela não pode ter morrido. Não a minha Stormy. Stormy, que era sempre o centro das atenções, que me ensinou a passar batom vermelho para que, nas suas palavras, “durasse até depois de uma noite de beijos e muito champanhe”.

Começo a chorar e não consigo parar. O ar não chega aos meus pulmões. Mal enxergo, de tantas lágrimas. Elas ficam caindo no celular e enxugo o rosto com as costas da mão. O que eu digo para John? Ela era avó dele, e ele era seu neto preferido. Eles eram muito próximos.

Primeiro, digito Sinto muito. Tem alguma coisa que eu possa fazer? Mas apago, porque o que eu poderia fazer para ajudar?

Sinto muito. Ela era a pessoa mais cheia de vida que eu já conheci. Vou sentir muita falta dela.

Obrigado. Eu sei que ela também amava você.

A mensagem dele traz novas lágrimas aos meus olhos.

Stormy sempre dizia que ainda sentia como se tivesse vinte e poucos anos. Que às vezes sonhava que era uma garota de novo, que via os ex-maridos e eles estavam velhos, mas ela ainda era Stormy. Ela dizia que, quando acordava de manhã, ficava surpresa de estar naquele corpo velho com ossos velhos. “Mas ainda tenho pernas lindas”, dizia ela. E tinha mesmo.

É quase um alívio o enterro ser em Rhode Island, muito longe para eu ir. Não vou a um enterro desde que minha mãe morreu. Eu tinha nove anos, Margot, onze, e Kitty, apenas dois. A lembrança mais nítida que tenho daquele dia é de estar sentada ao lado do meu pai, Kitty nos

braços dele, e sentir o corpo dele tremendo ao meu lado enquanto ele chorava em silêncio. As bochechas de Kitty estavam molhadas das lágrimas dele. Ela não entendeu nada, só que ele estava triste. Ficava dizendo “Não chora, papai”, e ele tentava sorrir para ela, mas o sorriso parecia se derreter. Eu nunca tinha me sentido daquele jeito, como se mais nada fosse seguro e não pudesse voltar a ser.

Agora, estou chorando de novo, por Stormy, pela minha mãe, por tudo.

Ela queria que eu transcrevesse suas memórias. Queria que o livro se chamasse *Tempos tempestuosos*. Nós nunca chegamos a fazer isso. Como as pessoas vão saber a história dela agora?

Peter liga, mas estou triste demais para conversar, então deixo cair na caixa postal. Acho que devia ligar para John, mas não me sinto no direito. Stormy era avó dele, e eu era apenas uma voluntária no lar para idosos onde ela morava. A pessoa com quem quero falar é minha irmã, porque ela também conhecia Stormy e porque ela sempre me faz sentir melhor, mas é madrugada na Escócia.

* * *

Ligo para Margot no dia seguinte, assim que acordo. Choro de novo quando dou a notícia para ela, e ela chora comigo. É Margot quem tem a ideia de fazer uma cerimônia em homenagem a ela em Belview.

— Você poderia fazer um pequeno discurso, servir cookies, e as pessoas poderiam contar suas histórias com ela. Tenho certeza de que os amigos dela gostariam disso, já que não vão poder ir ao enterro.

Eu assoo o nariz.

— Tenho certeza de que Stormy também ia gostar.

— Eu queria poder estar aí.

— Eu também — concordo, e minha voz falha. Eu sempre me sinto mais forte com Margot ao meu lado.

— Mas Peter vai estar lá — diz ela.

Antes de sair para a escola, ligo para Janette, minha antiga chefe em Belview, e falo sobre a ideia da cerimônia. Ela concorda na mesma hora e diz que poderíamos fazer na quinta-feira à tarde, antes do bingo.

Quando chego à escola e conto a Peter sobre a cerimônia de Stormy, o rosto dele muda.

— Merda. Eu tenho que ir naquele Dia no Gramado com a minha mãe.

Dias no Gramado são eventos organizados para os calouros da UVA. São datas específicas em que você reserva uma vaga e vai com seus pais, assiste a algumas aulas, visita os alojamentos. É um dia

importante. Era algo pelo qual eu estava ansiosa quando achava que poderia ir para lá.

- Mas eu não preciso ir — oferece ele.
- Não pode. Sua mãe mataria você. Você tem que ir.
- Eu não ligo — diz ele, e eu acredito.
- Não tem problema. Você não conhecia Stormy.
- Eu sei. Mas queria estar lá por você.
- O que vale é a intenção.

* * *

Em vez de usar preto, escolho um vestido leve que Stormy me disse que havia gostado. É branco com miosótis azuis bordados na saia, mangas curtas bufantes um pouco caídas no ombro e cintura marcada. Como comprei no fim do verão, só tive oportunidade de usar uma vez. Parei em Belleview quando estava indo encontrar Peter no cinema, e Stormy disse que eu parecia uma garota de um filme italiano. Por isso, escolho esse vestido com as sandálias brancas que comprei para a formatura e um par de luvinhas brancas de renda que sei que ela iria adorar. Eu as encontrei em um brechó em Richmond chamado Bygones, e, quando as coloco, quase consigo imaginar Stormy as usando em um dos bailes dela ou nas suas festas de sábado à noite. Não estou com o anel de diamante rosa. Quero usá-lo pela primeira vez no baile, como Stormy desejava.

Levo a poncheira, uma tigela de cristal com amendoins, uma pilha de guardanapos com cerejas bordadas que consegui em uma venda de garagem, a toalha de mesa que usamos no Dia de Ação de Graças. Coloco algumas rosas no piano, onde Stormy se sentava. Faço um ponche com refrigerante de gengibre e suco de frutas gelado. Tudo sem álcool. Sei que Stormy protestaria, mas nem todos os residentes podem beber por causa dos remédios. Porém, deixo uma garrafa de champanhe ao lado da poncheira para quem quiser complementar um pouco sua bebida. Por fim, coloco Frank Sinatra para tocar, que Stormy sempre dizia que devia ter sido o segundo marido dela.

John disse que iria se conseguisse voltar de Rhode Island a tempo, e estou meio nervosa com isso, porque não o vejo há quase um ano, desde meu último aniversário. Nós nunca chegamos a namorar, não de verdade, mas foi por pouco, e, para mim, isso faz toda a diferença.

Algumas pessoas entram. Uma das enfermeiras empurra a sra. Armbruster na cadeira de rodas. Ela está sofrendo de demência, mas havia sido muito amiga de Stormy. O sr. Perelli, Alicia, a recepcionista Shanice, Janette. É um grupo legal e pequeno. A verdade é que conheço cada vez menos gente ali. Algumas pessoas foram morar com os filhos, outras faleceram. E também não vejo tantos rostos familiares

entre os funcionários. Bellevue mudou muito desde a última vez que estive aqui como voluntária.

Fico de pé na frente da sala, meu coração batendo desesperado no peito. Estou nervosa para fazer meu discurso. Sinto medo de gaguejar e me confundir na hora de falar, de não lhe fazer justiça. Quero falar direito, deixar Stormy orgulhosa. Todo mundo me encara com um olhar de expectativa, menos a sra. Armbruster, que está tricotando e olhando para o nada. Meus joelhos tremem embaixo da saia. Eu respiro fundo e estou prestes a começar a falar quando John Ambrose McClaren entra usando uma camisa de botão bem passada com calça cáqui. Ele se senta no sofá ao lado de Alicia. Eu aceno para ele e, em resposta, ele me dá um sorriso encorajador.

Respiro fundo.

— O ano era 1952. — Eu pigarreio e olho para o papel. — Era verão, e Frank Sinatra estava tocando no rádio. Lana Turner e Ava Gardner eram as estrelas do momento. Stormy tinha dezoito anos. Participava da banda marcial, havia sido eleita a garota que tinha as pernas mais bonitas, e sempre tinha um encontro no sábado à noite. Naquela noite em particular, ela saiu com um garoto chamado Walt. Por causa de um desafio, ela foi nadar nua no lago da cidade. Stormy não podia recusar um desafio.

O sr. Perelli ri e diz:

— É, não podia mesmo.

Outras pessoas murmuraram concordando:

— Nunca podia.

— Um fazendeiro chamou a polícia e, quando apontaram as luzes para o lago, Stormy os mandou se virarem para ela poder sair. Ela pegou carona para casa em uma viatura naquela noite.

— Não foi a primeira nem a última vez — diz alguém, e todo mundo ri. Consigo sentir meus ombros começarem a relaxar.

— Stormy vivia mais em uma noite do que a maioria das pessoas na vida toda. Ela era uma força da natureza. Ela me ensinou que o amor... — Meus olhos se enchem de lágrimas, e eu recomeço: — Stormy me ensinou que o amor é fazer escolhas corajosas todos os dias. Era isso que Stormy fazia. Ela sempre escolhia o amor. Ela sempre escolhia a aventura. Para ela, os dois eram a mesma coisa. E agora ela partiu em uma nova aventura, e desejamos apenas coisas boas para ela.

No sofá, John seca os olhos com a manga da camisa.

Aceno para Janette, e ela se levanta e aperta play no som. “Stormy Weather” soa na sala.

— *“Don’t know why there’s no sun up in the sky...”*

Depois, John abre caminho até mim com dois copos de plástico de ponche de frutas. Com tristeza, ele diz:

— Tenho certeza de que ela ianos dizer para batizar o ponche, mas... — Ele me entrega um copo e fazemos um brinde. — A Edith Sinclair McClaren Sheehan, mais conhecida como Stormy.

— O verdadeiro nome de Stormy era Edith? É tão sério. Parece o nome de alguém que usa saia de lã e meias pesadas e bebe chá de camomila à noite. Stormy tomava coquetéis!

John ri.

— Não é?

— Então de onde veio o apelido Stormy? Por que não Edie?

— Quem sabe? — diz John, com um sorriso torto nos lábios. — Ela teria adorado seu discurso. — Ele me olha de um jeito caloroso e grato. — Você é tão boa, Lara Jean. — Fico constrangida, não sei o que dizer. Apesar de nunca termos namorado, ver John de novo é como imagino que seja ver um ex-namorado. Provoca um sentimento melancólico. Familiar, mas um pouco constrangedor, porque tem muita coisa não dita entre nós.

Então ele diz:

— Stormy vivia pedindo que eu trouxesse minha namorada para visitá-la, mas eu nunca cheguei a fazer isso. Me sinto mal por isso agora.

Da forma mais casual que consigo, pergunto:

— Ah, você está namorando?

Ele hesita por uma fração de segundo e assente.

— O nome dela é Dipti. Nós nos conhecemos em um evento do Projeto das Nações Unidas na UVA. Ela me venceu e assumiu a liderança do nosso comitê.

— Uau.

— É, ela é incrível.

Nós dois começamos a falar ao mesmo tempo.

— Você sabe onde vai fazer faculdade?

— Você já decidiu...

Nós rimos, e uma espécie de entendimento passa entre nós.

— Eu ainda não decidi — diz ele. — Estou entre a Universidade de Maryland e a William and Mary. A Universidade de Maryland tem uma boa faculdade de administração, e fica bem perto de Washington. A William and Mary está em posições mais altas nos rankings, mas Williamsburg fica no meio do nada. Por isso, ainda não sei. Meu pai está chateado porque queria que eu estudasse na UNC, mas eu não passei para lá.

— Sinto muito. — Decido não mencionar que estou na lista de espera para a UNC.

John dá de ombros.

— Eu talvez tente me transferir para lá depois do primeiro ano. E você? Vai para a UVA?

— Eu não entrei — confesso.

— Nossa! Eu soube que eles foram muito mais seletivos este ano. A menina que está em segundo lugar no ranking de notas da minha escola não entrou, e ela era a candidata perfeita. Tenho certeza de que você também era.

— Obrigada, John — digo com timidez.

— Então para onde você vai se não vai para a UVA?

— William and Mary.

O rosto dele se abre em um sorriso.

— Sério? Que legal! Para onde Kavinsky vai?

— Para a UVA.

Ele assente.

— Certo, pelo time de lacrosse.

— E... Dipti? — Eu falo como se não me lembrasse do nome dela, embora me lembre, pois o ouvi dizê-lo dois minutos antes. — Para onde ela vai?

— Ela entrou antecipadamente na Universidade de Michigan.

— Uau, é tão longe.

— Bem mais longe do que a UVA e a William and Mary, com certeza.

— E vocês vão... continuar namorando?

— Esse é o plano — diz John. — Nós vamos pelo menos experimentar o namoro a distância. E você e Peter?

— Também estamos planejando fazer isso no primeiro ano. Vou pedir transferência para a UVA no segundo.

John bate o copo no meu.

— Boa sorte, Lara Jean.

— Para você também, John Ambrose McClaren.

— Se eu acabar indo para a William and Mary, vou ligar para você.

— É bom mesmo, hein — comento.

Fico em Belview bem mais do que pretendia. Alguém pega os discos antigos e as pessoas começam a dançar, e o sr. Perelli, apesar do quadril ruim, insiste em me ensinar a rumba. Quando Janette coloca a música "In the Mood", de Glenn Miller, eu e John nos olhamos e trocamos um sorriso secreto, os dois lembrando a festa USO. Foi como uma cena de filme. Parece que foi há muito tempo.

É estranho me sentir feliz na cerimônia póstuma de homenagem a alguém que eu amava, mas é assim que estou. Estou feliz de o dia ter corrido bem, de termos nos despedido de Stormy com estilo. É bom se despedir da maneira apropriada, ter essa oportunidade.

* * *

Quando volto de Belview, Peter está nos degraus da porta da minha

casa com um copo da Starbucks.

— Não tem ninguém em casa? — pergunto, andando rapidamente até ele. — Você teve que esperar muito?

— Que nada. — Ainda sentado, ele estica o braço e me puxa para abraçar minha cintura. — Venha se sentar. Converse um pouco comigo antes de entrarmos — diz ele, escondendo o rosto na minha barriga. Eu me sento ao lado dele. Ele pergunta: — Como foi a cerimônia em homenagem a Stormy? Como foi seu discurso?

— Foi bom, mas me conte primeiro sobre seu Dia no Gramado. — Eu pego o copo da Starbucks da mão dele e tomo um gole do café, que está frio.

— Ah. Eu assisti a uma aula. Conheci algumas pessoas. Nada muito empolgante. — Ele segura minha mão direita e passa o dedo na renda das luvas. — Que legal isso.

Tem alguma coisa que o está incomodando, alguma coisa que ele ainda não me contou.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Ele afasta o olhar.

— Meu pai apareceu hoje de manhã e queria ir com a gente.

Eu arregalo os olhos.

— E aí? Você o deixou ir?

— Não. — Peter não elabora, só diz “não”.

— Parece que ele está tentando ter um relacionamento com você, Peter — digo com hesitação.

— Ele teve muitas chances. Agora é tarde demais. Já era. Eu não sou mais criança. — Ele levanta o queixo. — Sou um homem, e ele não teve a menor participação nisso. Só quer levar o crédito. Quer ficar se gabando enquanto joga golfe com os amigos dizendo que o filho vai jogar lacrosse na UVA.

Eu hesito. Penso no olhar do pai dele observando Peter no campo de lacrosse. Havia tanto orgulho nos olhos dele, tanto amor.

— Peter... e se você desse uma chance a ele?

Peter está balançando a cabeça.

— Lara Jean, você não entende. E tem sorte de não entender. Seu pai é incrível. Faria qualquer coisa por vocês. Meu pai não é assim. Só quer saber dele mesmo. Se eu deixar ele voltar à minha vida, ele vai fazer merda de novo. Não vale a pena.

— Mas talvez valha. Você nunca sabe quanto tempo tem com as pessoas. — Peter se encolhe. Eu nunca disse algo assim antes, nunca me referi à minha mãe dessa maneira, mas, depois de perder Stormy, não consigo evitar. Preciso dizer, porque é verdade e porque vou me arrepender se ficar quieta. — Não estou dizendo isso por causa do seu pai. Estou falando por sua causa. Para você não se arrepender depois. Não machuque a si mesmo só por causa dele.

— Não quero mais falar sobre ele. Eu vim fazer você se sentir melhor, não para falar do meu pai.

— Tudo bem. Mas primeiro me prometa que vai pensar em convidá-lo para a formatura. — Ele começa a falar, e eu o interrompo. — Só pense no assunto. Só isso. Ainda falta um mês. Você não precisa decidir nada agora, então não concorde nem discorde.

Peter suspira, e tenho certeza de que vai dizer que não, mas ele só pergunta:

— Como foi seu discurso?

— Foi bom. Acho que Stormy teria gostado. Falei sobre o dia em que ela foi pega nadando nua e chamaram a polícia, e ela foi para casa em uma viatura. Ah, e John conseguiu voltar a tempo.

Peter assente diplomaticamente. Eu tinha mencionado para ele que John talvez fosse, e ele só falou “Legal, legal”, porque é claro que não dava para ter outra reação. Afinal, John era neto de Stormy.

— E onde McClaren vai fazer faculdade?

— Ele ainda não decidiu. Está entre a Universidade de Maryland e a William and Mary.

Peter ergue as sobrancelhas.

— Sério? Nossa, que incrível. — Ele fala de um jeito que deixa claro que não tem nada de incrível.

Eu olho para ele de um jeito engraçado.

— O quê?

— Nada. Ele sabia que você vai para lá?

— Não. Eu contei hoje. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Você está esquisito, Peter.

— Bom, o que você pensaria se eu dissesse que a Gen vai para a UVA?

— Não sei. Não ficaria tão incomodada assim, talvez? — Eu falo com sinceridade. Toda a minha insegurança e os meus sentimentos ruins em relação a Peter e Genevieve parecem tão distantes no passado. Peter e eu progredimos tanto depois daquilo. — Além do mais, é completamente diferente. John e eu nunca namoramos. Não nos falávamos havia meses. E, ainda por cima, ele está namorando. E nem decidiu se vai estudar lá.

— E onde a namorada dele vai estudar?

— Em Michigan.

Ele faz um som desdenhoso.

— Isso não vai durar.

— Talvez as pessoas pensem a mesma coisa de mim e você — digo baixinho.

— Literalmente, não é a mesma coisa. Nós só vamos estar separados por poucas horas, e depois você vai pedir transferência. É coisa de no máximo um ano. Eu vou para lá nos fins de semana. Literalmente, não

é nada de mais.

— Você acabou de dizer literalmente duas vezes — comento, para fazê-lo sorrir. Como ele não sorri, eu digo: — Você vai ter treinos e jogos. Não vai querer ir para a William and Mary todos os fins de semana. — É a primeira vez que penso isso.

Por um momento, Peter parece magoado, mas dá de ombros e diz:

— Tudo bem, você pode vir para cá. Você vai se acostumar com o trajeto. É basicamente só pegar a I-64.

— A William and Mary não permite que os calouros tenham carro. Nem a UVA. Eu pesquisei.

Peter dá de ombros.

— Vou pedir para a minha mãe levar meu carro até a UVA quando eu quiser ir ver você. Não é longe. E você pode pegar um ônibus. Vamos dar um jeito. Não estou preocupado com a gente.

Eu estou um pouco, mas não digo, porque Peter não parece querer falar de coisas práticas. Acho que eu também não quero.

Ele se aproxima mais de mim e pergunta:

— Quer que eu fique aqui esta noite? Posso voltar depois que minha mãe for dormir. Posso distrair você se ficar triste.

— Boa tentativa — brinco, beliscando a bochecha dele.

— Josh já passou a noite aqui? Com sua irmã?

Eu penso no assunto.

— Não que eu saiba. Duvido muito, na verdade. Afinal, estamos falando da minha irmã e de Josh.

— É verdade — concorda Peter, baixando a cabeça e esfregando a bochecha contra a minha. Ele adora como minhas bochechas são macias. Sempre diz isso. — Nós não somos nada parecidos com eles.

— Foi você que falou neles — digo, mas ele começa a me beijar, e não consigo nem terminar o pensamento, muito menos a frase.

NA MANHÃ DO baile, Kitty entra no meu quarto quando estou pintando as unhas dos pés.

— Você acha que essa cor combina com meu vestido? — pergunto.

— Parece que você mergulhou as unhas em xarope sabor tutti frutti.

Eu olho para meus pés. Parece mesmo. Talvez eu devesse usar um tom nude.

O consenso é que o vestido pede um coque. “Para mostrar as clavículas”, diz Trina. Eu nunca pensei nas minhas clavículas como algo a ser exibido; na verdade, nunca dei muita atenção às minhas clavículas.

Depois do almoço, Kitty vai comigo ao salão, para supervisionar tudo. Ela diz para a cabeleireira:

— Não deixe *arrumado* demais, sabe?

A cabeleireira me olha com nervosismo pelo espelho.

— Acho que sim... Você quer que fique natural? — Ela está falando com Kitty, não comigo, porque é óbvio quem está no comando. — Tipo, um coque natural?

— Mas não natural demais. Tipo Grace Kelly. — Kitty procura uma foto no celular e mostra para ela. — Assim, mas queremos o coque de lado.

— Só não use muito laquê — peço timidamente enquanto a cabeleireira enrola meu cabelo em um nó na base do meu pescoço e mostra para Kitty.

— Ficou ótimo — afirma Kitty. Para mim, ela diz: — Lara Jean, ela precisa usar laquê se você não quiser que desmorone.

De repente, estou cheia de dúvida sobre o penteado.

— Nós temos certeza de que queremos um coque?

— Temos — responde Kitty. Para a cabeleireira, ela diz: — Nós vamos fazer o coque.

* * *

O penteado fica mais “arrumado” do que estou acostumada. Meu cabelo foi preso em um coque lateral; a raiz está esticada como a de uma bailarina. Está bonito, mas, quando olho no espelho, não me reconheço. É uma versão mais velha e sofisticada de mim que vai à ópera ou à sinfonia.

Depois de todo o tempo que a cabeleireira passou arrumando meu cabelo, eu desmonto o penteado assim que chego em casa. Kitty grita comigo enquanto penteia meu cabelo, mas eu aguento. Esta noite, quero me sentir eu mesma.

— Como você vai fazer sua grande entrada? — pergunta Kitty enquanto passa a escova pelo meu cabelo uma última vez.

— Grande entrada? — repito.

— Quando Peter chegar aqui. Como você vai entrar na sala?

Trina, que está deitada na minha cama tomando picolé, se empertiga.

— No meu baile, os pais levavam as garotas pela escada, e alguém anunciava a gente.

Eu olho para as duas como se elas fossem doidas.

— Trina, eu não vou me casar. Só vou ao baile.

— Que tal apagar todas as luzes e botar uma música, e você aparece e faz uma pose no alto da escada...

— Eu não quero fazer isso — interrompo.

Ela franze a testa.

— Qual parte?

— Tudo.

— Mas você precisa de um momento em que todo mundo olhe para você e só para você — insiste Kitty.

— Isso se chama “primeiro olhar” — explica Trina. — Não se preocupe, vou filmar tudo.

— Se tivéssemos pensado nisso antes, poderíamos caprichar e talvez viralizasse. — Kitty balança a cabeça para mim de um jeito repreendedor, como se aquilo fosse culpa minha.

— A última coisa de que preciso é de um vídeo meu viralizando. — De forma direta, continuo: — Lembra o vídeo do ofurô?

Ela parece meio envergonhada por um segundo.

— Não vamos ficar remoendo o passado — retruca Kitty, ajeitando meu cabelo.

— Ei, aniversariante — diz Trina para mim. — O plano de sair para comer churrasco amanhã à noite ainda está de pé?

— Está.

Com o falecimento de Stormy, o baile, o casamento do papai e tudo mais, não pensei muito no meu aniversário. Trina queria dar um festão, mas eu falei que preferia jantar fora com a família e comer bolo com sorvete em casa. Trina e Kitty vão fazer o bolo enquanto eu estiver no baile, e vamos ver como vai ficar!

* * *

Quando Peter e a mãe dele chegam, ainda estou correndo de um lado

para outro, dando os últimos retoques.

— Pessoal, Peter e a mãe chegaram — grita meu pai do pé da escada.

— Perfume! — exclamo para Kitty, que o borrija em mim. — Onde está minha bolsa?

Trina a joga para mim e pergunta:

— Você botou batom aí?

Eu abro para olhar.

— Botei! Onde estão meus sapatos?

— Aqui — diz Kitty, pegando-os no chão. — Coloque logo. Vou descer e dizer que você está quase pronta.

— Vou abrir uma garrafa de champanhe para os adultos — diz Trina, indo atrás dela.

Não sei por que estou tão nervosa. É só Peter. Acho que o baile tem mesmo uma magia especial. A última coisa que faço é botar o anel de Stormy, e penso em como ela deve estar me olhando agora, feliz por eu estar usando o anel dela na noite do baile, em homenagem a ela e a todos os bailes a que foi.

Quando desço a escada, Peter está sentado no sofá com a mãe. Ele está balançando o joelho, e é assim que sei que também está nervoso. Assim que me vê, ele levanta.

Peter ergue as sobrancelhas.

— Você está... *uau*.

Na última semana, ele perguntou detalhes de como era meu vestido, e eu enrolei para fazer surpresa, e fico feliz por ter feito isso, porque vale a pena ver a expressão no rosto dele.

— Você também está *uau*.

O smoking cai tão bem nele que parece feito sob medida, mas não é; foi alugado na After Hours Formal Wear. Eu me pergunto se a sra. Kavinsky fez alguns ajustes. Ela é excelente com agulha e linha. Eu queria que os garotos pudessem usar smoking com mais frequência, apesar de achar que tiraria um pouco da graça.

Peter coloca meu corsage no pulso; é um ranúnculo branco com mosquitinho, o arranjo exato que eu escolheria. Já estou pensando em pendurá-lo na minha cama para que seque do jeito que está.

Kitty também está arrumada. Ela colocou seu vestido favorito para aparecer nas fotos. Quando Peter lhe entrega um corsage de margaridas, o rosto de Kitty fica rosado de satisfação, e ele pisca para mim. Nós tiramos uma foto minha com ela, depois uma minha com Peter e ela, então ela diz, daquele jeito mandão:

— Agora só Peter e eu.

E eu sou empurrada para o lado com Trina, que ri.

— Os garotos da idade dela vão ver o que é bom — diz ela para mim e para a mãe de Peter, que também está sorrindo.

— Por que não estou em nenhuma foto? — pergunta papai, e é claro que tiramos uma série de fotos com ele também, e algumas com Trina e a sra. Kavinsky.

Depois, tiramos fotos do lado de fora, ao lado da árvore no quintal, ao lado do carro de Peter, nos degraus da frente, até que ele diz:

— Chega! Nós vamos acabar perdendo o baile.

Quando vamos para o carro, ele abre a porta para mim de forma galante.

No caminho, Peter fica olhando para mim toda hora. Eu mantenho o olhar voltado para a frente, mas consigo vê-lo pelo canto do olho. Nunca me senti tão admirada. Devia ser assim que Stormy se sentia o tempo todo.

* * *

Assim que chegamos ao baile, eu digo para Peter que temos que entrar na fila para a foto oficial do baile com o fotógrafo profissional. Peter diz que devíamos esperar até a fila diminuir, mas eu insisto. Quero uma foto boa para o *scrapbook* antes de o penteado desmontar. Fazemos a pose clássica, com Peter atrás de mim, as mãos na minha cintura. O fotógrafo nos deixa dar uma olhada na foto, e Peter insiste em tirar outra porque não gostou de como o cabelo dele ficou.

Depois da foto oficial, encontramos nossos amigos na pista de dança. Darrell combinou a cor da gravata com o vestido de Pammy, lilás. Chris está usando um vestido preto justo, não muito diferente do que Kitty escolheu para eu experimentar quando fomos fazer compras com Margot. Lucas parece um lorde inglês em seu terno perfeitamente ajustado. Eu consegui convencer Chris e Lucas a irem ao sugerir que os dois “dessem só uma passada”. Chris disse que ia para uma boate com os amigos do trabalho de qualquer jeito, mas, pelo que parece, não vai a lugar algum tão cedo. Ela é o centro das atenções por causa do vestido.

“Style” começa a tocar, e todos nós vamos à loucura, gritando bem alto e pulando. Peter fica mais louco que todo mundo. Ele me pergunta várias vezes se estou me divertindo. Só pergunta em voz alta uma vez, mas continua querendo saber com os olhos, brilhantes e esperançosos, cheios de expectativa. Com um olhar, eu digo *Sim, sim, sim, estou me divertindo*.

Nós estamos começando a pegar o jeito de dançar música lenta. Talvez a gente devesse fazer aulas de dança de salão quando eu me transferir para a UVA, para podermos ficar bons de verdade.

Digo isso a ele, que me responde de forma afetuosa:

— Você sempre quer ir mais longe em tudo. Como com os cookies com gotas de chocolate.

— Já desisti disso.
— Como com as fantasias de Halloween.
— Eu gosto que as coisas sejam especiais. — Peter sorri para mim.
— É uma pena, nós nunca vamos dançar de rosto colado.
— Talvez a gente possa encomendar pernas de pau pra você.
— Ah, você está falando de saltos altos?
Ele ri.
— Acho que não existe salto de vinte e cinco centímetros.
Eu o ignoro.
— Pena que seus braços magricelas não sejam fortes o bastante para me levantar.

Peter solta um rugido de leão ferido e me pega no colo e gira, como eu sabia que faria. É raro conhecer alguém tão bem — saber se a pessoa vai seguir pelo caminho da esquerda ou da direita. Fora da minha família, acho que ele é quem eu conheço melhor.

* * *

Claro que Peter vence o concurso de rei do baile. A rainha é Ashanti Dickson. Fico aliviada de não ser Genevieve lá em cima, dançando com ele com uma tiara na cabeça. Ashanti tem quase a mesma altura de Peter, e os dois poderiam dançar de rosto colado, mas não dançam. Ele olha para mim e pisca. Estou de pé ao lado de Marshawn Hopkins, o par de Ashanti. Ele se inclina na minha direção e diz:

— Quando eles voltarem, a gente devia ignorar os dois e sair dançando.

Isso me faz rir.

Sinto orgulho de Peter, de como ele dança com a postura certa, as costas retas. Em um momento mais intenso da música, Peter joga Ashanti para trás, e todo mundo faz o maior alvoroço, e também sinto orgulho disso. As pessoas são tão sinceras na afeição que sentem por ele. Todos podem celebrar Peter porque ele é legal e faz todo mundo se sentir bem. Ele dá mais brilho a esta noite, e todos ficam felizes por isso, e eu também. Fico feliz por ele ter essa despedida.

* * *

Uma última dança.

Nós dois estamos em silêncio. Ainda não acabou. Ainda temos o verão inteiro pela frente. Mas o ensino médio, nós dois aqui, juntos, os atuais Lara Jean e Peter, essa fase acabou. Nunca mais vamos ser as mesmas pessoas que somos hoje.

Estou me perguntando se Peter também está triste quando ele

sussurra:

— Dá uma olhada no Gabe tentando botar a mão na bunda da Keisha.

Ele me vira de leve para eu poder ver. Gabe está mesmo com a mão na lombar de Keisha, como uma borboleta indecisa procurando um lugar para pousar. Dou uma risadinha. É por isso que eu gosto tanto de Peter. Ele vê coisas que eu não vejo.

— Já sei qual devia ser nossa música — diz ele.

— Qual?

Então, como magia, a voz de Al Green se espalha pelo salão do hotel. É “Let’s Stay Together”.

— Você os fez tocar isso — acuso, já com lágrimas nos olhos.

Ele sorri.

— É o destino.

Whatever you want to do... is all right with me-ee-ee.

Peter segura minha mão e coloca sobre o peito.

— “Let’s, let’s stay together” — canta ele. A voz soa clara e verdadeira, tudo que amo nele.

* * *

A caminho do pós-baile, Peter diz que está com fome e pergunta se podemos parar na lanchonete antes.

— Acho que vai ter pizza no pós-baile — digo. — Por que a gente não come lá?

— Mas eu quero panqueca — resmunga ele.

Nós paramos no estacionamento da lanchonete, e ele sai do carro e corre até o lado do carona para abrir minha porta.

— Está tão cavalheiro hoje — comento, o que o faz sorrir.

Nós andamos até a lanchonete, e ele abre a porta para mim cheio de pompa.

— Eu poderia me acostumar com esse tratamento real.

— Ei, eu abro portas para você — protesta ele.

Nós entramos, e eu fico paralisada. Nossa mesa, aquela em que sempre nos sentamos, está com balões cor-de-rosa amarrados em volta. Tem um bolo redondo no meio da mesa, um monte de velas, cobertura rosa com confeitos e *Feliz aniversário, Lara Jean* escrito com cobertura branca. De repente, vejo a cabeça das pessoas aparecerem de debaixo de mesas e de trás de cardápios. São todos os nossos amigos, ainda com os trajes do baile: Lucas, Gabe, o par de Gabe, Keisha, Darrell, Pammy e Chris.

— Surpresa! — Todo mundo grita.

Eu me viro.

— Ah, meu Deus, Peter!

Ele ainda está sorrindo quando olha para o relógio.

— É meia-noite. Feliz aniversário, Lara Jean.

Eu me jogo para abraçá-lo.

— Isso é exatamente o que eu queria fazer no meu aniversário na noite do baile e nem sabia.

Eu o solto e corro até a mesa.

Todo mundo se aproxima para me abraçar.

— Eu não tinha ideia de que vocês sabiam que meu aniversário era amanhã! Quer dizer, hoje!

— Claro que a gente sabia — diz Lucas.

— O garotão aqui está planejando isso há semanas — completa Darrell.

— Foi tão fofo — diz Pammy. — Ele me ligou para perguntar que tipo de assadeira devia usar para o bolo.

— Ele me ligou para perguntar isso também — diz Chris. — Eu falei: como é que eu vou saber?

— E você! — Eu bato no braço de Chris. — Achei que você ia para uma festa com seus amigos!

— Talvez eu ainda vá depois de roubar umas batatas. Minha noite está só começando, gata. — Ela me puxa para um abraço e me dá um beijo na bochecha. — Feliz aniversário, garota.

Eu me viro para Peter.

— Não consigo acreditar que você fez isso.

— Eu que fiz o bolo — se gaba ele. — Foi de caixa, mas mesmo assim. — Ele tira o paletó e pega um isqueiro no bolso para começar a acender as velas. Gabe pega uma vela acesa e o ajuda. Depois, Peter se senta na mesa e balança as pernas. — Venha.

Eu olho em volta.

— Hum...

É nessa hora que ouço as notas de abertura de “If You Were Here”, dos Thompson Twins. Minhas mãos voam para as bochechas. Não consigo acreditar. Peter está recriando a cena final de *Gatinhas e Gatões*, quando Molly Ringwald e Jake Ryan se sentam em uma mesa com um bolo de aniversário entre os dois. Quando vimos o filme alguns meses atrás, eu disse que era a coisa mais romântica que eu já tinha visto. E agora ele está fazendo para mim.

— Suba antes que as velas derretam, Lara Jean — diz Chris.

Darrell e Gabe me ajudam a subir na mesa, tomando cuidado para não botar fogo no meu vestido.

— Agora você olha para mim com adoração, para eu poder me inclinar para a frente, assim — diz Peter.

Chris se adianta e afafa minha saia.

— Enrole mais a manga — diz ela para Peter, olhando para o celular e para nós. Peter obedece, e Chris assente. — Está bom, está

bom.

Ela volta para onde estava e começa a fotografar. Não preciso de esforço nenhum para olhar para Peter com adoração hoje.

Quando sopro as velas e faço meu pedido, desejo sempre sentir por Peter o que estou sentindo agora.

A PISCINA PÚBLICA sempre abre no fim de semana do Memorial Day, que cai na última segunda-feira de maio. Quando éramos pequenas, Margot e eu contávamos os dias para o feriadão. Nossa mãe fazia sanduíches de presunto e queijo e os embrulhava em papel-manteiga, levava palitos de cenoura e uma jarra grande de água saborizada. O resultado era sempre mais água do que suco. Eu implorava pelos refrigerantes vendidos lá nas máquinas ou por ponche de frutas, mas, não. Mamãe lambuzava a gente com protetor solar da mesma forma que passava manteiga em um peru. Kitty berrava como louca; não tinha paciência para essa parte. Ela sempre foi impaciente, sempre quis mais. É engraçado ver como algumas características de quando éramos bebês permanecem conosco conforme vamos crescendo. Eu nunca perceberia isso se não fosse Kitty. Ela ainda faz as mesmas caras de irritação.

Ela não está na equipe de natação este ano. Diz que não é mais divertido agora que nenhuma de suas amigas participa. Eu a vi lendo os horários das reuniões no quadro de eventos da comunidade, quando ela não sabia que eu a estava observando, e notei a tristeza em seus olhos. Acho que isso também é parte de crescer, ter de se despedir de coisas que você amava.

Todos os gramados estão recém-cortados, e o ar cheira a trevos e folhas. Os primeiros grilos do verão cantam. Essa é a trilha sonora do meu verão, de todos os verões. Peter e eu ocupamos as espreguiçadeiras mais afastadas da piscina infantil, tentando fugir do barulho. Estou estudando para minha prova de francês ou, pelo menos, tentando.

— Venha aqui para eu passar nos seus ombros primeiro — falo para Kitty, que está de pé em frente à piscina com a amiga Brielle.

— Você sabe que eu não me queimo — responde ela, e é verdade; os ombros dela já estão bronzeados como um brioche dourado. No fim do verão, vão estar escuros como casca de pão integral. O cabelo de Kitty está molhado, para trás, uma toalha envolve seus ombros. Ela ficou mais alta.

— Venha aqui mesmo assim — falo.

Kitty se aproxima das espreguiçadeiras em que Peter e eu estamos sentados, os chinelos batendo contra o chão.

Eu borrifo protetor solar e espalho nos ombros dela.

— Não importa se você não se queima. Precisa proteger a pele para não ficar toda enrugada que nem uma bolsa de couro velha.

Era o que Stormy me dizia.

Kitty ri quando digo “bolsa de couro velha”.

— Como a sra. Letty. A pele dela é cor de salsicha.

— Bom, eu não estava falando de ninguém especificamente. Mas é verdade. Ela devia ter usado protetor solar quando era mais jovem. Que isso sirva de lição para você, querida irmã.

A sra. Letty é nossa vizinha, e a pele dela é flácida como massa de crepe.

Peter coloca os óculos escuros.

— Vocês são cruéis.

— Olha só quem fala! Você já encheu o gramado dela de papel higiênico!

Kitty ri e rouba um gole da minha Coca.

— Você fez isso?

— Tudo intriga da oposição — diz Peter, fazendo pouco caso.

Conforme o dia vai ficando mais quente, Peter me convence a largar o livro de francês e pular com ele na piscina. Ela está cheia de crianças pequenas, não tem ninguém da nossa idade. Steve Bledell tem piscina em casa, mas eu queria vir aqui, por causa dos velhos tempos.

— Não ouse me dar um caldo — aviso. Peter começa a nadar ao meu redor como um tubarão, apertando cada vez mais o círculo. — Estou falando sério!

Ele mergulha e me segura pela cintura, mas não me dá caldo. Ele me beija. Sua pele está fria e lisa contra a minha. Seus lábios também.

Eu o empurro e sussurro:

— Não me beije! Tem crianças aqui!

— E daí?

— E daí que ninguém quer ver adolescentes se beijando na piscina em que crianças estão tentando brincar. Não é legal. — Sei que pareço chata, mas não ligo. Quando eu era pequena e havia adolescentes fazendo bagunça na piscina, eu sempre ficava com medo de entrar, porque parecia que a piscina era deles.

Peter cai na gargalhada.

— Você é engraçada, Covey. — Nadando de lado, ele diz: — “Não é legal.” — E começa a rir de novo.

O salva-vidas toca o apito para sinalizar a hora de os adultos nadarem, e todas as crianças saem da piscina, eu e Peter também. Voltamos para as espreguiçadeiras e Peter as empurra, juntando-as.

Eu me viro de lado e, estreitando os olhos por causa do sol, pergunto:

— Qual você acha que é a idade mínima para ficar na piscina na hora dos adultos? Dezoito ou vinte e um?

— Não sei. Vinte e um? — Ele está olhando o celular.

— Talvez seja dezoito. Nós devíamos perguntar. — Coloco os

óculos escuros e começo a cantar “Sixteen Going on Seventeen”, de A Noviça Rebelde. — “*You need someone older and wiser, telling you what to do.*” — Bato de leve no nariz dele para enfatizar a letra da música.

— Ei, eu sou mais velho do que você — protesta ele.

Eu passo a mão pela bochecha de Peter e canto:

— “*I am seventeen going on eighteen, I-I-I’ll take care of you.*”

— Promete que vai cuidar de mim? — pergunta ele.

— Cante só uma vez para mim. — Peter me olha. — Por favor. Adoro quando você canta. Sua voz é tão bonita.

Ele não consegue evitar um sorriso. É impossível para Peter ser elogiado e não sorrir.

— Eu não sei a letra.

— Sabe, sim. — Finjo balançar uma varinha na cara dele. — *Imperio!* Espere... você sabe o que isso quer dizer?

— É... uma maldição imperdoável?

— É. Impressionante, Peter K. E o que ela faz?

— Obriga você a fazer coisas que não quer.

— Muito bom, jovem bruxo. Ainda há esperança para você. Agora, cante!

— Sua bruxinha. — Ele olha ao redor para ver se tem alguém ouvindo e canta baixinho: — “*I need someone older and wiser telling me what to do... You are seventeen going on eighteen... I’ll depend on you.*”

Eu bato palmas de alegria. Tem algo mais empolgante do que fazer com que um garoto satisfaça aos seus caprichos? Eu me aproximo mais dele e passo os braços pelo seu pescoço.

— Agora é você quem está fazendo demonstrações públicas de afeto! — diz ele.

— Você tem mesmo uma voz bonita, Peter. Não devia ter largado o coral.

— O único motivo para eu ter me inscrito no coral foi porque todas as garotas estavam lá.

— Bom, então nem pense em entrar em um coral na UVA. Nem grupos a capela. — Falo como piada, de verdade, mas Peter parece incomodado. — Eu estou brincando! Entre para todos os grupos a capela que quiser! Os Hullabahoos são todos rapazes mesmo.

— Eu não quero entrar em nenhum grupo a capela. E também não pretendo olhar para outras garotas.

Ah.

— Claro que você vai olhar para outras garotas. Afinal, você tem olhos, não tem? Isso é tão bobo! É como quando as pessoas dizem que não enxergam cor de pele. Todo mundo vê todo mundo. Não dá para não notar.

— Não foi isso que eu quis dizer!

— Eu sei, eu sei. — Eu me sento ereta e coloco o livro de francês no

colo. — Você não vai mesmo estudar para sua prova de história americana de quarta?

— A esta altura, eu só preciso passar — lembra ele.

— Deve ser bom, deve ser bom — cantarolo.

— Ei, você não vai perder sua vaga na William and Mary se tirar C em francês.

— Eu não estou preocupada com francês. Estou preocupada com minha prova de cálculo na sexta.

— Ah, bom, eles também não vão expulsar você por tirar C em cálculo.

— É verdade, mas ainda quero terminar bem — comento. Já estamos na contagem regressiva, agora que maio está quase acabando. Só temos mais uma semana de aula. Eu estico os braços e as pernas, olho para o sol e solto um suspiro feliz. — Vamos vir aqui todos os dias do fim de semana que vem?

— Não posso. Vou àquele fim de semana de treino, lembra?

— Já?

— É. É estranho... A temporada acabou e nós não vamos mais jogar juntos.

O time de lacrosse da escola não se classificou para o campeonato estadual. Eles sabiam que era difícil, porque, como Peter gosta de dizer: “Eu sou um só.” Rá! No fim de semana que vem ele vai para um treinamento com o novo time da UVA.

— Você está animado para conhecer os colegas de time?

— Eu já conheço alguns caras, mas estou. Vai ser legal. — Ele estica a mão e começa a trançar uma parte do meu cabelo. — Acho que estou ficando melhor nisso.

— Você tem o verão todo para treinar — falo, me inclinando para ele poder pegar mais cabelo. Ele não diz nada.

O FIM DAS aulas sempre me provoca um sentimento especial. É o mesmo todos os anos, mas neste ano o sentimento está amplificado, porque não vai haver ano que vem. Tem um ar de encerramento. Professores vão de short e camiseta para a aula. Passam filmes enquanto arrumam as mesas. Ninguém tem mais energia para se importar. Todos nós estamos em contagem regressiva, matando tempo. Todo mundo sabe para onde vai, e o agora já parece que ficou no passado. De repente, a vida parece mais rápida e mais lenta, tudo junto. É como estar em dois lugares ao mesmo tempo.

As provas vão bem; até a de cálculo não é tão ruim quanto eu imaginava. E de repente minha jornada no ensino médio está chegando ao fim. Peter viajou para o fim de semana de treino. Só tem um dia, e já estou com tanta saudade quanto sinto do Natal quando ainda estamos em julho. Peter é meu chocolate quente, minhas luvinhas vermelhas, minha manhã de Natal.

Ele disse que ia ligar assim que voltasse do ginásio, e fico com o celular por perto, o volume no máximo. De manhã Peter me ligou quando eu estava no banho, e, quando vi, ele já tinha saído de novo. O futuro vai ser assim? Vai ser diferente quando eu tiver aulas e outras atividades, mas agora parece que estou no alto de um farol, esperando o navio do meu amor chegar. Como sou romântica, este não é um sentimento totalmente desagradável, ao menos por enquanto. Vai ser diferente quando não for mais novidade, quando não ver Peter todos os dias for a nova rotina, mas, por enquanto, há uma espécie de prazer perverso em sentir saudade.

No fim da tarde, eu desço usando a camisola branca comprida que Margot diz que me deixa com cara de um personagem da série *Os pioneiros* e Kitty diz que me faz parecer um fantasma. Eu me sento na bancada com uma das pernas dobrada, abro uma lata de pêssegos em calda e como com um garfo direto da lata. Tem algo de satisfatório em morder um pêssego adocicado.

Eu solto um suspiro, e Kitty tira os olhos do computador e me encara.

— Por que você está suspirando tão alto?

— Estou com saudade... do Natal. — Mordo outro pedaço de pêssego.

Ela se anima.

— Eu também! Acho que devíamos arrumar uns cervos para nosso jardim este ano. Não daqueles vagabundos, mas sim os chiques de

arames cobertos de luzes de Natal.

Suspiro de novo e coloco a lata na bancada.

— Claro. — A calda está começando a pesar no meu estômago.

— Pare de suspirar!

— Por que será que suspirar é tão bom? — reflito.

Kitty dá um suspiro alto.

— Bom, é basicamente a mesma coisa que respirar. E é bom respirar. Ar é delicioso.

— É mesmo, não é? — Eu espeto outro pedaço de pêssego. — Onde será que se compra esse tipo de cervo? Deve ter na Target.

— A gente devia ir àquela loja, Christmas Mouse. Assim, podemos fazer estoque de várias coisas. Não tem uma em Williamsburg?

— Tem, no caminho dos shoppings outlet. Sabe, acho que também precisamos de uma guirlanda nova. E, se tiver luzes de Natal lilás, pode ser legal. Daria uma sensação de terra das fadas no inverno. Talvez a árvore toda possa ser em tons pastel.

— Não vamos nos empolgar — diz Kitty, secamente.

Eu a ignoro.

— Não esqueça que agora também temos as coisas de Natal de Trina. Ela tem uma cidadezinha de Natal, lembra? Está tudo naquelas caixas na garagem. — A cidadezinha de Trina não é só um presépio. Tem uma barbearia, uma padaria e uma loja de brinquedos. É um exagero. — Eu nem sei onde vamos colocar.

Kitty dá de ombros.

— Acho que vamos ter que jogar fora algumas coisas velhas. — Caramba, Kitty não tem um pingo de sentimentalismo! Com o mesmo tom prático, ela acrescenta: — Nem tudo que a gente tem é muito legal. A saia da árvore está desfiando e com cara de mastigada. Por que guardar uma coisa só porque é velha? O novo é quase sempre melhor que o velho, sabe?

Eu desvio o olhar. Nossa mãe comprou aquela saia em uma feira de Natal da escola quando estávamos no ensino fundamental. Uma das mães era costureira. Margot e eu brigamos para escolher; ela gostou da vermelha com a barra xadrez, e eu gostei da branca porque achei que ia parecer que nossa árvore estava na neve. Mamãe escolheu a vermelha porque a branca ficaria suja rápido. A vermelha está aguentando bem, mas Kitty está certa, acho que está na hora de aposentá-la. Mas nem eu nem Margot vamos deixá-la jogar fora. Por segurança, vou pelo menos cortar um quadradinho e guardar na minha caixa de chapéu.

— Trina tem uma saia de árvore legal — digo. — É branca e peludinha. Jamie Fox-Pickle vai amar se aconchegar nela.

Meu celular toca, e eu pulo para ver se é Peter, mas é só papai dizendo que vai comprar comida tailandesa para o jantar e querendo

saber se preferimos *pad thai* ou *pad see yew*. Eu suspiro de novo.

— Por Deus, Lara Jean, se você suspirar mais uma vez... — ameaça Kitty. Me olhando, ela diz: — Sei que não é do Natal que você está com saudade. Peter viajou tem um dia e você está agindo como se ele tivesse ido para a guerra.

Eu a ignoro e respondo *pad see yew* só de raiva, porque sei que Kitty prefere *pad thai*.

É nessa hora que recebo uma notificação de e-mail. É da admissão da UNC. Minha candidatura foi atualizada. Eu clico no link. *Parabéns...*

Eu fui aceita.

Como é?

Fico ali, atordoada, lendo e relendo a mensagem. Eu, Lara Jean Song Covey, fui aceita pela Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. Não consigo acreditar. Eu nunca achei que entraria. Mas entrei.

— Lara Jean, alô?

Assustada, olho para ela.

— Eu acabei de repetir uma pergunta três vezes. O que está acontecendo?

— Hum... acho que acabei de entrar na UNC.

Kitty fica boquiaberta.

— Uau!

— Louco, não é?

Eu balanço a cabeça sem acreditar. Quem imaginaria? Não eu. Tinha me esquecido da UNC depois que entrei na lista de espera.

— A UNC é uma faculdade muito difícil de entrar, Lara Jean!

— Eu sei. — Ainda estou atordoada. Depois que não entrei na UVA, fiquei muito deprimida, como se não fosse boa o suficiente para ir para lá. Mas a UNC! É mais difícil entrar na UNC sendo de fora do estado do que na UVA sendo do estado.

O sorriso de Kitty diminui um pouco.

— Mas você não vai para a William and Mary? Já não pagou a taxa de matrícula? E você não vai pedir transferência para a UVA ano que vem de qualquer forma?

A UVA. Por alguns segundos, esqueci completamente a transferência para a UVA e fiquei feliz pela UNC.

— Esse é o plano — afirmo.

Meu celular toca e meu coração dá um salto, achando que é Peter, mas não é. É uma mensagem de Chris.

Quer ir na Starbucks?

Eu respondo:

OMG!

Vou te ligar

Um segundo depois, meu celular toca e Chris grita:

— Parabéns!

— Obrigada! Quer dizer, uau. É que... é uma faculdade tão boa. Eu achei...

— E o que você vai fazer? — pergunta ela.

— Ah. — Olho para Kitty, que está me observando com olhos de águia. — Nada. Eu ainda vou para a William and Mary.

— Mas a UNC não é uma faculdade melhor?

— Está melhor no ranking. Não sei. Eu nunca fui lá.

— Então vamos — diz ela.

— Visitar? Quando?

— Agora! Uma viagem espontânea!

— Está maluca? Fica a quatro horas daqui!

— Não fica, não. Fica a três horas e vinte e cinco minutos. Acabei de pesquisar.

— Quando chegarmos lá, vão ser...

— Seis da tarde. Grande coisa. A gente dá uma volta, janta e volta. Por que não? Somos jovens. E você precisa saber para o que está dizendo não. — Antes que eu possa protestar de novo, ela completa: — Vou passar aí em dez minutos. Leve uns lanches para a viagem.

Chris desliga.

Kitty está me olhando.

— Você vai para a Carolina do Norte? Agora?

Estou me sentindo bastante eufórica no momento. Solto uma gargalhada.

— Acho que vou!

— Isso quer dizer que você vai estudar lá e não na William and Mary?

— Não, só... eu só vou visitar. Nada mudou. Mas não conta para o papai.

— Por quê?

— Porque... porque sim. Pode dizer para ele que estou com a Chris e que não venho jantar, mas não fale nada sobre a UNC.

Então vou me vestir e voo pela casa como uma louca, jogando um monte de coisas na bolsa. Ervilhas secas com wasabi, Pocky Sticks, uma garrafa de água mineral. Chris e eu nunca fizemos uma viagem de carro juntas; eu sempre quis fazer isso com ela. E que mal haveria em dar uma olhada em Chapel Hill, só para conhecer? Eu não vou estudar lá, mas é divertido pensar nisso.

Chris e eu estamos na metade do caminho quando percebo que meu

celular está ficando sem bateria e que esqueci o carregador.

— Você tem carregador de carro? — pergunto.

Ela está cantando com o rádio.

— Não.

— Droga! — Nós consumimos a maior parte da bateria de Chris usando o GPS. Fico um pouco tensa de viajar para outro estado sem o celular estar totalmente carregado. Além do mais, eu pedi a Kitty para não contar ao papai aonde eu estava indo. E se acontecesse alguma coisa? — Que horas você acha que a gente vai voltar?

— Pare de se preocupar, vovó Lara Jean. Nós vamos ficar bem. — Ela abre a janela dela e a minha e começa a procurar a bolsa. Pego a bolsa dela no chão do banco de trás e tiro o maço de cigarros antes que ela bata o carro. Quando estamos em um sinal vermelho, ela acende o cigarro e dá um trago. — Vamos ser como os pioneiros. Só aumenta a aventura. Nossos antepassados não tinham celular, sabia?

— Lembre-se de que só vamos olhar. Eu ainda vou estudar na William and Mary.

— Você que se lembre: ter mais de uma opção é tudo — afirma Chris.

É o que Margot sempre diz. Essas duas têm mais em comum do que imaginam.

Passamos o resto da viagem mudando as estações do rádio, cantando e discutindo se Chris devia ou não pintar a raiz de rosa. É surpreendente como o tempo passa rápido. Chegamos a Chapel Hill em menos de três horas e trinta minutos, como Chris disse que aconteceria. Encontramos uma vaga na Franklin Street, que acho que é a rua principal. A primeira coisa que percebo é como o campus da UNC é parecido com o da UVA. Tem muitos bordos, muito verde, muitos prédios de tijolo.

— É bonito, não é? — Eu paro para admirar um corniso com flores rosa. — Fico surpresa de ter tantos cornisos aqui, sendo a flor do estado da Virgínia. Qual você acha que é a flor do estado da Carolina do Norte?

— Não faço ideia. Podemos ir jantar? Estou morrendo de fome. — Chris tem a concentração de uma mosca e, quando está com fome, é melhor todo mundo tomar cuidado.

Eu passo o braço pela cintura dela. De repente sinto um carinho enorme por ela me levar até lá para ver o que meu futuro poderia ser.

— Vamos encher essa pança, então. O que você quer? Pizza? Sanduíche? Comida chinesa?

Ela passa o braço pelos meus ombros. O humor dela já melhora quando falo de comida.

— Pode escolher. Qualquer coisa, menos comida chinesa. E pizza. Quer saber, vamos comer sushi.

Dois caras passam na rua, e Chris grita:

— Ei!

Eles se viram.

— E aí? — diz um deles.

Ele é negro, bonito, alto, musculoso e veste uma camiseta com os dizeres LUTA-LIVRE DA CAROLINA DO NORTE.

— Onde tem o melhor sushi por aqui? — pergunta Chris.

— Eu não como sushi, então não sei. — Ele olha para o amigo ruivo, que é menos bonito, mas não deixa a desejar. — Qual você prefere?

— O Spicy Nine — diz ele, sem tirar os olhos de Chris. — É só seguir a Franklin por ali que vocês vão encontrar. — Ele pisca para ela, e os dois saem andando na direção oposta.

— Devíamos ir atrás deles? — pergunta ela, o olhar os acompanhando enquanto se afastam. — Descobrir o que planejam fazer hoje?

Eu a viro na direção que eles indicaram.

— Achei que você estivesse com fome — digo.

— Ah, é. Mas foi um ponto para a UNC, não foi? Garotos mais gatos?

— Tenho certeza de que a William and Mary também tem garotos gatos. — Rapidamente, eu acrescento: — Não que isso importe para mim, porque, obviamente, eu tenho namorado.

Que ainda não me ligou, aliás. Meu celular está com cinco por cento de bateria, então, quando Peter ligar, vai ser tarde demais.

* * *

Depois que comemos sushi, nós andamos pela Franklin Street, olhando as lojas. Penso em comprar um chapéu de bola de basquete do UNC Tar Heels para Peter, mas ele provavelmente não vai usar, pois vai torcer para o Wahoo.

Nós passamos por um poste com alguns anúncios colados, e Chris para. Aponta para um flyer de um espaço de música chamado Cat's Cradle. Uma banda chamada Meow Mixx vai tocar hoje.

— Vamos! — diz Chris.

— Você já ouviu falar do Meow Mixx? — pergunto. — Que tipo de música eles tocam?

— Quem liga? Vamos e pronto!

Ela pega minha mão, rindo. Corremos pela rua juntas.

Tem uma fila para entrar, e a banda já começou a tocar. Uma música animada flui pela porta aberta. Duas garotas estão na fila na nossa frente, e Chris me abraça e diz:

— Minha melhor amiga acabou de entrar na UNC.

Sinto um calor por dentro ao ouvir Chris me chamar de melhor amiga, ao saber que ainda somos importantes uma para a outra, apesar de ela ter amigos do trabalho e de eu ter Peter. Faz com que eu sinta uma certeza de que, quando ela estiver na Costa Rica, na Espanha ou onde quer que vá, nós ainda seremos próximas.

Uma das garotas da fila me abraça.

— Parabéns! Você vai adorar a UNC. — O cabelo dela está preso em duas tranças, e ela usa uma camiseta com os dizeres HILLARY É MINHA PRESIDENTE.

Ajustando a fivela esmaltada de pirulito no cabelo, a amiga diz:

— Escolha o alojamento Whaus ou o Craige. São os mais divertidos.

Fico tímida quando respondo:

— Na verdade, eu não vou estudar aqui. Nós só viemos visitar. Por diversão.

— Ah, e onde você vai estudar? — pergunta ela, o rosto cheio de sardas um pouco franzido.

— William and Mary.

— Mas ainda não é definitivo — completa Chris.

— É bem definitivo — retruco.

— Eu vim para cá em vez de ir para Princeton — diz a garota das tranças. — De tanto que amei o campus quando visitei. Você vai ver. Sou Hollis, aliás.

Nós nos apresentamos, e as garotas me contam sobre o departamento de literatura inglesa e os jogos de basquete no Dean Dome e os lugares na Franklin Street que não pedem identidade. Chris, que se distraiu durante a parte da conversa sobre o departamento de literatura, fica alerta de repente. Antes de entrarmos, Hollis me dá o número dela.

— Para o caso de você decidir vir para cá — diz ela.

Quando nós entramos, o lugar está bem cheio, com muita gente de pé perto do palco, tomando cerveja e dançando. A banda só tem dois caras com guitarras e um laptop, e o estilo musical deles é um pop eletrônico. O som se propaga pelo ambiente. A plateia é mista: uns caras mais velhos com camisetas de bandas de rock e barba, que devem ser da idade do meu pai, mas também muitos estudantes. Chris tenta limpar o carimbo que tem na mão para comprar cerveja para nós, mas não consegue. Eu não me importo porque não gosto tanto assim de cerveja, e ela ainda tem que dirigir de volta hoje. Começo a perguntar às pessoas se alguém tem um carregador de celular, e Chris dá um tapa no meu braço.

— Nós estamos em uma aventura! — grita ela. — Não precisamos de celulares em uma aventura!

Chris pega minha mão e me puxa até a beirada do palco. Nós dançamos até chegarmos ao meio e pulamos no ritmo da música,

apesar de não conhecermos nenhuma canção. Um dos caras estudou na UNC e, no meio do show, puxa da plateia o hino de guerra dos Tar Heels. “Nascido Tar Heel, criado Tar Heel e, quando morrer, um morto Tar Heel!” A multidão vai à loucura, e o prédio chega a sacudir. Chris e eu não sabemos a letra, mas gritamos “Vai pro inferno, Duke!” junto com todo mundo. Nosso cabelo cai no rosto; estou suada e, de repente, me divertindo muito.

— Isso é tão legal! — grito para Chris.

— Também acho!

Depois da segunda parte do show, Chris declara que está com fome, e nós saímos noite adentro.

Nós andamos pela rua pelo que parece ser uma eternidade quando encontramos um lugar chamado Cosmic Cantina. É um restaurante mexicano pequenininho com uma fila comprida na porta, e Chris diz que deve querer dizer que a comida é muito boa ou muito barata. Chris e eu engolimos nossos burritos. O recheio de arroz, feijão, queijo derretido e molho *pico de gallo* caseiro é farto. O gosto é normal, exceto pelo molho apimentado. É tão apimentado que meus lábios ficam ardendo. Se meu celular não estivesse descarregado e o de Chris não estivesse quase na mesma situação, eu teria procurado na internet o melhor burrito de Chapel Hill. Mas aí talvez não tivéssemos encontrado aquele lugar. Por algum motivo, é o melhor burrito da minha vida.

Depois que comemos nossos burritos, eu digo:

— Que horas são? Nós devíamos voltar agora para chegarmos em casa antes de uma da manhã.

— Mas você quase não viu o campus — argumenta Chris. — Não tem nada em especial que você queira ver? Tipo, sei lá, uma biblioteca chata ou algo assim?

— Ninguém me conhece como você, Chris — digo, e ela pisca os olhos para mim. — Tem um lugar que quero ver... está em todos os folhetos. O Velho Poço.

— Então vamos lá — incentiva ela.

Quando estamos andando, pergunto:

— Você acha Chapel Hill parecida com Charlottesville?

— Não, parece ser melhor.

— Você é que nem Kitty. Acha que tudo novo é melhor.

— E você acha que tudo velho é melhor.

Ela tem razão. Andamos o resto do caminho em um silêncio confortável. Estou pensando nas formas como a UNC lembra e não lembra a UVA. O campus está tranquilo, provavelmente porque a maioria dos alunos voltou para casa para as férias de verão. Mas ainda tem bastante gente por aqui: garotas de vestido e sandálias e garotos de bermuda cáqui e bonés da UNC.

Atravessamos o gramado verde, e ali está: o Velho Poço. Fica entre dois alojamentos de tijolo. É uma pequena rotunda, uma versão menor da que existe na UVA, com um chafariz com água potável no centro. Há um carvalho branco enorme logo atrás e arbustos de azaleia em volta, rosa como a cor do batom que Stormy gostava de usar. É encantador.

— Você tem que fazer um pedido ou algo assim? — pergunta Chris, se aproximando do chafariz.

— Ouvi dizer que, no primeiro dia de aula, os alunos tomam um gole de água para dar sorte — digo. — Sorte ou só notas boas.

— Eu não vou precisar de notas boas no lugar para onde vou, mas aceito a sorte.

Chris se inclina para tomar um gole, e duas garotas passando por ali avisam:

— Os garotos das fraternidades fazem xixi aí toda hora. Não beba.

Ela afasta a cabeça e pula para longe do chafariz.

— Eca! — Descendo os degraus, ela diz: — Vamos tirar uma selfie.

— Não dá. Nossos celulares estão descarregados, lembra? Vamos ter que guardar a lembrança no coração, como antigamente.

— É verdade. Então vamos pegar a estrada?

Eu hesito. Não sei por quê, mas não estou pronta para ir embora ainda. E se eu nunca mais voltar aqui? Vejo um banco virado para um dos prédios de tijolo e decido me sentar.

— Vamos ficar um pouco mais.

Abraço os joelhos contra o peito, e Chris se senta ao meu lado. Ela começa a mexer no monte de pulseiras que usa no braço.

— Eu queria poder vir para cá com você.

— Para a faculdade ou para a UNC? — Sou pega tão de surpresa pelo tom de reflexão na voz dela que não paro para corrigi-la, para lembrar que também não vou estudar aqui.

— Qualquer uma das duas coisas. As duas. Não me entenda mal. Estou doida pela Costa Rica. É que... não sei. E se eu estiver perdendo coisas por não ir para a faculdade na mesma época que todo mundo?

Ela olha para mim, o olhar cheio de dúvida.

— A faculdade vai estar aqui esperando você, Chris. Ano que vem, no ano seguinte. Quando você quiser.

Chris se vira e olha para o gramado.

— Talvez. Vamos ver. Consigo ver você aqui, Lara Jean. Você não? Engulo em seco.

— Eu tenho um plano. A William and Mary por um ano, depois a UVA.

— Você quer dizer que você e Peter têm um plano. É por isso que você está tão indecisa.

— Tudo bem, Peter e eu temos um plano. Mas não é o único

motivo.

— É o principal.

Não posso negar. O que fica faltando aonde quer que eu vá, seja a William and Mary ou a UNC, é Peter.

— Então por que você não estuda aqui por um ano? — pergunta Chris. — Qual é a diferença de estar aqui ou na William and Mary? Uma hora? Você não vai estar na UVA de qualquer jeito. Então, por que não aqui? — Ela não espera que eu responda; dá um pulo e corre pelo gramado, tira os sapatos e dá uma série de estrelas.

E se eu viesse para cá e adorasse tudo? E se, depois de um ano, não quisesse ir embora? E aí? Mas não seria ótimo se eu adorasse? Não é esse o objetivo? Por que apostar em não amar um lugar? Por que não correr um risco e apostar na felicidade?

Eu me deito, estico as pernas no banco e olho para o céu. Há galhos de árvore se entrelaçando bem acima da minha cabeça; uma árvore fica ao lado do prédio, e a outra, no gramado. Os galhos cobrem a passagem e se encontram no meio. E se Peter e eu pudéssemos ser como essas duas árvores, distantes, mas ainda se tocando? Porque eu acho que seria feliz aqui. Acho que talvez consiga me ver estudando aqui também.

O que foi que Stormy disse? Na última vez que a vi, no dia que ela me deu o anel? *Nunca diga não quando quer mesmo dizer sim.*

* * *

Quando Chris para na frente da minha casa, passa um pouco das três da manhã e todas as luzes estão acesas. Eu engulo em seco e me viro para ela.

— Entra comigo? — imploro.

— De jeito nenhum. Você está por conta própria. Tenho que ir para casa encarar minha mãe.

Dou um abraço de despedida em Chris, saio do carro e subo os degraus da frente. A porta se abre quando estou procurando as chaves na bolsa. É Kitty com a camisa larga que usa para dormir.

— Você está encrencada — sussurra ela.

Eu entro, e papai está logo atrás dela, ainda com as roupas de trabalho. Trina está no sofá, me olhando com cara de *Você está ferrada, e me solidarizo, mas podia ter pelo menos ligado.*

— Onde você esteve a noite toda?! — grita ele. — E por que não atendeu o celular?

Eu me encolho.

— A bateria acabou. Desculpa. Eu não tinha percebido que estava tão tarde. — Penso em fazer uma piada dizendo que é por isso que a geração Y devia usar relógio, para tentar aliviar o clima, mas acho que

uma piada não vai funcionar desta vez.

Papai começa a andar de um lado para outro.

— E por que não usou o celular da Chris?

— O celular da Chris também ficou sem bateria...

— Nós estávamos morrendo de preocupação! Kitty disse que você saiu com Chris sem dizer para onde estava indo... — Nessa hora, Kitty me olha. — Eu estava quase ligando para a polícia, Lara Jean! Se você não tivesse chegado agora...

— Sinto muito — começo a dizer. — De verdade.

— Isso é tão irresponsável. — Papai está resmungando sozinho, sem nem me ouvir. — Lara Jean, você pode ter dezoito anos, mas...

Do sofá, Trina interrompe:

— Dan, por favor, não diga “mas ainda mora sob o meu teto”. É tão clichê.

Papai se vira para ela.

— Tem motivo para ser clichê! É uma boa frase! Uma frase muito boa.

— Lara Jean, conte para eles onde você estava — diz Kitty, impaciente.

Papai lança um olhar acusador para ela.

— Kitty, você sabia onde ela estava?

— Ela me fez jurar não contar!

Antes que ele possa responder, digo:

— Eu fui para a Carolina do Norte com Chris.

Ele levanta os braços.

— Carolina do Norte! Mas... mas que coisa é essa? Você atravessou a fronteira estadual sem me contar? E ainda por cima com o celular descarregado!

Sinto-me mal por tê-lo deixado preocupado. Não sei por que não liguei. Eu podia ter pedido o celular de alguém. Acho que me deixei levar pela noite, por estar lá. Eu não queria pensar na minha casa e na vida real.

— Desculpa — sussurro. — Sinto muito mesmo. Eu devia ter ligado. Ele balança a cabeça.

— Por que você foi para a Carolina do Norte?

— Eu fui para a Carolina do Norte porque... — Faço uma pausa. Se eu falar agora, não tem volta. — Porque eu fui aceita pela UNC.

Papai arregala os olhos.

— Foi? Que... que maravilha. Mas e a William and Mary?

Sorrindo, eu dou de ombros.

Trina solta um grito e pula do sofá, derrubando o cobertor de flanela em que tinha se enrolado e quase tropeçando. Papai me dá um abraço apertado, e Trina se junta a nós.

— Ah, meu Deus, Lara Jean! — diz ela, me dando tapinhas nas

costas. — Você vai ser uma Tar Heel!

— Espero que você esteja feliz — diz papai. Ele limpa uma lágrima.
— Ainda estou furioso por você não ter ligado. Mas também estou feliz.

— Então você vai? — pergunta Kitty da escada.

Eu olho para ela. Dou um sorriso trêmulo e digo:

— É, eu vou. Peter e eu vamos dar um jeito. Vamos pensar em alguma coisa.

Conto para eles cada detalhe da noite: o show no Cat's Cradle, os burritos da Cosmic Cantina, o Velho Poço. Trina faz pipoca, e está quase amanhecendo quando vamos dormir. Quando papai vai para o quarto, Trina sussurra para mim:

— Seu pai envelheceu dez anos em uma noite. Olhe para ele, daqui a pouco vai precisar de uma bengala. Graças a você, vou me casar com um velho.

Nós duas caímos na gargalhada e não conseguimos parar. Acho que estamos meio grogues pela falta de sono. Trina cai de costas e balança as pernas no ar de tanto que está rindo. Kitty, que adormeceu no sofá, acorda.

— O que é tão engraçado?

Isso só nos faz rir mais. Quando está subindo a escada, papai para, se vira e balança a cabeça para nós duas.

— Vocês já estão fazendo complôs contra mim — diz ele.

— É melhor aceitar, papai. Você sempre viveu em um matriarcado.

— Eu jogo um beijo para ele.

Ele franze a testa.

— Ei, não pense que esqueci que você passou a noite fora sem nem ligar para casa.

Ops. Talvez seja cedo demais para piadinhas. Quando ele termina de subir, eu grito:

— Sinto muito de verdade!

Eu lamento por não ter ligado, mas não por ter ido.

QUANDO ACORDO, ENROLO na cama por um tempo, espreguiçando os braços e as pernas como um X enorme. A noite anterior parece um sonho. É mesmo verdade? Eu vou para a UNC?

Vou, vou sim. Que loucura, é emocionante como uma vida pode mudar de direção da noite pro dia. Eu sempre tive medo de mudanças, mas agora não me sinto assim. Estou empolgada. Percebo agora como estar animada com a minha futura faculdade é um privilégio. Peter, Chris e Lucas, eles vão para onde querem ir, mas meu futuro parecia uma segunda escolha porque era mesmo isso, ainda que a William and Mary seja uma ótima universidade. A UNC é uma opção que eu nem sabia que tinha, como uma porta que se abriu como num passe de mágica, uma porta que pode me levar a muitos lugares.

Quando termino meu devaneio, olho para o relógio e vejo que dormi o dia todo. Eu me sento, ligo o celular e vejo todas as ligações perdidas e mensagens de voz do meu pai e de Kitty da noite anterior. Apago tudo sem ouvir, para não precisar escutar a raiva na voz do papai; vejo que Peter também deixou uma mensagem de voz. Quando vejo o nome dele no celular, meu coração perde o compasso. Tem mensagens de texto também, querendo saber onde estou. Eu ligo para ele, que não atende, então concluo que deve estar no meio do treino. Deixo uma mensagem dizendo para vir aqui em casa quando voltar. Ficamos de ir mais tarde à festa de Steve Bledell. Estou nervosa para contar a novidade para Peter. Tínhamos um plano, e agora estou mudando as coisas, mas eu não sabia que ia ter essa oportunidade. Ele vai entender. Sei que vai.

Eu me deito na cama e chamo Margot pelo FaceTime. Ela está na rua, indo para algum lugar.

— E aí? — pergunta ela.

— Adivinha.

— O quê?

— Eu passei para a UNC!

Ela dá um grito e larga o celular. Felizmente, ele cai na grama. Ela o pega de volta. Ainda está gritando.

— Ah, meu Deus! Isso é incrível! É a melhor notícia do mundo! Quando você soube?

Eu me deito de bruços.

— Ontem! Chris e eu fomos visitar o campus ontem à noite, e, Gogo, foi tão divertido. Nós acabamos vendo um show de uma banda, dançamos e gritamos como umas bobas. Minha garganta está doendo!

— Então, espere... você vai, né?

— Vou!

Margot grita de novo, e eu dou uma gargalhada.

— Como é o campus da UNC? — pergunta ela.

— Ah, é bem parecido com o da UVA.

— Foi o que me contaram. Ouvi que os campi são parecidos. As cidades também. As duas são liberais, mas Chapel Hill talvez seja um pouco mais. Tem muita gente inteligente lá. Mal posso esperar para ver os cursos com você. — Ela começa a andar de novo. — Você vai adorar lá. Maggie Cohen, que era um ano acima do meu, *ama*. Você devia falar com ela. — Sorrindo, Margot diz: — É agora que tudo começa, Lara Jean. Você vai ver.

* * *

Depois que me despeço de Margot, tomo um banho de espuma e faço todos os meus rituais: máscara facial, bucha, esfoliante de açúcar mascavo com alfazema. No banho, treino o que vou dizer para Peter. *Tem duas árvores em lados opostos, e os galhos se encontram no meio...* Fico tanto tempo no banho que Kitty grita para eu me apressar. Quando saio da banheira, seco o cabelo e faço cachos; refaço as unhas e até passo o creme de cutícula de limão que comprei, mas nunca me lembro de usar.

Papai, Trina e Kitty foram ao cinema, então estou sozinha em casa quando Peter chega, por volta das oito. Está usando um moletom novo da UVA. O cabelo está lavado e ainda úmido. Ele tem cheiro de sabonete Dove, que adoro. Ele me puxa para um abraço e apoia seu peso em mim.

— Estou todo dolorido — comenta, se sentando no sofá da sala. — Podemos perder a festa do Steve hoje? Eu só quero ficar aqui com você e não ter que bater papo com ninguém. Estou exausto.

— Claro — falo, e respiro fundo para dar a notícia, mas ele me olha com expressão cansada.

— Aqueles caras do time estão muito em forma. Foi difícil acompanhar o ritmo deles.

Eu franzo a testa.

— Ei, você também está em forma.

— Não tanto quanto eles. Preciso melhorar. — Ele massageia a nuca. — Então você vai me contar onde esteve ontem à noite?

Eu me sento no sofá de frente para ele, as pernas dobradas. Apoio as costas das mãos nas bochechas, que parecem quentes. Em seguida, as coloco no colo.

— Tá, tudo bem. — Eu faço uma pausa. — Você está pronto?

Ele ri.

— Aham, estou pronto.

— Tá. É loucura, mas fui à Carolina do Norte com Chris.

Peter ergue as sobrancelhas.

— Estranho. Tudo bem. Continue.

— Eu fui lá porque... passei para a UNC!

Ele pisca.

— Uau. Isso... uau. Isso é incrível.

Respiro fundo.

— Eu achava que não queria estudar lá, mas quando Chris e eu fomos, achei a cidade um charme, e as pessoas foram muito simpáticas, e tem um banco ao lado do Velho Poço onde, se você se deitar e olhar para cima, duas árvores de lados opostos se encontram no meio. Os galhos se tocam, assim. — Eu começo a demonstrar, mas paro, porque percebo que Peter não está ouvindo. Ele está olhando para o nada. — O que você está pensando?

— Então isso quer dizer que você vai para lá agora, e não para a William and Mary?

Eu hesito.

— É.

Ele assente para si mesmo.

— Fico feliz por você. De verdade. Mas é uma droga você ir morar tão longe. Se eu tivesse que pegar o carro e dirigir até Chapel Hill agora, eu acabaria dormindo ao volante. São quantas horas de Charlottesville a Chapel Hill? Umas quatro?

Sinto um nó no estômago.

— Três horas e vinte e cinco minutos. Sei que parece muita coisa, mas juro que passa rápido!

— É o dobro do tempo que leva de Charlottesville à William and Mary. E isso sem trânsito. — Ele encosta a cabeça no sofá.

— Não é o dobro — falo baixinho. — É uma hora e meia a mais.

Ele se vira para mim, e noto o arrependimento nos olhos dele.

— Desculpa. Eu estou muito cansado agora. Vai ser bem mais difícil do que eu achei que seria. Não o nosso namoro, mas a faculdade. Vou ter treinos o tempo todo, e quando não estiver treinando, vou estar malhando ou na aula ou dormindo. Vai ser exaustivo. Nem um pouco como o ensino médio. É muita pressão. E... eu não achei que você fosse estar tão longe.

Eu nunca o vi assim. Ele parece derrotado. Quando o assunto é o lacrosse e os estudos, ele é sempre tão tranquilo, tão confiante. Tudo sempre é fácil para ele.

— Peter, você vai se sair bem. Agora é só o começo. Quando você pegar o jeito, vai ser como sempre, sem problemas. — Timidamente, acrescento: — E... nós também vamos dar um jeito.

De repente, ele se senta ereto.

— Quer saber? Vamos para a festa.

— Tem certeza?

— Tenho. Você está toda arrumada. E não arrumou seu cabelo assim à toa. — Ele me puxa para perto. — Vamos comemorar sua vitória.

Eu o abraço. Os ombros estão contraídos; consigo sentir a tensão nas costas dele. A maioria dos garotos não repararia em uma coisa assim: que eu fiz cachos no cabelo, que estou usando uma blusa nova. Tento me concentrar nisso e não no fato de ele não ter me dado parabéns.

NA CASA DE Steve Bledell, um monte de gente está na sala ao lado da cozinha fumando maconha e vendo futebol na enorme tevê de tela plana na parede. Lucas está aqui e, quando lhe conto as novidades, ele me pega no colo e me gira.

— Você também vai sair daqui!

— Bom, eu só vou para o estado vizinho, para a Carolina do Norte — falo, rindo. Sinto uma emoção inesperada ao dizer essas palavras em voz alta. — Não é tão longe.

— Mas é *fora daqui*. — Lucas me devolve ao chão e encosta as mãos nas minhas bochechas. — Vai ser muito bom para você, Lara Jean.

— Você acha?

— Tenho certeza.

Estou na cozinha pegando uma Coca quando Genevieve entra descalça, usando um moletom da Virginia Tech e segurando uma cerveja em um porta-latas também da Virginia Tech. Ela se balança um pouco antes de dizer:

— Eu soube que você entrou na UNC. Parabéns.

Eu espero o golpe, o comentário venenoso, mas ele não vem. Ela só fica ali parada, um pouco bêbada, mas ainda sóbria o bastante.

— Obrigada — falo. — Parabéns pela Virginia Tech. Sei que você sempre quis estudar lá. Sua mãe deve estar feliz.

— Está. Você soube que Chrissy vai para a Costa Rica? Aquela vaca sortuda. — Ela toma um gole da cerveja. — Chapel Hill é bem longe daqui, hein?

— Nem tanto. Só três horas — minto.

— Ah, boa sorte então. Espero que Peter continue tão fiel a você quanto é hoje. Mas, conhecendo ele, duvido muito. — Ela solta um arrote alto, e a expressão de surpresa e susto em seu rosto é tão engraçada que quase dou uma gargalhada. Por um segundo, parece que Genevieve também vai rir, mas ela se controla, faz cara feia e sai da cozinha.

Só tenho vislumbres de Peter ao longo da noite, conversando com as pessoas, tomando cerveja. Seu humor parece ter melhorado. Está sorrindo, com o rosto um pouco corado por conta da cerveja. Acho que nunca o vi beber tanto.

Perto da uma da manhã, ando pela casa à procura de Peter, e quando o encontro, ele está participando de um jogo envolvendo bebida na garagem de Steve. Todos estão rindo de alguma coisa que ele disse. Ele me vê no alto da escada e faz sinal para mim.

— Venha jogar com a gente, Covey — diz ele alto demais.

Meus pés ficam firmes no degrau.

— Não posso. Eu tenho que ir para casa.

O sorriso dele some.

— Tá, eu levo você.

— Não, tudo bem. Vou pegar uma carona ou chamar um Uber.

Eu me viro para ir embora, e Peter vai atrás de mim.

— Não faça isso. Eu levo você.

— Não, você está bêbado. — Tento não ser cruel, mas é a verdade.

Ele ri.

— Eu não estou bêbado. Só tomei três cervejas ao longo de quê? Três horas? Eu estou bem. Você não bebe, então não tem noção, mas isso não é nada. Eu juro.

— Bom, dá para eu sentir seu bafo de bebida e sei que você não passaria pelo teste do bafômetro.

Peter olha para mim.

— Você está com raiva?

— Não. Só não quero que você dirija para me levar em casa. Também não devia voltar para casa dirigindo. Devia dormir aqui.

— Ah, você está com raiva. — Ele se aproxima de mim e olha ao redor antes de dizer: — Sinto muito por antes. Eu devia ter ficado mais animado por você. Eu só estava cansado.

— Tudo bem — falo, embora eu não esteja sendo completamente sincera.

Stormy dizia uma coisa: Vá embora com quem você chegou, a não ser que ele esteja bêbado; nesse caso, arranje outro jeito de voltar para casa. Acabo pegando carona com Lucas e chego antes da minha hora, mas por pouco. Depois da noite anterior, não posso forçar a barra.

Peter fica me mandando mensagens, e sou mesquinha o bastante para ficar feliz por ele não estar mais se divertindo. Eu o deixo esperando muitos minutos antes de responder em poucas palavras que ele não devia voltar dirigindo para casa, e ele me manda uma foto em que aparece deitado no sofá de Steve com a jaqueta de alguém como cobertor.

Não consigo dormir, então desço para fazer um queijo quente. Kitty também está no andar de baixo vendo um programa de entrevistas e brincando no celular.

— Quer um queijo quente?

— Quero — diz ela, erguendo os olhos do celular.

Faço o de Kitty primeiro. Aperto o sanduíche na frigideira para a parte de baixo ficar crocante, e o sanduíche, achatado. Corto outro pedaço de manteiga e o vejo derreter em uma poça, ainda me sentindo desanimada por causa desta noite. Então, do nada, surge um pensamento na minha cabeça. Contato direto. O pão precisa de

contato direto com a frigideira quente para ficar crocante do jeito certo.

É isso. Essa é a resposta para as dificuldades que venho enfrentando com os cookies com gotas de chocolate. Durante todo esse tempo, eu estava usando um tapete antiaderente para os cookies não grudarem na assadeira. A solução é papel-manteiga. É fininho, diferente do tapete. Com papel-manteiga, a massa tem contato direto com o calor e assim se espalha mais. *Voilà*, biscoitos mais finos.

Estou tão determinada que começo a pegar os ingredientes na despensa. Se eu fizer a massa certa neste instante, ela pode descansar a noite toda e eu vou poder testar minha teoria amanhã.

* * *

Durmo até tarde de novo porque não tem aula graças às reuniões dos professores e porque fiquei acordada até as três da manhã fazendo minha massa e vendo tevê com Kitty. Quando acordo, como no dia anterior, há mensagens de Peter.

Desculpa.

Sou um babaca.

Não fique com raiva.

Fico lendo as mensagens dele sem parar. O intervalo entre elas é de minutos, então sei que ele deve estar se perguntando se ainda estou com raiva ou não. Não quero ficar com raiva, só quero que as coisas voltem ao normal.

Mando uma mensagem:

Quer vir aqui para ter uma surpresa?

Ele responde na mesma hora:

A CAMINHO

* * *

— O cookie com gotas de chocolate perfeito tem que ter três aros — falo. — O do centro deve ser macio e meio molengo. O intermediário deve ser úmido. E o de fora deve ser crocante.

— Não aguento mais ouvir ela dando esse discurso — diz Kitty para Peter. — Não aguento.

— Seja paciente — pede ele, apertando o ombro dela. — Está quase acabando, e, depois, vamos ganhar cookies.

— O cookie perfeito é mais gostoso quando ainda está quente, mas

também é delicioso à temperatura ambiente.

— Se você não parar de falar, eles não vão mais estar quentes — resmunga Kitty.

Olho para ela de cara feia, mas, na verdade, estou feliz por ela estar aqui para tornar o clima mais tranquilo entre mim e Peter. A presença dela faz as coisas parecerem normais.

— No mundo dos doces, é uma verdade universalmente reconhecida que Jacques Torres aperfeiçoou o cookie com gotas de chocolate. Peter, nós experimentamos um da loja dele alguns meses atrás. — Agora estou enrolando para fazer os dois sofrerem. — Como meu cookie vai se sair comparado ao dele? Alerta de spoiler: está incrível.

Kitty desce do banco.

— Já chega. Vou embora. Um cookie com gotas de chocolate não vale isso tudo.

Eu dou um tapinha na cabeça dela.

— Ah, gatinha. Garota querida e tola. Esse cookie vale isso e muito mais. Sente-se, ou não vai provar.

Revirando os olhos, ela se senta.

— Meus amigos, eu finalmente encontrei. Minha baleia branca. Meu anel para a todos governar. O cookie dos cookies. — Com um floreio, puxo um pano de prato e apresento meus cookies finos, macios e com a densidade perfeita, artisticamente arrumados em um prato.

Para minha consternação, Peter enfia um inteiro na boca e, com ela cheia, diz:

— Delicioso!

Ele ainda está com medo de eu ter ficado chateada, então diria qualquer coisa agora.

— Coma mais devagar. Saboreie, Peter.

— Eu estou saboreando, acredite.

Kitty é a verdadeira crítica que devo agradecer. Digo, ansiosa:

— Eu usei açúcar mascavo. Dá para sentir um toque de melado?

Ela está mastigando, pensativa.

— Não sinto a diferença entre este e o que você fez duas fornadas atrás.

— Desta vez usei *chocolate fèves*, não chocolate picado. Está vendo como o chocolate derrete emavas?

— O que é *fève*?

— Lascas.

— Então diga lascas. E papai não ficou irritado por você ter gastado trinta dólares em chocolate?

— Eu não diria que ele ficou *irritado*. Talvez aborrecido. Mas acho que vai concordar que vale a pena. — Kitty me olha com uma cara de *Ah tá*, e eu murmuro: — É chocolate Valrhona, tá? Não é barato. Além

do mais, o saco é de um quilo! Olha, essa não é a questão. Você não consegue perceber como as bordas são mais crocantes e o centro, mais macio? Preciso explicar de novo sobre o tapete antiaderente e o papel-manteiga?

— A gente entendeu — retruca Kitty.

Peter enfia o dedo no passador da minha calça jeans e me puxa para perto.

— Melhor cookie da minha vida — declara. Ele está pegando pesado, mas eu ainda estou um pouco irritada.

— Vocês são tão bregas — diz Kitty. — Vou pegar minha cota de cookies e sair daqui. — Ela começa a empilhar biscoitos em um guardanapo, rápida como um raio.

— Só pegue três!

Ela coloca dois de volta e sobe a escada.

Peter espera que ela vá embora e pergunta:

— Você ainda está com raiva de mim? Nunca mais vou beber quando estiver de carro com você, prometo. — Ele me dá um grande sorriso.

— Você está mesmo numa boa com a minha ida para a UNC?

O sorriso dele some, e ele hesita por um momento antes de assentir.

— É como você falou. A gente vai dar um jeito, seja como for. — Por um milésimo de segundo, o olhar dele procura o meu, e sei que ele está querendo que eu o tranquilize. Nessa hora, passo os braços em volta dele e o abraço com força, força suficiente para que ele saiba que estou aqui. Que não vou deixá-lo.

AGORA QUE DECIDI estudar na UNC, de repente preciso fazer várias coisas, e logo. Informo à William and Mary que não vou para lá; pago a taxa de matrícula da UNC. Conto a novidade para minha orientadora, a sra. Duvall, que fica feliz da vida. Ela diz que sou a única da nossa turma que vai para lá e que mal pode esperar para acrescentar a UNC à lista de faculdades para as quais os alunos passaram.

— Eu sabia que você iria me deixar orgulhosa — diz ela, assentindo. — Eu sabia.

Os capelos e as becas chegaram, e Peter e eu vamos ao ginásio buscar os nossos, com os convites para a formatura.

Nós nos sentamos nas arquibancadas para experimentar os capelos, e Peter inclina o meu e diz:

— Você ficou fofa.

Eu jogo um beijo para ele.

— Me deixe ver seus convites.

Quero ver o nome dele todo caprichado, com a caligrafia elaborada.

Ele me entrega a caixa, e eu a abro. Passo os dedos pelas letras em relevo. *Peter Grant Kavinsky*.

— Você pensou mais sobre se vai convidar ou não seu pai?

Peter olha ao redor para ver se tem alguém ouvindo antes de comentar em voz baixa:

— Por que você fica falando nisso?

Estico o braço e toco no capelo de Peter.

— Porque acho que, no fundo, você quer que ele esteja lá. No mínimo para ver tudo que você conseguiu e tudo que ele perdeu.

— Vou pensar — diz ele, e eu paro por aí. A decisão é de Peter.

* * *

A caminho de casa, Peter me pergunta:

— Quer ver um filme hoje?

— Não posso. Kristen, a amiga de Trina, vai lá em casa para acertarmos os últimos detalhes da despedida de solteira.

Ele me olha com malícia.

— Vocês vão para um clube de strip?

— Não! Eca. Eu nunca ia querer ver uma coisa dessas.

— Ver o quê?

— Um bando de músculos besuntados de óleo. — Eu tremo. — Fico feliz de você não ser todo musculoso.

Peter franze a testa.

— Ei, eu sou forte.

Eu aperto o bíceps dele e ele automaticamente o flexiona debaixo dos meus dedos.

— Você é lindo e magro, sem ser muito musculoso.

— Você sabe mesmo fazer um cara se sentir másculo, Covey — diz ele, e entra na minha rua.

Eu me sinto um pouco mal, porque agora lembro que ele disse que não estava tão em forma quanto os outros caras do time de lacrosse da UVA.

— Eu gosto de você como você é — acrescento, e ele ri, então não pode estar tão magoado.

— O que seu pai vai fazer na despedida de solteiro?

Eu dou uma gargalhada.

— Você conhece meu pai? Ele é a última pessoa do mundo que faria uma despedida de solteiro. Ele nem tem amigos homens para chamar para uma festa! — Eu paro e penso nisso. — Bom, acho que Josh é o mais próximo dele. Nós não o vemos tanto assim desde que ele foi para a faculdade, mas os dois ainda trocam e-mails com frequência.

— Não sei o que a sua família vê naquele cara — diz Peter em tom ácido. — O que ele tem de tão incrível?

É um assunto delicado. Peter tem paranoia de meu pai gostar mais de Josh do que dele, e tento explicar que não é uma competição. E não é mesmo. Papai conhece Josh desde que ele era pequeno. Eles trocam quadrinhos, caramba. Não tem competição. É óbvio que meu pai gosta mais de Josh. Mas só porque o conhece melhor. E isso só porque eles são mais parecidos: nenhum dos dois é descolado. E Peter é. Meu pai fica confuso com gente descolada.

— Josh adora a comida do meu pai.

— Eu também!

— Eles têm o mesmo gosto para filmes.

— E Josh nunca apareceu em um vídeo em um ofurô com uma das filhas dele — concluiu Peter.

— Ah, meu Deus, deixa isso pra lá! Meu pai já esqueceu isso. — “Esqueceu” talvez seja uma palavra muito forte. Talvez esteja mais para nunca mais tocou no assunto e, com sorte, nunca mais vai falar sobre isso.

— Sei.

— Bom, é verdade. Meu pai é um homem muito misericordioso e ele se esquece das coisas muito rápido.

Quando estamos parando diante da minha casa, Peter pergunta de

repente:

— E se eu organizasse uma despedida de solteiro para o seu pai? Nós poderíamos fazer um churrasco, talvez fumar uns charutos...

— Meu pai não curte charutos.

— Bom, então só o churrasco. Não precisa ficar nervosa.

— Churrasco e nada de clube de strip.

— Ah, meu Deus, me dê um pouco de crédito, Covey! Além do mais, eu ainda não tenho vinte e um anos. Duvido que conseguisse entrar.

Eu olho de cara feia para ele.

Peter logo diz:

— Não que eu fosse querer ir. E com certeza não ia querer ir com o pai da minha namorada. — Ele treme. — Isso seria nojento.

— E qual é o plano? Fazer um churrasco no quintal?

— Não. Acho melhor irmos a uma churrascaria. Vamos nos arrumar. Vai ser a noite dos homens. A gente pode até usar terno.

Eu reprimo um sorriso. Peter nunca vai admitir, mas ele adora se arrumar. Tão vaidoso.

— Parece ótimo.

— Você pode falar com seu pai? — pergunta ele.

— Eu acho que *you* devia falar.

— Se ele topa, quem eu devo convidar?

— Josh? — sugiro com tom desanimado, sabendo que ele não vai concordar.

— De jeito nenhum. Seu pai não tem amigos do trabalho?

— Ele não tem muitos amigos próximos lá. Só o dr. Kang... Você poderia convidar meu tio Victor. E às vezes meu pai passeia de bicicleta com o sr. Shah, aqui da rua.

— Você consegue os e-mails dessas pessoas pra ontem? — pergunta Peter. — Quero mandar os convites assim que seu pai concordar. Quando é a despedida de solteira? Daqui a dois fins de semana?

Meu coração parece que vai explodir. Fico tão emocionada com quanto Peter quer impressionar meu pai.

— É na terceira sexta do mês. Estamos esperando Margot voltar para casa.

* * *

Kitty ficou estranhamente tranquila quando soube que não seria convidada para a despedida de solteira de Trina, e pensei, uau, ela está mesmo crescendo. Entende que o problema não é com ela. Entende que a noite é de Trina.

Mas claro que Kitty sempre tem alguma coisa em mente.

Já fazia um bom tempo que não a deixávamos na escola. Desta vez,

ela queria que Peter a levasse no Audi, mas argumentei que eu também estava indo à escola. Então estamos todos na minivan da mãe dele, como antigamente. Só que Kitty está na frente, e eu, atrás.

No banco do carona, ela suspira e apoia a cabeça na janela.

— O que houve? — pergunta Peter.

— As madrinhas não querem me deixar ir à despedida de solteira. Fui a única a ficar de fora.

Eu olho irritada para a nuca dela.

— Que absurdo! — Peter me olha pelo retrovisor. — Por que vocês não a deixam ir?

— Nós vamos a um bar de karaokê! Ela não pode ir porque é muito nova. Na verdade, eu quase não pude ir também.

— Por que vocês não podem fazer a despedida em um restaurante, como a gente?

— Porque aí não seria uma despedida de solteira de verdade.

Peter revira os olhos.

— Mas não é como se estivessem indo a um clube de strip... Espere, vocês mudaram de ideia? Vão a um clube de strip?

— Não!

— Então qual é o problema? Escolham outro lugar.

— Peter, a decisão não é minha. Você vai ter que ver isso com Kristen. — Eu bato no braço de Kitty. — O mesmo vale para você, sua monstrixinha! Pare de usar Peter para tentar participar. Ele não tem nada a ver com isso.

— Desculpa, garota — diz Peter.

Kitty afunda no banco, mas depois se empertiga.

— E se eu fosse na despedida de solteiro? Já que vocês só vão a uma churrascaria?

— Hã... hã, não sei, eu teria que ver com o pessoal... — gagueja Peter.

— Você vai perguntar? Porque eu também gosto de carne. Gosto muito. Vou pedir bife com uma batata assada de acompanhamento, e de sobremesa vou pedir sundae de morango com chantilly. — Kitty dá um sorriso para Peter, que responde com um sorriso fraco.

Quando chegamos à escola de Kitty e ela sai, animada e com o peito estufado como um pássaro, digo no ouvido de Peter:

— Ela manipulou você direitinho.

FALTANDO SÓ MAIS três dias de aula, recebemos os anuários. Há várias páginas em branco no final para as assinaturas, mas todo mundo sabe que o lugar de honra é a contracapa. Claro que guardei a minha para Peter. Nunca quero esquecer como esse ano foi especial.

Minha citação do anuário é: “Espalhei meus sonhos aos seus pés / Caminhe devagar, pois você estará pisando neles.” Tive muita dificuldade para escolher entre essa e “Sem você, as emoções de hoje seriam apenas uma pele morta das emoções do passado.”

“Eu sei que é de *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, mas quem quer ler sobre ‘pele morta’?” Peter tinha argumentado. Sinceramente, ele tinha razão. E me deixou escrever a dele dizendo apenas: “Me surpreenda.”

Quando entramos pela porta do refeitório, alguém a segura para nós, e Peter diz:

— Valeu.

Peter passou a dizer valeu em vez de obrigado, e sei que ele pegou isso de Ravi. Sempre me faz sorrir.

No último mês, mais ou menos, o refeitório ficou meio vazio no almoço. A maioria dos formandos estava saindo do campus para comer, mas Peter gosta da comida que a mãe faz para ele levar e eu gosto das batatas fritas da escola. Mas, como o conselho estudantil está distribuindo os anuários hoje, o lugar está lotado. Pego o meu e corro com ele para a nossa mesa. Abro na página de Peter primeiro. Ali está ele, sorrindo de smoking. E ali está a citação dele: “*De nada.*”

— *Peter Kavinsky.*

Peter franze a testa quando vê.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer: aqui estou eu, tão lindo, um colírio para os seus olhos. — Abro os braços com benevolência, como se fosse o papa. — De nada.

Darrell cai na gargalhada, assim como Gabe, que também abre os braços.

— De nada — ficam dizendo para o outro.

Peter balança a cabeça para todos nós.

— Vocês são malucos.

Eu me inclino e dou um beijo na boca dele.

— E você ama isso! — Apoio meu anuário na frente dele. — Escreva alguma coisa memorável — falo, me inclinando por cima do ombro dele. — Uma coisa romântica.

— Seu cabelo está fazendo cócegas no meu pescoço. Não consigo me concentrar.

Eu me empertigo e me balanço para a frente e para trás, de braços cruzados.

— Estou esperando.

— Como posso pensar em uma coisa boa com você olhando por cima do meu ombro? Vou fazer isso depois.

Eu balanço a cabeça, resoluta.

— Não, porque senão você não vai fazer nunca.

Fico enchendo o saco dele, até que ele diz:

— Eu só não sei o que escrever.

Isso me faz franzir a testa.

— Escreva uma lembrança, uma esperança ou... qualquer coisa. — Estou decepcionada e tentando não demonstrar isso, mas seria tão difícil ele pensar em alguma coisa?

— Me deixe levar para casa hoje, para poder pensar e fazer isso com calma — diz ele depressa.

Passo o resto do dia entregando meu anuário para as pessoas assinarem, e elas escrevem coisas genéricas como *Boa sorte na UNC* e *Você tornou a educação física no nono ano divertida* e *Me adiciona no Instagram*, mas também coisas mais profundas, como *Eu queria que você tivesse começado a sair com a gente mais cedo, assim eu poderia ter te conhecido melhor*. Ben Simonoff escreveu *As quietas são sempre as mais interessantes*. *Continue interessante*. Eu deixo o anuário com Peter no final do dia.

— Cuide bem dele.

* * *

Na manhã seguinte, ele se esquece de levar o anuário para a escola, o que me irrita, porque quero a assinatura de toda a turma do último ano e ainda faltam algumas pessoas. Amanhã é o último dia de aula.

— Você pelo menos terminou?

— Terminei! Só esqueci — diz ele, fazendo uma careta. — Vou trazer amanhã, eu juro.

* * *

A Semana na Praia é uma tradição da nossa escola. É exatamente como o nome diz. No dia seguinte à formatura, a turma do último ano faz as malas e vai passar uma semana em Nags Head. Nunca em um milhão de anos eu achei que iria. Primeiro, você precisa reunir amigos em número suficiente para alugar uma casa juntos, tipo dez pessoas!

Antes de Peter, eu não tinha dez amigos com quem dividir o aluguel. O pai ou a mãe de alguém tem que se responsabilizar pelo contrato, porque ninguém quer deixar sua casa com um bando de garotos do ensino médio. Margot não foi no ano dela. Ela e Josh foram acampar com amigos. Ela disse que a Semana na Praia não era seu estilo. Um ano atrás, também não seria o meu. Mas agora eu tenho Peter, Pammy, Chris e Lucas.

Quando o assunto da Semana na Praia surgiu meses atrás, Peter me perguntou se eu achava que meu pai me deixaria ficar na casa com ele. Eu disse que não, de jeito nenhum. Então, vou ficar com um grupo de meninas. A irmã mais velha de Pammy, Julia, alugou a casa, e Pammy me garantiu que tinha ar-condicionado e tudo. Ela disse que a dos garotos era de frente para a praia e a nossa ficava duas ruas atrás, mas era melhor assim porque poderíamos encher a deles de areia e a nossa permaneceria limpinha.

Meu pai concordou com a viagem quando pedi, mas tenho quase certeza de que ele esqueceu, porque, quando menciono a Semana na Praia hoje, no jantar, ele parece confuso.

— Espere, explique de novo o que é a Semana na Praia?

— É quando todo mundo vai para a praia depois da formatura e cai na farra a semana inteira — explica Kitty, enfiando a fatia de pizza na boca.

Eu olho para ela de cara feia.

— A minha Semana na Praia foi uma *loucura* — comenta Trina, e um sorriso carinhoso surge no rosto dela.

Eu também olho para Trina de cara feia.

Papai franze a testa.

— Uma loucura?

— Bom, não foi *tão* loucura — conserta Trina. — Foi só uma viagem divertida com as garotas. Uma última farra com as amigas antes da faculdade.

— Onde Peter vai ficar? — pergunta papai, e agora a testa dele parece tão franzida quanto uma casca de noz.

— Em uma casa só de garotos. Eu falei sobre isso um tempão atrás, e você tinha concordado, então não pode voltar atrás agora. É no dia depois da formatura.

— E não vai ter nenhum adulto? Só adolescentes?

Trina apoia a mão no braço de papai.

— Dan, Lara Jean não é mais criança. Em poucos meses, vai estar morando sozinha. Isso é um treino.

— Você está certa. Sei que está certa. Isso não quer dizer que tenho que gostar. — Ele suspira pesadamente e se levanta. — Kitty, me ajude a tirar a mesa, por favor.

Assim que eles saem, Trina se vira para mim e diz em voz baixa:

— Lara Jean, sei que você não bebe, mas tenho uma dica que você pode levar para a Semana na Praia, para a faculdade e para o resto da vida. Sempre, sempre combine um esquema com suas amigas. É assim: uma noite, você bebe. Outra noite, sua amiga bebe. Dessa maneira, sempre tem alguém sóbrio para segurar o cabelo da outra e cuidar para que nada aconteça.

— Peter vai estar lá — respondo, sorrindo. — Ele vai segurar o meu cabelo se precisar. Ou eu posso fazer um rabo de cavalo.

— Verdade. Só estou falando isso como uma dica para o futuro. — Quando ele não estiver junto. Meu sorriso some, e ela logo diz: — Na minha Semana na Praia, nós nos revezamos para cozinhar o jantar. Na minha vez, fiz frango com parmesão, todos os detectores de fumaça dispararam e nós não conseguimos descobrir como fazer os apitos pararem!

Ela ri. Trina ri tão fácil.

— Duvido que minha Semana na Praia seja tão louca assim.

— Bom, vamos torcer para que seja *um pouco* louca — comenta ela.

É A ÚLTIMA vez que vamos subir essa escadaria juntos, Peter pulando de dois em dois degraus, e eu correndo atrás, ofegante, tentando acompanhar. É o último dia de aula para os alunos do último ano, o último dia da minha vida de estudante de ensino médio.

Quando chegamos no alto da escada, eu digo:

— Acho que subir a escada de dois em dois degraus é coisa de quem gosta de se gabar. Já reparou que só garotos fazem isso?

— As garotas talvez fizessem a mesma coisa se fossem tão altas quanto os garotos.

— Chelsea, amiga de Margot, tem um metro e oitenta, e acho que ela não faz isso.

— O que você está querendo dizer? Que os garotos gostam de se gabar?

— Provavelmente. Você não acha?

— Provavelmente — admite ele.

O sinal toca, e as pessoas começam a seguir para as salas de aula.

— Vamos matar o primeiro tempo? Quer comer panqueca? — Ele ergue uma das sobrancelhas de forma provocadora e me puxa para perto pelas alças da mochila. — Vamos lá, você sabe que quer.

— De jeito nenhum. É o último dia de aula. Quero me despedir do sr. Lopez.

Peter grunhe.

— Você é tão certinha.

— Você já sabia disso quando começou a namorar comigo.

— Verdade.

Antes de nos separarmos no corredor, eu estico os braços e espero com expectativa. Peter me olha com curiosidade.

— Meu anuário!

— Ah, droga! Esqueci de novo.

— Peter! É o último dia de aula! Só peguei metade das assinaturas!

— Desculpa — diz ele, passando a mão pelo cabelo e deixando-o todo desganhado. — Você quer que eu volte para buscar? Posso ir agora. — Ele parece lamentar de verdade, mas estou irritada mesmo assim.

Como não respondo nada imediatamente, Peter se vira para a escada, mas eu o faço parar.

— Não, não vá. Tudo bem. Vou levar na formatura.

— Tem certeza? — pergunta ele.

— Tenho.

Nós nem vamos ter aula o dia todo. Não quero que ele tenha que voltar correndo para casa só para buscar meu anuário.

As aulas são tranquilas; na verdade, passamos boa parte do tempo andando por aí nos despedindo de professores, do pessoal da secretaria, da enfermeira. Várias dessas pessoas estarão na formatura, mas não todas. Distribuo os cookies que fiz na noite anterior. Recebemos as últimas notas; são todas boas e não preciso me preocupar.

Levo uma eternidade para esvaziar meu armário. Encontro bilhetes aleatórios de Peter que guardei, que coloco na mesma hora na bolsa para botar no *scrapbook*. Uma barrinha de cereal velha. Elásticos pretos de cabelo cheios de poeira, o que é irônico, porque a gente nunca encontra um elástico quando precisa.

— Fico triste de jogar essas coisas fora, até a barrinha de cereal velha — digo para Lucas, que está sentado no chão me fazendo companhia. — Ela ficou no fundo do meu armário por meses. É como uma velha amiga. Vamos dividir, para comemorar este dia?

— Eca. Deve estar mofada. — Com segurança, ele diz: — Depois da formatura, acho que não vou ver mais nenhuma dessas pessoas.

Eu olho para ele com mágoa.

— Ei! E eu?

— Você é diferente. Você vai me visitar em Nova York.

— Ah! Sim, por favor.

— Sarah Lawrence fica perto da cidade. Vou poder ir aos musicais da Broadway sempre que quiser. Tem até um aplicativo para compra de ingressos só para estudantes.

Ele fica com um olhar sonhador.

— Você tem tanta sorte!

— Eu levo você. E vamos a um bar gay também. Vai ser incrível.

— Obrigada!

— Mas o restante das pessoas é indiferente para mim.

— Nós ainda temos a Semana na Praia — lembro, e ele assente.

— Pelo resto das nossas vidas, sempre vamos ter a Semana na Praia — diz ele com deboche, e joga um elástico de cabelo nele.

Lucas pode debochar de mim por ser nostálgica quanto quiser. Eu sei que esses dias são especiais. O ensino médio *vai* ser uma época da qual vamos nos lembrar pelo resto da vida.

* * *

Depois da aula, Peter e eu vamos para a casa dele, porque a minha está uma zona por causa do casamento, e a mãe de Peter tem o clube do livro depois do trabalho e Owen tem treino do futebol, então vamos ficar com a casa só para nós. Parece que o único lugar onde

ficamos sozinhos de verdade é no carro dele, e momentos assim são raros e dignos de nota. É meu último trajeto de carro da escola para casa, e é Peter K. quem está dirigindo. É adequado terminar o ensino médio do jeito que o passei, no banco do carona do carro de Peter.

Quando vamos para o quarto dele, eu me sento na cama, que está arrumada, com o edredom esticado. Os travesseiros parecem até afogados. O edredom é novo, provavelmente para a faculdade. É uma estampa xadrez vermelha, creme e azul-marinho, e tenho certeza de que foi a mãe dele que escolheu.

— Sua mãe faz sua cama, não faz? — pergunto, me recostando nos travesseiros.

— Faz — responde ele, sem um pinga de vergonha.

Ele se senta na cama, e eu chego para o lado para dar espaço.

A luz do fim da tarde entra pelas cortinas claras e deixa o quarto com um filtro meio sonhador. Se fosse escolher um nome, seria “verão no subúrbio”. Peter fica lindo nessa luz. Fica lindo em qualquer luz, mas principalmente nessa. Tiro uma foto dele em pensamento, guardo esse momento na memória. Qualquer irritação que eu tenha sentido por ele ter esquecido meu anuário some quando ele chega perto de mim, apoia a cabeça no meu peito e diz:

— Consigo sentir seu coração batendo.

Eu começo a mexer no cabelo dele, pois sei que Peter gosta. É tão macio para um garoto. Adoro o cheiro do xampu dele, do sabonete, de tudo.

Ele olha para mim e passa o dedo pelo meu lábio.

— Gosto mais dessa parte — diz ele. Em seguida, roça os lábios nos meus, me provocando. Ele morde meu lábio inferior. Gosto de todos os nossos beijos, mas talvez mais desse. Ele logo começa a me beijar com urgência, como se estivesse desesperado, as mãos no meu cabelo, e eu penso não, esses são os melhores.

Entre beijos, ele pergunta:

— Por que você só quer me beijar quando estamos na minha casa?

— Eu... não sei. Acho que nunca pensei nisso antes.

É verdade que só ficamos dando uns amassos na casa de Peter. É estranho ser romântica na mesma cama em que durmo desde que eu era pequena. Mas, quando estou na cama de Peter, ou no carro dele, eu esqueço tudo e só me perco no momento.

Estamos nos beijando de novo — Peter sem camisa, eu ainda com a minha — quando o telefone toca no andar de baixo e Peter diz que deve ser o encanador querendo confirmar o dia em que virá fazer o conserto. Ele veste a camisa e desce para atender, e eu vejo meu anuário na mesa dele.

Eu me levanto da cama, pego o anuário e viro. Ainda está vazio. Quando Peter sobe, estou sentada na cama de novo e não menciono o

anuário, não pergunto por que ele ainda não escreveu nada. Não sei por quê. Digo que preciso ir porque Margot chega da Escócia hoje e eu quero abastecer a geladeira com as comidas favoritas dela.

O sorriso de Peter diminui.

— Não quer ficar mais um pouco? Posso levar você no mercado.

— Também preciso fazer uma faxina no andar de cima — digo, me levantando.

Ele segura minha blusa e tenta me puxar para a cama.

— Só mais cinco minutos.

Eu me deito ao lado dele e Peter se aconchega, mas eu ainda estou pensando no anuário. Estou trabalhando no *scrapbook* dele há meses; o mínimo que ele pode fazer é escrever uma bela mensagem no meu anuário.

— É um bom treino para a faculdade — murmura ele, me puxando para perto e me abraçando. — As camas são pequenas na UVA. Como são na UNC?

De costas para ele, eu digo:

— Não sei. Não cheguei a ver os alojamentos.

Ele aninha a cabeça no espaço entre meu pescoço e meu ombro.

— Foi um teste — diz ele, e consigo sentir seu sorriso no meu pescoço. — Queria saber se você visitou o quarto de um cara qualquer da UNC com Chris. Parabéns, você passou.

Não consigo evitar uma gargalhada. Mas meu sorriso some, e eu decido fazer meu próprio teste.

— Pode me lembrar de levar meu anuário quando eu for embora?

Ele enrijece por um segundo, mas responde com tranquilidade:

— Tenho que procurar. Está em algum lugar aqui no quarto. Se eu não encontrar, levo mais tarde pra você.

Eu me afasto dele e me sento. Confuso, Peter olha para mim.

— Eu vi meu anuário na sua mesa, Peter. Sei que você ainda não escreveu nada!

Peter se senta e suspira, passando a mão pelo cabelo. Os olhos encontram os meus e desviam para baixo de novo.

— Eu não sei o que escrever. Sei que você quer uma mensagem linda e romântica, mas não sei o que dizer. Tentei algumas vezes, mas eu... eu empaco. Você sabe que não sou bom nessas coisas.

— Não ligo para o que você vai escrever, desde que seja de coração. Só seja fofo. Seja você — digo com carinho. Eu chego mais perto e passo os braços pelo pescoço dele. — Tudo bem?

Peter assente, e eu dou um beijinho nele, e ele se aproxima e me beija com vontade, e eu paro de me importar com meu anuário idiota. Estou ciente de cada respiração, de cada movimento. Decoro tudo, guardo no coração.

Quando nos separamos, ele olha para mim e diz:

— Eu fui na casa do meu pai ontem.

Eu arregalo os olhos.

— Sério?

— É. Ele convidou Owen e eu para jantar, e eu não queria ir, mas Owen me pediu para ir com ele, e eu não podia dizer não.

Eu me deito de novo e apoio a cabeça no peito dele.

— Como foi?

— Tudo bem, eu acho. A casa dele é legal. — Eu não falo nada; só espero ele continuar. Parece demorar muito tempo até ele dizer: — Sabe aquele filme velho que você me fez ver, em que o garoto pobre estava de pé do lado de fora com o nariz encostado no vidro? Foi assim que eu me senti.

“Aquele filme velho” é *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, quando Charlie fica olhando as crianças enlouquecidas na loja de doces, mas não pode entrar porque não tem dinheiro. A ideia de que Peter — tão bonito, confiante e tranquilo — esteja se sentindo assim me dá vontade de chorar. Talvez eu não devesse ter insistido tanto para ele retomar contato com o pai.

— Ele pendurou uma cesta de basquete para os filhos. Eu pedi uma tantas vezes, mas ele nunca pendurou. Os filhos dele nem são atléticos. Acho que Everett nunca segurou uma bola de basquete na vida.

— Owen se divertiu?

Ele assente, contrariado.

— Sim, ele, Clayton e Everett jogaram videogame. Meu pai fez hambúrguer e bife. Até colocou um maldito avental de chef. Acho que ele nunca ajudou minha mãe na cozinha durante todo o tempo em que foram casados. — Peter faz uma pausa. — Mas não lavou a louça, então acho que isso não mudou muito. Mesmo assim, deu para perceber que ele e Gayle estavam se esforçando. Ela fez um bolo. Mas não estava tão bom quanto os seus.

— Bolo de quê? — pergunto.

— Bolo de chocolate com calda de chocolate. Estava meio seco. — Peter hesita, mas continua: — Eu o convidei para a formatura.

— Convidou? — Meu coração se infla.

— Ele ficou me perguntando sobre a escola, e... Sei lá. Pensei no que você disse e convidei. — Ele dá de ombros, como se não ligasse muito se o pai ia aparecer ou não. É puro fingimento. Peter se importa. Claro que se importa. — Então você vai conhecê-lo.

Eu me aproximo mais dele.

— Estou muito orgulhosa de você, Peter.

Ele dá uma risadinha.

— Por quê?

— Por dar uma chance ao seu pai, apesar de ele não merecer. — Eu

o encaro nos olhos e digo: — Você é uma boa pessoa, Peter K.

E o sorriso que surge no rosto dele me faz amá-lo ainda mais.

DEPOIS QUE PETER me deixa em casa, só sobra tempo de correr até o mercado para comprar batata frita e molho, sorvete, pão chalá, queijo brie e refrigerante de laranja (sabe como é, o essencial), depois volto para casa, limpo o banheiro de cima e troco os lençóis da cama de Margot.

Papai a pega no aeroporto quando está voltando do trabalho. É a primeira vez que ela nos visita desde que Trina se mudou. Quando entramos com as malas dela, eu a vejo observando a sala; vejo seus olhos se demorarem na lareira, onde agora tem um quadro que Trina trouxe da casa dela, uma pintura abstrata de um litoral. A expressão de Margot não muda, mas sei que ela repara. Como poderia não reparar? Eu levei o retrato de casamento de mamãe e papai para o meu quarto no dia anterior à mudança de Trina. Margot está olhando a sala toda agora, reparando em tudo que está diferente. As almofadas bordadas que Trina trouxe, uma foto dela e papai no dia em que ele a pediu em casamento em um porta-retratos na mesinha perto do sofá, a poltrona que foi substituída pela de Trina. Todos os berloques de Trina, que são muitos. Agora que estou vendo tudo pelos olhos de Margot, a sala *está* um tanto lotada.

Margot tira os sapatos, abre a porta do armário de sapatos e vê como está cheio. Trina também tem muitos sapatos.

— Nossa, o armário está cheio — diz ela, empurrando os tênis de ciclismo de Trina para o lado para abrir espaço para suas botas.

Depois que deixamos as malas dela no quarto e Margot coloca roupas mais confortáveis, descemos para fazer um lanche enquanto papai prepara o jantar. Estou sentada no sofá comendo batata frita quando Margot se levanta de repente e declara que vai tirar todos os sapatos velhos dela do armário.

— Agora? — digo, a boca cheia de batatinhas.

— Por que não? — Quando Margot bota na cabeça que vai fazer uma coisa, ela faz na mesma hora.

Ela tira tudo do armário de sapatos e se senta no chão de pernas cruzadas, olhando cada pilha, decidindo o que vai guardar e o que vai doar. Ela levanta um par de botas pretas.

— Guardar ou doar?

— Guarde ou dê para mim — digo, pegando molho com uma batata. — Ficam lindas com meia-calça.

Ela as coloca na pilha de guardar.

— O cachorro de Trina solta muito pelo — reclama Margot, tirando

pelo de cachorro da calça legging. — Como vocês usam roupas pretas?

— Tem um rolinho de tirar pelos na caixa de sapato. E eu não uso muito preto. — Eu devia usar roupas pretas com mais frequência. Todo blog de moda enfatiza a importância de um tubinho preto. Eu me pergunto se vou ter muitas ocasiões para usar um vestido preto na faculdade. — Com que frequência você precisa se arrumar em Saint Andrews?

— Não muita. As pessoas usam calça jeans e botas quando saem. Saint Andrews não é lugar muito chique.

— Você não se arruma nem para uma noite de queijos e vinhos na casa do seu professor?

— Nós nos arrumamos para jantares com professores, mas eu nunca fui convidada para a casa de um. Mas talvez façam isso na UNC.

— Talvez!

Margot levanta um par de galochas amarelas.

— Guardar ou doar?

— Guardar.

— Você não ajuda em nada. Quer guardar tudo.

Ela joga as galochas na caixa de doação.

Parece que minhas duas irmãs são impiedosas na hora de jogar coisas velhas fora. Quando Margot termina de separar tudo, eu olho a caixa mais uma vez para ver se não há nada com que eu queira ficar. Acabo pegando as galochas e um par de sapatilhas de couro.

* * *

Naquela noite, estou indo para o banheiro escovar os dentes quando escuto a voz sussurrada de Trina vindo do quarto de Margot. Paro no corredor para escutar, como uma espiã, como Kitty.

— É meio constrangedor, mas você deixou isto no banheiro, então enfiei em uma gaveta para o caso de você querer guardar segredo.

— Segredo de quem? De Kitty? — responde Margot, fria.

— Bom, do seu pai. Sei lá. Fiquei na dúvida.

— Meu pai é obstetra. Ele já viu pílulas anticoncepcionais.

— Ah, eu sei. É que... — Sem graça, ela repete: — Fiquei na dúvida. Se era segredo ou não.

— Hum, obrigada. Agradeço a preocupação, mas não guardo segredos do meu pai.

Volto correndo para o quarto antes de ouvir a resposta de Trina. Que horror.

* * *

No dia anterior à formatura, Peter vem passar um tempo comigo em casa. Estou costurando flores no meu capelo, Kitty vê tevê sentada no pufe e Margot descasca ervilhas em uma tigela. Ela tem uma receita que quer experimentar no jantar. Está passando um programa de casamento na tevê, um daqueles que decide quem teve o melhor casamento.

— Ei, no casamento do seu pai, que tal fazermos uma daquelas cerimônias com lanternas flutuantes, em que você acende uma lanterna, faz um desejo e a solta no céu? — diz Peter. — Eu vi num filme.

Fico impressionada.

— Peter, é uma ideia muito boa!

— Eu também vi num filme — comenta Kitty. — *Se Beber Não Case 2?*

— É! — Eu olho para os dois. Peter pergunta rapidamente: — Isso não é uma tradição oriental? Talvez seja legal.

— Não é uma tradição coreana, é tailandesa — diz Kitty. — Lembra que o filme se passa na Tailândia?

— Não faz diferença, Trina nem é oriental — retruca Margot. — Por que ela incluiria cultura oriental no casamento? Só porque nós somos orientais? Não tem nada a ver com ela.

— Eu não iria tão longe — digo. — Ela quer que a gente se sinta incluída. Outro dia, disse que poderia ser legal prestar algum tipo de homenagem à mamãe.

Margot revira os olhos.

— Ela nem a conheceu.

— Bom, conheceu um pouco. Eles eram vizinhos, afinal. Não sei, achei que, durante a cerimônia, talvez nós três pudéssemos acender uma vela... — Eu paro de falar porque Margot não parece nada convencida. — Foi só uma ideia — concluo, e Peter faz uma careta para mim.

— Não sei, acho meio estranho. O casamento representa papai e Trina começando uma vida nova juntos, não o passado.

— Faz sentido — concorda Peter.

Peter se esforça bastante para impressionar Margot. Ele sempre fica do lado dela. Eu finjo ficar irritada, mas acho fofo. Claro que ele deve ficar do lado dela. É função dele ficar do lado dela. Mostra que ele entende como a opinião de Margot é importante para mim e o lugar que ela ocupa na minha vida. Eu nunca poderia namorar alguém que não entendesse como minha família é importante para mim.

Quando Margot sai para levar Kitty para a aula de piano, Peter diz:

— Sua irmã não vai muito com a cara da sra. Rothschild, hein?

Peter ainda não consegue chamar a sra. Rothschild de Trina, e provavelmente nunca vai conseguir. No nosso bairro, nenhuma das

crianças chamava os adultos pelo primeiro nome. Todo mundo era senhorita, senhora ou senhor, exceto papai, que era doutor.

— Eu não diria que Gogo *desgosta* de Trina — respondo. — Ela gosta, só não está acostumada ainda. Você sabe como Trina é.

— Verdade. Eu também sei como sua irmã é. Ela demorou uma eternidade para gostar de mim.

— Não foi uma eternidade. Você só está acostumado com gente que gosta de você a partir do minuto que o conhece. — Eu olho para ele de soslaio. — Porque você é tão encantador. — Ele faz uma careta, porque não falo como se fosse um elogio. — Gogo não liga para charme. Ela liga para o que é real.

— Bom, agora ela me adora — diz Peter, cheio de confiança. Como não respondo imediatamente, ele pergunta: — Não é? Ela não me adora?

Eu dou uma gargalhada.

— Adora.

* * *

Mais tarde, depois que Peter vai embora porque precisa ajudar a mãe na loja, Margot e Trina discutem por causa de *cabelo*, dentre todas as coisas. Estou na lavanderia passando meu vestido quando escuto:

— Margot, quando você tomar banho, se importa de tirar o cabelo que fica preso no ralo? Eu estava limpando a banheira hoje de manhã e reparei.

A resposta de Margot é rápida.

— Claro.

— Obrigada. Só não quero que o ralo entupa.

Um minuto depois, Margot está na lavanderia comigo.

— Você ouviu aquilo? Dá pra acreditar? Como ela sabe que o cabelo era meu e não seu ou de Kitty?

— Seu cabelo é mais claro e mais curto — observo. — Além do mais, Kitty e eu catamos os nossos porque a gente sabe que Trina tem nojo.

— Bem, pelo de cachorro nas minhas roupas *me* dá nojo! Toda vez que respiro, eu sinto que estou inspirando pelo. Se ela está tão preocupada com a limpeza da casa, devia passar o aspirador com mais frequência.

Trina aparece atrás de Margot com expressão pétrea.

— Eu passo o aspirador uma vez por semana, que nem todo mundo. Margot fica vermelha.

— Desculpa, mas se você tem um cachorro que solta tanto pelo como Simone, acho que duas vezes por semana é mais adequado.

— Então fale isso para seu pai, pois eu não o vi pegar num

aspirador de pó nem uma vez desde que o conheci.

Trina sai da lavanderia, e Margot fica boquiaberta. Eu volto a passar o vestido.

— Você não acha que isso foi um exagero? — sussurra ela para mim.

— Ela está certa. Papai nunca passa o aspirador. Ele varre e passa pano, mas não passa o aspirador.

— Mesmo assim!

— Trina não aceita desaforo. Principalmente quando a menstruação está para descer. — Margot me encara. — Nós estamos sincronizadas. É só questão de tempo até você estar também.

* * *

Margot e eu vamos ao shopping com a desculpa de que eu preciso comprar um sutiã tomara que caia novo para meu vestido, mas na verdade é porque Margot quer fugir de Trina. Quando voltamos, os tapetes do andar de baixo estão aspirados e sem nenhuma dobra, e Kitty está guardando o aspirador de pó, e consigo ver que Margot se sente culpada.

No jantar, Trina e Margot são cordiais uma com a outra, como se nada tivesse acontecido. De alguma forma, isso é pior do que uma briga. Pelo menos quando você briga, tem alguém junto.

NO DIA DA minha formatura, acordo cedo e fico na cama ouvindo os sons da casa despertando. Ouço papai no andar de baixo fazendo café; Margot está no chuveiro; Kitty ainda deve estar dormindo. Trina também. As duas gostam de dormir até mais tarde.

Vou sentir saudade desses sons de casa quando eu for embora. Uma parte de mim já está com saudade. A outra está tão, tão animada de dar esse novo passo, e eu nunca achei que fosse estar, não depois de as coisas não terem saído como eu esperava.

* * *

De presente de formatura, Margot me dá um kit de faculdade. Tem uma máscara de dormir de cetim rosa com meu nome bordado em azul-claro. Um pen drive no formato de um batom dourado. Protetores de ouvido que parecem amendoins, chinelos cor-de-rosa peludinhos, uma nécessaire de náilon com desenhos de laços. Adoro tudo.

Kitty faz um cartão bonito. É uma colagem de fotos nossas, mas ela usou algum aplicativo para transformar as fotos em desenho, como em um livro de colorir. Ela coloriu todas com lápis de cor. Dentro, escreveu: *Parabéns. Se divirta na faculdade. P.S.: Vou sentir muita saudade.* Lágrimas surgem nos meus olhos, e abraço Kitty com força por tanto tempo que ela diz:

— Tá bom, tá bom. Chega.

Mas consigo ver que ela fica feliz.

— Vou emoldurar — declaro.

O presente que ganho de Trina é um jogo de chá vintage, creme com brotos de rosa cor-de-rosa e detalhes dourados.

— Era da minha mãe — diz ela, e sinto vontade de chorar de tanto que adorei.

Quando a abraço, eu sussurro no ouvido dela:

— É o meu presente favorito.

Ela pisca para mim. Piscar é um dos talentos de Trina. Ela é ótima nisso, muito natural.

Papai toma alguns goles de café e pigarreja.

— Lara Jean, meu presente de formatura vai ter que ser compartilhado com Margot e Kitty.

— O que é, o que é? — insiste Kitty.

— Shh, o presente é meu — digo, olhando para papai com

expectativa.

Papai abre um sorriso.

— Vou mandar as três para a Coreia com a vovó este verão. Feliz formatura, Lara Jean!

Kitty grita e Margot abre um sorriso e eu estou em choque. Estamos falando de ir à Coreia há anos. Mamãe sempre quis nos levar.

— Quando, quando? — pergunta Kitty.

— Mês que vem — diz Trina, sorrindo para ela. — Seu pai e eu vamos viajar em lua de mel e vocês vão para a Coreia.

Mês que vem?

— Ah, vocês não vêm? — Kitty faz beicinho. Margot, por outro lado, está radiante. Ravi vai visitar a família na Índia durante o verão, e ela não tem planos.

— Nós queríamos ir, mas não posso ficar tanto tempo longe do hospital — diz papai, chateado.

— Por quanto tempo? — pergunto. — Por quanto tempo vamos ficar lá?

— Durante todo o mês de julho — diz papai, tomando o resto do café. — Sua avó e eu já organizamos tudo. Vocês vão ficar com sua tia-avó em Seul, vão fazer aulas de coreano algumas vezes por semana e também vão fazer um passeio pelo país. Jeju, Busan, tudo. E, Lara Jean, tem uma coisa especial para você: uma aula de doces coreanos! Não se preocupe, vai ser em inglês.

Kitty começa a fazer uma dancinha na cadeira.

Margot se vira para mim com os olhos brilhando.

— Você sempre quis saber como fazer bolos cremosos coreanos! Nós vamos comprar máscaras faciais e papéis de carta e coisas fofas todos os dias. Quando voltarmos, vamos poder ver programas coreanos sem legenda!

— Mal posso esperar — respondo, e Margot, Kitty e papai começam a discutir a logística da viagem, mas Trina olha para mim com atenção. Mantenho o sorriso no rosto.

Um mês inteiro. Quando eu voltar, já vai estar quase na hora de ir para a faculdade, e Peter e eu vamos ter passado o verão separados.

* * *

Na formatura, todas as garotas vão de vestido branco. Tudo branco. Estou usando o vestido de Margot de dois anos antes, sem mangas com poás e uma saia reta até os joelhos. Trina fez bainha para mim porque sou mais baixa. Margot usou tênis All Star, mas estou usando sandálias brancas de couro de tiras e alguns furinhos.

No carro, eu estico a saia e digo para Kitty:

— Você também pode usar este vestido na sua formatura de ensino

médio, gatinha. E tirar uma foto ao lado do carvalho, como nós. Seria um tríptico lindo.

Eu me pergunto que sapatos Kitty vai usar. Ela tem a mesma chance de usar saltos quanto de usar tênis ou patins brancos.

Kitty faz uma cara de limão azedo.

— Não quero usar o mesmo vestido que você e Margot. Eu quero meu vestido. Além do mais, vai estar *muito* fora de moda quando chegar a época. — Ela faz uma pausa. — O que é um tríptico?

— São, há, três peças de arte que se juntam e formam uma. — Furtivamente, eu digito “tríptico” no celular para ter certeza de estar dizendo a coisa certa. — Tipo três painéis um do lado do outro. Feitos para serem apreciados juntos.

— Você está lendo no celular.

— Só estava confirmando.

Eu ajeito o vestido de novo e verifico se o capelo está na bolsa. Vou me formar no ensino médio hoje. Parece que essa coisa toda — crescer — aconteceu muito rápido. No banco do motorista, Trina procura uma vaga, e Margot está ao lado dela digitando no celular. Kitty, ao meu lado, olha pela janela. Papai foi em outro carro para poder buscar nossa avó materna. A mãe de papai, Nana, está na Flórida com o namorado e não vai poder vir. Eu só queria que minha mãe estivesse aqui. São tantos momentos importantes que ela perde e sempre vai perder. Mas tenho que acreditar que ela sabe, que de alguma forma ainda vê. Porém, eu também queria poder ganhar um abraço da minha mãe na minha formatura.

* * *

Durante todo o discurso do orador da turma, fico procurando a família de Peter na plateia. Queria saber se o pai dele está sentado ao lado do irmão dele e da mãe ou separadamente. Eu me pergunto se também vou conhecer os dois meios-irmãos de Peter. Já encontrei minha família, é difícil não ver. Cada vez que olho na direção deles, todos acenam como loucos. Além do mais, Trina está usando um chapéu de aba larga. A pessoa sentada atrás dela não deve conseguir ver nada. Margot precisou de muito autocontrole para não revirar os olhos quando Trina desceu a escada usando o chapéu. Até Kitty disse que era “meio exagerado”, mas Trina me perguntou o que eu achei, e eu respondi que adorei, e gostei mesmo.

Nosso diretor chama meu nome, “Lara Jean Song Covey”, mas ele pronuncia Laura em vez de Lara, o que me faz hesitar por um segundo.

Quando recebo meu diploma e aperto a mão dele, eu sussurro:

— É *Lara*, não *Laura*.

Meu plano era mandar um beijo para a minha família ao atravessar o palco, mas fico tão nervosa que esqueço. No meio dos aplausos, escuto os gritos de Kitty, o assobio de papai. Quando é a vez de Peter, eu bato palmas e grito como louca, e é claro que todo mundo faz o mesmo. Até os professores o aplaudem. É tão óbvio quando os professores têm favoritos. Não que eu possa culpá-los por amarem Peter. Todos amam.

Depois que somos declarados formados e jogamos nossos chapéus para o alto, Peter passa no meio da multidão para me encontrar. Conforme anda pelas pessoas, ele sorri, faz piadas, diz oi para alguns, mas sinto que tem alguma coisa errada. O olhar dele está sem brilho, até na hora que ele me puxa para um abraço.

— Oi — diz Peter, me dando um beijo leve nos lábios. — Somos oficialmente universitários agora.

Olhando ao redor, eu ajeito a beca e digo:

— Não vi sua mãe nem Owen na plateia. Seu pai está com eles? Seus irmãos estão aqui? Devo ir lá agora ou depois de tirar fotos com a minha família?

Peter balança a cabeça. Ele não olha para mim.

— Meu pai não pôde vir.

— O quê? Por quê?

— Teve algum tipo de emergência. Sei lá.

Estou perplexa. O pai dele parecia tão sincero quando o vi no jogo de lacrosse.

— Espero que tenha sido uma emergência de verdade para ele perder a formatura de ensino médio do próprio filho.

— Tudo bem. — Peter dá de ombros como se não se importasse. Mas sei que não é verdade. O maxilar dele está tão tenso que ele poderia quebrar os dentes.

Por cima do ombro dele, vejo minha família se aproximando no meio da multidão. Não dá para não ver o chapéu de Trina, mesmo no meio de tanta gente. Meu pai está carregando um buquê enorme de rosas de várias cores. Vovó usa um terno cor de cranberry, e o cabelo tem um permanente recente.

Sinto tanta pressa, anseio tanto ter mais tempo com Peter, para consolá-lo, ficar ao lado dele. Eu seguro a mão dele.

— Sinto muito — digo, e quero dizer mais, claro que quero, mas minha família chega, e todo mundo me abraça. Peter diz oi para minha avó e tira algumas fotos conosco antes de fugir para ficar com a mãe e o irmão. Eu o chamo, mas Peter está muito longe e não se vira.

Depois que tiramos fotos, papai, Trina, vovó, Kitty, Margot e eu vamos almoçar em um restaurante japonês. Pedimos pratos e mais pratos de sashimi e sushi, e eu coloco um babador de papel para o molho de soja não respingar no vestido branco. Trina se senta ao lado

da vovó e tagarela no ouvido dela sobre todo tipo de coisa, e só consigo ouvir vovó pensando *Caramba, essa garota fala muito!* Mas ela está tentando, e é isso que vovó aprecia. Estou me esforçando para ser festiva e tentando aproveitar o momento, pois esse almoço é em minha homenagem, mas só consigo pensar em Peter e em quanto estou chateada por ele.

Na hora do sorvete de mochi de sobremesa, vovó nos conta sobre os lugares aonde quer nos levar na Coreia: os templos budistas, as feiras a céu aberto, a clínica de estética onde ela vai tirar os sinais com laser. Ela aponta para um sinal pequenininho na bochecha de Kitty.

— Vamos cuidar disso aí.

Papai parece alarmado, e Trina pergunta rapidamente:

— Ela não é muito nova?

Vovó balança a mão.

— Ela vai ficar bem.

— Quantos anos a gente tem que ter para fazer plástica no nariz na Coreia? — pergunta Kitty.

Papai quase engasga com a cerveja.

Vovó olha para ela de forma ameaçadora.

— Você nunca, em hipótese alguma, pode mudar seu nariz. Você tem um nariz da sorte.

Kitty toca no nariz com cautela.

— Tenho?

— De muita sorte — afirma vovó. — Se você mudar seu nariz, vai perder sua sorte. Nunca faça isso.

Eu toco no meu nariz. Vovó nunca disse que meu nariz dava sorte.

— Margot, você pode fazer óculos novos na Coreia — diz vovó. — Os óculos são baratos lá. Tem tudo que está na moda.

— Legal — diz Margot, mergulhando um pedaço de atum no molho de soja. — Sempre quis uma armação vermelha.

Vovó se vira para mim.

— E você, Lara Jean? Está animada para a aula de culinária?

— *Muito* animada.

Por baixo da mesa, mando uma mensagem para Peter.

Você está bem?

Estamos quase terminando o almoço.

Pode ir lá para casa quando quiser.

* * *

No caminho do restaurante até em casa, estamos só eu e papai no carro, porque Trina, Margot e Kitty foram levar vovó em casa. Quando Margot disse que viria conosco, a vovó insistiu para que fosse com elas. Ela sabe que Margot não gosta muito de Trina; sei que só está

tentando fazer as duas se aproximarem um pouco. Vovó não perde uma.

No caminho, papai olha para mim do banco do motorista com olhos marejados e diz:

— Sua mãe teria sentido tanto orgulho de você hoje, Lara Jean. Você sabe quanto ela se preocupava com seus estudos. Ela queria que você tivesse todas as oportunidades.

Eu passo o dedo na borla do capelo que está no meu colo.

— Você acha que mamãe ficou triste por não ter chegado a fazer o mestrado? Não acho que ela tenha se arrependido de ter tido Kitty nem nada. Mas você acha que ela queria que as coisas tivessem sido diferentes?

Ele é pego de surpresa pela minha pergunta. Olhando para mim, diz:

— Bem, não. Kitty foi uma surpresa muito feliz. Não estou falando por falar. Nós sempre quisemos uma família grande. E ela planejava voltar para o mestrado depois que Kitty estivesse na creche em tempo integral. Ela nunca desistiu desse plano.

— Não?

— Não mesmo. Ela ia terminar o mestrado. Na verdade, ia fazer uma aula naquele outono. Sua mãe só... não teve tempo. — A voz de papai engasga um pouco. — Nós só tivemos dezoito anos juntos. Tivemos o tempo que você tem de vida, Lara Jean.

Um nó se forma na minha garganta. Se parar para pensar, dezoito anos com a pessoa que você ama não é muito tempo.

— Papai, podemos parar no mercado? Quero comprar papel fotográfico.

Peter e eu tiramos uma foto juntos usando a beca hoje de manhã, antes da cerimônia. Vai ficar na última página do *scrapbook*, nosso último capítulo do ensino médio.

PETER VAI À minha casa depois de jantar com a mãe e Owen. Quando toca a campainha, eu corro até a porta, e a primeira coisa que faço é perguntar se ele falou com o pai, mas ele ignora minha pergunta, a imagem da indiferença.

— Está tudo bem — diz ele, tirando os sapatos. — Eu não queria mesmo que ele fosse.

Isso dói, porque parece que talvez ele esteja me culpando, e talvez até devesse. Afinal, fui eu que fiquei insistindo para ele convidar o pai. Eu devia ter ouvido quando ele disse não.

Peter e eu subimos para meu quarto, e ouço meu pai gritar de brincadeira “Deixe a porta aberta!”, como sempre faz, e Peter faz uma careta.

Eu me sento na cama e ele se senta longe de mim, à mesa. Vou até Peter e coloco a mão no seu ombro.

— Sinto muito. É minha culpa. Eu não devia ter insistido para você convidá-lo. Se estiver com raiva de mim, não o culpo.

— Por que eu estaria com raiva de você? Não é culpa sua ele ser um cretino. — Como eu não digo nada, Peter fica mais carinhoso. — Olha, é sério, não estou triste. Não estou sentindo nada. Você vai conhecer meu pai em outra hora, tá?

Eu hesito, mas acabo dizendo:

— Na verdade, eu já conheci.

Ele me encara sem acreditar.

— *Quando?*

Engulo em seco.

— Eu o encontrei sem querer em uma das suas partidas de lacrosse. Ele pediu que eu não contasse nada, não queria que você soubesse que ele estava lá. Só queria ver você jogar. Disse que sentia sua falta. — O músculo do maxilar de Peter salta. — Eu devia ter contado. Desculpa.

— Não peça desculpa. É como eu disse: estou cagando para o que ele faz. — Abro a boca para responder, mas ele me interrompe: — Podemos não falar mais sobre ele, por favor?

Eu faço que sim. Está me matando ver a dor que Peter se esforça tanto para esconder, mas acho que, se continuar fazendo pressão, só vou piorar a situação. Só quero fazer com que ele se sinta melhor. E é nessa hora que me lembro do presente dele.

— Tenho uma coisa para você!

O rosto dele é tomado de alívio, a tensão nos ombros diminui.

— Ah, você comprou um presente de formatura para mim? Mas eu

não comprei nada para você.

— Tudo bem, eu não esperava nada. — Eu pego o *scrapbook* na minha caixa de chapéu. Quando entrego a ele, sinto meu coração disparar. Uma mistura de empolgação e nervosismo. Isso vai alegrá-lo, sei que vai. — Anda logo, abre!

Lentamente, ele abre o *scrapbook*. Na primeira página tem uma foto que encontrei em uma caixa de sapatos quando Kitty e eu estávamos arrumando o sótão para abrir espaço para as caixas de Trina. É uma das poucas da época do ensino fundamental. É o primeiro dia de aula. Nós estamos esperando o ônibus. Os braços de Peter estão nos ombros de John McClaren e Trevor Pike. Genevieve e eu estamos de braços dados; ela está cochichando um segredo para mim, provavelmente sobre Peter. Estou virada para ela, sem olhar para a câmera. Uso uma jaqueta cinza de Margot e uma saia jeans, e me lembro de me sentir muito adulta com aquela roupa, como uma adolescente. Meu cabelo está comprido e cai pelas costas, bem parecido com o atual. Genevieve tentou me convencer a cortar naquela época, mas eu disse não. Nós todos parecemos tão novos. John com as bochechas rosadas, Trevor com as bochechas fofas, Peter com as pernas finas.

Embaixo da foto eu escrevi *O COMEÇO*.

— Aww — diz ele com carinho. — Lara Jean e Peter bebês. Onde você encontrou isso?

— Em uma caixa de sapato.

Ele dá um peteleco na cara sorridente de John.

— Chato.

— Peter!

— Brincadeira.

Tem uma foto nossa do baile de volta às aulas. Do Halloween, quando me vesti de Mulan e Peter usou uma fantasia de dragão. Tem uma nota fiscal do Tart and Tangy. Um dos bilhetes dele para mim, de antes. *Se você fizer os biscoitos idiotas de cranberry e chocolate branco do Josh, e não os meus de frutas cristalizadas, acabou.* Tem fotos de nós dois na Semana dos Formandos. No baile de formatura. Pétalas cor-de-rosa secas do meu corsage. A foto imitando *Gatinhas e Gatões*.

Tem algumas coisas que não incluí, como os ingressos do nosso primeiro encontro de verdade, o bilhete que ele me escreveu dizendo *Gosto quando você usa azul*. Essas coisas estão guardadas na minha caixa de chapéu. Nunca vou me separar delas.

Mas o item mais importante que incluí foi minha carta, aquela que escrevi tanto tempo atrás, a que nos uniu. Eu queria guardá-la, mas achei que o certo seria entregá-la a Peter. Um dia, tudo isso será uma prova — uma prova de que estávamos aqui, de que estávamos apaixonados. É uma garantia de que, não importa o que aconteça, esta época foi só nossa.

Quando chega nessa página, Peter para.

— Pensei que você quisesse ficar com a carta.

— Eu queria, mas achei que deveria ficar com você. Só me prometa que vai guardá-la para sempre.

Ele vira a página. Tem uma foto de quando levamos minha avó para o karaokê. Eu cantei “You’re So Vain” e dediquei a música a Peter. Ele cantou “Style”, da Taylor Swift. Depois, fez dueto de “Unchained Melody” com a minha avó, e então ela fez nós dois prometermos fazer aula de coreano na UVA. Ela e Peter tiraram um montão de selfies naquela noite. Ela botou uma das fotos como fundo de tela do celular. As amigas dela do prédio disseram que ele parecia um ator de cinema. Cometi o erro de contar para Peter, e ele ficou falando nisso durante dias.

Ele fica nessa página por um tempo. Como não fala nada, eu digo com esperança:

— Uma coisa para você se lembrar de nós.

Ele fecha o *scrapbook*.

— Obrigado — diz, dando um sorriso rápido. — É incrível.

— Você não vai olhar o resto?

— Vou, mais tarde.

Peter diz que tem que voltar para casa e fazer a mala para a Semana na Praia. Antes de descermos, eu pergunto de novo se ele está bem, e ele me garante que está.

* * *

Depois que Peter vai embora, Margot vai até meu quarto e me ajuda a fazer a mala. Estou sentada de pernas cruzadas no chão, arrumando as coisas enquanto ela me passa as roupas. Ainda estou preocupada com Peter, então a companhia dela ajuda a me distrair.

— Não consigo acreditar que você já se formou — diz Margot, dobrando uma pilha de camisetas para mim. — Na minha cabeça, você ainda tem a mesma idade de quando eu fui embora. Para sempre dezesseis, Lara Jean — diz ela para me provocar.

— Sou quase tão adulta quanto você agora, Gogo.

— Bom, pelo menos você sempre vai ser mais baixa do que eu — brinca ela, e eu jogo a parte de cima de um biquíni em sua cabeça. — Em pouco tempo vamos fazer suas malas para a faculdade.

Coloco um babyliiss no compartimento da tampa da mala.

— Margot, quando você foi para a faculdade, do que mais sentiu falta?

— De vocês, obviamente.

— Do que mais? Tipo, quais foram as coisas inesperadas de que você sentiu falta?

— Senti falta de dar um beijo de boa-noite em Kitty depois de ela tomar banho e estar de cabelo limpo.

Eu dou uma risada debochada.

— Ocasão rara!

Margot pensa um pouco mais.

— Senti falta de um bom hambúrguer. Os hambúrgueres são diferentes na Escócia. Parecem mais... um bolo de carne. Bolo de carne no pão. Hum, o que mais? Senti falta de levar vocês para os lugares. Eu me sentia a capitã de um navio. E senti falta dos seus doces!

— Quais? — pergunto.

— O quê?

— De quais doces você sentiu mais falta?

— Do bolo de limão.

— Se você tivesse me dito, eu teria mandado um.

Margot abre um sorriso.

— Tenho certeza de que mandar um bolo para outro continente é absurdamente caro.

— Vamos fazer um agora — digo, e Margot bate palmas com alegria.

* * *

Nós descemos para a cozinha e fazemos exatamente isso. Kitty está dormindo; papai e Trina estão no quarto com a porta fechada. Por mais que eu ame Trina, isso é algo com que ainda preciso me acostumar. A porta do papai nunca ficava fechada. Mas acho que ele precisa do tempo dele, um tempo em que não é pai. Não para transar, mas para conversar, descansar. E também para transar, eu acho.

Margot está separando a farinha quando eu pergunto:

— Você botou música quando você e Josh tiveram sua primeira vez?

— Você me fez perder a conta! — Margot coloca toda a farinha de volta na lata e recomeça.

— E então, botou?

— Não. Xereta! Juro, você é pior do que Kitty.

Rolo um limão na bancada para aquecê-lo antes de começar a espremer.

— Então foi... em silêncio?

— Não foi *em silêncio*. Tinha o barulho de alguém cortando a grama. E a mãe dele tinha ligado a secadora. A secadora deles é muito barulhenta...

— Mas a mãe dele não estava em casa, certo?

— De jeito nenhum! Eu não conseguiria se ela estivesse. Minha

colega de quarto levou um cara para casa uma vez e eu fingi estar dormindo, mas na verdade estava tentando não rir. O cara respirava alto. E também gemia.

Nós duas rimos.

— Espero que minha colega de quarto não faça isso.

— É bom estabelecer as regras desde o começo. Tipo, quem pode usar o quarto quando, esse tipo de coisa. E lembre que você deve tentar ser compreensiva, porque Peter vai visitá-la com frequência, e você não quer abusar da boa vontade dela. — Margot faz uma pausa. — Vocês ainda não transaram, não é? — Rapidamente, ela acrescenta: — Não precisa me falar se não quiser.

— Não. Ainda não.

— E você está pensando no assunto? — pergunta Margot, tentando parecer casual. — Por causa da Semana na Praia?

Eu não respondo imediatamente.

Não estava pensando no assunto, pelo menos não na Semana da Praia especificamente. A ideia de Peter e eu fazendo sexo no futuro, sendo algo tão comum quanto ir ao cinema ou dar as mãos... é um pouco estranha de imaginar. Eu não quero que seja menos especial depois da primeira vez. Quero que seja algo especial, não algo a ser encarado como uma coisa qualquer só porque todo mundo faz ou porque nós já fizemos antes. Imagino que tudo possa se tornar comum ou rotineiro se você fizer muitas vezes, mas minha esperança é que isso nunca aconteça. Não com a gente.

— Acho que vou querer música — digo, espremendo suco de limão no copo medidor. — Assim, se eu respirar pesado ou se ele respirar pesado, a gente não vai perceber. E vai ser mais romântico. A música deixa tudo mais romântico, não deixa? Num segundo você está passeando com seu cachorro pelas ruas, mas aí coloca Adele e parece que está em um filme e seu coração acabou de ser brutalmente partido.

— Nos filmes, nunca colocam camisinha — diz Margot —, então preste atenção para estar na vida real quando chegar a essa parte.

Isso basta para me arrancar do devaneio.

— Papai me deu um kit completo. Deixou no banheiro de cima para mim. Camisinhas, lubrificante, barreiras dentais. — Eu caio na gargalhada. — “Barreira dental” não é a expressão menos sexy que você já ouviu?

— Não, acho que é “gonorreia”!

Abruptamente, eu paro de rir.

— Peter não tem gonorreia! — Agora, é Margot quem está rindo. — Não tem!

— Eu sei, só estou provocando. Mas acho que você devia levar seu kit, para o caso de as coisas seguirem esse caminho.

— Gogo, eu não estou planejando transar na Semana na Praia.

— Eu falei só por garantia! Nunca se sabe. — Ela tira o cabelo do rosto e, em tom sério, diz: — Mas fico feliz de minha primeira vez ter sido com Josh. Precisa ser com alguém que conhece a gente bem. Alguém que nos ame.

* * *

Antes de ir para cama, eu abro o kit, pego as camisinhas e coloco no fundo da mala. Depois, pego meu conjunto mais bonito de calcinha e sutiã, rosa-claro com renda azul, que nunca usei, e coloco na mala também. Só por garantia.

PETER CHEGA CEDINHO na minha casa para me buscar. Todo mundo vai junto, mas Peter queria que fôssemos só nós dois no carro dele. Ele está de bom humor; trouxe donuts para nós, como antigamente. Mas disse que dessa vez são todos para mim. Desde que voltou do fim de semana de treinamento com o time de lacrosse, ele está se dedicando a manter a forma.

Estamos ajeitando as coisas no carro dele para abrir espaço para a minha mala quando Kitty vem correndo dizer oi. Ela vê a embalagem de donuts em cima da minha bolsa e pega um. Com a boca cheia, diz:

— Peter, Lara Jean já contou sobre a Coreia?

— O que sobre a Coreia? — diz ele.

Eu olho para Kitty de cara feia.

— Eu ia contar agora. Peter, não tive oportunidade de contar ontem... Meu pai vai nos mandar para a Coreia como presente de formatura.

— Uau, que legal — diz Peter.

— É, nós vamos ver nossos parentes e fazer uma viagem pelo país.

— Quando?

Eu olho para ele.

— Mês que vem.

— Por quanto tempo? — pergunta ele.

— O mês inteiro.

Peter olha para mim, consternado.

— Um mês? Por que tanto tempo?

— Eu sei.

Já estamos em meados de junho. Só restam mais dois meses de verão agora, e depois ele vai ficar aqui e eu vou para Chapel Hill.

— Um mês... — repete ele.

Antes de Peter, eu nem pensaria duas vezes em passar um mês na Coreia. Teria amado. Agora... eu nunca confessaria para papai, Margot e Kitty, mas não quero ir. Não quero. Quero, mas não quero.

Quando estamos no carro, a caminho, eu digo:

— Vamos nos falar pelo FaceTime todos os dias. São treze horas de diferença, então, se eu ligar para você à noite, vai ser manhã aqui.

Peter parece desanimado.

— A gente ia passar o fim de semana do feriado de Quatro de Julho na casa de Bledell, lembra? O pai dele comprou um barco novo. Eu ia ensinar você a fazer wakeboard.

— Eu sei.

— O que eu vou fazer quando você estiver lá? O verão vai ser horrível. Eu queria levar você no Pony Pasture.

O Pony Pasture é um parque no rio James, em Richmond. Tem pedras enormes onde a gente pode deitar, e dá para flutuar pelo rio em boias. Peter já foi com uns amigos da escola, mas eu nunca fui.

— A gente pode ir quando eu voltar — respondo, e ele assente com desânimo. — E vou trazer muitos presentes. Máscaras faciais. Doces coreanos. Um presente por dia!

— Traga meias de tigre.

— Se fizerem do seu tamanho — digo, só para fazer piada, só para fazê-lo rir.

Esta vai ter que ser a melhor e a mais perfeita semana do mundo, para compensar o fato de que vou passar o verão fora.

O celular de Peter toca, e ele ignora a ligação sem olhar para ver quem é. Um minuto depois, toca de novo, e Peter franze a testa.

— Quem é? — pergunto.

— Meu pai — diz ele secamente.

— Espero que esteja ligando para pedir desculpas e explicar como pôde perder a formatura do próprio filho.

— Eu já sei por quê. Ele disse para minha mãe que Everett teve uma reação alérgica e tiveram que levar ele para o pronto-socorro.

— Ah... Acho que é uma boa desculpa. Everett está bem?

— Está ótimo. Acho que ele nem é tão alérgico. Quando eu como morango, minha língua coça. Grande coisa.

Peter aumenta a música, e não conversamos por um tempo.

* * *

A casa das garotas fica na segunda rua, com vista para a praia. Fica sobre estacas, como todas as casas vizinhas. Tem três pisos, com a cozinha e a sala no térreo e os quartos nos dois andares de cima. Chris e eu estamos dividindo um quarto com duas camas no andar mais alto. Parece que estamos no topo de um farol. As colchas são turquesa com padrão de conchas. Tudo tem cheiro de maresia, mas não é uma casa ruim.

Todas as garotas da casa assumiram papéis diferentes, menos Chris, cujo papel tem sido dormir na praia o dia inteiro com uma garrafa de água cheia de cerveja. No primeiro dia, ela voltou com o peito e o rosto vermelhos como uma lagosta; a única parte que não estava queimada era a que ficou sob os óculos de sol. Isso a deixou sem graça, mas ela brincou dizendo que já está preparando o bronzeador para a Costa Rica. Pammy é a mãe. Ela prometeu aos pais que não beberia, então assumiu a missão de cuidar das outras garotas e levar água e analgésico na cama delas de manhã. Kaila é boa com a

chapinha. Ela consegue até usar para fazer cachos, coisa que nunca consegui aprender. Harley é boa em coordenar e fazer planos com as outras casas.

Eu sou a cozinheira. Quando chegamos na casa, nós fomos ao mercado e fizemos uma compra grande, de frios, granola, macarrão e potes de molho, pastinhas e cereal. A única coisa que não compramos foi papel higiênico, que acabou no segundo dia. Toda vez que saímos da casa para almoçar ou jantar fora, uma de nós rouba um rolo de papel higiênico do banheiro do restaurante. Não sei por que não compramos mais, mas acabou virando um jogo. Chris é a vencedora, porque conseguiu pegar um rolo de tamanho econômico, que escondeu embaixo da blusa.

Os garotos vão na nossa casa todos os dias para aproveitar a comida e também porque a casa deles já está cheia de areia. Foi até apelidada de Castelo de Areia. Sentar no sofá é como fazer esfoliação corporal, e você se levanta com a sensação de que foi toda lixada, de um jeito bem ruim.

Eu me pergunto se seria assim viver na casa de uma irmandade. No começo, é encantador, como aquelas pensões dos anos 1940, pegando esmalte emprestado e ouvindo música enquanto a gente se arruma, comendo sorvete na cama. Mas, na quarta-feira, Kaila e Harley têm uma briga e berram à uma da manhã porque alguém deixou a chapinha ligada e os nossos vizinhos chamaram a polícia. Na mesma noite, Pammy fica bêbada, e eu fico sentada ao lado dela na praia durante horas enquanto ela chora de culpa por não ter cumprido a promessa que fez aos pais. Na noite seguinte, algumas das garotas vão para uma boate e levam para casa três caras de Montana. Um tem um olhar esquisito, e eu tranco a porta do quarto naquela noite. Quando estou lá dentro com Chris, mando uma mensagem para Peter, que já foi para a casa dele. Ele volta imediatamente e acampa no andar de baixo “para ficar de olho neles”.

Peter e eu passamos os dias na praia, onde fico lendo e ele vai correr. Desde que chegamos, ele sai para correr toda hora, porque não pode malhar como faz em casa, na academia. Ele dá uma corrida longa de manhã, antes de ficar quente, uma curta ao meio-dia e outra longa no crepúsculo. Menos no dia que o faço ir comigo ao museu dos Irmãos Wright em Kill Devil Hills. Fui lá com minha família quando era criança, antes de Kitty nascer, mas eu era pequena demais para subir no monumento. Peter e eu vamos até o topo e apreciamos a vista.

Durante toda a semana, Peter continua o garoto encantador e cativante que é, principalmente na frente dos outros, sempre com um sorriso tranquilo no rosto, sempre o primeiro a sugerir uma atividade, um jogo. Mas comigo ele está distante. Apesar de estar bem ao meu

lado, parece a quilômetros de distância. Inalcançável. Tentei falar sobre o pai dele de novo, mas ele só ri e foge do assunto. Ele também não falou mais sobre minha viagem para a Coreia.

Todas as noites tem uma festa em uma das casas, menos na nossa. Nós nunca organizamos uma porque Pammy tem medo de perder o depósito de segurança. O bom é que todos os grupos ficam juntos de um jeito que não acontecia na escola. Tem algo de libertador em saber que acabou. Nós não vamos ficar juntos assim de novo, então por que não? Com esse espírito, Chris fica com Patrick Shaw, um cara do clube de anime de Josh.

A festa de hoje é na casa de Peter. Não tenho ideia de como eles vão fazer para receber o depósito de segurança de volta, porque o lugar está coberto de areia. Uma das cadeiras de vime do deque está quebrada, tem latas de cerveja para todo lado e alguém se sentou no sofá bege da sala com uma toalha laranja molhada, e agora tem uma mancha laranja enorme no meio. Estou indo para a cozinha quando vejo John Ambrose McClaren olhando o que tem na geladeira.

Fico paralisada. O humor de Peter está tão instável. Não sei o que vai fazer quando vir John na casa dele.

Estou tentando decidir se devo procurar Peter e contar que John está aqui quando a cabeça de John aparece por trás da porta da geladeira. Ele está mastigando uma cenoura.

— Oi! Achei que poderia encontrar você aqui.

— Oi! — digo com alegria, como se não estivesse pensando em ir embora antes de ele me ver. Eu me aproximo, e ele me abraça com um dos braços, porque ainda está segurando a cenoura. — Você viu o Peter por aí? Esta é a casa onde ele está hospedado.

— Não, nós acabamos de chegar. — John está bronzeado, o cabelo queimado de sol, e ele usa uma camisa xadrez azul e branca e bermuda cáqui. — Onde você está hospedada?

— Bem perto daqui. E você?

— Nós alugamos uma casa em Duck. — Ele sorri e me oferece a cenoura. — Quer uma mordida?

Eu dou uma gargalhada.

— Não, obrigada. Que faculdade você escolheu, afinal?

— William and Mary. — John ergue a mão para dar um tapinha na minha. — Vou ver você lá, não é?

— Na verdade... eu vou para a UNC. Entrei pela lista de espera.

John fica boquiaberto.

— Sério? Que incrível! — Ele me puxa para um abraço. — Isso é maravilhoso. É o lugar perfeito para você, Lara Jean. Você vai amar.

Estou olhando para a porta da cozinha, pensando em como sair graciosamente da conversa, quando Peter entra com uma cerveja na mão. Ele para quando nos vê. Estou me encolhendo por dentro, mas

ele só sorri e grita:

— McClaren! E aí?

Eles dão um abraço de garotos, em que um puxa o outro e eles batem o ombro. Quando se afastam, Peter olha para a cenoura na mão de John. Todos os dias, Peter faz um shake de proteína com cenoura e frutas vermelhas, e sei que deve estar aborrecido por John pegar uma. Ele comprou exatamente a quantidade de cenouras que vai precisar até o final da semana.

— Lara Jean estava me contando que entrou na UNC — diz John, apoiando as costas na bancada. — Estou morrendo de inveja.

— É, você sempre quis estudar lá, não é? — Peter ainda está olhando a cenoura.

— Desde que eu era pequeno. Era minha primeira escolha. — John me cutuca de um jeito brincalhão. — Essa garota entrou lá na surdina. Tirou a vaga de mim.

— Foi mal — digo sorrindo.

— Que nada, só estou brincando. — John morde a cenoura. — Mas eu talvez peça transferência. Vamos ver.

Peter passa o braço pela minha cintura e toma um gole de cerveja.

— Você devia fazer isso mesmo. Podíamos ir todos a um jogo do Tar Heels juntos. — Ele fala com amabilidade, mas consigo perceber a tensão em sua voz.

John também nota.

— Claro. — Em seguida, ele acaba com a cenoura e joga o cabo na pia. — Quero que vocês conheçam minha namorada, Dipti. Ela está em algum lugar por aqui.

Ele tira o celular do bolso e manda uma mensagem de texto.

Ainda estamos na cozinha quando ela nos encontra. Ela é mais alta do que eu, com aparência atlética, cabelo preto na altura dos ombros, pele morena, talvez seja indiana. Tem dentes brancos e um sorriso bonito com uma covinha. Está usando um macaquinho branco de tecido leve e sandálias. Estou arrependida de ter decidido usar a camiseta da UVA de Peter com um short jeans. Nós nos apresentamos, e ela se senta na bancada e pergunta:

— Como vocês se conhecem?

— McClaren era meu melhor amigo no ensino fundamental — diz Peter. — Chamavam a gente de Butch Cassidy e Sundance Kid. Quem você acha que era o Butch e quem você acha que era o Sundance Kid, Dipti?

Ela ri.

— Não sei. Não vi o filme.

— Butch era o personagem principal. — Peter aponta para si. — E o Sundance Kid ali — ele aponta para John — era o companheiro. — Peter morre de rir, e estou me encolhendo por dentro, mas John só

balança a cabeça, bem-humorado. Peter aperta o bíceps de John. — Você anda malhando? — Para Dipti, ele diz: — Esse garoto tinha braços de macarrão e só lia o dia todo, mas olha só para ele agora. Está um garanhão.

— Ei, eu ainda leio — retruca John.

— Quando Peter e eu ficamos juntos, eu achava que ele não sabia ler — digo, e John morre de rir.

Peter também ri, mas não com tanto gosto quanto um segundo antes.

* * *

No fim da festa, Peter diz que eu devia ficar lá em vez de voltar para a minha casa. Eu digo que não porque não estou com minha escova de dentes e outras coisas, mas na verdade estou irritada com ele pela forma como agiu na frente de John.

No caminho até minha casa, Peter diz:

— Dipti parece legal. McClaren tirou a sorte grande. Mas duvido que eles continuem juntos. Provavelmente, vão se visitar uma vez e terminar até o Natal, ou antes.

Eu paro de andar.

— Que coisa horrível de se dizer.

— O quê? Só estou sendo sincero.

Eu me viro para ele, e a brisa salgada da praia sopra meu cabelo no rosto.

— Tudo bem, se você “só está sendo sincero”, acho que eu também devia ser. — Peter ergue uma das sobranceiras e espera que eu continue. — Você agiu como um cretino hoje. Insegurança não combina com você, Peter.

— Eu? — Peter faz um som de desprezo. — Inseguro? Com o quê? McClaren? Até parece. Você viu como ele abriu minha geladeira e comeu minha cenoura?

Eu começo a andar novamente, mais rápido.

— Não estou nem aí para as suas cenouras!

Ele corre para me alcançar.

— Você sabe que eu estou tentando entrar em forma para o lacrosse!

— Você é ridículo, sabia? — Agora, estamos em frente à casa. Andar com raiva faz você chegar mais rápido aos lugares. — Boa noite, Peter.

Eu me viro e começo a subir a escada, e Peter não tenta me impedir.

NA MANHÃ SEGUINTE, acordo sem ter certeza se Peter e eu estamos brigados. Na noite anterior, pareceu uma briga, só que não sei se ele está com raiva de mim ou se eu estou com raiva dele. É um sentimento perturbador.

Não quero ficar com raiva dele. Viajo para a Coreia no primeiro dia de julho. Nós não temos tempo para ter brigas bobas por causa de cenouras e John Ambrose McClaren. Cada segundo que temos juntos é precioso.

Decido fazer rabanada como uma oferta de paz. A comida favorita dele de café da manhã, além de donuts, é rabanada. Na cozinha, encontro um pote de açúcar no armário, leite, meio pão e alguns ovos, mas não tem canela. A canela é fundamental.

Pego a chave do carro de Pammy e vou até o mercadinho perto da casa, onde compro um potinho de canela, manteiga, uma dúzia de ovos e um pão branco fresco, porque concluo que posso muito bem fazer rabanada para todos na casa de Peter. No último segundo, compro algumas cenouras.

Todo mundo na casa dele ainda está dormindo, e o lugar está ainda pior do que na noite anterior. Tem garrafas de cerveja para todo lado, sacos vazios de salgadinho no chão, sungas secando na mobília. Tem pratos sujos empilhados na pia, e tenho que lavar uma tigela e uma espátula cobertos de ovo velho para poder começar a cozinhar.

Como o pão está fresco, as primeiras fatias se desintegram na mistura de ovo, mas pego o jeito na terceira e mergulho o pão só alguns segundos antes de jogar na frigideira.

Os garotos começam a descer, e vou fritando mais rabanadas. Cada vez que a pilha diminui, faço mais. Peter é o último a descer, e quando ofereço uma, bem crocante e deliciosa, ele balança a cabeça e diz que não pode aceitar por causa da dieta. Ele não olha nos meus olhos ao falar. Só não quer comer uma coisa que eu fiz.

Depois do café da manhã, eu vou embora, e novamente Peter não tenta me impedir. Dirijo para casa e acordo Chris, que ainda está com a roupa da noite anterior.

— Deixei uma rabanada para você lá embaixo.

Eu levei para ela a rabanada que tinha guardado para Peter.

Há um jantar marcado para aquela noite, em uma casa a algumas ruas da nossa. O pessoal da nossa casa leva potes de salada de batata amarelo-néon e todos os coolers de vinho que sobraram. Como é a última noite, estamos esvaziando a geladeira.

No deque, acabo batendo papo com Kaila e Emily Nussbaum, uma das amigas de Genevieve. Quase não vi Genevieve a semana toda, porque ela foi com os amigos da igreja, e na casa dela há uma mistura de gente de outras escolas.

— Então, você e Kavinsky vão continuar namorando? — pergunta Emily.

Neste segundo? Não faço ideia, pois nós mal trocamos duas palavras a noite toda. Claro que não respondo isso. O que eu disser para Emily vai chegar aos ouvidos de Genevieve. Gen pode ter seguido em frente, mas ainda sentiria prazer se Peter e eu brigássemos.

— Sim, nós vamos ficar juntos. A UNC e a UVA não são tão longe assim uma da outra.

Kaila toma um gole da mistura de rum e Coca diet pelo canudo e me olha de soslaio.

— Sabe, você é uma garota interessante, Lara Jean. Parece tímida e meio imatura à primeira vista, mas na verdade é bastante confiante. E isso foi um elogio.

— Obrigada.

Se alguém está fazendo um elogio, acho que não devia ter que dizer que é elogio; devia ser óbvio para a pessoa que está ouvindo. Eu tomo um gole da bebida que Chris fez e quase cuspo de tão forte que está. Ela chamou de Shirley Temple para adultos, seja lá o que isso signifique.

— Entendo por que Kavinsky gosta de você — continua Kaila. — Espero que dê certo.

— Obrigada.

Emily coloca os pés na minha cadeira e diz:

— Se Blake terminasse comigo, eu ia surtar. Ia ficar arrasada.

— Bom, o namoro de vocês é intenso. Provavelmente vão se casar logo depois da faculdade.

— De jeito nenhum — retruca Emily, mas ela está obviamente satisfeita.

— Vocês vão para a mesma faculdade. É diferente. — Kaila olha para mim. — Acho que eu não conseguiria namorar a distância.

— Por quê? — pergunto.

— Eu gosto de ver meu homem todos os dias. Não quero ficar pensando no que ele está fazendo. Se eu sou uma pessoa possessiva? Sou. Mas também não quero ter que ficar dando atualizações diárias de como foi meu dia. Preciso fazer parte da rotina dele, e ele, da minha. — Ela mastiga um pouco de gelo.

Foi isso que aconteceu com Margot e comigo quando ela foi para a faculdade. A distância foi chegando devagar, como água do mar enchendo um barco, sem a gente perceber. Antes de nos darmos conta, estávamos submersas. Nós sobrevivemos, mas somos irmãs. Irmãs sempre encontram uma forma de voltar uma para a outra. Acho que não funciona assim com namorados. A ideia de isso acontecer comigo e com Peter me enche de tristeza. Como vamos resolver? Conversando todos os dias? Visitando um ao outro uma vez por mês? Ele mesmo disse: a vida dele vai ser muito ocupada e agitada por causa do lacrosse. Ele já está mudando, com a dieta saudável e os exercícios. E nós estamos brigando, e nunca brigamos, não de verdade. Não o tipo de briga que não dá para voltar atrás. O que vai acontecer agora? Como vamos negociar o próximo passo?

Fico lá mais alguns minutos, e quando Emily e Kaila começam a discutir se vão ou não entrar logo para uma irmandade, eu fujo e vou atrás de Peter. Depois dessa conversa e da briga da noite anterior, só o quero por perto, enquanto ainda estamos próximos. Eu o encontro com um grupo de garotos fazendo uma fogueira. Ele já parece tão distante, e quero tanto que as coisas pareçam normais entre nós de novo. Tomo um gole grande do meu Shirley Temple para adultos para ganhar coragem. Nossos olhares se encontram, e eu digo com movimentos labiais: *Quer voltar?* Ele assente. Eu volto para dentro da casa, e ele me segue.

Tomo outro gole do meu drinque.

— O que você está tomando? — pergunta ele.

— Uma coisa que Chris fez para mim.

Ele pega o copo vermelho da minha mão e joga no lixo quando estamos de saída.

Nossa caminhada até minha casa é silenciosa, exceto pelo som das ondas do mar. Acho que nenhum de nós sabe o que dizer, porque, seja qual for o problema entre a gente, nós dois sabemos que não foi John Ambrose McClaren nem as cenouras.

Quando seguimos pela rua, Peter pergunta em voz baixa:

— Você ainda está com raiva por causa de ontem?

— Não.

— Ah, que bom — diz ele. — Eu vi as cenouras que você comprou na geladeira. Desculpa por não ter comido a rabanada.

— Por que você não comeu? Sei que não foi por causa da dieta.

Peter massageia a nuca.

— Não sei por quê. Eu só ando meio mal-humorado.

Eu olho para ele. Seu rosto está obscurecido pela noite.

— Nós temos pouco tempo antes de eu ir para a Coreia. Não podemos desperdiçar nem um segundo. — Seguro a mão dele, e ele aperta a minha.

A casa está completamente vazia pela primeira vez a semana toda. As outras garotas ainda estão na festa, menos Chris, que encontrou alguém que ela conhece do Applebee's. Nós vamos para o meu quarto, e Peter tira os sapatos e se deita na minha cama.

— Quer ver um filme? — pergunta ele, colocando os braços embaixo da cabeça.

Não. Eu não quero ver um filme. De repente, meu coração está acelerado, porque sei o que eu quero fazer. Eu estou pronta.

Eu me sento na cama ao lado dele, e Peter continua:

— Ou a gente pode começar uma série nova...

Eu encosto os lábios no pescoço dele e sinto a pulsação disparar.

— E se a gente não assistir a nada disso? E se... a gente fizesse outra coisa? — Olho para ele com intensidade.

Seu corpo estremece de surpresa.

— Agora?

— É. — Agora. Agora parece certo. Começo a dar beijos no pescoço dele. — Você gosta disso?

Sinto-o engolir em seco.

— Gosto. — Ele me afasta para poder olhar para mim. — Vamos parar por um segundo. Eu não estou conseguindo pensar. Você está bêbada? O que Chris colocou naquela bebida?

— Não, eu não estou bêbada! — Estava sentindo o corpo mais quente, mas a caminhada até a casa fez tudo passar. Peter ainda está me olhando. — Eu não estou bêbada. Juro.

Peter engole em seco de novo, os olhos nos meus.

— Tem certeza de que quer fazer isso agora?

— Tenho — digo, porque tenho mesmo. — Mas primeiro você pode botar Frank Ocean para tocar?

Ele pega o celular e, um segundo depois, a batida começa e a voz melodiosa de Frank soa no quarto. Peter começa a desabotoar de forma desajeitada os botões da camisa, mas desiste e começa a levantar minha blusa, e eu grito:

— Espera!

Peter leva um susto tão grande que pula para longe de mim.

— O quê? O que houve?

Eu pulo da cama e começo a remexer na mala. Não estou usando meu conjunto de lingerie especial; estou com meu sutiã velho, bege e com as beiradas desfiando. Não posso perder minha virgindade com meu sutiã mais feio.

— O que você está fazendo? — pergunta ele.

— Um segundinho.

Eu corro para o banheiro, tiro o sutiã e a calcinha velhos e coloco os de renda. Depois, escovo os dentes e olho para meu rosto no espelho. É agora. Eu, Lara Jean Song Covey, vou perder minha

virgindade com Peter K.

— Está tudo bem? — grita Peter.

— Só um segundo! — Eu devia vestir as roupas ou ir para o quarto só de sutiã e calcinha? Ele nunca me viu só de lingerie. Bom, acho que, como ele vai me ver sem roupa nenhuma, pode muito bem me ver de lingerie.

Saio do banheiro carregando as roupas na frente do corpo, como um escudo, e Peter arregala os olhos quando me vê e tira a camisa rapidamente. Consigo sentir que fiquei vermelha. Enfio o sutiã e a calcinha usados na mala e reviro até encontrar o pacote de camisinhas. Pego uma, volto para a cama e entro embaixo do lençol.

— Tudo bem, agora estou pronta.

— Gostei do sutiã — diz Peter, afastando o lençol de mim.

— Obrigada.

Ele chega mais perto e beija minhas pálpebras. Primeiro a esquerda e depois a direita.

— Está nervosa?

— Um pouco.

— Nós não precisamos fazer nada hoje, Covey.

— Não, eu quero. — Eu mostro a camisinha, e Peter ergue as sobrancelhas. — Do kit do meu pai. Lembra que eu contei que ele montou um kit contraceptivo?

Ele pega a camisinha da minha mão e beija meu pescoço.

— Podemos não falar no seu pai agora?

— Claro.

Peter rola para cima de mim. Meu coração está acelerado, como sempre acontece quando estou perto dele, mas agora mais ainda, porque tudo vai mudar. Eu vou com ele para um lugar aonde nunca fui. Ele toma o cuidado de sustentar o peso nos antebraços para não me esmagar, mas não me incomoda com o peso do corpo dele no meu. Ele coloca a mão no meu cabelo do jeito que eu gosto; os lábios são quentes. Nós dois estamos sem fôlego.

Mas de repente ele para de me beijar. Eu abro os olhos, e ele está acima de mim, as sobrancelhas franzidas.

— Isso é porque a gente brigou ontem? Porque, Covey...

— Não é por causa da briga. Eu só... eu só quero ficar perto de você. — Peter está me observando com muita atenção, e percebo que está esperando mais, que eu dê a ele um grande motivo. É bem simples, na verdade. — Não foi de repente. Eu quero transar com você porque te amo e quero que minha primeira vez seja com você.

— Mas por que eu?

— Porque... porque você é o meu primeiro amor. Quem mais seria? Peter sai de cima de mim e se senta. Apoiar a cabeça nas mãos.

Eu também me sento e me enrolo no lençol.

— O que foi? — Ele não diz nada pelo que parece uma eternidade.
— Por favor, fala comigo. — Estou começando a ficar enjoada.
— Eu não quero fazer isso agora.
— Por quê? — sussurro.
Ele não consegue olhar para mim.

— Não sei... Estou com muita coisa na cabeça. O lacrosse, meu pai não ter aparecido na formatura e agora você indo passar o verão fora.

— Não o verão todo. Só julho. Eu volto no final de julho! Por que você está pensando só na parte ruim?

Peter balança a cabeça.

— Só parece que você vai viajar e nem liga.

— Você sabe que não foi uma escolha minha! Meu pai fez uma surpresa! Você não está sendo justo, Peter.

Ele olha para mim por um tempo.

— E a UNC? Você ainda tem planos de pedir transferência para a UVA? Quando você ia para a William and Mary, era certo que iria pedir, mas agora não parece.

Eu umedeço os lábios. Meu coração está batendo muito rápido, descontrolado.

— Não sei. Talvez? Mas talvez não. A UNC me parece diferente.

— É, eu sei. Está óbvio.

— Não faça parecer que é uma coisa ruim! Você prefere que eu vá para outro lugar e seja infeliz?

— Temporariamente infeliz — corrige ele.

— Peter!

— Pare com isso, Lara Jean. Você pensa mesmo tão mal de mim?

— Não. Eu... eu só não entendo por que você está agindo assim. Quero pelo menos dar uma chance real à UNC. Quero dar uma chance a mim. — Meus olhos se enchem de lágrimas, e é difícil falar. — E acho que você devia querer a mesma coisa para mim.

Peter se encolhe, como se eu tivesse lhe dado um tapa. A cama é pequena, mas parece que ele está tão longe de mim agora. Sinto dor por dentro, tenho vontade de ir para perto dele. Mas não consigo.

Silenciosamente, ele veste a camisa.

— Acho que vou embora.

Ele se levanta, abre a porta e vai embora. Espero a porta se fechar para começar a chorar.

QUANDO ARRUMAMOS AS coisas no carro pela manhã, fico achando que Peter pode aparecer para me levar para casa, mas ele não aparece, e eu também não o procuro. Volto para a Virgínia com as garotas.

Só tenho notícias de Peter no dia seguinte. Recebo uma mensagem que diz:

Desculpa pela outra noite. Fui um babaca. Vamos dar um jeito, eu prometo. Tenho que resolver umas coisas para a minha mãe, mas posso ver você mais tarde?

Eu respondo:

Pode.

Ele responde:

Desculpa mesmo.

Eu te amo.

Estou começando a responder Eu também te amo quando meu celular toca. É o número da casa de Peter, e atendo com ansiedade.

— Eu também te amo — digo.

Há um silêncio constrangido do outro lado da linha e uma risadinha para disfarçar.

— Oi, Lara Jean. É a mãe do Peter.

Estou morrendo de vergonha.

— Ah! Oi, sra. Kavinsky.

Ela quer que eu vá até lá para conversar. Diz que Peter não está em casa, que seremos só nós duas. Ela deve ter mandado que ele saísse para resolver algumas coisas para me chamar lá. O que posso fazer além de ir?

Coloco um vestido amarelo e passo batom, penteio o cabelo e dirijo até a casa de Peter. Ela atende a porta com um sorriso no rosto. Está usando uma blusa de algodão bem fino e uma bermuda.

— Entre — diz ela.

Eu a sigo até a cozinha.

— Lara Jean, quer beber alguma coisa? Chá gelado?

— Quero — respondo, sentando-me em um banco.

A mãe de Peter serve um copo de chá gelado de uma jarra de plástico. Ela me oferece o copo e diz:

— Obrigada por vir me visitar, só nós, as garotas. Tem uma coisa

que quero conversar com você.

— Sem problema. — Minha pele está formigando.

Ela segura minhas mãos. As mãos dela estão frias e secas; as minhas parecem grudentas de repente.

— Peter está passando por muita coisa e tem se esforçado bastante. Tenho certeza de que você sabe como foi decepcionante para ele quando o pai não apareceu na formatura. — Os olhos dela observam os meus, e eu assinto. — Ele finge que não liga, mas sei que está sofrendo por dentro. Voltou da Semana na Praia falando em pedir transferência para a UNC antes do segundo ano. Você sabia disso?

Sinto todo o sangue subir para o meu rosto.

— Não, eu não sabia. Ele... ele não me falou nada.

Ela assente, como se já desconfiasse.

— Se ele pedir transferência, não vai poder jogar por um ano. Isso quer dizer que ele não vai conseguir manter a bolsa de atleta. As faculdades fora do estado são muito caras, como tenho certeza de que você já sabe.

São mesmo. Papai disse que não havia problema, que Margot só tem mais dois anos de faculdade e ainda falta muito para chegar a vez de Kitty. Mas eu sei que é caro. E sei, apesar de não falarmos no assunto, que meu pai ganha mais que a mãe de Peter.

— O pai de Peter diz que quer ajudar, mas ele não é confiável. Por isso, não posso contar com ele. — Ela faz uma pausa delicada. — Mas eu espero poder contar com você.

Eu me apresso a dizer:

— Não precisa se preocupar. Vou falar para Peter não pedir transferência para a Carolina do Norte.

— Querida, agradeço muito, de verdade, mas não é só com a transferência que estou preocupada. Estou preocupada com o que ele tem na cabeça. Ele precisa estar focado na UVA. Ele vai estar lá como atleta. Não pode ficar indo para a Carolina do Norte todo fim de semana. Não é prático. Vocês dois são muito jovens. Peter já está tomando grandes decisões com base no namoro de vocês, e quem sabe o que vai acontecer com os dois no futuro. Vocês são adolescentes. A vida nem sempre acontece do jeito que achamos que vai acontecer... Não sei se Peter já contou a você, mas o pai dele e eu nos casamos muito cedo. E eu... eu odiaria ver vocês dois cometerem os mesmos erros que nós. — Ela hesita. — Lara Jean, eu conheço meu filho, e ele não vai terminar com você se você não terminar primeiro.

Eu pisco.

— Ele faria qualquer coisa por você. É a natureza dele. Ele é leal até o fim. Diferente do pai. — A sra. Kavinsky olha para mim com expressão solidária. — Sei que você gosta do Peter e quer o que é melhor para ele. Espero que pense um pouco no que falei. — Ela

hesita. — Por favor, não conte nada para ele. Peter ficaria muito chateado comigo.

Eu tenho dificuldade de encontrar minha voz.

— Não vou contar.

Ela abre um sorriso amplo, aliviado.

— Você é uma boa menina, Lara Jean. Sei que vai fazer a coisa certa.

Ela dá um tapinha nas minhas mãos e as solta. Depois, muda de assunto e pergunta sobre o casamento do meu pai.

Quando volto para o carro, viro o espelho e vejo que minhas bochechas ainda estão vermelhas. Parece aquela vez no sétimo ano em que a mãe da Chris encontrou os cigarros dela e achou que nós duas estávamos fumando. Eu queria dizer que não estava, mas não consegui. Só me encolhi de vergonha. É assim que me sinto agora. Que estou em apuros.

Foi tolice nossa achar que poderíamos ser exceção à regra? A mãe de Peter está certa? Nós estamos cometendo um erro enorme? De repente, parece que toda decisão que tomamos é vital, e fico morrendo de medo de tomar a errada.

* * *

Em casa, papai, Margot e Kitty estão na sala debatendo onde jantar. É uma coisa tão normal de se discutir em uma noite de quinta-feira, mas me sinto tão estranha, porque parece que a terra está se movendo sob os meus pés e que o chão não está mais firme, mas todo mundo está falando de comida.

— O que você quer comer, Lara Jean? — pergunta papai.

— Não estou com muita fome — respondo, olhando para o celular. O que eu vou dizer para Peter quando ele ligar? Eu conto para ele? — Acho que vou ficar em casa.

Papai me olha.

— Você está bem? Está ficando doente? Está pálida.

Eu balanço a cabeça.

— Não, eu estou bem.

— Que tal o Seoul House? — sugere Margot. — Ando com vontade de comida coreana.

Papai hesita, e sei por quê. Trina não tem o paladar mais sofisticado do mundo. Ela vive de Coca diet e frango empanado; a maior aventura para ela é salada de couve. Quando pedimos sushi, ela só come Califórnia e camarão cozido. Ela não come peixe. Mas ninguém é perfeito.

— Trina não é muito fã de comida coreana — digo, para poupar papai de ter que falar.

Meu celular vibra, mas é só um e-mail do departamento de alojamentos da UNC.

— É sério? — diz Margot, incrédula.

— É um pouco apimentada demais para ela. — Rapidamente, ele acrescenta: — Mas tudo bem. Ela pode comer sanduíche de bulgogi ou arroz frito.

— Eu também não quero comida coreana — diz Kitty.

— Nós vamos ao Seoul House — diz papai. — Trina vai ficar bem.

Assim que papai se levanta para fazer a reserva, eu digo para Margot:

— Não julgue Trina por não gostar de comida coreana. Não é culpa dela não poder comer alimentos condimentados.

Kitty se junta a mim na mesma hora.

— É, não a julgue.

Um olhar magoado surge no rosto de Margot.

— Eu não falei nada!

— Nós sabemos o que você estava pensando — digo.

Eu sei o que ela está pensando porque já pensei a mesma coisa. E agora estou na posição curiosa de ter que defender Trina por uma coisa que também acho irritante. Não faria mal nenhum Trina ampliar seus horizontes culinários.

— Mas arroz frito? É sério?

— Qual é o problema de ela não gostar de comida coreana? — diz Kitty.

— A comida coreana é nossa maior ligação com a cultura coreana — diz Margot. — Então nós nunca mais vamos comer comida coreana porque Trina não gosta? — Margot não espera uma resposta. — Só espero que ela perceba que, quando casar com papai, está levando o pacote todo, e a Coreia faz parte desse pacote.

— Margot, ela sabe disso — retruco. — Além do mais, vamos comer comida coreana todos os dias do verão.

Todos os dias do verão em que eu estiver longe de Peter.

— Eu queria que papai e Trina também fossem — comenta Kitty.

— É melhor assim — diz Margot. — O que Trina comeria na Coreia? — Ela está brincando um pouco, mas não muito.

Kitty, que está fazendo carinho em Jamie, a ignora e me pergunta:

— Quem vai cuidar de Jamie Fox-Pickle e Simone quando todo mundo estiver fora?

— Uma babá de cachorro? — sugiro. Mas não de coração. Não estou totalmente concentrada na conversa. Só consigo pensar em Peter. — Nós vamos pensar em alguma coisa.

Margot olha ao redor. Seu olhar recai na grande poltrona de Trina.

— Esta casa parece tão pequena de repente. Não tem espaço para todas as coisas da Trina.

— Não parece tão pequena quando você não está aqui — retruca Kitty.

Eu sufoco um gritinho.

— Kitty!

Toda a cor some do rosto de Margot, e as bochechas dela ficam vermelhas de repente.

— Você disse mesmo isso para mim?

Vejo que Kitty está arrependida, mas ela ergue o queixo do jeito teimoso dela.

— Bem, é verdade.

— Você é uma malcriada. — Margot fala com intensidade, mas vejo seu rosto quando ela sobe a escada e sei que está indo para o quarto chorar.

Assim que ela sobe, eu me viro para Kitty:

— Por que você disse aquilo para ela?

Lágrimas escorrem dos olhos dela.

— Porque sim! Ela tem sido tão má com a Tri sem motivo.

Eu seco as lágrimas dela com as costas da mão. Também estou com vontade de chorar.

— Gogo se sente excluída, só isso. Nós conhecemos Trina porque tivemos tempo para isso. Mas Margot não a conhece. E Gogo praticamente criou você, Kitty... Você não pode falar assim com ela.

— Eu falo com você assim — murmura ela com voz triste.

— É diferente e você sabe. Somos mais novas.

— Então quer dizer que você e eu estamos no mesmo nível?

— Hum... não. Margot e eu estamos quase no mesmo nível, e você está um nível abaixo de nós porque é a caçula. Mas você e eu estamos mais próximas do mesmo nível do que você e Margot. Só tente entendê-la. Ela não quer sentir como se a casa tivesse sido tirada dela.

Os ombros de Kitty murcham.

— Ela não foi excluída.

— Ela só precisa ser tranquilizada, só isso. Seja compreensiva. — Kitty não responde nem levanta a cabeça, mas sei que está me ouvindo. — Mas você é malcriada. — Ela levanta a cabeça e pula em cima de mim, e eu dou uma gargalhada. — Suba e peça desculpas para Gogo. Você sabe que é a coisa certa a fazer.

Kitty me escuta pela primeira vez. Ela sobe e, um tempo depois, as duas descem com olhos vermelhos. Nesse tempo, recebo uma mensagem de Peter, perguntando se posso sair. Eu digo que não posso, que vou sair para jantar com a minha família, mas que o verei na noite seguinte. Os homens vão se encontrar com a gente no karaokê depois do churrasco. Espero que, quando o encontrar, eu saiba o que fazer.

No meu quarto, naquela noite, estou pintando as unhas de verde-menta para a festa de despedida de solteira no dia seguinte, e Margot está deitada na minha cama olhando para o celular.

— Quer que eu pinte as suas unhas também? — pergunto.

— Não, eu não ligo — diz ela.

Eu suspiro.

— Olha, você tem que parar de ficar de mau humor por causa da Trina. Ela e papai vão se casar, Gogo.

Margot suspira.

— Não é só Trina. É que Trina é... Trina.

— E o que tem?

Margot morde o lábio, coisa que não a vejo fazer desde que era pequena.

— Parece que eu voltei e encontrei uma família nova aqui da qual eu não faço parte.

Quero dizer para ela que nada mudou, que ela ainda é parte de tudo como sempre foi, mas não seria verdade. A vida aqui continuou sem ela, como vai continuar sem mim quando eu for para a faculdade no outono.

Uma lágrima escorre pela bochecha dela.

— E sinto saudade da mamãe.

Um nó se forma na minha garganta.

— Eu também.

— Eu queria que Kitty tivesse conhecido a mamãe. — Margot suspira. — Sei que é egoísta... mas acho que eu nunca imaginei papai se casando de novo. Achei que ele sairia com mulheres, talvez tivesse uma namorada mais firme em algum momento, mas casar?

— Eu também nunca pensei, mas aí, quando você foi para a Escócia, não sei... — respondo delicadamente — começou a fazer mais sentido. A ideia de ele ter alguém.

— Eu sei. E é bom para Kitty.

— Acho que ela pensa em Trina como sendo dela. Eu tenho meu relacionamento com Trina, mas Kitty tem uma coisa especial com ela desde o começo.

— Caramba, ela parece um pitbull com Trina! — Margot dá uma gargalhada chorosa. — Ela a ama mesmo.

— Sei que foi por isso que você ficou tão chateada com a comida coreana hoje. Você acha que, se papai parar de fazer comida coreana porque Trina não gosta, Kitty não vai ter mais essa ligação. E, se nós esquecermos a Coreia, nós esqueceremos a mamãe. — Mais lágrimas escorrem pelas bochechas dela, que as limpa com a manga do moletom. — Mas nós nunca vamos esquecer a Coreia e jamais vamos

esquecer a mamãe. Tá?

Margot assente e respira fundo.

— Nossa, eu já chorei duas vezes hoje! Isso é tão esquisito. — Ela sorri para mim, e eu também dou um sorriso, o mais alegre que consigo. Ela franze a testa. — Lara Jean, tem alguma coisa errada? Você parece meio... não sei, melancólica desde que voltou da Semana na Praia. Aconteceu alguma coisa entre você e Peter?

Quero desesperadamente contar tudo para ela, jogar todos os meus problemas na minha irmã mais velha, ouvi-la me dizer o que fazer. As coisas seriam bem mais simples se ela me dissesse o que fazer. Mas sei o que Margot faria, porque ela já fez.

Não seja a garota que vai para a faculdade namorando. Era o que minha mãe dizia. Foi o que Margot disse.

NA DESPEDIDA DE solteira, Kristen decidiu que o tema da noite devia ser anos 1990, porque não tem nada de que Trina goste mais do que os anos 1990, então todo mundo tem que usar roupas da época. Sinceramente, acho que o motivo por trás do tema é porque Kristen quer usar uma blusa cropped. Ela chega em casa com uma camiseta azul que diz SKATER GURL e calça baggy, e o cabelo está partido no meio. Ela está usando batom marrom-escuro matte.

A primeira coisa que ela faz é botar uma estação de rádio dos anos 1990 tocando por toda a casa. As mulheres todas vão se reunir aqui, e os homens (e Kitty) vão se encontrar no restaurante. Fico feliz, porque ainda não sei o que vou dizer para Peter.

Ainda estamos nos arrumando. Vou com um vestidinho curto florido que encontrei na Etsy, meias creme até os joelhos e sapatos boneca pretos com plataforma. Estou prendendo o cabelo em marias-chiquinhas quando Kristen sobe para fazer a inspeção segurando uma taça de martíni na qual está escrito *Madrinha* em cursiva cor-de-rosa.

— Ah, você está fofa, Lara Jean — diz ela, tomando um gole da bebida.

Eu aperto as marias-chiquinhas.

— Obrigada, Kristen.

Fico feliz por minha roupa estar satisfatória. Tenho muita coisa em mente e detestaria estragar a noite de Trina.

Kitty e Margot estão no chão. Kitty está pintando as unhas de Margot de preto. Margot escolheu o caminho grunge: uma camisa comprida de flanela, calça jeans e botas Doc Martens que peguei emprestadas de Chris.

— O que você está bebendo? — pergunta Kitty para Kristen.

— Cosmopolitan. Tem mais lá embaixo em uma garrafa de Sprite. Mas não para você.

Kitty revira os olhos quando ouve isso.

— Cadê a Tri?

— Está no banho — respondo para ela.

Kristen inclina a cabeça e estreita os olhos enquanto me observa.

— Está faltando alguma coisa. — Ela coloca o copo de lado, revira a bolsa e pega um batom. — Coloque isto.

— Ah... é a cor que você está usando? — pergunto.

— É! Chama-se Toast of New York. Era a maior moda naquela época!

— Hum...

Parece que Kristen esfregou Hershey's kisses nos lábios e o chocolate secou.

— Confie em mim — diz ela.

— Eu estava pensando em usar esse. — Eu solto a escova e mostro um brilho labial rosa brilhante. — As Spice Girls não usavam brilho labial assim? Elas não eram dos anos 1990?

Kristen franze a testa.

— Mais para o final e para o começo dos anos 2000, mas, sim. Acho que está bom. — Ela aponta o batom pra Margot. — Mas você precisa disto. Sua roupa não está anos 1990 o bastante. — Ela observa Kitty dar os toques finais nas unhas de Margot. — Eu usava caneta permanente — conta Kristen. — Vocês não sabem como têm sorte de ter tantas opções. Nós tínhamos que improvisar. Caneta permanente para pintar de preto, liquid paper para pintar de branco.

— O que é liquid paper? — pergunta Kitty.

— Ah, meu Deus. Vocês crianças nem sabem o que é liquid paper?

Assim que Kristen vira as costas para pegar o copo, Kitty mostra os dentes para ela.

— Eu vi você pelo espelho — diz Kristen.

— Eu queria mesmo que visse — responde Kitty.

Kristen olha para ela.

— Termine logo as unhas da sua irmã para poder pintar as minhas.

— Estou quase acabando — diz Kitty.

Um minuto depois, a campainha toca, e as três descem. Ouço Kristen gritar:

— Atenda a porta. Eu vou pegar as bebidas!

* * *

Monique, colega de irmandade de Trina, está usando um vestidinho com girassóis enormes e uma camiseta branca por baixo, além de sapatos boneca pretos de plataforma que parecem calçados de astronauta. Kendra, a amiga do SoulCycle, chegou com um macacão e uma regata ribana rosa e completou com um frufu rosa da mesma cor no cabelo. Muitas das coisas que as pessoas estão usando hoje também são comuns na minha escola. A moda é mesmo cíclica.

O tema anos 1990 foi a pedida certa, porque Trina fica encantada com tudo.

— Amei seu vestido! — diz Kendra para mim.

— Obrigada! — digo. — É vintage.

Ela se encolhe, horrorizada de verdade.

— Ah, meu Deus. Os anos 1990 são considerados vintage agora?

— Sim, amiga — diz Trina. — Os anos 1990 são os nossos 1970.

Ela estremece.

— Que horror. Nós estamos velhas?

— Estamos geriátricas — diz Trina, mas com alegria.

No carro a caminho do karaokê, eu recebo uma mensagem de Peter. É uma foto dele e do meu pai de terno, com sorrisos largos. Meu coração dá um pulo quando vejo. Como vou dispensar um garoto assim?

* * *

Reservamos um salão particular no karaokê. Quando a garçonete chega, Margot pede uma margarita de romã, e Trina repara, mas não diz nada. O que ela poderia falar? Margot está na faculdade. Vai fazer vinte anos em um mês.

— Isso é bom? — pergunto.

— É bem doce — diz ela. — Quer um gole?

Eu adoraria um gole. Peter mandou duas mensagens de texto do restaurante perguntando como está a noite, e sinto meu estômago dar nós. Furtivamente, olho para Trina, que está fazendo um dueto com Kristen. Ela pode não ter dito nada para Margot, mas tenho a sensação de que vai dizer alguma coisa para mim.

— Na Escócia, a idade para beber é dezoito anos — diz Margot.

Eu tomo um gole rápido, e é gostoso, ácido e gelado.

Enquanto isso, todo mundo está olhando as músicas para decidir quais cantar. A regra da noite é só músicas dos anos 1990. Demora um tempo para as pessoas se aquecerem, mas as bebidas passam a ser servidas sem parar, e todo mundo começa a gritar números de música para botar na fila.

Michelle, amiga de Trina, é a próxima. Ela canta:

— *“There was a time, when I was so broken-hearted...”*

— Gostei dessa música — digo. — Quem canta?

Kristen dá um tapinha indulgente na minha cabeça.

— Aerosmith, garotinha. Aerosmith.

Todas se levantam e cantam Spice Girls.

Margot e eu cantamos “Wonderwall”, do Oasis. Quando me sento, estou sem ar.

Kendra, a amiga de Trina do SoulCycle, está se balançando no ritmo da música que Trina e Kristen estão cantando juntas, o copo de martíni gelado no ar. É verde-ácido.

— O que você está tomando, Kendra? — pergunto.

— Martíni de maçã.

— Parece bom. Posso experimentar?

— Pode, tome um gole! É tão frutado que nem dá para sentir o álcool.

Dou um golinho de beija-flor. É doce. Tem gosto de balinha Jolly

Rancher.

Quando Trina e Kristen terminam de cantar, elas caem no sofá ao meu lado, e Kendra pula para cantar uma música da Britney Spears.

Kristen está falando arrastado:

— Eu só quero que a gente continue próxima, tá? Não seja chata. Não vire mãe de repente. Eu sei que você tem que ser mãe, mas não seja uma mãe *chata*.

— Eu não vou ser uma mãe chata — diz Trina com a voz tranquilizadora. — Eu nunca poderia ser uma mãe chata.

— Você tem que me prometer que ainda vai às quartas de vinho.

— Eu prometo.

Kristen solta um soluço.

— Eu te amo muito, amiga.

Trina está com lágrimas nos olhos.

— Eu também te amo.

O martíni de Kendra está na mesa, abandonado. Tomo outro gole quando não tem ninguém olhando, porque o gosto é bom mesmo. E outro. Já terminei o copo quando Trina me vê. Ela ergue as sobrancelhas.

— Acho que você talvez tenha se divertido *demais* na Semana na Praia.

— Eu não bebi quase nada na Semana na Praia, Trina! — protesto. E franzo a testa. — É bebi ou tomei?

Trina parece alarmada.

— Margot, sua irmã está bêbada?

Eu levanto as mãos.

— Pessoal, eu nem tomei!

Margot se senta ao meu lado e examina meus olhos.

— Ela está bêbada.

Eu nunca fiquei bêbada na vida. Estou bêbada agora? Eu me sinto mesmo relaxada. Ficar bêbada é assim, quando os braços e as pernas ficam bambos, meio leves?

— Seu pai vai me matar — diz Trina com um gemido. — Eles acabaram de deixar Kitty em casa. Vão chegar a qualquer momento. Lara Jean, beba muita água. Beba esse copo inteiro. Vou pedir outra jarra.

Quando ela volta alguns minutos depois, o pessoal da despedida de solteiro do meu pai chega junto. O olhar de Trina me transmite um aviso. *Não aja como bêbada*, diz ela com movimentos labiais. Eu faço sinal de positivo. Dou um pulo e jogo os braços em volta de Peter.

— Peter! — grito acima da música. Ele está tão lindo de camisa de botão e gravata. Tão lindo que me dá vontade de chorar. Eu escondo o rosto no pescoço dele como um esquilo. — Senti tanto a sua falta.

Peter me olha.

— Você está bêbada?

— Não, só tomei uns dois goles. Duas bebidas.

— Trina deixou você beber?

— Não. — Eu dou risadinhas. — Eu roubei uns golinhos.

— É melhor a gente sair daqui antes que seu pai veja você — diz Peter, olhando ao redor. Papai está vendo o catálogo de músicas com Margot, que está me olhando com cara de *Controle-se*.

— Se ele não souber não vai fazer mal a ninguém.

— Vamos para o estacionamento, pra você tomar um pouco de ar — diz ele, passando um dos braços ao meu redor e me levando pela porta e pelo restaurante.

Nós saímos, e eu oscilo um pouco. Peter está tentando não sorrir.

— Você está bêbada.

— Acho que estou mais velhinha!

— Levinha. — Ele belisca minhas bochechas.

— Isso. Velhinha. Quer dizer, levinha. — Por que isso é tão engraçado? Não consigo parar de rir. Mas vejo como ele está me olhando, com tanto carinho, e paro. Não estou mais com vontade de rir. Estou com vontade de chorar. Veja como ele fez a despedida de solteiro do meu pai ser tão especial. Veja todas as formas como ele me ama tanto. Eu o amo igualzinho. Eu não sabia que ia fazer isso até esse momento, mas agora eu sei. — Tem uma coisa que quero dizer pra você. — Eu me empertigo e dou uma pancada acidental no pescoço de Peter, que o faz tossir. — Desculpa. O que eu quero dizer é o seguinte. Quero que você faça o que tem que fazer e quero fazer o que eu tenho que fazer.

Ele está com um meio-sorriso no rosto.

— Do que você está falando? — pergunta, balançando a cabeça.

— Estou falando que acho que não devíamos ficar em um relacionamento... um relacionamento a distância.

O sorriso dele está sumindo.

— O quê?

— Acho que você precisa fazer todas as coisas que precisa fazer na UVA, como jogar lacrosse e estudar, e eu preciso fazer o que preciso fazer na UNC, e se nós ficarmos juntos, tudo vai desmoronar. Por isso, a gente não pode. A gente simplesmente não pode.

Ele pisca, e seu rosto fica imóvel.

— Você quer terminar?

Eu balanço a cabeça, e a dor no rosto dele me deixa sóbria.

— Quero que você faça o que deve fazer. Não quero que você faça por minha causa. Você se dedicou à UVA, Peter. É lá que tem que ficar. Não na UNC.

Ele fica pálido.

— Você falou com a minha mãe?

— Falei. Quer dizer, não...

O músculo no maxilar dele pula.

— Entendi. Não precisa dizer mais nada.

— Espere, me escute, Peter...

— Não, não mesmo. Só para deixar registrado, eu mencionei a UNC para a minha mãe como possibilidade. Não era nada definitivo. Só uma coisa que soltei no ar. Mas tudo bem se você não quiser que eu vá.

Ele começa a se afastar de mim, e eu seguro o braço dele para fazê-lo parar.

— Peter, não é isso que estou dizendo! Estou dizendo que, se você fosse, se você abrisse mão de tudo a que se dedicou para entrar na UVA, você vai acabar se ressentindo de mim.

— Pare, Lara Jean — responde ele, secamente. — Eu já previa isso há um tempão. Desde que você decidiu ir para a UNC, você está se despedindo de mim.

Eu solto o braço dele.

— O que isso quer dizer?

— Primeiro, o *scrapbook*. Você disse que era para eu me lembrar de nós. Por que eu precisaria de uma lembrança nossa, Lara Jean?

— Não foi isso! Eu passei meses trabalhando naquele *scrapbook*. Você está jogando tudo nas minhas costas, mas é você que está se afastando de mim. Desde a Semana na Praia.

— Tudo bem, vamos falar sobre o que aconteceu naquela noite na Semana na Praia. — Sinto meu rosto ficar vermelho quando ele me olha com desafio. — Aquela noite em que você quis transar pareceu que você estava tentando colocar um laço de fita nisso tudo. Como se estivesse me guardando na sua... na sua caixa de chapéu. Como se eu tivesse terminado meu papel na sua primeira história de amor e agora você pode ir para o capítulo seguinte.

Sinto-me meio tonta, perdida. Peter, que eu achava que entendia tão bem.

— Sinto muito por você ter entendido assim, mas não foi o que eu quis dizer. Não mesmo.

— Obviamente, foi o que você quis dizer, porque você está fazendo isso agora. Não está?

Será que tem um fundo de verdade no que ele está dizendo, ainda que pequeno? É verdade que eu não ia querer que minha primeira vez fosse com outra pessoa. É verdade que pareceu certo ser com Peter, porque ele é o primeiro garoto que amo. Eu não ia querer que fosse com um garoto que vou conhecer na faculdade. Esse garoto vai ser um estranho para mim. Eu conheço Peter desde que éramos crianças. Eu estava só tentando fechar um capítulo?

Não. Eu fiz porque queria que fosse ele. Mas se é assim que ele vê,

talvez seja mais fácil.

Eu engulo em seco.

— Talvez você esteja certo. Eu queria que a minha primeira vez fosse com você para poder fechar o capítulo do ensino médio. Com a gente.

Ele fica paralisado. Vejo a dor nos olhos dele, e seu rosto se fecha como uma casa vazia com cortinas. Ele começa a se afastar. Desta vez, não tento impedi-lo. Por cima do ombro, ele diz:

— Estamos quites, Covey. Não se preocupe.

Assim que ele vai embora, eu viro para o lado e vomito tudo que bebi e comi naquela noite. Estou inclinada tendo ânsia de vômito quando Trina, papai e Margot saem do karaokê. Papai corre até mim.

— Lara Jean, o que houve? Você está bem?

— Eu estou bem, eu estou bem — murmuro, secando os olhos e limpando a boca.

Ele arregala os olhos, alarmado.

— Você bebeu? — Ele olha com acusação para Trina, que massageia minhas costas. — Trina, você deixou Lara Jean beber?

— Ela tomou alguns goles de um martíni de romã. Vai ficar bem.

— Ela não parece bem!

Trina se empertiga, a mão ainda nas minhas costas.

— Dan, Lara Jean é uma mulher agora. Você não consegue enxergar porque ainda a vê como uma garotinha, mas ela já amadureceu tanto desde que a conheci. Ela sabe se cuidar.

Margot entra na conversa.

— Papai, eu deixei ela tomar uns goles da minha bebida, só isso. Ela não tem tolerância. Sinceramente, é algo que devia treinar antes de ir para a faculdade. Não ponha a culpa em Trina.

Papai olha de Margot para Trina e depois de novo para Margot. Ela está ao lado de Trina, e naquele momento as duas estão unidas. Ele olha para mim.

— Vocês estão certas. A culpa é da Lara Jean. Entre no carro.

A caminho de casa, temos que parar uma vez para eu vomitar de novo. Não é o martíni de romã que está me fazendo querer morrer. É o jeito como Peter me olhou. O jeito como o brilho nos olhos dele se apagou. A dor; se eu fechar os olhos, ainda consigo ver. A única outra vez que o vi assim foi quando o pai dele não apareceu na formatura. Agora, ele está sofrendo por minha causa.

Eu começo a chorar no carro. São soluços grandes que fazem meus ombros tremerem.

— Não chore — diz meu pai com um suspiro. — Você está encrencada, mas não tanto assim.

— Não é isso. Eu terminei com Peter. — Mal consigo dizer as palavras. — Papai, se você pudesse ver o jeito como ele me olhou.

Foi... terrível.

— Por que você terminou com ele? — pergunta papai, confuso. — Peter é um rapaz tão bom.

— Não sei. — Eu choro. — Agora, eu não sei.

Ele tira uma das mãos do volante e aperta meu ombro.

— Está tudo bem. Calma.

— Mas... não está.

— Vai ficar — diz ele, acariciando meu cabelo.

Eu fiz a escolha certa hoje. Eu fiz, eu sei. Terminar com ele foi a coisa certa.

Eu consigo ver o futuro, Peter. E nele só há sofrimento. Não vou fazer isso. É melhor nos separarmos enquanto ainda temos lembranças boas.

ACORDO NO MEIO da noite chorando e meu primeiro pensamento é que quero voltar atrás. Cometi um erro enorme e agora quero voltar atrás. Em seguida, choro até dormir de novo.

De manhã, minha cabeça está latejando, e hoje quem está vomitando no banheiro sou eu, como as garotas na Semana na Praia. Só que agora não tem ninguém para segurar meu cabelo. Sinto-me melhor depois, mas fico deitada um tempo no chão do banheiro para o caso de eu sentir uma onda de náusea. Adormeço lá e acordo com Kitty me sacudindo pelo braço.

— Chega pra lá, preciso fazer xixi — diz ela, passando por cima de mim.

— Me ajuda a levantar — peço, e ela me puxa.

Ela se senta para fazer xixi e eu jogo água fria no rosto.

— Vá comer umas torradas — sugere Kitty. — Vai ajudar a absorver o álcool no seu estômago.

Escovo os dentes e desço até a cozinha, onde papai está fazendo ovos e Margot e Trina estão comendo iogurte.

— Bom dia, flor do dia — diz Trina com um sorriso.

— Parece que você foi atropelada por um caminhão — comenta Margot.

— Você estaria de castigo agorinha mesmo se não fosse o casamento — diz papai, tentando parecer severo e falhando. — Coma um pouco de ovos mexidos.

Meu estômago se revira com a ideia.

— Primeiro, coma uma torrada — instrui Margot. — Vai absorver o álcool.

— Foi o que Kitty disse.

Trina aponta para mim com a colher.

— Depois que você botar comida na barriga, pode tomar dois Advil. Nunca tome analgésicos de estômago vazio. Você vai se sentir melhor rapidinho.

— Eu nunca mais vou beber — prometo, e Margot e Trina trocam um sorrisinho. — Estou falando sério.

Passo o dia todo na cama, com as luzes apagadas e a cortina fechada. Quero tanto ligar para Peter. Pedir que ele me perdoe. Nem me lembro de tudo que falei. Eu me lembro do essencial, mas a lembrança em si está indistinta. A única coisa de que me lembro claramente, a que nunca vou esquecer, é a expressão no rosto dele, e sinto ódio de mim mesma por ter sido quem a provocou.

Eu cedo. Mando uma mensagem. Só três palavras.

Sinto muito mesmo.

Vejo o “...” do outro lado. Meu coração bate loucamente enquanto espero. Mas a resposta não vem. Tento ligar, mas minha ligação vai direto para a caixa postal, e eu desligo. Talvez ele já tenha me apagado do celular, como fez com o pai. Talvez tenha... desistido.

CHRIS É A primeira a viajar. Ela passa na minha casa naquela semana e avisa:

— Não posso ir ao casamento do seu pai no fim de semana. Vou para a República Dominicana amanhã.

— *O quê?*

— Eu sei. Desculpa. — Chris não parece lamentar nada. Ela está com um sorriso enorme no rosto. — É tudo tão louco. Sabe, abriu uma vaga para mim em um hotel sustentável, e não posso deixar essa oportunidade passar. Falam espanhol na República Dominicana, não é?

— É. Mas eu achei que você ia para a Costa Rica!

— Essa outra oportunidade surgiu e eu agarrei — diz ela dando de ombros.

— Mas... não consigo acreditar que você já vai! Você só ia viajar em agosto. Quando você volta?

— Não sei... Acho que essa é a parte mais legal. Posso ficar seis meses, ou outra coisa aparecer e eu ir atrás.

Eu pisco.

— Então você vai embora de vez?

— Não *de vez*. Só por enquanto.

Alguma coisa dentro de mim sabe que é de vez. Não vejo Chris voltando para cá em um ano para estudar na Piedmont Virginia Community College. Ela é Chris, a gata de rua, que vem e vai quando quer. E ela sempre vai cair de pé.

— Não faça essa cara triste. Você vai ficar bem sem mim. Você tem Kavinsky. — Por um segundo, não consigo respirar. Ouvir o nome dele é como uma faca sendo enfiada no meu coração. — Nós todos vamos mesmo embora em pouco tempo. Só estou feliz de não ficar para trás.

Essa seria a sensação para ela se ficasse aqui, fosse para uma faculdade pública, trabalhasse no Applebee's. Sinto uma onda de felicidade porque, em vez disso, ela vai embarcar em uma aventura.

— Só não consigo acreditar que você já vai. — Não conto para ela que Peter e eu terminamos, que não o tenho mais. O assunto hoje não somos eu e Peter; é Chris e seu futuro novo e empolgante. — Posso pelo menos ajudar a fazer as malas?

— Minhas malas já estão prontas! Só vou levar o essencial. Minha jaqueta de couro, uns biquínis, alguns cristais.

— Você não devia levar tênis e luvas de couro, esse tipo de coisa, só por garantia?

— Vou de tênis no avião, e vou comprar o resto lá. Esse é o objetivo de uma aventura. Fazer uma mala pequena e ir decidindo o que fazer conforme a necessidade.

Eu achei que nós teríamos mais tempo, Chris e eu no meu quarto, compartilhando segredos tarde da noite, comendo batata frita na cama. Eu queria consolidar nossa amizade antes de ela ir: Lara Jean e Chrissy, como antigamente.

Tudo está terminando.

NA NOITE ANTERIOR ao casamento, enquanto meus bolos esfriam na bancada da cozinha e todo mundo está arrumando cadeiras no quintal, eu vou até a casa de Chris me despedir.

Assim que abre a porta para mim, ela diz:

— Não vou deixar você entrar se você for chorar.

— Não consigo controlar. Sinto que é a última vez que eu vou ver você. — Uma lágrima escorre pela minha bochecha. Uma sensação de fim paira no ar. Eu sei, apenas sei. Chris está pulando para o que vem depois. Se nós nos virmos de novo, não vai ser assim. Ela é um espírito livre. Eu tenho sorte de ter tido a companhia dela por todo esse tempo.

— Você provavelmente vai me ver na semana que vem, quando eu voltar correndo para casa — brinca ela, e há uma leve hesitação em sua voz. Chris, sempre cheia de coragem e bravura, está nervosa.

— Não mesmo. Você está só começando. É agora, Chris. — Eu dou um pulo e a abraço. Estou tentando não chorar. — Está acontecendo agora.

— O quê?

— A vida!

— Você é tão brega — diz ela, mas eu poderia jurar que vi lágrimas em seus olhos.

— Eu trouxe uma coisa para você — digo.

Tiro o presente da bolsa e dou a ela.

Ela rasga o papel e abre a caixa. É uma foto de nós duas em um porta-retratos pequeno de coração, do tamanho de um enfeite de árvore de Natal. Nós estamos na praia, com maiôs iguais; temos doze ou treze anos.

— Pendure isso na parede aonde quer que vá, para as pessoas saberem que tem uma pessoa esperando você em casa.

Os olhos dela ficam cheios de lágrimas, e ela os seca com as costas da mão.

— Ah, meu Deus, você é terrível — diz Chris.

Já ouvi gente dizendo que você conhece seus melhores amigos na faculdade, e que são esses que ficam ao seu lado a vida toda, mas tenho certeza de que eu e Chris permaneceremos próximas a vida toda também. Sou uma pessoa que guarda coisas. Vou estar com ela para sempre.

Quando volto para casa, Trina está no SoulCycle. Papai ainda está lá fora, arrumando as cadeiras, Margot está passando nossos vestidos de madrinha e Kitty está cortando bandeirinhas de papel para os enfeites da mesa de sobremesas. Vou fazer a cobertura do bolo de casamento, um bolo simples com cobertura de glacê, como prometi a Trina. O bolo do papai já está pronto, com Thin Mints e tudo. É minha segunda tentativa com o bolo da cerimônia; descartei o primeiro porque não aparei direito as camadas de cima e, quando empilhei, o bolo ficou horivelmente torto. O segundo ainda está um pouco irregular, mas uma camada grossa de cobertura vai cobrir todas as falhas, ou pelo menos é o que eu fico repetindo.

— Você está botando tanta cobertura nesse bolo que vamos acabar ficando diabéticos — comenta Kitty.

Eu mordo a língua e continuo girando o bolo e colocando cobertura em cima para ficar liso.

— Está bonito, não está, Margot?

— Parece profissional — garante ela, passando o ferro na barra do vestido dela.

Quando passo por Kitty, não consigo resistir a dizer:

— Só para você saber: as últimas três bandeiras que você cortou estão tortas.

Kitty me ignora e cantarola:

— Choque de açúcar, minha nossa, esse bolo é um choque de açúcar. — Ela usa a melodia daquela música antiga, “Sugar Shack”. Acho que é culpa minha por sempre ouvi-la quando faço doces.

— É a última vez que vamos ser só nós três — digo, e Margot olha para mim e sorri.

— Estou feliz que não vamos ser mais só nós três — diz Kitty.

— Eu também — concorda Margot, e tenho certeza de que está falando de coração.

Famílias encolhem e se expandem. Só podemos mesmo ficar felizes, satisfeitos uns pelos outros, pelo tempo que temos juntos.

Não consigo dormir, então desço para fazer uma xícara de chá e, quando estou botando água na chaleira, olho pela janela e vejo a brasa vermelha de um cigarro brilhando na escuridão. Trina está lá fora fumando!

Fico em dúvida se devo abrir mão do meu ritual do chá e ir para cama antes que ela me veja, mas quando estou esvaziando a chaleira,

ela volta para dentro de casa com uma lata de Fresca na mão.

— Ah! — exclama ela, assustada.

— Eu não estava conseguindo dormir — digo, na mesma hora que ela diz:

— Não conte para Kitty!

Nós duas rimos.

— Juro que foi um cigarro de despedida. Eu não fumo há meses!

— Não vou contar para Kitty.

— Te devo uma — diz Trina, suspirando de alívio.

— Quer uma xícara de chá? — pergunto. — Minha mãe fazia para nós. É calmante. Vai deixar você se sentindo tranquila e relaxada e pronta para ir para cama.

— Parece o paraíso.

Encho a chaleira e a coloco no fogão.

— Você está nervosa com o casamento?

— Não, não nervosa... É só agitação, eu acho. Quero que tudo corra... sem tropeços. — Uma risadinha escapa da garganta dela. — A piadinha foi proposital. Nossa, eu adoro uma piadinha. — Ela fica séria e diz: — Me conte o que está acontecendo entre você e Peter.

Eu me ocupo colocando mel nas canecas.

— Ah, nada. — A última coisa de que Trina precisa na noite anterior ao casamento é ouvir sobre os meus problemas.

Ela me olha.

— Vamos lá, garota. Me conta.

— Sei lá. Acho que a gente terminou.

Eu dou de ombros intensamente para não chorar.

— Ah, querida. Traga o chá para cá e venha se sentar comigo no sofá.

Eu termino de fazer o chá, levo as canecas até o sofá e me sento ao lado de Trina, que cruza as pernas e coloca um cobertor sobre nós duas.

— Agora, me conte tudo — diz ela.

— Acho que as coisas começaram a dar errado quando eu entrei na UNC. Nosso plano era eu ir para a William and Mary e pedir transferência para a UVA, então só passaríamos o primeiro ano separados. Mas a UNC é bem mais longe, e, quando fui lá conhecer, eu soube que queria estudar lá. Não queria estar com um pé dentro e um pé fora, entende? — Eu mexo a colher. — Eu quero mesmo dar uma chance à faculdade.

— Acho que essa atitude é mais do que certa. — Trina aquece as mãos na caneca de chá. — E foi por isso que você terminou com ele?

— Não, não exatamente. A mãe dele me contou que ele estava falando sobre pedir transferência para a UNC ano que vem. Ela queria que eu terminasse com ele antes de ele fazer uma besteira por mim.

— Putz! A mãe do Peter é uma vaca!

— Ela não usou essas palavras exatas, mas foi basicamente isso. — Eu tomo um gole de chá. — Eu também não queria que ele pedisse transferência por minha causa... Minha mãe dizia para não ir para a faculdade namorando, porque assim você vai perder a verdadeira experiência de caloura.

— Bom, a verdade é que sua mãe não conheceu Peter Kavinsky. Ela não tinha todos os fatos. Se tivesse conhecido... — Trina solta um assobio baixo. — Ela talvez mudasse de ideia.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Para ser sincera, estou arrependida de ter terminado com ele e queria poder voltar atrás!

Ela pega em meu queixo.

— Então por que você não faz isso?

— Acho que Peter nunca vai me perdoar por magoá-lo assim. Ele não deixa as pessoas se aproximarem com facilidade. Acho que devo estar morta para ele.

Trina tenta esconder um sorriso.

— Duvido. Fale com ele no casamento amanhã. Quando Peter vir você com aquele vestido, tudo vai estar perdoado.

Eu fungo.

— Tenho certeza de que Peter não vem.

— Tenho certeza de que ele vem. Não se planeja a despedida de solteiro de um homem e depois não aparece no casamento. Sem mencionar o fato de que ele é louco por você.

— Mas e se eu magoá-lo de novo?

Trina coloca as mãos em volta da caneca de chá e toma um gole.

— Você não pode protegê-lo de se magoar, querida, não importa o que faça. Ser vulnerável, deixar pessoas se aproximarem, se magoar... tudo isso é parte de estar apaixonado.

Eu penso nisso.

— Trina, quando você se deu conta de que seu relacionamento com meu pai era pra valer?

— Não sei... Acho que eu só... escolhi.

— Escolheu o quê?

— Escolhi seu pai. Escolhi nós dois. — Ela sorri para mim. — Escolhi tudo isso.

É tão louco pensar que, um ano atrás, ela era só a nossa vizinha, a sra. Rothschild. Kitty e eu ficávamos sentadas no degrau da varanda olhando-a correr para o carro de manhã e derramar café quente na roupa. Agora, ela vai se casar com nosso pai. Vai ser nossa madrastra, e estou feliz por isso.

O AR ESTÁ com cheiro de madressilva e dias de verão que não acabam nunca. É o dia perfeito para um casamento. Acho que não existe lugar mais bonito do que a Virgínia no verão. Tudo está florescendo, tudo está verde, ensolarado e cheio de esperança. Quando eu me casar, acho que vou gostar que seja em casa também.

Nós acordamos cedo, e parecia que haveria muito tempo, mas é claro que estamos correndo como barata tonta. Trina voa de um lado para outro no andar de cima com o roupão de seda que Kristen comprou para ela. Kristen comprou o mesmo roupão, só que cor-de-rosa, para as madrinhas, com nossos nomes bordados em dourado no bolso da frente. No de Trina está escrito *Noiva*. Tenho que tirar o chapéu para Kristen. Ela é irritante, mas tem visão. Sabe fazer coisas legais.

A amiga fotógrafa de Trina tira uma foto de todas nós de roupão, com Trina sentada no meio como um cisne bronzeado. Chega a hora de nos vestirmos. Nós negociamos o smoking de Kitty; ela vai usar uma camisa de botão de mangas curtas, uma gravata-borboleta xadrez multicolorida e uma calça até os tornozelos. O cabelo está preso em tranças em volta da cabeça. Ela está tão bonita. Está tão... Kitty. Eu cedi e coloquei flores mosquitinho no cabelo, mas não uma coroa de flores. Também cedi na minha visão das camisolas de fada para Margot e para mim. Estamos usando vestidos florais vintage dos anos 1950 que encontrei na Etsy. O de Margot é creme com margaridas amarelas, e o meu tem flores cor-de-rosa e alças amarradas nos ombros. O meu deve ter pertencido a uma menina baixinha, porque nem preciso ajustar, ele para logo acima dos joelhos, bem onde deveria.

Trina está linda de noiva. Os dentes e o vestido estão muito brancos em sua pele bronzeada.

— Eu não estou ridícula, estou? — Ela olha com nervosismo na minha direção. — Velha demais para usar branco? Afinal, eu *sou* divorciada.

Margot responde antes de mim.

— Você está perfeita. Simplesmente perfeita.

Minha irmã mais velha tem um jeito de parecer estar certa. O corpo todo de Trina relaxa, como uma grande expiração.

— Obrigada, Margot. — A voz dela fica trêmula. — Eu estou tão... feliz.

— Não chore! — grita Kitty.

— Shh — digo para ela. — Não grite. Trina precisa de serenidade.

Kitty está uma pilha de nervos o dia todo; parece que é aniversário dela, noite de Natal e primeiro dia de aula, tudo junto.

Trina abana as axilas.

— Estou suando. Acho que preciso de mais desodorante. Kitty, estou fedendo?

Kitty se inclina mais para perto.

— Você está bem.

Nós já tiramos umas cem fotos hoje, e vamos tirar centenas mais, mas sei que essa vai ser minha favorita. As três garotas Song em volta de Trina, Margot secando os olhos dela com um lenço, Kitty em cima de um banquinho ajeitando o cabelo de Trina e o braço dela em volta de mim. Estamos sorrindo tanto. As coisas estão terminando, mas também estão começando.

Quanto a Peter, não há sinal dele. Cada vez que um carro passa na nossa rua, eu vou até a janela para ver se é ele, mas nunca é. Ele não vem, e eu não o culpo. Mas ainda tenho esperança, porque não tenho como evitar.

* * *

O quintal está cheio de luzes de Natal e lanternas brancas de papel. Tudo bem que não tem parede de rosas, mas está lindo mesmo assim. Todas as cadeiras estão posicionadas; o tapete foi esticado no meio para Trina. Cumprimento os convidados conforme eles chegam; o grupo é pequeno, menos de cinquenta pessoas. O tamanho perfeito para um casamento no quintal. Margot está sentada com as nossas duas avós e com o pai e a irmã de Trina na primeira fileira, fazendo companhia para eles enquanto ando e cumprimento os Shah, que são nossos vizinhos, a tia Carrie e o tio Victor, minha prima Haven, que elogia meu vestido. Durante todo o tempo, meu olhar está vidrado na entrada, esperando um Audi preto que não chega.

Quando “Lullaby”, das Dixie Chicks, começa a tocar, Kitty, Margot e eu assumimos nossas posições. Papai chega e fica em sua posição de noivo, e nós todos olhamos para a casa, de onde Trina sai e se aproxima de nós. Ela está resplandecente.

Nós choramos durante os votos, até Margot, que nunca derrama uma lágrima. Eles escolhem a linha tradicional, e quando o reverendo Choi, pastor da igreja da vovó, diz “Pode beijar a noiva”, papai fica vermelho, mas beija Trina com um floreio. Todo mundo bate palmas; Kitty dá gritinhos. Jamie Fox-Pickle late.

* * *

A dança de pai e filha foi ideia de Trina. Ela disse que já tinha passado por aquilo e não sentia necessidade de passar de novo, e que teria um significado bem maior se nós, as irmãs Song, fizéssemos a dança. Nós treinamos no começo da semana na pista de dança que papai alugou.

Planejamos que a dança de pai e filha fosse com Margot primeiro, depois eu os interromperia para dançar e depois Kitty. A música que papai escolheu foi “Isn’t She Lovely”, uma que Stevie Wonder compôs para a filha quando ela nasceu.

Kitty e eu ficamos por perto, batendo palmas no ritmo. Sei que ela já está curtindo o momento de me interromper.

Antes de soltar Margot, papai a puxa para perto e sussurra alguma coisa no ouvido dela, e ela fica com os olhos marejados. Não vou perguntar o que ele disse. É um momento só deles.

Papai e eu treinamos alguns passos. As pessoas adoram quando andamos dançando lado a lado e balançamos os ombros juntos.

— Estou tão orgulhoso de você — diz ele. — Minha filha do meio.

É minha vez de ficar com lágrimas nos olhos. Dou um beijo na bochecha dele e o entrego a Kitty. Papai dança com ela na hora que a gaita começa.

Estou saindo da pista de dança quando o vejo. Peter de terno, afastado, ao lado do corniso. Ele está tão lindo que mal consigo suportar. Atravesso o quintal, e ele fica me olhando o tempo todo. Meu coração está disparado. Ele está aqui por minha causa? Ou veio só porque prometeu ao meu pai?

Quando paro na frente dele, eu digo:

— Você veio.

Peter afasta o olhar.

— Claro que vim.

— Eu queria poder voltar atrás nas coisas que falei na outra noite — digo, baixinho. — Nem me lembro de tudo.

Peter olha para baixo.

— Mas você falou sério, não foi? Então que bom que você disse, porque alguém tinha que falar, e você estava certa.

— Sobre que parte? — sussurro.

— Sobre a UNC. Sobre eu não pedir transferência para lá. — Ele levanta a cabeça, os olhos tristes. — Mas você devia ter me dito que minha mãe conversou com você.

Eu suspiro, trêmula.

— Você devia ter me dito que estava pensando em pedir transferência! Devia ter me contado o que estava sentindo. Você se fechou depois da formatura. Não deixou eu me aproximar. Ficava dizendo que ia ficar tudo bem.

— Porque eu estava com medo pra cacete, tá!

Peter olha ao redor para ver se alguém ouviu o grito, mas a música

está alta e todo mundo está dançando. Ninguém olha para nós, parece que estamos sozinhos no quintal.

— Do que você estava com tanto medo? — sussurro.

Ele fecha as mãos nas laterais do corpo. Quando fala, a voz sai rouca, como se ele não a usasse havia um tempo.

— Eu estava com medo de que você fosse para a UNC e descobrisse que eu não valia a pena e simplesmente fosse embora.

Dou um passo para mais perto. Coloco a mão em seu braço. Ele não se afasta de mim.

— Além da minha família, você é a pessoa mais especial do mundo para mim. E falei sério sobre algumas das coisas que disse na outra noite, mas não a parte em que disse que queria perder minha virgindade com você só para fechar nosso capítulo. Eu queria que fosse você porque te amo.

Peter passa um dos braços pela minha cintura, me puxa para perto e olha para mim.

— Nenhum de nós quer terminar — diz com intensidade. — Por que a gente deveria? Por causa de uma merda que a minha mãe disse? Porque sua irmã fez isso? Você não é igual à Margot, Lara Jean. Nós não somos iguais a Margot e Sanderson nem a ninguém. Nós somos você e eu. E vai ser difícil, sim. Mas, Lara Jean, eu nunca vou sentir por outra garota o que eu sinto por você. — Ele fala com toda a certeza que só um garoto adolescente pode ter, e eu nunca o amei mais do que neste momento.

* * *

“Lovin’ in My Baby’s Eyes” está tocando, e Peter pega minha mão e me leva para o gramado.

Nós nunca dançamos esse tipo de música. É do tipo em que se oscila no ritmo e faz muito contato visual e sorri. A sensação é diferente, como se já fôssemos versões mais velhas de Peter e Lara Jean.

Do outro lado da pista, Trina, Kitty e Margot dançam em círculo, com a vovó coreana no meio. Haven está dançando com meu pai. Ela olha para mim e diz com movimentos labiais: *Ele é tão lindo*. Peter, não meu pai. Ele é muito, muito lindo.

Eu nunca vou esquecer essa noite enquanto viver. Um dia, se eu tiver sorte, vou contar para alguma garota jovem todas as minhas histórias, como Stormy me contou as dela. E vou poder vivê-las de novo.

Quando eu for velha e grisalha, vou pensar nesta noite e vou lembrar dela exatamente como foi.

É.

Nós ainda estamos aqui. O futuro ainda não chegou.

* * *

Naquela noite, depois que todos os convidados foram embora, após as cadeiras terem sido empilhadas, e as sobras, guardadas na geladeira, eu vou para o quarto tirar o vestido. Na cama encontro meu anuário. Olho a contracapa e ali está a mensagem de Peter para mim.

Só que não é uma mensagem, é um contrato.

Contrato retificado de Lara Jean e Peter

Peter vai escrever uma carta para Lara Jean uma vez por semana. Uma carta de verdade, manuscrita, não um e-mail.

Lara Jean vai ligar para Peter uma vez por dia. De preferência, a última ligação da noite, antes de ela ir dormir.

Lara Jean vai pendurar uma foto de Peter, à escolha dela, na parede.

Peter vai deixar o scrapbook em cima da mesa, para que qualquer pessoa interessada veja que ele está comprometido.

Peter e Lara Jean vão sempre contar a verdade um para o outro, mesmo que seja difícil.

Peter vai amar Lara Jean com todo o coração, para sempre.

NA NOITE ANTERIOR à minha partida para a faculdade, está prevista uma chuva de meteoros Perseidas. Estão dizendo que vai ser boa. Peter e eu vamos ao lago ver. Kitty não fala, mas também quer ir. Está doida para ir. O corpo todo dela está rígido de vontade e de não poder pedir. Em qualquer outra ocasião, eu diria sim.

Quando me despeço, os lábios dela tremem de decepção por um segundo, mas ela esconde bem. Como deve ser difícil ser a caçula às vezes, a que fica para trás.

No carro, me sinto mal por ser tão possessiva em relação ao meu tempo com Peter. Mas é que sobrou tão pouco agora... Sou uma irmã mais velha péssima. Margot a teria trazido.

— Em que você está pensando? — pergunta Peter.

— Ah, nada — digo. Tenho vergonha de dizer em voz alta que eu devia ter convidado Kitty.

Quando eu voltar para casa no recesso de outono, vamos fazer alguma coisa, nós três. Peter e eu vamos levá-la a um filme à meia-noite no drive-in, e ela vai de pijama, e vou preparar um cobertor no banco de trás para quando ela adormecer. Mas esta noite vamos ser só Peter e eu, só desta vez. Não adianta ficar remoendo a culpa e estragar a noite se o ato egoísta já está feito. E se eu quiser ser sincera comigo mesma, eu faria a mesma coisa de novo. Esse é o tamanho da minha ganância por cada segundo que ainda tenho com Peter. Quero os olhos dele só em mim. Quero falar só com ele, que sejamos só ele e eu nesse tempinho que resta. Um dia, Kitty vai entender. Um dia, vai amar um garoto e vai querer que ele seja só dela, sem dividir as atenções com mais ninguém.

— A gente devia ter deixado Kitty vir — digo de repente.

— Eu sei. Também estou me sentindo mal. Você acha que ela está com raiva?

— Triste, provavelmente.

Mas nenhum de nós sugere dar meia-volta e voltar para buscá-la. Nós ficamos em silêncio, mas de repente começamos a rir, envergonhados e também aliviados.

— Da próxima vez, nós vamos trazer Kitty — diz Peter com confiança.

— Da próxima vez — repito. Eu estico a mão e seguro a dele, entrelaço os dedos nos dele, e ele olha para mim, e fico reconfortada de saber que esta noite Peter sente o mesmo e que não há nenhuma distância entre nós.

Nós abrimos um cobertor no chão e nos deitamos um do lado do outro. A lua parece uma geleira na noite azul-marinho. Até o momento, não vi nada fora do comum. Parece um céu normal.

— Acho que a gente devia ter ido para a montanha — comenta Peter, virando o rosto para olhar para mim.

— Não, aqui está perfeito — digo. — Eu li que observar as estrelas é um jogo de espera em qualquer lugar.

— Nós temos a noite toda — diz ele, me puxando para mais perto.

Às vezes, eu queria que a gente tivesse se conhecido com vinte e sete anos. Vinte e sete parece uma boa idade para conhecer a pessoa com quem você vai passar o resto da vida. Aos vinte e sete, você ainda é jovem, mas com sorte está a caminho de ser quem você quer ser.

Mas depois eu penso que não, eu não abriria mão de doze, treze, dezesseis, dezessete anos de vida com Peter por nada neste mundo. Meu primeiro beijo, meu primeiro namorado de mentira, meu primeiro namorado de verdade. O primeiro garoto que comprou uma joia para mim. Stormy dizia que era o momento mais monumental de todos. Ela me disse que é assim que um garoto permite que você saiba que você é dele. Acho que conosco foi o contrário. Foi como eu soube que ele era meu.

Não quero esquecer nada disso. O jeito como ele me olha neste exato momento. O jeito como eu ainda sinto um arrepio, todas as vezes que ele me beija. Quero me agarrar a tudo com força.

— A primeira reunião do sexto ano.

Eu olho para ele.

— Hã?

— Foi a primeira vez que vi você, Lara Jean. Você estava sentada na fileira na minha frente. Eu achei você bonita.

Eu dou uma gargalhada.

— Boa tentativa. — É tão a cara de Peter tentar inventar coisas para parecer romântico.

Ele continua:

— Seu cabelo era muito comprido e você estava usando uma faixa com um laço. Eu sempre gostei do seu cabelo, mesmo naquela época.

— Tá, Peter — digo, levantando a mão e dando um tapinha leve na bochecha dele.

Ele me ignora.

— Sua mochila tinha seu nome em letras com purpurina. Eu nunca tinha ouvido o nome Lara Jean.

Meu queixo cai. Eu coleí aquelas letras com cola quente na mochila! Demorei uma eternidade para deixar tudo retinho. Eu tinha me esquecido dessa mochila. Era meu bem mais precioso.

— O diretor começou a escolher pessoas aleatórias para irem ao palco participar de um jogo e ganhar prêmios. Todo mundo levantou a

mão, mas seu cabelo prendeu na cadeira, e você estava tentando soltar, por isso não foi escolhida. Eu lembro que pensei que devia ajudar, mas achei que podia ser esquisito.

— Como você se lembra de tudo isso? — pergunto, impressionada.

Sorrindo, ele dá de ombros.

— Não sei. Eu só lembro.

Kitty está sempre dizendo que histórias de origens são importantes.

Na faculdade, quando as pessoas perguntarem como a gente se conheceu, como vamos responder? A história curta é que passamos a infância juntos. Mas essa é mais a minha história com Josh. Namorados de escola? É a história de Peter e Gen. Então, qual é a minha história com Peter?

Acho que vou dizer que tudo começou com uma carta de amor.

“Tive momentos esplêndidos”, concluiu ela com alegria, “e sinto que isso marca uma época da minha vida. Mas o melhor de tudo é voltar para casa.”

— L. M. MONTGOMERY, *Anne de Green Gables*

Agradecimentos

Eu nunca pensei que fosse escrever outro livro sobre Lara Jean, e por isso acho que tenho sorte de ter uma última oportunidade de agradecer a todos que me ajudaram no caminho. De coração, eu gostaria de agradecer à minha agente, Emily van Beek, e à equipe da Folio; à minha editora, Zareen Jaffery, e a toda a família da S&S, mas principalmente Justin Chanda, Anne Zafian, Chrissy Noh, Lucy Cummins, Mekisha Telfer, KeriLee Horan, Audrey Gibbons, Katy Hershberger, Candace Greene, Michelle Leo e Dorothy Gribbin. Agradeço também à minha agente de cinema, Michelle Weiner; à minha agente de publicidade, Brianne Halverson; e ao meu assistente, Dan Johnson. Eu também gostaria de agradecer a Jeannine Lalonde, do departamento de admissões da UVA, e a Vincent Briedis, do departamento esportivo da UVA. Agradeço aos meus amigos e colegas escritores por lerem este manuscrito e me oferecerem comentários incríveis e por me animarem a cada passo — Siobhan Vivian, Adele Griffin, Jennifer E. Smith, Melissa Walker e Anna Carey. Eu não teria conseguido sem vocês.

Por fim, quero agradecer aos meus leitores. Se não fosse por vocês, eu não teria escrito este livro. É sério, este é para vocês. Meu maior desejo é que vocês fiquem felizes e satisfeitos com a forma como a história de Lara Jean termina. Desta vez, é de verdade; este é mesmo o fim para mim e para Lara Jean. Mas ela vai continuar viva no meu coração, pois sempre há uma curva na estrada.

Jenny

Sobre a autora



©Adam Krause

Jenny Han nasceu na Virgínia, Estados Unidos, e cursou mestrado em escrita criativa pela New School. Sabe fazer um brownie perfeito, é ótima em inventar apelidos e tem paixão por livros de receitas. Sua série de TV preferida é *Buffy – a caça-vampiros*. Mora no Brooklyn, em Nova York.

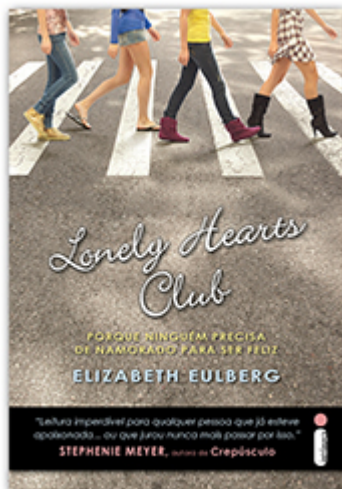
Leia também



Quase uma rockstar
Matthew Quick



Isla e o final feliz Stephanie Perkins



Lonely Hearts Club
Elizabeth Eulberg



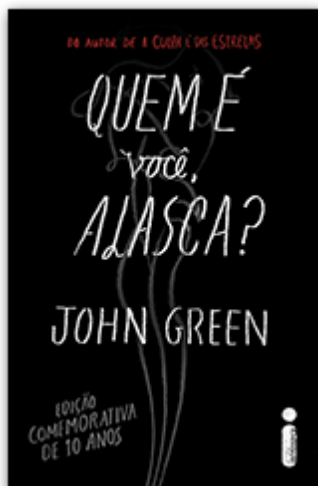
A culpa é das estrelas
John Green



Cidades de papel
John Green



O Teorema Katherine
John Green



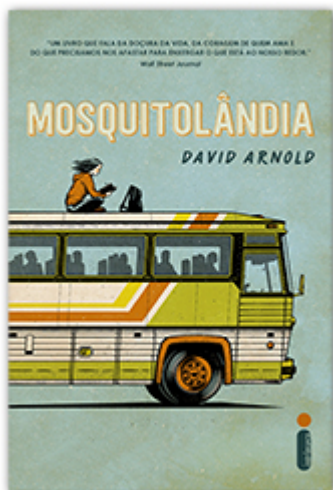
Quem é você, Alasca?
John Green



Óculos, aparelho e rock'n'roll
Meg Haston



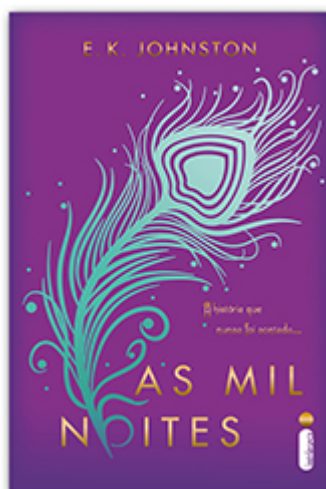
A última carta de amor
Jojo Moyes



Mosquitolândia
David Arnold



Eu e você no fim do mundo
Siobhan Vivian



As mil noites
E. K. Johnston



Com amor, Simon
Becky Albertalli



Temporada de acidentes
Moira Fowley-Doyle